



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Instituto de Letras

Carmen Lucia de Castro Sampaio

**Influência do português de Portugal ainda hoje no Brasil:
estudo de caso de colônias lusas na cidade do Rio de Janeiro e
adjacências, em relação à temporalidade no discurso**

Rio de Janeiro

2006

Carmen Lucia de Castro Sampaio

**Influência do português de Portugal ainda hoje no Brasil:
estudo de caso de colônias lusas na cidade do Rio de Janeiro e
adjacências, em relação à temporalidade no discurso**

Tese apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Doutor, ao
Programa de Pós-Graduação em Letras, da
Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Área de concentração: Língua portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. André Crim Valente

Rio de Janeiro
2006

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEHB

S192 Sampaio, Carmen Lucia de Castro.
Influência do português de Portugal ainda hoje no Brasil: estudo de caso de colônias lusas na cidade do Rio de Janeiro e adjacências, em relação à temporalidade no discurso / Carmen Lucia de Castro Sampaio. – 2006.
518 f.

Orientador: André Crim Valente.
Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Língua portuguesa – Teses. 2. Análise do discurso – Teses.
I. Valente, André Crim. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 806.90

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese

Assinatura

Data

Carmen Lucia de Castro Sampaio

**Influência do português de Portugal ainda hoje no Brasil:
estudo de caso de colônias lusas na cidade do Rio de Janeiro e
adjacências, em relação à temporalidade no discurso**

Tese apresentada como requisito parcial para
obtenção do título de Doutor, ao Programa de
Pós-Graduação em Letras, da Universidade do
Estado do Rio de Janeiro. Área de
concentração: Língua portuguesa.

Aprovado em 31 de março 2006

Banca Examinadora:

Prof. Dr. André Crim Valente (Orientador)
Instituto de Letras da UERJ

Prof^a Dr^a Lygia Maria Gonçalves Trouche
Instituto de Letras da UFF

Prof^a Dr^a Regina Célia Cabral Angelim
Faculdade de Letras da UFRJ

Prof. Dr. Claudio Cezar Henriques
Instituto de Letras da UERJ

Prof^a Dr^a Vanise Gomes de Medeiros
Instituto de Letras da UERJ

Rio de Janeiro
2006

DEDICATÓRIA

Ao meu neto, Gabriel, que um dia, aos quatro anos, disse: “ôche, vó, levanta da cama”. E me lembrou a vida. Com a permissão das minhas filhas, Karla Verônica e Waleska, que me acompanharam em todos os momentos. Estas, hoje mulheres soberanas, por quem vivo o tempo, sem ter horas perdidas.

Às minhas filhas, por todos os ensinamentos de vida, o meu amor.

HOMENAGEM ESPECIAL

O tempo nos permite uma duração, para encontrarmos pessoas que conseguem conciliar o profissionalismo e a sapiência de vida em um momento em que o futuro vislumbra um novo caminho.

Ao Prof. Dr. André Crim Valente, pela orientação acima da eficiência, a admiração carinhosa.

Aos portugueses e descendentes entrevistados, sem os quais não seria possível a realização desta pesquisa, nosso respeito às tradições e o amor fraterno.

À minha mãe, Carmita, de quem aprendi que viver é o momento novo, sem deixar de lembrar os tempos vividos e renovar a vida a cada segundo.

À minha mãe, sábia-mestra, que apostou naquilo em que nem eu tinha a segurança para fazer: Prof^a Maria Thereza de Souza Lima.

À amiga Cristiane de Gusmão, pelo incentivo a que eu concorresse ao Doutorado na UERJ.

Aos amigos Geraldo Sampaio, Fernando Geraldo Martins, Rita de Cássia Marques e Juan Alexandre Marques, pelo acompanhamento carinhoso em todos os momentos.

Aos professores e amigos do Centro Universitário Plínio Leite; em especial, às professoras Célia de Figueiredo Bastos e Diana Zaidman.

HOMENAGEM IN MEMORIUM

Ao meu pai e ao meu irmão

“Usualmente só queremos que o tempo se abra, passe e não volte quando não queremos o que acontece no tempo. Se temos uma lembrança alegre, murmuramos melancolicamente “nunca mais” e desejamos que o que foi não se tivesse afastado, que o passado ainda estivesse aqui; inversamente, quando a lembrança é triste [...] – o lamento de um abandono, por exemplo -, escutamos o persecutório “para sempre”, desejamos desesperadamente que pudéssemos querer para trás, transformar o acontecido ou ao menos esquecê-lo [...].”PAULO VAZ (2003,p.89)

“(...) Se o sol que sempre é o mesmo, todos os dias tem um novo nascimento e um novo ocaso, quanto mais o homem por sua natural inconstância tão mutável, que nenhum é hoje o que foi ontem, nem há de ser amanhã o que é hoje!” (Padre Antônio Vieira)

RESUMO

SAMPAIO, Carmen Lucia de Castro. *Influência do português de Portugal ainda hoje no Brasil: estudo de caso de colônias lusas na cidade do Rio de Janeiro e adjacências, em relação à temporalidade no discurso*. 2006. 518 f. Tese (Doutorado em Língua portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

Esta pesquisa desenvolve o tema sobre a temporalidade no discurso, buscando, nos textos constituídos por 100 portugueses e seus descendentes, portugueses ou brasileiros, nas diversas estruturas por eles utilizadas, as possibilidades da língua viva para a obtenção de sentido do usuário. Visa, ainda, à representatividade da língua falada para prover uma descrição efetiva da temporalidade na construção do discurso. A avaliação das unidades da língua em relação ao texto é considerada como elemento de organização dentro de um enunciado. Os mecanismos de coesão que denotam tempo são observados como peças da organização semântico- textual e interacional. Também procura demonstrar o envolvimento entre espaço/ tempo/ aspecto que marcam a subjetividade/ objetividade desses falantes, estabelecendo parâmetros que denotam a identidade luso- brasileira, calcada na Língua Portuguesa.

Palavras-chave: Tempo. Temporalidade. Discurso. Cláusulas temporais. Contexto.

RESUMÉ

Cette recherche développe le thème sur la temporalité du discours en cherchant, dans les textes employés par cent portugais et de leurs descendants, portugais ou brésiliens, dans les plusieurs structures employées par eux, les possibilités d' une langue vive pour l'obtention de sens de l'utilisateur. Ce travail veut encore montrer la temporalité dans la construction du discours. En faisant le bilan des unités de la langue en relation au texte, on met en relief les éléments d'organisation dans un énoncé. Les procès de cohésion qui met en relief le temps sont vus comme pièces d'organisation sémantique-textuelle et appuyée dans la raison. On veut démontrer la liaison entre le space, le temps et l'aspect qui met en relief la subjectivité/ objectivité de ces parleurs, en faisant modèles qui montrent l'identité portugais-brésillienne basée dans la Langue Portugaise.

Mots-clés: Temps. Temporalité. Discours. Clauses séculières.

ABSTRACT

This paper is a research on the temporality of discourse. Through a study on the variety of structures found in 100 texts of Portuguese people speech and their descendants, Portugueses or Brazilians, all the possibilities of the live language to achieve sense by the user are searched. The representation of the spoken language to provide an effective description of the temporality in the construction of the discourse is also focused. The evaluation of the units of the language in relation to the text is considered as element of organization within an enunciation. The cohesive devices denoting time are observed as parts of the textual and interactional semantic organization. It also aims to point out the involvement of space / time / aspect which marks the subjectivity / objectivity of the speakers establishing parameters which denote the Luso-Brazilian identity stated in the Portuguese Language.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Esquema 1: Relação entre passado, presente e futuro	p.25
Quadro 1- Hierarquia de Temporalidades	p.33
Quadro 2- Demonstrativo do Questionário das Entrevistas	p.44-45
Figura 1 - Gráfico da Faixa Etária dos Entrevistados	p.46
Figura 2 - Gráfico do Grau de Escolaridade dos Entrevistados	p.47
Figura 3 - Gráfico da Nacionalidade dos Entrevistados	p.49
Figura 4 - Gráfico da Descendência dos Entrevistados	p.50
Figura 5 - Gráfico da Decisão da Vinda dos Entrevistados	p.51
Figura 6 - Gráfico da Influência da Cultura Portuguesa sobre os Portugueses	p.53
Figura 7 - Gráfico da Profissão dos Entrevistados	p.55
Figura 8 - Gráfico do Motivo da Vinda dos Entrevistados	p.56
Figura 9 - Gráfico da Dificuldade de Emprego no Brasil pelos Entrevistados	p 57
Figura 10 - Gráfico da Discriminação pela Descendência Portuguesa dos Entrevistados	p.58
Figura 11 - Gráfico da Permanência no Brasil ou Vontade de Voltar para Portugal	p.60
Figura 12 - Gráfico da Apreciação ao Brasil pelos Entrevistados	p.61
Figura 13 - Gráfico da Dificuldade de Adaptação à Língua Portuguesa no Brasil pelos Entrevistados	p.64
Figura 14 - Gráfico da Reação dos Entrevistados às Piadas	p.65

Figura 15 - Gráfico do Tempo de Residência dos Entrevistados no Brasil.	p.66
Figura 16 - Gráfico do Motivo de o Entrevistado Ficar no Brasil	p.67
Figura 17 - Gráfico do Estado Civil dos Entrevistados	p.68
Figura 18 - Gráfico Comparativo do Custo de Vida no Brasil e em Portugal	p.69
Figura 19 - Gráfico de Visita dos Entrevistados a Portugal	p.70
Figura 20 - Gráfico de Visita de Parentes dos Entrevistados ao Brasil	p.71
QUADRO 3: Referência Verbal: semelhanças e diferenças entre o pretérito imperfeito e o pretérito perfeito	p.164

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Relação sexo X número de ocorrências dos articuladores mais comuns em referência à temporalidade	p.100
TABELA 2 - Função do articulador JÁ	p.102
TABELA 3 - Relação sexo e função do articulador ENTÃO	p.103
TABELA 4 - Função do articulador AGORA	p.107
TABELA 5 - Função do articulador DEPOIS	p.108
TABELA 6 - Relação JÁ: posição e tipo de preenchimento de fronteiras	p.111
TABELA 7 - Relação entrevistado e posição do articulador ENTÃO	p.113
TABELA 8 - Posição de QUANDO em cláusulas subordinadas adverbiais temporais	p.115
TABELA 9 - Posição do referencial NUNCA	p.124
TABELA 10 - Posição do articulador AGORA	p.125
TABELA 11 - Relação de HOJE na escala do tempo	p.128
TABELA 12 - Posição do articulador DEPOIS	p.1 29
TABELA 13 - Posição do referencial SEMPRE	p.130
TABELA 14 - Relação posição X função do verbo HAVER	p.131
TABELA 15 - Articuladores de referência passada	p.133
TABELA 16: Relação entre os Articuladores quanto às Funções e às Posições Preferenciais	p.134

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ADJ: Adjunto

DET: Determinado

E: Entrevistador

ED: Encadeador Discursivo

GT: Gramática Tradicional

GTs: Gramáticas Tradicionais

I: Informante

INDET: Indeterminado

IT: Indicador de Tempo

L1: Locutor 1 = Informante

L2: Locutor 2 = Entrevistador

LE: Língua Escrita

LF: Língua Falada

ME: Momento da Enunciação;
momento da realização da
ação expressa pelo verbo

MF: Momento da Fala

MR: Momento de Referência

PR: Ponto de Referência

S: Sujeito

SILF: Sociedade Internacional de
Linguística Funcional

SN: Sintagma Nominal

SV: Sintagma Verbal

TC: Tempo Cronológico

TD: Tempo do Discurso

TnC: Tempo não cronológico

TR: Tempo Relativo

UD: Unidade Discursiva

V: Verbo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	p.21
2	O TEMPO: Considerações Filosóficas	p.25
3	O CORPUS: Constituição	p.41
4	PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	p.74
4.1	A Abordagem Tradicional	p.74
4.2	A Abordagem Lingüística: a estruturação e a funcionalidade das cláusulas temporais	p.88
4.2.1	Identificação dos Referenciadores de Tempo no <i>Corpus</i>	p.99
4.2.2	A Variável Dependente: posição dos referenciadores de Tempo no <i>Corpus</i>	p.109
5	A RELAÇÃO ESPAÇO/ TEMPO/ ASPECTO	p.135
5.1	O Espaço	p.143
5.2	O Tempo	p.145
5.2.1	A Relação Tempo Verbal e Tempo no Discurso	p.152

5.3 O Aspecto	p.165
6 AS RELAÇÕES ENTRE A SEMÂNTICA E A PRAGMÁTICA	p.174
6.1 A Relação EU e o OUTRO	p.177
6.2 A Temporalidade e os Fatores da Argumentação	p.189
7 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	p.196
8 CONCLUSÃO	p.202
9 BIBLIOGRAFIA	p.207
10 APÊNDICE: transcrição de cem entrevistas a Portugueses e seus descendentes	p.224
10.1 HOMENS	
ADEMIR CARVALHO	p.224
AFONSO	p.227
ALBINO HENRIQUE DA CUNHA	p.229
ANSELMO FERREIRA DIAS	p.231
ANTERO	p.237
ANTÔNIO CARLOS DA SILVA TEIXEIRA	p.239
ARTUR	p.242
AUGUSTO	p.243
AUGUSTO	p.247
AVELINO GOMES	p.249
CELSO	p.256
DANIEL	p.260

DAVIDE GONÇALVES ALVES	p.262
DIEGO BRITTO TEIXEIRA	p.265
ERNESTO BASTOS LOPEZ FERREIRA	p.267
FELIPE	p.270
FERNANDO GUEDES (Presidente da Banda Portuguesa)	p.271
FERNANDO MOURA	p.274
FIRMINO MOREIRA ALVES	p.276
HILÁRIO DE JESUS	p.278
JOÃO	p.280
JOÃO ESTEVES AFONSO	p.282
JOAQUIM	p.288
JOAQUIM MANUEL	p.290
JORGE GOMES SALGADO	p.293
JORGE LUIZ	p.295
JOSÉ AUGUSTO	p.296
JOSÉ COELHO	p.298
JOSÉ TAVARES	p.303
LEONILDE	p.309
LÚCIO FERREIRA DE AZEVEDO	p.311
LUIS HENRIQUE	p.317
MANOEL CERQUEIRA DE ARAÚJO RODRIGUES	p.322
MANUEL ALVES	p.326
MANUEL CAMILO	p.332
MANUEL ROCHA	p.334
MANUEL RODRIGUES	p.336
MANUEL VIANA	p.338
MARCELO	p.345
MÁRCIO RODRIGUES SOARES	p.347
MÁRIO RODRIGUES	p.348
MARIO RANHADO	p.352
Mario Ranhado (HOSPITAL SANTA CRUZ)	p.354
ORLANDO JOSÉ	p.356
PAULO ROBERTO	p.358

RUI	p.360
SÉRGIO CASTELO	p.361
SILVANO PENA	p.363
SILVINO	p.364
Dr. TOMAZ CORREIA DE OLIVEIRA	p.367
VICTOR	p.68
10.2 MULHERES	p.371
ADELAIDE FLORINDA VILAR DA SILVA	p.371
ANA	p.373
ANA CECÍLIA	p.375
ANA CLÁUDIA	p.376
ANA ISABEL	p.378
ANA MARIA	p.379
ANA PAULA	p.382
ANA REBELO RANHADO	p.383
ANA REBELO RANHADO	p. 389
ANDRÉA INÊS	p.402
ANTOANY	p.404
ALAÍDE GALDÊNCIO GIMENEZ	p.406
ALCINDA DE JESUS VIEIRA	p.407
AURORA	p.414
BETH	p.415
CARMEM	p.416
CECÍLIA MARIA DIAS RODRIGUES	p.418
CLÁUDIA	p.422
DANIELA RODRIGUES SOARES	p.423
DAYANA BRITO TEIXEIRA	p.425
EMÍLIA	p.426
EMÍLIA DO CARMO PINHEIRO	p.429
FÁTIMA MARIA AFONSO MONTE	p.431
FÁTIMA VIANA	p.434
HENRIQUETA	p.439

IRENE DE PILAR PINTO	p.441
ISABEL GOMES	p.443
LABORRÉ LIMA	p.444
LINDA	p.455
LUCIANA	p.457
MANUELA	p.459
MARIA ALCINA	p.461
MARIA AMÉLIA	p.462
MARIA APARECIDA RIBEIRO ALVES	p.464
MARIA CÂNDIDA DA SILVA CASTRO	p.466
MARIA DA CONCEIÇÃO DE CARVALHO	p.470
MARIA DE FÁTIMA	p.473
MARIA DE FÁTIMA GOUVÊIA COELHO	p.475
MARIA DO CÉU GOUVÊIA COELHO	p.479
MARIA DO CÉU SANTOS SALGADO	p.483
MARIA EMÍLIA LOPEZ FERREIRA	p.485
MARIA FERNANDA	p.488
MARIA LÚCIA	p.489
MARIA OLINDA	p.492
NATÁLIA	p.494
ROSA	p.495
ROSA HELENA	p.496
ROSÁLIA	p.498
SÍLVIA MARLENE GOMES FERREIRA	p.499
TERESA	p.505
TEREZA	p.507

1 INTRODUÇÃO

A preocupação com o tempo sempre fez parte da vida humana. A cronologia é inexorável, no entanto, alguns pensadores se envolveram com mais acuidade e, a partir daí, passaram a estudar a temporalidade como um fator de prolação, tentando provar cientificamente a expressão de tempo.

Também nós, usuários da língua, lançamos mão dos recursos expressivos, para contarmos a nossa história, expormos opiniões, expressarmos em palavras a língua que falamos.

Partindo dessa premissa, buscamos trabalhar a língua, sob a óptica da temporalidade, visando à constituição do *corpus*, através de entrevistas a portugueses e seus descendentes, portugueses ou brasileiros.

Interessaram-nos, sobretudo, os papéis desempenhados pela estrutura sintática na organização do discurso, assim como a preferência do falante para marcar a linha temporal, seja ele brasileiro, descendente de portugueses, ou português nativo em Portugal.

Reconhecemos ser este um fato lingüístico complexo e já discutido por estudiosos no assunto. Entretanto, encanta-nos ouvir, refletir sobre o que nos contam. Instiga-nos a produzir novas mensagens sobre a variedade das estruturas, no português de Portugal, e no português do Brasil, além do contexto no qual a temporalidade foi expressa.

Decidimos, assim, analisar o *corpus* sob uma perspectiva discursivo – funcional: forma e função se interrelacionam, para nos dar outras nuances de

significação comunicativa. Objetivamos, então, exibir as possibilidades da língua viva, para a obtenção do sentido pelo usuário.

Para discutirmos os aspectos teóricos e metodológicos, tomamos por base, como amostra, as falas de cem informantes, observando as variáveis sociais: sexo, faixa etária, escolaridade, nacionalidade e descendência. Ainda, recorreremos às variáveis lingüísticas, para exemplificar, interpretar, classificar e descrever as relações de temporalidade dos falantes em questão. Tomamos por base o texto como uma unidade de função. Do ponto de vista semântico, buscamos considerar os diferentes âmbitos em que os itens atuam. Na avaliação das unidades da língua em relação ao texto, estas foram consideradas como unidades organizadas dentro de um enunciado para promoverem a interação.

Para tanto, propusemos na primeira parte desta pesquisa uma revisão bibliográfica dos estudos existentes. Iniciamos esta seção, considerando a linguagem e o pensamento de que se valeram as ciências físicas, como suporte histórico de informações nas noções de tempo e temporalidade. Firmamo-nos especialmente em estudiosos que transmitiram o pensamento de Platão e Aristóteles, além de Santo Agostinho, Heidegger, Bergson e Saussure. A partir daí, buscamos aporte em estudiosos que consideraram a relação entre homem- linguagem – mundo, direcionando as reflexões sobre as diferentes produções de fala e os efeitos discursivos em contextos vários.

Buscamos, ainda, distinguir quais os argumentos mais constantes no discurso dos nossos informantes, e de como eles consideram a relação Brasil-

Portugal, objetivando o âmbito sócio-cultural por intermédio das estruturas de uso da língua.

Nessa relação entre pensamento e cultura, interessou-nos, em primeiro lugar, distinguir a simultaneidade na diferença intercultural dos portugueses que vivem no Rio de Janeiro; se assumem comportamentos e vivências brasileiros; e como um filho de europeu, nascido e crescido entre os brasileiros, pensa e se comporta diante da relação Brasil - Portugal.

Diante desse raciocínio, algumas questões foram levantadas: Pode o pensamento ser determinado pela cultura em que se vive? Que sentido toma o tempo, quando o SER está distante da sua pátria?

Uma das alternativas para entendermos um pouco dessa convivência entre países tão distantes, mas que têm por suas raízes igualdades que lhes são atribuídas por interferência da língua, é a relação entre tempo/ espaço/ aspecto, proferidos no discurso dos nossos entrevistados, de cujas relações surgem novas significações, a partir dos argumentos que envolvem a imagem Brasil - Portugal.

Quanto à argumentação, buscamos identificar nos usos a função que a noção de tempo desempenha, quando e como os nossos entrevistados a utilizam, para expressarem conteúdos semânticos. Para essa pesquisa, foram processados dados quantitativos e qualitativos pelo sistema EXCEL, chegando a algumas conclusões que esperamos possam contribuir com o estudo da Língua Portuguesa, em sua variedade de usos. Sabemos que o assunto não se esgota com esta pesquisa, mas pretendemos cooperar com uma visão baseada

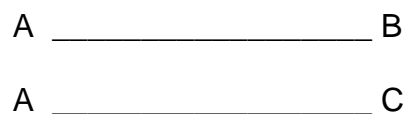
no uso da língua, por portugueses residentes no Rio de Janeiro e adjacências,
para a descrição semântica da língua portuguesa.

2 O TEMPO: considerações filosóficas

Nesta seção faremos um recorte da noção do tempo, a partir dos principais filósofos cujas idéias constituirão a nossa argumentação.

Já na Grécia (século VI a. C. regido por Saturno da mitologia romana) *cronos* – deus que conduzia as coisas ao seu turno, tornou-se *chronos*, que conduzia os seres à maturidade e a seu termo. Entendido como um período compreendido entre um fato anterior e um posterior, ou considerando-o uma mudança contínua, o tempo não era considerado em seu “devenir”, com o que adquiria um segundo sentido. Assim, surgiria o seguinte esquema:

ESQUEMA 1: Relação entre passado, presente e futuro:



considerando A o tempo passado e B, o tempo presente, em que A marcava um tempo definido por seus limites e B uma extensão de uma razão contínua, isto é, o presente abstraía o passado como um espaço, através da lembrança, da emoção, ou em comparação de tempo igual ou desigual e até mesmo como adição dos tempos sucessivos. Já de A __ C, C, por não ser um tempo concebido, não estabeleceria um conjunto de relações ou uma ordem de sucessão com a qual se relacionariam todos os tempos. Assim, o tempo era concebido em sua finitude cronológica.

Aristóteles (In NASCIMENTO, 2000, p. 66) disse que o tempo é o número do movimento, segundo o antes e o depois, estabelecendo uma relação de causalidade. Deste pensamento, entendemos que o passado antecede o presente, e o presente como passado do futuro, antecede o futuro, que é o novo presente; há um encadeamento lógico de causa e efeito na ordenação do tempo. Num movimento sucessivo, marca a relação entre o antecedente e o conseqüente. Além de emprestar ao tempo a estrutura racional, este filósofo foi o primeiro a questionar se, se não existisse alma, teria sentido falar do tempo. Considerava a língua uma convenção, uma criação do animal político–sociológico, traduzindo, assim, o embrião do pensamento empirista.

Os gregos concebiam a simultaneidade como tempo, como no regime cronológico, a sucessão de três tempos (*Khronos* – o tempo, a duração). O *logos* era a verdade, o conhecimento verdadeiro, mas eles também tinham intuições de tempo.

Heráclito, por exemplo, num fragmento célebre, disse que o tempo é “um jogo de crianças, de criança o reinado” (AMARAL, 2003, p.25). Acreditava ser a vida uma mudança permanente¹. Tanto ele quanto Parmênides constituíram a base do pensamento platônico: o mundo das idéias eternas e o mundo das aparências sensíveis.

Hegel, mais tarde, retomaria a origem do tempo como uma vivência de criança, reconhecido depois por Merleau – Ponty como “fusão de tudo, dos despertares do espírito com a realidade percebida. A partir daí, o imperativo

¹ Aiôn, segundo o filósofo, seria jogo de crianças, de criança o reinado – traduzido por “tempo”, definido-o por “acaso”, “jogo”, “brincadeira”, “reinado de criança”.

hegeliano estaria na instalação do Espírito através do processo dialético e, por consequência, da ação do tempo”. A visão do homem se situaria em três dimensões: a do isto – a coisa -, e as do aqui e agora – o espaço e o tempo (BORNHEIM, 2003, p.93 - 94).

Ainda assim, os gregos teorizaram sobre o tempo em “imagem móvel da eternidade” (Platão), sem levar em conta os acontecimentos da vida real: uns passam, outros advêm ou virão a ser. Viveram, portanto, entre a eternidade e o passado, ou seja, algo deixou de ser passado, porque o futuro adveio. O único acesso à alma humana seria através da linguagem, porém um simulacro da verdade. Para Platão, a linguagem brotava na alma, o que traduziria o embrião do pensamento funcionalista. A filosofia platônica concebia o tempo como imitação imperfeita da eternidade.

Em síntese, os filósofos Platão e Aristóteles e seus seguidores elaboraram doutrinas, segundo as quais os acontecimentos do mundo se repetiriam identicamente em inúmeros ciclos, relacionando o “ser” e a sua essência, o ato a sua potência, à Divindade e outros.

Para Aristóteles, os seres eram e estariam sujeitos às modificações. Porém, o objeto de nossa investigação não se refere somente ao movimento consubstancial, em que o tempo é “medida” e movimento, mas também à duração em que a temporalidade dos fatos se estabelece, em relação ao enunciador e ao enunciado.

O Ocidente, porém, foi marcado por outra concepção do tempo, diversa dos gregos: “a de que o mundo (e portanto o tempo) teve um começo (e terá fim)”. Esta doutrina foi difundida pela Bíblia judaico- cristã, cuja concepção

de tempo foi atribuída a Zoroastro². As civilizações judaico- cristãs entendiam o tempo como algo que teve começo absoluto com a criação (Gênesis) do mundo e terá um fim absoluto, com o seu fim (OLIVEIRA, 2003, p.39).

Para mediar a imagem da repetição perpétua e da duração infinita, Santo Agostinho consideraria o presente como uma extensão da alma humana (Livro XI, Cap. 14 das Confissões, *distentio animi*). Afirmava a dificuldade de explicar o que era o tempo, embora soubesse conceituá-lo.

Alguns autores modernos julgaram que Santo Agostinho procurasse uma definição do tempo, sugerindo enigmas em busca da sua opinião. O problema levantado por Santo Agostinho não era lingüístico: usava com facilidade termos temporais, mas queria saber se o tempo era uma característica do mundo físico objetivo ou um fenômeno subjetivo; se as relações temporais se estabeleciam entre eventos físicos ou entre eventos íntimos mentais. O uso corrente não lhe fornecia respostas àquelas questões (cf. LACEY, 1972, p.42).

A imagem da linha do tempo, sua geometrização e divisão do tempo em unidades breves, instituída por Galileu Galilei (séc XVII) e formalizada por Descartes – tempo como sucessão linear de unidades de extensão arbitrariamente pequena ou mesmo nula – foi fundamental na elaboração da física newtoniana, conseqüentemente, na ciência moderna.

Para os cultores do aristotelismo, o tempo era um atributo do movimento, transformação em um dado fenômeno, sem considerar o seu envolvimento na mudança. Porém Galileu, seguidor da orientação de Platão,

² sendo o tempo demarcado pela Gênese, a Crucificação e o Apocalipse.

elaborou regras quantitativas expressas em linguagem matemática: o tempo se exteriorizava, passando a ser uma referência externa, descritor liberto do movimento. Mas foi Descartes (*Discurso sobre o Método;* “*Je pense, donc je suis*”) quem conferiu ao tempo a noção de que entre duas durações sempre há um outro instante. Portanto, o tempo contínuo deixou-nos a sensação do fluxo do tempo, habituados à cronalidade. Logo, Platão afirmava que o tempo era “a imagem móvel da eternidade”. Já Aristóteles entendia-o como “o número do movimento com relação ao antes e ao depois”. Santo Agostinho, mesmo afirmando que não sabia explicá-lo, considerava-o como “presença de coisas passadas, como memória, presença de coisas presentes, como visão, e presença de coisas futuras, como expectativas” (JAGUARIBE, 2003, p.156), e a percepção desse fenômeno ocorria na mente.

Distinguiam o tempo como objeto da vivência humana em um contínuo fluxo de sucessivos instantes e como objeto da ciência física; ora como um processo subjetivo – estado de espírito-, ora como um fluxo objetivo a que o ser humano está sujeito, sendo este caracterizado pela linearidade.

No pensamento moderno, a Revolução Francesa trouxe como conseqüências a possibilidade de os próprios indivíduos articularem o tempo de sua existência, ora abrindo-lhes oportunidades, ora recusando sua expressão autêntica, por meio da linguagem.

Heidegger reinterpretou a fenomenologia e afirmou que SER e TEMPO são “co-extensivos”. Aliou-se ao pensamento grego de Aristóteles e reinterpretou a fenomenologia do *logos*, como manifestação do que é falado – objeto do discurso -, considerando fenômeno (*phainomenon*) “aquilo que se

mostra por si mesmo”, e *alétheia*, que se mostra na proposição, o “não velamento e não encobrimento” (NUNES, 2002, p.13). Não mais no plano contemplativo, focalizou a prática da ação cotidiana do ser (*Da- sein*, aqui tomado como o ser em sua relação com a sociedade). O mundo como referencial espacial seria dotado de sentido, e o *Da- sein* o ocuparia, espacializando-o, empenhado em agir, fazer e “ser com os outros” – ser- no- mundo, isto é, o discurso projetaria a interpretação de nós mesmos, aos outros e ao mundo (id, p.18), criando possibilidades referenciais explicitadas em conceitos. Das palavras surgiriam as significações articuladas, no passado, no presente e no futuro. Entretanto, o passado só retroagiria casualmente, para gerar o presente, num movimento extemporâneo³.

A temporalidade era considerada, então, num movimento tríplice em que a subjetividade se desnuda na antecipação do futuro, na retomada do passado e na decisão presente no discurso (“temporalidade autêntica”). A própria auto-consciência só se daria através da experiência interna do tempo.

Heidegger distinguiu temporalidade autêntica de temporalidade imprópria. Na primeira, os êxtases (*ek- stasis*) “corrigem a compreensão vulgar do tempo, que tem no presente a sua fase axial: os momentos pretéritos ficariam para trás, e os provindouros passariam para a frente, ainda por suceder” (NUNES, 2002, p.25). Sugere, então, uma relação recíproca de temporalização. Quanto à temporalidade imprópria tende à infinitude: o presente é o agora, o futuro, a expectativa, e o passado, o que já passou :

³ que não é próprio do tempo em que sucede

O tempo originário é finito e assegura a gênese do ser do Dasein e da existência cotidiana. A temporalidade imprópria tende à infinitude. Ela se estende aos entes intramundanos através do “presente”, como se deles se originasse. Chama-se, por esse motivo, intratemporal (NUNES, 2002, p.27).

O “agora” é o “aqui” dentro do mundo, expressando também o “então” (= ainda não) e o “outrora” (= já não mais).

No encadeamento verbal, nessa estrutura remissiva, as imagens se sucedem, localizando os acontecimentos no tempo (databilidade, na terminologia heideggeriana). Cria-se uma linha extensiva – agora/ então, outrora/ agora – e de uma permanência ou da duração, um intervalo (enquanto).

O “agora” presentifica os outros êxtases, segundo o anterior e o posterior (Aristóteles) e identificado por Heidegger “ tempo natural ou vulgar” (NUNES, 2002, p.29). O homem, portanto, marca a sua existência, temporalizando- se, criando a sua história. Identificado ao passado (individual) conjuga-se a um tempo social e cultural (coletivo), operando na tradição uma transcendência do *Dasein*.

O discurso libera possibilidades do ser do Dasein, a partir do momento em que razão e fundamento se equivalem (“Nihil est sine ratione“. Nada existe sem razão), constituída na proposição como enunciado predicativo no discurso (domínio do enunciável), para dar sentido àquilo que foi articulado no discurso. O enunciado predicativo seria uma forma derivada da interpretação.

Duas formas discursivas clássicas, de Platão e de Aristóteles, influenciaram na atividade crítica: a primeira interferiu no conflito das opiniões; a

segunda, na constituição sobre os conceitos, usando a indagação lógica, impossibilitando os interlocutores de discussão no próprio discurso.

Platão e Aristóteles constituíram uma univocidade da idéia ou da linguagem, em detrimento da trágica univocidade do ser, pois em ambos o símbolo calava a voz das palavras, conquistando para elas a fixidez da verdade no presente eterno de um logos geometrizado (DELEUZE, Gilles. “Platão e o simulacro”. Cit. por ANTOUN, 2003, p.115). Desde então, podemos perceber que a argumentação esteve ligada às condições da dialética e do diálogo. Aristóteles atribuiu a invenção da dialética a Zenão de Eléia (495 – 490 a.C.). Para o grego antigo, a *téchne* constituía uma atividade regulada que impunha ordem ao desordenado, cuja essência era o afastamento do acaso (CHAUI, 1994, p.207). Ou seja, a teoria científica era caracterizada por uma formulação hipotética que podia ou não ser comprovada. Quanto ao saber técnico, advinha do propósito prático, ou seja, pressupunha um ordenamento e a exclusão de acasos (idem: 1995, p.116).

Oliveira (2003, p.54) propôs um quadro da Hierarquia de Temporalidades, distinguindo noções de tempos:

QUADRO 1: Hierarquia de Temporalidades

Flecha do tempo (cronalidade)

- Tempo da cultura: pressupõe linguagem, memória e expectativa. Tempo da subjetividade: projetado sobre o mundo natural. Atributos: continuidade, unidimensionalidade, unicidade, universalidade (globalidade e externalidade), metricidade, orientação, momento preferencial (presente), mobilidade do agora.
- Tempo da biologia: sem linguagem, sem mobilidade do agora. Tempo com presente. Distinção passado/ presente/ futuro (mas sem o fluxo do “ agora”).
- Tempo termodinâmico: sem presente. Tempo orientado; primeira noção “física” de tempo. Irreversibilidade.
- Tempo newtoniano: sem orientação. Tempo intrinsecamente reversível das leis da mecânica. Mediação de intervalos entre eventos.
- Tempo da relatividade especial: sem unicidade. Abolição da simultaneidade. Unificação espaço- tempo.
- Tempo cosmológico: sem externalidade (dinamicamente determinado pela teoria).
- Tempo próprio da relatividade geral: sem globalidade espacial.
- Tempo paramétrico da relatividade geral: sem metricidade.
- Não-tempo: não há modo de determinar separações temporais entre eventos. “Tempo” em cosmologia quântica.

FONTE: OLIVEIRA, Luiz Alberto. *Imagens do tempo.* “Labirintos, bibliotecas e paradoxos”. In DOCTORS, *Tempo dos tempos*, p.54.

Por esse quadro, podemos perceber que mesmo a biologia não fluía do agora⁴. No âmbito da física, havia a assimetria do tempo, independente do “movimento do agora”. O tempo newtoniano era “ universal, uniforme, absoluto, linear e instantâneo” (idem, p. 56)⁵. Para Newton, o tempo era um processo de sucessividades- tempo absoluto, por instantes que se sucedem, ou seja, o intervalo de tempo entre dois eventos é único. Tanto na Relatividade Especial (Albert Einstein) quanto na Relatividade Geral o que importava eram as invariantes que podiam ser construídas com os dados, determinando⁶ uma estrutura causal única; conceitos abstratos, expressos em linguagem matemática. na cosmologia relativística. O espaço- tempo da Relatividade Geral se articulava não- linearmente, constituindo a nova face do todo evolutivo: espaço – tempo – matéria – energia. Converte-se, então, o “tempo” em medida de parâmetro, constituindo a noção mais rudimentar do termo tempo: uma linha contínua; o não- tempo é a idéia de que “ a assimetria do tempo é uma propriedade emergente, uma qualidade coletiva de sistemas não-simples”.

A Flecha do Tempo é a concepção de Teilhard de Chardin, a visão evolutiva do homem.

Ausentava-se a verdade que permitia o julgamento, a possibilidade de transformar a individualidade e o modo de pensar. Pelo exposto, podemos considerar a linguagem e o pensamento de que se valeram as ciências físicas como um suporte histórico (empírico) de informações para o deslocamento de

⁴ nos sistemas biológicos, os seres vivos não vão do ontem para o amanhã.

⁵ não define um sentido absoluto entre passado e futuro, instantes que se sucedem.

pesquisa sobre a temporalidade e o tempo. Daí surgirem autores que propuseram investigações para identificar como a linguagem, na produção do discurso, alcança significados vários, no que pensamos ser a origem e a destinação de nosso pensamento.

Segundo Arêas (2003, p.131), In Tempo dos Tempos, a palavra metafísica apareceu pela primeira vez em uma coletânea de 14 pequenos tratados de Aristóteles (384-322 a.C.), que versavam sobre problemas de história da filosofia: teoria das causas, as significações múltiplas do ser, as relações do ser e da essência, do ato e da potência, o problema de Deus. A expressão foi utilizada pelo editor Andrônico de Rodes, no século I a.C. Preocupou-se em organizar os textos “ para serem lidos após ou depois dos Tratados de Física”.

O sentido metafísico sobre o conceito de duração foi revisto por Bergson, para além da “eternidade”: Segundo Arêas,

A filosofia de Bergson consiste, fundamentalmente, de uma tentativa de inverter a marcha habitual do trabalho do pensamento e subverter as disposições adquiridas pela repetição freqüente de nossas formas de agir e pensar; sua filosofia é uma recusa vigorosa da sensibilidade instrumental e das certezas e convicções retiradas da utilidade das ações (ARÊAS, 2003, p.131).

Bergson, assim, propôs que o tempo deva ser pensado e não um acidente. A intuição metafísica possibilitaria que espaço e movimento (*kinesis*) encontrassem a duração na ordenação do tempo. Segundo ele:

[...] o tempo é o grande problema da metafísica, é o maior desafio do pensamento, e não um acidente. Se não se pode pretender que ele venha a ocupar o lugar das velhas essências metafísicas, isso sem dúvida acontece porque a idéia de essência – por tradição definida como una, imóvel e eterna – não pode corresponder inteiramente à realidade do tempo, que é o grande desafio do pensamento, o problema maior da metafísica (ARÊAS, 2003, p.136).

Para Bergson, é o que havia de mais íntimo em cada coisa – seres e coisas eram duração. O mundo é a coexistência das diferentes durações. Desse modo, considerou falsos os problemas propostos pela metafísica, já que se pretendiam fora do tempo. Inferiu que a metafísica fosse capaz de restituir a mobilidade ao movimento; à mudança, à fluidez; ao tempo, à duração (idem, p.138). Ou seja, que a metafísica pensasse com signos, conceitos produzidos que coincidiriam com o movimento e com o tempo.

Em recusa à metafísica antiga, Bergson sustentou que o ser é alteração e mudança. Por isso, as coisas e os seres têm o direito de durar e de se modificar, diferenciando-se dos outros, experimentando possibilidades, em constante criação e virtualidades. Estabeleceu uma distinção fundamental entre tempo e duração. Considerou o tempo uma realidade abstrata, homogênea, divisível em instantes e integrante da vida social e do pensamento científico. Quanto à duração (*durée*), é ela um dado imediato da consciência, apreendido pela consciência subjetiva que dá sentido à experiência do homem. Logo, a realidade não deve ser observada sob a estabilidade metafísica; os escopos da realidade se constituem por meio do pensamento, da ciência, do mundo.

No século XX, o estruturalismo foi praticado principalmente nas áreas humanas. Centrado nas regras de operacionalização da língua, Saussure buscou revelar a lógica que subjaz por trás do falante. Embora não se tenha centrado no discurso, visou à dimensão social ou coletiva da língua, ao que é comum aos falantes, independentemente das condições de produção ou mesmo dos falantes que dela faziam uso.

Saussure criticou as concepções aristotélica e agostiniana da linguagem, segundo as quais as palavras se relacionam com a percepção do mundo. Por se importar com a forma, o estruturalismo apresentou uma descontinuidade temporal, desconsiderando as mudanças e transformações de uma realidade. Assim, as estruturas passada e futura são diferentes entre si e diferentes da estrutura presente. Não houve interesse em acompanhar temporalmente a passagem de uma estrutura para outra.

O estruturalismo concebeu o conhecimento como um sistema articulado (língua), sob a afirmação de que na língua tudo é relação. Porém, na descrição da substância lingüística, segundo o estruturalismo europeu, observação e descrição da materialidade da língua, não há espaço para a relação de sentido. Tanto o estruturalismo europeu quanto o americano trataram os fenômenos como fisicamente mensuráveis e os estudos do significado foram deixados de lado. Embora considerando a importância do conhecimento das regras (*langue*), Saussure foi menos radical, pois admitia que a substância podia variar indefinidamente (*parole*). Mesmo assim, a observação dos fenômenos se referia a tudo aquilo que pudesse ser medido, observado. Portanto, os estruturalistas não avançaram no estudo da sintaxe.

Paralelo a Saussure, surgiu Chomsky, fundamentado no racionalismo filosófico de Humboldt, Descarte e Kant (séc. XVI, XVII e XVIII). O pensamento mentalista de Chomsky se contrapôs ao pensamento mecanicista de Saussure. A sintaxe passou a ser o elemento central; a semântica teria somente um papel interpretativo de estruturas sintáticas já formadas. Mesmo assim, havia um sentido genérico, deixando de fora a relação tempo/ espaço, enunciador/ enunciado (CERVONI,1989). O homem esteve expulso. Para Chomsky, o animal humano é geneticamente equipado por um conjunto de princípios que lhe permitem conhecer (Tese do Inatismo).

A relação entre a linguagem e o homem é analítica, em sua relação com o mundo. A competência propalada por Chomsky é a atividade criadora, o produto histórico; o desempenho, a manifestação das habilidades lingüísticas. Ora, se o homem é uma concepção histórica, é uma dimensão espacial, temporal que sofre influências. Assim, a linguagem permite ao homem reação e referência extralingüística. As frases passam a ser vistas como veículo de informações, estabelecendo ligação com a situação de fala e com o próprio contexto. Somente com a Pragmática foi instaurada a consideração das coordenadas dêiticas (pessoa/ tempo/ espaço), os elementos da ancoragem da linguagem na existência.

Mas, afinal, o que faz o homem em suas interações sociais? Preocupação dos pragmáticos, as teorias levam em consideração as condições do discurso, o usuário como interlocutor no contexto conversacional, como Paul Grice (Princípio da Cooperação – máximas conversacionais: quantidade, qualidade, relação e modo): quantidade: “não diga nem mais nem menos do

que o necessário”, isto é, nem mais informativo, nem menos informativo; qualidade: “não diga coisas para as quais não tem evidência” - não diga o que não é correto; relação: “seja pertinente”: diga aquilo que contribua para o assunto; modo: “seja claro, não seja obscuro, seja sucinto”. Também Austin e Searle (Pragmática Ilocucional: Teoria dos Atos de Fala), Jakobson e Benveniste se preocuparam com as relações do homem no discurso (CERVONI. “Os atos de linguagem”, p.84-95).

Wittengstein mostrou um deslocamento dentro da filosofia da linguagem: primeiramente, a linguagem é fundamentalmente representativa e o sentido é buscado fora da linguagem (o Tratado Lógico- filosófico, a visão lógica da linguagem); depois, numa negação ao primeiro pensamento, disse que nada existe fora da linguagem (In COSTA, 2003, p.24-43). Não há como sair dos limites do simbólico. O sentido é um processo de construção, uma negociação, um jogo (Filosofia Analítica da Linguagem), cujo raciocínio se assemelha a Austin e Searle.

O discurso é o uso efetivo da língua no contexto. Segundo Bakhtin (1981), é a arena da luta de classe, marcado pela ideologia do conflito. Por ser o significado mutável, a atividade interpretativa não se esgotará no significado do texto de uma só pessoa, ou seja, o ato cooperativo levará o outro a inferir sobre o texto, recriando-o. Nesta relação dialética, ambos coopticipam do processo de construção do discurso.

O Século XX testemunhou realizações de experimentos decisivos que demonstraram a inadequação do tratamento clássico: o tempo deixou de ser único e passou a ser descrito como uma pluralidade de modos de

temporalização, cada qual investido de um domínio, encarado em suas temporalidades heterogêneas. A analogia passou a ser considerada não mais a dos mecanismos, e sim a da linguagem. O aspecto significativo decorre de cada organização do enunciado, do discurso, que se exprime por um modo de temporalidade.

Todas as reflexões neste início do século XXI decorrem dos estudiosos que, desde tempos remotos, incursionaram no tempo como uma filosofia, como um fazer, um saber, como veremos no decorrer desta pesquisa.

3 O CORPUS: constituição

Utilizamos o termo "*corpus*" tendo em vista a constituição de dados orais extraídos de discursos produzidos por locutores como construção de arquivo, para a discussão da temporalidade⁷.

Constituímos o *corpus*, tendo em vista a discussão sobre a Temporalidade. Pretendemos nos ater ao plano do conteúdo desses textos, sob o olhar discursivo-funcional, para detectar valores espaço-temporais, a significação que emana da superfície do texto⁸ e a compreensão das relações que sustentam os efeitos de sentido.

Segundo Ferdinand de Saussure, numa ciência humana como a lingüística, é o ponto de vista que cria o objeto. A isto CASTILHO (2000, p.14) acrescenta a importância da gravação e da transição das fitas. Segundo este, "instituem o ponto de vista criador do objeto". "Quando se registra uma interação verbal, a seleção da modalidade interacional está instituindo um objeto de estudos".

Baseando-nos nessas assertivas, constituímos gravações de diálogos simétricos ou espontâneos e assimétricos. Nos diálogos simétricos ou espontâneos os falantes dispõem de condições semelhantes para negociar livremente o assunto e controlar os turnos. Também chamado por alguns autores de "língua falada falada". Caracterizamos a LF por meio do diálogo em

⁷ segundo a orientação de CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2004, v.corpus, p. 138-142.

⁸ entendendo como superfície do texto o explícito

presença, para documentar momentos fundamentais da linguagem: o do planejamento e o da execução verbal: o do planejamento, com entrevistas semi-estruturadas; o da execução verbal, com intercâmbio de informações, tanto de perguntas quanto de respostas⁹. As entrevistas foram gravadas e depois transcritas pela entrevistadora. As transcrições das entrevistas foram feitas com certa liberdade, sem atentarmos para normas. Mesmo assim, foram observados os sinais de pontuação externa da frase, as reticências, para as pausas dos falantes, no momento da fala, e as reticências entre parênteses, para indicar supressão de parte do texto constituído pelo falante.

Atentamos para as negociações intersubjetivas desencadeadas no momento da enunciação, quanto à seleção e à elaboração de um tópico conversacional; à criação dos sentidos lexicais dos significados de referenciação, de dêixis e de foricidade e das significações interacionais (inferências, pressuposições).

Para Neves (2000, p.23), as palavras que constituem o léxico da língua podem ser analisadas dentro da predicação. Os predicados designam as propriedades ou relações semânticas e suas categorias são distinguidas segundo suas propriedades formais e funcionais. Para ela, o predicado designa relações que se aplicam a um certo número de termos; estes se referem a entidades que produzem uma predicação / estado de coisas, isto é, a codificação lingüística que o falante faz da situação. O estado de coisas é algo que pode ocorrer em algum mundo (real ou mental), sujeito a determinadas

⁹ Segundo BERRUTO (1985), selecionar o tipo de diálogo é obter um 1º recorte da LF com que se vai trabalhar.

operações (localização no tempo e no espaço; pode ter certa duração, ser visto ou percebido). Tudo isto significa que as informações estão sujeitas às escolhas feitas pelo falante para organizar o texto por ele enunciado, o conteúdo ideacional a ser transmitido, bem como a argumentação que ele quer realçar.

Mediante o exposto, visamos à Sintaxe, à Semântica e à Pragmática, buscando as relações dos signos entre si, com os seus referentes, bem como a relação dos signos com os seus usuários.

Instituímos o diálogo em presença, com o fito de perceber na construção do enunciado a interação desencadeada, a identificação dos “marcadores conversacionais” e denotadores de tempo que estabelecem estratégias de manutenção. Assim, locutor e interlocutor geram uma forma interacional, por meio de coprocessamentos sintático- semânticos.

Constituímos o *corpus*, então, pela montagem do “fazer verbal” em que os entrevistados codificam as idéias consideradas adequadas àquele ato de fala, através da léxico e da gramática, em tempo real, cujas falas (do entrevistador e do entrevistado) ocorrem simultaneamente, numa situação discursiva plena (presença dos usuários)¹⁰ⁱ.

Este processo foi realizado por meio da conversação, objetivando a observação do conhecimento lingüístico “do outro” e expresso na LE, para valorizar os hábitos culturais dos portugueses nativos e descendentes deles, no Brasil.

Para discutirmos os aspectos teóricos e metodológicos, investigamos

¹⁰ Na LF nada se apaga, nem mesmo a própria maquinaria da linguagem, permitindo uma inspeção privilegiada. (CASTILHO, 2000, p.19)

as cláusulas que ocorreram nas amostras da fala de portugueses nativos de Portugal e seus descendentes, nascidos em Portugal ou no Brasil. Foram analisadas 100 entrevistas com falantes adultos, observando-se as variáveis sociais: sexo, idade e escolaridade. Trabalhamos com amostras de fala das faixas etárias: até 19 anos, de 20-40, 41-60 e acima de 60 anos, de ambos os sexos e com níveis de escolaridade Fundamental e Médio, Superior e outros, completos ou não. Por isso, todos os exemplos citados para ratificar a teoria ou metodologia utilizada em nosso texto são trechos das entrevistas. O objetivo das entrevistas foi o de obter informações de brasileiros e portugueses para identificar a expressão da temporalidade no discurso e a colaboração dos entrevistados foi fundamental para o êxito deste trabalho.

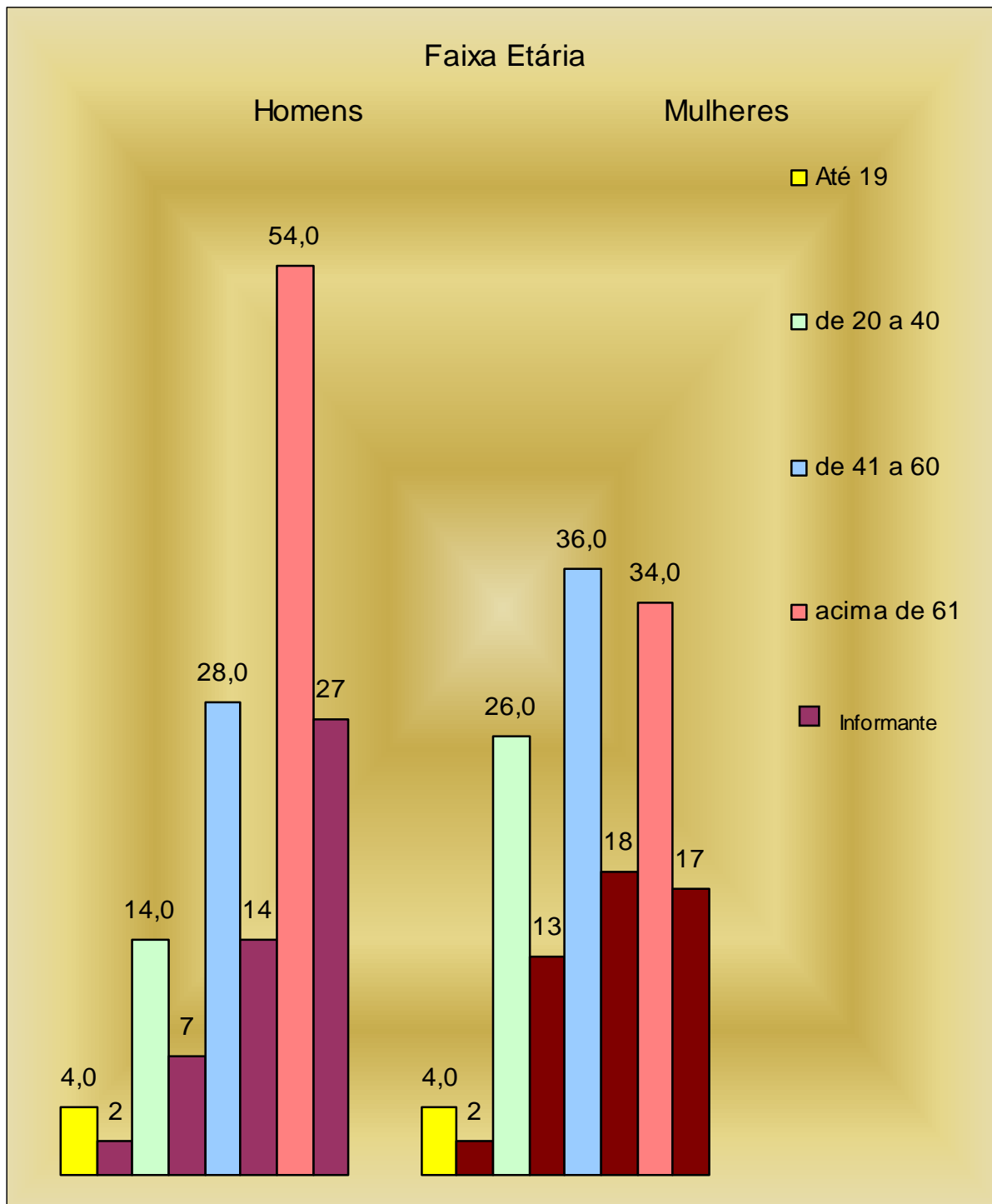
QUADRO 2: Demonstrativo do Questionário das Entrevistas

<p>INFORMANTE _____ Local da Entrevista _____</p> <p>Data: ____/____/____</p> <p>1. Como gostaria de ser identificado? Algum apelido?</p> <p>2 Sexo: <input type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Feminino</p> <p>3 Faixa Etária: <input type="checkbox"/> Até 19 <input type="checkbox"/> De 20 – 40 <input type="checkbox"/> De 41 – 60 <input type="checkbox"/> Acima de 61</p> <p>4 Nacionalidade: <input type="checkbox"/> Portuguesa <input type="checkbox"/> Brasileira <input type="checkbox"/> Portuguesa – naturalizado Brasileiro <input type="checkbox"/> Brasileira – naturalizado Português</p> <p>5 Descendência: <input type="checkbox"/> Filho(a) de Portugueses <input type="checkbox"/> Filho(a) de Brasileiros</p> <p>6 Grau de Escolaridade: 1º Grau <input type="checkbox"/> Completo <input type="checkbox"/> Incompleto 2º Grau <input type="checkbox"/> Completo <input type="checkbox"/> Incompleto Superior <input type="checkbox"/> Completo <input type="checkbox"/> Incompleto Outros <input type="checkbox"/></p> <p>7 Estado Civil: <input type="checkbox"/> Solteiro <input type="checkbox"/> Casado <input type="checkbox"/> Outros</p> <p>8 Há quanto tempo reside no Brasil?</p> <p>9 Qual a sua profissão?</p>
--

- 10 Qual a sua profissão?
- 11 Se Português, qual o motivo da sua vinda para o Brasil? Se Brasileiro, qual a influência da cultura portuguesa em sua vida?
- 12 Já passou por algum tipo de discriminação com relação a sua origem?
- 13 Houve alguma dificuldade de adaptação à língua portuguesa do Brasil?
- 14 Quando do nascimento dos filhos, houve alguma preferência entre o Brasil e Portugal?
- 15 Como se sente diante das piadas e críticas feitas aos Portugueses?
- 16 Houve alguma dificuldade quando da procura de emprego?
- 17 O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?
- 18 Quantos Estados já visitou no Brasil? Se não visitou nenhum, qual gostaria de conhecer?
- 19 O que mais aprecia no Brasil?
- 20 Você se sente discriminado(a) por ser filho(a) de Portugueses?
- 21 Você preferia ter nascido em Portugal? Caso positivo, por quê?
22. Alguma vez já visitou os seus familiares que residem em Portugal?
23. Você pretende permanecer no Brasil ou tem vontade de voltar para Portugal?
24. Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-lo(a)?
25. Você foi contra ou a favor quando os seus pais decidiram vir morar no Brasil?

Nas figuras a seguir, demonstramos os resultados desse questionário.

FIGURA 1- Gráfico da Faixa Etária dos Entrevistados



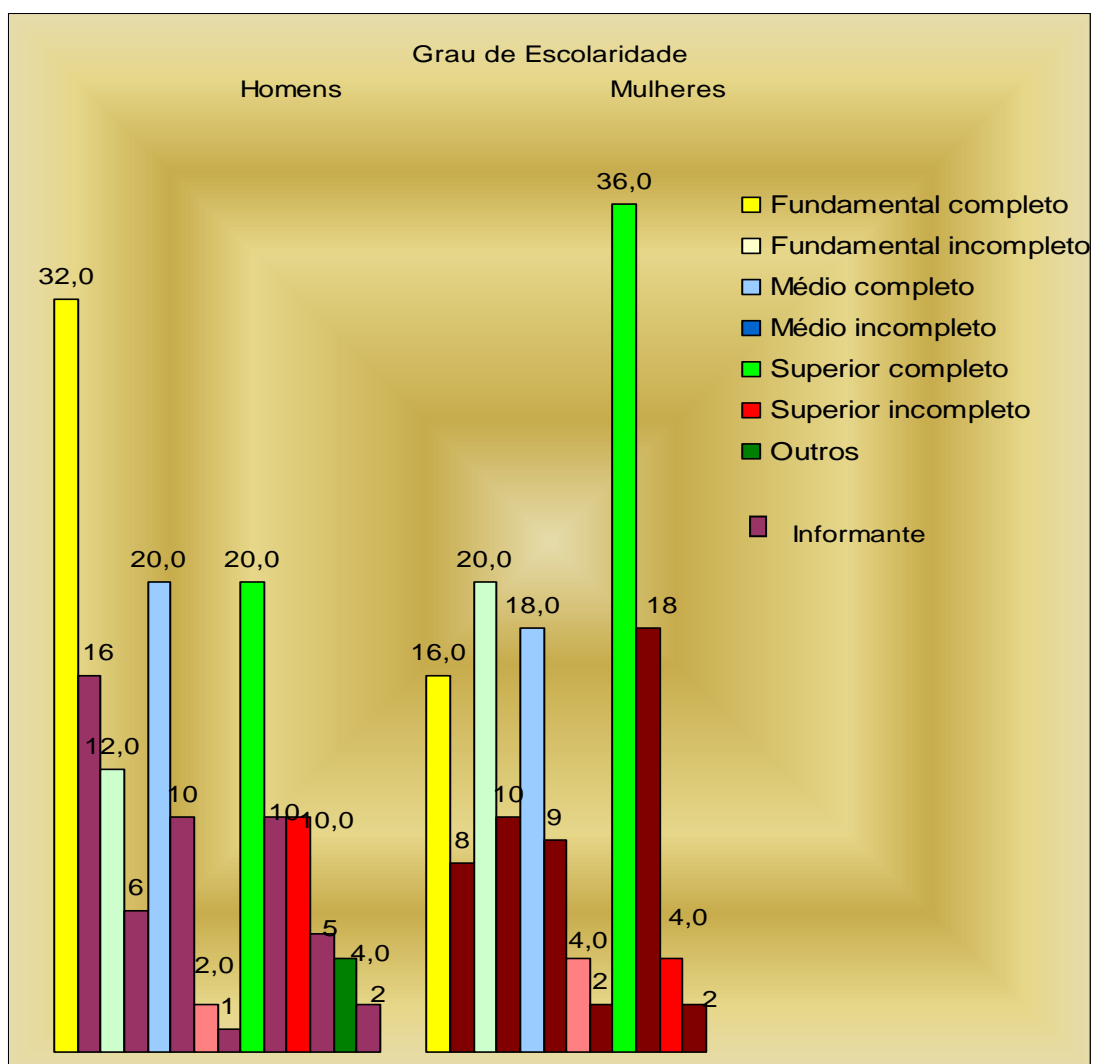
FONTE: entrevistas e dados coletados pela autora

De início, os informantes foram entrevistados aleatoriamente, ou quando indicados pelos nossos entrevistados, no Bairro de Portugal Pequeno, situado no Centro de Niterói. Por ser conhecido como um local em que há uma

colônia portuguesa, levantamos a hipótese de que lá teríamos uma amostra suficiente para o desenvolvimento da pesquisa. Entretanto, muitos deles já se mudaram do Bairro, principalmente os descendentes. Por este motivo, outros locais foram visitados, tanto em Niterói quanto na cidade do Rio de Janeiro (Paquetá).

Como demonstrado na FIGURA 1, a maioria dos entrevistados homens tem acima de 61 anos, e as mulheres, entre 41 e 60 anos.

FIGURA 2: Gráfico do Grau de Escolaridade dos Entrevistados



FONTE: entrevistas e dados coletados pela autora

Interessou-nos o grau de escolaridade dos informantes, já que, em outro momento, visamos à interferência da cultura portuguesa sobre eles e o desenvolvimento profissional no Brasil. Embora o nível de escolaridade das mulheres seja o Superior completo, grande parte delas exerce atividades no lar.

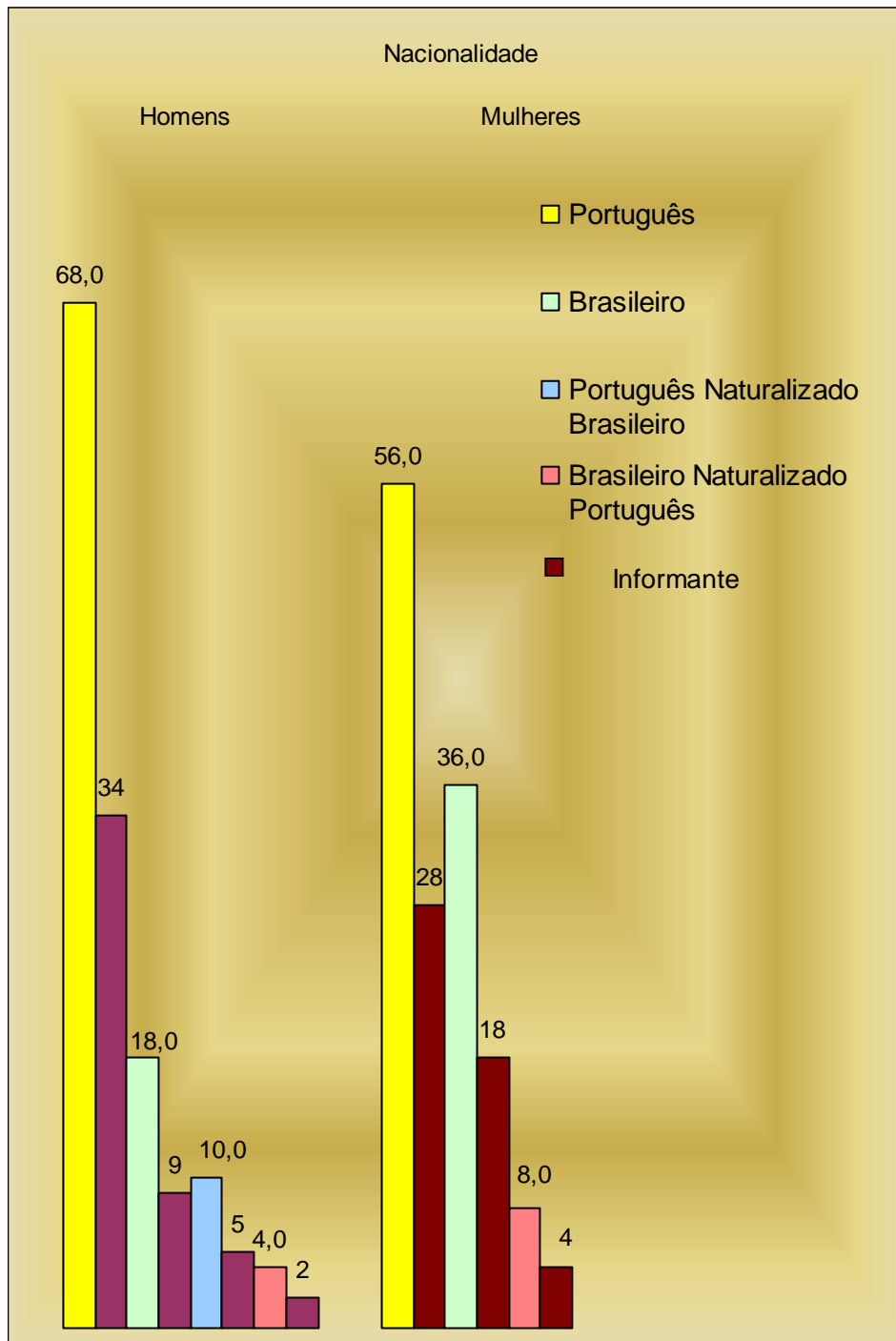
Durante o período de entrevistas, observamos que todos os entrevistados não se preocuparam em buscar outros nomes que não fossem os próprios para a identificação. Por isso, são destacadas as falas, utilizando como referência o nome de batismo.

Para discutirmos o tema temporalidade, buscamos subsídios em relação à vinda dos portugueses, nos tipos:

- aqueles que vieram ainda crianças e não mais voltaram definitivamente a Portugal;
- aqueles que vieram já adultos e não mais voltaram para morar em Portugal;
- aqueles que aqui nasceram, mas são descendentes de portugueses,

para estabelecermos as relações significativas com os espaços, promovendo a interpenetração dos espaços e tempos, ou até mesmo reconhecemos os conflitos individuais e sócio culturais.

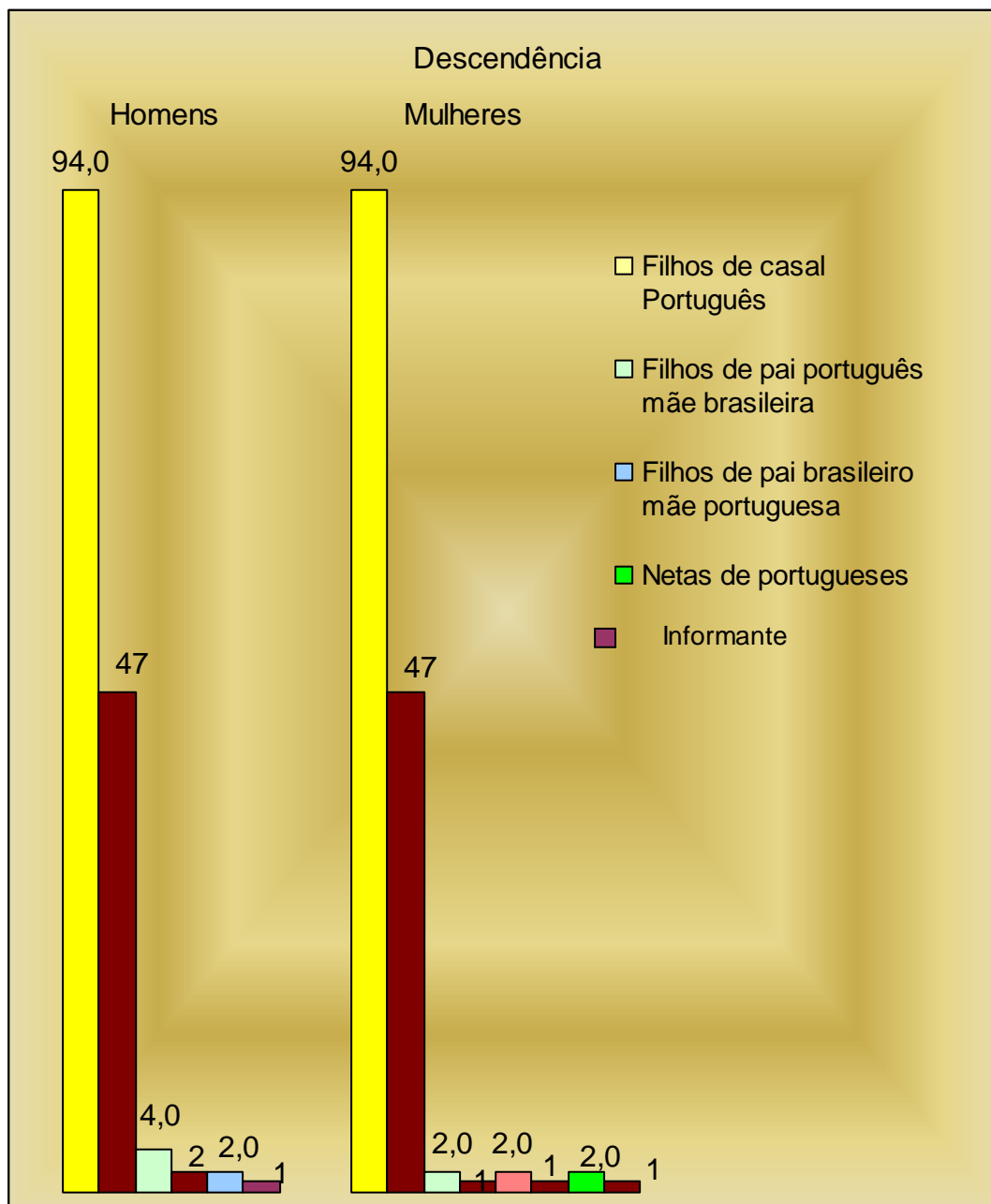
FIGURA 3- Gráfico da Nacionalidade dos Entrevistados



FONTE: entrevistas e dados coletados pela autora

Considerando a faixa etária dos entrevistados e a nacionalidade, verificamos que as pessoas indicadas pelos entrevistados são os “patrícios”, já que 68% dos homens são portugueses, e 56% das mulheres também.

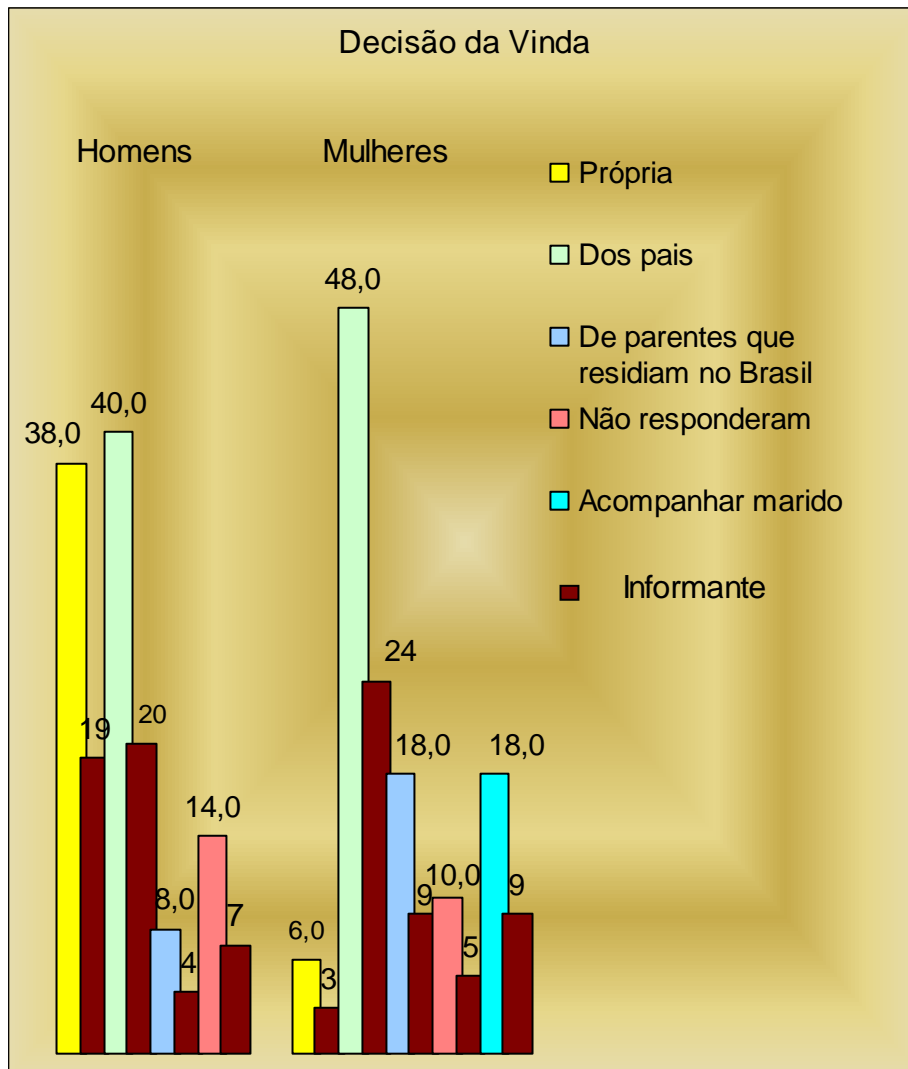
FIGURA 4- Gráfico da Descendência dos Entrevistados



FONTE: entrevistas e dados coletados pela autora

Além de os nativos em Portugal, interessou-nos também a descendência na mescla português(a) / brasileiro(a), para definir como aqui chegaram, por que vieram e quais as pretensões, como poderemos visualizar nas FIGURAS, a seguir:

FIGURA 5- Gráfico da Decisão da Vinda dos Portugueses



FONTE: entrevistas e dados coletados pela autora

Os portugueses, de ambos os sexos, vieram para o Brasil por decisão dos pais, após receberem a “Carta de Chamada”, mas os homens também vieram por conta própria. Obtivemos informações sobre a “Carta de Chamada”.

(01) E: O que era a Carta de Chamada?

I: Só podia vir com a Carta de Chamada que um parente se responsabilizava pela minha vinda. Como eu não tinha completado ainda 21 anos , que era a maioridade naquela época, eu só poderia vir com uma autorização do meu pai. Então eu vim , mas me teve a Carta de Chamada. Então eu

vim pra casa de um parente meu, então não tive qualquer dificuldade.

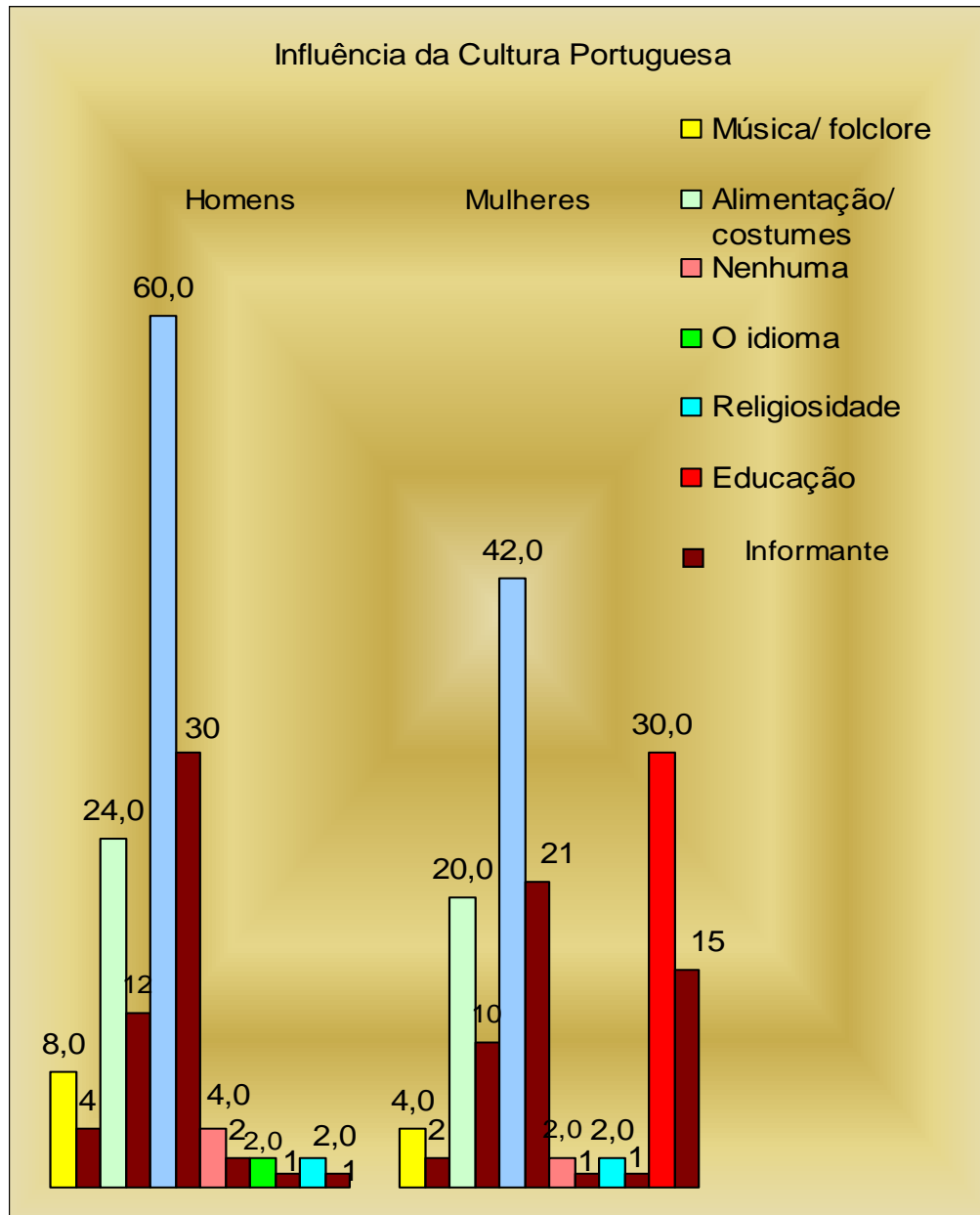
E: Era o governo português que liberava pra vir pra cá ou o governo brasileiro que decidia?

I: Não o governo português liberava a Carta de Chamada que ia passar pelo consulado. A pessoa que recebia a Carta de Chamada entrava no consulado do Brasil em Portugal, em Lisboa no caso, então era liberada. (Mário Rodrigues)

A influência da cultura portuguesa, nas entrevistas, foi observada pela religiosidade inculcada pelos familiares, quando os entrevistados ainda viviam em Portugal

(02)I: O meu tio, quando foi no segredo, ele estava lá. Ele viu tudo. Ele foi à Fátima, no milagre ele estava lá. Ele chegou lá, ele contava chorando. Chegou lá ele tirou os pecados dele todos. O pessoal com aquela... girava, girava e falava muita coisa. Disse que se ajoelhou e quando se ajoelhou viu o chão enxuto ... chovia torrencialmente ...e ele tava todo enxutinho. Ninguém tava molhado. Aí veio o sol e saiu a miragem de Fátima. Mas tinha muita gente. Portugal inteiro foi ver. Essas coisa são muito... muito... e a própria igreja fala. Só é canonizado quando fica provado o milagre. O índio, ele ajudava os leprosos, ninguém se aproximava deles e ele pediu a Nossa Senhora de Guadalupe para ajudar. E ela disse que vou te ajudar, mas quero que peças e tudo que eu pedir seja cumprido. Era a igreja que ela queria... lá de Guadalupe. E aí ela disse, um vai ficar bom, outro vai morrer. Então os índios tentaram se aproximar da igreja porque estavam doentes, acreditavam e começaram a entender que alguma coisa eles estavam fazendo por eles. Ali eles começaram a se converter, os índios , e dali a eles se converterem e ficar bons foi um passo. Houve a beatificação por causa disso. Agora a canonização foi uma senhora que estava muito doente e não tinha nada que desse jeito. Ela tinha um troço que médico nenhum dava jeito. E ela então prometeu que se ela ficasse boa que ia fazer tudo para trabalhar pra ele ser canonizado. Ela foi a Roma fez o pedido, veio a todos dizer a verdade, o milagre e aí aconteceu a canonização. A Nossa Senhora de Fátima de Guadalupe é que é a padroeira da América Latina. É ela... das Américas Latinas. Eu penso que Deus de vez em quando diz vai devagar.(Tereza)

FIGURA 6- Gráfico da Influência da Cultura Portuguesa sobre os Entrevistados



FONTE: entrevistas e dados coletados pela autora

No Brasil, especialmente em Niterói, os portugueses mantêm as relações de cordialidade entre eles, freqüentando o “Clube do Bacalhau”, uma academia, com a finalidade de reunir portugueses. Segundo o informante Manoel Alves:

(03) I: Existe o Clube Rotariano, fundado por Paul Rales, e a Academia do Bacalhau foi fundada em Portugal. Hoje tem em vários países e se reúnem uma vez por mês, tem então aquele ritual, existe o ritual do vinho. É uma reunião de confraternização para comer o bacalhau, múltiplos assuntos, mais social, reunião de família, porque vão as famílias, comparecem todos, não vai o cidadão por obrigação, lá vai quem quer, não tem sede, é itinerante, (...) sobrevive por isso. O dia que funda, fazer uma diretoria, tem um presidente, colaboradores, como a academia do bacalhau, agora já mudou, é o Peixe, ficou no lugar de Tomasinho. Então eu acho muito interessantes essas reuniões, é a confraternização, não almocei em casa, almoço lá, bacalhau de alto nível, é o vinho, e não tem isso, cada um paga o seu. (Manoel Alves)

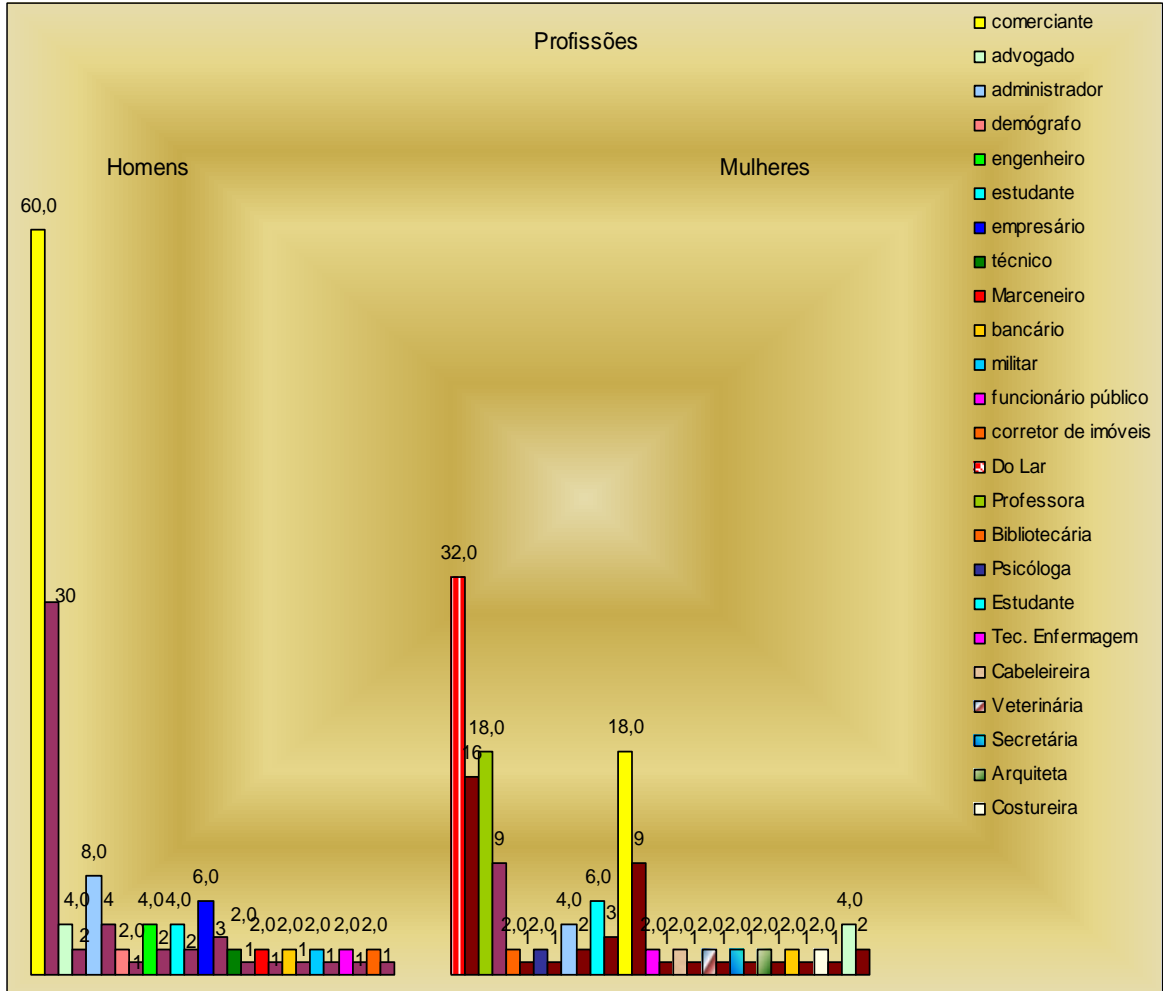
Além disso, os portugueses mantêm o Centro da Comunidade Luso-Brasileira do Estado do Rio de Janeiro. Entrevistamos a Senhora ANA REBELO RANHADO, 2ª Secretária e Relações Públicas do Centro da Comunidade Luso-Brasileira do Estado do Rio de Janeiro, para obtermos algumas informações sobre esta Comunidade.

(04) E: O que vem a ser esta comunidade?

I: É uma Instituição Cultural só com para este fim de preservar a memória, as raízes, a História de Portugal e no Brasil e mais especificamente em Niterói. (...) nós temos vários eventos durante o ano, em datas específicas. (...) nós temos aqui na... na cidade, alguns monumentos construídos, a maioria, pelo Centro. (...) locais aonde existe bustos, datas, homenageando, até então, no momento, só homenageando pessoas, figuras da história portuguesa. (Ana Ranhado)

A Comunidade mantém praças, realiza solenidades cívicas, em que comparecem Ranchos, representantes dos clubes e portugueses radicados no Brasil. Existem também contratos firmados entre a Prefeitura e a Secretaria de Cultura e outros órgãos, e obras executadas pela Comunidade Luso-Brasileira

FIGURA 7- Gráfico da Profissão dos Entrevistados



FONTE: entrevistas e dados coletados pela autora

A maioria dos entrevistados do sexo masculino é comerciante, cuja vinda para o Brasil para tentar trabalho e, conseqüentemente, uma vida melhor, ocorreu por um sentimento ilusório/ curiosidade e por motivos políticos, na época de Salazar (FIGURA 8). Os fatos e os actantes implicados são narrados num período afastado do instante enunciativo, obtendo um efeito de

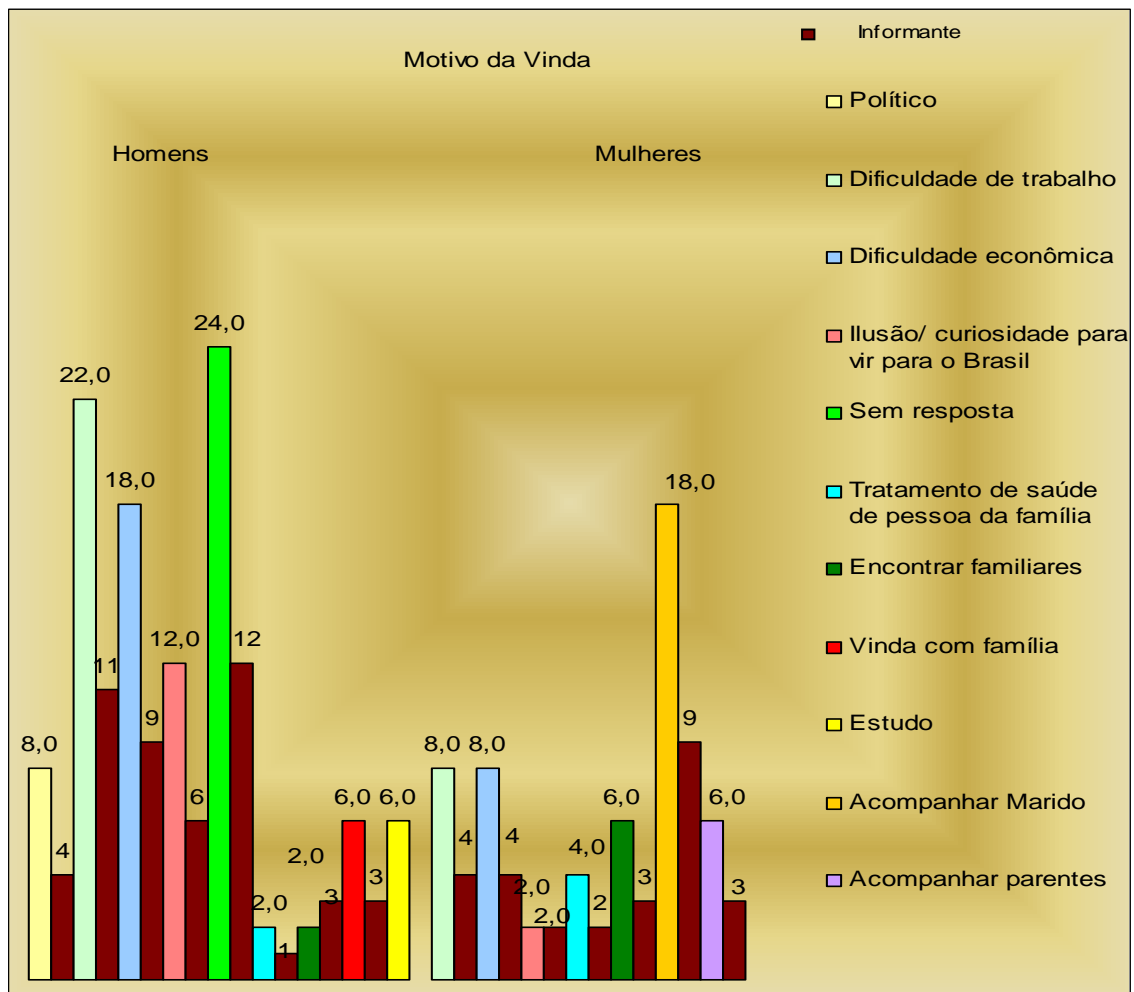
presentificação da cena¹¹. O sentimento vivido pelo sujeito e a decisão tomada

¹¹ Este fazer pragmático define ações e qualificações dos actantes, a necessidade de um fazer cognitivo.

pelo actante principal são gerados pela dimensão cognitiva, como observados em (05):

(05) I: Lá não tínhamos meios de trabalho, trabalhávamos numa Quinta, o meu pai e minha mãe com 11 filhos, então eu tive que vir para qui pra melhorar na vida, né? Porque lá era muito difícil naquela época. (José Coelho).

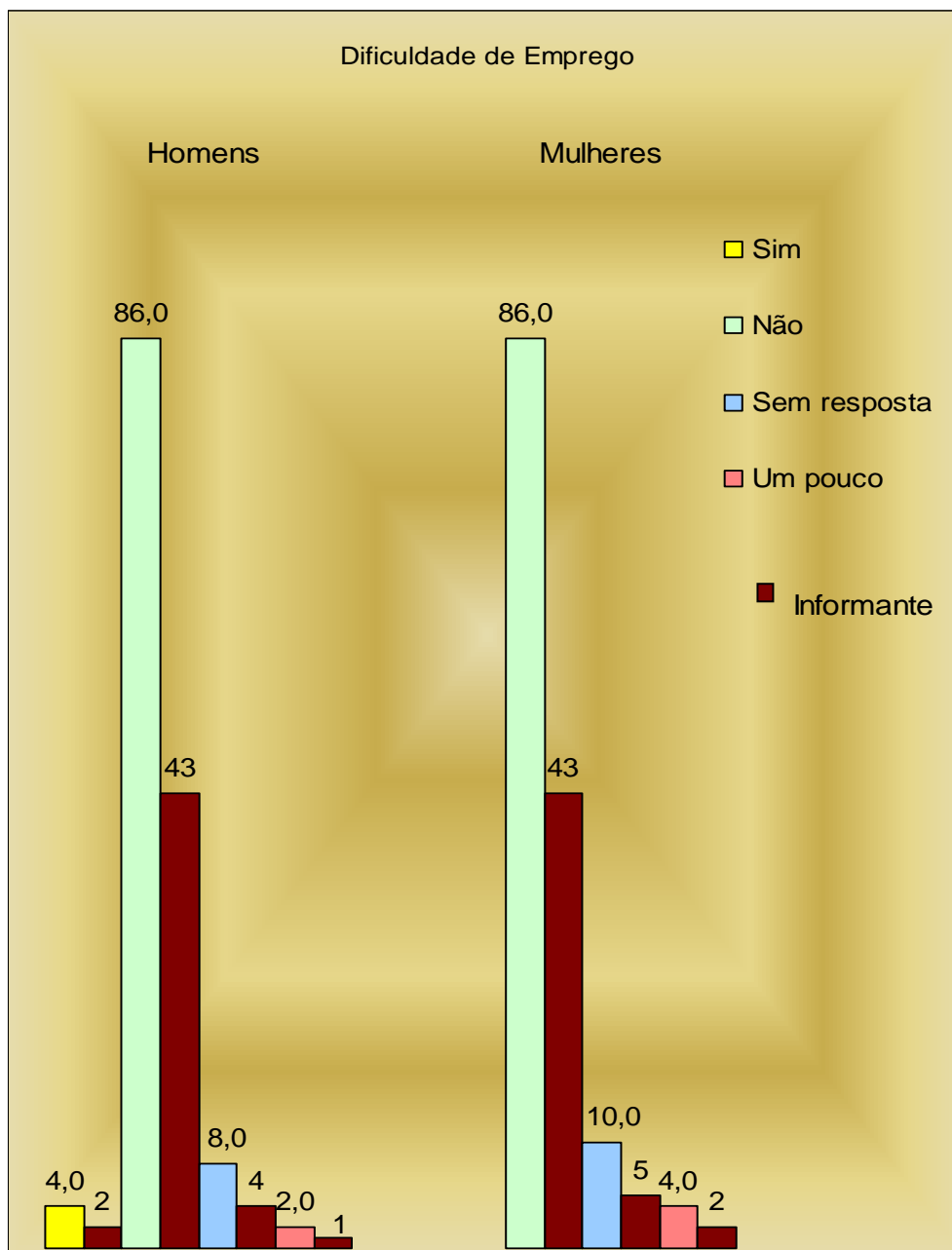
FIGURA 8- Gráfico do Motivo da Vinda dos Entrevistados



FONTE: entrevistas e dados coletados pela autora

Embora a esse item a maioria não tenha respondido, o motivo da vinda dos homens foi de ordem econômica, e das mulheres, o acompanhamento a familiares e marido.

FIGURA 9- Gráfico da Dificuldade de Emprego no Brasil pelos entrevistados



FONTE: entrevistas e dados coletados pela autor

Os parentes e amigos que aqui residiam indicavam comerciantes já estabelecidos, o que os facilitava a busca de emprego pelos recém-chegados.

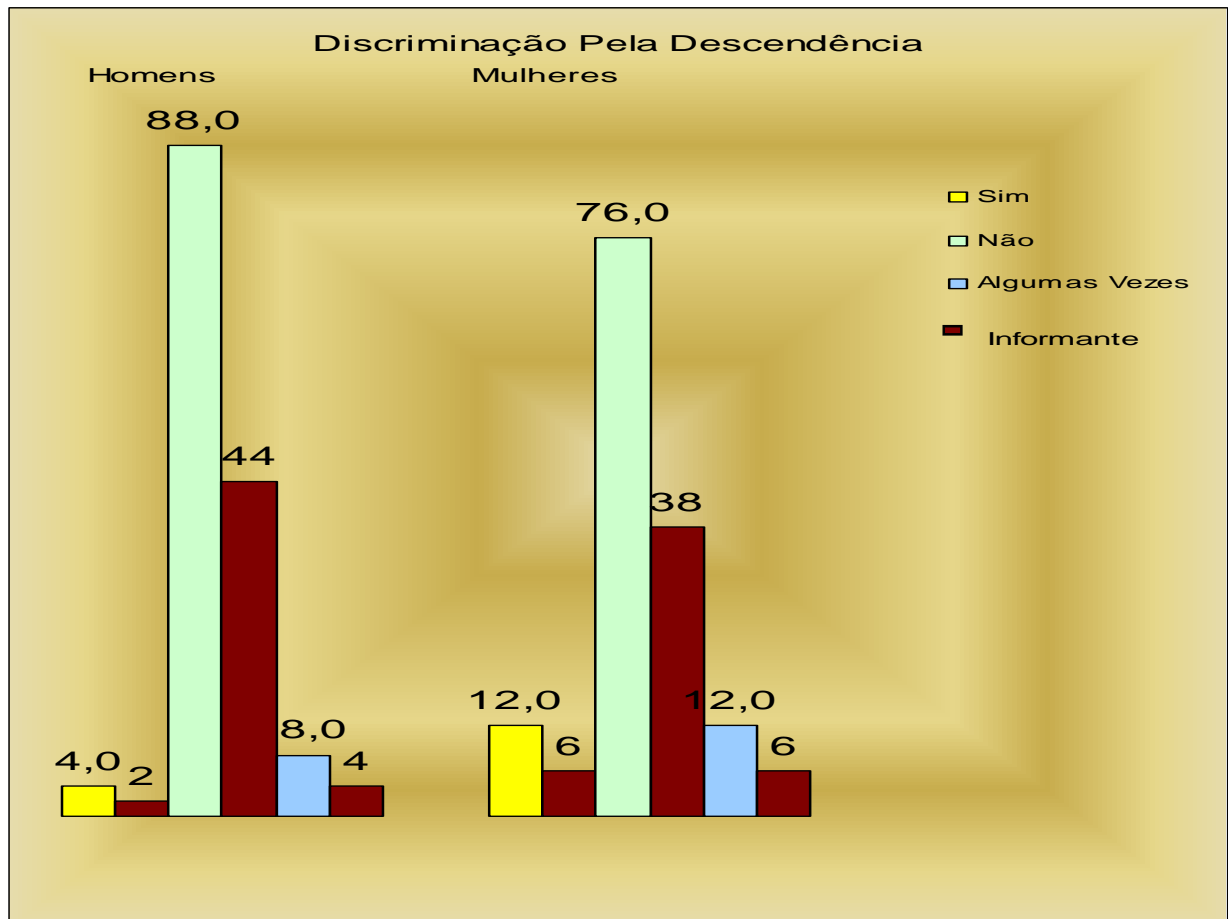
(06) E: O senhor teve dificuldade em procurar emprego?

I: Não, quando eu vim pra cá os meus familiares já eram estabelecidos e tal... nunca. Só tava ali, foi o começo, morava com parentes, depois fui logo trabalhar por conta própria.
(Firmino)

Mesmo por motivos diferentes, a maioria não se sentiu discriminada no Brasil (07).

(07) I: Não, não. Tem lá umas piadinhas, mas isso faz parte do folclore brasileiro, entre brasileiro entre o Brasil. entre o brasileiro e o português, mas. discriminação eu nunca tive não. (Celso)

FIGURA 10- Gráfico da Discriminação pela Descendência Portuguesa dos Entrevistados



FONTE: entrevistas e dados coletados pela autora

A grande maioria dos entrevistados relata que a discriminação, pelo fato de ser português, foi acabando com o passar dos anos, que “as mentes foram mudando”. Esta “mudança” aparece inclusive nos relatos dos filhos de portugueses. Será que o brasileiro foi-se tornando realmente menos preconceituoso ou será que os portugueses foram se adaptando ao Brasil e com o tempo foram se sentindo menos discriminados? Pelos relatos, podemos entender a ausência de discriminação e a adaptação ao espaço físico e cultural do Brasil, como pode ser visto em (08):

(08) I: Não, pelo contrário, aonde passo sou muito bem recebido. O pessoal aqui é hospitaleiro. Lá tem alguns que são meios desviados mas a maior parte aqui atende muito bem. (Augusto).

Quanto à permanência no Brasil ou a vontade de voltar a Portugal, a maioria pretende ficar no Brasil, pois aprecia o que há de bom neste País, observado pelas qualificações (09):

(09) I: As paisagens lindas que tem, principalmente o Rio de Janeiro, pra mim é a cidade mais linda no mundo. E todo o Estado do Rio. E de Minas também é muito lindo, o Brasil é maravilhoso, maravilhoso. Aqui é um sonho. (João) (grifos nossos)

Nestes trechos há a compatibilidade de conteúdo entre o indivíduo e o correspondente social (o país de escolha), em oposição ao espaço de origem (Portugal), provocada pelas disjunções do objeto (Portugal).

Também em (10), (11) e (12), observamos que não só a natureza é ressaltada mas também o povo, a cultura e o sistema político:

(10) E: O que mais aprecia no Brasil?

I: O povo alegre. (Felipe)

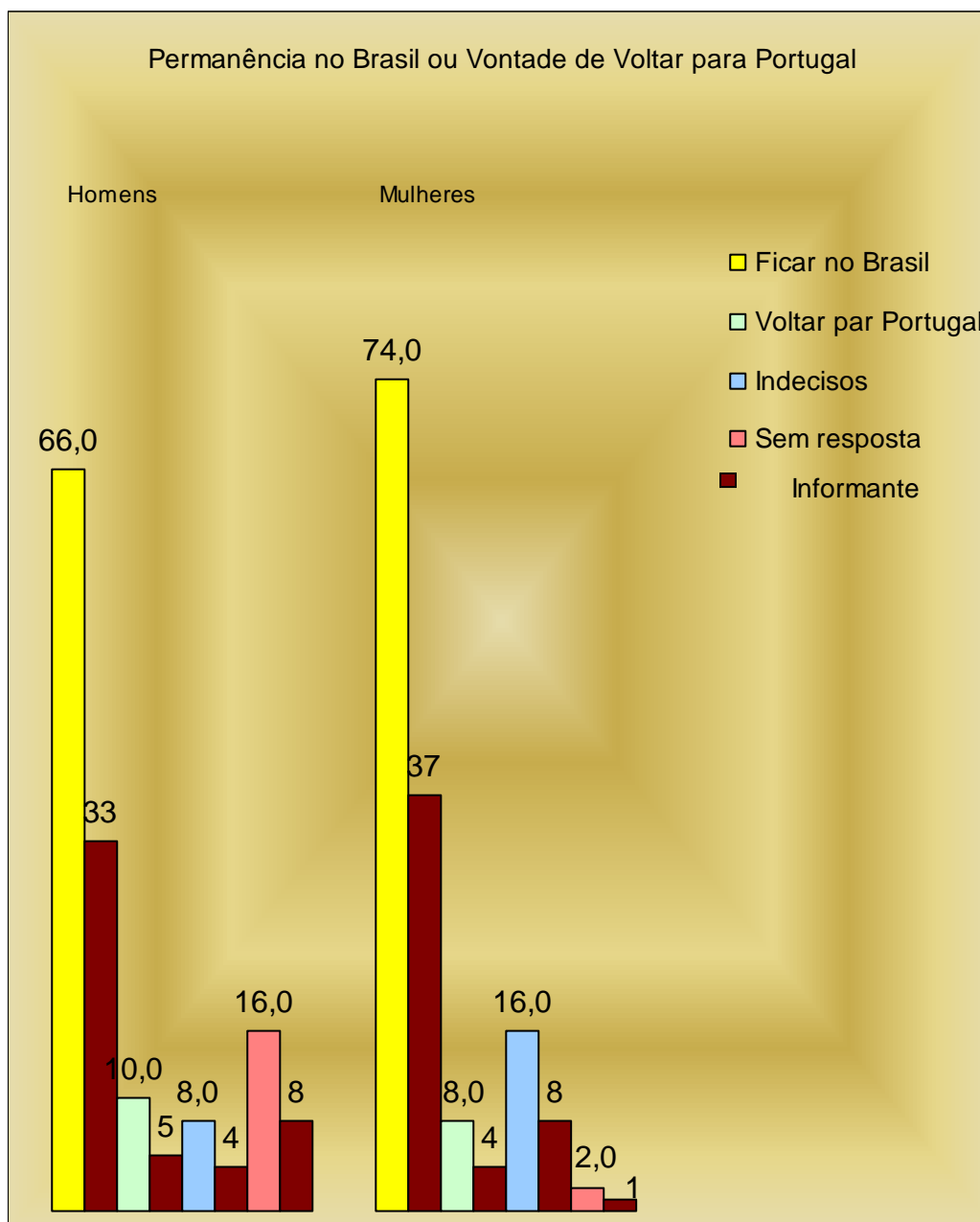
(11) E: O que mais aprecia no Brasil?

I: A cultura, esta mistificação Ah, é cultura, mistura de raça
(Sérgio Castelo)

(12) E: O que mais aprecia no Brasil?

I: A liberdade, a liberdade, a democracia. (Leonilde)

FIGURA 11- Gráfico da Permanência dos Entrevistados no Brasil ou Vontade de Voltar para Portugal



FONTE: entrevistas e dados coletados pela autora

Outras preferências são notadas na FIGURA 12:

FIGURA 12- Gráfico da Apreciação ao Brasil pelos Entrevistados

Erro! Vínculo não válido.

FONTE: entrevistas e dados coletados pela autora

Em relação à adaptação da Língua Portuguesa à falada no Brasil, os portugueses, nascidos em Portugal, sentiram dificuldades quanto à pronúncia das palavras e aos significados diferentes de alguns vocábulos. Em relação aos descendentes, não foram observadas dificuldades. Entretanto, à medida que os portugueses fazem parte do contexto sócio-cultural brasileiro, eles se adaptam aos usos da Língua, no Brasil. Depoimentos como (13) e (14) ratificam o dito.

(13) I: Não, porque no Brasil a única diferença é os Estados, o sotaque diferente, de uns para os outros. O resto é a mesma coisa, só que as pessoas, geralmente os portugueses, eles chegam aqui com mais... o tipo da palavra, mais explicado.

E: Como assim?

I: Por exemplo, por exemplo. Arroz é arroz. O professor, aqui mesmo no Brasil, não vai ensinar numa sala de aula, “butiquim”, é “butequim”, é o modo do sotaque. Nunca se escreve, no Brasil a maioria não escreve do jeito que fala. “Butiquim” é “butequim”, “leitchê” é “leite”, e outras coisas parecidas assim, mas, certo, a única diferença é essa. (Manoel Cerqueira)

Também em (14),

(14) I: E eu acho isso legal da juventude. Nós por exemplo temos a tradição que já não sai. Se eu sou portuguesa, sou portuguesa até morrer. É a nossa nacionalidade. Agora o sotaque infelizmente perde, não perde total. O português principalmente nato, ele não perde nunca o sotaque original. Mas se vem para o Brasil perde, como eu perdi muito. Agora não é mais a língua portuguesa, é brasileira. Eles lá não aceitam mais os portugueses que saem de lá e voltam. (Tereza)

O Senhor Manoel Cerqueira fez algumas referências ao Léxico, à Pronúncia e Sentidos na correspondência Brasil X Portugal. Ao saber que a

entrevista era sobre língua portuguesa e as diferenças do Português de Portugal e do Português do Brasil, o Sr. Manoel preparou uma lista de palavras. Nas colunas estão as palavras como as falamos e, ao lado, o modo como são faladas em Portugal:

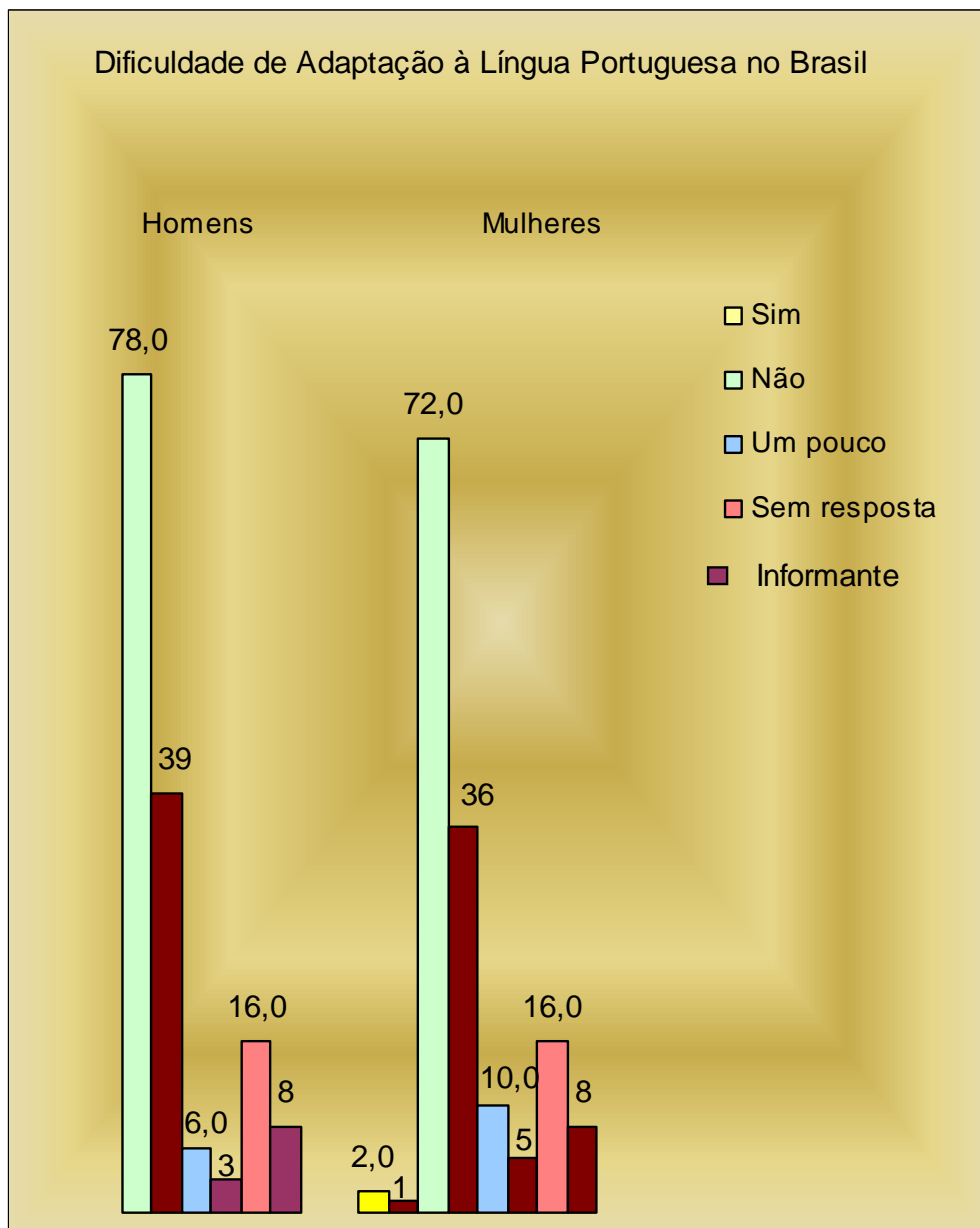
Brasil – Brasile	Truque – Taramela
Machucado – Trilhado	Dinheiro – Gaita ou Paus
Bêbado – Burracho	Falador – Regateiro
Maluco – Tolo	Ladrão – Gatuno
Fila – Bixa	Terno – Fato
Briga – Zaragata	Pijama – Seroulas
Discussão – Barulho	Borracheiro – Burracharia
Criança – Canalha	Óleo Diesel – Gasólio
Bronca – Ralhar	Ônibus – Carreira
Sanduíche – Prego	Besta, Van – Carrinha
Porção de Fritas – Taxas	Filé – Rabada
Botequim – Tasco	Rabada – Rabo
Mercearia – Venda	Carne Macia – Vitela
Chopp – Fino	Banheiro – Casa de Banho, Retrete
Adolescente – Cachopa ou Cachopo	Fósforo – Lume
Café da Manhã – Pequeno Almoço	Porta – Cancela
Almoço - Janta	Estrada – Auto-estrada
Lanche da Tarde – Menudo	Carro – Automóvel
Janta – Ceia	Edifício – Torre Alta
Balas – Rebuçados	Surdo – Mouco
Chiclete – Sumo	Camarada–Gajo
Tamanco – Socor	

O próprio modo de falar e a sensibilização para a variedade lingüística que flui da boca do outro identifica a variedade adequada a cada situação. Deste modo, a realidade do nativo foi preservada e neste primeiro

contato entre o cidadão e a sociedade não houve discriminações, nem mesmo quando são feitas piadas sobre o nativo português

A FIGURA 13 demonstra a adaptação à Língua Portuguesa do Brasil.

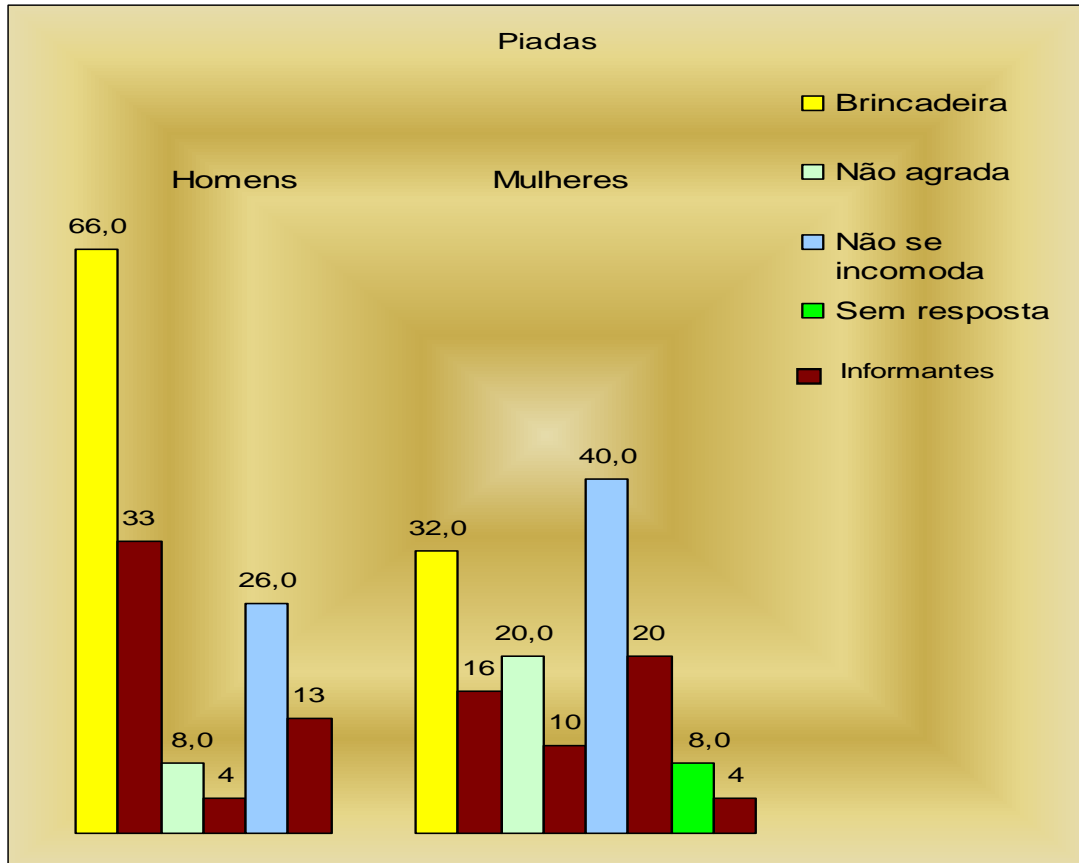
FIGURA 13- Gráfico da Dificuldade de Adaptação à Língua Portuguesa no Brasil pelos Entrevistados.



FONTE: entrevistas e dados coletados pela autora

Os entrevistados não tiveram dificuldades de comunicação com os brasileiros.

FIGURA 14- Gráfico da Reação dos Entrevistados às Piadas

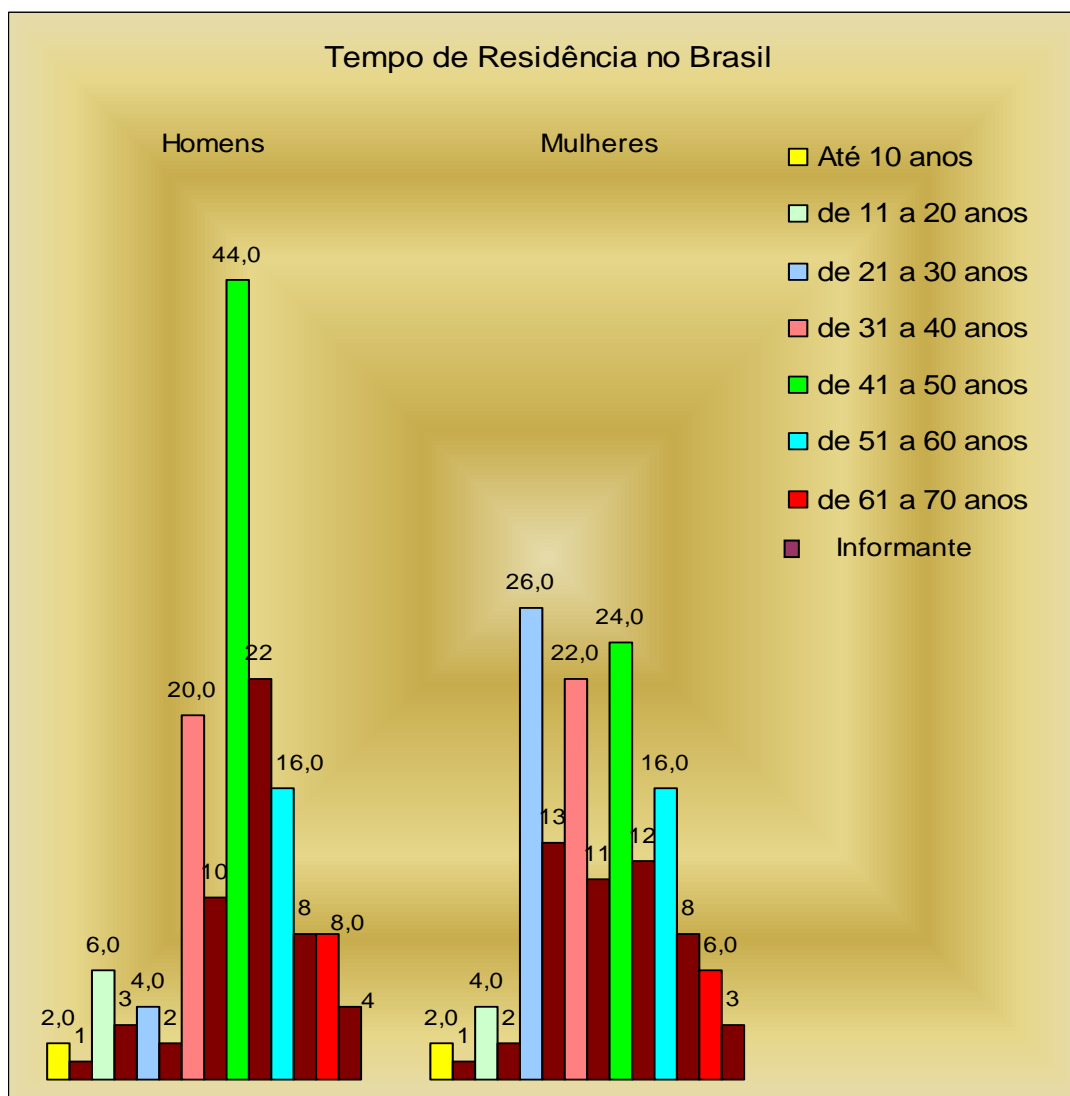


FONTE: entrevistas e dados coletados pela autora

A Língua Portuguesa do Brasil é uma extensão da língua vernácula, propiciando, assim, o intercâmbio entre as linguagens. Embora tenham saudade de Portugal, os portugueses reconhecem que no Brasil tiveram melhores oportunidades, por isso, pretendem permanecer neste País, lembrando-se dos seus familiares e dos locais onde viveram, expressos na temporalidade. A formação lingüística do cidadão numa sociedade democrática considera a língua adquirida em família o ponto de partida mais autêntico e fator de identidade.

Visto que a maioria dos portugueses está no Brasil há anos, conforme a FIGURA 15, há também motivos que os fazem permanecer aqui (FIGURA 16):

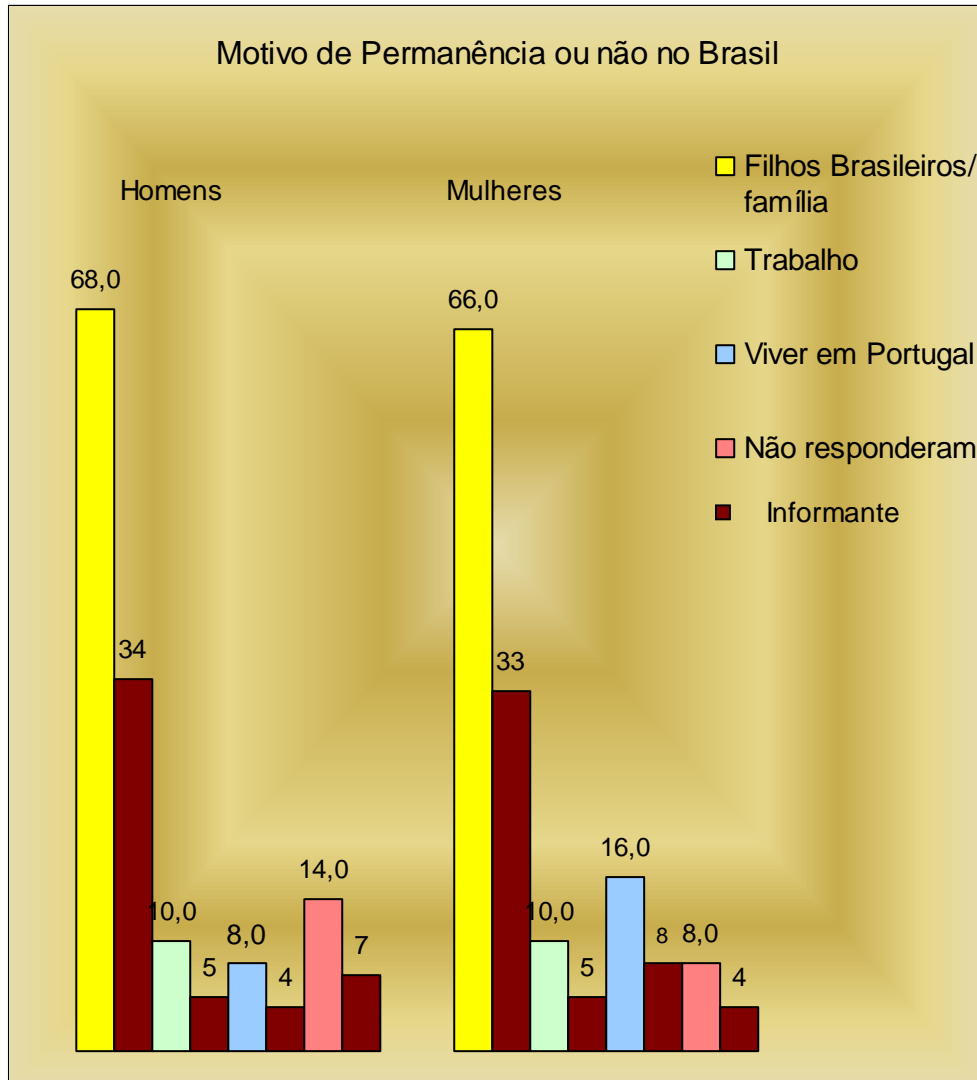
FIGURA 15- Gráfico do Tempo de Residência dos Entrevistados no Brasil



FONTE: entrevistas e dados coletados pela autora

Pelas temporalidades aqui vivenciadas, os portugueses sentem o Brasil como a sua segunda pátria.

FIGURA 16- Gráfico do Motivo de o Entrevistado Ficar no Brasil



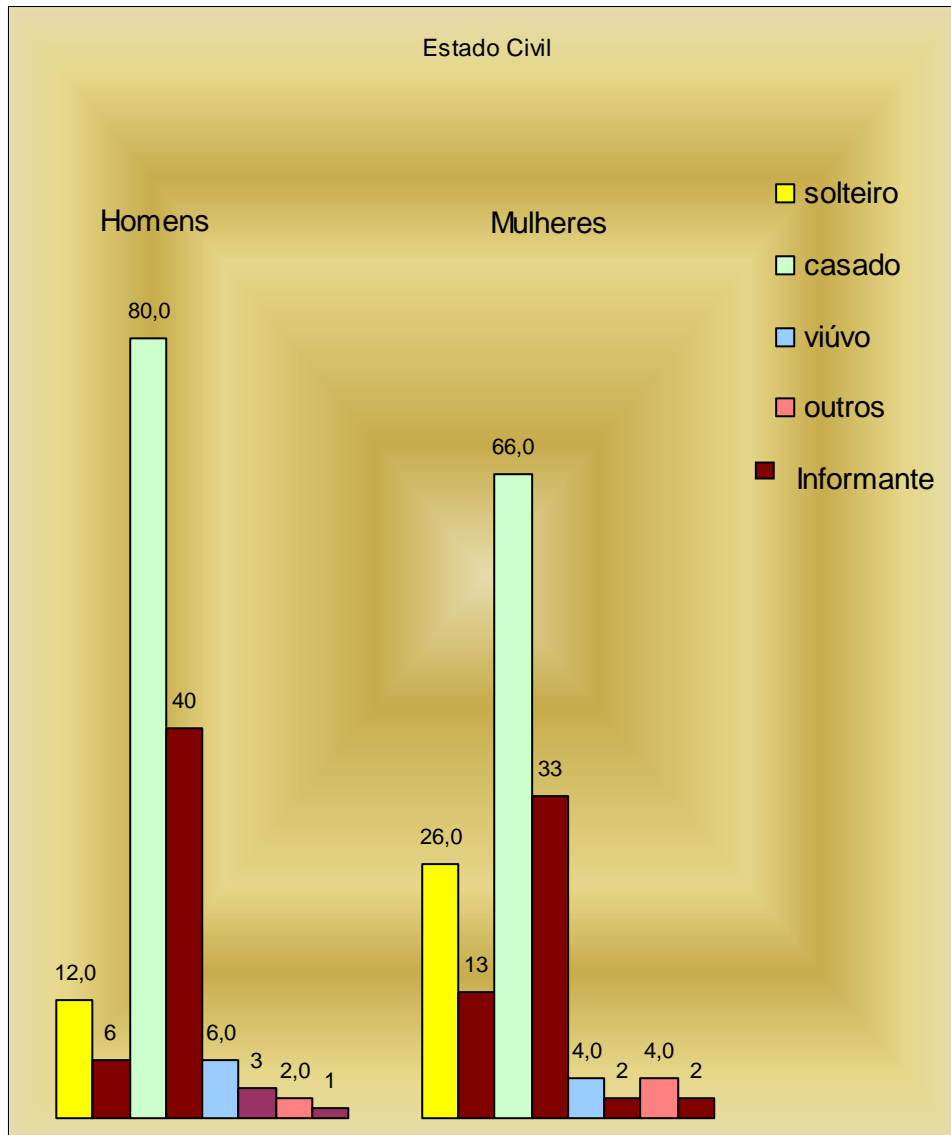
FONTE:entrevistas e dados coletados pela autora

Além disso, a grande maioria é casada (FIGURA 17), tem filhos e considera o custo de vida compatível com o modo de vivência (FIGURA 18), no Brasil.

(15) E: A senhora pretende permanecer no Brasil ou a senhora pretende voltar pra Portugal?

I: Não, não! Não, tenho netos, bisnetos, tudo aqui, vou pra Portugal? De maneira nenhuma! Pra visitar eu gostaria ainda de ir, mas assim não. Pra ficar de vez não.(Adelaide)

FIGURA 17- Gráfico do Estado Civil dos Entrevistados

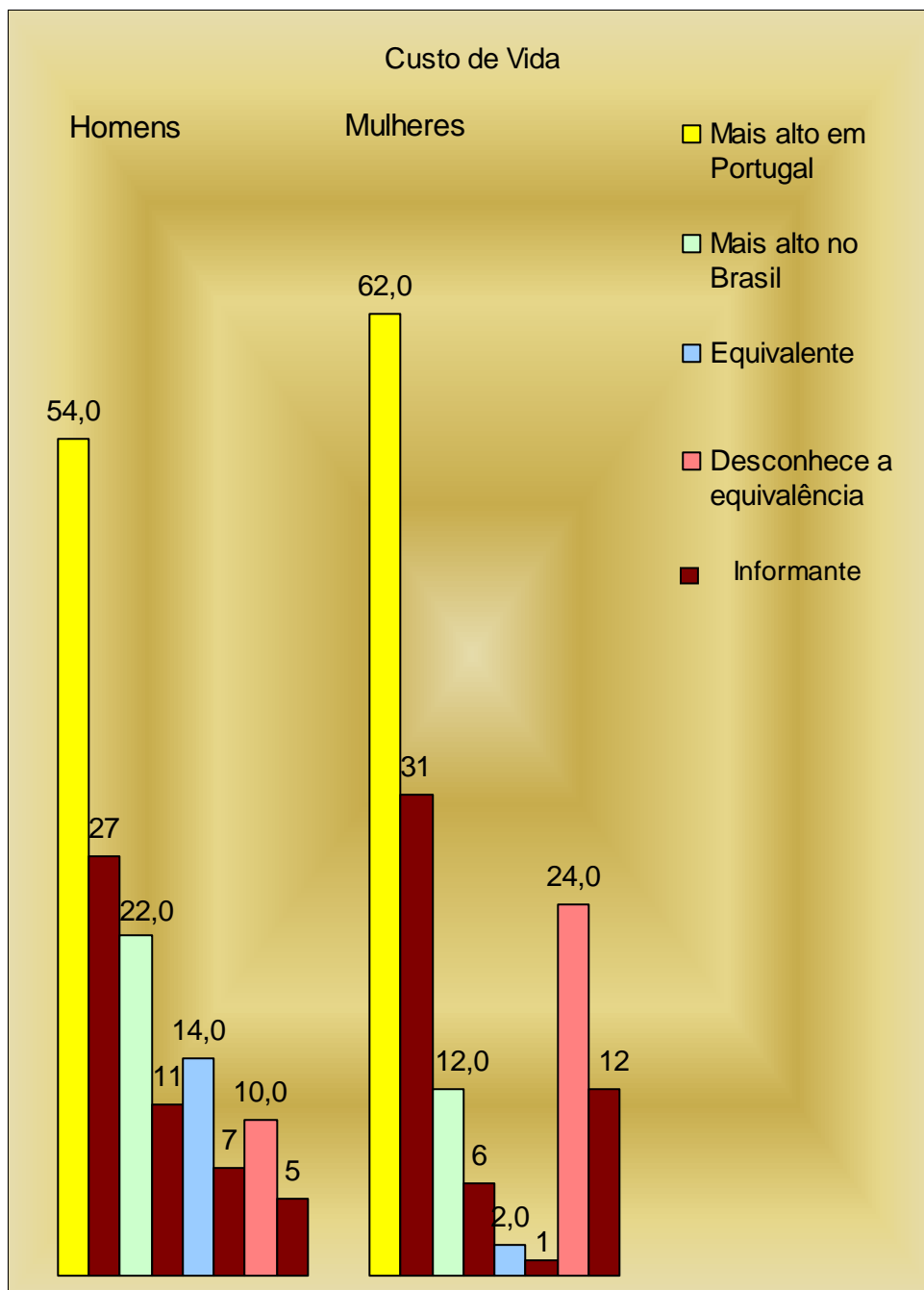


FONTE: entrevistas e dados coletados pela autora

(16) E: Você pretende permanecer no Brasil ou tem vontade de voltar para Portugal?

I: Não, eu pretendo viver o resto da minha vida no Brasil [...] das minhas filhas e dos meus netos porque eu adoro o Brasil.
(João)

FIGURA 18- Gráfico Comparativo do Custo de Vida no Brasil e em Portugal



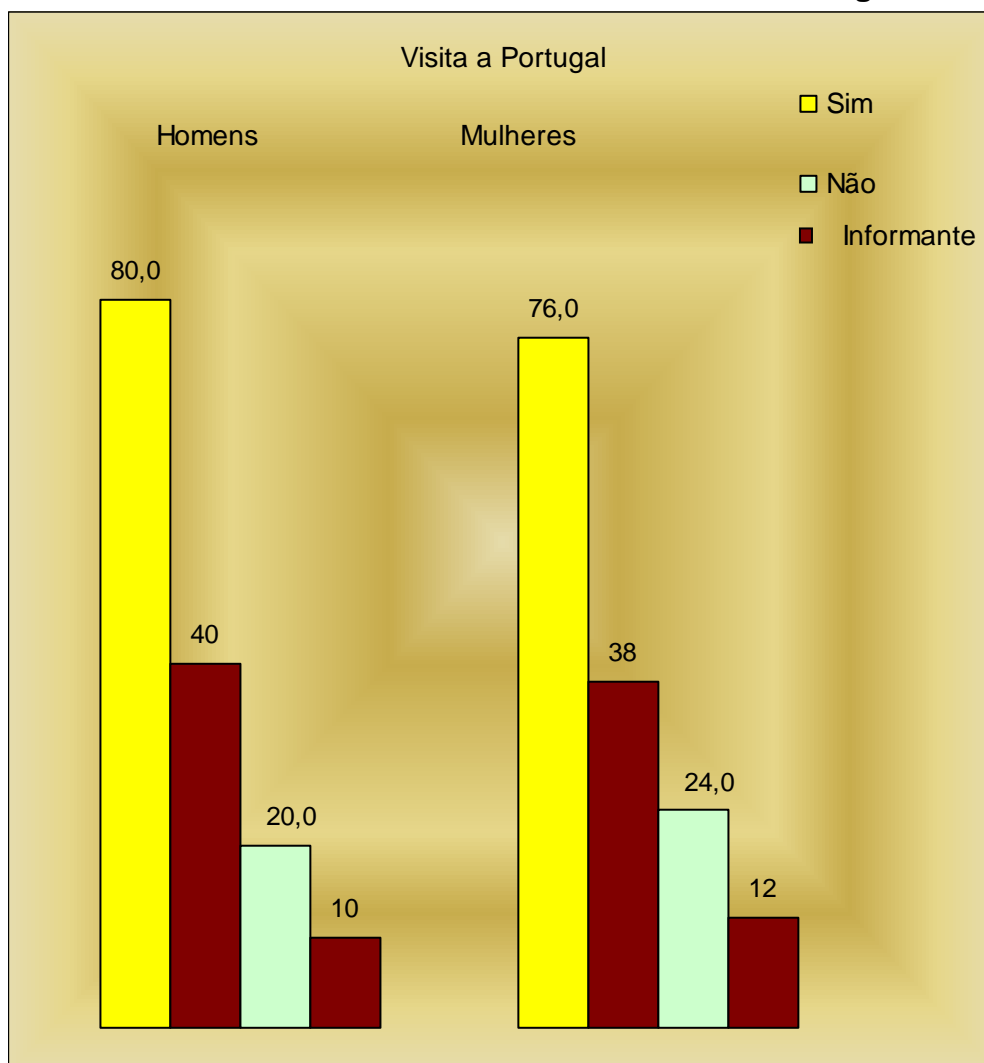
FONTE: entrevistas e dados coletados pela autora

(17) E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?

I: O custo do Brasil, eu sempre achei que a vida aqui sempre foi mais barata, mais facilidade de se comprar e mais barato do que em Portugal.(João)

Mesmo com essas referências ao Brasil, há portugueses que voltam à terra natal, bem como recebem familiares em sua terra de "adoção", o Brasil.

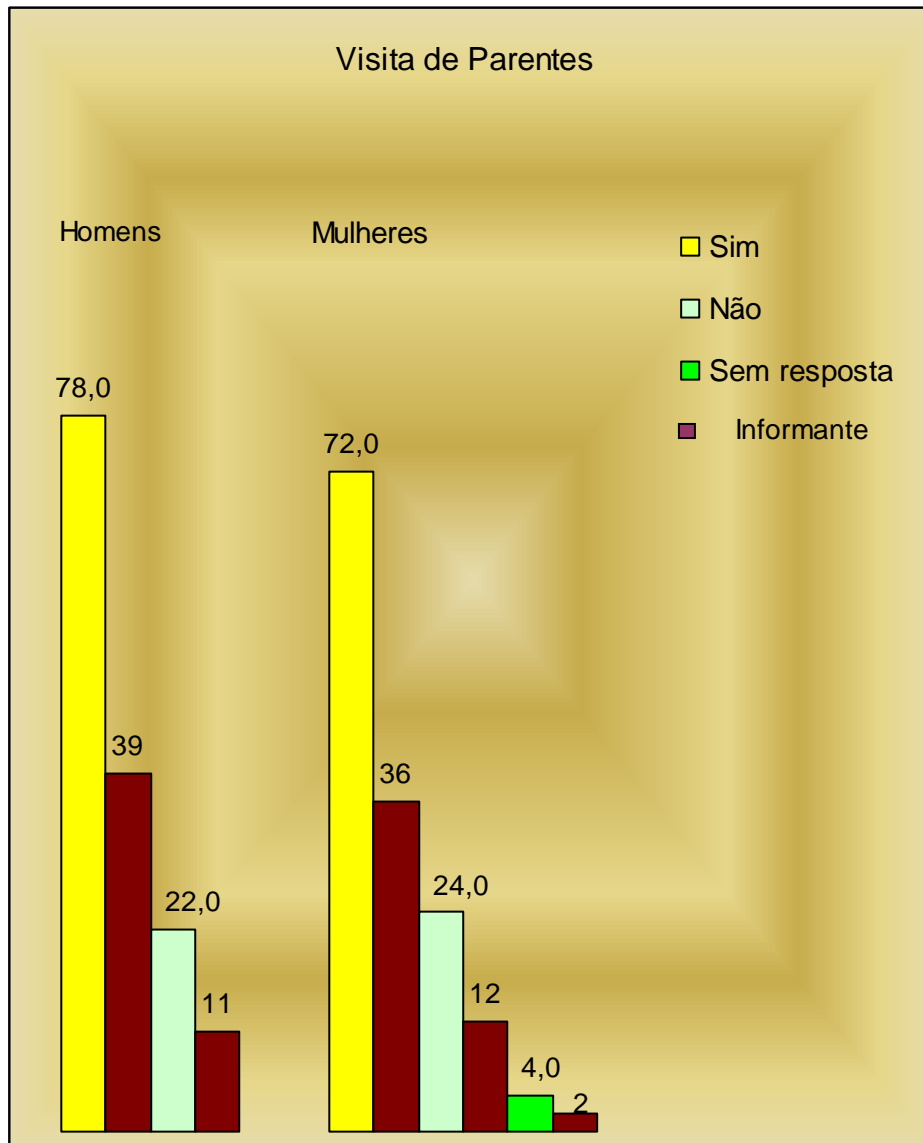
FIGURA 19- Gráfico da Visita dos Entrevistados a Portugal



FONTE: entrevistas e dados coletados pela autora

Quanto aos parentes, residentes em Portugal, muitos já vieram ao Brasil, com estada de até três meses.

FIGURA 20- Gráfico da Visita de Parentes dos Entrevistados ao Brasil



FONTE: entrevistas e dados coletados pela autora

Na ordenação dos fatos observados, formulamos as regras descritivas, anotadas as regularidades encontradas.

Propomos um arcabouço teórico da língua como atividade social em uma estrutura; a língua como uma atividade mental, mediante recortes variados da língua, de forma a abranger variedades de registros.

A conversação é uma atividade lingüística básica. Segundo Marcuschi (1986, p.14), “a conversação é a primeira das formas da linguagem a que estamos expostos e provavelmente a única da qual nunca abdicamos pela vida afora”.

Já Castilho diz que

a conversação enquanto objeto de estudos é uma combinação de elementos psico- sociais e lingüísticos, para cuja análise se requer a propositura de categorias processuais, pluridimensionais, não lineares, não excludentes, e portanto não susceptíveis de compor um quadro classificatório único” (CASTILHO, 2001, p.34).

A unidade de conversação é o turno. Turno é o segmento produzido por um falante com direito a voz. Dependendo da decisão do falante, um turno pode ser constituído de um item pré- lexical, uma palavra, um sintagma, uma sentença ou toda a unidade discursiva. Do ponto de vista mais pragmático, o turno é essencialmente uma prática social que pode ter uma expressão lingüística ou não.

Ao conversar, os interlocutores se envolvem em, pelo menos, três estratégias: a manutenção do turno, o “assalto” ao turno, e a passagem consentida de turno. Estas estratégias apontam para o Princípio de Projeção Interacional ou, como preferem Sacks- Schegloff- Jefferson (1974), uma

“habilidade de projetar o final de um turno e decidir sobre o momento de entrada na corrente da fala”. A competência comunicativa do falante desencadeia a conversação.

A manutenção do turno é a estratégia de quem está falando; já a passagem de turno se dá por “assalto de turno” ou por passagem consentida de turno. O assalto de turno é a estratégia do ouvinte. Segundo CASTILHO, vistas as coisas desse ângulo, a conversação reproduz a “luta pela vida”.

Quanto mais planejada a interação, tanto mais complexas são as UD's. A cada Tópico Conversacional (=assunto) corresponde uma UD, a UD, portanto, é a manifestação formal de um Tópico. Assim, Castilho estabelece: “a UD está para a LF, assim como o parágrafo está para a LE”. Entende o texto como “produto de uma interação” que pode ser do tipo “face-a-face” como na LF, ou do tipo interação “com um interlocutor invisível”, como na LE. Logo, esta dinâmica diz respeito a um tempo e espaço próprios, sendo levados em conta o emissor e o receptor, como veremos a seguir.

4 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

4.1 A Abordagem Tradicional

Utilizamos este subtítulo para ressaltar a contribuição dos estudiosos citados para a Gramática do texto. A partir deles, chegamos hoje a uma visão interativa do discurso.

Mattoso Câmara (1975) já argumentava sobre a necessidade de a língua ser realizada na frase, cujo emprego frasal designaria o valor lingüístico das palavras. Propunha, então, a interdependência entre a Morfologia e a Sintaxe. O fato de a Morfologia focalizar o valor lingüístico fora da enunciação, justificaria o emprego nas frases, já que a comunicação lingüística envolve muitas vezes o deslocamento de suas funções. *No Dicionário de Lingüística e Gramática* (1985, p.42 e 2004; v. advérbio), afirmou que os advérbios de natureza nominal servem para indicar posição no tempo, em relação ao momento em que se fala (agora, hoje, ontem, amanhã) ou a um momento focalizado (cedo, tarde, antes, depois), podendo ser os dois últimos também indicadores de espaço.

Em *Dispersos* (1975, p.66), Mattoso Câmara atentou para o fato de a oração coordenada, mesmo mantendo a sua individualidade, estabelecer a

dependência semântica com as outras orações no discurso, ou porções maiores de textos.

Serafim da Silva Neto (1986) destacou que “o entrosamento da frase faz-se por meio de conectivos”, mas, apesar das numerosas razões que parecem militar a favor da permanência deles - principalmente a maior estabilidade da morfologia -, o fato é que demonstram marcada tendência de perderem-se ou renovarem-se. Segundo este mestre, isto se explica principalmente porque o uso muito constante e repetido torna-os gastos e automáticos, o que só se opõe ao traço mais nítido das línguas, que é a permanente busca da força expressiva.

Já que as expressões lingüísticas não são propriamente intelectuais mas também afetivas, isto é, manejadas por seres que são inteligência e sentimento, a linguagem não se isenta de afetividade (MACEDO, 1987 e 1991). Corrobora com Vendryès: “(...) a expressão de uma idéia jamais está isenta de um matiz de sentimento”, e Galichet, que faz trocadilhos, dizendo que não se trata de expressões ilógicas, mas de outra lógica, a “psico-lógica”. Refere-se com esses aspectos, à “ordem inversa”, às “antecipações sintáticas” e “outras”. Estas considerações se aplicam, nos períodos subordinados, a toda inversão que o falante possa realizar, quer a do elemento na oração, quer da oração em relação a outra, dita “principal”.

A relação de dependência que se estabelece entre dois elementos que se articulam na estrutura dos elementos da frase da Língua Portuguesa é predominantemente “centrífuga”, pois os complementos e adjuntos do verbo e

do nome situam-se normalmente à direita destes. Embora essa ordem não seja rígida, apresenta mais alta freqüência (CARONE,1988), podendo, eventualmente, sofrer alterações, por motivos vários e diferentes efeitos. Lembra Martinet que denomina “expansão” um acréscimo que não altera a estrutura do quadro sintático a que se incorpora. Será expansão por subordinação aquela constituída por um elemento que tenha função sintática diferente da função do elemento preexistente com que se articula.

Segundo a autora, “na coordenação, os functivos são duas orações, e, na subordinação, são uma oração e um termo de oração” (CARONE, 1988, p.92). Deu destaque, portanto, ao caráter sintático da coordenação e da subordinação. Na obra *Subordinação e Coordenação: contrastes e confrontos* (idem, 1993, p.17) destacou a possibilidade de troca de elementos, na coordenação, por acréscimo ou supressão da conjunção. Quanto às subordinadas, considerou-as como instrumentos gramaticais que “miniaturizam” a oração com que se articulam, ou seja, projetam a oração por elas iniciadas em determinado ponto de outra.

Embora sob novo enfoque, Pontes (1992) não se afastou da análise tradicional. Propôs reformulação do conceito de tempo/ espaço com base semântica, mas afirmou que, ao examinar as palavras que denotam estas idéias, não pôde “deixar de lidar com questões sintáticas e diacrônicas, porque os fenômenos lingüísticos não se apresentam ao investigador separados, como a Lingüística pode fazer crer” (idem, p. 08). O espaço é o sentido básico e o sentido temporal é derivado metaforicamente da relação espacial. Avançou o

estudo sobre a diferença entre os advérbios de tempo, mas limitou o conceito de tempo ao conceito espacial.

Pesquisadores como Cunha & Cintra, Garcia, Bechara e Abreu apontam que as orações adverbiais devem encerrar idéias secundárias em relação à da “principal”, podendo em certos casos constituir uma circunstância indispensável à “eficácia comunicativa da principal”, numa estrutura em que o sentido não está numa das partes, mas no conjunto. A noção de foco é relevante para esta abordagem. O ponto de vista do falante é que vai determinar a escolha da idéia principal e a posição das orações no contexto, decorrendo do próprio contexto ou situação a conclusão a que se queira chegar.

Cunha & Cintra (1995) distinguem aspecto da categoria de tempo. Conceituam o aspecto como “uma categoria gramatical que manifesta o ponto de vista do qual o locutor considera a acção expressa pelo verbo”, além de incluírem valores semânticos pertinentes ao verbo e ao contexto. Apontam a dependência semântica nos períodos estruturados por subordinação, mas mantêm-se em exemplos descontextualizados. Cunha & Cintra ressaltam principalmente a dependência semântica nos períodos estruturados por subordinação. Em relação à coordenação, referem-se aos valores das conjunções e e mas no discurso.

Segundo Ilari (1997), ao estabelecer os valores dos morfemas de tempo nas orações subordinadas, as classificações tradicionais são geralmente de pouca valia: a classificação tradicional não fornece pistas confiáveis sobre o

uso dos morfemas de tempo em orações subordinadas, já que este pode diferir, entre subordinadas de um mesmo tipo, conforme o verbo regente. As propriedades lexicais dos verbos regentes correspondem a propriedades sintáticas das orações subordinadas apenas de maneira precária. Para identificarmos a noção de temporalidade em Português, não podemos deixar de considerar que são relevantes tanto a expressão lingüística de tempo, reconhecida aqui como as expressões e construções relevantes para a interpretação temporal, isto é, o tipo de adjuntos adverbiais, quanto o tempo cronológico (TC) em suas relações de simultaneidade, anterioridade e posterioridade.

Cereja & Magalhães (2000, p.172) apresentam as estruturas de tempo (advérbios), indicando que “recebem a denominação das circunstâncias ou dos valores semânticos que expressam”. Na seção Semântica e Interação ressaltam o valor do advérbio:

Se o verbo é a síntese das ações do homem sobre a realidade, o advérbio é responsável pela precisão das circunstâncias em que ocorrem essas ações. Noções como tempo, lugar, causa, conseqüência, condição, etc., tornam os enunciados mais completos e precisos, aproximando-os da riqueza e diversidade dos fatos e das ações humanas” (idem, p.177).

Esses autores se preocupam com a textualidade, entendida como a apresentação da articulação de idéias (coerência) e articulação gramatical entre palavras, orações, frases e partes maiores do texto (coesão), com a linguagem e o significado expresso nas construções. Informação nova, relação

com os conhecimentos pré-existentes e facilitação para novas produções que se integram e interagem no cotidiano do falante. Consideram que o texto reflete a passagem do tempo e as influências nas fases da vida, relacionando o tempo no discurso, tanto em relação às pessoas do discurso quanto às idéias expressas e os valores semânticos nas orações adverbiais. Advertem que a oração principal, se isolada num só período, encerraria um enunciado aparentemente descabido. Só a condição expressa na subordinada adverbial temporal torna aceitável o enunciado contido na “principal”. Há uma situação global, uma estrutura, em que o sentido não está numa das partes, mas no conjunto. No entanto, a relevância da oração principal pode estar apenas num dos seus termos, invertendo-se a relação entre as duas orações, transformando a ‘principal’ em ‘subordinada’ e vice-versa. Mudando-se o ponto de vista, será alterado o teor da declaração. No *corpus* constituído, podemos comprovar o dito, como apontado em (18a) e (18b).

(18 a) I: Eu não ligo, eu finjo que nem escuto. Quando não me interessa, eu finjo que não escuto. (Maria da Conceição)

(18 b) E: Quantos Estados já visitou no Brasil?
I: Só São Paulo quando eu era muito pequeno. (Diego)

Se alterássemos a ordem em (18a), a relevância seria dada ao ato de escutar, porém em (18b) a infância teria a ênfase.

Quanto à organização do discurso, o falante articula as orações adverbiais temporais para guiar a atenção do leitor para a fala conseqüente ou conectar o material antecedente e o conseqüente, estabelecendo, assim, a coesão entre esses blocos, como em (19):

(19) E: Houve alguma dificuldade de adaptação à língua portuguesa do Brasil?

I: Não. Não houve muito não apesar que eu fui eu vim morar em Ipanema, **quando eu vim**, com alguma tia, tia Aminda, que me deu apoio e eu não tive contato assim com a portuguesada. Tanto é que eu sou Flamengo, eu não sou vascaíno porque eu não tive de início, eu não conheci português, então disse que português tinha que ser vascaíno. Então, mas como lá em Ipanema não tive aquela convivência, mas não teve dificuldade, não. (José Coelho)

Nesse exemplo, o elemento coesivo QUANDO apresenta-se em referência a dois fatos. No primeiro (a dificuldade de adaptação à língua aqui falada), em posição final; no segundo, em posição inicial (a referência à tia que lhe deu apoio), estabelecendo uma relação discursiva entre o material precedente e o procedente.

Também envolvem a capacidade de interpretabilidade da fala anterior. Ela, a oração adverbial, como se limita a complementar um enunciado, não funciona, desta forma, como um organizador discursivo. Assim sendo, a oração temporal em posição inicial carrega uma carga semântica maior do que a oração temporal posposta.

Também Sarmiento (2000) apresenta o conteúdo gramatical contextualizado, indicando o adjunto adverbial de tempo como um termo relacionado ao verbo. Atribui à subordinação o caráter dependente ou de sentido incompleto, justificando a classificação das orações subordinadas adverbiais de acordo com o sentido ou valor semântico da conjunção subordinativa que as introduz. Quanto àquelas que expressam a circunstância

de tempo, relaciona-as apenas ao fato mencionado na oração principal. Vemos, então, que a análise se restringe à frase.

Garcia (2000) aponta o papel secundário da oração circunstancial de tempo, mas ressalva que em certos casos a circunstância é indispensável à eficácia comunicativa em estruturas cujos sentidos não estejam em só uma parte, mas no conjunto. A possibilidade de mudança de foco, dando nova estrutura ao período, acarretaria nova perspectiva das idéias principais. Na língua falada a situação impõe a ordem dos termos das orações, embora haja recomendações de que se coloquem, sempre que possível, nas extremidades do período, os termos ou orações a que se queira dar maior relevo.

Infante (2001), no cap. 20, p.339-341, sobre “*Morfologia*”, afirma a relação estabelecida entre o verbo e o advérbio nas orações. Segundo ele, “o advérbio é, basicamente, a palavra capaz de caracterizar o processo verbal, indicando circunstâncias em que esse processo se desenvolve”. Apontando como função básica dos advérbios a relação com os verbos da língua, para caracterizar os processos expressos pelos verbos, sugere finalidades descritivas¹² e a tradução da subjetividade de quem observa o processo verbal, em relação aos sentimentos e “julgamentos de valor”¹³.

(20) E:O seu pai vai sempre a Portugal?

I: Ia muito, **mas agora com a atual conjuntura econômica** tá mais complicado. (Luis Henrique)

¹² Os advérbios relacionados ao verbo representam objetivamente os dados da realidade.

¹³ O advérbio deixa de ter papel descritivo e passa a traduzir sentimento e julgamento de quem fala ou escreve.

(21) I: Vou te emprestar ao mesmo juro que o banco me paga.
Naturalmente era um juro baixo, 1% ao mês. (Lucio)

Em (20), o falante se refere à realidade (nesta época); já em (21), o falante traduz o julgamento sobre as taxas bancárias.

Na classificação dos advérbios de tempo cita alguns, fazendo a seguir a referência a que a “freqüência” é uma subdivisão da circunstância de tempo. Acrescenta que as orações temporais adquirem grande importância, não só para a articulação adequada dos fatos, mas também das idéias. Já no capítulo sobre a “*Sintaxe*” menciona a noção temporal em orações adverbiais temporais, cujo objetivo é de exprimir “fatos simultâneos, anteriores ou posteriores ao fato expresso na oração principal, localizando-o no tempo” (idem, p. 513). Dizendo apenas isto, novamente indica as conjunções e as locuções conjuntivas mais utilizadas. Embora repita formas de produção da temporalidade, observa que é importante interpretar o seu uso e não rotulá-la por meio da decoreba (grifo nosso). Indica que o uso efetivo das estruturas lingüísticas deve ser considerado na construção de frases. Dependendo do contexto, a oração terá, também, um valor temporal diferente. Para exemplificar a proposição, indica a análise de oração com o emprego da locução “sem que”. Observamos a falta de comentários, após a apresentação dos exemplos. No entanto, quanto à produção de textos, indica que o estudo das orações adverbiais “é um poderoso instrumento para a interpretação e a construção de textos narrativos e dissertativos”, pois “permite o desenvolvimento mais coerente de seqüência de fatos e de procedimentos argumentativos”.

Bechara (2002) classifica as orações que exercem funções da natureza do advérbio em dois grupos: 1º) as subordinadas adverbiais propriamente ditas: as que exprimem as noções de tempo, lugar e modo, causa, concessão, condição e fim; 2º) as subordinadas comparativas e consecutivas. No primeiro grupo encaixa as adverbiais que exercem função própria de advérbio (adjunto ou determinante circunstancial), não necessário gramaticalmente do núcleo verbal; no segundo, destaca o caráter de adjunto, de termo não-argumental, que se manifesta pelo fato de poder ser eliminada a oração subordinada, sem interferência de sentido da oração anterior. Trata a conjunção subordinativa como um transpositor de um enunciado que passa a uma função de palavra, portanto, de nível inferior dentro das camadas de estruturação gramatical. Considera a oração subordinada como oração degradada (ao nível da palavra), que exerce a função sintática própria do advérbio. Admite que nem sempre o sentido principal está na oração principal, além de ressaltar a coocorrência de subordinadas, ligadas a uma principal, se as orações exercerem a mesma função. Em obra anterior (1999, p.48) fala sobre a equivalência gramatical dos elementos coordenados e do valor funcional equivalente no mesmo enunciado. Entendendo por “circunstância” qualquer particularidade que determina um fato, ampliando a informação nele contida, a oração adverbial serve não só como complementação de um fato, mas também como um elemento que acrescenta dados necessários à significação do texto.

As Gramáticas Escolares da Língua Portuguesa, embora identifiquem a oração temporal em posições diferentes (inicial X final), nos períodos compostos por subordinação, além de nomear as conjunções que denotam tempo e captação das idéias, isto é, em relação a tempo anterior, posterior e simultâneo, tratam, de maneira geral, o fenômeno da temporalidade como uma estrutura sintática. Mesmo ressaltando as possibilidades de sentido das orações temporais, limitam-se a considerar a formação estrutural delas. Utilizamos aqui o termo Oração, seguindo a nomenclatura apontada por estudiosos como Bechara, Cunha e Cintra, e autores de gramáticas de Língua Portuguesa.

Nicola (2002), em "*Classificação das Palavras*", afirma que a seleção de palavras leva em conta o sentido que elas possuem e os diversos papéis que vão exercer dentro de um enunciado. Embora se refira ao sentido e ao enunciado, ratifica a observação de que o estudo das classes de palavras é dedicado à Morfologia, como visto em outros compêndios. Assim sendo, enfatiza a forma que as palavras apresentam, lembrando que há formas idênticas, mas pertencentes a classes gramaticais diferentes (idem, p.170). Quanto aos advérbios, indica que alargam (este foi o verbo utilizado pelo autor) as informações apresentadas pelo verbo, acrescentando-lhe a circunstância em que o processo ocorreu, isto é, precisando o momento, o lugar e como ele ocorreu. Acrescenta que o sentido de vários advérbios só é depreendido pela situação comunicativa (p.177), dependendo da interação entre os interlocutores. Embora o autor se firme no discurso, não estende o assunto.

Cipro Neto e Infante (2003) atribuem ao advérbio o “papel básico” de relacionar-se com o verbo. Listam advérbios e locuções adverbiais que indicam tempo, assim como as conjunções e locuções conjuntivas temporais. Quanto às orações adverbiais temporais, mencionam que elas exprimem fatos simultâneos, anteriores ou posteriores ao fato expresso na oração principal, marcando o tempo em que se realizam.

Proença Filho (2003) afirma que o adjunto adverbial “mobiliza” o verbo, acrescentando circunstâncias ao fato nele expresso. Podem ser representadas por um advérbio, por uma locução adverbial, ou mesmo por uma oração adverbial. Classifica os tipos de orações, mas não estabelece a informação que veiculam no discurso. Portanto, segue as instruções das GTs.

Em publicação recente, Abreu (2004) utiliza o termo “operadores argumentativos” aos tradicionalmente nomeados conectivos. Utiliza a teoria segundo as correntes da lingüística textual e da pragmática, aplicadas à gramática do texto e à construção do discurso. A coesão e a coerência do texto se constituem, assim, em fatores que contribuem com a funcionalidade da língua no processo argumentativo.

Sabemos que na LF a situação impõe a ordem dos termos das orações e o ponto de vista do falante é determinante. A conclusão decorre do contexto em que se queira chegar. Por isso, haverá inversão da estrutura, quando o falante quiser mostrar uma mudança de ponto de vista, alterando, assim, o teor de alguma declaração anterior e nem sempre a noção de tempo estará correlacionada à de espaço.

Essas considerações são ratificadas pelos autores no tratamento ao Período Composto por Subordinação. Admitem que a oração subordinada “não passa de simples termo da primeira”. Por esse motivo, a primeira oração é chamada de “principal” e a segunda, secundária ou subordinada. Lembram que o período composto por subordinação pode ter duas ou mais orações, porém o que mais importa é que as orações se apresentem ligadas pelo processo: principal + subordinada.

Assim, as gramáticas da Língua Portuguesa, em geral, consideram a noção de temporalidade em termos estruturais. Alguns autores como Cunha & Cintra (1995), Bechara (1999, 2002), Garcia (2000) e Abreu (2004) se preocupam com as relações significativas entre as orações no texto. Acreditamos que os autores citados aprofundam as teorias e as exemplificam, visando à compreensão do leitor. O conhecimento da língua é internalizado a partir de atividades com a própria linguagem, tecida nas relações sociais de interlocução.

Embora alguns autores de gramáticas pedagógicas destaquem o valor da expressividade da Oração Adverbial Temporal em posição inicial, há um consenso de que a informação mais relevante virá contida na Oração Principal. A inversão na ordenação sintática das orações não ampliaria ou modificaria o contexto em que elas fossem usadas.

As gramáticas tradicionais não propõem uma conexão entre o uso das circunstâncias, dos verbos e a intermediação dos aspectos e dos

espaços¹⁴. Além disso, não discutem o papel dos elementos de ligação na formação dos textos estruturados por coordenação, nem os sentidos que eles assumem diante da escolha. Também, por não atentarem às questões lingüístico-discursivas manifestadas no âmbito transfrástico e às particularidades das estruturas homônimas, não consideram as unidades articuladoras do discurso oral, denominando-as, simplesmente, advérbios.

No entanto, a partir do estudo lingüístico, verificamos que a oração adverbial temporal, sob o ponto de vista semântico, carrega em si informações relacionadas tanto ao contexto anterior quanto ao posterior, permitindo a ampliação do co-texto ou a modificação do mesmo.

O falante é o controlador do fluxo de informações na conversação. Decorre daí, a utilização da oração temporal em posição inicial ou em posição final. A estruturação sintática decorre de estratégias (propósitos e comportamentos) para conectar discursos com finalidades definidas.

Além disso, a relação de temporalidade será codificada no discurso, não só pela presença de elementos estruturais de tempo (quando, depois que,) mas também por formas nominais e orações justapostas.

Embora concordemos com a visão tradicional de que a oração adverbial temporal se integra na oração dita “principal” como parte de um todo, ou melhor, que ambas contribuem para a transmissão da mensagem,

¹⁴ Benveniste chama de categorias da enunciação à conexão entre o uso de uma pessoa por outra, de um tempo por outro, de um espaço por outro.

interrelacionando-se, não podemos deixar de ressaltar a relação entre as informações e o conteúdo do co-texto.

Vemos, então, que as gramáticas da Língua Portuguesa, em geral, consideram as orações subordinadas em termos de classificação do conectivo que as introduzem e de ordenação sintática, mas em relação à coordenação de orações com indicativos temporais não há referência. Visto isto, buscamos novos subsídios, fundamentando esta pesquisa em outros trabalhos específicos da Língua Portuguesa e da Inglesa e Teses de Doutorado na Língua Portuguesa.

4.2 A ABORDAGEM LINGÜÍSTICA: A Estruturação e a Funcionalidade das Cláusulas Temporais

As Gramáticas “Tradicionais” apresentam a noção de tempo sob a ótica morfológica, preocupadas em distribuir as conjunções e os advérbios que indicam tal noção. Entretanto, estudos lingüísticos, no Brasil e em outros países, têm-se dedicado à investigação da organização dos elementos que constituem a frase e a carga semântica contida nessa estrutura, principalmente

o funcionalismo dos lingüistas de Praga que observa o sentido utilizado com um fim (MARTELOTTA, 2003, p.19).

O termo “funcionalismo” foi adotado a partir da década de 1970, com os trabalhos de Sandra Thompson, Paul Hopper e Talmy Givón que defendiam a lingüística baseada no uso, sendo observada a língua do ponto de vista do contexto lingüístico e da situação extralingüística. De acordo com Givón, na conversação informal, os assuntos se processam com rapidez e se referem ao cotidiano social.

As pesquisas em Lingüística Textual têm demonstrado que os operadores discursivos/articuladores textuais são responsáveis por parte da organização discursiva (KOCH, 1996). Os conectivos são articuladores dos enunciados que relacionam tópicos, enfatizam idéias e ligam parágrafos. São, portanto, responsáveis pela coesão e pela progressão textual. Assim, os conectores assumem a função de encadeadores discursivos, já que seqüenciam unidades interligadas na formação da estrutura textual.

Martinet buscou definir função “em referência ao papel que a língua desempenha na linguagem humana. O termo “papel” foi adotado pela SILF (Sociedade Internacional de Lingüística Funcional). Também concorda Halliday com o papel que a linguagem desempenha na vida dos indivíduos. O funcionalismo difere da abordagem formalista (estruturalismo e gerativismo), pois concebe a linguagem como instrumento de interação social e seu interesse de investigação busca motivação para os fatos da língua no contexto discursivo. Em ambas as concepções, há prioridade da língua em detrimento da fala,

embora Peirce adotasse uma posição mais moderada quanto à sintaxe das línguas naturais. Segundo este, na codificação sintática, princípios icônicos interagem com princípios simbólicos, ou seja, há relação entre um item e seu referente (iconicidade imagética) e o arranjo icônico de signo (iconicidade diagramática) (MARTELOTTA, 2003, p.31). Observam-se, assim, três níveis interdependentes:

- nível semântico - a inferência da relação semântica emergente da articulação das cláusulas;
- nível sintático - posição da cláusula adverbial em relação à porção do discurso (uma ou mais cláusulas) com a qual se articula;
- nível discursivo - funções discursivo-textuais.

São, portanto, privilegiadas, além das estratégias sistemáticas e regulares do uso lingüístico, as estruturas possíveis na realização da linguagem, não propostas pela descrição normativa, as posições das unidades e as funções das unidades. O falante não utiliza seqüências arbitrárias por ele “inventadas”, já que o material existe na língua. O que ocorre é que ele estende o sentido, motivado, principalmente, pelo princípio da iconicidade. Por este princípio são explicadas as seqüências de ações, os aspectos relacionados à extensão em sentença, em relação à ordenação, à proximidade dos elementos lingüísticos que a compõem, implicando fatores como grau de informatividade dos referentes e carga semântica. O nível de iconicidade (maior ou menor) revela a relação entre expressão e conteúdo. Assim, quanto maior a

iconicidade, mais economia comunicativa e máximo de rentabilidade sistemática (MARTELOTTA,2003,p. 50).

Como pressuposto básico do Funcionalismo, os conectores têm papel discursivo e são ajustados perante a gramática pelas “pressões de uso”, para produzirem a comunicação eficaz entre os usuários de uma língua. Diante disso, Mateus et al (1989, p.257) analisam tanto a coordenação quanto a subordinação numa perspectiva textual. Entretanto, apresentam a coordenação em coesão interfrásica, ou junção (= conjunção= conexão), não ressaltando que esse mecanismo possa ocorrer entre períodos. Ratificam que a coordenação só é possível entre elementos de “idêntica categoria sintáctica e em que nenhum deles é constituinte do outro”.

(22) E: Como se sente diante das piadas e críticas feitas aos Portugueses?

I: Ah, **eu levo na brincadeira , encaro como brincadeira e** acho que não merece ser levada de outra forma.(Orlando José)

(23) E:O que mais aprecia no Brasil?

I: Tudo. **As pessoas, o clima, a vida, eu me criei aqui. E foi aqui que eu nasci praticamente**, né, então eu, tudo aqui no Brasil eu gosto. (Silvino)

Em (22) e (23), as informações se coordenam. No primeiro, em um só período; e no segundo, os períodos se ligam estrutural e semanticamente.

Entretanto, Azeredo (1999, p.116) observa que “a coordenação estabelece relações discursivas, por isso que desconhece os limites da oração: coordenam-se vocábulos, sintagmas, orações e até parágrafos”. Os operadores discursivos estabelecem e explicitam as relações semânticas “no próprio discurso ou em discursos de distintos locutores” (idem, p.134). Em 2000, o

mesmo estudioso afirma a justificação, a coordenação e a subordinação como “conexões sintáticas” dentro do período. No texto, como um todo, são “conexões textuais”.

Os “circunstanciais temporais”, advérbios, locuções adverbiais, conjunções e formulações oracionais que se configuram como possibilidade de expressar o tempo físico, “marcam apenas o momento cronológico da ocorrência do fato verbal, ou do estado referido, quer em relação direta com o ponto de referência dêitica, quer em relação com outros momentos cronológicos já considerados no discurso[...]” (COSTA, 1997, p.81), como em (24):

(24) I: A minha mãe veio e ficou um ano, **depois** foi embora. Tenho uma irmã também que veio... **já** todas duas morreram. E tenho um sobrinho que está no Sul, mas a trabalho, **já** está lá há... **vai fazer** três anos, mas veio a trabalho, contratado, né? Uma firma. (Adelaide)

Nesse trecho, observamos que ‘depois’ inicia uma oração em relação ao momento apontado nas duas orações que a ela estão coordenadas, isto é, esta oração se estrutura para dar seqüência à vinda, à estada e à ida da mãe e da irmã da entrevistada. Liga-se às orações anteriores para dar seqüência ao fluxo das informações, no discurso, sobre a mãe e a irmã da locutora. Quanto à primeira ocorrência do advérbio ‘já’, indica a relação entre o momento dado e o momento da fala, porém na segunda ocorrência, atua como um encadeador do fluxo de informações para indicar o tempo de permanência do sobrinho no Sul.

Costa (1997, p.13) lembra que os elementos lingüísticos são signos, isto é, representações que informam sobre a maneira como os falantes

encaram, vêem, interpretam as “coisas que estão no mundo”. São, portanto, a representação das coisas.

Na Língua Portuguesa, quanto à forma, existem advérbios simples e advérbios perifrásticos. O advérbio não é definido pela sua posição estrutural. É flutuante e faz parte do enunciado. Os advérbios dêiticos são mais definidos estruturalmente e têm uma utilização discursiva que passa pela mesma flutuação dos outros. Consideramos dêiticos os elementos partilhados pelos interlocutores, que designam os referentes, localizando-os no tempo e no espaço, tomando como ponto de referência o falante. Do ponto de vista sintático, ou relacional, o advérbio é uma palavra periférica, satélite de um núcleo. Pode tanto atuar nas diversas camadas do enunciado, como coocorrer com outros advérbios. Quanto à função, os advérbios formam uma classe heterogênea, abrigando-se, tradicionalmente, em duas subclasses: modificadores e não-modificadores. Os primeiros “afetam o significado do elemento sobre o qual incidem, fazendo-os uma predicação sobre as propriedades desses elementos” (NEVES, 2000, p.236). Semanticamente se subclassificam em: modo (qualificadores), intensidade (intensificadores), modalizadores (modalizam o conteúdo de uma asserção). Os advérbios não-modificadores “não afetam o significado do elemento sobre o qual incidem”. Semanticamente se subclassificam em: modo (qualificadores), intensidade (intensificadores), modalizadores (modalizam o conteúdo de uma asserção). Estes referem-se aos advérbios circunstanciais de lugar e de tempo, de

inclusão e exclusão, de verificação. Nesta pesquisa interessam-nos os advérbios circunstanciais de tempo no *corpus* constituído.

O falante, intuitivamente, seleciona a estrutura sintática que melhor lhe convém, para desempenhar papéis diferentes na organização do discurso. Sendo assim, foi identificada, no *corpus* analisado, a temporalidade, sob formas estruturais diferentes, bem como outras que serão mencionadas no decorrer desta pesquisa.

(25) I: **Nunca** tive dificuldades em arranjar um emprego. (João)

(26) I: **Quando** eu vim pro Brasil, aí **depois** tive um. (Adelaide)

(27) I: **Agora** acho que está melhor, **agora** acho que está bem melhor, né? **Na época que** a gente veio não, mas **agora** tá bem melhor. É o que dizem, né, tá bem melhor. (Adelaide)

(28) I: Eu **já** visitei muitos Estados, assim de cabeça eu não me lembro...Salvador, Bahia. (David)

(29) I: Eu sei que estou aqui **há quarenta e oito anos** aqui, não sei. (Ernesto)

(30) E: Você pretende permanecer no Brasil ou pretende voltar para Portugal?

I: Não, aqui é melhor.

E: Não tem vontade?

I: Não, eu já falei, eu nunca tive vontade de conhecer Portugal. Quer dizer, **a única vez que** eu saí do Brasil foi por curtidão. (Antônio Carlos)

(31) I: Já **no tempo que** elas eram pequenas eu botei muito, porque eu fui embora por causa disso. (Alcinda)

(32) I: **Logo que** eu cheguei aqui que o pessoal sabe, soube que eu tinha chegado de Portugal é... me recordo que foram uns quatro ou cinco a me procurar para que eu desse a preferência a um e a outro da prá té da prá té da prá té da Almirante Tefé. (Augusto)

(33) I: Olha, **hoje em dia** realmente o custo de vida no Brasil é... em termos de padrões de salariais, salariais, né, é mais alto do que em Portugal, né.(Celso)

Interessou-nos pesquisar as formas marcadas por um conectivo explícito, a temporalidade inferida da forma nominal do verbo, marcada por um adjunto e a cláusula estruturalmente coordenada e subordinada.

A incidência de um ou outro elemento possivelmente correlaciona-se à função semântica da cláusula temporal no discurso. Assim sendo, buscamos identificar os aspectos discursivos que controlam as distribuições distintas da temporalidade, catalogando as ocorrências de cláusulas adverbiais temporais, introduzidas ou não por uma conjunção adverbial; cláusulas coordenadas por articuladores que denotem tempo, quer na frase, quer como um elemento seqüencial no discurso.

Como coexistem o planejamento e a execução lingüística no tempo real, os interlocutores têm freqüentemente necessidade de voltar atrás e corrigir o que foi dito. O sistema de correção implica os erros de planejamento, não as falhas cometidas em relação à norma gramatical, mas como correção do rumo da interação, como em (34) e (35):

(34) E: Já passou por algum tipo de discriminação com relação a sua origem?

I: Não, **nunca**... acho que quem faz a discriminação é o próprio discriminado, porque eu **sempre** me dei muito bem cheguei aqui **em 1969**... aliás, **68 no mês de julho e já no mês de agosto** eu entrei pra fazer admissão num colégio da escola da comunidade, no Miguel Jarmino, então, nunca tive discriminação nenhuma. (Fernando Guedes)

(35) E: Qual a influência da cultura portuguesa em sua vida?

I: Só a comida mesmo, o hábito de comer bacalhau **sempre, quase sempre**, né.(Márcio)

Sob o aspecto textual-discursivo, Halliday e Hasan , Koch e Teum Van Dijk propõem a discussão do papel das estruturas de coordenação no discurso “além dos limites da sentença” (FÁVERO & KOCH, 1983, p.17).

Os participantes insinuem como e quando o turno pode ser transferido, baseando-se em unidades gramaticais como as palavras, as frases e as cláusulas, com as quais os participantes demonstrarão interação mútua quanto ao entendimento da fala anterior ou para adicionarem um outro turno à seqüência. Muitas vezes, quando o ouvinte supõe que o falante está encerrando o turno, este dá prosseguimento ao discurso, isto é, estende o seu turno, prolongando-o através de uma cláusula adverbial inicial (36):

(36) E: E houve alguma dificuldade quando o senhor chegou no Brasil pra procurar emprego?

I: Não, eu não fui procurar emprego não. Como disse meus irmãos, o mais velho me comprou uma casa **quando eu cheguei aqui em novembro...**

E: Mas continua falando seu Avelino, então...

I: **Então** como tinha aqui os meus irmãos, o mais velho me comprou uma casa p'ra eu trabalhar.

E: Uma casa de quê?

I: Uma quitanda. Merceria e quitanda. **Depois** vendi aquela, comprei a segunda, depois da segunda eu... **depois da segunda** eu abri... fui trabalhar, mas aí foi por minha conta, num mercado que tinha na Central do Brasil, chamado Mercado Produtor, e estive lá algum tempo, **depois** aquele mercado botaram embaixo numa sexta-feira às duas horas da tarde mais ou menos, um mercado cheio, éramos uns vinte, vinte e seis firmas, vinte, vinte e seis dentro do mercado. (Avelino)

Nessas falas, observamos a interferência do entrevistador para provocar a extensão do turno do entrevistado e o uso de DEPOIS como um encadeador discursivo, isto é, este marcador serve tão somente para encadear o fluxo das informações, sem interferência temporal marcada. A colocação inicial poderia favorecer a retomada de uma informação anterior, permitindo ao falante a extensão de fundo, que ocorre depois da operação de tomada – de – turno. No sistema de turnos, segundo Sacks, apud In FORD,³ “Conversation Analysis”, a pressão para dar a continuidade e transferência de turno pelos falantes levam a crer que eles pretendem produzir mais do que a frase expressa anteriormente. Se observarmos (36), há o controle do fluxo das informações tanto por parte do entrevistador quanto por parte do falante entrevistado. A estruturação do discurso se dá por meio dos elementos que promovem o fluxo discursivo. Observando, ainda, a cláusula “quando eu cheguei aqui em novembro”, esta ocupa a posição final no turno do informante. Porém, em relação a todo o segmento, pela provocação do entrevistador, a cláusula temporal ocupa a posição inicial em relação a “o mais velho me comprou uma casa”, reiterando o argumento que ele quer realçar.

Halliday e Hasan (1976) distinguem a relação semântica como mais importante, embora a estrutura defina o texto. Itens como os pronomes, os advérbios e as conjunções socorrem a criação do discurso, não pelas suas regras de distribuição, mas porque elas indicam um “elo interpretativo” (“interpretative link”) entre duas partes do texto:

thus, particular items such as pronouns, adverbs, and conjunctions help create discourse not because of their rule-governed distribution, but because they indicate an interpretative link between two parts within the text. (In SCHIFFRIN, 1987, p. 09)

O elemento coesivo propõe, então, a informação para uma outra cláusula, segundo as inferências e entendimento que serão derivados textual e pragmaticamente. As unidades sintáticas têm, assim, uma função seqüencial no contexto textual ou discursivo (“They have a sequencing function of relating syntactics units and fitting them into a textual or discourse context” (Schiffrin, p. 37). Também em Halliday há referência a que a gramática funcional explica como a língua é usada para entender o ambiente, influir sobre os outros por meio da constituição do texto. Quanto às conjunções, afirma que elas são diferentes dos outros elementos que estabelecem a relação coesiva. São coesivos indiretamente, em virtude de seus sentidos específicos não serem primariamente mecanismos de extensão do texto precedente (ou conseqüente), mas expressem sentidos que pressupõem a presença de outros componentes no discurso. Com a conjunção, são movidos diferentes tipos de relações semânticas, em caminhos específicos nos quais o que se segue é “sistematicamente conectado” ao que foi dito antes (HALLYDAY, *On Grammar*, 2002, p.227). A relação conjuntiva na sucessão do tempo pode ligar duas ou mais cláusulas, mas a cláusula segue uma outra que se refere ao evento, que é anterior no tempo ou pode vir posteriormente.

Por isso, na descrição da conjunção como um mecanismo coesivo, focamos a atenção para a realizada através da gramática da linguagem em seu particular aspecto, isto é, a função que elas têm com outros elementos lingüísticos que ocorrem em sucessão, mas não são semelhantes como recurso estrutural.

Assim sendo, constituem características sintáticas e permitem predições sobre o discurso. Logo, concordando com os lingüistas funcionais, defendemos a idéia de que “a estrutura da língua reflete de algum modo, a estrutura da experiência” (MARTELOTTA, 2003, p.30). Por detectarmos no *corpus*, além das realizações em subordinação as ocorrências coordenadas, julgamos necessário fixar a posição dos elementos que constituem a comunicação e, em conseqüência, o discurso, a partir da posição que ocupam na frase.

4.2.1 Identificação dos Referenciadores de Tempo no *CORPUS*

Foram observadas 1127 ocorrências nas entrevistas masculinas e 1144, nas femininas, totalizando 2271 ocorrências, independentes de elas se

estruturarem por subordinação, por coordenação ou se classificarem como absolutas, utilizando a terminologia tradicional.

Nesta pesquisa, selecionamos aqueles elementos já mencionados na GT tradicional, por serem mais comuns nas falas dos nossos entrevistados e, a partir desses articuladores, como relacionados na TABELA I, comentamos outros que também foram utilizados pelos falantes:

Tabela 1 – Relação sexo X número de ocorrências dos articuladores mais comuns em referência à temporalidade.

Referencial de Tempo	Nº Total Masculino	Nº Total Feminino	Percentual Total por Total de Ocorrências	
Já	208	212	420	26,45
Então	130	158	288	18,13
Quando	77	127	204	12,84
Nunca	70	75	145	9,13
Agora	57	86	143	9,00
Hoje	89	41	130	8,19
Depois	51	55	106	6,68
Sempre	46	50	96	6,05
V. Haver	29	27	56	3,53
	757	831		
Total de Ambos os Sexos		1.588/ 2.271		69,93/ 2.271

Fonte: Entrevista a 100 portugueses e seus descendentes.

Esses dados foram relacionados, independentemente de eles denotarem o TC (Tempo Cronológico) ou servirem como encadeadores discursivos (ED)¹⁵. Tomamos como exemplo o referenciador JÁ:

(37) E: Já passou por algum tipo de discriminação com relação a sua origem?

I: Não, nunca... acho que quem faz a discriminação é o próprio discriminado, porque eu sempre me dei muito bem cheguei aqui em 1969... aliás, 68 no mês de julho e **já** no mês de agosto eu entrei pra fazer admissão num colégio da escola da comunidade, no Miguel Jarmino, então, nunca tive discriminação nenhuma. (Fernando Guedes)

(38) I: Não, não, não, não. Nunca esquentei a cabeça não. Piadas pesadas, leves, **já** ouvi de tudo. (Manuel Viana)

Em (37) JÁ denota o tempo cronológico (= logo no mês de agosto); em (38) é um encadeador discursivo.

Observamos pelo total de ocorrências que dentre os operadores destacam-se: JÁ, ENTÃO, HOJE, QUANDO, NUNCA, AGORA, SEMPRE e DEPOIS, considerados por nós como paradigmas para os outros referenciadores de tempo. Estes indicadores, quer de TC quer de TD, mostram 757 ocorrências nas entrevistas masculinas e 831 ocorrências das entrevistas femininas, perfazendo 69,93% do total de ocorrências. Por isso, representamos estas ocorrências por tabelas e comentamos os outros 30,07% das ocorrências.

Foi preciso identificar se o articulador JÁ opera o IT (indicador de tempo), o ED, ou tem outra função, como mostrada na TABELA 2:

¹⁵ O TC é o tempo referencial, a ocorrência ou realização das situações; o ED liga as unidades comunicativas, orientando os interlocutores na interação (FÁVERO, 2001)

TABELA 2 - Função do articulador JÁ

Papel do articulador JÁ	Nº Homens	%	Nº Mulheres	%
Indicador de Tempo	46/ 208	22,12	67/ 212	31,60
Encadeador Discursivo	146/ 208	70,19	132/ 212	62,26
Resposta Simplificada	16/ 208	7,69	13/ 212	6,14

Fonte: Entrevista a 100 portugueses e seus descendentes.

Pelos resultados, observamos que tanto os homens quanto as mulheres têm a preferência desse elemento para encadear o discurso.

Para a análise do articulador ENTÃO recorremos a Risso (2002), que em sua análise considera-o pertencente ao conjunto de “marcadores conversacionais”. A sua atuação no discurso ocorre com maior ênfase “no processamento da informação e na tessitura dos tópicos que se lhe associam”.

Segundo a autora:

A busca de traços semânticos identificadores do advérbio *então* remete-nos, em princípio, a uma indicação tipicamente temporal por ele estabelecida. Essa indicação muitas vezes transcende os limites da frase, em que o advérbio atua sintaticamente como determinante de verbo ou substantivo, e se caracteriza por solicitar sempre um percurso para trás, no discurso, em que se deve ser buscada a configuração nacional de um tempo mais

precisamente dado, geralmente anterior ao da instância enunciativa em que se situa o locutor (RISSO,2002,p.420).

Com base, nessa leitura, formulamos a seguinte tabela dos dados assinalados no *corpus*:

Tabela 3- Relação sexo e função do articulador ENTÃO

Função do Articulador ENTÃO	Homens	%	Mulheres	%
Indicador de Tempo	28	21,54	36	22,78
Encadeador Discursivo	102	78,46	122	77,22
TOTAL	130		158	

Fonte: entrevistas a 100 portugueses e seus descendentes

O articulador **ENTÃO** é mais freqüente como “encadeador discursivo”.

(39) E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?

I: É... O custo de vida em Portugal é bem mais alto, só que se ganha uma porção de vezes mais, **então** é mais equilibrado.(Henriqueta)

Tempo é uma categoria dêitica¹⁶. Fixa o ponto de referência do evento de fala. Os advérbios de tempo fóricos indicam a circunstância referida no momento da enunciação, numa escala de proximidade temporal.

QUANDO tem sido considerado como o orientador da referência ao TC. Em todos os compêndios vê-se que a noção de tempo responde à pergunta

¹⁶ categoria que faz orientação por referência ao falante

“quando?”. Entretanto, como advérbio ou conjunção¹⁷ tem outras funções na estrutura do texto, por exemplo:

(40) Pô,vamos ver quando? (Fátima Viana)

(41) Isso dá a impressão pra gente que todo português é burro, quando, na verdade, não é isso que acontece.(Sílvia Marlene)

Em (40) é um advérbio interrogativo, e em (41) é simplesmente um elemento enfático.

Como o nosso foco é a temporalidade e, segundo pesquisadores, a ordem das cláusulas adverbiais temporais interfere nas funções que elas desempenham, deixamos para a próxima subseção a apresentação de algumas referências bibliográficas sobre este articulador, bem como a relação entre o número de ocorrências no *corpus* e a posição ocupada pela cláusula adverbial temporal em relação à “principal” (tabela 8).

Das ocorrências do referencial de tempo denotado pelo verbo HAVER, 29 são do sexo masculino e 27, do sexo feminino. Por existirem outros referenciais no *corpus*, cujas funções foram analisadas pelo critério da determinação /indeterminação da referência temporal, deixamos para a tabela 11, da subseção seguinte, a demonstração. Segundo Bechara (1999, p.507), a “justaposição” pode, ao nível do texto, apresentar a interpretação temporal. São os chamados “transpositores”.

Quanto aos pares opostos, SEMPRE e NUNCA, acreditamos que na organização do texto eles percam o status da indicação de tempo e

¹⁷ Os advérbios expressam circunstâncias que cercam a significação do verbo; as conjunções têm funções discursivas.

adquiram um valor expressivo na organização discursiva. Por esta suposição foi importante verificar a posição destes elementos (TABELA 9 e 13, em 4.2.2).

Para estabelecermos o estatuto de advérbio temporal a AGORA, observamos o contraste/ semelhança entre o presente e o passado do fato reportado. Quanto à especificação de encadeador discursivo, não responde à pergunta “quando?”, e nem é permutável por “atualmente” e “neste momento”. Apresenta-se como encadeador discursivo, dando encaminhamento ao tópico em questão, ou retoma uma unidade tópica anterior. Também, na cláusula em uso deste operador, o enunciador pode fazer uma avaliação (42), (43) e (44):

(42) E: A senhora acha que o custo de vida aqui no Brasil é difícil, lá em Portugal é melhor?

I: **Agora acho que está melhor, agora acho que está bem melhor, né?** Na época que a gente veio não, mas agora tá bem melhor. É o que dizem, né, tá bem melhor. (Adelaide)

(43) E: Dona Alcinda, o que a senhora mais aprecia no Brasil?

I: Olha, o que eu aprecio mais no Brasil é a simplicidade das pessoas. Se tem, tem, se não tem, não tem, o rico se dá com o pobre, o pobre... eu pelo menos, o que eu vejo, o que eu sei, eu acho que é assim. Tem alguns que passam, nem cumprimentam o vizinho do lado, nem conhecem, mas esses já não são do meu meio. **Agora, eu acho o povo brasileiro muito amigo também, muito prestativo, eu tive muito ajuda de quem nunca me devia favorzinho, eu nunca tinha nenhum conhecido.**(Alcina)

(44) E: Quantos Estados já visitou no Brasil?

I: Ah! Já fui a Natal, já fui a Fortaleza, Maceió, conheço a Bahia, conheço o Sul todo, meu pai faz excursões, né, então fica muito fácil. Também já fui algumas vezes, peguei avião e fui, conheço bastante, **agora assim ao certo, pra te dizer é meio...** (Maria de Fátima Gouveia)

Em (44) **agora** é utilizado como uma contra-expectativa; com o sentido de **mas**, propõe um esvaziamento do valor temporal.

Já em (45) podemos observar que o 1º uso se refere a 'neste momento', 'na atualidade', 'atualmente', mas no 2º, o fluxo discursivo segue pela aplicação deste operador; entretanto, o 3º retoma a idéia de 'neste momento', cuja função dêitica marca o TC (agora= na atualidade X antigamente).

(45) E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?

I: Isso varia muito de acordo... **por exemplo, lá agora, lá tá mais alto que aqui. Mas daí é muito de acordo com o câmbio, com o dinheiro lá. Agora, por exemplo, com o dinheiro lá houve uma unificação que é tudo Euro, antigamente era escudo, agora é Euro**, então o Euro tá valendo mais que o Dólar, então justamente o custo de vida lá é mais alto que aqui, mas também se ganha muito mais do que aqui. Pra quem tá lá, eu tô aqui . [risos] (Davide Gonçalves)

Por esse exemplo, vimos que o elemento **AGORA** pode funcionar no discurso, referindo-se ao tempo não-cronológico ou, ainda, unir partes do discurso.

Foi esclarecedor verificarmos a freqüência com que este elemento ocorre em nossas entrevistas. A partir da seleção feita, chegamos à:

TABELA 4 - Função do articulador AGORA

Função do articulador AGORA	Nº Homens	%	Nº Mulheres	%
Referencial Temporal	39	68,42	69	80,23
Encadeador Discursivo	18	31,58	17	19,77
TOTAL	57		86	

Fonte: Entrevista a 100 portugueses e seus descendentes.

Das 143 ocorrências de AGORA entre homens e mulheres, 75,52% são enunciados em referência temporal e 24,48% encadeiam o discurso. Logo, este elemento é veículo de um tempo de referência e pode exprimir proximidade e distanciamento relativo ao 'eu' do locutor (SCHIFFRIN, 1987,p. 228). O momento de referência (MR), *speaching time* para Schiffrin, denotado por 'agora' estabelece um âmbito situacional que liga o enunciado às circunstâncias da enunciação.

O advérbio HOJE denota um período maior ou menor, considerado próximo do momento da enunciação; portanto, ligado ao enunciador. Em relação com o momento da enunciação (o falante-agora), corresponde ao período demarcado "neste dia" (o dia em que o falante emite o enunciado) (tabela 11).

Acompanhando o raciocínio de Ilari (1966, p.68) de que há circunstâncias aplicadas à própria enunciação, buscamos verificar se DEPOIS é

usado em relação ao curso do evento ou como organizador do fluxo de informações.

Para esta distinção, observamos:

- Temporais: relativas ao curso dos eventos;
- sem referência às circunstâncias de ação: organizador do fluxo de informações.

Tabela 5 - Função do articulador DEPOIS

Circunstância da enunciação	Homens	%	Mulheres	%
Tempo no curso do evento	22	43,14	24	43,64
Organização do fluxo de informação	29	56,86	31	56,36
TOTAL	51		55	

Fonte: Entrevista a 100 portugueses e seus descendentes.

Observamos, então, que DEPOIS funciona no discurso como encadeador temporal dos eventos enunciados e organizador de informações.

Apresentamos, a seguir, a posição preferencial das cláusulas nos discursos analisados. Tendo em vista o enfoque lingüístico, estabelecemos as posições inicial e final das cláusulas temporais como variável dependente e procuramos examinar como a noção de tempo é codificada pelo falante. Em algumas tabelas, faremos referência às respostas reduzidas, atentando para os

ensinamentos de Bechara (1999, p.292), segundo os quais os elementos não são advérbios “mas substitutos de oração (pro- oração ou protextos, quando retomam, como respostas, enunciados textuais”. É uma unidade presente ou prevista no discurso que pode ser retomada num ponto do discurso dialogado.

4.2.2 A Variável Dependente: Posição dos Referenciadores de Tempo no *Corpus*

Nesta seção, visamos à análise da organização das cláusulas temporais no discurso oral, em Português. Interessaram-nos, sobretudo, aspectos relativos à articulação das cláusulas temporais e como a organização seqüenciada de cláusulas permite identificar as que se caracterizam com tal noção. Nesta seção, interessou-nos, também, verificar se os marcadores coocorrem com a conjunção temporal em posição inicial ou final e se eles interferem na elaboração da mensagem.

Pesquisadores como Chafe (1985), Thompson (1986) Ford (1988), Schiffrin (1987) e Kato (1998), no Brasil, têm focalizado a “bidirecionalidade” das cláusulas subordinadas adverbiais e suas conseqüências para o escopo precedente ou procedente, que pode ser modificado ou ressaltado por eles.

Segundo Chafe, há criatividade na verbalização, já que o falante, à medida que produz o discurso, organiza o conteúdo discursivo, situando os participantes no evento e assinalando os papéis que eles desempenham no momento da enunciação, por meio de uma categorização adequada, o que o leva a distinguir entre tópico e comentário, informação velha e nova, e outros. Thompson liga a articulação das cláusulas à organização discursiva.

Já Marcuschi (1989, p.229) se referiu à bidirecionalidade de alguns marcadores conversacionais, considerando-os “como um tipo especial de dêiticos não muito estudados sob este ponto de vista”. Verificamos quais as correlações entre a posição que a cláusula de tempo ocupa e os efeitos de sentido que se obtém no texto¹⁸. Assim, propomo-nos a um exame textual, feito através do uso das cláusulas temporais, no *corpus* em questão.

Tendo em vista a identificação dos articuladores textuais que denotam tempo, buscamos determinar em cada um deles a posição ocupada no segmento do discurso em que se encontram. Por essas razões, julgamos importante investigar a natureza do processo de combinação de cláusulas, principalmente sob o foco da relação adverbial que emerge desta articulação: se integradas estruturalmente por “encaixamento” (noção de dependência a outra, por exercer nela alguma função de advérbio; restringe-se a uma única cláusula) ou articuladas para modificar ou expandir a informação contida em outra cláusula da qual seja ela parte ou ligada semanticamente.

¹⁸ Tomamos aqui o termo cláusula, considerando a noção de interdependência entre as partes de um período que se estrutura com a parte que indica tempo.

JÁ situa-se no início, no meio ou no fim da cláusula em que é usado.

A partir da preferência pelo operador discursivo, julgamos necessário estabelecer o critério da antecedência ou da conseqüência ao elemento e a relação com a posição ocupada:

- inicial: sem algum antecedente;
- medial: considerando outro advérbio antecedente;
ou a ordem: S+ já+ V.
Logo, SN+ já+ SV; SN+ já+ SN+ SV;
- final: sem elementos procedentes (no final de segmento de frase ou no final do período).

Assim, construímos a tabela 6:

TABELA 6- Relação JÁ: posição e tipo de preenchimento de fronteiras

Posição do Articulador JÁ	Tipo de preenchedor	Entrevistados			
		Mulheres	%	Homens	%
Inicial	Sem preenchedor	70	33,02	75	36,06
Medial	SN.....SV	46	21,70	57	27,40
	Outros	63	29,72	58	27,88
Final		04	1,89	02	0,96
Respostas reduzidas		29	13,68	16	7,69
TOTAL		212		208	

Fonte: Entrevista a 100 portugueses e seus descendentes.

Observamos pela TABELA 6 que o articulador JÁ em posição inicial tem a preferência de ambos os sexos, sem preenchimento.

O advérbio JÁ ocorre em respostas, seguido de quantificadores (46), com tempo marcado em relação ao momento da enunciação (47), ou seguido de um comentário (48) e (49):

(46) E: Já visitou Portugal alguma vez?

I: Já, várias vezes. (Ana Cecília)

(47) E: Os parentes que moram em Portugal já vieram ao Brasil pra visitá-la?

I: Já, dois anos atrás.(Maria Olinda)

(48) E: Alguma vez já visitou os seus familiares que residem em Portugal?

I: Já, e adorei.(Beth)

(49) E: Já passou por algum tipo de discriminação com relação a sua origem?

I:Não, só brincadeiras, às vezes. (Rosa Helena)

Além disso, o advérbio é reiterativo em:

(50) I: Já, já sofri preconceito.(Maria de Fátima)

Observamos que o entrevistador pode interferir na resposta (ou mesmo induzir o informante à resposta breve) com o uso desse operador, na pergunta, como em (48). Entretanto, mesmo com o uso de JÁ na pergunta, o falante pode escolher a estrutura que melhor lhe convém, na resposta, como em (49).

Para efeito de discussão do articulador **ENTÃO**, na Seção 6 e 7 deste estudo, identificamos a posição dele, segundo a ordem: sem preenchedor (inicial); antecedido de SN/ adjuntos (medial) e final, no segmento de frase.

Tabela 7-Relação entrevistado e posição do articulador ENTÃO.

Entrevistados	Nº de Ocorrências	Posição do Articulador ENTÃO	Nº	%	
Homens	130	Inicial	120	92,31	
		Medial	SN SV	02	1,54
			Outros	07	5,38
			Final	01	0,77
Mulheres	158	Inicial	143	90,51	
		Medial	SN SV	06	3,80
			Outros	08	5,06
			Final	01	0,63
TOTAL	288				

Fonte: Entrevista a 100 portugueses e seus descendentes.

A posição inicial, sem preenchedor, possivelmente, explicará este elemento como um encadeador discursivo. Nesta posição, segue-lhe a ordem SN/ SV.

Sobre este articulador, encontramos também referência em Santos (2003, p.62). Nesta pesquisa, a autora sinaliza o intercâmbio entre **AÍ** e **ENTÃO**, ratificando a importância coesiva destes articuladores. Identifica-os presentes em narrativas orais e escritas, sendo aquele mais utilizado na fala

infantil e juvenil, e esse em textos orais mais formais. No *corpus* por nós constituído, o uso de aí foi irrelevante.

Esta forma gramatical pode coocorrer com outros marcadores lexicais, como, “e então”, “agora então”, “quer dizer então”:

(51) I: **E então** puxei pela memória do pai dele próprio, de Vizeu, que é realmente a minha segunda cidade no mundo.(Laborré)

(52) I: Também **agora então** que eles mataram os portugueses... isso foi uma coisa. (José Coelho)

(53) I: **Quer dizer então** eu não estranhei mesmo nada. Não estranhei nada mesmo. (João Esteves)

Em todos os compêndios, vemos referência ao tempo com a indicação do circunstanciador QUANDO. Há trabalhos específicos tanto na Língua Portuguesa, quanto em línguas estrangeiras, ressaltando a posição e a função deste advérbio. As cláusulas subordinadas adverbiais temporais são geralmente referenciadas com a introdução da conjunção QUANDO nas gramáticas tradicionais, sugerindo que a maioria dos acontecimentos sejam identificados nesta classificação. Entretanto, a lingüística textual tem demonstrado que este referenciador é apenas um deles. Até mesmo nesta pesquisa, aventamos a hipótese de que ele seria encontrado em maior número de ocorrências, o que não ocorreu. Entretanto, não podemos desprezá-lo, já que estudos lingüísticos têm ressaltado a relação entre a sua posição e as funções discursivas por ele desempenhadas.

Azeredo (1999, p. 38, 44) atribui a função de “transpositores” aos elementos subordinantes: preposições, conjunções e nominalizadores;

pronomes relativos, advérbios, pronomes indefinidos interrogativos introdutores de SNs constituídos de oração; verbo SER introdutor de predicado; TER/HAVER seguido de particípio; gerúndio, particípio e infinitivo e determinantes que substantivam expressões não nominais.

Tomando como base os estudos percorridos, buscamos estabelecer no *corpus* a posição da cláusula adverbial temporal iniciada por QUANDO, em relação à principal:

Tabela 8- Posição de QUANDO em cláusulas subordinadas adverbiais temporais.

Posição do articulador QUANDO	Homens	%	Mulheres	%
Inicial	50	64,94	98	77,17
Final	27	35,06	29	22,83
TOTAL	77		127	

Fonte: Entrevista a 100 portugueses e seus descendentes.

Tanto homens quanto mulheres têm a preferência pela posição inicial em relação à cláusula principal, embora também sejam utilizadas as cláusulas finais.

Os resultados mostraram a tendência a se introduzir a circunstância de tempo antes do fato, ação, evento a ser referido na cláusula principal. Também Paiva confirma que a posição correlaciona-se com o status

informacional, independentemente da presença/ ausência do conector. Logo, o que importa é o tipo de proposição relacional que emerge da articulação de cláusulas, e não a marca lexical dessa relação. Quer em anteposição, quer em posposição, as cláusulas temporais desenvolvidas apresentam maior índice do que as reduzidas, embora as antepostas prevaleçam sobre as pospostas .

Existem estudos sobre cláusulas adverbiais em Português como os de Decat (1993) e Braga et al. (1994) que afirmam que a ordem das cláusulas pode ser explicada pelo status informacional. Referem-se, também, à ordem dos constituintes na cláusula. Mostram, por exemplo, que a ordem é fornecida pelo grau de novidade da cláusula. Levantam a hipótese de que a ordenação das cláusulas adverbiais é regida por princípios lingüísticos diferentes do que havia sido aventada pela Gramática Tradicional: ordem direta /ordenação lógica e ordem inversa /ordenação expressiva. Segundo Gryner (In BRAGA et al, 1994), na relação de tempo/modo e conexão nas cláusulas condicionais no Português, as cláusulas que codificam informação não mencionada se pospõem àquelas as quais se relacionam, adequando-se ao princípio geral que controla a distribuição na linearidade do texto.

Importa averiguar os princípios que controlam a distribuição da informação na cláusula e /ou unidades maiores. Decat (1993) retoma a discussão sobre “a articulação hipotática adverbial no português em uso”, mostrando que a forma do discurso também é determinada pelos fatores gênero, modalidade e variação individual. Na língua oral, a ênfase é o recurso mais usado para delimitar o status informacional da cláusula. Identificamos,

ainda, a posição da cláusula adverbial, a relação entre as cláusulas (Principal e Subordinada), o status informacional e a função interacional desempenhada por ela.

O status informacional das cláusulas de causa, de tempo e de condição varia, segundo Braga et al. (s/ outras ref.), e tem repercussão sobre a posição (Ordem, estudada através dos elementos V (verbo) e S (sujeito)). Estas cláusulas tendem a anteceder o núcleo quando codificam informação mencionada e a se pospor a ele quando codificam informação não mencionada; tende a apresentar um comportamento opaco a categoria parcialmente mencionada. Em outra pesquisa, Braga (s/ ref.) focaliza as cláusulas temporais reduzidas de gerúndio, ressaltando sua ambigüidade, por não marcarem o tempo verbal, usualmente ocultarem o sujeito e dispensarem a presença de conectivos. Compara estas cláusulas às cláusulas subordinadas adverbiais desenvolvidas e às cláusulas coordenadas, segundo três critérios: posição face à cláusula principal, omissão do sujeito por condição de igualdade e inclusão no contorno entonacional da cláusula principal. Nesta pesquisa, não focalizamos a presença/ ausência do sujeito e o contorno entonacional.

Sob esse ponto de vista, a organização sintagmática das cláusulas e períodos não atende exclusivamente a exigências estruturais, mas também está relacionada ao desenvolvimento do discurso e à distribuição das informações, levando em conta, também, a necessidade comunicativa do falante. Givón (1983) assevera que toda cláusula carrega um tópico-frasal - a entidade discursiva que está ligada à intenção comunicativa. Na maioria das vezes o

tópico-frasal coincide com o sujeito; portanto, a noção estrutural do sujeito está ligada à noção discursivo-funcional do tópico.

O falante introduz alguma limitação adverbial ou especificação através de uma conjunção subordinativa, para conseguir explicitar a interpretação pretendida. Na conversação, a limitação se realiza através da cláusula subordinada adverbial, mais comumente endereçada ao domínio semântico da temporalidade, causalidade e condicionalidade. Desta forma, a temporalidade é vista sob o domínio semântico e a estruturação das cláusulas no discurso alcança objetivos vários na comunicação. Logo, a abordagem funcionalista fundamenta a investigação da inter-relação entre a configuração formal gramatical dos enunciados (forma) e o papel que eles exercem no discurso (função), tendo em vista a função comunicativa.

FORD (1988) enfatiza que em uma organização seqüencial de conversação, a cláusula adverbial pode ocorrer pré-posta, na abertura seqüencial, desempenhando uma função organizacional discursiva e, ao mesmo tempo, fazendo um trabalho interacional. Interessa-se, especialmente, pela distribuição das cláusulas e pela função que desempenham na conversação, segundo a posição que ocupam - inicial X final. Para esta pesquisadora, as cláusulas adverbiais, além de codificarem uma informação pertinente, auxiliam a interação entre os interlocutores. Em termos de função discursiva, as cláusulas adverbiais que aparecem antes da principal servem à função organizacional discursiva, além de delimitarem a interpretação de sua cláusula principal (54).

(54) E: Quando do nascimento dos filhos, houve alguma preferência entre o Brasil e Portugal?

I: Não, **quando eu fui morar lá, já tinha uma filha com três meses** e a outra, a mais nova nasceu lá. Então não tivemos nada de discriminação não. Nasceu lá tinha que nascer, acabou.(Marcelo)

Em relação à narrativa, a informação pode ser vista como interacional nos casos de sinalização de início, extensão ou finalização de um turno. Na narrativa, ou na descrição de atividades habituais, as estruturas de tempo são freqüentemente apresentadas e/ ou mudadas através de cláusulas temporais iniciais. Já as cláusulas temporais finais não estão associadas às funções discursivas organizacionais. Quando uma cláusula temporal ocorre após a principal, a fala não é organizada através de mudança temporal, e a cláusula adverbial meramente completa ou estreita o significado de uma cláusula anterior (como visto em 18b).

Quando estas cláusulas aparecem na posição final, a base temporal é privada das possibilidades de manejar a informação, não participando, assim, no desenvolvimento do discurso. No entanto, a informação pode ser retomada pelo falante por uma cláusula adverbial inicial, na retomada de turno, em (54), ou mudança de tópico no mesmo turno (55):

(55) I: Eu não lembrava nada que eu era criança, nada. Agora não, depois de 60 pra cá eu já comecei a, a ser meia introspectiva, assim a coisa de criança, da vivência que eu tive em criança. Ah me lembro agora coisinha que eu jamais imaginava me lembrar. Só lembro hoje , **quando o meu pai** veio pra cá eu estava com 1 ano e meio. **Quando ele veio,** lá que eu não me lembro dele. Mas não lembro da minha mãe me dizer, muitas vezes ela me dizer: teu pai foi pro Brasil. Se ele não escrever,

eu vou te dar você pro teu avô. Aí ela dizia pra mim assim.
Claro que ela falava brincando, né. (Tereza)

Segundo Sacks et al (1974), a colocação inicial poderia favorecer à retomada de uma informação anterior, para permitir que um falante ganhe extensão de fundo. Isto ocorre depois de uma operação normal de tomada-de-turno.

De acordo com o uso, podemos entender que a estrutura sintática sofre mudanças em consequência das necessidades discursivas, ou seja, a estrutura sintática se ordena de acordo com as estratégias da informação empregadas pelos falantes no instante da interação discursiva.

Quanto à coocorrência com outros elementos, notamos que essa conjunção permite a proximidade deles. Exemplifiquemos alguns:

(56) E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?

I:Veja bem, hoje as circunstâncias em Portugal é melhor que a daqui, **mas quando** eu vim pra cá, Portugal tinha a situação muito pior que a do Brasil. (Fernando Guedes)

(57) I:**E quando** vem já vem de certos lugares com uma dicção boa.(Tereza)

(58) I:**Mas de repente, quando** criança, a gente tem certos valores, mas agora não. (Maria Lúcia)

(59) I: .. **e assim, quando** a gente pensa, às vezes, que não tem nada para oferecer, a gente deve, então eu vou lembrar do Miguel Torga, (Laborré)

(60) I: Os portugueses têm que ser respeitados, certo, que na época que eles imigravam para o Brasil, a maioria vinha sem saber ler, a maioria, e as pessoas não sabiam, **ainda pra mais quando se encontravam...** chegariam numa terra estranha, distante.(Manoel Cerqueira)

- (61) I:Eu acho que houve uma imigração muito grande para o Canadá, **exatamente quando os meus tios foram**, em função de dias melhores.(Anselmo)
- (62) **Só quando cheguei ao Brasil** trabalhei uns meses numa companhia de ônibus, que era a 1001 por pouco tempo. (Silvino)

As cláusulas coordenadas podem permitir uma leitura temporal, como em (63) e (64):

(63) E:Houve alguma dificuldade quando da procura de emprego?

I:Mas ou menos. **Eu cheguei**, comecei viajando pelo interior de São Paulo.(Manuel Rodrigues)
(Quando eu cheguei)

(64) I: Foi pra Portugal novamente, chegou lá aí a outra filha não aceitou,(Cecília Maria)
(Quando chegou lá)

Também permitem a intercalação:

(65) E: Houve alguma dificuldade de adaptação à língua portuguesa do Brasil?

I:Não. Não houve muito não, apesar que eu fui eu vim morar em Ipanema, **quando eu vim** , com alguma tia, tia Aminda, que me deu apoio e **eu não tive contato assim com a portuguesada**. (José Coelho)

Em (65), podemos entender: Não houve dificuldade de adaptação, quando o falante veio de Portugal; e quando ele veio, não teve muito contato com portugueses.

Estruturam-se as cláusulas sob as construções reduzidas de gerúndio, de infinitivo e de participípio.

Em relação às cláusulas reduzidas (66), o fato de o verbo apresentar-se sob a forma nominal, não elimina a relação proposicional que pode surgir de uma articulação com outra cláusula.

(66) I: Me acostumei bem, a gente se acostumando gosta de tudo, né? [risos]. Eu gosto de tudo . (Adelaide)
(equivalente a: Quando a gente se acostuma,gosta de tudo.)

O falante usa a referência temporal quer para promover “background”, quer para recuperar um tópico falido, isto é, alguma informação que já apareceu no discurso anterior, quer para criar novas estruturas ou referências para o que segue. Essas funções são desempenhadas, em especial, pelas adverbiais temporais iniciais, que servem de base no desenvolvimento da fala e apresentam “background” explícito para o que segue. Desta forma, a cláusula adverbial inicial tende a organizar o texto e promover a interação entre as suas partes. Já a cláusula adverbial final pode não envolver a organização discursiva, uma vez que promove limitação semântica da principal. A opção de lugar (inicial X final) para cláusulas adverbiais fornece um recurso para a conexão de cláusulas no discurso, mas uma cláusula adverbial pode, também, aparecer associada à cláusula principal, completando uma unidade de informação sem qualquer função discursiva organizacional. Por isso, podemos afirmar que elas são informações incompletas, porque podem ser alteradas “enquanto eles viverem”, já que também denunciam o choque cultural no passado, em oposição ao presente, em relação a ‘certos valores’, como em (67):

(67) I:Eu acho que **quando eu era criança** a gente sente mais isso, porque... exatamente por serem pessoas simples e humildes

que tentam a vida em outros países, porque se fossem, se estivessem bem lá não sairiam de lá, meu pai por exemplo veio na época da guerra, da segunda grande guerra, então foi uma época difícil, o que trouxe eles pra cá, quer dizer, se eles tivessem uma posição boa lá não viriam, então na escola, de repente quando eu era menina... mas atualmente não, atualmente eu não deixo que me discriminem, aprendi a não me deixar levar por isso. Mas de repente, **quando criança**, a gente tem certos valores, **mas agora não**. (Maria Lucia)

Observamos, assim, que a cláusula introduzida por QUANDO em posição inicial acrescenta um dado relativo à infância, que difere da fase adulta. Um uso comum para as cláusulas temporais iniciais é a codificação da estrutura temporal em relatos de eventos seqüenciados (67). A cláusula inicial pode estabelecer uma estrutura temporal ou situacional para eventos que são apresentados a seguir ou cria uma mudança no tempo, introduzidas pela própria cláusula adverbial. Importante notar que na conversação turno-a-turno FORD considera como posição mais comum das adverbiais a “final” (cf.:173-174), consideração em relação à Língua Inglesa. Porém, na Língua Portuguesa, em pesquisa anterior a esta Tese, constatamos que as adverbiais iniciais são mais empregadas por falantes do Rio de Janeiro (SAMPAIO, 1995).

O falante cria, com a adverbial inicial, uma “pressão” para fazer um trabalho especial, quando ele pretende produzir mais do que a frase expressa anteriormente. Por outro lado, quando um dos participantes dá o turno por terminado, do ponto de vista do completamento da frase (ou do assunto) o outro poderá tratar o ponto de completamento como um lugar apropriado para suas respostas no curso da fala. Assim, a cláusula adverbial inicial pode ser usada tanto para promover a extensão de turno do falante, quanto para retificar algo

que foi anteriormente dito, por vezes, recuperando um tópico de muitas cláusulas anteriores. Logo, em um turno, uma extensão de fala pode ser organizada através de cláusulas adverbiais iniciais, que servem para controlar o fluxo da informação e para estruturar o discurso. Funcionalmente, as antepostas exercem uma função orientadora do discurso e as pospostas possuem uma função mais estritamente semântica com a cláusula à qual estão relacionadas. As cláusulas que codificam informação velha vêm preferencialmente antepostas, enquanto que aquelas que acrescentam novas informações tendem a vir pospostas.

Quanto ao articulador NUNCA, opositor de SEMPRE, determinamos dentre as ocorrências a sua posição no segmento de frase.

TABELA 9 - Posição do referencial NUNCA

Entrevistados	Nº de Ocorrências	Posição do Referenciador NUNCA	Nº	%
Homens	70	Inicial	42	60,00
		Medial	21	30,00
		Final	07	10,00
Mulheres	75	Inicial	34	45,33
		Medial	27	36,00
		Final	14	18,67
TOTAL	145			

Fonte: Entrevista a 100 portugueses e seus descendentes.

A posição inicial tem a preferência de ambos os sexos.

Como operador discursivo, AGORA não integra a estrutura da sentença e aparece, normalmente, antecipada a ela. Porém, nesta posição também é utilizado como IT (indicador de tempo) (TABELA 10). Atua em unidades discursivas: tópicos e segmentos de tópico. Na abertura tópica 'agora' inicia um assunto, embora o tópico precedente se associe a ele no discurso. Na segmentação tópica, AGORA estabelece uma relação coesiva entre os referentes do mesmo tópico.

TABELA 10- Posição do articulador AGORA

Posição do Articulador Agora	Homens	%	Mulheres	%
Inicial	35	61,40	40	46,51
Medial	18	31,58	41	47,68
Final	04	7,02	05	5,81
TOTAL	57		86	

Fonte: Entrevista a 100 portugueses e seus descendentes.

Numa perspectiva sintática, Marcuschi (1989) afirma que a sua eliminação não prejudica a construção da sentença. Entendemos que o autor tenha se referido a esse operador de coesão no âmbito textual, mas discordamos em parte dessa assertiva, já que numa visão discursivo-funcional, quanto mais orientada for a informação do falante, terá o ouvinte mais condição

de perceber os dados referentes ao tópico em questão, ou no momento da enunciação, como um elemento participativo na tessitura do texto.

Acontece, também de esta forma gramatical coocorrer com outros marcadores, como “ então” (68):

(68) E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?

I: Não é mais não, lá ganhasse mais, né, o poder aquisitivo é... mas também o custo de lá vida é maior, né, **a moeda... agora então** com, né, com o mercado comum o poder aquisitivo tá bem mais alto que aqui.(Maria de Fátima Gouveia)

Como um dêitico temporal, AGORA referencia uma circunstância de tempo, vinculada à estrutura da sentença. Estabelece uma comparação entre a época atual e outra anterior, assim como em (69):

(69) E: Como se sente diante das piadas feitas de portugueses?

I: Acho graça, acho graça, não fico...
[A: Antigamente ela ficava tiririca!] [risos]

I: Antigamente, agora não. Agora eu adaptei.(Maria Emília Lopez)

Também o referencial temporal pode coocorrer com outras expressões nominais, ou adverbiais: “Agora, um dia desse”; “Agora nesses dias”; “Agora, às vezes”. Percebemos a proximidade do fato (lembrança de uma palavra) no momento da enunciação e freqüência na época anterior, em comparação à atualidade. Ainda, marca um momento de reestruturação do que vai ser dito: “Agora, assim de certo”.

AGORA também se associa a correlatos dêiticos espaciais e temporais na produção discursiva: “agora em julho”; “agora o custo de vida lá...” (o falante se refere a Portugal).

Portanto, AGORA é veículo de um tempo de referência e pode exprimir proximidade e distanciamento relativo ao “eu” do locutor .

O advérbio de base nominal ATUALMENTE se mostra como um reiterador do momento “agora”, não-dêitico. Das 15 ocorrências, 12 têm a posição inicial e 3, a posição final:

(70) Se ganha mais do que aqui, atualmente, né? (Silvino)

(71) I: Acho que o custo de vida lá é mais caro do que aqui atualmente (Silvino)

Também encontramos uma variante(72):

(72) I: Eu tenho... sou construtor e sou corretor de imóveis e **atual** também sou comerciante(Davide)

Pode coocorrer com agora,

(73) I: Eu sou viúvo, agora, atualmente,né? (João Esteves)

Quanto à construção das cláusulas, estrutura na coordenação um comentário sobre a atualidade ou ocorre em explicações em relação a um momento anterior.

(74) I: Atualmente o custo de vida em Portugal ta muito alto, qui com o advento do euro equivale ao mesmo valor que o dólar (Maria Olinda)

(75) I: Então na escola, de repente quando eu era menina.... mas atualmente não, atualmente eu não deixo que me discriminem (Maria Lúcia)

HOJE denota um período maior ou menor, considerado próximo do momento da enunciação; portanto, ligado ao enunciador. Em relação com o momento da enunciação (o falante-agora), corresponde ao período demarcado “neste dia” (o dia em que o falante emite o enunciado).

Consideramos a posição de HOJE em relação à proximidade ao SN e ao SV: HOJE SV/ SN, inicial; SN HOJE SV e SV HOJE SN, medial; SN/ SV HOJE, final, o que corresponde à TABELA 11:

TABELA 11- Relação de HOJE na escala de tempo

Posição do Articulador HOJE				Entrevistados e Emissão do TC e TNC		
	Homens	TC	TNC	Mulheres	TC	TNC
Inicial	58	10	48	26	05	21
Medial	14	04	10	02	01	01
Final	17	08	09	13	07	06
TOTAL	89			41		

Fonte: Entrevista a 100 portugueses e seus descendentes.

Por TC, entendemos o tempo cronológico, o dia em que o falante emite o enunciado, portanto ligado à enunciação e ao falante = neste dia em que eu falo) (76); por TnC, o tempo não-cronológico, ligado a um período maior/ menor de tempo, considerado próximo do momento da enunciação, ou na oposição antigamente X agora, portanto , ligado ao enunciador. Evidenciamos, assim, maior frequência deste articulador como encadeador discursivo (77).

(76) I: Aí então, eu nunca tive problema não. Nem nunca ninguém me disse piada nenhuma de português. Até hoje. (Davide)

(77) I: Ah, hoje é uma evolução muito grande. Quem foi a Portugal há 10, 20 anos hoje é um outro Portugal. (Manuel Alves)

As cláusulas articuladas com DEPOIS que codificam informação não mencionada se pospõem àquelas com as quais se relacionam, adequando-se ao princípio geral que controla a distribuição na linearidade do texto. Segundo Decat (1993),

[...] a ordem dos elementos em relação núcleo-satélite não só depende do tipo de proposição relacional que emerge dessa combinação, mas também – e, em certos casos, principalmente – está sujeita à função discursiva da cláusula adverbial (p.168-169).

Quanto ao modo de construção, tanto a anteposição quanto a posposição da “oração temporal” indicam que a ordem relativa das orações é pertinente para a interpretação do efeito de sentido.

TABELA 12: Posição do articulador DEPOIS

Posição do Articulador Depois	Homens	%	Mulheres	%
Inicial	18	35,29	15	27,27
Medial	30	58,83	30	54,55
Final	03	5,88	10	18,18
TOTAL	51		55	

Fonte: Entrevista a 100 portugueses e seus descendentes.

Os referenciais SEMPRE e NUNCA operam, no *corpus*, em todas as posições. Embora estes sejam denotadores de “em todos os momentos” e “em momento algum” não têm uma determinação cronológica. Funcionam como força expressiva para o que é relatado pelo falante. As TABELAS 9 e 13 demonstram a posição desses referenciadores:

TABELA 13 - Posição do referencial SEMPRE

Posição do referenciador SEMPRE	Homens	%	Mulheres	%
Inicial	06	13,04	12	24,00
Medial	35	76,09	35	70,00
Final	05	10,87	03	6,00
TOTAL	46		50	

Fonte: Entrevista a 100 portugueses e seus descendentes.

Tanto homens quanto mulheres têm a preferência pela posição medial, considerando-se as estruturas SV+ SEMPRE+ SN; SN+ SEMPRE+ SV; ADJUNTO+ SEMPRE.

O tempo pode ser determinado por número de anos, ou indeterminado por um SN. Nas construções com o verbo HAVER, quando seguido de um numeral, marca o tempo passado; com outros adjuntos, marca a

duração de um processo no passado, em relação ao ME (momento da enunciação).

TABELA 14- Relação posição X função do verbo HAVER

Posição	Homens	Função	Nº	Mulheres	Função	Nº
Inicial	17	DET	12	8	DET	5
		INDET	5		INDET	3
Medial	10	DET	5	9	DET	4
		INDET	5		INDET	5
Final	2	DET	1	10	DET	3
		INDET	1		INDET	7
TOTAL	29			27		

Fonte: Entrevista a 100 portugueses e seus descendentes.

Tomamos a posição do verbo em relação à cláusula em que ele se encontra. Sob este ângulo, a posição inicial é preferencial para os homens, e a final, para as mulheres. Tanto na posição inicial quanto na posição medial homens e mulheres se utilizam da estrutura HAVER+ ADJ. DET./ INDET.; porém, na final, há preferência pelas mulheres, seguida à estrutura de um adjunto indeterminador/ quantificador. Vale ressaltar que em respostas reduzidas, há a preferência pelos homens, com numeral.

Em todas as entrevistas só houve uma ocorrência com o verbo TER, de uso mais popular, o que nos leva a crer que os portugueses utilizem o verbo Haver em lugar de TER.

(78) E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?

I: Olha, eu não sei porque eu não vou há muito tempo lá, **tem anos** que eu não vou a Portugal, eu não sei exatamente como está, mas eu acho que dá pra gente viver, né? (Manuela)

No *corpus*, além do verbo HAVER foram detectadas outras marcas de determinação e indeterminação no tempo. Em relação à determinação, o tempo é denotado por datas, mas a indeterminação ocorre por meio de adjuntos e locuções, como: “um dia”, “uma hora”, “um bocado de anos”, “por muito tempo”, “anos atrás”, “ano passado”, além de “à noite”, “ontem”. Estes dados totalizam 371 ocorrências.

Também a frequência dos eventos é marcada com o referencial de tempo. Cabe-nos aqui somente citar os articuladores que, no segmento de texto, têm este sentido: “às vezes”, “todos os anos”, “de vez em quando”, “de repente”, “um monte de vezes”, “constantemente”, “normalmente” e “anualmente”. Estes dados totalizam 85 ocorrências.

Assim como DEPOIS, outros referenciais textual-discursivos foram assinalados no *corpus*, como, “logo que”, “antes de”, “enquanto”; “assim que”, “até que”, “após” e “mais tarde”.

Para referenciar o passado, os entrevistados utilizaram adjuntos, preposicionados ou não. A TABELA 15 busca determinar o número de ocorrências do *corpus*. Estes articuladores, por ocuparem posições variadas no segmento de texto, serão tratados com mais detalhes na seção 5.

No segmento de turno em que eles são usados, “se estivermos dispostos a admitir que a experiência vivida das pessoas”, segundo Ilari (1922,

p.170), determinam um período como parte de um todo. Assim, a temporalidade deve ser entendida principalmente sob o domínio semântico-discursivo, já que pode sinalizar início, extensão ou finalização de um turno, em relação à narrativa. Assim sendo, a relação estabelecida entre as orações no texto construído pelo falante pode desenvolver o discurso, levando-se em conta a necessidade de acrescentar informações ou compartilhá-las com o seu interlocutor, para melhor compreender o assunto.

Tabela 15 – Articuladores de referência passada.

Tipo de articulador	Homens	Mulheres
Em / aquela época	50	28
Em/ naquele tempo	51	14
Antigamente	06	17
Naquele Momento	00	11
Em/ aquela/ hora	05	14
Em/ aquela altura	01	07
Em/ aquela/ ocasião	02	03
Em/ aquele/ período	05	01
Em/ aquele/ princípio	01	00
Uma ocasião	00	03
Em/ aquele/ começo	00	02
Nos idos	01	00
TOTAL	122	100

Fonte: Entrevista a 100 portugueses e seus descendentes.

Podemos assim sintetizar a relação entre os articuladores apresentados, as funções desempenhadas no *corpus* em estudo e as posições preferenciais:

TABELA 16: RELAÇÃO ENTRE OS ARTICULADORES QUANTO ÀS FUNÇÕES E ÀS POSIÇÕES PREFERENCIAIS

ARTICULADORES	FUNÇÕES	FUNÇÃO PREFERENCIAL	POSIÇÃO	POSIÇÃO PREFERENCIAL
JÁ	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Indicador de tempo ➤ Encadeador discursivo ➤ Resposta simplificada 	Encadeador discursivo.	Variável quanto à posição.	Inicial, para ambos os sexos.
ENTÃO	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Indicador de tempo ➤ Encadeador discursivo 	Encadeador discursivo.	Inicial e medial.	Inicial, para ambos os sexos.
QUANDO	Indicador de tempo	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Organizador discursivo. ➤ Elemento de interação entre os participantes. 	Inicial e final.	Inicial, para ambos os sexos.
NUNCA	Elemento enfático	Ênfase.	Variável quanto à posição.	Inicial, para ambos os sexos.
AGORA	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Indicador de tempo ➤ Encadeador discursivo 	➤ Indicador de tempo.	Variável quanto à posição.	Inicial, para homens, e medial, para mulheres.

Já que vimos que a posição dos elementos indicadores de tempo nem sempre se relaciona simplesmente com a sentença da qual fazem parte, mas também pode influir no escopo das informações, interessou-nos estabelecer as relações entre o espaço/ tempo/ aspecto, no discurso.

5 A RELAÇÃO ESPAÇO/ TEMPO/ ASPECTO

[...] o homem não dispõe de nenhum outro meio de viver o “agora” e de torná-lo atual senão realizando-o pela inserção do discurso no mundo. (BENVENISTE, 1989, p. 85)

O texto é constituído de seqüências marcadas no tempo e no espaço pelo falante. No discurso, as ações, os processos captados ou realizados pelo homem se consubstanciam na enunciação, através de imagens reconstruídas na memória, marcadas por um tempo ou por interstícios de tempo.

Nesta seção, buscamos suportes em estudiosos sobre a temporalidade, para estabelecermos a conexão entre espaço/ tempo/ aspecto.

Bühler, segundo Weinrich, colocou no centro do sistema da língua o conceito de campo dêitico com os pontos de relação eu-agora-aqui. O agora-dêitico tem ao mesmo tempo a oposição principal: neste X naquele momento. O não-agora pode ser utilizado em relação ao falante e corresponde à oposição às fases do tempo presente e não-presente; quanto ao fato expresso, marca a oposição entre os aspectos imperfectivo (o ponto de vista se encontra dentro do discurso) e o perfectivo (o ponto de vista está fora do discurso). Projetado sobre a linha do tempo de não-presente, o ponto do presente separa o não-presente em passado e futuro e assinala o caminho para ulteriores distribuições e frações do conceito do sistema dêitico (WEINRICH, 1968).

Os conceitos dêiticos não são obtidos do pensamento simplesmente, mas têm em vista a linguagem, ou seja, os tempos da língua, assim como o sistema dêitico são, no fundo, um sistema lingüístico e em um dos pontos de vista um sistema de tempos.

Afirmam Mateus et al:

São vários os níveis de intervenção do 'Espaço' e do 'Tempo' num processo de interação verbal. Se, por um lado, as línguas naturais dispõem de mecanismos de tradução das características e das relações espaciais e temporais, realizando-as através da utilização de estruturas que funcionam como **marcas** de localização espacial e temporal, o Espaço e o Tempo são, em primeiro lugar, uma espécie de **operadores semânticos** que, aplicados a primitivos conceptuais, contribuem para a construção de conceitos mais complexos nas diferentes áreas semânticas que incluem formas, movimento, percepção, emoção, posse, comunicação, etc. Cada área semântica pode estar reflectida no léxico onde é possível reconhecer conjuntos de palavras que partilham um conceito comum subjacente, de natureza espacial ou temporal (grifos dos autores, MIRA MATEUS et al, 1989, p.116).

O falante organiza no tempo e no espaço os fatos e os objetos de que fala, tomando como ponto de partida o momento e o local em que ele se encontra. Por isso, AGORA E AQUI são pontos dêiticos da enunciação, porém nem todas as expressões lingüísticas que se referem ao tempo e ao espaço são dêiticas: surgem, então, mecanismos na estrutura do texto que interagem na constituição do discurso (sobre o assunto, vale consultar também PONTES,1992).

Há relação entre as circunstâncias de tempo e espaço que se referem ao “conteúdo da oração base”. Azeredo utiliza a nomenclatura “situação/ movimento” para identificar tais circunstâncias. Afirma:

Os conectivos “quando” e “onde” exprimem, respectivamente, situação no tempo e no espaço. “Agora que” também exprime situação no tempo, mas seu papel dêitico, que o vincula à circunstância temporal da enunciação, faz dele um conectivo peculiar. Todos os demais designam movimento no tempo e caracterizam variações aspectuais do processo verbal expresso na oração base (AZEREDO, 1999, p. 98).

Em 2000, em *Uma Abordagem Textual das Categorias do verbo*, Azeredo afirma que a lingüística desautoriza a correspondência das noções de tempo cronológico expressas principalmente por advérbios antes/ontem, agora/hoje e depois/amanhã como identificação de presente, passado e futuro. Enfatiza o falante/autor como um orientador da atividade discursiva na rede de atos significativos como ponto de referência. Como Ilari, destaca três variáveis, porém distingue-as como: 1) Momento da Enunciação (ME) – o agora do falante; 2) o momento que, em relação ao ME, serve de ponto de referência (PR- presente, passado, futuro) para o intervalo de tempo (IT), ocasião em que o fato expresso pelo verbo acontece); 3) o IT (o fato, o segmento da linha do tempo em que o fato expresso pelo verbo pode ser anterior, posterior ou contemporâneo ao PR).

Para Azeredo, a relação entre tempo e espaço são “referências necessárias na vida social” do homem, atribuindo à língua recursos para situar as ações na situação de fala. O presente verbal não pode ser definido por

“momento em que fala” – é uma forma genérica, não situada na linha do tempo. Já o imperfeito, o perfeito e o futuro localizam os fatos no tempo anterior ou posterior ao ME. O MR (momento de referência) permite o afastamento do ME, através da memória.

Ilari (1997, p.07-08) esboça “uma gramática dos tempos”, mostrando “como os tempos verbais, os adjuntos e os auxiliares afetam a interpretação das sentenças sob o ponto de vista da localização temporal dos fatos de que elas tratam”. Segundo ele, o estudo da expressão lingüística do tempo, em português deve ter como tarefas:

- o reconhecimento das expressões e construções que indicam tempo;
- o desenvolvimento de noções e de uma metalinguagem adequadas;
- a definição de procedimentos que permitam a construção de fórmulas, cuja estrutura sintática permita distinguir referências temporais das sentenças.

Propõe, nessa obra, contribuir com uma interpretação das sentenças que indicam tempo, além de descrever expressões e construções gramaticais que indicam tal noção, na língua corrente. Segundo Ilari (1997, p.09), não há homogeneidade entre os recursos expressivos e os conteúdos expressos; e muitas construções para expressar tempo exprimem também outros conteúdos, sobretudo de modo e aspecto.

Repensando a noção de tempo, inferimos que uma parte dos adjuntos de tempo pode ser empregada como anafóricos ou dêiticos; outra, apenas dêiticos; ainda outros, anafóricos. A ancoragem se caracteriza por distinguir os adjuntos capazes de localizar eventos. Além disso, a relação cronológica, estabelecida com o momento da fala (simultaneidade, anterioridade ou posterioridade), se combinada com medidas de tempo, são obtidas também funções descritivas que indicam localizações de eventos.

(79) E: Você teve alguma influência quando seus pais resolveram vir para o Brasil?

I: Eu na época que meus pais chegaram aqui na década de 50 e 51 a situação aqui era bem melhor que lá então teve aquele negócio de fazer a vida aqui e infelizmente a época boa para se fazer isso foi até a década de 70 no máximo, de 70 pra cá ficou muito ruim.(Augusto)

O falante usa os tempos verbais para expressar um valor básico à temporalidade, localizando a ação no tempo passado (na época; na década de 50,70); os adjuntos operam, originando valores aspectuais no uso da comunicação, para indicar uma situação passada. Entretanto, algumas formas verbais (pretérito perfeito/ imperfeito), por serem polissêmicas, estabelecem, junto aos adjuntos, os vários “sentidos”. Estabelecem a comparação entre os espaços “aqui” e “lá” e distinguem uma situação de posteridade, no passado (“até a década de 70”). Na interpretação dos tempos verbais, MR e ME diferem. Fica, assim, condicionada à possibilidade de estabelecer o MR mediante recursos lingüísticos ou extra- lingüísticos. O MR foi buscado no ME do contexto anterior.

Quanto às construções perifrásticas, caracterizam-se pela aproximação sintagmática de um verbo auxiliar, em uma das formas flexionadas, e de uma forma nominal do verbo “significativo”. Em (80) e (81):

(80) E: A senhora já visitou algum Estado brasileiro?

I: Opa! Não tem conta. Fui ao Nordeste, já fui ao Sul, já fui à... como é, Caldas Novas, que é perto de Brasília. Já fui a Brasília, logo que Brasília foi inaugurada eu fui lá, já passei muito... **continuo passeando**. Passei muito. (Maria Emília)

(81) E: Senhor Manuel, como o senhor se sente diante das piadas e críticas?

I: É natural, já **estou acostumado**, há muitos anos aqui , quarenta e oito anos aqui no Brasil, já **está acostumado**, já.(Manuel Vieira)

a análise da temporalidade nas formas nominais – o Gerúndio e o Particípio – leva-nos a distinguir a categoria de tempo da categoria de aspecto. O Gerúndio expressa o decorrer do tempo; o Particípio expressa, de certa forma, a permanência no tempo, como decorrente de um processo anterior, portanto, o resultado do escoar do tempo. Estas são formas não-dêiticas, visto que **passeando** ou **acostumado** não informam se o processo e o estado resultante ocorrem no momento da fala ou em momento anterior ou poderá ocorrer em momento posterior.

Para esclarecer o papel de certos auxiliares da conjugação progressiva, é indispensável a expressão da duração, sem perder de vista a localização de processos no tempo.

Em português, várias são as maneiras de expressar a duração interna, distinguindo os processos pontuais; aqueles que evocam a idéia de “tempo gasto”, “tempo empregado”; ou a idéia de “tempo escoado” e atividade. Ilari chama de pontuais os processos que, ao serem expressos no perfeito do indicativo e ao receberem a aplicação de adjuntos, continuam sendo considerados em seu todo. Caracterizam-se pela incapacidade de se combinarem com adjuntos de duração ou, mais exatamente, o fato de que os adjuntos de duração, quando combinados com predicados que se referem a um processo pontual, não indicam a duração interna do processo, e sim o período em que o processo ocorreu. Na classe dos predicados de tempo escoado, **depois** revela-se importante para organizar a interação entre verbos e adjuntos, como demonstra (82):

(82) E: Como se sente diante das piadas e críticas feitas aos Portuguesas?

I: Eu acho tranqüilo e há ... Vamos dizer assim, há uns trinta anos , quando meu pai ouvia se irritava, mas com o tempo aquilo ficou tão familiar, familiarizado que **depois acabou caindo** na risada, tanto o português quanto o brasileiro, passou-se a aceitar mais. Hoje uma piada o português conta mesmo é piada dele, como o mineiro conta do mineiro. Então eu acho que é um assunto superado, não existe mais irritação com isso.(Manuel Alves)

Como vemos, a localização no tempo é relativa (“há uns trinta anos”), para identificar situações passadas. Os adjuntos ancoram o fato precedente (a irritação às piadas), por anáfora.

Quanto aos adjuntos que evocam a idéia de tempo empregado, o escoamento do tempo, respondendo à pergunta “ por quanto tempo?”, **por**

enquanto, em (83), é exemplo de que em Português não há uma conjugação própria para indicar que o processo é durativo. São os adjuntos que qualificam a duração do processo e auxiliares que veiculam a idéia de duração. Entretanto, a oposição entre predicados durativos e não-durativos se reflete na estrutura das frases, pois afeta a possibilidade de combinar os morfemas verbais, os auxiliares e os adjuntos.

(83) I: No Brasil não visitei Estado nenhum, **por enquanto** ainda não. (Fátima Maria Afonso)

Para medir a duração expressa por adjuntos, em Português, utilizamos estratégias, sendo as mais comuns:

- indicar os limites do processo, referindo-se às datas de um calendário, a fatos conhecidos pelo texto ou pelo conhecimento de mundo que os interlocutores compartilham;
- colocar o processo em paralelo com outros, de duração conhecida.

A oposição entre duas interpretações não pode ser explicada pelas características lexicais do verbo ou de qualquer outra expressão; deve, portanto, resultar do contexto sintático.

5.1 O Espaço

Os pontos dêiticos dizem respeito ao falante. Os fatos e os objetos se organizam a partir do aqui-agora do falante e os mecanismos que estruturam o texto interagem na constituição do discurso.

A noção de espaço se correlaciona com o falante no momento da enunciação, isto é, o local onde ele se encontra e a referência ao fato que ele enuncia. É ele quem organiza os fatos no tempo, localizando-os em deslocamentos espaciais. Por raciocínio, cria as antecedências, as simultaneidades e os fatos preteridos, constituídos em textos. E a noção de tempo se correlaciona com os acontecimentos, os processos, os estados, e outras ocorrências. Assim, os discursos se constroem sob organizações espaciais, temporais ou ordenação de proposições argumentativas. Isto significa que na linha de organização no discurso do falante há a necessidade de orientação para si e a interação no diálogo com o interlocutor. As proposições não se localizam no tempo, nem no espaço. Os fatos narrados são construídos em partes interrelacionadas (texto) com o uso de encadeadores discursivos.

No discurso, os elementos referenciadores de espaço se distinguem no enunciado, se tomarmos o espaço como referência próxima ou distanciado do falante. Embora haja limites geográficos, são eles sutis, já que o ouvinte/receptor ultrapassa estes espaços. Para os nativos portugueses, o espaço é

representado através da memória. Se a memória tem ligações com o real factual, reproduz o mundo concreto. Embora de ações já passadas, são elas lembradas num halo de fantasia e projeções mentais em espaços e tempos diferentes. O espaço da realidade (aqui) acentua o significado do signo, a denotação. É ele que fornece as coordenadas da ação. O espaço das projeções mentais acentua a conotação, em cuja imagem se organizam os signos representados. Nele o português tenta recompor a identidade pela análise e apreensão do passado. Ao invés de ser a cópia de um espaço histórico-social, é a transposição retórico-metonímica, por meio da ligação tempo/ espaço, e metafórica, já que cada um dos nossos entrevistados tem um significado próprio.

A sucessão temporal se refere ao percurso do sujeito (no passado) e é marcada pela necessidade do fazer (pelas anterioridades). A decisão do sujeito é marcada catafórica e anaforicamente pelos segmentos anterior- em gradação, na seqüência como (84): o chefe de família migrava , e posterior – a família. A quebra de paralelismo semântico (“Vim pra cá”) é tocada pela suspensão da ordem temporal. Embora mostre a ação concluída, articula o desencadeamento de ações contidas nos trechos conseqüentes e evocados no espaço da memória (a imigração do pai, da mãe e da irmã). Os deslocamentos espaciais (Portugal/ cá(Brasil) são lembrados para acentuar a significação da decisão.

(84) I: O motivo é que naquele tempo, né, quer dizer, na década de 50, a emigração portuguesa era um acontecimento muito, muito normal, né, na medida em que Portugal apresentava dificuldades econômicas muito fortes, né. E o Brasil era, era um

dos países, quer dizer, de atração migratória de portugueses. Vim pra cá, meu pai migrou antes, quer dizer, como era normal naquele período. Geralmente o chefe da família migrava, vinha antes, se estabelecia e preparava a vinda do resto da família. Meu pai migrou em 55 e eu, minha mãe e minha irmã fomos chamados em 58. (Celso)

Lopes (1978) toma a interpretação como um “fato de leitura” em que um discurso conotado se transforma em texto(s) denotado(s). Para captar-lhe(s) o sentido, é necessário interpretar o sentido do discurso, situado em um espaço que o transcende. É, então, o discurso o espaço das semioses realizadas de um texto e o resultado do fazer do emissor. Ele e o receptor constituem, assim, o “sujeito plural”, “o autor de qualquer ação social” (na expressão de L. GOLDMAN, citado por LOPES, 1978, p.06). Reiterando a afirmação de Mateus et al, as estruturas localizam o fato/acontecimento no tempo e no espaço para dar sentido ao que é dito. Os fatos e os objetos de que fala tomam como ponto de partida o momento e o local em que ele se encontra.

5.2 O Tempo

Dizer é no tempo e no espaço.
(CAFEZEIRO, Edwaldo, 1999, p.123)

Tempo e espaço são categorias intimamente ligadas. Nas conversas, a divisão do espaço explica a divisão do tempo em cronológico e não-cronológico. O primeiro indica o fluir da temporalidade; o segundo, a busca da reconstrução da identidade. Neste, o tempo não é mensurável, os níveis temporais são solicitados e não obedecem a uma organização espaço-temporal. É a representação do fluxo de consciência, não só através da palavra, mas também de imagens. Como na conversa há dois espaços, o da construção e o da interação, há duas temporalidades: o tempo de construção (paradigma) e o tempo da interpretação (sintagma). Se o espaço é delimitado e representado pelos objetos, o mesmo não acontece com o tempo, cujos significantes são indiretos e vagos e exigem do ouvinte maior atenção à leitura.

As situações comunicativas são diversas como podem ser as situações da vida e nenhuma é igual a outra, mas isto não exclui a possibilidade de alcançarmos uma tipologia. Situações comunicativas são, por exemplo, pedir uma informação, relatar uma história, descrever uma cena, fazer um comentário, e outros. Há determinadas afinidades entre os tempos e as situações comunicativas.

Pouillon (1974) já alertava que não existe dificuldade em admitir que a compreensão do homem é a compreensão de um ser temporal.

Camara Júnior (1985 e 2004, v. tempos, p.231-232) afirmava que a denominação “tempo” resulta da circunstância de que as formas verbais situam o processo na sua ocorrência em relação ao momento em que se fala. As expressões de tempo e aspecto aparecem juntas, pois estabelecem oposições

entre “processo concluso” (pretérito perfeito), cuja fala é apresentada no passado em sua realização, e “processo inconcluso” (pretérito imperfeito). O aspecto designa a “duração do processo” (momentâneo ou durativo) ou como ele é considerado pelo falante, isto é, em seu começo (incoativo); em seu curso, mas ainda inconcluso (imperfeito); em seu fim já concluso (perfeito, concluso, mas permanente em seus efeitos (permansivo). Também as formas perifrásticas indicam aspecto, mas não constituem um sistema coeso, principalmente com as formas Ter ou Haver + Particípio Passado, já que o fato assinala uma repetição, uma continuidade, ou até mesmo concluído em relação a outro fato (ocorre principalmente com o Indicativo Presente + Particípio).

Quando o falante enuncia um fato como anterior, posterior ou simultâneo ao ponto agora, atualiza o tempo físico (cronológico). Assim sendo, expressamos o que ocorre no momento da fala, o que ocorreu em momento anterior ou ocorrerá posterior à fala, como também outros pontos em que se subdividem o passado e o futuro (Tempo Relativo) (COSTA, 1997, p.17). O TR se caracteriza por recorrer ao ponto de enunciação e a outro ponto que precede (anterioridade) ou é posterior (posterioridade) à enunciação.

Ilari destaca no tratamento à estrutura do verbo a relação cronológica dos morfemas de tempo em três “momentos” relevantes:

- o momento da fala (MF);
- o momento da realização da ação expressa pelo verbo (ME);
- o momento da referência (MR) (segundo o filósofo e lógico Hans Reichenback, opus cit In Ilari, 1997, p. 13).

Em (85), observamos três pontos do passado em relação ao ponto dêitico da enunciação, isto é, -ter a profissão- é anterior a AGORA e à chegada; ter o emprego é posterior, respectivamente, à qualificação profissional e à chegada ao Brasil. Logo, há três pontos de referência temporal: o dêitico (o momento do relato do falante) e os pontos de referência secundários. Em (86), a seqüência de fatos no passado – decisão da vinda e o casamento - são pontuados, em relação ao fato de ter filhos e ficar aqui e agora. O uso do presente é o tempo não marcado no que diz respeito à categoria de tempo, expressa uma duração. O momento da fala (MF) coincide com o momento da referência (MR)

(85) I: Não, nunca tive dificuldade, eu já cheguei aqui no Brasil eu já tinha a profissão, eu cheguei aqui e dois dias eu já tinha o emprego. (Hilário de Jesus)

(86) I: Eu decidi vir pr'aqui, **vim** novo pra cá, com dezesseis anos e pouco, né, e me casei aqui, e fiquei por aqui mesmo, tenho um casal de filhos. (Manuel Viana)

Para compreender uma seqüência temporal, é necessário estabelecer algum elo entre o que se vai sucedendo. Uma série de instantes descontínuos não constitui duração. Não há no tempo partes isoladas. O presente de alguém está por certo ligado ao seu passado, à linha do tempo, na qual o passado é retomado (tempo recuperado) no presente, não pela reflexão, mas pelo retorno de impressões/ lembranças; e o futuro (tempo indeterminado) poderá ser atraído pelo presente. O encadeamento dos acontecimentos se

constitui em uma sucessão temporal, que o homem traz para a vida, através da sua fala e da sua escrita.

Diverso de (85), em (87), observamos dois pontos do passado em relação ao ponto dêitico da enunciação, isto é, VIR e FALECER são anteriores a AGORA e FALECER é anterior a VIR. Logo, há dois pontos de referência temporal: o dêitico e o ponto de referência secundário (VIR).

(87) I: Quando ela veio pra cá eu estava com 1 ano e meio e meu irmão tinha falecido naquela época que ele veio. Quando...quando... E veio fugido de novo. (Tereza)

Segundo Mateus et al. (1992), o “modo de enunciação experiencial”, característica da interação verbal, supõe um EU e um TU e uma referência espaço-temporal organizada a partir *do aqui e do agora* da enunciação. O tempo é uma categoria enunciativa. Na interação, a categoria lingüística “tempo” é gramaticalizada nos tempos verbais, nas expressões com o valor de adverbiais temporais. As expressões adverbiais organizam-se a partir do “agora” e nos conectores frásicos de valor temporal.

A enunciação, em relação ao intervalo de tempo em que ocorre, é definida pela relação de simultaneidade, anterioridade e posterioridade dos tempos naturais, (segundo a terminologia de Celso Cunha) em Português: o Presente, o Passado e o Futuro. No “modo de enunciação narrativo”, que caracteriza a descrição de estados de coisas ocorridos, testemunhados, ordenados cronologicamente, o intervalo de tempo é designado explicitamente por uma data ou um equivalente semântico (88).

(88) E: Mas a senhora hoje está trabalhando na comunidade luso brasileira?

I: Pois é, eu estava lembrando do rancho, desculpa eu cortei esse assunto, o rancho folclórico Luiz de Camões, por acaso, tempos depois eu vim a dirigir, dirigi o rancho por um período curto que começou **em março de 2004** e terminou agora nessa mudança da nova gestão para **2005/2007** eu estou deixando a direção do rancho por motivos particulares que não valem a pena citar, enfim. (Laboré)

A relação da sucessão no tempo pode ser expressa como menor predicação. É a realizada prepositivamente por ANTES e DEPOIS. Numa relação seqüencial, a relação de tempo pode ser expressa entre predicações, com uma cláusula mostrada como dependente de outra pelo sentido da conjunção. A relação de tempo pode ser explicitada por uma conexão entre dois eventos em várias relações estruturais: as conjunções exercem uma função coesiva e os adjuntos, uma função discursiva. Pode haver somente um evento lingüístico e a seqüência temporal estar na organização discursiva do falante, ou não ocorrer com eventos. Os elementos que servem à ordenação discursiva têm relação com os atos de fala.

Em se tratando de uma “descrição de fatos” são localizados no passado, no discurso, segundo a ordem em que ocorreram “historicamente”. As expressões adverbiais temporais que se organizam a partir do “então” são referenciais, mas não são dêiticas. No “discurso relatado” (na terminologia tradicional “discurso indireto”), os enunciados já produzidos são reproduzidos; localizado temporalmente em relação ao “agora” da enunciação e ao “então” (em 71) da reprodução ou “quando”. Coexistem os dois sistemas de expressões adverbiais temporais no discurso relatado, devido ao duplo tipo de localização

temporal. Quanto ao “discurso citado” (na terminologia tradicional “discurso direto”) a noção de tempo pode exprimir passado, presente ou futuro, e as expressões adverbiais são características do modo de enunciação experiencial, mesmo com intervalos de tempo simultâneos/ posteriores. O verbo toma o tempo como referência, combinando características semânticas, traços que se incluem e se excluem (COSTA,1997:14).

Entretanto, ENQUANTO, é usado quando há referência a um processo, atividade, ou estado; DE REPENTE, uma locução, usada em combinação com um acontecimento ou um ato.

(89) I: Eu fico preocupado em ver o Brasil com essa falta de escolaridade, desse Brasil que tem tão poucas aulas. **Enquanto** o primeiro mundo está com 200, 275, 280 dias aula ano, aqui no Brasil está com cento e poucos dias, não chega a duzentos dias. Então quer dizer, isso é uma cultura que a própria criança é ensinada a estudar pouco, ler pouco. (Ademir Carvalho)

(90) I: Quando na verdade não é isso que acontece. O que de repente aconteceu foi o seguinte, só veio para o Brasil, pelo menos numa determinada data, a imigração foi feita através de pessoas simples, pessoas que em Portugal não tinham, assim, cargos elevados, o pessoal do povo. (Sílvia Marlene)

Em relação às formas morfológicas de infinitivo, gerúndio e participípio passado são formas ligadas ao verbo,

[...] mas com funções nominais, adjetivas ou adverbiais que, sintaticamente, ocorrem em regra em orações dependentes de uma oração finita. Não exprimem em si mesmas qualquer dos tempos naturais, sendo a sua função de localização temporal subsidiária da oração finita de que dependem (MIRA MATEUS et al, 1989, p.84),

Todas elas podem exprimir anterioridade, simultaneidade ou posterioridade, dependendo da posição sintática dessas orações em relação à oração principal. Portanto, vimos que tempo e espaço coocorrem. O tempo é a sucessão de momentos, mas momentos são unidades de tempo. Ante este fluxo, há um processo contínuo de conversão: do agora ao passado e ao futuro.

Podemos, então, considerar três tipos de tempo: referencial, textual e da enunciação. O tempo referencial ou cronológico é o tempo de ocorrência ou de realização de situações, de fatos, ações, estados, eventos, por ordem cronológica. Pelo tempo do texto se estabelecem as relações temporais entre os segmentos- cláusulas e porções de texto (frases e parágrafos) da seqüência lingüística que constitui o texto em sua linearidade, ordenando as situações. O tempo da enunciação é o tempo da fala, o momento da produção. Assim é que, nas próximas seções, buscamos ressaltar características que os identifiquem.

5.2.1 A Relação Tempo Verbal e Tempo no Discurso

[...] o presente (...) imprime na consciência o sentimento de uma continuidade que denominamos “tempo”, continuidade e temporalidade que se engendram no presente da enunciação,

que é o presente do próprio ser e que delimita, por referência interna, entre o que se tornar presente e o que já não o é mais.
(BENVENISTE, 1989, p. 86)

Uma língua distingue sempre “tempos” como um passado e um futuro, separados por um “agora”, o tempo em que se fala. Segundo o lingüista, dentre os tempos verbais, o presente ocupa um lugar que coincide com o momento da enunciação, o momento em que a linguagem é colocada em ação pelo discurso. Os demais tempos verbais distinguem-se uns dos outros sempre pela relação com o tempo presente.

Nas narrativas, os tempos pretéritos prevalecem sobre os outros. Por meio do pretérito imperfeito, o falante se distancia de seu discurso e consegue que o ouvinte não veja razões para que este discurso o afete. Assim, encontramos razões para comprovar como este tempo verbal está começando a substituir o pretérito perfeito, na comunicação.

(91) E:Mas a senhora disse que no colégio a senhora teve dificuldade pra estudar por causa da língua?

I:Ah! Queria ouvir falar assim pro português, que assim eu não me lembro, mas **era o português assim bem carregado**, né, aquela coisa, que eu ainda tenho um pouco, mas não é tanto, então **eu ficava assim chateada e tudo**, então eu quis sair do colégio e meus pais deixaram! Quer dizer, aí depois eu me arrependi, mas aí já era tarde, né?(Maria do Céu)

O entrevistador utiliza os verbos no pretérito perfeito; já a entrevistada, o imperfeito, para justificar a dificuldade.

No mundo comentado o locutor responsabiliza-se, compromete-se com aquilo que enuncia. No mundo narrado, ele se distancia do discurso, não se compromete com o dito; apenas relata fatos.

André Bello (cit. por Weinrich, 1968) chamou ao pretérito imperfeito *copretérito*. Entendia este tempo verbal como só podendo aparecer no discurso acompanhando outro verbo, usualmente outro, no pretérito. Bello definiu o imperfeito como “ a decoração do drama” (*La decoración del drama*). Segundo ele, quando narramos algo no passado, utilizamos o imperfeito para emoldurar os fatos, para descrevê-los. Em geral, tudo aquilo que vá no imperfeito é acessório, embora sirva para situar a ação. O imperfeito configura, pois, um segundo plano narrativo, enquanto o perfeito – primeiro plano narrativo- mostra o “drama em si”. Harald Weinrich, em sua obra *Estructura y función de los tiempos em el lenguaje* (1968), qualificou este tempo verbal como potencialmente arriscado “*peligroso*”, por exemplo:

(92) I: Não, quando eu fui morar lá, já tinha uma filha com três meses e a outra, a mais nova nasceu lá. Então não tivemos nada de discriminação não. Nasceu lá tinha que nascer, acabou.
(Marcelo)

É certo que a função principal do imperfeito é marcar tempo passado, mas se o imperfeito marca um aspecto não- acabado, isto é, a não finalização da ação expressa pelo verbo, o imperfeito, em (92) apóia-se em outro verbo que explicita um acontecimento posterior àquele da cláusula cujo verbo é usado no perfeito. Para comprovar a descrição temporal do imperfeito e que seu

aspecto não acabado facultam a expressão de ações habituais, valemo-nos de algumas falas dos nossos entrevistados:

(93) I: E naquela época, não **tinha** televisão, o que a gente **conhecia** do Brasil era nos filmes e muitos filmes brasileiros **passavam** em Portugal e eu **fazia** questão de ver todos eles, em preto e branco. Então eu **ficava** fascinado não só pela história, o que **era** o Brasil, seu Continente e como o seu povo, como **vivia**, o nativo, que **eram** os índios, tudo me **chamava** a atenção e eu **queria conhecer** o Brasil. (Mário Rodrigues)

As ações inconclusas e descrições no passado (93) são usos referenciais, puramente informativos do imperfeito. Entendemos que o ouvinte não saberia como foram concluídas as ações e o fascínio pela terra desconhecida, se não tivesse conhecimento da seqüência discursiva posterior. Porém, estes usos referenciais, também podem servir para expor a opinião do falante, as dúvidas ou desejos dele. Quando expôs que “queria conhecer o Brasil”, deu a entender algo mais (talvez, e aqui estou hoje), diferente daquele tempo e espaço. Nestes casos, o imperfeito adquire uma categoria superior a do resto dos tempos verbais. Quando alguém comenta

(94) E: E o senhor já passou algum tipo de discriminação em relação a sua origem?

I: Não. Se passei também não ligo pra isso não. **Isso era há quarenta anos atrás, sempre existia alguma coisa.** Hoje as coisas mudaram, né. (Jorge Gomes)

podemos inferir que quem nos fala não está contando os dias, que não está seguro do que nos disse, se chega a produzir uma realidade. Mediante o imperfeito, põe-se em dúvida a verdade da mensagem. É como se nos dissera:

existia, mas não estou seguro. O falante, nestes casos, age com precaução. A isso Weinrich chama de *discurso anterior pressuposto*. O falante se livra de responsabilidades por meio do imperfeito, que diminui o realismo e a verdade da mensagem. Quando estamos em uma situação comunicativa específica, além de codificar e decodificar informação, fazemos com que nosso interlocutor infira algo que não está explícito.

Tesnière chamou a atenção sobre o paralelismo formal entre os tempos verbais simples e os compostos. A cada forma simples corresponde uma composta. Já Weinrich (1968) os diferencia segundo critérios lingüísticos: uma comparação das formas do verbo e de seus tempos, numa visão paradigmática da língua. A distribuição dos elementos da “oração” está condicionada a “certas leis estruturais da língua”. Assim, um tempo, uma vez situado no contexto de um discurso, exerce sobre os outros elementos uma pressão estrutural que limita a liberdade de eleger entre todos os tempos possíveis (WEINRICH, 1968, p.44-45). Logo, o discurso, não produz combinações ilimitadas; existe uma limitação combinatória, particularmente nos períodos subordinados. O tempo da principal pede na subordinada determinado tempo em razão de outros, por uma questão de concordância (*consecutio temporum*).

Com o presente do Indicativo na primeira cláusula foram encontradas as seguintes concordâncias:

Presente + Presente:

(95) I: **a cultura do português**, conforme você sabe, **ele vem com uma carta de chamada, ele chega sem nada , com uma mala, com roupas, sem dinheiro, quando ele tem uma ajuda**

de um patrício, o patrício arranja um serviço pra ele, a puxar uma carroça, um menos esclarecido, o outro mais esclarecido já dá um emprego na padaria, outro já dá numa quitanda, outro não sei que, ele vai e começa a abrir o seu negócio, abre uma porta, faz um sótão, ali ele dorme, ele come, ele vende a comida e junta sempre seu dinheirinho. (Manoel Alves)

Mesmo com os tempos verbais das cláusulas no presente, o falante propõe uma extensão do passado, mostrando uma conduta habitual no ato da enunciação. Entretanto, quando há a relação presente + pretérito perfeito, a contemporaneidade diverge da situação passada:

(96) I: Eu sofri várias discriminações, mas na época que eu cheguei, isso em '64 até '66 havia uma discriminação muito forte, principalmente para os mais jovens, porque eu cheguei com doze anos de idade, então realmente eu senti isso, mas ao passar do tempo isso foi acabando, foi acabando, e hoje eu não vejo mais por esse lado não, acho que foi mesmo daquela época. (Anselmo)

Na adequação entre o presente e o futuro, o mesmo não acontece.

(97) E: O que o senhor gastaria de acrescentar em relação a Portugal, ao Brasil?

I: Olha, aqui da maneira que está a situação, eu torço para que tire uma coisa mais saudável, tanto na parte de saúde, quanto da parte de segurança, **porque atualmente eu não temo por mim porque já estou na linha de fogo, mas temo pelos meus netos, pelo menos que... se assim continuar, vai ser uma miséria... que não dá para viver aqui não.** (Augusto)

E futuro em relação ao presente (98):

(98) I: A senhora não conhece Conceição não, não é? Ela é professora, ela dá aula até em dois colégios... no Estado. Essa também é professora é... mas não quis ser professora. O Antônio casou, que ela gostou e tal. Mas a outra, não. A outra é senhora de um tenente da Polícia Militar, gente muito boa,

também. Ela tem 2 filhos, um, o Fernando, tem um que **vai se formar** médico agora, já **está lá trabalhando** lá no Hospital da Polícia Militar e tem outro filho, outro neto que **vai se formar** juiz e advogado. Gente boa! Se você conversar com ele sobre tudo, simples, são uma beleza. São igual ao vô. A mesma coisa. A mesma coisa. (João Esteves)

O futuro tem sido discutido como tempo verbal semelhante ao presente e ao passado. Porém, para muitos gramáticos, é mais um modo do que tempo. Considerando-o realizado por meio do tempo verbal, como categoria gramatical do verbo, pode ser marcado morfológica ou sintaticamente. O primeiro, formado pela segmentação Radical + Vogal Temática, marca uma conjugação verbal + marca de tempo e modo + número e pessoa. Sintaticamente, através de auxiliares, como em (96), “vai ser uma miséria”. Provavelmente, a seqüência de fatos ruins, em continuidade, trará resultados futuros também negativos. Em (98), na primeira ocorrência, o ato está em progressão e prestes a acontecer. O processo em construção é reforçado pela coocorrência com agora no momento da enunciação, conotando a proximidade da conclusão; na segunda ocorrência, o processo é visto no seu desenrolar. Apesar de todas as variações, a noção de tempo ainda se associa à categoria verbo, materializando-se através dela.

Segundo Corôa, os verbos

são elementos lingüísticos que mais de imediato situam a ação, estado, evento ou processo na relação com a enunciação e o falante/ouvinte. (CORÔA, op. cit. por SILVA, 2002, p.21)

Quanto ao tempo do verbo que constrói a cláusula em que AGORA aparece, tanto é usado o presente, quanto o passado, como pode fazer uma referência próxima no passado ou no futuro, mostrando uma extensão da ação. Em relação à classificação tradicional, tanto ocorre nas orações absolutas(em respostas), seguido de adjunto adverbial (99) em orações adverbiais comparativas (100) e em orações coordenadas adversativas(101).

(99) I: Agora, depois dos sessenta pra cá eu já comecei a ser meio introspectiva da vivência que eu tive em criança. (Tereza)

(100) I: A gente lembra mais do tempo antigo do que de agora, mais moderno.(Tereza)

(101) I: Houve um tempo que eu tinha, mas agora eu não posso mais, porque a idade... não aceitam(Emília)

Se considerarmos que o acontecimento sucede a fala, obteremos traços como fala + ponto de referência, que é simultâneo ao evento. Logo, o ponto de vista temporal relaciona-se com o momento da fala. O futuro é o estado de coisas a que o enunciado se refere, em prospecção. Deste modo, o presente, o passado e o futuro são considerados absolutos (SILVA, 2002, p. 25), pois o tempo do evento é situado em relação direta com o MF. Silva baseia-se na distinção entre tempo verbal absoluto e relativo, elaborada por Fleischman (1982, p. 10, cit. por SILVA, 2002, p. 25), em que há uma relação direta e indireta do ponto de vista com o momento da fala. Quanto ao tempo verbal relativo, o estado de coisas referido no enunciado se situa em relação ao ponto de vista temporal, em relação indireta. Assim, o tempo verbal absoluto se constitui a partir da relação direta da referência do evento com o momento da

fala; no relativo, a relação é indireta, ou seja, mediada por outros tempos verbais, como o mais-que-perfeito e o imperfeito.

Na relação dos tempos retrospectivos, foram encontrados:

Pretérito Perfeito + Pretérito Imperfeito

(102) I: O meu primeiro emprego foi na bolsa de valores, depois eu **trabalhei** em corretoras ligadas à bolsa de valores, depois eu **parei** quando eu **tive** meus filhos, depois quando eu **quis retornar** ao mercado de trabalho foi complicado, aí eu **comecei a fazer** concurso, **até que um dia, num dos concursos que eu fiz, eu já tava formada em letras, eu passei pro Estado como professora do Estado.** (Sílvia Marlene)

Pretérito Perfeito + Pretérito perfeito

(103) I: Não teve influência de eu querer vir pr'aqui pro Brasil, na época militar **fui** para a África, **estive** lá quase quatro anos, na vida militar em África e quando eu **cheguei**, em 44, eu **casei** e vim pr'aqui em 50. (Avelino)

As correlações de tempos verbais nas construções com QUANDO mais encontradas são no Indicativo, na ordenação de informações (104), (105)-comentário e (106):

(104) E:Quanto tempo lá esteve?

I: Sempre dois meses. Agora temos direito quando é mais barato pra indo por 2 meses a passagem dia certo de ir, dia certo de voltar a passagem é mais barata. E agora eles dão 3 meses até. Pra poder ficar naquele 3 meses sendo mais barata a passagem. (José Coelho)

(105) E:Não aborrece o senhor?

I: Não! Às vezes quando é pessoa amiga e dizem “esse aí é galego”, eu digo,não, você não sabe o que é galego. Galego é quem nasce na Galícia, Galícia é na Espanha. Nasci em

Portugal então não posso ser galego, porque eu não nasci na Espanha. [risos]. (Avelino Gomes)

(106) I: ... a cultura do português, conforme você sabe, ele vem com uma carta de chamada, ele chega sem nada , com uma mala, com roupas, sem dinheiro, **quando ele tem uma ajuda de um patrício**, o patrício arranja um serviço pra ele, a puxar uma carroça, um menos esclarecido, o outro mais esclarecido já dá um emprego na padaria, outro já dá numa quitanda, outro não sei que, ele vai e começa a abrir o seu negócio, abre uma porta, faz um sótão, ali ele dorme, ele come, ele vende a comida e junta sempre seu dinheirinho. (Manuel Alves).

Quando na cláusula temporal é usado o imperfeito, há a idéia de duração no passado. Se tomarmos o exemplo (106), na cláusula “ quando ele tem uma ajuda de um patrício”, há a possibilidade de uma leitura condicional (*se tem*) com a inferência de uma prospecção. Entretanto, se o verbo tivesse sido utilizado pelo falante no imperfeito (* quando ele tinha*), poderíamos inferir uma duração no passado, mas que o evento ainda é provável de acontecer.

Vemos que não só há concordância do imperfeito com o grupo de tempos indicados, mas também estes tempos concordam entre si. A concordância dos tempos não é só um fenômeno estrutural da língua. Enquanto estabelece normas, cria também realidades lingüísticas.

Afirma Weinrich:

[...] os tempos se combinam em estruturas não só paradigmáticas, mas também sintagmáticas, distribuindo-se na oração e no texto segundo uma ordem necessária e determinada (WEINRICH, 1968, p. 51- 52).

Benveniste (1989) foi o primeiro a estabelecer a existência de dois grupos de tempos: tempos primários e tempos secundários da gramática grega.

Denominou-os história e discurso, advertindo que não queria diferenciar a língua escrita da falada. O conceito de discurso, entendido em sentido lato como a enunciação, supõe um locutor e um ouvinte com a intenção de influenciar o outro de qualquer maneira (idem, p.56). A este grupo de tempos pertencem o presente, o futuro, o passado composto, o imperfeito e o mais-que-perfeito. Ao outro grupo do sistema, Benveniste assim o determinou: a enunciação histórica, reservada à língua escrita, caracteriza o relato de eventos (acontecimentos, fatos) passados. A estes tempos pertencem o passado simples (ariosto, para Benveniste), o imperfeito, o futuro do pretérito e o mais-que-perfeito. Por essa distinção, o imperfeito e o mais-que-perfeito aparecem, segundo Benveniste, em ambos os grupos. No discurso instaura-se o “eu” e o “outro” como “tu”; a intenção de influenciar o outro; e caracterizam-se o aqui, o agora. As concepções de Benveniste serviram de base a de H. Heinrich.

Os conceitos dêiticos e os tempos do verbo, por não serem totalmente heterogêneos, ocorrem com certa evidência e coincidem, ao menos em parte, entre si. O tempo lingüístico opõe-se ao tempo físico, já que este carece de delimitações. O tempo lingüístico ou temporalidade verbal é o tempo interno do ato de fala. Refere o que se transmite num relato a um ponto originário que freqüentemente é o instante em que se produz a mensagem. A diferença entre o tempo cronológico e lingüístico consiste em que aquele se constitui de parâmetros fixos que fracionam o tempo físico, e esse implica que um acontecimento pode ser composto por temporalidades diferentes,

dependendo de quando se deu o momento ou qual a temporalidade em referência ao ato de fala.

Acontecimento anterior ao momento da enunciação: imperfeito do subjuntivo e futuro do pretérito:

(107) I: Se eu hoje não tivesse os filhos aqui, que são brasileiros, meus irmãos queriam que eu fosse pra lá, pra ficar lá, porque já daria pra gente ficar lá à vontade. (José Coelho)

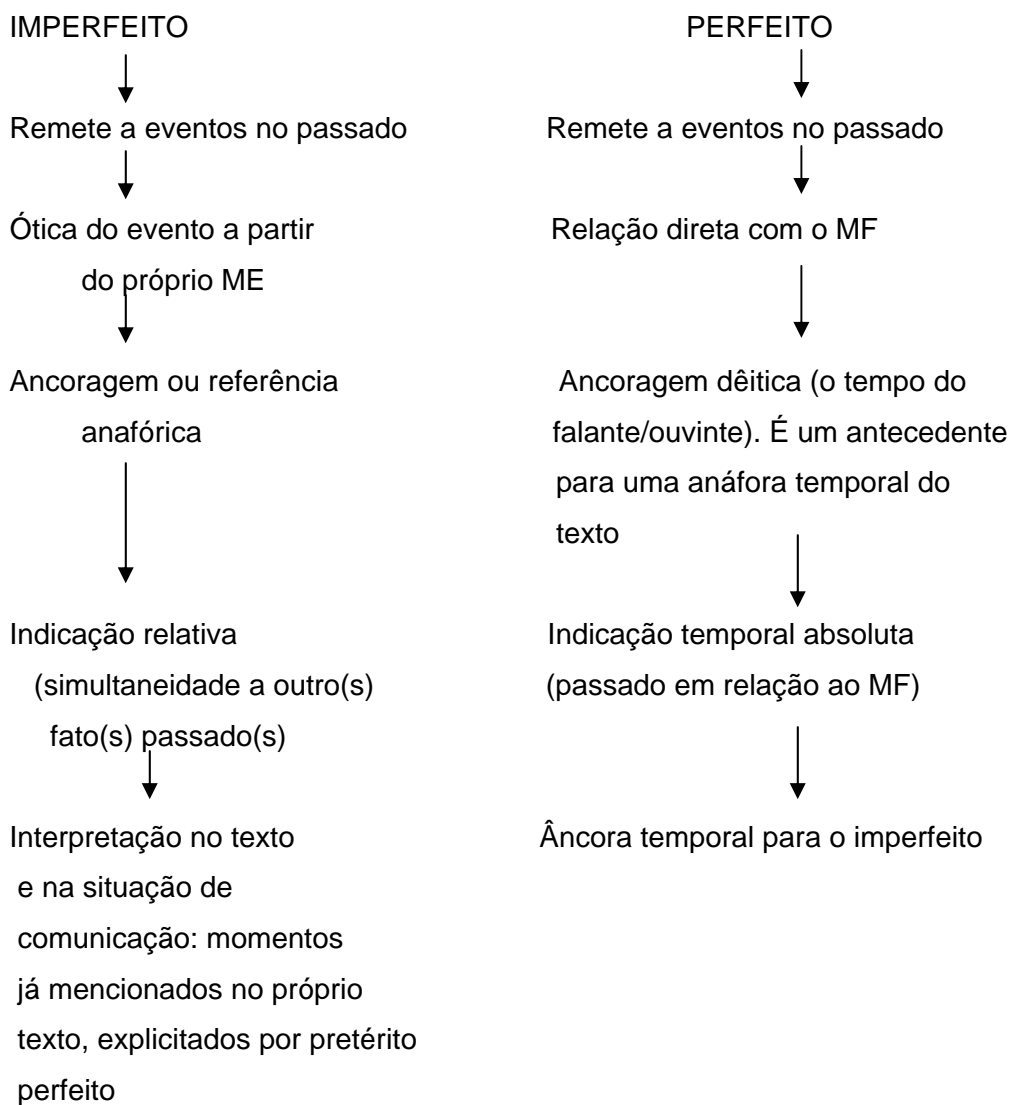
Acontecimento simultâneo ao momento da enunciação: presente do indicativo

(108) E: Você preferia ter nascido em Portugal? Caso positivo, por quê?

I: Eu acho que tem momentos que, de repente, talvez. Eu acho que **quando a gente pensa na violência, na insegura, que os meus filhos são menores, eu fico preocupada quando eles saem e a gente não sabe o que que acontece, quando a gente escuta este tipo de seqüestro, de tiros, balas perdidas, enfim, essas coisas me apavoram um pouco**, me assustam como qualquer pessoa, como qualquer mãe e há momentos que acho que gostaria sim, até de viver lá! Mas... eu acho que agora pra mudar no momento da minha vida é um pouco complicado aí a gente vai levando... não sei se eu respondi bem a tua pergunta. (Maria Lúcia)

Pelos exemplos apresentados e a utilização dos tempos de referência passada, pretérito imperfeito e pretérito perfeito, que têm significações diferentes no discurso, mas mantêm algumas semelhanças, sugerimos algumas comparações entre eles:

QUADRO 3: REFERÊNCIA VERBAL: semelhanças e diferenças entre o pretérito imperfeito e o pretérito perfeito



Além dessas observações, acrescentem-se outras em relação à categoria lingüística “aspecto”.

5.3 O Aspecto

[...] a aspectualidade se manifesta na própria relação predicativa, pelo modo de processo, e na relação entre tempos gramaticais, marcadores de localização da relação predicativa em relação ao momento da enunciação origem. (CAMPOS, 1997, p.26)

Ressaltamos Campos, já que ela distingue o aspecto pela oposição de determinados tempos verbais e engloba as perífrases verbais e os “operadores suplementares de tempo” que contribuem para a determinação do valor aspectual.

Dentre as definições sobre aspecto Meillet e Lopes foram destacados por Campos (1997, p.09). Segundo esta, elas sintetizam as categorias essenciais dessa categoria.

Il y a une catégorie qui interfère souvent avec celle du “temps”, c’est celle qu’on connaît en grammaire slave sous le nom d’ “aspect” et don’t le caractère répond aussi bien, sinon mieux, au caractère du verbe que la catégorie du “temps”. La catégorie de l’ “aspect”, nom moins variée que celle du “temps”, embrasse tout ce qui est relatif à la durée et au degré d’achèvement dès procès indiqués par les verbes. (MEILLET, 1948, p.183, apud CAMPOS, 1997, p.09)

Já Lopes,

Definiremos aqui como sendo expressão de aspecto tudo aquilo que constitui expressão quantificada de qualquer processo, ou então expressão de relações conjuntivas de intervalos, em dados processos cronologicamente orientados. (LOPES, 1971, p. 223, apud CAMPOS, 1997, p.09)

Meillet considera a categoria de aspecto como pertencente ou realizada pelo verbo. Já Lopes, a quantificação de um processo cronológico. Assim, em ambos o aspecto é visto sob a orientação da cronologia expressa pelo verbo.

O enunciado e a enunciação são a origem da estruturação da temporalidade discursiva. A categoria de tempo classifica e distribui, de maneira geral, as formas verbais. Quanto ao aspecto, mediante o sistema gramatical, distingue os tempos imperfeito/ perfeito, em relação ao léxico, engloba as formas verbais e perífrases, além de operadores de tempo.

Segundo Neves (2000, p.263), em *A Semântica dos Advérbios de Tempo*, é inegável que a categoria tempo se acopla a categoria aspecto. Assim, a referência ao tempo, em português, conta com duas categorias para sua expressão: a categoria de tempo e a categoria de aspecto. Ambos têm por base referencial o tempo físico (como vimos em (84) e (85)). Entretanto, distinguem-se do ponto de vista semântico. As noções de presente, passado e futuro se referem a tempo; as de duração, instantaneidade, começo, desenvolvimento e fim se distinguem pelo aspecto. Assim, aspecto é a maneira como é tratado o tempo decorrido dentro dos limites do fato. Comparemos, por exemplo, (109) e (110), abaixo:

(109) E: Quando o senhor chegou o senhor começou a trabalhar como pescador?

I: Não, é como pescador. Aí **depois** eu **andei embarcado** num navio inglês, **sete anos** num navio inglês. Aí fui pra pesca novamente. Aí da pesca eu vim pro comércio. (Manuel Vieira)

(110) I: Claro, exatamente eu **vim** pra qui pra ver se melhorava, né, pra fugir da tropa, do exército, pra não ir pra Angola. Que **naquela época** que eu vim pra cá estava aquela revolução, de Angola, de Salazar, aí eu peguei e vim pra cá pro Brasil, fugir da guerra. (Manuel Vieira)

Em (109), a perífrase verbal – **andei embarcado** – indica intervalo de tempo, antecedido do marcador discursivo – **depois** e reforçado por um prolongamento de tempo- **sete anos**-. O falante estabeleceu uma cumplicidade (convite ao entrevistador) para compreender os limites de início e fim da ação. Chama a atenção para o tempo interno (aspecto) da ação. O tempo se escoia e se concretiza no espaço. Por isso, em relação ao aspecto, o fato é passível de conter frações de tempo em seus limites. Já em (110), a ação (“**vim**”) ocorreu antes do momento em que ele está situado temporalmente – marca de categoria de tempo em progressão na relação hoje; a ação ocorreu em relação ao momento da fala - no passado - e expressa o desenvolvimento da ação.

Tomando como ponto de referência básica o falante (COSTA,1997, p.15), os referentes são designados por intermédio da sua localização no tempo e no espaço; o evento e a enunciação são relacionados temporalmente. Já o aspecto diz respeito à sentença, orientação em pontos opostos no tempo. Na constituição interna (não- dêitica) do processo, momentos ou intervalos de tempo se estendem (duração) ou se somam (frequência). Ambos, em

indicações semânticas, tocam a semântica temporal, situando-se em um estado de coisas que se desenvolve temporalmente numa progressão gradual de um estado inicial para um estado final, embora desconsiderada a ancoragem no tempo da enunciação. Voltando aos enunciados (84), (109) e (110), reconhecemos alguns traços semânticos e aspectuais dos advérbios de tempo. Em (84), em relação à situação, responde a pergunta “quando?” (*e quando “cheguei aqui”) e refere-se ao momento ou período situado na escala do tempo; quanto ao tempo cronológico, marca no calendário a época anterior a esta; liga-se ao momento da enunciação. Entretanto, em referência ao tempo não-cronológico, não existe a ligação com o calendário em (109) e (110): **depois** e **naquela época** são os chamados encadeadores discursivos. O mesmo acontece em (111) (quando o falante diz não ter encontrado dificuldades) com o uso de “antes de”, e (112), referindo-se a “antigamente”/ “naquela época”. Parece-nos que com o uso do marcador “da época” o falante, implicitamente, sugere diferenças entre a Companhia em que o pai trabalhava e a existente hoje.

(111) I: Não, nada, nada, praticamente nada. **Antes de** ser comerciante eu era pescador, trabalhava na pesca. (Manuel Vieira)

(112) E: E seus pais não chegaram a vir ao Brasil?
I: Não. Meu pai veio uma vez porque ele era da Companhia Fluvial Brasileira, **da época**, dessa de passageiros, agora não tem mais aqui, **antigamente** tinha...Santa Maria! Foi **naquela época** .(Manuel Vieira)

Já em (113), observamos a noção aspectual de freqüência:

(113) I: O garoto já foi umas quatro vezes lá em Portugal. **De vez em quando** ele ia lá. Foi essa vez que arranhou essa menina, foi mais umas duas vezes. (Manuel Vieira)

Há enunciados em que a aspectualidade se manifesta apenas no lexema verbal e no tempo gramatical; em outros, processos iniciados num tempo anterior ao presente e que se prolongam por um período. O pretérito perfeito denota ato ou estado que teve lugar em tempo completamente decorrido (114). O processo é localizado e concluído num tempo passado anterior ao presente. As relações predicativas são totalmente localizadas em relação ao passado que, por sua vez, é localizado em relação ao tempo de origem, identificando também o tempo e o espaço (implícito * até onde eu fiquei em Portugal*).

(114) E: Se pudesse optar, onde o senhor preferiria ter nascido ?

I: Pelo que eu passei no Brasil. Porque eu **passei** muita fome lá em Portugal. Hoje Portugal está uma coisa de espetacular. Mas (intel.) até onde.... **Desde que eu nasci até os meus 24 anos**, o povo lá era muito sacrificado. Era ... suponha, pãozinho. (José Coelho)

Assim, o pretérito perfeito é marcador de uma operação de construção global de um processo, incluindo, as fronteiras inicial e final e de localização do processo em tempo anterior ao tempo de origem.

O pretérito imperfeito exprime época passada, mas com lapsos de tempo que podem ser repetidos, ou até estendidos ao momento presente. Por exemplo, (115):

(115) E: Como se sente diante das piadas feitas de portugueses?

I: Acho graça, acho graça, não fico. Antigamente, agora não. Agora eu adaptei.

E: A senhora ficava incomodada?

I: **Ficava sim... mas agora não...** acostuma. (Maria Emília Lopez)

A locutora parece rezear uma mudança no estado do tempo, ou não quer comprometer-se na resposta às informações solicitadas sobre a situação. O processo foi iniciado num tempo anterior, não se prolonga ao presente, mas não determina se poderá vir a acontecer. A distância entre o momento em que ela “ficava incomodada” e o momento da enunciação pode ser pequena. Também, em (116), há a expressão de um processo cujo momento inicial é anterior ao presente (valor cronológico), mas cujo momento extremo final não está definido: é um pretérito durativo, imperfeito relativamente ao momento presente.

(116) I: Antigamente não era assim. Hoje a juventude está falando um português que nem é português, ninguém conhece aquilo como português. Eles mudaram totalmente. E eles dizem: nós mudamos e é a nossa língua agora. Não é que eles mudassem a língua portuguesa. Eles mudaram é a maneira de falar.
(Tereza)

O aspecto é uma categoria subjetiva, na qual estão envolvidos a descrição da situação perfectiva ou imperfectiva referida pelo verbo, enquanto *aktionsart* é uma categoria objetiva na qual está envolvida a atual constituição da situação descrita (BACHE,1982, p.64, citado por COSTA, 1997, p.13 – trad. livre). Assim, o aspecto é uma caracterização do processo em si.

A oposição entre o perfectivo e o imperfectivo é baseada na decisão de descrever a situação como “a single unanalysable whole” ou para `fazer referência explícita da constituição temporal interna da situação (CAMPOS,1997, p.13)

Ilari assegura que há regularidade na interação entre expressão de tempo e organização comunicativa da sentença, quando a língua é representada como uma imbricação de diferentes sistemas:

[...] é necessário recorrer à noção de momento de referência para compreender certas determinações temporais que a sentença sofre no co-texto, em particular no co-texto narrativo (ILARI ,1997, p.15).

Assim, na análise em termos de períodos ou lapsos de tempo, qualquer adjunto pode se aplicar tanto ao tempo de evento quanto ao tempo de referência; e sua aplicação será ambígua quando as formas MR e ME forem diferentes.(MR – momento de referência (reference time). ME – momento de realização a ação expressa pelo verbo (event time) (idem, p.18).

Visto desta forma, o aspecto informa se o falante leva em consideração ou não a constituição temporal interna dos fatos enunciados, no momento da fala (MF – speech time). Essa referência independe do ponto dêitico da enunciação, já que centra o tempo no fato e não o fato no tempo.

Os adjuntos que localizam eventos indicam desde um momento até a inclusão num segmento suporte, cujos limites são conhecidos. Há

sempre necessidade de uma ancoragem no real, que pode ser dada quer pela situação de fala, quer pela escolha de algum ponto de referência ao qual tanto o locutor como o interlocutor têm acesso.

Segundo Comrie (apud in OLIVEIRA, 2002, p.95), “Aspects are different ways of viewing the internal temporal contingency of the situation” Logo, a constituição temporal interna da situação é observada sob diferentes aspectos:

- Constitui a temporalidade interna da situação;
- veicula a categoria a situações, processos e estados;
- representa o espaço compreendido no processo;
- restabelece sentido mais específico (não-dêitico) que o elemento lingüístico que lhe corresponde (tempo: categoria dêitica);
- contém frações de tempo no enunciado do falante.

A categoria aspecto é vista nesta pesquisa através dos adjuntos e das perífrases. Quanto à natureza aspectual dos adjuntos, enfocamos os processos, as atividades e os estados. Comrie prefere utilizar a designação para o aspecto em sua manifestação lexical: *inherent meaning*, por considerar pouco clara a utilização do termo *aktionsart* (apud In Costa, 1997, p.12). Com esta visão, concorda Costa (idem, p.23).

Em todos os usos podem ocorrer diferentes significados, referentes à duração (“durante o tempo em que”) e ao limite (“até a hora em que”).

Buscamos nesta subseção enfocar apenas a categoria de aspecto em alguns advérbios, circunstanciais temporais e verbos que expressam a noção temporal.

Portanto, se considerarmos as diversas afirmações e objeções explicitadas neste trabalho, podemos constatar que elas se complementam, opõem-se ou se confirmam, indicando que nenhuma verdade é eterna. Ela será sempre objeto de discussão, sujeito de várias vozes e signos que se aplicarão a novos significados.

6 AS RELAÇÕES ENTRE A SEMÂNTICA E A PRAGMÁTICA

[...] não há linguagem sem interpretação[...] não há linguagem sem ideologia (ORLANDI,1999, p. 157).

Por meio da linguagem, o homem se inscreve na sociedade e fundamenta as suas práticas no discurso para significar a sua história e o seu posicionamento diante dos fatos. Isto significa que a situação do discurso define a relação entre os usuários da língua, no ato da enunciação, e os componentes espaço-temporais do ato da comunicação.

O discurso tem por objetivo produzir efeito de sentido entre locutores. Nesta relação de linguagem se implicam a troca de informações entre os falantes sobre o mundo (fatos, processos, objetos e outros) e os dados do fluxo do discurso e da conversação. Assim, as informações podem ou não ser compartilhadas no contexto, dependendo da interpretação de cada interlocutor, da aceitação (ou acatamento) das informações contextuais num dado momento do discurso. Por isso, semântica e pragmática se relacionam, já que o que falamos deve levar em conta o contexto. Além disso, pela palavra o homem interage com outros indivíduos em sociedade. No vocabulário praticado pelos falantes, a comunicação tem resultados vários e as mensagens, em sua maior parte, são intercambiadas. Há vários níveis de intervenção do “Espaço” e do “Tempo” num processo de interação verbal. E, a partir das informações compartilhadas no fluxo da conversação, as palavras têm sentido e ganham

novas significações. A relação entre linguagem e mundo é, assim, intermediada pelas informações que os interlocutores elaboram no fluxo da conversação. Podemos, então, sugerir que, na interação, com o trabalho cooperativo, um interlocutor atribui crenças e intenções a outro interlocutor, inferidas a partir do discurso. O conteúdo semântico do enunciado corresponde à maneira como ele afeta o contexto em que foi produzido.

Quando nos damos conta de que somos capazes de escrever a nossa história e criar tantas outras que ficarão registradas não apenas na memória, mas também passarão a novos tempos, posteriores a nossa geração, reconhecemos um olhar renovado a quem somos e as nossas projeções futuras. Com este esforço, reconhecemos a necessidade de mover novas palavras e dar-lhes novas significações à história, à cronologia e à sucessão, como texto e pensamento dirigido à realidade, no momento em que nos dirigimos ao outro e com ele interagimos.

No fluxo do discurso, advérbios, conjunções e locuções envolvem o texto e se mostram nele, para fornecer informações, progressivamente, no ato da fala e encaminhar a argumentação assumida pelo locutor, em relação ao assunto, no ato interacional. Sob este ponto de vista, há diferenças sintático-semânticas entre o uso dos advérbios e dos encadeadores discursivos.

Quando usamos a conjunção na criação do sentido do texto, exploramos as relações inerentes ao fenômeno da linguagem para “falar sobre” ou inerentes ao processo da comunicação, sob a forma de interação. Os advérbios de tempo articulam-se em um sistema “enunciativo”, centrado num

momento de referência presente, idêntico ao momento da enunciação (advérbios dêiticos); e em um sistema “enuncivo”, organizado em torno de um momento de referência inscrito no enunciado (expressões adverbiais) (SILVA, 2005, p. 43-56).

A comunicação é um processo que salienta o evento no texto. A seqüência temporal é própria dos dois processos baseados na língua e no processo de interação lingüística. Ao mesmo tempo, as duas seqüências temporais compõem diferentes planos de realidade.

A interpretação semântica de um texto decorre dos sentidos das palavras, utilizadas para dar significado às sentenças e, conseqüentemente, construirão as significações discursivas que os locutores vão lhe atribuindo, à medida que progride a interação. Locutor e interlocutor desenvolvem estratégias interpretativas próprias, que não precisam necessariamente coincidir. O importante é que a argumentação tenha fundamento.

Numa sociedade, a língua adquirida em família é o ponto de partida mais autêntico e fator de identidade. Daí, considerarmos o falante no seu próprio modo de falar. Através do contacto estabelecido com outros indivíduos, buscamos identificar a variedade lingüística adequada a cada situação. Deste modo, a realidade do nativo português foi preservada e neste primeiro contato entre o cidadão e o mundo não identificamos discriminações. Com o tempo, ele se adaptou a cada situação. Como o próprio entrevistado diz:

(117) E: Falamos o português, mas...

I: Sim, mas em que... vamos dizer, na parte do verbo, do verbo, do verbo você fala no pretérito perfeito, fala no futuro ou fala no presente, fala no gerúndio,...?

E: A gente fala mais no presente, né?

I: Não, a gente fala mais no gerúndio.

E: Gerúndio?

I: É. Nós tamos “falando”. Ce tá “andando”.

E: Fazendo, falando, rindo...

I: É, então é o gerúndio, não é o gerúndio? Lá em Portugal já fala no presente. Ele tá “a falar”, ele tá “a andar”, só que a gente não fala a “andar”, ele fala “andare”, “a falar e”, ele tá “a sorrir e”, mas é sorrir, mas o caso é que tem um dialeto próprio nosso. (José Tavares)

O que queremos distinguir com os usos é a importância da interação nos discursos. Daí, a relevância da pragmática sobre o estudo dos textos constituídos por nossos entrevistados, como mecanismo capaz de produzir efeito sobre o outro, ou seja, a importância da interação no discurso.

6.1 A Relação EU e o OUTRO

[...] ele implanta o outro diante de si, qualquer que seja o grau de presença que ele atribua a este outro (BENVENISTE, 1989, p.84).

No ato enunciativo, o sujeito não apenas se constitui, sujeito locutor, mas também o sujeito-alocutário, isto é, define não só a posição eu, mas também a do tu. Em outras palavras, o sujeito constrói sua verdade com a certeza de que sua fala é só dele, sem perceber que várias formações discursivas o atravessam, e que ele é apenas o mediador. Assim sendo, ele não pode deixar de levar em conta a relação mútua que se estabelece na situação do discurso, no espaço e no tempo da comunicação, nas estratégias utilizadas pelos participantes. Por isso não podemos analisar um texto sem levar em conta as referências, os elementos básicos de qualquer ato de comunicação.

É o 'eu' um simulador no enunciado, segundo Greimas:

[...] o sujeito da enunciação não é jamais apreensível e todos os eu que encontramos no discurso enunciado não são sujeitos da enunciação, são simulacros [...] Porque o eu da enunciação está sempre oculto, sempre subentendido (apud TEIXEIRA, 1996, p. 108).

No jogo narrativo, aquele que fala busca persuadir aquele que ouve e interpreta o que é falado. Conquista a adesão do outro e encontra um parceiro (em comunhão), cuja natureza da relação é mutável. Revertem-se os papéis. Não isola o homem do seu dizer, do fazer interpretativo, estabelecendo relações no contexto em que se movimenta.

Na análise interpretativa, a seguir, levamos em consideração tanto as referências espaço- temporais, como também a disposição de interação entre o EU e o OUTRO.

Os enunciados, portanto, desempenham simultaneamente várias funções: representam a experiência no mundo, organizam o intercâmbio e a negociação de papéis e os valores entre os interlocutores, além de controlarem o fluxo de informações. Na enunciação, é necessário buscar a descrição dos processos de produção e de reconhecimento do enunciado. Campos diz-nos que o enunciado “é o produto final de um conjunto organizado de operações predicativas e enunciativas, a partir do nível pré-lexical e de relações entre noções” (1997, p.22).

O sujeito é o ponto de referência na organização do tempo e do espaço, e a partir do espaço e do tempo da enunciação são organizadas tais relações (a enunciação é o lugar do ego, hic e nunc). Para que estas relações se instaurem no enunciado são necessários dois mecanismos: a debreagem e a embreagem. Se voltarmos ao enunciado (79) e (84), desta pesquisa, observaremos que a relação direta eu-tu se desfaz, em nome de uma outra cena que possui seus próprios agentes e suas circunstâncias de tempo e espaço, por meio da debreagem enunciativa. O espaço, debreagem espacial enunciativa, o recurso enunciativo que funda o enunciado, a partir do desligamento da enunciação, é ordenado em função do aqui (Brasil), contrapondo-se ao lá (Portugal) enunciativo. Entretanto, em (100), estabelece-se uma debreagem actancial enunciativa, cujos actantes são eles, embora o

tempo da enunciação do eu enunciador seja o hoje, relacionando-o ao momento do enunciado. Porém, a ação dos actantes está relacionada a um não agora (nunca quiseram), em correspondendo à enuncividade.

(118) E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-lo?

I: Não, vejamos que eles nunca quiseram vir aqui, exatamente não é uma questão de ser condições deles, hoje em Portugal eles tem um nível de vida muito bom, são pessoas mais idosas e recebem suas aposentadorias e dá pra eles viverem tranquilamente e pra passearem pelo exterior, mas o que existe na Europa é o medo, é o medo, porque vêem as coisas que nós todos estamos numa guerra urbana, uma guerra que realmente é dada com insegurança e não há um dia que se abra o jornal e não se veja morte, violência, etc e etc, então, isso ai passa nos programas de televisão, nos programas de rádio na Europa toda, não só em Portugal, então é muito custoso, por exemplo hoje o maior fluxo de turismo é no Nordeste, o Nordeste tem uma política voltada para segurança, voltada para o turismo, o que não existe no Rio de Janeiro. (Manuel Vieira)

Tanto a debreagem enunciativa quanto a enunciva criam efeitos de sentidos, ora subjetivos ora objetivos. Em se tratando do nosso *Corpora*, por serem eles diálogos, há debreagens internas.

O discurso, independente da memória e dos fatos que irrompe, marca a estruturação e reestruturação dos signos que projeta. É um índice na identificação sócio-cultural (o outro), à medida que produz efeito, a partir do deslocamento no tempo e no espaço.

A negociação entre ouvinte/ falante realiza um trabalho interacional, por meio da instigação para o completamento da frase ou para dar continuidade ao mesmo assunto.

Assim, o discurso se organiza sobre a linha temporal para suprir as necessidades do falante (lembrança da origem apagada no real factual), orientar o seu interlocutor quanto aos fatos, que se pospõem à vinda dele para o Brasil, se antecedem (“nunca quiseram vir aqui”) ou são simultâneos no tempo (podem viver tranqüilamente). Os elementos referenciadores de tempo estabelecem no discurso a construção da argumentação que constitui o contexto no qual se ordena o discurso. O falante organiza os fatos e os objetivos de que fala, tomando o momento em que ele se encontra. O agora, por exemplo, só será entendido no momento da fala ou se nos forem fornecidos dados pelo falante .

Em (119) o objeto (Portugal) não corresponde à realidade anterior, já que o enunciador ressalta o distanciamento espacial e comunicativo:

(119) I: Atualmente eu não posso dar uma afirmação muito justa , mas dizem que lá, agora, o custo de vida lá está caro. Ganha-se muito dinheiro mas também ... é uma despesa alta, né.(Augusto)

Este entrevistado declara uma expectativa ou antecipação da situação. Por isso, a localização entre o enunciador e seu enunciado é a origem da estruturação da temporalidade discursiva e a significação se constrói na interpenetração das categorias de tempo e aspecto.

A conceituação do outro está relacionada com os estudos de Greimas, Barthes e Peirce que o caracterizam segundo suas funções e suas qualidades. O outro não é apenas textual é também contextual. Não pode ser

estudado isoladamente: tem de ser analisado em comparação com outros aos quais se opõe ou de quem constitui desdobramentos, pois é um lugar permanente e renovável de produção de sentido. Assim é que o receptor não se confunde com o sujeito do enunciado, embora desempenhe um papel actancial (presença da 1ª pessoa); não se confunde com o objeto do discurso (o custo de vida de Portugal), ainda que possa ser representado; não se confunde com o sujeito de enunciação do discurso assinalado no texto, como referente de um contexto histórico-cultural. Entendemos a referência espaço-temporal como propiciadora de mudanças sócio-culturais adquiridas. É, então, o falante o construtor da história, guia da narrativa num esquema dinâmico, em complementação com os das outras pessoas. No plano textual, caracteriza um sujeito do discurso.

Para Greimas (1979), a textualidade é caracterizada pela isotopia, “uma totalidade de significação”, assim como Halliday e Hasan (1976), caracterizada pela coesão – posições que tomam a textualidade como uma questão semântica em certo sentido, e não puramente formal. Porém Guimarães (1999, p.113) discorda de ambas as posições, já que levam à consideração de homogeneidade como um fato a ser descrito. Segundo ele, a textualidade diz respeito à “posição- autor”, cujas palavras são do interdiscurso. As palavras dão ao autor o conhecimento singular e na operação enunciativa constroem “como unidade o que é disperso” e produzem “a ilusão de um presente sem memória”.

A isotopia temporal se orienta no plano da história e no plano do discurso. Ao primeiro correspondem os acontecimentos relatados; ao segundo, ao emissor, que relata os acontecimentos da história. Adquirem sentido de atualidade no momento em que o presente do discurso se correlaciona com o momento presente da história.

Analisar enunciativamente um texto não é considerá-lo momento e lugar em que se deu, mas é analisar como a memória do discurso, o interdiscurso, faz funcionar a língua em um presente (GUIMARÃES, 1999, p. 114). A enunciação envolve um “ fora da situação, a memória do dizer e a língua”. Sob esta óptica, o acontecimento é analisado em seus sentidos como um processo da história dos sentidos. Quanto aos procedimentos, reescrituras por uma posição de autoria.

No estudo da temporalidade, pesquisamos as articulações do texto e seu funcionamento. Sugerindo uma segmentação no plano textual, observamos níveis ligados principalmente à temporalidade e à distribuição espacial das cenas do relato que demarcam a enunciação operada, como podemos ver em (120):

(120) I: Olha ... é meio escuro(risos) porque , na ocasião lá era ditadura, né, e... eu fiz um concurso e passei... mas me negaram depois na hora de eu tomar posse. E eu reclamei direto com o presidente do conselho que era o Salazar. Ainda tenho aí uma carta que posso provar a minha maneira de falar e depois de...quiii me mandaram a resposta, né, e depois disso eu tava que estava sendo, não digo perseguido, mas vigiado. Então eu aproveitei a chance de ter aqui um irmão e pedi-lhe a carta de chamada de vir a cá... e nunca me aconteceu nada e vim com a documentação e tá tudo certo e... hoje... vivo aqui com todo o prazer e gosto. Lamento certas coisas qui estão

acontecendo aqui porque é do conhecimento de todos , mas...
temos que agüentar. O resto tudo normal. (Augusto).

Embora o tempo da história seja sempre passado, o tempo da representação o vive no aqui e agora. Daí, haver, além da dicotomia passado/ presente, a interior. O actante / sujeito em 1ª pessoa marca tempos distintos e hierarquizados ('eu fiz um concurso e passei/ Ainda tenho aí uma carta'); (' Lá era ditadura'/ hoje...vivo aqui') Por isso, temos quatro macro-seqüências temporais:

- passado exterior (especializado na memória)
- passado interior (recalcado pela censura individual e social)
- presente exterior (conjunto de cenas do espaço-realidade)
- presente interior (o conflito íntimo).

A relação direta eu- tu se desfaz, quando o falante focaliza outros agentes e as circunstâncias de tempo/ espaço envolvidas no processo comunicacional. Esta estratégia se realiza por meio da debreagem enunciativa, a operação que funda o enunciado, a partir do desligamento da enunciação. Segundo Tatit (2001; p.59), 'uma debreagem enunciativa introduz o sujeito do fazer e os dados do narrado, enquanto uma debreagem enunciativa institui um sujeito em 1ª pessoa, responsável pela disseminação dos elementos temporais no texto e pela transformação. O operador "hoje" indica período maior ou menor, considerado próximo do momento da enunciação e, portanto, ligado ao enunciador. Na segmentação espacial se manifesta a oposição sentimental do sujeito: "lá"- perseguição, vigilância; "aqui"- prazer e gosto (liberação). O

predicado “vivo aqui com todo gosto e prazer” revela a conjunção entre o sujeito e o lugar de sua eleição.

O receptor ouve o nativo (o falante nascido em Portugal), vê-se nele e é visto por ele. O próprio emissor é sujeito e objeto do olhar de si próprio e dos outros. Na concepção da interação ocorre o ícone do real, reprodução dos acontecimentos. O espaço da conversa faz parte de um contexto indeterminado. Por isso, há de ser compreendida como conjunto de signos da representação, na medida em que mantém uma relação espacial. É esta relação dos signos que define o espaço. Torna-se, então, o espaço a imitação de um lugar do mundo e a atividade ‘interação’ nele se inscreve em continuidade com as outras atividades dos homens no mundo. Neste tipo de espaço, a empatia estabelece elo de identificação entre o emissor e o receptor. Ontem / agora nem sempre se definem com tanta nitidez, já que o agora se aproxima tanto do passado como do futuro (como prova do que diz). O “agora” não exprime momento ou período fisicamente delimitado; apresenta valor de abrangência que pode reduzir-se a um mínimo (pontual), abrangendo um período maior, tanto do presente, quanto do passado ou do futuro, aproximando o momento da enunciação.

Segundo BARTHES (1987), os objetos que fazem parte de uma sociedade têm sentido mesmo que sua função se torne, pelo menos, signo dela mesma, ou seja, o objeto pode significar a si mesmo. Assim, o objeto, antes de se fazer representar por meio de um signo, representa-se a si mesmo, isto é, está no lugar de si mesmo. Todo signo “ é um cruzamento de duas

coordenadas, de duas definições”, segundo Barthes. A primeira (a profunda) é a simbólica; o signo deve ter pelo menos um significado. A segunda (a de extensão) é a da classificação. Ainda segundo Barthes, não vivemos sem ter em nós, mais ou menos conscientemente, uma classificação dos objetos que nos é importante ou sugerida pela nossa sociedade (BARTHES, 1987, p.175). Quanto à relação de deslocamento de sentido, Barthes a considera simples e simbólica. Um objeto teria sua relação deslocada através de um de seus atributos: ‘o elemento significante é, então, simultaneamente, perceptível- recebemo-lo de um modo perfeitamente claro- e, no entanto, de certo modo sufocado, naturalizado naquilo a que poderíamos chamar o estar-aí do objecto (idem, p.177).

O objeto serve para comunicar informações e veicula sentido: “há sempre um sentido que extravasa do uso do objeto” (BARTHES, 1987, p.173).

Por ser o objeto polissêmico, oferece-se facilmente a várias leituras de sentido e tais leituras dependem mais do receptor da mensagem do que de seu emissor. Dentre as leituras, podemos inferir:

- 1) ele não concordava com o regime;
- 2) a perseguição foi a causa de sua vinda;
- 3) havia vontade de ele vir para o Brasil e a negativa ao concurso foi a chance.

Considerando que o signo é uma coisa que representa outra coisa, o objeto, ele só pode funcionar como signo, se carregar esse poder de

representar, substituir uma coisa diferente dele (SANTAELLA, 1998). O signo mantém, então, uma relação com seu objeto e com seu interpretante.

Barthes questiona se existem objetos fora do sentido. Examinou os fenômenos significativos sob um ponto de vista sociológico. É através do desenvolvimento das linguagens que os seres humanos podem ‘ recordar, evocar, imaginar e outros. Os signos não evocam apenas “coisas ausentes”.

No estado puramente simbólico um significante (uma configuração) nos remete a um único significado, na acepção peirceana.

O signo encerra uma relação de alteridade, isto é, a capacidade de o falante se colocar na posição de ouvinte. Na sua concepção triádica, pressupõe três elementos: o signo, o objeto (o que representa) e o interpretante (o que suscita enquanto sentido) (PEIRCE, 1977). O signo não chega à representação total de um objeto, mas faz referência a um tipo de idéia ‘mais ou menos platônica’ o que o obriga a ser diferente do objeto que o ‘representa’, embora essa condição seja talvez arbitrária (PEIRCE, 1993). Dentre os aspectos mais importantes de sua teoria, vale lembrar a noção de “interpretante”, como um signo que interpreta um outro signo, e a tripartição dos signos: índice (é existencial), ícone e símbolo (não é existencial), segundo se opera uma relação de contigüidade, de similitude ou de pura convencionalidade entre o signo e o referente. Além disso, segundo Peirce, o signo deve envolver a própria representação e a relação que o usuário faz dele em uso da linguagem, para dar-lhe sentido.

Se o processo metonímico estabelece relações com o real, pois nele os signos são ícones, é o processo metafórico o fornecedor de índices que atuam como elos entre os elementos sucessivos da representação e evidenciam a continuidade do discurso. Há, entretanto, signos caracterizadores de metonímia ('tudo no Brasil é bonito') e metáfora ('Aqui é um sonho') ao mesmo tempo. O privilégio de um processo em detrimento de outro torna manifesto todo processo simbólico, quer subjetivo, quer social. Se os símbolos e as seqüências temporais usadas se baseiam na contigüidade, ocorre "transferência" metonímica e "condensação" (resumo de informações); se têm como suporte a similaridade, exemplificam identificação e simbolismos. O signo que melhor exemplifica a presença de ambos os processos é o próprio texto (contexto), situado não só na interseção dos espaços como também no tempo.

Logo, nas proposições argumentativas a relação espaço/tempo só se realiza na construção mental para construir o contexto no qual se dispõe o discurso.

Tomando por base a referência à situação da enunciação (dêixis) e o momento de referência, o tempo expresso pelos adjuntos que têm papel relevante na unidade, podemos afirmar que ambos contribuem para a interação comunicativa. O ponto de vista do falante é determinante, e a conclusão decorre do contexto. Assim, a temporalidade deve ser entendida principalmente sob o domínio semântico.

6.2 A TEMPORALIDADE E OS FATORES DA ARGUMENTAÇÃO

[...] o tempo é um tecido
invisível em que se pode bordar
tudo, uma flor, um pássaro,
uma dama, um castelo, um túmulo.
Também se pode bordar nada.
Nada em cima de invisível é a mais sutil
Obra deste mundo, e acaso
do outro.
(ASSIS, Machado de. In Esaú e Jacó)

A Língua é manifestada pela relação eu-aqui-agora, porém a organização destas categorias se dá em diferentes situações. Os elementos referenciadores de tempo estabelecem no discurso a construção da argumentação.

O ato da fala não só põe em funcionamento o sistema lingüístico, mas também, e antes, é uma forma de ação social, um jogo a dois. Por isso, exige a regulação intersubjetiva, na perspectiva pragmática. Na conversação, esta intersubjetividade constrói o sentido, relacionando as intenções e os interesses dos parceiros na troca conversacional, estabelecendo interações. O enunciado é, dentre outros fatores, elemento fundamental ao ato de

enunciação, cujo valor significativo depende da situação de discurso, das condições de produção da seqüência de signos e de relações entre noções. Para Benveniste e Vogt, a língua é, antes de mais nada, o lugar de intersubjetividade, o lugar onde os indivíduos se confrontam, o lugar onde encontra outrem.

Segundo Charaudeau (2004), são quatro os princípios que fundam o ato de linguagem: de influência, de regulação, de relevância e de alteridade. Todos interagem no processo comunicativo, através das estratégias orientadas para o outro, do jogo de influências na continuidade do discurso, bem como as manifestações entre os parceiros.

Na seqüência temporal (121):

(121) E: O que mais aprecia no Brasil?

I: Sua beleza natural, o seu povo, né? Quer dizer, eu acho que são poucos países que têm um povo como o brasileiro quer dizer, esse sincretismo, né, de raças, né. Você tem um processo de miscigenação muito forte, apesar do do preconceito muito forte, quer dizer, embora não explicitado abertamente, mas na prática ele existe, né, quer dizer, branco em relação ao negro, negro em relação aos pardos, até os índios, né? Mas de qualquer forma o Brasil apresenta, apresenta um quer dizer, essa essa multiracialidade existente no país, né? Desta maneira eu vejo, eu vejo como um aspecto positivo, né. Quer dizer, na medida em que os problemas sociais, econômicos forem gradativamente solucionados, serem resolvidos, na medida em que haja um projeto de integração, uma relação desses segmentos sociais, eu creio que esse país seria invencível, né, em termos de... em termos de solidariedade, entendeu, que a gente observa em grande parte da população brasileira. E isso é positivo, positivo. Você não vê em um país desenvolvido, por exemplo. (Celso)

a proposição 1 (a beleza natural) está coordenada à proposição 2 (o povo). Entretanto, a relevância no turno é dada à 2ª proposição, numa relação explicativa inicial, estabelecida entre povo-raça. A partir daí, o turno é estendido por oposições entre preconceitos, concluídos pelo locutor sob a estrutura interrogativa que requer acatamento do interlocutor. No mesmo turno, a seqüência povo-raça transita, numa relação de causa e conseqüência (solução, integração, relação dos segmentos sociais) e comparação entre país subdesenvolvido X desenvolvido.

O encadeamento dos argumentos leva-nos à inferência de que o locutor se opõe aos preconceitos raciais no Brasil, mas acredita na “solidariedade” do brasileiro. Isso não impede que as restrições feitas possam bloquear o movimento esperado.

Benveniste (1992, p.50) afirma que é na e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito. Como comprovação, no segmento textual (102), identificamos o “eu”, o “aqui”- Brasil-, e o agora- explicitado nas formas verbais do presente lingüístico como ponto de referência sobre os acontecimentos.

Na linha temporal, o locutor conduz a argumentação do passado para o presente, do presente para o futuro, em prospecção, com o uso de verbos de atitude proposicionais (creio, acho). Além disso, o uso do futuro do pretérito (“seria”) marca a modalização no processo da enunciação, dando margem a um diálogo, sem impor o seu ponto de vista.

Há conteúdo implícito no sincretismo e na miscigenação de raças. É pautado no espaço da memória, mas também nas deduções implicadas no raciocínio do locutor.

Logo, o TC se dá por anterioridade, por atualização e por posteridade, na enunciação subjetiva; também há índices de assentimento pelo alocutário.

Em (122) ressaltamos como as trocas cotidianas são organizadas como atividade social. Tratamos o informante por L1 e o entrevistador por L2, para identificarmos os turnos.

(122) E: E o senhor já passou algum tipo de discriminação no Brasil em relação a sua origem portuguesa?

I: Não. Não.

E: Sempre foi bem recebido?

I: Graças a Deus!

E: Houve alguma dificuldade de adaptação do senhor à língua portuguesa no Brasil?

I: Não, porque afinal de contas é só o sotaque, né. A língua é o sotaque. Em Portugal tem lugar. Tem regiões que tem o sotaque mais carregado, como tem aqui, por exemplo, também no nordeste também é mais carregado. Em São Paulo já é assim, estão falando assim, aqui já é outro sotaque da região. Mas eu aqui não tive.

E: Dificuldade?

I: Dificuldade nenhuma, porque eu sempre lia muito e sabia muito do Brasil, porque apesar de ter poucos estudos em Portugal, lá os estudos eram muito apertados mesmo e a pessoa tinha que saber tudo que existia no mundo. Se a professora abrisse o livro e dissesse assim, onde é que fica o rio, vamos dizer, o rio Amazonas, eu tinha que dizer no Brasil. “Onde é que ele nasce?” É no Uruguai, não é?

E: Não, é nos Andes.

I: No Egito, tinha que saber tudo isso, os afluentes desse rio, do rio e de uma outra coisa qualquer, uma serra, ou enfim a história portuguesa ela tinha que saber de tudo. Se dissesse assim, qual é o rio mais importante da Europa? Tinha que dizer, o mais importante era o Voga, que nasce na Rússia, né. E tudo em África, no Egito, estas coisas todas que tinha que saber, porque ela abria o livro e perguntava, tinha que responder, entendeu?

E: Certo.

I: Quer dizer, eu lia muito. Nestes tempos que estive em África eu lia muito. Sempre andava a par com o que se passava no Brasil mesmo, aqui, inclusive eu tinha três irmãos aqui no Brasil, tinha três irmãos e um cunhado aqui.

E: Já viviam no Brasil?

I: Já estavam aqui no Brasil, vieram de Portugal eram pequenos. Aí que não tive dificuldade quanto à discriminação, não tive não, nunca! (Avelino).

Os participantes, L1 e L2, colaboram nas realizações de fala, com procedimentos de organização e seqüencialização. Evidenciamos, então, o carácter organizado na conversação e da interação entre os participantes, para tornarem inteligíveis os tópicos em questão. No funcionamento interno, os turnos de fala foram distribuídos, mas a escolha e a circulação dos tópicos foram negociadas por L1 e L2. São as negociações que levam à interatividade.

L1 abandona momentaneamente a posição de que não sofreu discriminação, retomando-a sete turnos após, como um fechamento deste tópico. Só então ele manifesta que compreendeu o que L2 pretendia. Além disso, sinaliza que novo tópico pode ser iniciado.

Quando L2 retoma o seu 4º turno, com a pergunta (“Dificuldade?”), ele intervém, fazendo a ligação entre os dois enunciados anteriores do L1, inferindo que as justificativas às dificuldades ainda não foram apontadas. Em relação ao tópico “leitura”, L1 retoma dois turnos anteriores e inclui um novo tópico (os parentes), ao que L2 dá seqüência, colhendo mais informações sobre eles. Pela observação, a não discriminação de L1, possivelmente, é explicada pela presença dos parentes no Brasil.

O fluxo das informações se relaciona com a organização do tópico e comentários de L1, entre os sujeitos, por informações novas contidas em cada tópico. A distribuição das informações de L1 estão vinculadas aos processos mentais da consciência e da memória.

Como processo alimentador da conversação, o sistema de correção pode ser visto de um ângulo pragmático e de um ângulo textual. Do ângulo pragmático, temos a autocorreção, para abortar um ataque de turno; ou a heterocorreção, para tomar um turno. Do ponto de vista textual, o sistema de correção pode ser visto como um conjunto de “atos de constituição do texto falado”, que vão da escolha das palavras até a organização do texto propriamente dito. Vale lembrar que o sistema de correção e reparação desempenha importante papel no monitoramento da fala e que as categorias utilizadas para designar os mecanismos conversacionais não são excludentes. Voltar ao dito para continuar dizendo, ou apontar para um futuro do que será dito, dá ao sujeito, pela própria injunção à reescrituração, o lugar de seu

trabalho sobre o mesmo que o apreende e que se faz ao parafrasear, já que a paráfrase é tencionada pelo polissêmico.

7 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Para analisar os dados obtidos nas entrevistas, valemo-nos da análise conversacional, para pôr em relevo as realizações dos participantes das interações e negociações entre turnos de fala. Privilegiamos o discurso dialogal oral, na comunicação “face a face” como mecanismo da interação, para evidenciar o papel dos encadeadores discursivos nas negociações discursivas. Levamos em consideração, portanto,

- a alternância de turnos de fala;
- os temas tratados pelos entrevistados;
- o valor semântico e pragmático dos enunciados;
- as opiniões expressas;
- as mudanças tópicas.

Mediante a análise do corpus, podemos distinguir algumas características dos marcadores discursivos e dos referenciadores de tempo:

Marcadores Discursivos:

- fixam uma ordem no discurso;
- estabelecem uma relação de dependência argumentativa;
- relacionam fatos/acontecimentos, ações e sucessivos;
- direcionam a atuação do ouvinte para a informação;
- podem indicar ponto de vista;

- uns são elementos catafóricos (como “agora”) e outros endofóricos;
- são organizadores tópicos;
- com eles podem existir coocorrências;
- pertencem à instância pragmática da enunciação.

Referenciais Temporais

- estabelecem a ligação de um fato ou acontecimento cronológico contemporâneo, precedente ou procedente na instância enunciativa;
- são a contraparte dêitica de uma referência temporal, em relação aos desencadeadores discursivos;
- referem-se à instância da situação de enunciação

A referência à temporalidade pode localizar pontualmente o evento ou em períodos intervalares, durativos e freqüenciais, marcada na enunciação por presente, passado e futuro ou em relação à expressividade do falante na produção do enunciado, chamando a atenção do ouvinte para a temporalidade interna do fato que expressa.

Em relação aos elementos mais encontrados no *corpus*, **Já** foi mais usado como encadeador discursivo, em posição inicial, seguido de quantificador, comentário, tempo marcado, embora também funcione como referencial de tempo. Quando sinônimo de logo, imediatamente, denota a aspectualidade, uma proximidade no tempo; em segmentos com o tempo do verbo pretérito perfeito, o ato se deu antes do momento da fala; e com o

imperfeito, equivalente a naquele momento, um período precedente a outro. Com o verbo no futuro, o processo é visto em seu desenrolar, segmentável, com a noção de um processo anterior ao que está sendo focalizado no discurso. **AGORA** e **JÁ** são vazios de significado, quando puderem ser omitidos, – sem prejuízo semântico para o enunciado.

A estrutura marcada tende a ser mais complexa que a estrutura não-marcada correspondente. Aquela, em relação à frequência, tende a ser menos freqüente do que esta.

Nas cláusulas coordenadas há uma ordenação linear, o que corresponde à seqüência cronológica das ações descritas.

ENTÃO foi mais freqüente como encadeador discursivo, em posição inicial (tanto por homens quanto por mulheres), mas também utilizado como referencial de tempo em comparação com um tempo anterior ao momento da enunciação. Como encadeador, liga os eventos enunciados pelo falante numa seqüência em que os fatos aconteceram, independente de eles serem concomitantes ao momento da fala. Pode, portanto, estar relacionando fatos experienciais do locutor ou acontecimentos de outros e relatados pelo locutor.

ENTÃO/ DEPOIS/ NESSA ÉPOCA/ NAQUELA ALTURA/ DESDE ENTÃO/ NESSE MOMENTO/ ATÉ ENTÃO fazem parte da estrutura, da armação do texto (framework), pois pressupõem uma sentença antecedente, algum desenvolvimento textual.

O encadeador discursivo **DEPOIS** organiza o fluxo de informações e denota tempo no curso do evento. Por isso, talvez, seja mais usado em posição medial.

A posição ocupada pelo operador **QUANDO** determina o escopo das informações; em posição inicial, permite a organização do fluxo de informações, além de retomar tópicos falidos, no momento da enunciação. Em posição final apenas completa a frase proferida pelo falante. Indica no enunciado um tempo anterior de modo vago, com o imperfeito; um tempo posterior imediato, com o futuro, e tempo freqüentativo (repetido), com verbo no presente. Este operador indica tempo, mas propõe o encadeamento entre tópicos e porções do texto e pode se relacionar com mais de uma principal. Tem, assim, função encadeadora discursiva e preferência da posição inicial pelos falantes

Os elementos lingüísticos que expressam as ligações entre as proposições, por vezes, mesmo não expressando claramente a relação temporal, podem ser analisadas como tal. É o caso do condicional **SE** que é um correlato hipotético para **QUANDO**, um elemento temporal. Outro fator relevante é o papel que o adjunto desempenha na cláusula, tomada como unidade comunicativa.

Encontramos ainda elementos expressivos, contextuais, que não apresentaram determinação cronológica, em qualquer posição estrutural da frase: **NUNCA** e **SEMPRE**. O primeiro teve maior índice em posição inicial, e o segundo, em posição medial.

Na categoria de tempo a distinção ao que é anterior, simultâneo ou posterior é facilmente perceptível. Já a explicação dos intervalos/ espaços de tempo nem sempre é perceptível, pois neles tempo / duração e freqüência interdependem. Nas relações temporais e aspectuais o presente lingüístico é o ponto de referência sobre o acontecimento. O imperfeito marca a mudança do acontecimento em direção ao passado. O futuro, quando marcado por expectativa no momento da enunciação, pode se apresentar como prestes a começar; na linha do tempo, pode ser a extensão do momento da enunciação, em continuidade ou progressão, concomitância com o presente; posterioridade, quando correlacionado a **Depois**. O Pretérito Perfeito tem dois valores temporais distintos: anterioridade ao agora e concomitância a um marco temporal passado. Na relação a um marco temporal pretérito, o acabado e o inacabado; anterioridades perfectivas e imperfectivas.

Há tipos mais comuns de cláusulas envolvidas com o tempo: aditivas indicadoras de seqüência, adverbiais temporais, proporcionais e reduzidas. Tanto as coordenadas quanto as reduzidas autorizam uma leitura temporal, possibilitam extensão de fundo para o que foi dito anteriormente e situam o ouvinte sobre o instante em que o evento aconteceu.

O verbo **HAVER** (= período), **FAZER** (+ período), **CHEGAR** (chegou um dia), **LEVAR** (levou 5 anos, **Durar** (durou 4 anos, **SER** (Aí a hora foi de noite), **PASSAR** (passaram meses) são verbos gramaticalizados ou em gramaticalização, segundo estudos recentes. Limitamo-nos nesta pesquisa

à compilação das ocorrências e coocorrências de **HAYER**, determinado por datas ou indeterminado por quantificadores indefinidos.

Reconhecemos que os elementos desta pesquisa contribuem com a noção de temporalidade no discurso, por isso não podem ser analisados (ou até mesmo classificados, como na Gramática Tradicional) isoladamente, fora do contexto comunicacional, o que nos leva a algumas conclusões.

8 CONCLUSÃO

Refletir sobre o tempo pressupõe a experimentação nas coisas, dependente de um sujeito que existe no tempo. É ele mesmo temporalidade, possuidor de produzir temporalidade. Assim é que a consciência do passado não ocorre como uma reprodução, ou seja, como reprodução de um fluxo temporal, um artifício para que não esteja limitado aos acontecimentos do mundo: uma forma de produção de realidade. Por este raciocínio, podemos discernir entre tempo e temporalidade. Por esta pode ser entendida a vivência do tempo, do fluxo da própria consciência, de um passado face a um presente, de o futuro ser uma projeção mediante um presente, ou mesmo o presente ser a presença de um sujeito experiente. O tempo se explica pelo acontecer e o seu ponto limite é a concepção que o sujeito tenha dos acontecimentos.

A linguagem é elemento de comunicação social. Com a renovação do léxico, o homem busca novos significados e contribui para a evolução da língua. As categorizações são criadas pelo homem, através da linguagem por suas experiências culturais. O significado decorre do uso e a construção da mensagem explica a presença do símbolo, criado para representar as experiências do homem e seu universo.

Não é possível dissociar o emprego do advérbio de tempo do aspecto verbal: durativo, freqüentativo, cronológico, de simultaneidade, do emprego da estrutura de correlação. Além disso, a noção de tempo, implícita

nas orações condicionais, especifica probabilidade, improbabilidade e impossibilidade, dependendo do ponto de vista do falante.

Quanto à narrativa, entendida como uma seqüência de fatos, em cujos livros referem-se os autores ao tempo passado (de pretérito), não podemos esquecer que o locutor emprega o verbo no presente, dando maior emoção ao narrado.

Não se trata de estabelecer os princípios do campo lingüístico , mas articular a gramática com as instâncias de produção discursiva, adotando soluções diferenciadas no que diz respeito à seleção e à distribuição da informação. Referimo-nos, então, à integração das considerações valorizadas pelos estudos lingüísticos. O discurso gramatical pode ser visto como um discurso que deriva das aquisições dos estudos lingüísticos, adequado aos falantes a que se destina o conteúdo de tempo.

A noção de tempo não pode ser vista somente em seus limites. Se não atentarmos para o percurso das atividades, processos e estados que se desenrolam mediante as experiências humanas, consideraremos o tempo como uma fragmentação da vida. É, então, o aspecto que desenvolve a linha do tempo, assim como envolve a temporalidade.

O povo português, por assumir o tempo no Brasil, entende-o como um espaço seu, interessando-se pelo vocabulário aqui existente, trilhando uma leitura das enunciações em que a integração entre a sociedade luso-brasileira tenha uma só ideologia. O nosso interesse pelos sentimentos dos portugueses

suscita novos sentidos e, possivelmente, contribui para mantermos a fraternidade entre estes países.

A atividade mental do ser humano, articulada pela fala, envolve tanto a capacidade de argumentar sedutoramente quanto a possibilidade de recuperar momentos armazenados na memória e que vêm à tona no ato da enunciação. Quanto ao sujeito, o seu distanciamento, ou não, na narrativa, pelo discurso, mostrará o envolvimento do falante naquilo de que fala e como o diz. A interação entre os flocutores dependerá, principalmente, dos mecanismos que operam no discurso as marcas das idéias surgidas com a produção do texto.

Por isso, a noção de tempo deve levar em consideração o contexto em que as estruturas aparecem, bem como a interrelação entre as categorias gramaticais, já que não só a conjunção marca a temporalidade, mas também o verbo, o aspecto verbal e o emprego da preposição.

O tempo cronológico (passado, presente, futuro) é somente um marcador dos interstícios do tempo em sua longevidade. Explicitando, ele é apenas uma referência que reporta os instantes, a duração dos processos, das instantaneidades ou dos términos dos estados e ações em procedimento ou procedência da vida humana. Voltando ao início desta tese, pensamos à frente. Nada é eterno. Estamos em “eterna” progressividade, processo contínuo de desenrolar das ações e atitudes. O olhar subjetivo é inerente ao tempo.

Se no retrocesso o processo vier a partir da hora exata, daí em diante, o fluxo do tempo será questionado de modo a procurar um momento de

continuidade. O ponto referencial leva à argumentação necessária a que haja uma reação capaz de transmutar os instrumentos da argumentação.

Quanto à sintaxe, vale a escolha, no momento da enunciação. Esta será capaz de influir na mudança do pensamento do outro, e o falar trará novos significados que levarão um e outro a reconstituírem os seus discursos. Novas estruturas serão criadas, outros discursos e referências outras serão tomados, como verdades irrefutáveis. Tudo parece verdade, até que outro ponto-de-vista seja qualificado. É a instataneidade, a continuidade de ação , que leva o questionamento do outro, porém tem como o perfectivo uma ação concluída (até), embora este processo, na visão do outro, possa ser modificado (não-concluído), dando continuidade à ação, seja agora ou futura (mediato e imediato).

A duração do processo pode se dar por ações no passado, mas o fator mudança pode modificar o rumo da interação. Parece visionário, mas o estado de coisas leva à argumentação necessária a que o tempo se construa.

Não há um passado e um futuro fora de nossas mentes, da capacidade de reproduzir um e projetar outro. E só conseguimos pensar a partir do que já conhecemos, donde podemos afirmar que o tempo se explica pelos acontecimentos. Pelo raciocínio sobre eles eles, novas argumentações surgirão. O futuro passa a ser marcado pelo agora. Tudo recomeça – imperfectivo naquilo que é reconstruído; perfectivo, no que ficou no passado distante no tempo cronológico e progressivo no que há de ser feito.

Os portugueses valorizam os hábitos culturais de Portugal, instalando grupos sociais, associações, mas assumem também os hábitos e costumes brasileiros, contribuindo para a unidade da língua e a troca de vivências entre estes dois países irmãos.

9 BIBLIOGRAFIA

ABREU, Antônio Suárez. *A Arte de Argumentar: gerenciando razão e emoção*. SP: Ateliê Editorial. 5ª ed, 2002.

_____, *Curso de Redação*. Série Universidade. SP: Ática, 2004.

AMARAL, Marcio Tavares d'. "Sobre tempo: considerações intempestivas". In DOCTORS, Marcio (org.). *Tempo dos Tempos*. Rj: Jorge Zahar; 2003, p.15- 32.

AMOSSY, Ruth (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. SP: Contexto, 2005.

ANTOUN, Henrique. "Nietzsche: o tempo e a têmpera". In DOCTORS, Marcio (org.). *Tempo dos Tempos*. Rj: Jorge Zahar, p.115,. 2003.

ARÊAS, James Bastos. "Bergson: a metafísica do tempo". In DOCTORS, Marcio (org.). *Tempo dos Tempos*. Rj: Jorge Zahar, p.130-141, 2003.

ARISTÓTELES. *A Ética*. Trad. FONSECA, Cássio M. Fonseca. RJ: Ediouro, Coleção Universidade, s/d.

AZEREDO, José Carlos. *Iniciação à Sintaxe do Português*. (Coleção Letras); RJ: Jorge Zahar; 5ª ed., 1999.

_____. *Fundamentos de Gramática do Português*. RJ: Jorge Zahar Ed, 2000.

AZEREDO, José Carlos (Org.) *Língua Portuguesa em Debate: conhecimento e ensino*. Petrópolis, RJ:Vozes, 2000.

AZEVEDO, Marcello. “Peirce e a Semiótica”. In revista de cultura Vozes 10. *Semiologia e Discurso*. vol. LXIV RJ: Vozes, 1970.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud, Yara F. Vieira. SP: Hucitec, 1981.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria Semiótica do Texto*. SP: Ática. Série Fundamentos. 4ª ed., 2000.

BARROSO, Henrique. *O Aspecto Verbal Perifrástico em Português Contemporâneo: visão funcional/ sincrónica*. Portugal: Porto Editora, LTDA,1994.

BARTHES, Roland. *Elementos de Semiologia*. Paris: Seuil; trad. BARAHONA, Maria Margarida; Portugal: Edições 70 Ltda. Coleção Signos 43, 1964.

_____. *O Prazer do Texto*. Paris: Seuil; trad. BARAHONA, Maria Margarida; Portugal: Edições 70 Ltda. Coleção Signos 5, 1973.

_____. “Semântica do Objeto”. In *A Aventura Semiológica*. Lisboa: ed 70, 1987.

BECHARA, Evanildo. *Lições de Português pela Análise Sintática*. SP: Padrão, 1985.

_____. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

_____. *Gramática Escolar da Língua Portuguesa*. RJ: Lucerna; 1ª ed., 2002.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística Geral II*. Trad. Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes - Ed. da Unicamp, 1989.

_____. *O Homem na Linguagem*. Trad. Isabel Maria Lucas Pascoal. Lisboa: Veja Coleção Vega Universidade, 2ª ed., 1992.

BERRUTO. *Per una caratterizzazione del parlato: l'italiano parlato há um'altra grammatica?* 1985. In CASTILHO, Ataliba Teixeira de & BASÍLIO, Margarida (orgs). *Gramática do Português Falado Vol. IV: Estudos descritivos*. SP: Editora da UNICAMP; SP: FAPESP, 1996.

BONFIM, Eneida. *Advérbios*. SP: Ática, 1988.

_____. "Advérbios, Preposições ou Conjunções? Fronteira entre classes de palavras." In VALENTE, André Crim (org.) *Aulas de Português: perspectivas inovadoras*. Petrópolis, RJ: Vozes, p.137-150, 1999.

BORNHEIM, Gerd", "A concepção do tempo: os prenúncios". in DOCTORS, Marcio (org.). *Tempo dos Tempos*. Rj: Jorge Zahar, p.93-94, 2003.

BRAGA, Maria Luiza & SILVA, Giselle Machline de Oliveira e. *Novas Consideração a Respeito de um Velho Tópico: A taxionomia Novo/Velho*. (artigo) s/ outras referências.

_____. *Discurso e Abordagens Quantitativas UNICAMP* (artigo) - s/ outras ref.

BRAGA, Maria Luiza. *Cláusulas Temporais no Discurso Oral*. UFF/ UNICAMP. (s/ outras ref.).

BRAGA, Maria Luiza & GRYNER, Helena & PAIVA, Maria da Conceição. *Status Informacional e Ordenação de Cláusulas no Português do Brasil* (artigo), 1994.

CADERNO SEMINAL, ano 9, nº 13, RJ: Dialogart, p. 95, 2002.

CAFEZEIRO, Edwaldo."O Texto e seus Teares". In VALENTE, André (org.). *Aulas de Português: Perspectivas inovadoras*. Petrópolis, RJ: Vozes,1999.

CAMARA JÚNIOR, J. Matoso. *Dicionário de Lingüística e Gramática: referente à Língua Portuguesa*. 12ª ed.; Petrópolis: Vozes, v. tempos, p.231-232, 1985.

_____. *Dicionário de Lingüística e Gramática: referente à Língua Portuguesa*. 25ª ed.; Petrópolis: Vozes, v. tempos, p.231-232, 2004.

_____. *Dispersos*. Seleção e introdução por UCHÔA, Carlos Eduardo Falcão. RJ: Fundação Getúlio Vargas,1975.

CAMPOS, Maria Henriqueta Costa. *Tempo, Aspecto e Modalidade: estudos de Lingüística Portuguesa*. Coleção Lingüística 6, (dirigida por Joaquim Fonseca), Portugal: Porto Editora, 1997.

CARONE, Flávia de Barros *Morfossintaxe*. Série Fundamentos, 2ª ed., SP: Ática, 1988.

_____. *Subordinação e Coordenação: Contraste e Confrontos*. Série Princípios (138) SP: Ática, 1993.

CARVALHO, Castelar de. *Para Compreender Saussure: fundamentos e visão crítica*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de & BASÍLIO, Margarida (orgs). *Gramática do Português Falado Vol. IV: Estudos descritivos*. SP: Editora da UNICAMP; SP: FAPESP, 1996.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *A Língua falada no Ensino Português*. 3ª ed. São Paulo: Contexto (Repensando o Ensino), 2001.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de (org.). *Gramática do Português Falado.Vol.I: A Ordem*. 3ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1996.

_____ (org.). *Gramática do Português Falado.Vol. III: as abordagens*. 3ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002.

CEREJA, William Roberto e MAGALHÃES, Thereza Analia Cochar. *Português: linguagens: literatura, gramática e redação*. SP: Atual. Vol.1, 2 e 3, 2000.

CERQUEIRA, Luiz Alberto (org.). *Aristotelismo e antiaristotelismo – Ensino de Filosofia*. RJ: Editora Agora da Ilha, 2000.

CERVONI, Jean. *A Enunciação*. Trad. SANTOS, L. Garcia dos. SP: Ática, Série Fundamentos 61, 1989.

CHAFE, Wallace L. & DANIELEWICZ, Jane. *Properties of Spoken and Written Language. Comprehending Oral and Written Language*, ed. Rosalind Harowitz e S. J. Samuels, New York, Academic Press, 1985.

CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. Coordenação da tradução: Fabiana Komesu. SP: Contexto, 2004.

CHAUÍ, M. *Introdução à história da filosofia; dos pré- socráticos a Aristóteles*. SP. Brasiliense, p.13- 46, 1994.

- CHAUI, M.. *Convite à filosofia*. SP: Ática, 1995.
- CIPRO NETO, Pasquale & INFANTE, Ulisses. *Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Scipione, 2003.
- COSTA, Claudio Ferreira. *Filosofia da Linguagem*. RJ: Zahar Ed.;2ª ed; Série Filosofia passo-a-passo, 2003.
- COSTA, Sônia Bastos Borba. *O Aspecto em Português*. SP: Contexto, Repensando a Língua Portuguesa, 1997.
- CUNHA, Celso & CINTRA, Luiz F. Lindley *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: João Sá da Costa. 11ª ed., 1995.
- _____. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3ª ed. RJ: Nova Fronteira, 2001.
- DECAT, Maria Beatriz Nascimento. *Leite com Manga Morre: da Hipotaxe Adverbial no Português em Uso*. SP: PUC (Tese de Doutorado), 1993.
- _____, SARAIVA, Maria Elizabeth Fonseca, BITTENCOURT, Vanda de Oliveira & LIBERATO, Yara Goulart. *Aspectos da Gramática do Português: uma abordagem funcionalista*. SP: Mercado das Letras, Coleção Idéias sobre Linguagem, 2001.
- DESCARTES, René. *Discurso do método*. Trad. COSTA, J. Cruz. RJ: Ediouro, s/d.
- DIJK, Teun A. Van. *Cognição, Discurso e Interação*. SP: Contexto, 2000.
- DOCTORS, Marcio (org.). *Tempo dos Tempos*. Rj: Jorge Zahar, 2003.

DUCROT, Oswald & ANSCOMBRE, Jean Claud. *L'argumentation dans la langue*. Paris: Pierre Mardag, s/d.

DUTRA, Rosália. *O Falante Gramático: introdução à prática do estudo e ensino do português*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2003.

EPSTEIN, Isaac. *O Signo*. SP: Ática, Série Princípios, 1985.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. *Da Ambigüidade ao Equívoco: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso*. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2000.

FÁVERO, Leonor Lopes e KOCH, Ingedore G. Villaça. *Lingüística Textual: introdução*. SP: Cortez, 1983.

_____. *Coesão e Coerência Textuais*. 9ª ed., Série Princípios. SP: ÁTICA, 2001.

FONSECA, Fernanda Irene. *Gramática e Pragmática: Estudos de Lingüística Geral e de Lingüística Aplicada ao Ensino do Português*. Portugal: Porto Editora, Coleção Lingüística 2 (dirigida por Joaquim Fonseca), 1994.

FONSECA, Joaquim. *Pragmática Lingüística: Introdução, Teoria e Descrição do Português*. Portugal: Porto Editora, Coleção Lingüística 5 (dirigida por Joaquim Fonseca), 1994.

FORD, Cecília E. *Grammar In Ordinary Interaction: The Pragmatics of Adverbial Clauses In Conversational English*. University of California. Los Angeles. Dissertação de Doutorado de Filosofia em Lingüística Aplicada, 1988.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem Do Discurso*. In SAMPAIO, Laura Fraga de Almeida (trad.), SP: Loyola, 10ª ed., 2004.

GARCIA, Othon Moacir. *Comunicação em Prosa Moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

GIVÓN, Talmy. *Topic Continuity in discourse. A quantitative cross language study*. John Benjamin Publishing Company. Philadelphia, 1983.

GREIMAS, A. J. *Introdução à semiótica narrativa e discursiva*. Portugal: Almedina, 1979.

GUIMARÃES, Eduardo. *Textualidade e Enunciação*. In VALENTE, André (org.). *Aulas de Português: Perspectivas inovadoras*. Petrópolis, RJ: Vozes, p.113-121, 1999.

HALLIDAY, M. A. K. & HASAN, Rukaiya. *Cohesion in English*. London, Longman, 1976.

HALLIDAY, M. A. K. & HASAN, Rukaiya *Cohesion in English*. London, Longman, 4th impression, 1980.

_____. *An Introduction to Functional Grammar*. London: Arnold; 2rd edition; 2002.

_____. *On Grammar*. London/New York: Continuum. Edited by Jonathan Webster; vol 1, in the Collected Works of Halliday, 1st edition, 2002.

HEIDEGGER, Martin. *Que é uma coisa? –Doutrina de Kant dos Princípios Transcendentais*. Trad. Carlos Morujão. Porto, Lisboa: Edições 70. Biblioteca de Filosofia Contemporânea. 1987.

ILARI, Rodolfo e GERALDI, João Wanderley. *Semântica*. SP: Ática. Série princípios 8, 2^a ed, 1985.

ILARI, Rodolfo (org.). et al. *Gramática do Português Falado. Vol. II: Níveis de Análise Lingüística in Sobre os advérbios aspectuais* (p. 151) e *Sobre os advérbios focalizadores* (p. 193) SP: Editora da UNICAMP, 1992.

_____. *A Expressão do Tempo em Português*. São Paulo: Contexto: EDUC– Repensando a língua portuguesa-, 1997.

INFANTE, Ulisses. *Curso de Gramática Aplicada aos Textos*. São Paulo: Scipione; 2001.

JAGUARIBE, Hélio. “Tempo e história”. In DOCTORS, Marcio (org.). *Tempo dos Tempos*. Rj: Jorge Zahar, p.156-165, 2003.

KATO, Mary A. *As Formas do Funcionalismo na Sintaxe*. Delta 14 (n.esp.), p.145-168, 1998.

_____. (org.) *Gramática do português Falado. Vol.V: Convergências*. 2ª ed. Ver. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça & TRAVAGLIA, Luís Carlos. *Texto e Coerência*. SP: Cortez, 1995.

_____. *A Coesão Textual*. 2ª ed., SP: Contexto, 1995.

_____. *Argumentação e Linguagem*. SP: Cortez (Série Estudos de Linguagem), 1996.

_____. *O Texto e a Construção dos Sentidos*. Caminho da Lingüística. SP: Contexto, 2000.

_____. *A inter-ação pela linguagem*. – (Repensando a Língua Portuguesa), 6ª ed., São Paulo: Contexto, 2001.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Desvendando os Segredos do Texto*. SP: Cortez, 2002.

LACEY, Hugh M. *A Linguagem do Espaço e do Tempo*. SP: Perspectiva, 1972.

LALANDE, André. *Vocabulaire Technique et Critique de la Philosophie*. Paris: Press Universitaire de France. 12ª edition, v. temp. p. 1110 – 1114, 1976.

LOPES, Edward. *Discurso, Texto e Significação: uma teoria do interpretante*. SP: Cultrix; Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1978.

MACEDO, Walmírio. *Elementos para uma Estrutura da Língua Portuguesa*. 2ª ed., RJ: Presença, 1987 e 1991.

MACEDO, Walmírio. *Gramática da Língua Portuguesa*. RJ: Presença, 1991.

MANN, William & THOMPSON, Sandra. *Relational Propositions in Discourse Processes*.9, 57-90, 1986.

MANNION, James. *O Livro Completo da Filosofia: entenda os conceitos básicos dos grandes pensadores: de Sócrates a Sartre*. Trad. Fernanda Monteiro dos Santos. SP: Madras, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da Conversação*. SP: Ática. Série Princípios 82, 1986.

_____. “Marcadores conversacionais do português brasileiro: formas, posições e funções”. In CASTILHO, A. T. de (org.) *Português culto falado no Brasil*. Campinas, Editora da Unicamp, 1989.

_____. *Da Fala para a Escrita: atividades de retextualização*, 2ª ed., SP: Cortez, 2001.

- MARTELOTTA, Mário Eduardo et al. *Lingüística Funcional: Teoria e Prática*. RJ: DP & A, 2003.
- MARTINET, A. *Qu'est-ce que la linguistique fonctionnelle?* ALFA, v.38 , p 11- 18, 1994.
- MATEUS, Maria Helena Mira et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho S.A., 3ª ed., 1989.
- MATEUS, Maria Helena Mira, BRITO, Ana Maria, DUARTE, Inês & FARIA, Isabel Hub. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, Série Lingüística, 1992.
- MEYER, Michel. *Lógica, Linguagem e Argumentação*. Trad. Maria Lucia Novais. Lisboa: Teorema, 1982.
- MOURA, Heronides Maurílio de Melo. *Significação e Contexto: uma introdução a questões de semântica e pragmática*. 2ª ed., Florianópolis: Insular, 2000.
- NARO, A. J. "Idade" In *Introdução à Sociolingüística Variacionista*. Cadernos Didáticos. UFRJ, 1992.
- NASCIMENTO, Carlos Arthur Ribeiro do. "Santo Tomás, comentador de Aristóteles. In CERQUEIRA, Luiz Alberto (org.). *Aristotelismo e antiaristotelismo – Ensino de Filosofia*. RJ: Editora Agora da Ilha, p.49-72, 2000.
- NEVES, Maria Helena de Moura. "Os advérbios circunstanciais de lugar e tempo". In *Gramática do Português Falado*. Vol. II: *Níveis de Análise Lingüística*. SP: Editora da UNICAMP, 1992.
- _____. (org.) *Gramática do Português Falado*. SP: Humanitas/ FFLCH/ USP, Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

_____. *Gramática na escola*. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. *A Gramática Funcional*. SP: Martins Fontes, 2001.

NICOLA, José de. *Língua, Literatura & Redação*. São Paulo: Scipione, 2002.

NUNES, Benedito (trad.). *Heidegger & Ser e Tempo*. RJ: Jorge Zahar, 2002.

OLIVEIRA, Luiz Alberto. "Imagens do tempo. Labirintos, bibliotecas e paradoxos". In DOCTORS, Marcio (org.). *Tempo dos Tempos*. RJ: Jorge Zahar, p.33-68, 2003.

OLIVEIRA, João Bittencourt de. *The Category of Aspect in English: the Perfect Aspect*. In Caderno Seminal, ano 9, nº 13, RJ: Dialogarts, 2002.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 1999.

_____. *Os Efeitos da Leitura na Relação Discurso/ Texto (DL / IEL UNICAMP)*. In VALENTE, André Crim (org.) *Aulas de Português: perspectivas inovadoras*. Petrópolis, RJ: Vozes, p.151-158, 1999.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso e Texto: Formação e Circulação dos Sentidos*. SP: Pontes, 2001.

_____. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Campinas: Pontes, 2004.

PAIVA, Maria da Conceição A. de. *Ordenação das Cláusulas Causais: Forma e Função*. RJ: UFRJ, (Tese de Doutorado), 1991.

_____. "Sexo" In *Introdução à Sociolinguística Variacionista*. Cadernos Didáticos. UFRJ, 1992.

PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino. *As Estruturas Correlatas da Comparação: Análise Semântico – Argumentativa do Discurso na Comédia Eufrosina*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. RJ: UFRJ, 1988.

_____ et al. *Discurso, Coesão e Argumentação*. RJ: Oficina do Autor, 1966.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3ª ed., SP: UNICAMP, 1997.

_____. *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. SP: Pontes; 3ª ed., 2002.

PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica e Filosofia, Textos Escolhidos*. Introdução, seleção e tradução de Octanny Silveira da Mota e Leônidas Hegenberg. SP: Cultrix, 1993.

_____. *Semiótica*. Coleção Estudos SP: Perspectiva, 1977.

PINTO, José M. de Castro. *Gramática do Português*. Lisboa: Plátamo (s/ ref. a ano).

PINTO, Milton José. *As Marcas Lingüísticas da Enunciação: esboço de uma gramática enunciativa do português*. RJ: Numen Ed., 1994.

PONTES, Eunice Souza Lima. *Espaço e Tempo na Língua Portuguesa*. Campinas, SP: Pontes, 1992.

POUILLON, Jean. *O Tempo no Romance*. Tradução de Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix. Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.

PRETTI, Dino. *Estudos de Língua Oral e Escrita*. RJ: Lucerna, 2004.

PROENÇA FILHO, Domício. *Noções de gramática em tom de conversa: língua portuguesa*. SP: Editora do Brasil, 2003.

QUIRK, Randolph & GREENBAUM, Sidney & LEECH, Geoffrey & STARTVIK, Jan. *A Comprehensive Grammar of the English Language*. London: Longman, 1985.

RIBEIRO, Manoel P. *Gramática da Língua Portuguesa*. Ed. do Autor, 14ª ed. 2004.

RISSO, Mercedes Sanfelice. "O Articulador Discursivo "então". In CASTILHO, Ataliba Teixeira de & BASÍLIO, Margarida (orgs). *Gramática do Português Falado Vol. IV: Estudos descritivos*. SP: Editora da UNICAMP, SP: FAPESP, p.417-443, 1996.

_____. (UNESP/ASSIS) "Agora... O que eu acho é o seguinte": um aspecto da articulação do discurso no português culto falado. p.31-60. In CASTILHO, Ataliba Teixeira de (org.). *Gramática do Português Falado*. Vol. III: as abordagens. 3ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002.

SACKS, H., SCHEGLOFF, E. & JEFFERSON, G. *A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation*. Language 50, p.696-735, 1974.

SAMPAIO, Carmen Lucia de Castro. *A Temporalidade no Discurso*. (Dissertação de Mestrado). RJ: Niterói, UFF, 1995.

SANTAELLA, Lucia. *O Que é Semiótica?* <http://www.pcsp.br/cos-puc/cultura/conceito.htm>, 1998.

_____. *A Teoria Geral dos Signos: como as linguagens significam as coisas*. 2ª ed., SP: Pioneira, 2000.

SANTOS, Leonor Werneck dos. *Articulação Textual na Literatura Infantil e Juvenil*. RJ: Lucerna, 2003.

SARMENTO, Leila Lauar. *Gramática em Textos*. 1º ed., SP: Moderna, 2000.

SCHIFFRIN, Deborah. *Discourse Markers*. Cambridge. University Press, 1987.

_____. *Approaches to discourse*. Oxford: Blackwell, 1994.

SILVA, Ademar da. *A expressão de Futuridade no Português Falado*. Araraquara: UNESP, FCL, Laboratório Editorial, SP: Cultura Acadêmica, 2002.

SILVA, Gustavo Adolfo Pinheiro da. *Pragmática: a ordem dêitica do discurso: as representações do EU e seus efeitos de sentido*. RJ: ENELIVROS, 2005.

SILVA NETO, Serafim. *História da língua portuguesa*. 4ª ed., RJ: Presença, [Brasília]: INL, 1986.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. *Tradição gramatical e gramática tradicional*. São Paulo: Contexto, 1989.

_____. *Contradições no ensino de Português: a língua que se fala X a língua que se ensina*. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2001.

SOBRINHO, Barbosa Lima. *A Língua Portuguesa e a Unidade do Brasil*. RJ: Nova Fronteira, 2ª ed., 2000.

STECH. *Analysis of Conversational topic Sequences Structures*. (sem outras ref.).

SUASSUNA, Livia. *Ensino da Língua Portuguesa: uma abordagem pragmática*. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1995.

TATIT, Luiz. *Análise Semiótica através das letras*. SP: Ateliê Editorial, 2001.

TEIXEIRA, Lucia. *As Cores do Discurso*. Niterói, RJ: EDUFF, 1996.

TERRA, Ernani. *Curso Prático de Gramática (rev. ampl.)*. São Paulo: Scipione, 2000.

_____, NICOLA, José de; CAVALETTE, Floriana Toscano. *Português para o ensino médio: língua, literatura e produção de textos*. Volume único. (Série Parâmetros). SP: Scipione, 2002.

THOMPSON, Sandra A. *Subordination in Formal and Informal Discourse in Meaning Form and Use in Context*. Proceedings of the 1984. Georgetown University Roundtable on Linguistics, ed by Deborah Schiffrin. Washington, D.C., Georgetown: University Press, 1986.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *O Aspecto Verbal no Português a Categoria e sua Expressão*. Uberlândia. Gráfica da UFU, 1981.

_____. *Gramática: ensino plural*. SP: Cortez, 2003.

TUFANO, Douglas. *Gramática do Português Fundamental*. SP: Moderna, 2001.

VALENTE, André. *A linguagem Nossa de Cada Dia*. RJ: Leviatã Publicações, 1997; 3ª ed., Petrópolis Editora Vozes, 1998.

_____. (org.) *Língua, Lingüística e Literatura*. RJ: Eduerj, 1998.

VILELA, Mário & KOCH, Ingedore Villaça. *Gramática da Língua Portuguesa: gramática da palavra, gramática da frase, gramática do texto/ discurso. Portugal, Coimbra: Almedina, 2001.*

VOGT, Carlos. *O Intervalo Semântico: contribuição para uma teoria semântica argumentativa*. SP: Ática. Ensaios 26, 1977.

_____. *Linguagem, Pragmática e Ideologia*. (Coleção Linguagem), SP: HUCITEC, 1980.

WEINRICH, Harald. *Estructura y función de los tiempos em el lenguaje*. Madrid:Gredos, 1968.

WHITROW,G.J. *O que é tempo?: uma visão clássica sobre a natureza do tempo*. Trad. Maria Ignez Duque Estrada. RJ: Jorge Zahar Ed., 2005.

_____. "O Tempo da História". Cit. por JAGUARIBE, Hélio. "Tempo e história". In DOCTORS, Marcio (org.). *Tempo dos Tempos*. Rj: Jorge Zahar, p.157, 2003.

10 . APÊNDICE: ENTREVISTAS

Listamos as entrevistas por ordem alfabética. Em alguns casos, são encontrados homônimos, surgindo daí duas referências.

Não obedecemos, ainda, à ordem em que as entrevistas foram realizadas.

10.1 HOMENS

ADEMIR CARVALHO

Local da Entrevista: Loja Nippon

E: Como gostaria de ser identificado?

I: Ademir Carvalho

E: Sexo?

I: Masculino

E: Faixa Etária:

I: 60 anos

E: Nacionalidade:

I: Brasileira, não naturalizado português.

E: Descendência:

I: Filho de Portugueses.

E: Grau de Escolaridade:

I: Superior.

E: Estado Civil:

I: Casado .

E: Há quanto tempo reside no Brasil?

I: Desde que eu nasci. Há 60 anos.

- E: Qual a sua profissão?
- I: Comerciante.
- E: Qual a influência da cultura portuguesa em sua vida?
- I: Pra mim foi a religiosidade, ética, honestidade, tempo certo pra fazer as coisas, forma de fazer amigos. Fui criado numa comunidade muito boa. Tive muita sorte
- E: Já passou por algum tipo de discriminação com relação a sua origem?
- I: Não, até hoje não. O que é ruim, da forma hoje essa discriminação é quando eu vou para o Oriente, vou para a Europa, Estados Unidos, essa parte eu sinto muita dificuldade, como eles fazem discriminação, nós, os latino- americanos.
- E: Como se sente diante das piadas e críticas feitas aos Portuguesas?
- I: Eu acho isso como uma relação de amizade. Acho que o povo é amigo, tem feito essa brincadeira até pra provocar talvez um diálogo entre um e outro. Não vejo uma maldade nisso , não.
- E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?
- I: O custo de vida hoje, tem muito tempo que eu não vou a Portugal, mas aqui no Brasil a os salários estão muito baixos, devido à globalização dos povos mais desenvolvidos que sugaram, que vêm sugando cada vez mais dos povos atrasados, subdesenvolvidos, terceiro mundo. Então esse povo realmente que sustenta a grande mordomia do povo do primeiro mundo. Isso eu vejo pela forma dos bancos emprestarem dinheiro pra gente, a forma do FMI e tudo mais. Sempre colocam empecilho para o nosso crescimento, como Portugal já fez no passado as coroas, as coroas que eles tinham, as terras que eles tinham, nas terras que eles tinham de Além- mar. Foi uma exploração. Então o Brasil nasceu com essa característica, desde o tempo da colonização portuguesa.
- E: O senhor preferia ter nascido em Portugal?
- I: Não, não tenho assim essa... pra mim tanto faz, onde eu nasci tá bom
- E: Alguma vez já visitou os seus familiares que residem em Portugal?
- I: Já. Já fui algumas vezes a Portugal, já. Visitei meus descendentes lá, tive boa acolhida. Foi até uma grande confraternização com essas pessoas lá.
- E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-lo?
- I: Já, já vieram já. Quando em vez tem um por aí.
- E: De que região que é a sua família lá de Portugal?

- I: De região de Figueira da Ponte. Meus avós eram, vieram pra qui pro Brasil por volta de 1890 por aí assim, vieram aqui pro Brasil e vieram pra região de Massambaba, Cabo Frio, onde foram fazer as salinas e depois ficaram em Araruama. Aí é que eles vieram pra cá. Lá eles faziam salinas. Então, eles fizeram as salinas daqui de Praia Seca, Araruama, Estado do Rio.
- E: Como o senhor vê hoje as relações entre Brasil/Portugal e essas tentativas de melhorar esse relacionamento?
- I: Eu vejo que é sempre muito importante. Acho que o Brasil tem que fazer o papel dele, não pode ficar esperando socorro de outros países, porque eles não vão dar pra gente. Nós temos que fazer a nossa própria cultura, o nosso próprio desenvolvimento. Creio eu que o povo brasileiro, nesse momento está um pouco desanimado, mas eu acho que deve ser realmente o contrário. É nessa hora que realmente dar tudo, pra fazer um povo diferenciado. Infelizmente nosso povo cai um pouco por falta de informação, nossa escolaridade é muito baixa, as nossos colégios ainda estão muito fracos, a nossa disciplina de formação muito fraca. Nós hoje estamos passando um problema muito sério, porque nós não temos hoje um acadêmico, os professores hoje estão aí defasados pra cultura e pra dar a informação ao nosso povo, baixa escolaridade da nossa nação. Sinto eu que o Brasil só terá um dia realmente força, quando fizer mais cérebros. O Brasil não está fazendo cérebros no momento, cada vez pior e isso me deixa muito preocupado. Eu fico preocupado em ver o Brasil com essa falta de escolaridade, desse Brasil que tem tão poucas aulas. Enquanto o primeiro mundo está com 200, 275, 280 dias aula ano, aqui no Brasil está com cento e poucos dias, não chega a duzentos dias. Então quer dizer, isso é uma cultura que a própria criança é ensinada a estudar pouco, ler pouco. Eu fico vendo as pessoas como .lêem pouco, as pessoas não têm a cultura da leitura. Então isso me deixa muito entristecido com isso Mas nós vamos fazendo a nossa parte, nós temos que fazer a nossa doação também a esse pessoal da melhor forma possível para que realmente possamos alavancar esse Brasil nosso.
- E: Seu Ademir, é público e notório que principalmente os imigrantes portugueses na época do grande fluxo de imigração, os portugueses se ajudavam muito, de forma realmente, muito direcionada, se ajudavam mutuamente com muita força. Hoje nós devemos estar aí na terceira geração desse grande fluxo de imigrantes. O senhor

diria que dentro da comunidade lusitana e luso- brasileira esse sentimento ainda continua forte ou está se diluindo com o passar do tempo?

I: Eu vejo que tem bastante, porque graças a Deus eu faço de conta que

E: Por que o senhor é neto, né?

I: É, mas sempre que porque aonde eu nasci, nasci no interior em Praia Seca, lá em Araruama, Estado do Rio e lá eu vejo a grande solidariedade que nós tínhamos ali. E sinto hoje que, mesmo aqui na grande cidade, porque tive a oportunidade de entrar dentro de igreja, que por ser de cristandade isso fomenta muito a ajuda ao próximo. Acho que tem muita coisa sendo feita. Acho que o povo do Brasil, brasileiro, é um povo muito, o ser humano de um modo geral é muito solidário. Eu tive a oportunidade, uma vez eu estive na Itália, na região que eu estava teve um terremoto e lá eu vi a solidariedade de pessoas, fui lá visitar o terremoto lá, solidariedade teve terremoto no México. Você vê que vai gente do mundo pra ajudar, todo mundo manda roupa, agasalho tal sei mais o que. Isso é do ser humano. Eu acho que o povo, ele ajuda bem ao outro. Eu acho também que a imprensa, infelizmente, não divulga as obras boas. Só se divulga as coisas ruins. Isso realmente é um problema. Isso cria um desânimo na gente. Liga aí, abre os nossos jornais, liga a nossa televisão, todos os rádios, sempre notícias ruins, estão matando não sei aonde, mas não conta o que estão fazendo de bom, porque não dá ibope, mas eu sinto eu que mesmo dentro da própria comunidade luso-brasileira tem muita coisa sendo feita e eu acredito muito nisso aí. Grandes empresários e pessoas que se preocupam com isso aí, empresários que investem e dá uma solidariedade humana muito grande.

AFONSO

E: Idade

I: 67 anos

E: Grau de escolaridade

I: 2º grau

E: Estado civil
I: casado
E: Nacionalidade
I: portuguesa
E: Descendência
I: portuguesa.
E: Há quanto tempo o senhor vive no Brasil?
I: Eu vim pra cá com 27 anos.
E: Qual o motivo da vinda do senhor para o Brasil?
I: Ah, eu vim... foi política, foi política... política de Salazar
E: Quando o senhor chegou, teve dificuldade de encontrar emprego?
I: Não, porque eu sabia o que queria ser
E: Você já veio da lá como barbeiro?
I: Não,era comerciante.
E: Quando você veio, qual o tipo de comércio que estabeleceu?
I: Lanchonete.
E: E houve algum dificuldade de adaptação do senhor à língua portuguesa?
I: Não, nada. Antes era comerciante ..
E: E quando seus filhos nasceram, teve alguma preferência entre o Brasil e Portugal pra eles nascerem?
I: Não, meus filhos nasceram lá, todos.
E: O que mais aprecia no Brasil?
I: As mulheres (risos).
E: O custo de vida no Brasil é igual, maior ou menor que em Portugal?
I: Não , o custo de vida é mais barato. Quanto mais você ganha também você é mais caro.
E: Quantos Estados você conhece no Brasil?
I: Só conheço o Rio.
E: Tem algum que você gostaria de conhecer?
I: Não.
E: Alguma vez você foi discriminado por sua descendência portuguesa?
I: Muitas.
E: O que você acha das críticas e piadas feitas aos portugueses?

- I: Natural.
- E: Você pretende voltar a Portugal ou ficar no Brasil?
- I: Não , eu vou continuar no Brasil. Agora em Portugal, minha idade não dá mais e eu vou ficar aqui mesmo.

ALBINO HENRIQUE DA CUNHA

- E: Sexo
- I: Masculino
- E: Faixa etária:
- I: Acima de 61 anos
- E: Nacionalidade:
- I: Portuguesa
- E: Descendência:
- I: Filho de Portugueses
- E: Grau de Escolaridade:
- I: 1º Grau Completo
- E: Estado Civil:
- I: Casado
- E: Há quanto tempo o senhor vive no Brasil?
- I: Desde cinqüenta e dois. Cheguei aqui em cinqüenta e dois, cinqüenta e um ano, é, cinqüenta e um ano.
- E: Qual a profissão de senhor?
- I: Eu era comerciante, agora tô aposentado, de comércio.
- E: O senhor trabalhava com o quê?
- I: Com armazém, armazém, quitanda.
- E: Qual o motivo do senhor vir pro Brasil?
- I: Curiosidade, porque a gente sabia que poder vir pr'aqui dava isso daí, eu também vim, né, atrás disso, né. (fala do comércio)
- E: O senhor já passou algum tipo de discriminação por ser português?

- I: Não, só fiscalização, como é que é, porque a fiscalização quando ela vai fiscalizar a gente, se não estiver, mesmo que não esteja errado, ela fala que qualquer coisa está errado pra poder apanhar o dinheiro, vamos dizer assim, né? Mas não, de resto tudo certo.
- E: O senhor teve alguma dificuldade pra se adaptar com a língua, com o português do Brasil?
- I: Não, tô aqui tô na minha terra, é a mesma coisa. [risos]
- E: O senhor teve pref... O senhor tem filhos?
- I: Tenho três. Dois filhos e uma filha.
- E: O senhor teve preferência deles nascerem no Brasil ou em Portugal?
- I: Não, absolutamente. Eu tenho um que nasceu lá, veio pr'aqui com oito meses, né, e tenho outro que nasceu aqui, que ele até é engenheiro e depois não havia trabalho naquela área pra ele naquele momento, né, ele fez o curso pro Banco do Brasil e hoje... hoje é o quê [pergunta para a mulher que responde: "gerente"] gerente do Banco de Brasil.
- E: Qual a sua visão, como que o senhor se sente diante das piadas feitas dos portugueses?
- I: Ah! Pra mim [...] por mim tudo bem. Brincar tudo bem.
- E: O senhor teve alguma dificuldade na procura de emprego aqui no Brasil?
- I: Eu nunca trabalhei empregado!. Assim, pra procurar emprego eu nunca trabalhei, fiz tudo por minha conta.
- E: O senhor acha que o custo de vida no Brasil é melhor ou é pior do que em Portugal?
- I: Eu acho que o custo de vida tá mais difícil, né filha, e mais, por exemplo sábado nós queremos descansar, nós vamos à cidade, ou qualquer coisa, tá sempre... quem vive longe até pensa que ... porque fica mais ter medo, né, mas eu deixei isso aí pra lá.
- E: O senhor já visitou algum Estado brasileiro?
- I: Muitos. Já fui em Santa Catarina, fui a... como é que se diz, onde é a... em Brasília. Já fui a muitos Estados. À Paraíba. [risos] Um que não é todo é um bocado, né?
- E: O que o senhor mais aprecia no Brasil?
- I: Acho que tudo, né filha? Primeiro de tudo é verão! [risos]
- E: O senhor se sente discriminado por ser filho de portugueses?

- I: Não.
- E: O senhor já visitou seus familiares que moram em Portugal, já voltou a Portugal depois que veio?
- I: Uma vez, uma vez, porque a cama é... A gente chega aqui, né, tinha que trabalhar para vencer na vida. E depois de tudo, se tiver sorte e vencer, então se puder ir vai lá. Eu nunca tive oportunidade de ir pago por mim, os filhos é que me levaram lá mesmo.
- E: O senhor pretende permanecer no Brasil ou tem vontade de voltar a morar em Portugal?
- I: Não, eu tenho vontade de ir lá visitar Portugal, certo? Mas não dá! [risos]
- E: Os seus parentes que ainda estão em Portugal, eles já vieram visitar o senhor aqui no Brasil?
- I: Já. Eles vieram cá e eu não vou lá, tá vendo, é um problema, né filha.
- E: É o que, sobrinhos, irmãos...?
- I: É cunhados. Cunhados e primos. Eles são cunhados e são primos ao mesmo tempo.
- E: O senhor veio pro Brasil porque o senhor quis, né, por curiosidade, não porque foi obrigado por ninguém?
- I: Tinha muita vontade de conhecer, né.
- E: Então tá senhor Albino, obrigada.

ANSELMO FERREIRA DIAS

- E: Sexo
- I: Masculino
- E: Faixa Etária:
- I: De 41 a 60 anos
- E: Nacionalidade:
- I: Portuguesa.
- E: Descendência:

- I: Filho de Portugueses.
- E: Grau de Escolaridade:
- I: 1º Grau Completo
- E: Estado Civil:
- I: Casado.
- E: Há quanto tempo reside no Brasil?
- I: Eu cheguei no Brasil em 1964. Já...Só fazer a conta já passa de... tem trinta e nove anos.
- E: Qual sua profissão?
- I: Eu sou gerente comercial. No clube eu sou segundo vice-presidente da diretoria executiva.
- E: Qual o motivo da sua vinda para o Brasil?
- I: A minha vinda para o Brasil deu-se pelo motivo do meu pai já estar aqui, ele veio cinco anos antes, tentar a vida, né, como muitos portugueses fizeram e cinco anos depois ele achou por bem vir a família pra que viesse junto dele, cinco anos depois aconteceu isso, foi exatamente no ano de 1964.
- E: O senhor e a sua família tiveram algum problema no Brasil devido ao golpe militar de 1964?
- I: Não, nós não tivemos nenhum tipo de problema, mesmo porque o golpe já tinha acontecido. Nós chegamos aqui em junho e já havia, quer dizer, foi logo após o golpe, não tivemos nenhum tipo de problema nesse sentido.
- E: Já passou algum tipo de discriminação com relação à sua origem?
- I: Eu sofri várias discriminações, mas na época que eu cheguei, isso em '64 até '66 havia uma discriminação muito forte, principalmente para os mais jovens, porque eu cheguei com doze anos de idade, então realmente eu senti isso, mas ao passar do tempo isso foi acabando, foi acabando, e hoje eu não vejo mais por esse lado não, acho que foi mesmo daquela época.
- E: Houve alguma dificuldade de adaptação à língua portuguesa do Brasil?
- I: Não tive nenhum problema de adaptação. Eu tive muitos problemas porque eu sentia realmente muitas saudades da minha terra. As saudades sim me causaram muitos problemas, mas no que se refere à adaptação, o clima, país maravilhoso não poderia ser diferente, eu não senti.
- E: Com a língua não teve nenhum problema?

- I: Nenhum problema com a língua.
- E: Quando do nascimento dos filhos, houve alguma preferência entre Brasil e Portugal?
- I: Não, não houve preferência não. Nós estávamos aqui, não havia menor necessidade pra que fosse de maneira diferente. Nasceram aqui e sem problemas!
- E: E eles têm dupla nacionalidade, não?
- I: Têm dupla nacionalidade todos três, a minha esposa também. Pedi quando eu pedi dupla-nacionalidade pros meus filhos eu pedi pra minha esposa também que é brasileira nata, então eu pedi dupla-nacionalidade.
- E: Como se sente diante das piadas e críticas feitas aos portugueses?
- I: Olha, eu me sinto muito à vontade, eu vejo portugueses, conterrâneos fazendo próprias piadas de si próprio, então eu vejo, eu encaro isso com naturalidade e acho que é uma brincadeira, isso já faz parte dum folclore. Eu não vejo nenhum problema não, quando é uma brincadeira de bom-gosto. Tem as de mau-gosto, essas eu não gosto e não admito ficar por perto sequer, quando tem uma coisa de mau-gosto, agora uma coisa que a gente ta vendo que é pura e simples brincadeira, que não passa de um simples folclore e que não é nada pejorativo, eu não vejo nenhum problema.
- E: Houve alguma dificuldade quando da procura de emprego?
- I: Não, eu não tive dificuldade, porque eu quando eu vim fui trabalhar com meu pai, sabe, ele me deu a opção de trabalhar ou estudar e eu não quis estudar. Na verdade eu tinha um certo trauma do estudo, por problemas passados lá, porque era realmente muito difícil os estudos em Portugal e eu tinha um certo, realmente havia uma dificuldade, mas logo depois foi passando, passando e não tive mais problemas.
- E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?
- I: Eu cheguei em Portugal pela última vez foi em '96. Em '96 eu achei que o custo de vida em Portugal estava mais baixo do que aqui, pela própria alimentação achava que estava mais baixo do que aqui, mas as coisas mudaram, eu acredito que hoje lá o custo já é mais elevado do que aqui, em termos até de mudança de moeda e tal.
- E: Quantos Estados já visitou no Brasil?

- I: Eu visitei Blumenau, estive em São Paulo, conheço algumas cidades de São Paulo... Acho que basicamente São Paulo que eu conheço bastante, estive em Blumenau, mas eu acho que só. Parte de Minas, conheço parte de Minas e é só.
- E: O que mais aprecia no Brasil?
- I: Eu aprecio no Brasil tudo, né, é o clima, é o povo, é essa alegria deste povo, é o folclore que sou apaixonado pelo folclore. Eu sou segundo vice-presidente e a parte cultural não me compete, mas até o ano passado, até o fim do mês, do ano de 2002 eu era o diretor cultural para eventos luso-brasileiros, então era a minha responsabilidade o folclore, o rancho folclórico principalmente, que é o Rancho Folclórico Luis de Camões e foi uma coisa que eu não havia feito antes e tive muito gosto em fazer este trabalho com o rancho, me deu muito prazer, gosto muito e acredito que vou continuar dando minha contribuição não só para o Rancho Folclórico Luís de Camões como também para o folclore de um modo geral, desde que esteja ao meu alcance.
- E: O senhor pode falar um pouco do papel do Clube Português como divulgador da cultura portuguesa, a questão social do clube, de arrecadação dos portugueses que vivem por perto...
- I: Eu acho que o Clube Português de Niterói ele tá, ele dá uma contribuição muito importante pra o folclore, principalmente pra o folclore português, porque viajando com o Rancho como eu já tenho viajado para as outras cidades passei a perceber que realmente a importância do Rancho em divulgar a cultura, é muito importante. E o Clube Português em geral é o único clube por essas imediações, Niterói, São Gonçalo, toda essa parte, não tem outro Rancho Folclórico, então é uma responsabilidade também pro nosso clube manter esse Rancho porque é o fator principal de divulgar as tradições, a cultura portuguesa que é o folclore através da dança.
- E: E qual é o papel principal do Clube Português hoje, a divulgação da cultura portuguesa e manutenção dessa cultura ou é recreação, tá mais aberto pra todo mundo?
- I: Não, o clube português ele está aberto aos associados, a quem queira visitar, independente de ser associado ou não, é claro que os associados podem desfrutar de tudo que tem no clube, né, da parte esportiva, o folclore mesmo, o Rancho,

todos os associados ou não que queiram participar do nosso Rancho está convidado, eu na condição de segundo vice-presidente faço o convite pra quem quiser e costume fazer isso nas apresentações do Rancho. Hoje mesmo nós vamos lá pra Ponta D'areia fazer uma apresentação e durante essa apresentação eu convido as pessoas a participarem do Rancho, às vezes aparecem pessoas que tão interessadas em participar, isso pra nós nos engrandece. Então o Clube Português de Niterói ele está numa condição de, não só de divulgar a cultura através do Rancho, como também de receber os associados e demais pessoas que queiram conhecer o nosso clube através de esporte ou, como eu disse, o próprio Rancho Folclórico.

- E: O senhor tem idéia do percentual de, do perfil do sócio do Clube Português hoje, se são mais descendentes de portugueses ou se não?
- I: Eu costumo dizer pra algumas pessoas que eu fui o último português a chegar aqui, porque eu em '64 vim no último vôo da PanAir do Brasil. Não é verdade, né, depois disso vieram alguns portugueses, né? [risos] Mas também costumo dizer que nós... não vem mais, quer dizer, o português aqui no Brasil está em extinção, é muito difícil vir um português pr'aqui, agora pro Brasil, mas, quer dizer, o clube... esta parte eu já me perdi um pouquinho...: O associado hoje aqui no clube, na sua maioria, são brasileiros. Todos os portugueses que tem filhos freqüentam o clube, eles vêm ao clube, mas a sua maioria, a grande maioria mesmo já é o povo brasileiro. E que, aliás, é com muito satisfação que a gente encara, porque a gente percebe que não é um clube fechado só a portugueses, né, eu acho que nunca foi e muito menos agora, né.
- E: O senhor pode falar um pouco do que é o Rancho?
- I: O Rancho Folclórico Luís de Camões ele foi fundado há vinte um anos atrás, nessa ocasião eu nem sócio deveria ser, mas teve a contribuição do presidente Olímpio da Paz, foi uma das pessoas responsáveis pela formação desse Rancho, desse Grupo Folclórico, nós dizemos Rancho Folclórico pra diferenciar de Grupo Folclórico. Grupo Folclórico é aquele que dança as danças de uma só região, por exemplo, eu sou de Viseu, o Grupo Folclórico da Casa de Viseu ele só dança as danças daquela região. Da Beira-Alta, de São Pedro do Sul, que é meu lugar, meu conselho, distrito de Viseu, então só daquelas regiões, diferente de Rancho Folclórico, o Rancho Folclórico Camões, aí está a diferença: Rancho, ele dança as

danças de Portugal de Norte a Sul, assim ele vai lá no Norte, no Minho e dança até as danças no Sul, no Algarve, por exemplo. A diferença tá aí, ele dança essas danças todas.

E: Alguma vez já visitou seus familiares que residem em Portugal?

I: Eu voltei a Portugal depois de trinta anos que estava aqui no Brasil e só o fiz depois de trinta anos porque eu fazia questão de ir com minha a família, ou eu iria com a minha família ou eu não iria, então quando estava fazendo trinta anos eu voltei e aí eu levei os meus filhos e a minha mulher pra conhecer a minha terra e os meus familiares que lá deixei.

E: Como foi a experiência de juntar a família toda?

I: A experiência foi magnífica! Foram vinte dias que eu fiquei de satisfação total, não só pela família que eu visitei, mas como também pra mostrar aos meus filhos. Eu, como dizem no popular, né, “paguei um mico”, porque eu dizia que tinha uma ponte que era muito grande, que estava gravada na minha mente, eu dizia que as ruas eram enormes e eram todas retas. Ao chegar lá, isso depois de trinta anos, não poderia ser diferente, as ruas eram estreitinhas, a ponte tinha menos de meio metro e não tinha nada de ruas retas, era tudo subida, tudo serra. Eu passei realmente por um “mico” como se diz. [risos]

E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-lo?

I: Eu tenho dois tios que, portugueses naturalmente, e que imigraram pro Canadá. Então já são canadianos como eles dizem e eles já nos visitaram aqui por algumas ocasiões, várias vezes que eles já estiveram conosco aqui, foram os únicos familiares que nos visitaram.

E: Tem uma colônia portuguesa grande no Canadá, porque eu entrevistei alguns portugueses que dizem que tem muitos parentes lá, o senhor sabe o porque desta ligação com o Canadá?

I: Eu acho que houve uma imigração muito grande para o Canadá, exatamente quando os meus tios foram, em função de dias melhores. A vida em Portugal era muito difícil, havia uma necessidade muito grande e as pessoas iam pra onde elas achavam que conseguiriam um dia melhor. Uns vieram pro Brasil, outros foram pro Canadá, outros pra Alemanha, outros pra França, os meus tios foram pro Canadá. Moram... um mora em Toronto, e o outro mora em Albert.

E: Você pretende permanecer no Brasil ou tem vontade de voltar para Portugal?

- I: Eu não digo que eu não tenha vontade ou talvez não seja nem vontade, seja talvez uma certa revolta em função duma certa insegurança que nós, infelizmente, estamos passando. Eu digo que não vejo nenhuma possibilidade de voltar, pelo menos pra morar lá, que as situações não permitem, mas às vezes em função desta insegurança que eu acabei de dizer, às vezes eu tenho vontade de largar tudo e de ir me embora.
- E: Você foi contra ou a favor quando os seus pais decidiram vir morar no Brasil?
- I: Eu não tive opção. “Vamos pro Brasil”, “Vamos”, eu vim contra a minha vontade e passei algum tempo, mas eram puras saudades. Isso foi amenizando, foi amenizando e hoje eu posso dizer que eu sou muito feliz aqui.

ANTERO

Local da Entrevista: Comércio de calçados na Rua São Pedro

- E: Como gostaria de ser identificado?
- I: Antero
- E: Sexo:
- I: Masculino
- E: Faixa Etária:
- I: 70anos agora, ainda este ano
- E: Nacionalidade:
- I: Portuguesa
- E: Descendência:
- I: Filho de portugueses. Só conheci minha mãe. Minha mãe era portuguesa e ela mesmo eu trouxe pra cá e cá morreu
- E: Grau de Escolaridade:
- I: 5º ano de seminário
- E: Estado Civil:
- I: Casado
- E: Há quanto tempo reside no Brasil?

- I: 52 anos
- E: Qual a sua profissão:
- I: Comerciante
- E: Qual o motivo da sua vinda para o Brasil?
- I: Esperar melhores dias, porque a coisa lá nessa altura era meia difícil e a gente esperava melhores dias pra nossa família, pro nossos filhos, enfim pra quem viesse depois.
- E: Qual a influência da cultura portuguesa em sua vida?
- I: A cultura portuguesa foi-me dada pra mim porque eu estudei em seminário, padre, naturalmente eu aprendi bastante a língua portuguesa principalmente aprendi o latim e isso foi de vital importância na minha vida.
- E: Já passou por algum tipo de discriminação com relação a sua origem?
- I: Não, nunca passei por nenhuma discriminação.
- E: Houve alguma dificuldade de adaptação à língua portuguesa do Brasil?
- I: Não, eu me dei bem com tudo , com todos, é normal isso que tá aí. É uma diferença de linguajar de Portugal pra cá, mas a gente se adapta a tudo.
- E: O senhor tem filhos?
- I: Sim, tenho 3 filhas.
- E: Quando do nascimento dos filhos, houve alguma preferência entre o Brasil e Portugal?
- I: Estava radicado aqui, aqui tencionei ficar e aqui pretendo morrer também e aqui continuarei, se Deus quiser.
- E: Como se sente diante das piadas e críticas feitas aos portugueses?
- I: Encaro-as com a maior naturalidade, isso é próprio de cada país e até eu mesmo conto piada de português. A gente tá tudo numa boa.
- E: Houve alguma dificuldade quando da procura de emprego?
- I: Sim, no princípio teve, porque eu vim e nunca tinha trabalhado em Portugal, eu queria um emprego condizente talvez com a minha condição de estudante, só estudei lá e depois vim pra aqui e procurei o meu primeiro emprego. E, claro, procurei selecionar o máximo possível, mas tudo bem e fui trabalhar numa sapataria e me dei bem
- E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?
- I: É, por ora muito mais barato que em Portugal

- E: Quantos Estados já visitou no Brasil?
- I: Já visitei bastantes Estados. Visitei o Rio, São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo, o Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, etc
- E: Tem algum que o senhor gostaria de conhecer?
- I: É, eu gostaria de conhecer o Norte e o Nordeste.
- E: O que mais aprecia no Brasil?
- I: Essa irmandade, essa união de raças, todos se dão bem, tudo é feito numa boa. Acho formidável isso aí
- E: Alguma vez já visitou os seus familiares que residem em Portugal?
- I: Já diversas vezes. Ainda no ano passado, eu estive lá em Portugal, em outubro e novembro.
- E: Quando o senhor veio para o Brasil, veio com seus pais?
- I: Vim sozinho, vim sem eira nem beira nem ramo de figueira.
- E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-lo?
- I: Já, já vieram uns primos meus, já vieram aqui

ANTÔNIO CARLOS DA SILVA TEIXEIRA

- E: Sexo
- I: Masculino
- E: Faixa Etária:
- I: De 41 a 60 anos
- E: Nacionalidade:
- I: Portuguesa, naturalizado brasileiro
- E: Grau de Escolaridade:
- I: Superior Incompleto
- E: Estado Civil:
- I: Divorciado
- E: Há quanto tempo você reside no Brasil?
- I: Quarenta e seis... Fala pertinho? Quarenta e seis.

E: Quarenta e seis anos?
I: Quarenta e seis.
E: Qual sua profissão?
I: Aposentado.
E: Antes você fazia o quê?
I: Era bancário.
E: Qual o motivo da sua vinda para o Brasil.
I: Ah! Pô, não tive escolha não. Minha mãe me trouxe, né, pequenininho.
E: Com quantos anos?
I: Dois.
E: Você já passou alguma discriminação com relação à sua origem?
I: Ih! Muito.
E: Quais?
I: Ah! Muita discriminação naquela época. Isso aí, naquela fase de... na década de sessenta a oitenta, mais ou menos.
E: E o que acontecia, as pessoas faziam piadas,... ?
I: É, isso. Essas coisas todas. Porque o português veio pra cá, aí acontecia. Porque o português vem, né, trabalhando, ganhando dinheiro, e o brasileiro, pô, sei lá, pela origem, né, fazia esta discriminação.
E: Você teve alguma dificuldade de se adaptar à língua portuguesa no Brasil?
I: Não, eu comecei falando português, pô.
E: Você teve preferência dos seus filhos nascerem no Brasil ou em Portugal?
I: Não. Na verdade eu nunca tive interesse em visitar Portugal.
E: Como você se sente diante das piadas e críticas feitas aos portugueses?
I: Eu não ligava não, mas eu percebia... eu sabia qual era a razão disso. Então eu não me importava, não me chocava. Mas o que eu fazia era distinguir as pessoas que eu podia confiar, que eram amigas, ou não. Isso aí você percebia isso.
E: E você teve dificuldade de procurar emprego?
I: Não.
E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?
I: Isso aí eu não sei, né, dizem que lá é melhor, né.
E: Quantos Estados já visitou no Brasil?
I: Dois.

E: Quais?

I: Aliás, um só. São Paulo.

E: O que você mais aprecia no Brasil?

I: No Brasil? É... tanta coisa boa aqui, pô. Acho que é você conviver bem, com tranqüilidade. Não a parte de violência, mas... porque você não tem nada que aconteça em relação aos outros países, catástrofes e outras coisas. Aqui você vive com tranqüilidade. Só a violência urbana que atrapalha.

E: Você se sente discriminado por ser filho de portugueses?

I: Não.

E: Alguma vez você já visitou seus familiares que vivem em Portugal?

I: Não, não.

E: Você pretende permanecer no Brasil ou pretende voltar pra Portugal?

I: Não, aqui é melhor.

E: Não tem vontade...?

I: Não, eu já falei, eu nunca tive vontade de conhecer Portugal. Quer dizer, a única vez que eu saí do Brasil foi por curtição. Então nunca pensei em, pô... fazer visita a outro país eu penso assim em questão cultural, cultura diferente da nossa aqui, sabe? Ter umas coisas mais exóticas...

E: Seus parentes que residem em Portugal já vieram visitá-lo?

I: Já.

E: Quem?

I: Ah! Um primo que casou e veio pra lua de mel, aí veio aqui. E outros aí que também, da minha mãe.

E: Você foi contra ou a favor quando seus pais decidiram vir morar aqui no Brasil?

I: Eu não tive opção, eu vim pequeno.

E: Mas você gosta?

I: Gosta como assim?

E: Você prefere morar aqui ou lá?

I: Ah! Eu não sei, eu não posso dizer, porque lá, eu não sei como é que é lá, mas pelo que dizem lá tá melhor em questão financeiramente, né, e custo de vida do que aqui. Mas aqui, pô, este país te propicia muita coisa que lá você não tem. E até por questão de segurança, por exemplo, hoje a Europa... não é uma boa você ficar na Europa.

E: Por quê?

I: Ah! Por causa da crise mundial, pô. Como é que você vai morar lá dentro, com aquela crise estourando, daqui a alguns anos, com certeza, aquilo ali é uma mina, vai explodir aquilo tudo.

ARTUR

Local: na residência

E: Sexo

I: masculino

E: Faixa Etária

I: acima de 61 anos

E: Nacionalidade

I: portuguesa (Moçambique)

E: Descendência

I: filho de portugueses

E: Grau de Escolaridade

I: 1º grau completo

E: Estado Civil

I: casado

E: Profissão

I: aposentado

E: Há quanto tempo reside no Brasil?

I: Cheguei no dia 06/10/63. 39 anos.

E: Qual o motivo da sua vinda para o Brasil?

I: Fui contratado pra assumir a diretoria de duas empresas.

E: Já passou por algum tipo de discriminação?

I: Não.

E: Houve alguma dificuldade de adaptação à língua portuguesa?

I: Não, mas eles comigo sim.

- E: Quando do nascimento dos filhos, houve alguma preferência entre o Brasil e Portugal?
- I: Não Os meus filhos são moçambicanos e dois dos netos brasileiros e um americano.
- E: Como se sente diante das piadas e críticas aos portugueses?
- I: Não ligo para isso.
- E: Houve alguma dificuldade quando da procura de emprego?
- I: Não.
- E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?
- I: Mais alto.
- E: Quantos Estados já visitou no Brasil?
- I: São Paulo e Rio de Janeiro.
- E: O que mais aprecia no Brasil?
- I: A alegria de viver
- E: Você se sente discriminado por ser filho de portugueses?
- I: Não. Sinto-me honrado por ter nascido na Ilha de Moçambique.
- E: Alguma vez já visitou os seus familiares que residem em Portugal?
- I: Diversas vezes.
- E: Você pretende permanecer no Brasil ou tem vontade de voltar para Portugal?
- I: As duas
- E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-lo?
- I: Sim. Os meus pais nunca moraram aqui, mas vieram algumas vezes.

AUGUSTO

Local: no estabelecimento comercial

E: Sexo

I: Masculino

E: Faixa Etária

I: 68 anos

E: Nacionalidade

I: portuguesa, do Porto

E: Descendência

I: filho de portugueses

E: Grau De Escolaridade

I: só o normal, agora o 2º grau completo

E: Estado Civil

I: casado

E: Profissão

I: barbeiro

E: Há quanto tempo o senhor reside no Brasil?

I: Há 48 anos

E: Qual o motivo de sua vinda para o Brasil?

I: Olha ... é meio escuro(risos) porque , na ocasião lá era ditadura, né, e... eu fiz um concurso e passei... mas me negaram depois na hora de eu tomar posse. E eu reclamei direto com o presidente do conselho que era o Salazar. Ainda tenho aí uma carta que posso provar a minha maneira de falar e depois de...quiii me mandaram a resposta, né, e depois disso eu tava que estava sendo, não digo perseguido, mas vigiado. Então eu aproveitei a chance de ter aqui um irmão e pedi-lhe a carta de chamada de vir a cá... e nunca me aconteceu nada e vim com a documentação e tá tudo certo e... hoje... vivo aqui com todo o prazer e gosto. Lamento certas coisas qui estão acontecendo aqui porque é do conhecimento de todos , mas... temos que agüentar. O resto tudo normal.

E: Já passou por algum tipo de discriminação com relação à sua origem?

I: Não, pelo contrário, aonde passo sou muito bem recebido. O pessoal aqui é hospitaleiro. Lá... tem alguns que são meios desviados mas a maior parte aqui atende muito bem.

E: Houve alguma dificuldade de adaptação à língua portuguesa do Brasil?

I: Não, nenhuma. Pelo contrário. Aqui o pessoal entende muito bem e nós a mesma coisa.

E: Quando do nascimento dos filhos houve alguma preferência entre o Brasil e Portugal?

I: Não, tudo a mesma coisa

E: Como se sente diante das piadas e críticas feitas aos portugueses?

I: Eu também as faço (risos). Isso serve de distração, né

E: Houve alguma dificuldade quando da procura de emprego?

I: Não, pelo contrário. Logo que eu cheguei aqui que o pessoal sab, soube que eu tinha chegado de Portugal é... me recordo que foram uns 4 ou 5 a me procurar para que eu desse a preferência a um e a outro da prá te da pra té da Almirante Tefé, na rua da Conceição e eu optei por ficar na Almirante Tefé, que era um patricio também Solano Grão e de lá me propuseram para abrir um salão só de crianças no Edifício São Diogo, num sei se você lembra disso, lá era um edifício de apartamentos, né, então eu ali eu abri um salão só pra crianças (interrupção de chamada telefônica).

E: Como o senhor compara o custo de vida do Brasil ao de Portugal?

I: Atualmente eu não posso dar uma afirmação muito justa , mas dizem que lá, agora, o custo de vida lá está caro. Ganha-se muito dinheiro mas também ... é uma despesa alta, né?

E: Quantos estados o senhor já visitou no Brasil?

I: Só o Estado do Rio.

E: Qual outro Estado o senhor gostaria de conhecer?

I: Ah o nordeste.

E: O que mais o senhor aprecia no Brasil?

I: Bom, né, vários tipos. Eu aprecio a natureza, já tenho me deslocado a determinados lugares só para ver determinadas coisas que é dizem que é da natureza e eu tenho observado sim. É...coisas.

E: O senhor gosta de ter nascido em Portugal? Por quê?

I: Eu nasci lá por um acaso. Podia ter nascido aqui, né? É que eu costumo dizer que eu sou mais brasileiro que os brasileiros, porque eu nasci em Portugal e escolhi para viver no Brasil. Pra eu ferrá algumas pessoas, não entendem isso e acham ruim. Mas eu me considero mais brasileiro que os brasileiros, porque os brasileiros que nasceram aqui, nasceram também como eu lá , por acaso, né, mas eu escolhi para viver no Brasil.

E: Alguma vez já visitou os seus familiares que residem em Portugal?

I: Nunca fui lá e se continuar assim , não vou mais lá.

E: Então significa que o senhor pretende permanecer no Brasil?

I: No Brasil. Já estou aqui, né ? Vou fazer lá o quê, né?

E: Os seus parentes que residem em Portugal, já vieram ao Brasil para visitá-lo?

I: Não, alguns vieram, outros não

E: E permaneceram aqui durante muito tempo?

I: Não. Ficaram aqui uma temporada, mas voltaram para lá. A situação deles é lá, né? É a mesma coisa que eu e minha patroa, se resolvesse ir lá e visitá-los. Ficaria lá 20 ou 30 dias e vinha embora para continuar.

E: O senhor teve a oportunidade de optar por viver em Portugal ou vir morar no Brasil?

I: Não, quando eu vim para cá, foi de vez. Foi opção, né? É eu creio que, se tivesse continuado, não tivesse acontecido nada... não tivesse a profissão minha, mas eu vim para cá, graças a Deus tenho ...

E: O que o senhor gostaria de acrescentar em relação a Portugal, ao Brasil?

I: Olha, aqui da maneira que está a situação, eu torço para que tire uma coisa mais saudável, tanto na parte de saúde, quanto da parte de segurança, porque atualmente eu não temo por mim porque já estou na linha de fogo, mas temo pelos meus netos, pelo menos que... se assim continuar, vai ser uma miséria... que não dá para viver aqui não. Graças a Deus, atualmente, eu estou vivendo num lugar, trabalho aqui, mas morei na São João muitos anos, mas fui prá o meio do mato. E é lá que eu me sinto bem. Você dorme de janela aberta, é outra gente, é é é formidável. O povo é diferente do daqui, né. Até nisso, a pessoa senta. Lá todo mundo se conhece, todo mundo fala uns com os outros. Se dá , se precisar de algo, o pessoal corre para ajudar, é é fantástico. Não tem comparação. Aqui o pessoal não fala com o vizinho do apartamento do lado. Lá 3 , 4, quadras distante, passa bom- dia, boa- tarde, como vai e tal e diz vou lá fora, quer alguma coisa? Ah, e ele não volta. É outra coisa. E graças a Deus tou ... tou morando muito bem por lá. Espero de lá , ir para o Cemitério de Maricá.

AUGUSTO

Local da Entrevista: Rua Coronel Gomes Machado

E: Como gostaria de ser identificado?

I: Augusto

E: Sexo:

I: Masculino

E: Faixa Etária:

I: 63 anos

E: Nacionalidade:

I: Portuguesa

E: Descendência:

I: Filho de Portugueses

E: Grau de Escolaridade:

I: 2º Grau Completo

E: Estado Civil:

I: Casado.

E: Há quanto tempo reside no Brasil?

I: Vai fazer 50 anos, cheguei aqui no dia 5 de novembro de 54.

E: Qual a sua profissão:

I: Chaveiro

E: Qual o motivo da sua vinda para o Brasil?

I: Eu era criança e eu vim, porque meus pais me chamaram, eu vim junto com eles, Mas de repente também na época tinha aquele problema de Portugal, tinha aquele guerra na África portuguesa, então os pais que tinham os filhos na faixa de 15,16 anos vieram aqui para o Brasil para não ir para a guerra.

E: Qual a influência da cultura portuguesa na sua vida?

I: Influência como assim?

E: A cultura, os costumes, a criação?

I: Cheguei aqui tão novo que acabei pegando a cultura daqui, o que eu conheço mais é a cultura brasileira.

- E: Com relação à alimentação, música, alguma coisa tem influência na cultura portuguesa?
- I: A música portuguesa eu sempre gostei e nunca vou deixar de gostar, alimentação como são comidas mais caras a gente sempre prefere as comidas daqui que são mais baratas.
- E: Já passou algum tipo de discriminação em relação a sua origem?
- I: Não , nenhuma. Nunca passei por nenhuma discriminação em relação a minha origem com outras pessoas, de cor, de origem portuguesa, pra mim é tudo igual.
- E: Houve alguma dificuldade de adaptação à língua portuguesa do Brasil?
- I: Não, eu comecei a desenvolver com a nova... como se diz? O modo de falar aqui no Brasil e eu me adaptei rápido , cheguei aqui garoto e me adaptei fácil, algumas frases eu não deixo de falar o português como por exemplo rua, boa noite e bom dia e boa noite, aquele modo de falar aqui, mas eu peguei bem
- E: Quando do nascimento dos filhos, houve alguma preferência entre o Brasil e Portugal?
- I: Foi natural, eu aqui pra mim era filho aqui era filho em Portugal, mas tem gente que tem o costume de vou lá pra Portugal pro meu filho nascer lá , aqui não, aqui era segundo o meu ver era a minha pátria é aqui mesmo.
- E: Como se sente diante das piadas e críticas feitas aos Portuguesas?
- I: Eu não tenho definição porque eu gosto muito também de contar piada e pra piada ficar bonita e pra fazer riso tem que ser portuguesa .
- E: Houve alguma dificuldade quando da procura de emprego?
- I: Não, eu completei 14 anos no Brasil , no mesmo mês que eu completei 14 anos eu já estava trabalhando em botequim, em restaurante, em lanchonete., padaria e comecei na década de 60,70 a trabalhar como chaveiro.
- E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?
- I: O custo de vida é relativo porque lá se pode ganhar bem, mas também se pode gastar muito bem então o que fossemos a equivaler ao salário daqui se fosse igual ao de lá, a gente aqui teria um custo de vida bem mais alto, então é relativo ganha mais e gasta mais. Lá na Europa ganha 1000 euros e gasta 700 . Aqui ganha 200 reais gasta 170.
- E: Quantos Estados já visitou no Brasil?

- I: Só mesmo aqui no Brasil, de passagem eu conheci o Paraná e Santa Catarina numa viagem que eu fiz ao Paraguai, fiz algumas viagens ao Paraguai , mas o que eu mais passei de longe aqui no Rio foi o Paraguai.
- E: Tem algum estado que gostaria de conhecer?
- I: Eu gostaria de conhecer qualquer estado do Sul por causa do clima que é muito chegado com o da Europa , inclusive eu vou ver lá coisas que dão na Europa, pêssego, figo, uva , pêra, isso dá aqui como dá na Europa.
- E: O que mais aprecia no Brasil?
- I: Ah, isso ai é muita coisa, mas uma que quase todo português aprecia é a mulata.
- E: Alguma vez já visitou os seus familiares que residem em Portugal?
- I: Não, pra vir me ver eles vieram aqui pro Brasil , mas acontece que teve um irmão que foi pra lá a uns 15 anos e pra falar a verdade eu nunca fui a Portugal.
- E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-lo?
- I: Não, todos os irmãos praticamente vieram pra cá, ficou um só que foi pra lá e fugiu da África foi um primo ,mas ficou uns 4 anos aqui e foi pra Portugal .
- E: Você teve alguma influência quando seus pais resolveram vir para o Brasil?
- I: Eu na época que meus pais chegaram aqui na década de 50 e 51 a situação aqui era bem melhor que lá então teve aquele negócio de fazer a vida aqui e infelizmente a época boa para se fazer isso foi até a década de 70 no máximo, de 70 pra cá ficou muito ruim.
- E: Qual a região que residia em Portugal?
- I: Eu sou da capital da Província de Beira Alta, a famosa Beira Alta que chama aqui no Brasil de Viveu

AVELINO GOMES

- E: Sexo:
- I: Masculino
- E: Faixa Etária:
- I: Acima de 61

- E: Nacionalidade:
- I: Portuguesa
- E: Descendência:
- I: Filho de Portugueses
- E: Grau de Escolaridade:
- I: 1º Grau Incompleto
- E: Estado Civil:
- I: Casado
- E: Há quanto tempo o senhor vive no Brasil?
- I: Desde cinqüenta... vinte e oito de setembro de 1950. Vai fazer cinqüenta e três anos.
- E: E qual a profissão do senhor?
- I: Comerciante.
- E: E hoje em dia o senhor está aposentado?
- I: Estou.
- E: Qual o motivo seu Avelino, da sua vinda pro Brasil?
- I: O meu motivo de vir pr'aqui não foi simplesmente por eu querer vir pr'aqui, foi uma doença que a minha sogra teve lá em Portugal, e ela ficou parálitica, e um filho dela foi lá e dizia que era aqui que ela ia ficar boa, que se viesse pr'aqui que ficava boa, ele dizia [pausa] minha esposa e filhas, minha esposa e duas filhas que já tinha, né, então nós lutamos, que tinha lá um bom comerciozinho, no meu lugar, eu disse pra minha esposa, bom, se é o caso de tratar da saúde da tua mãe vamos pra lá, ficamos lá uns dois ou três anos depois a gente vai embora. Aí fiquei aqui, tive a primeira casa, vendi, queria ir pra lá, mas minha esposa disse, ah! vamos ficar mais uns tempos e tal, então comprei a segunda, quando comprei a segunda queria ir outra vez pra lá, mas aí as filhas estavam estudando, né, e lá havia mais dificuldades, pensava que a gente ia ter que parar de estudar e iam perder um ou dois anos de estudo, aí fomos ficando até hoje. [risos] Assim terminou. Não teve influência de eu querer vir pr'aqui pro Brasil, na época militar fui para a África, estive lá quase quatro anos, na vida militar em África e quando eu cheguei, em 44, eu casei e vim pr'aqui em 50.
- E: E a vinda pro Brasil, curou sua sogra ou não curou?

- I: Nada, absolutamente nada. [risos] Nós viemos em 50 e ela morreu em 55, princípio de 55, portanto em cinco anos.
- E: Não mudou nada?
- I: Não mudou nada... Absolutamente nada.
- E: E o senhor já passou algum tipo de discriminação no Brasil em relação a sua origem portuguesa?
- I: Não. Não.
- E: Sempre foi bem recebido?
- I: Graças a Deus!
- E: E houve alguma dificuldade de adaptação do senhor à língua portuguesa no Brasil?
- I: Não, porque afinal de contas é só o sotaque, né. A língua é o sotaque. Em Portugal tem lugar. Tem regiões que tem o sotaque mais carregado, como tem aqui, por exemplo, também no nordeste também é mais carregado. Em São Paulo já é assim ,estão falando assim, aqui já é outro sotaque da região. Mas eu aqui não tive.
- E: Dificuldade?
- I: Dificuldade nenhuma, porque eu sempre lia muito e sabia muito do Brasil, porque apesar de ter poucos estudos em Portugal, lá os estudos eram muito apertados mesmo e a pessoa tinha que saber tudo que existia no mundo. Se a professora abrisse o livro e dissesse assim, onde é que fica o rio, vamos dizer, o rio Amazonas, eu tinha que dizer no Brasil. “Onde é que ele nasce?” É no Uruguai, não é?
- E: Não, é nos Andes.
- I: No Egito, tinha que saber tudo isso, os afluentes desse rio, do rio e de uma outra coisa qualquer, uma serra, ou enfim a história portuguesa ela tinha que saber de tudo. Se dissesse assim, qual é o rio mais importante da Europa? Tinha que dizer, o mais importante era o Voga, que nasce na Rússia, né. E tudo em África, no Egito, estas coisas todas que tinha que saber, porque ela abria o livro e perguntava, tinha que responder, entendeu?
- E: Certo.

- I: Quer dizer, eu lia muito. Nestes tempos que estive em África eu lia muito. Sempre andava a par com o que se passava no Brasil mesmo, aqui, inclusive eu tinha três irmãos aqui no Brasil, tinha três irmãos e um cunhado aqui.
- E: Já viviam no Brasil?
- I: Já estavam aqui no Brasil, vieram de Portugal eram pequenos. Aí que não tive dificuldade quanto à discriminação, não tive não, nunca!
- E: E quando do nascimento dos seus filhos, teve alguma preferência entre eles nascerem no Brasil ou nascerem em Portugal?
- I: Não. Porque eu casei-me em 44 e uma nasceu em 45, no mesmo mês que eu me casei, no ano seguinte ela nasceu, também. Depois nasceu a mais... do meio. E a mais nova também... nasceu aqui já. Eu cheguei aqui em dezembro, em novembro, e ela nasceu depois em maio.
- E: Todas são brasileiras então?
- I: Duas portuguesas e uma brasileira.
- E: Certo. E como o senhor se sente diante das piadas e das críticas feitas aos portugueses?
- I: Isso aí é comum, em Portugal também fazem a mesma coisa de outros países, isso é um modo de brincar.
- E: Não aborrece o senhor?
- I: Não! Às vezes quando é pessoa amiga e dizem “esse aí é galego”, eu digo, não, você não sabe o que é galego. Galego é quem nasce na Galícia, Galícia é na Espanha. Nasci em Portugal então não posso ser galego, porque eu não nasci na Espanha. [risos].
- E: E houve alguma dificuldade quando o senhor chegou no Brasil pra procurar emprego?
- I: Não, eu não fui procurar emprego não. Como disse meus irmãos, o mais velho me comprou uma casa quando eu cheguei aqui em novembro.
- E: Mas continua falando seu Avelino, então...
- I: Então como tinha aqui os meus irmãos, o mais velho me comprou uma casa p’ra eu trabalhar.
- E: Uma casa de quê?
- I: Uma quitanda. Mercearia e quitanda. Depois vendi aquela, comprei a segunda, depois da segunda eu... depois da segunda eu abri, fui trabalhar, mas aí foi por

minha conta, num mercado que tinha na Central do Brasil, chamado Mercado Produtor, e estive lá algum tempo, depois aquele mercado botaram embaixo numa sexta-feira às duas horas da tarde mais ou menos, um mercado cheio, éramos uns vinte, vinte e seis firmas, vinte, vinte e seis dentro do mercado. Cada um recebeu tanto quanto tenho aqui na minha mão. Fecharam lá, fecharam as portas com quem estiver dentro fica, quem estiver fora não pode entrar. Aí o pessoal pediu pra vender aquela mercadoria no sábado, eles deram autorização pra vender, mas fora do mercado, onde é que era o estacionamento e depois... é isso aí

E: Isso foi quando?

I: Isso foi em cinqüenta e o ano assim não posso precisar, sei que foi...(Alcinda: Nós não morávamos aqui?)

Não. Foi botando embaixo quando... Nós já morávamos aqui, sim! Foi botado embaixo pra fazer o metrô que tem hoje no Rio, o metrô foi feito exatamente onde que era este mercado.

E: Certo.

I: Mas aqui o o mercado era do governo e eles não deram nada, absolutamente nada a ninguém. Aí apareceu um outro mercado, do outro lado da avenida também, que diziam que de lá não ia embaixo, que não sei, não sei quê, quando a gente entrou no mercado, eu tinha um sócio e fomos lá falar com ele, garantiu que lá não botava embaixo. Ficamos lá oito meses, ao fim de oito meses, o que fizeram de um lado fizeram do outro, a mesma coisa que nós fizemos, sendo que ali eu tinha pago, ali era particular, eu tina pago, nós tínhamos pago eu e meu sócio dois mil e cinqüenta, que naquele tempo era milhão, que agora não é milhão, que era dois e quinhentos reais, cruzeiros. Então devíamos ainda o metade, também não pagamos, não é. [risos]

E: E o senhor acha que o custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?

I: Aqui é... agora, é o contrário agora. Quando nós viemos era mais alto aqui, muito mais, porque lá não havia este negócio de subir preço, o preço era um só. Eu vim pr'aqui com trinta e três anos, o dinheiro que custava um quilo de açúcar quando eu nasci, custava quando eu vim pr'aqui, um quilo de arroz, enfim, só às vezes subiam coisas que eram do momento, por exemplo, legumes, né, às vezes [Alcinda: devia ser por causa do regime. Devia ser por causa do regime. Lá não

faltava nada, absolutamente nada. O preço era aquilo, o café era xis, tudo tinha , quando chegamos aqui que era, hoje tinha um preço, amanhã já tinha outro, e essas coisas assim, era muito diferente.

E: E hoje em dia é o contrário?

I: Hoje em dia é o contrário porque [Alcinda: ...o euro], hoje em dia o dinheiro de lá vale muito, entendeu? O euro está valendo mais do que o dólar, então cê sabe lá é tudo por euro, não se compra nada... então é mais difícil. Por exemplo, pessoas daqui que não tenha lá bens para poder não se dá bem, porque o que ganha aqui não dá pra se sustentar lá.

E: E quantos Estados o senhor já visitou no Brasil?

I: Olha, eu praticamente não saí do Estado do Rio.

E: Não saiu?

I: Não.

E: E quais o senhor gostaria de conhecer?

I: Ué, qualquer um [risos] [Alcinda: Qual estado ou qual país?] Não, Estado, Estado. Eu gostaria de conhecer um, se eu pudesse conhecer, eu conheço, eu vi na televisão, muitas vezes eu falo pra minha esposa, o Brasil só falta uma coisa: é governos mais firmes, mais decididos. Porque o povo brasileiro é fora de sério, é uma coisa... Então eu gostaria de conhecer, porque não conheço. Vim pr'aqui e aqui.

E: E o que o senhor mais aprecia no Brasil?

I: É isso mesmo que eu digo, é um país que tem fácil de tudo, tem tudo de primeiro de janeiro a trinta e um de dezembro, tem tudo, tudo,tudo. Que nenhum país no mundo tem. A América que é dita a maior do mundo não tem não! Aqui, de janeiro a fevereiro... a dezembro tem tudo. Se não é no Estado do Rio, é no Estado de São Paulo, é no Estado de Minas Gerais, enfim... então tem tudo no Brasil e na África, na América, na Europa, não tem. Não tem não. O vinho é uma vez no ano, a colhida da batata é uma vez no ano, o trigo é uma vez no ano, o azeite é uma vez no ano, o vinho... é tudo. Aqui não, aqui é isto. Porque este estado tem um clima, aqui tem outro, tem outro.. . quer dizer, não tem aqui mas tem outros lugares.

E: Seu Avelino, alguma vez o senhor já se sentiu discriminado por ser português?

I: Não.

- E: Nunca?
- I: Não. Só na brincadeira, assim que dizem na brincadeira que “este aqui é galego”. Você sabe o está dizendo, o galego, sabe o que é galego, o que é ser galego? Ser galego é pertencer à Espanha, é da Galícia. Agora eu nasci em Portugal, então não sou galego! Você pode até ser [...] [risos][pausa]
- É como o carioca, o carioca desfaz do paulista. [Alcinda: Só que o carioca fala muito melhor que o paulista!] Sim.
- E: Seu Avelino, alguma vez o senhor já visitou os seus familiares que moram em Portugal?
- I: Já vieram visitar a mim, eu não.
- E: Quantas vezes eles já vieram aqui?
- I: Eles já vieram aqui umas duas ou três vezes, não foi? Meus sobrinhos, inclusive um que esteve em África, outro que esteve... [Alcinda: Na Suíça!] Não, na Suíça não. [Alcinda: Teve na Suíça sim!] Nada, como é que chama, não... No Canadá. E outro que esteve também, esteve na Suíça ,mas esteve em uma porção de...
- E: Mas o senhor nunca mais voltou a Portugal?
- I: Não, nunca mais voltei.
- E: E o senhor pretende voltar a Portugal?
- I: Não! Se eu voltasse era pra ficar mesmo, nunca veio a ocasião. Quando as filhas eram pequenas como eu já contei... [Alcinda: Já contou que eu não quis voltar!...] Por causa das filhas, exatamente. Tavam estudando, tá bom. Mas tenho lá primos, sobrinhos, alguns sobrinhos, poucos, mas ainda tenho alguns, não tenho mais nada.
- E: E o senhor pretende permanecer no Brasil ou o senhor tem vontade de voltar pra Portugal?
- I: [Alcinda: Ah! Não vai mais não!] Vontade tinha sim! Vontade, tinha é claro. Quem é que não tem vontade de ver o lugar onde a gente nasceu? Então eu também tenho, também tenho essa vontade, mas sei que não é possível, porque não dá, a situação não dá pra ir, mas que eu gostava de ir, gostava, isso aí é indiscutível!
- E: E o senhor foi contra ou a favor... ah! Seus pais nunca vieram morar no Brasil, seus pais ficaram morando em Portugal?
- I: É. Eu vim pr'aqui em 50 como eu já lhe contei e minha mãe morreu em 54 e meu pai, se eu não me engano, em foi 58 que ele morreu.

- E: Certo, mas o senhor tem vontade de... qual a cidade que o senhor vivia em Portugal?
- I: Era uma cidade chamada... uma aldeia, né, aldeia é que se diz assim [Alcinda: Na região de Trás dos Montes] centro de Niterói quer ir viver aí pra fora, nesse lugarzinho mais pequeno [...] Uma aldeiazinha...
- E: Qual era o nome da aldeia?
- I: Eu pertencia ao conselho de Val Passos, distrito de Vila Real, província de Trás dos Montes.
- E: E o senhor tinha vontade de ir lá ver...
- I: Tinha, muita vontade.
- E: Então tá bom seu Avelino, obrigado pela entrevista.
- I: Nada.

CELSO

Local: na residência

E: Sexo

I: masculino

E: Faixa Etária

I: 56 anos

E: Nacionalidade

I: brasileiro naturalizado, nascido em Portugal

E: Descendência

I: filho de portugueses

E: Grau De Escolaridade

I: superior com doutorado em Geografia

E: Estado civil

I: casado

E: Profissão

I: Estatístico, demógrafo

- E: Há quanto tempo reside no Brasil?
- I: 44 anos
- E: Qual o motivo de sua vinda para o Brasil?
- I: O motivo é que naquele tempo, né, quer dizer, na década de 50, a emigração portuguesa era um acontecimento muito, muito normal, né, na medida em que Portugal apresentava dificuldades econômicas muito fortes, né. E o Brasil era, era um dos países, quer dizer, de atração migratória de portugueses. Vim pra cá, meu pai migrou antes, quer dizer, como era normal naquele período. Geralmente o chefe da família migrava, vinha antes, se estabelecia e preparava a vinda do resto da família. Meu pai migrou em 55 e eu, minha mãe e minha irmã fomos chamados em 58.
- E: Já passou por algum tipo de discriminação com relação a sua origem?
- I: Não, não. Tem lá umas piadinhas, mas isso faz parte do folclore brasileiro, entre brasileiro entre o Brasil... entre o brasileiro e o português, mas... discriminação eu nunca tive não.
- E: Houve alguma dificuldade de adaptação à língua portuguesa do Brasil?
- I: Não, pelo contrário. Quer dizer, a língua portuguesa falada no Brasil é muito mais clara, né, que a língua portuguesa falada em Portugal. Quer dizer... as pessoas falam de uma maneira muito mais ... é..., é... abrangente, né, assim, sem... o sotaque em si muitas vezes a gente confunde a gente. Eu hoje, quer dizer, quando escuto, quer dizer, por todos esses anos, quando escuto um português falando... o ... falando português, às vezes mesmo eu tenho dificuldade em entender. Quer dizer, no Brasil não no Brasil, quer dizer, a linguagem flui de uma maneira mais simples do que o português de Portugal.
- E: Quando do nascimento dos filhos, houve alguma preferência entre o Brasil e Portugal?
- I: Em hipótese alguma, né. Quer dizer, a preferência natural era Brasil mesmo, na medida em que eu me casei com uma brasileira, naturalizado brasileiro, filhos brasileiros, não teria nenhum sentido em eu optar, quer dizer, pela cidadania, que meus filhos tivessem a cidadania portuguesa. Muito pelo contrário, quer dizer, na medida em que eu me naturalizo brasileiro, Portugal deixa de me reconhecer como português.
- E: Como se sente diante das piadas e críticas feitas aos portugueses?

- I: É, como falei, quer dizer, isso faz parte do folclore, né? O folclore, o brasileiro viaja numa coisa até de certa forma engraçada. E eu normalmente, quer dizer, tenho um espírito muito aberto , não é,... e eu entro no jogo com os brasileiros e acabo contando outras piadas também.
- E: Houve alguma dificuldade quando da procura de emprego?
- I: É ... dificuldade é que no período em que eu me formei, eu já me formei no final de setenta, né, coincidiu com... de certa forma com um processo muito forte de crescimento econômico, né, é que... ocorreu no Brasil naquele período, né. Foi uma fase de expansão da economia, né. A economia crescia, mas na taxa de 10% , então a oferta de empregos era... é uma coisa que estava muito presente, né. Quer dizer, as taxas de desemprego no período situavam em torno de 3%, quer dizer, menos da metade que hoje prevalece no Brasil. Então, houve dificuldade, quer dizer, não só eu como a grande maioria, as pessoas que se formavam naquele período, né, não tiveram muito pouca dificuldade de conseguir emprego, ao contrário de hoje, que a maioria de jovens aí, eles são obrigados a optar por outras atividades porque não têm , não têm oportunidade de conseguir emprego imediato.
- E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?
- I: Olha, hoje em dia realmente o custo de vida no Brasil é... em termos de padrões de salariais, salariais, né, é mais alto do que em Portugal, né. Quer dizer, veja só, em termos de padrões salariais. Se você compara um salário mínimo de Portugal, que é ao em torno de setecentos, seiscentos, seiscentos e poucos setecentos e poucos reais, quer dizer, uma pessoa com esse salário- mínimo aqui no Brasil teria condições melhores de vida até melhor do que em Portugal. Agora, o grande problema é que o salário – mínimo no Brasil está em torno de 200 reais. Então quer dizer, o custo de vida aqui, para a grande maioria da população brasileira é pior do que o é em Portugal.
- E: Quantos Estados já visitou no Brasil?
- I: Praticamente todos os estados , não é, em função do trabalho que eu desenvolvo. Eu trabalho numa instituição é que faz pesquisa, né, então, quer dizer, normalmente, quer dizer, a gente ... a gente se vê obrigado, não é, obrigado a percorrer, não é, os Estados do Brasil. Só terá alguns Estados do norte é que eu

ainda é, ainda não conheço, não é? Os demais eu praticamente, várias vezes já fui, já fui a esses Estados.

E: O que mais aprecia no Brasil?

I: Sua beleza natural, o seu povo, né? Quer dizer, eu acho que são poucos países que têm um povo como o brasileiro quer dizer, esse sincretismo, né, de raças, né. Você tem um processo de miscigenação muito forte, apesar do do preconceito muito forte, quer dizer, embora não explicitado abertamente, mas na prática ele existe, né, quer dizer, branco em relação ao negro, negro em relação aos pardos, até os índios, né? Mas de qualquer forma o Brasil apresenta, apresenta um quer dizer, essa essa multirracialidade existente no país, né? Desta maneira eu vejo, eu vejo como um aspecto positivo, né. Quer dizer, na medida em que os problemas sociais, econômicos forem gradativamente solucionados, serem resolvidos, na medida em que haja um projeto de integração, uma relação desses segmentos sociais, eu creio que esse país seria invencível, né, em termos de... em termos de solidariedade, entendeu, que a gente observa em grande parte da população brasileira. E isso é positivo, positivo. Você não vê em um país desenvolvido, por exemplo.

E: Alguma vez já visitou os seus familiares que residem em Portugal?

I: É. Mais ou menos uns 4 anos atrás. Eu estive em Portugal, não é e fiquei um pouco com eles lá. Mas o contato hoje, o contato hoje é um muito raro, muito raro. A gente tem notícia, mas não tem assim, não existe assim uma comunicação, uma comunicação muuuuito muito forte entre eu e os parentes que existem lá, que eles são praticamente primos e alguns tios, né?

E: Você pretende permanecer no Brasil ou tem vontade de voltar para Portugal?

I: Como eu falei, né minha opção foi pelo Brasil, né? Vontade de voltar a Portugal eu até tenho, mas ... mas como turista do que propriamente no sentido, mas não com o sentido de voltar a residir lá.

E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-lo?

I: Alguns deles, né? Alguns deles vieram ao Brasil, outros moravam aqui no Brasil e outros imigraram e voltaram a morar em Portugal. Mas a grande maioria nunca veio ao Brasil.

E: Você foi contra ou a favor quando os seus pais decidiram vir morar no Brasil?

I: Naquele tempo eu não tinha nenhuma opção, né, quer dizer, eu era uma criança, que ao contrário na minha realidade eu tinha 9 anos, quando meu pai me levou para o Brasil. Então... como criança eu não tinha, quer dizer, opção alguma de impedir nem interferir, né, numa decisão do meu pai e foi uma decisão que ... que...quer dizer ...é ... analisando a conjuntura naquele, naquele tempo, foi a decisão mais correta possível, né? Quer dizer foi a partir que daí da vinda dele para o Brasil, nós éramos camponeses, trabalhávamos em aldeias, no campo. E a vinda dele do meu pai propiciou de uma certa forma, né, quer dizer a nossa vinda também para o Brasil, o acesso meu e da minha irmã que é médica ... a ... a educação, coisa impossível naquele tempo de ser conseguida pela maioria dos portugueses, né? Então quer dizer, pelo aspecto pessoal, familiar, foi altamente positiva a vinda inicialmente do meu pai e depois a nossa vinda, minha e da minha família para cá.

DANIEL

Local: na residência

E: Sexo

I: Masculino

E: Faixa Etária

I: 19 anos

E: Nacionalidade

I: brasileira

E: Descendência

I: Filho de portugueses

E: Grau de Escolaridade

I: superior incompleto

E: Estado Civil

I: solteiro

E: Há quanto tempo reside no Brasil?

I: 18 anos.

E: Qual a sua profissão?

I: Estudante.

E: Qual a influência da cultura portuguesa em sua vida?

I: Nos costumes, fala e comida.

E: Já passou por algum tipo de discriminação com relação a sua origem?

I: Não.

E: Como se sente diante das piadas e críticas feitas aos portugueses?

I: Indiferente.

E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?

I: Mais baixo.

E: Quantos Estados já visitou no Brasil?

I: 7 Estados.

E: O que mais aprecia no Brasil?

I: O povo.

E: Você se sente discriminado por ser filho de Portugueses?

I: Não.

E: Você preferia ter nascido em Portugal? Caso positivo, por quê?

I: Não.

E: Alguma vez já visitou os seus familiares que residem em Portugal?

I: Sim .

E: Você pretende permanecer no Brasil ou tem vontade de voltar para Portugal?

I: Pretendo terminar a faculdade em Portugal.

E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-lo?

I: Sim.

DAVIDE GONÇALVES ALVES

E: Sexo:

I: Masculino

E: Faixa Etária:

I: acima de 61 anos

E: Nacionalidade:

I: Portuguesa

E: Descendência:

I: Filho de portugueses

E: Grau de Escolaridade:

I: 2º Grau Completo

E: Estado Civil:

I: Casado

E: Há quanto tempo o senhor reside no Brasil?

I: Estou no Brasil desde cinqüenta e seis, desde cinqüenta e seis.

E: Qual a profissão do senhor?

I: Eu tenho... sou construtor e sou corretor de imóveis e atual também sou comerciante.

E: Comércio de quê?

I: Eu tenho um posto de gasolina também. E tenho uma firma construtora e tenho uma firma imobiliária. Sou sócio... sou dono dela.

E: Qual o motivo da sua vinda pro Brasil?

I: O motivo da minha vinda pro Brasil foi quando Portugal tava com aquela guerra lá com as Áfricas, aí eu me arranquei pra cá pra não ir pra guerra. Não foi à toa que foi não.

E: O senhor já passou algum tipo de discriminação em relação à sua origem?

I: Não, nunca, nunca. Pode perguntar, sempre sou bem tratado, porque também trato bem. Nunca tive problema.

E: O senhor teve alguma dificuldade de adaptação com a língua portuguesa do Brasil?

- I: Não, a língua é igual, é a mesma coisa, não teve problema nenhum. A língua é igual.
- E: O senhor tem filhos?
- I: Tenho, tenho um.
- E: O senhor teve preferência dele nascer no Brasil ou em Portugal?
- I: Não, ele nasceu aqui. Nós já estávamos morando aqui, ele tinha que nascer aqui mesmo. Ele foi feito aqui, é brasileiro. Embora ele tenha ido muitas vezes a Portugal dizendo... mas é brasileiro. A mulher é brasileira, só eu que sou português. Mas inclusive a minha mulher também tem documento lá de Portugal, CPF, que lá se chama cartão do contribuinte, e meu filho também tem, que eu registrei ele lá, mas todos eles são de origem, eles são brasileiros e eu sou português, não houve nada de naturalização, de parte a parte.
- E: Como o senhor se sente diante das piadas e críticas feitas aos portugueses?
- I: Isso é até bonito, eu também conto piada. Eu acho que isso é uma lembrança, a pessoa se lembra dos outros e aí conta piadas dele. Eu acho até bonito, não acho ruim não, que eu conto, às vezes eu inverte, é de português e eu conto de brasileiro a mesma. [risos]
- E: O senhor teve alguma dificuldade pra procurar emprego?
- I: Não, porque quando eu vim pra cá eu trabalhava... eu tinha uma profissão de marceneiro, então eu já naquele tempo tinha muito emprego aqui, eu, graças a Deus, nunca tive problema de emprego, trabalhei três anos empregado, depois fiz uma firma que eu tenho até hoje, uma construtora e nunca tive grande problema de emprego não, mas também só trabalhei empregado quando eu cheguei, depois eu me adaptei logo ao sistema daqui. Agora, trabalhei muito. E trabalho até hoje. [risos]
- E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?
- I: Isso varia muito de acordo... por exemplo, lá agora, lá tá mais alto que aqui. Mas daí é muito de acordo com o câmbio, com o dinheiro lá. Agora, por exemplo, com o dinheiro lá houve uma unificação que é tudo Euro, antigamente era escudo, agora é Euro, então o Euro tá valendo mais que o Dólar, então justamente o custo de vida lá é mais alto que aqui, mas também se ganha muito mais do que aqui. Pra quem tá lá, eu tô aqui. [risos]
- E: Quantos Estados já visitou no Brasil?

- I: Olha, já visitei muitos, diversos. Santa Catarina, é... como que chama Deus... Eu já visitei muitos estados, assim de cabeça eu não lembro... Salvador-Bahia. Mais a mulher viajei muito. De carro, de avião, já viajamos bastante. Só o que eu não viajei foi a Amazônia, que eu quero ver se eu vou antes de morrer.
- E: O que o senhor mais aprecia no Brasil?
- I: O que eu mais aprecio no país aqui é... o país mesmo, eu acho o país muito bom, dá tudo, tá entendendo e eu gosto muito do Brasil, tanto é que eu vou muitas vezes a Portugal, mas eu não me adapto lá mais, eu gosto muito daqui. É o sistema de vida daqui. Apesar que lá eu também vivo bem, mas isso são fatos passageiros, antigamente aqui era uma maravilha, a gente viajava de bonde, noite e dia, nunca teve problema nenhum de ter ladrão, de ter nada, agora tem essa onda aí de assaltos, mas isso passa, isso são coisas passageiras.
- E: O senhor se sente discriminado por ser filho de portugueses?
- I: Por ser português, discriminado de quê?
- E: Por ser filho de portugueses?
- I: Nenhum, porque meu filho é brasileiro. Eu sou filho de português, mas eu não sou discriminado em nada, como já falei anteriormente eu nunca tive problemas, de nada, de ser discriminado. Antes pelo contrário, eu tenho grandes amigos brasileiros, amigos grandes mesmo, que me tratam, ih! Meu Deus! Muito bem. Eu tenho. Eu tenho muita ligação com gente... deputados, até ministro, por incrível que pareça, o meu ramo de construção, eu vendo apartamento depois de pronto, então eu apanhei muito conhecimento com certas pessoas. Aí então, eu nunca tive problema não. Nem nunca ninguém me disse piada nenhuma de português. Até hoje
- E: Alguma vez o senhor já visitou os seus familiares que residem em Portugal?
- I: Já, muitas vezes. Eu, minha mulher, meu filho e a minha sogra, que morreu há uns quatro anos, já fomos lá muitas vezes.
- E: O senhor pretende permanecer no Brasil ou tem vontade de voltar pra Portugal?
- I: Não, tenho vontade de ir lá passear, mas permanecer... devo morrer aqui mesmo, tenho que ficar por aqui mesmo. A gente vai a passeio, mas depois de se adaptar aqui é difícil... Apesar que lá hoje é a mesma coisa daqui, mas o custo de vida, como eu te falei, é mais caro, por causa do problema do dinheiro, então a gente vai, mas tem que voltar logo, fica pouco tempo.

- E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil visitá-lo?
- I: Meu irmão já, meu irmão. Minha irmã diz que vem agora, também ficou viúva, diz que vai passar uns tempos aqui comigo, mas até hoje não veio. Mas nós temos contato, tudo, toda semana ela liga pra mim, eu ligo pra eles, então tanto os meus irmãos quanto o lado da minha mulher, que a minha mulher é brasileira, mas tem uma irmã em Portugal e tem muitos sobrinhos lá, então nós temos muita ligação com a família, uns com os outros.
- E: Quando teve que vir pra cá o senhor veio com os seus pais... ?
- I: Como é que é?
- E: O senhor foi contra ou a favor da sua vinda pro Brasil?
- I: Eu fui a favor da vinda pro Brasil, porque como eu te falei no início tinha o problema da guerra com as Áfricas e eu tive que vir mesmo, eu tinha que fugir mesmo, senão eu ia pra guerra e lá... talvez não sei o que aconteceria, podia ter morrido, sei lá... então, naquele tempo era costume a gente, quando apanhava uma idade assim, então vinha pra cá. Pra cá ou pra outro país qualquer por causa do problema da guerra lá. Era muito difícil lá. E além disso, o custo de vida lá naquele tempo era muito ruim... 55, 54, 55, o custo de vida era muito ruim lá, aqui era muito melhor...
- E: O senhor morava aonde lá?
- I: Eu morava em Braga, onde eu tenho casa até hoje. Minho, Cidade Alta. É, só isso?

DIEGO BRITTO TEIXEIRA

- E: Sexo
- I: masculino
- E: Faixa Etária:
- I: até 19 anos
- E: Nacionalidade:
- I: Brasileira

E: Descendência:
I: Filho de Portugueses
E: Grau de Escolaridade:
I: 2º Grau Completo
E: Estado Civil:
I: Solteiro
E: Qual sua profissão?
I: Sou militar, fuzileiro naval.
E: Qual a influência da cultura portuguesa em sua vida?
I: Hábitos alimentares, porque eu moro com minha vó.
E: Já passou algum tipo de discriminação com relação à sua origem?
I: Já, porque português é muito burro.
E: Quando do nascimento dos filhos, houve alguma preferência entre Brasil e Portugal?
I: Pô, não tem por que fazer meus filhos nascerem em Portugal porque eu moro no Brasil.
E: O que acha das piadas e críticas feitas aos portugueses?
I: Engraçadas.
E: Houve alguma dificuldade quando da procura de emprego?
I: Não, porque as pessoas me tratam como brasileiro.
E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?
I: Não faço a mínima idéia.
E: Quantos Estados já visitou no Brasil?
I: Só São Paulo quando eu era muito pequeno.
E: O que mais aprecia no Brasil?
I: As paisagens e o povo.
E: Você se sente discriminado por ser filho de Portugueses?
I: Não, eu tenho muito orgulho pelo meu pai e pelos meus avós.
E: Você preferia ter nascido em Portugal? Caso positivo, por quê?
I: Não, eu preferia ter nascido em qualquer lugar, contanto que eu tivesse nascido.
E: Alguma vez já visitou seus familiares que residem em Portugal?
I: Não, eu nunca tive esta oportunidade.
E: Qual o motivo?

- I: Falta de dinheiro.
- E: Você pretende permanecer no Brasil ou tem vontade de voltar para Portugal?
- I: Eu tenho vontade de ir para Portugal não pelo fato de ser descendente de português, mas por conhecer outros lugares.
- E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-lo?
- I: Já. Minha prima, meu primo. Só.

ERNESTO BASTOS LOPEZ FERREIRA

- E: Sexo
- I: Masculino
- E: Faixa Etária:
- I: Acima de 61 anos
- E: Nacionalidade:
- I: Portuguesa
- E: Descendência:
- I: Filho de Portugueses
- E: Escolaridade:
- I: 1º Grau Completo
- E: Estado Civil:
- I: Casado
- E: Há quanto tempo o senhor reside no Brasil?
- I: Vai fazer quarenta e oito anos.
- E: Qual a profissão do senhor?
- I: Comerciante.
- [Maria Emília: Você não é mecânico?]
- I: Eu sei, as duas coisas: mecânico e comerciante. [risos]
- [Maria Emília: Agora não é mais comerciante.]
- E: Comércio de quê?
- I: Bazar.

ME: Era um bazar.

E: Qual o motivo da vinda do senhor pro Brasil?

I: Meus pais estavam aqui. E os meu irmãos.

E: O senhor já passou algum tipo de discriminação ?

I: Não.

E: ... em relação a sua origem?

I: Não, não. Nenhuma.

E: O senhor teve dificuldade pra se adaptar à língua portuguesa aqui no Brasil?

I: Não, não. Nenhuma.

E: Quando do nascimento dos seus filhos o senhor teve preferência de escolher o Brasil ou Portugal?

I: Como?

E: No nascimento dos filhos. É porque a gente morava lá, a mesma coisa que eu.

I: É.

E: O senhor fez a escolha, não?

I: Não.

E: Nenhuma.

I: Nenhuma.

E: Como o senhor se sente diante das piadas feitas dos portugueses?

I: Acho perfeitamente normal, a mesma coisa acontece lá.

E: Até achava graça!

I: E acontece com o espanhol. É igual. É melhor cê levar na esportiva.

E: O senhor teve dificuldade de encontrar emprego aqui no Brasil?

I: Não, felizmente não.

E: Já veio com contrato de trabalho.

I: Ah! O senhor já veio com emprego fixo.

E: O custo de vida aqui no Brasil e senhor acha que é melhor que em Portugal...?

I: Eu não sei, que estou aqui há quarenta e oito anos aqui, não sei.

E: Mas quando o senhor morava lá...?

I: Eu não sei, eu era funcionário público, entende? Eu tenho uma vida regular, não tive problema não.

E: O senhor já visitou algum Estado do Brasil?

I: Já, o Estado de Catarina, o sul todo. Bahia e São Paulo. E Paquetá também, esqueci. [risos]

E: O que o senhor mais aprecia aqui no Brasil?

I: As mulheres brasileiras. [risos] A beleza natural. O Brasil é a terra mais linda do mundo, por aquilo que eu já vi. É um espetáculo, não tem igual não.

E: O senhor se sente discriminado...?

I: Não.

E: ...por ser filho de português?

I: Não

E: Alguma vez os familiares do senhor já o visitaram o senhor aqui no Brasil?

I: Já sim, já vieram já sim.

ME: Já veio uma prima dele...

I: Minha sogra...

ME: Minha mãe, que é sogra e a cunhada dele, que é minha irmã.

E: O senhor pretende permanecer no Brasil ou tem vontade de voltar pra Portugal pra ficar, pra morar?

I: Não, não saio daqui não. Vou morrer aqui em Paquetá. [risos]

E: Seus parentes que residem em Portugal, eles já vieram visitar o senhor aqui no Brasil?

ME: A prima...

I: Primas. Eu quase não tenho mais família não, acabou.

E: O senhor veio pela sua vontade ou veio... ?

I: Por minha vontade

E: Ah, tá ok. Obrigada.

I: Só isso?

E: Só isso.

FELIPE

Local da Entrevista: Loja de Decoração Kátia, na Rua da Conceição

E: Como gostaria de ser identificado?

I: Felipe

E: Sexo

I: Masculino

E: Faixa Etária:

I: 27 anos

E: Nacionalidade:

I: Brasileira

E: Descendência:

I: Filho de portugueses

E: Grau de Escolaridade:

I: Superior Completo

E: Estado Civil:

I: Casado

E: Qual a sua profissão?

I: Comerciante

E: Qual a influência da cultura portuguesa em sua vida?

I: Total, além de os portugueses terem colonizado o Brasil, eu sou filho de pai e mãe portugueses.

E: Já passou por algum tipo de discriminação com relação a sua origem?

I: De jeito nenhum. Pelo contrário até.

E: Houve alguma dificuldade de adaptação à língua portuguesa do Brasil?

I: Não, não.

E: Quando do nascimento dos filhos, houve alguma preferência entre o Brasil e Portugal?

I: Gostaria que eles tivessem nascido em Portugal, mas infelizmente eles nasceram no Brasil, quer dizer, felizmente nasceram no Brasil. Gostaria de corrigir, a preferência é que eles nascessem no Brasil, como nasceram.

E: Como se sente diante das piadas e críticas feitas aos Portuguesas?

- I: É super natural
- E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?
- I: Atualmente, acredito que seja um pouquinho mais barato, né
- E: Quantos Estados já visitou no Brasil?
- I: 3
- E: Qual gostaria de conhecer?
- I: Sim, mas infelizmente por falta de tempo ... o Estado de Minas mesmo
- E: O que mais aprecia no Brasil?
- I: O povo alegre.
- E: Você se sente discriminado por ser filho de portugueses?
- I: Não.
- E: Você preferia ter nascido em Portugal?
- I: Não, já que sou filho de pai português e mãe portuguesa eu acho que fico feliz.
- E: Alguma vez já visitou os seus familiares que residem em Portugal?
- I: Já, já.
- E: Você pretende permanecer no Brasil ou tem vontade de ir para Portugal?
- I: Eu pretendo continuar no Brasil.
- E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-lo?
- I: Já, dois

FERNANDO GUEDES
(Presidente da Banda Portuguesa)

Local da entrevista: Banda Portuguesa

- E: Sexo:
- I: masculino
- E: Faixa Etária
- I: Eu tô com 51 anos.
- E: Nacionalidade?
- I: Nacionalidade portuguesa.

- E: Descendência?
- I: Portuguesa também.
- E: Grau de escolaridade?
- I: Eu tenho nível superior.
- E: Estado Civil?
- I: Casado.
- E: Há quanto tempo reside no Brasil?
- I: Há 37 anos.
- E : Profissão?
- I: Advogado.
- E: Qual o motivo da sua vinda para o Brasil?
- I: Pelas circunstâncias, eu perdi meu pai com 12 anos e a circunstância tinha uma irmã que morava aqui, residia no Brasil e nós tínhamos... meu pai era bem sucedido lá em Portugal, mas com a morte dele os meus tios, eles me botaram uma receia e com isso eu vim tentar a vida aqui, tinha uma irmã aqui e como nós praticamente ficamos sem nada, eu, minha outra irmã e minha mãe viemos pra cá.
- E: Já passou por algum tipo de discriminação com relação a sua origem?
- I: Não, nunca... acho que quem faz a discriminação é o próprio discriminado, porque eu sempre me dei muito bem cheguei aqui em 1969... aliás, 68 no mês de julho e já no mês de agosto eu entrei pra fazer admissão num colégio da escola da comunidade, no Miguel Jarmino, então, nunca tive discriminação nenhuma.
- E: Houve alguma dificuldade de adaptação à língua portuguesa do Brasil?
- I: Não, nenhuma...por sinal eu não tenho dificuldade nenhuma, a única dificuldade que eu tive no primeiro ano, foi em relação à Geografia.
- E: Quando do nascimento dos filhos, houve alguma preferência entre o Brasil e Portugal?
- I: De forma natural, eu sou português e nasci em Portugal, mas adoro o Brasil e eu acho que não existe país no mundo igual ao Brasil.
- E: Como se sente diante das piadas e críticas feitas aos Portugueses?
- I: Não dou a mínima.
- E: Isso é irrelevante?

- I: Isso é irrelevante, não atinge em nada, acho que isso é mais uma forma de brincadeira, a gente também usa, não fico envergonhado, não me sinto constrangido porque contou uma piada de Portugal, pelo contrário, eu também falo.
- E: Houve alguma dificuldade quando da procura de emprego?
- I: Não tinha, pelo seguinte, eu vim pra`qui e sempre trabalhei muito, eu vim com 12 anos, aliás, com 13 anos e já fui trabalhando numa mercearia que o meu cunhado tinha e eu tinha os meus progressos, é lógico que eu entregava compras de bicicleta, porque naquela época existia muito poucos mercados, os mercados eram muito pequenos e as mercearias de porte pequenas e médias, elas levavam as compras em tudo que era bairro e não era de carro, era de bicicleta, então conheço o "Morro do Estado", o "Cavalão", ia em tudo, hoje talvez não suba, mas naquela época... eu entregava em tudo que era bairro.
- E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?
- I: Veja bem, hoje as circunstâncias em Portugal é melhor que a daqui, mas quando eu vim pra cá, Portugal tinha a situação muito pior que a do Brasil, o Brasil... não existe país no mundo igual ao Brasil, o que existe é o seguinte, o que existe é infelizmente a insegurança, infelizmente hoje, o governo, não podemos confiar nele, essa é a realidade. A hora em que tivermos um governo sério, em três, quatro anos supera todas as inseguranças e vira o maior país do mundo.
- E: Quantos Estados já visitou no Brasil?
- I: Praticamente todos.
- E: O que mais aprecia no Brasil?
- I: Eu aprecio muito no Brasil o povo, a grandeza, as riquezas que existem, não significa só as grandezas naturais. O Brasil pra mim, ainda não foi descoberto, ainda tem muita coisa pra ser descoberto, precisa realmente é de uma política séria, de um político sério e boa vontade, e acima de tudo o que precisa também é patriotismo, eu acho que está faltando e a hora que tiver patriotas realmente, que vão para o Congresso Nacional para fazer as leis em prol do povo e não individualmente, isso pode ter certeza que supera tudo.
- E: Alguma vez já visitou os seus familiares que residem em Portugal?
- I: Ah, diversas vezes... eu tenho primos lá hoje, mas hoje a minha família está praticamente toda aqui.

- E: Então quer dizer, que o senhor pretende ficar aqui?
- I: Com certeza, eu vou passear, mas não tenho nada lá, eu acho que os meus amigos estão todos aqui, minha juventude foi toda aqui, todos os meus colegas, meus amigos tão tudo aqui.
- E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-lo?
- I: Não, vejamos que eles nunca quiseram vir aqui, exatamente não é uma questão de ser condições deles, hoje em Portugal eles tem um nível de vida muito bom, são pessoas mais idosas e recebem suas aposentadorias e dá pra eles viverem tranqüilamente e pra passearem pelo exterior, mas o que existe na Europa é o medo, é o medo, porque vêem as coisas que nós todos estamos numa guerra urbana, uma guerra que realmente é dada com insegurança e não há um dia que se abra o jornal e não se veja morte, violência, etc e etc, então, isso ai passa nos programas de televisão, nos programas de rádio na Europa toda, não só em Portugal, então é muito custoso, por exemplo hoje o maior fluxo de turismo é no Nordeste, o Nordeste tem uma política voltada para segurança , voltada para o turismo, o que não existe no Rio de Janeiro.

FERNANDO MOURA

Local : Associação Fluminense De Jornalistas

E: Como gostaria de ser identificado?

I: Fernando Moura

E: Sexo:

I: Masculino

E: Faixa Etária:

I: 58 anos

E: Nacionalidade:

I: Portuguesa.

E: Descendência:

I: Filho de Portugueses.

E: Grau de Escolaridade:
I: 2º grau completo e 2 de química industrial.
E: Estado Civil:
I: Desquitado, mas vivo com uma menina.
E: Há quanto tempo reside no Brasil?
I: No Brasil, desde 1955. Há 49 anos.
E: Qual a sua profissão?
I: Atualmente aposentado e jornalista militante.
E: Qual o motivo da sua vinda para o Brasil?
I: Falta de oportunidade em Portugal, que eu morava no interior de Coimbra, numa cidade chamada Açoure, uma vila, lá é vila.
E: Já passou por algum tipo de discriminação com relação a sua origem?
I: Ah, não. Isso não, apenas brincadeira, gozação, mas sem ser discriminado
E: Houve alguma dificuldade de adaptação à língua portuguesa do Brasil?
I: Nenhuma. Falo português, mas não tenho sotaque nenhum
E: O senhor tem filhos?
I: Tenho.
E: Quando do nascimento dos filhos, houve alguma preferência entre o Brasil e Portugal?
I: Minha filha é brasileira, mas tem a cidadania portuguesa. Eu fiz no consulado aqui em Niterói.
E: Como se sente diante das piadas e críticas feitas aos Portuguesas?
I: Sou o primeiro a contar piada de português. Nada.
E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?
I: É mais alto, mais alto, é mais alto. O custo no Brasil é mais alto.
E: Quantos Estados já visitou no Brasil?
I: São Paulo, Paraná, Mato Grosso do Sul, Minas, uns dez Estados, Estados não, cidades.
E: Tem alguma em particular que você gostaria de conhecer ainda?
I: É tenho, é Alagoas, Alagoas.
E: O que mais aprecia no Brasil?
I: A fraternidade, a alegria do povo, que mesmo nas piores situações tá sempre de bom humor e o povo em si que é maravilhoso.

- E: Alguma vez já visitou os seus familiares que residem em Portugal?
I: Não.
E: Você pretende permanecer no Brasil ou tem vontade de voltar para Portugal?
I: Morrer no Brasil.
E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-lo?
I: Já, muitos.
E: Qual a região da sua família, que você falou?
I: Coimbra, Coimbra e também tenho parente no Porto. Minha mãe era lá do Porto.

FIRMINO MOREIRA ALVES

- E: Sexo
I: Masculino
E: Faixa Etária:
I: Acima de 61 anos
E: Nacionalidade:
I: Portuguesa
E: Descendência:
I: Filho de Portugueses
E: Grau de Escolaridade:
I: 1º Grau Completo
E: Estado Civil
I: Solteiro
E: Há quanto tempo o senhor reside no Brasil?
I: Trinta e nove anos.
E: Qual é sua profissão?
I: Comerciante.
E: Comércio... era de quê?

- I: Era comerciante de lanchonete, de restaurante, de mercearia, trabalhei na construção também, construtor também.
- E: Qual o motivo da sua vinda para o Brasil?
- I: Ah! Foi por causa de uma ilusão que eu... Lá em Portugal os meus pais, meu pai faleceu há trinta e nove anos, foi a época que estou aqui e lá éramos dez irmãos. E já era grande, o meu irmão já estava aqui há uns dez anos, assim, aí eu fui puxando ele, puxando ele, aí viemos sete para o Brasil, ficaram lá três, estão lá.
- E: O senhor já passou algum tipo de discriminação por causa de sua origem?
- I: Não, não.
- E: Houve alguma dificuldade de adaptação à língua portuguesa do Brasil?
- I: Não, só que a língua é igual, então só o sotaque é que é diferente, então pra gente foi fácil, não foi difícil falar.
- E: O senhor tem filhos?
- I: Não.
- E: Como que o senhor se sente diante das piadas e críticas feitas aos portugueses?
- I: Eu não ligo, eu não tô nem aí... pra mim tá tudo bem.
- E: O senhor teve dificuldade em procurar emprego?
- I: Não, quando eu vim pra cá os meus familiares já eram estabelecidos e tal... nunca. Só tava ali, foi o começo, morava com parentes, depois fui logo trabalhar por conta própria.
- E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?
- I: Diria pior, né? Em Portugal naturalmente eu acho que está mais caro do que no Brasil. No Brasil é aquele, o que eu ganha bem, tá tudo bem, ganha pouco, sofre. [risos]
- E: Quantos Estados já visitou no Brasil?
- I: Só aqui no Rio de Janeiro mesmo.
- E: O senhor tem vontade de conhecer algum Estado?
- I: Hum... fui ano passado, fui pra Aparecida do Norte, fui para Foz do Iguaçu, Argentina, e coisa, e não... não gostei assim muito de viajar, não.
- E: O que o senhor mais aprecia no Brasil?
- I: É tudo, as praias, é lógico que as mulheres principalmente [risos], então, o Brasil é lindo, é uma pena que tanta gente morra na cidade, né? É o que atrapalha mais, o resto é ótimo.

E: O senhor se sente discriminado por ser filho de português?
I: Não, não, até agora nunca, não.
E: Alguma vez os seus familiares que residem em Portugal já vieram visitar o senhor?
I: Sim, já, já, mais de uma vez.
E: Quem?
I: Já, os meus irmãos, minhas irmãs, os meus sobrinhos, as minhas sobrinhas.
E: O senhor pretende permanecer no Brasil ou o senhor tem vontade de voltar pra Portugal?
I: Agora é definição! [risos] Final de carreira, posso ir lá visitar, mais ficar em Portugal não.
E: O senhor já voltou pra Portugal pra visitar seus parentes?
I: Sim, já diversas vezes.
E: O senhor foi contra ou a favor de vir pro Brasil, o senhor veio pela sua vontade?
I: Vim, vim. Espontânea vontade. Os pais apoiavam, mas não fizeram nada. Nem fizeram força pra vir nem.... Os meus irmãos vieram, os mais velhos, e eu vim também. [risos] Vim atrás.

HILÁRIO DE JESUS

E: Sexo:
I: Masculino
E: Faixa Etária:
I: acima de 61 anos
E: Nacionalidade:
I: portuguesa
E: Descendência:
I: também portugueses
E: Grau de Escolaridade:
I: Primeiro grau completo
E: Estado Civil:

I: Casado

E: Há quanto tempo reside no Brasil?

I: Há 43 anos

E: Qual a sua profissão?

I: Barbeiro, proprietário de uma barbearia na rua Coronel Gomes Machado

E: Qual o motivo da sua vinda para o Brasil?

I: O motivo da vinda pro Brasil foi que meus pais eram muito pobres, então eu tinha campo lá em Portugal, era muitos irmãos e eu queria sair para o Brasil e meu pai optou pra eu vir pro Brasil porque tinha muita família aqui, e eu vim pra aqui.

E: O senhor veio atrás de trabalho?

I: Eu vim aqui atrás de trabalho, ou era aqui ou era pra África, eu queria era trabalhar e fugir da pobreza e trabalhar.

E: Já passou por algum tipo de discriminação com relação a sua origem?

I: Isso eu nunca passei, sempre fui bem aceito aqui no Brasil.

E: Houve alguma dificuldade de adaptação à língua portuguesa do Brasil?

I: Não, não houve não, sempre vivi aqui, foi

E: Quando do nascimento dos filhos, houve alguma preferência entre o Brasil e Portugal?

I: Não, eu sempre quis que fosse aqui, foi aqui que eu conheci minha mulher e é claro que eu preferia que nascesse aqui no Brasil.

E: Como se sente diante das piadas e críticas feitas aos Portugueses?

I: Ah, eu me sinto bem... eu sou um cara praticamente analfabeto, né? Mas sempre achei legal a brincadeira.

E: Houve alguma dificuldade quando da procura de emprego?

I: Não, nunca tive dificuldade, eu já cheguei aqui no Brasil eu já tinha a profissão, eu cheguei aqui e dois dias eu já tinha o emprego.

E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?

I: Aqui não é alto, em Portugal o custo de vida é mais alto, bem mais alto.

E: Quantos Estados já visitou no Brasil?

I: No Brasil eu conheço muito pouco, a minha vida foi sempre trabalhar, nunca gostei muito de passear. Eu sempre trabalhei aqui no Brasil pra poder ter alguma coisa .

E: Mas conhece algum outro estado?

I: Conheço, conheço bem

E: Qual gostaria de conhecer?
I: Não, não teria muita curiosidade.
E: O que mais aprecia no Brasil?
I: Eu gosto de tudo, mas as preferências são as mulheres.
E: Única preferência são as mulheres?
I: É .
E: Alguma vez já visitou os seus familiares que residem em Portugal?
I: Já visitei umas três vezes.
E: Você pretende permanecer no Brasil ou tem vontade de voltar para Portugal?
I: Eu prefiro ficar aqui porque eu trabalho, eu consegui o que queria, eu prefiro ficar.
E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-lo?
I: Não, nunca vieram.
E: Você teve poder de decisão ou influência na decisão de vir pra cá?
I: Na época meus pais não tinham salário
E: Então foi a favor?
I: Eu era muito novo, eu tinha que trabalhar e era um campo pra eu trabalhar.

JOÃO

E: Sexo
I: Masculino
E: Faixa Etária:
I: Acima de 61 Anos
E: Nacionalidade:
I: Portuguesa
E: Descendência:
I: Filho De Portugueses
E: Grau De Escolaridade:
I: 1º Grau Completo
E: Estado Civil:

- I: Casado
- E: Há quanto tempo reside no Brasil?
- I: Quarenta e oito anos.
- E: Qual o motivo da sua vinda para o Brasil?
- I: Para Ter Uma Vida Melhor
- E: Já passou por algum tipo de discriminação com relação a sua origem portuguesa?
- I: Ao contrário, me adaptei muito bem com meus colegas brasileiros, gente maravilhosa, que só tenho que dizer bem do Brasil e do povo brasileiro.
- e: Houve alguma dificuldade de adaptação à língua portuguesa do Brasil?
- i: Não, pelo contrário. me adaptei muito bem e continuo a ter orgulho de estar no Brasil e com adaptação ao brasileiro que tem sido das melhores.
- e: Quando do nascimento dos filhos, houve preferência entre Brasil e Portugal?
- i: Não, pelo contrário. orgulho-me das minhas filhas serem brasileiras porque eu amo muito o Brasil e amo muito as minhas filhas.
- e: Como se sente diante das piadas e críticas feitas aos portugueses?
- i: É uma mera brincadeira e eu também brinco. e geralmente elas são dirigidas respeitavelmente como eu dirijo respeitavelmente ao brasileiro. Portanto não tem maldade nenhuma com as piadas, não levo a mal não.
- e: Houve alguma dificuldade quando da procura de emprego?
- i: Não, pelo contrário, tive oportunidade de trabalho por todo o lado e, graças a Deus, e ao bom povo brasileiro nunca me faltou trabalho. Sempre fui bem atendido onde estive trabalhando e só arranjei amizades.
- E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?
- I: O custo do Brasil, eu sempre achei que a vida aqui sempre foi mais barata, mais facilidade de se comprar e mais barato do que em Portugal.
- E: Quantos Estados já visitou no Brasil?
- I: O Estado do Rio, Estado de São Paulo e Estado de Minas.
- E: O que mais aprecia no Brasil?
- I: As paisagens lindas que tem, principalmente o Rio de Janeiro, pra mim é a cidade mais linda no mundo. e todo o Estado do Rio. e de minas também é muito lindo, o Brasil é maravilhoso, maravilhoso. aqui é um sonho.
- E: você se sente discriminado por ser filho de portugueses?
- I: Não.

- E: Alguma vez já visitou os seus familiares que residem em Portugal?
I: Várias vezes.
E: Você pretende permanecer no Brasil ou tem vontade de voltar para Portugal?
I: Não, eu pretendo viver o resto da minha vida no Brasil, perto das minhas filhas e dos meus netos porque eu adoro o Brasil.
E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-lo?
I: Só uma sobrinha, que ficou encantada.

JOÃO ESTEVES AFONSO

(quer ser identificado pelo próprio nome, pois apelido não tem)

Local: Rua Barão de Mauá, 324 , no estabelecimento comercial

- E: Sexo
I: masculino:
E: Faixa Etária:
I: “Eu? Idade? Fala baixo. Acima de 60, 88 anos. Nasci em 1921”
E: Nacionalidade:
I: Portuguesa
E: Qual a sua descendência?
I: Mãe e pai portugueses, e aliás o meu pai esteve aqui 20 e tantos anos no Brasil e depois é que ele foi lá e casou com a minha mãe.
E: E aí ele ficou lá?
I: Ele ficou lá. Este 20 e tantos anos aqui no Brasil. Depois eu vim e mais os meus tios. Quem me trouxe para o Brasil foi meu tio. Meu tio. Eu vim com meu tio e com a minha tia. Eu tinha meus dezessete anos de idade. Dezessete anos.
E: Quanto ao grau de escolaridade, quanto o senhor freqüentou a escol?
I: Eu só tenho mesmo o 1º grau completo.
E: Qual o seu estado civil?
I: Eu sou viúvo. Agora , atualmente, né? Fui casado, mas minha patroa morreu.
E: Há quanto tempo reside no Brasil?

- I: Desde 1940. Cheguei aqui em 1940.
- E: Qual a sua profissão?
- I: Comerciante. Mas já tive alfaiataria. Alfaiataria é comércio realmente. Comerciante.
- E: Qual o motivo da sua vinda para o Brasil?
- I: A minha vinda para o Brasil, porque eu acho que todo português (risos) tem uma ilusão danada para vir para o Brasil (risos). Só não vem. Todo mundo gosta de vir. Olha, lá no meu lugar tinha diversas, diversos brasileiros daqui a porcamente a gente chama eles de brasileiros como chamam lá em Portugal, né? Mas são portugueses. Mas tem uma porção deles lá. Lá no meu lugar. Mas a gente daqui do Brasil que que ficam aqui muitos anos, não é? E depois vão embora e ficam lá mesmo. Aliás o meu pai foi um deles também. E isso aí.
- E: Já passou por algum tipo de discriminação com relação a sua origem?
- I: Não. Discriminação... tô sendo bem recebido. Graças a Deus. Aqui mesmo no Brasil não tenho queixa nenhuma, até me dei muito bem.
- E: Quer dizer que o “brasileiro é gente boa” ?
- I: Ah, muita boa. Agora sinceridade. Não tenho queixa mesmo, não. Nunca fui desfeiteado por ninguém, nunca fui maltratado. Sempre o pessoal me tratando bem... Tive comércio, todo mundo me deu apoio, graças a Deus.
- E: Houve alguma dificuldade de adaptação à língua portuguesa do Brasil?
- I: Não. Eu não tive dificuldade nenhuma, nenhuma. Entendia bem, e as pessoas me entendiam a mim... também. A mesma coisa. É uma dificuldade muito pouco, muito. Aqui nós temos um sotaque um pouquinho diferente, né, mas a palavra é a mesma coisa. Aqui fala-se a mesma coisa de bem como se fosse Portugal. Mesma coisa, não tem modificação nenhuma.
- E: Como se sente diante das piadas e críticas feitas aos portugueses?
- I: (risos) Sabe o que eu acho? Acho muito interessante. É . As piadas assim, gosto até de escutar, sabe que... é uma beleza!!! Acho bom mesmo.
- E: Quando o senhor conta piadas põe o brasileiro?
- I: Eu quase não conto mesmo assim, piada assim de brasileiro assim, não, mas é difícil. Essas piadas assim. Eu quase não conto mesmo assim piada de port... de brasileiro. Lá de vez em quando eu faço uma piadazinha, gosto. Como aqui é a mesma coisa... é o mesmo... é espécie de ciúme que eles têm um... ciúmes do

brasileiro e o brasileiro tem ciúme do português. Isso é uma coisa, né? Que que eles são bem que vou dizer com sinceridade. Eu acho que o português se dá muito bem. Quando eu vim pra qui eu me senti como estava na minha terra, porque a modificação de de da da de falar, o sotaque, isso é muito pequeno, né? Muito pequeno, né? Principalmente porque certos em certos lugares em Portugal, tem um sotaque mais carregado um pouco, entendeu? Mas aonde eu morava, em Monção do Minho, o sotaque daqui é o mesmo de lá. Quer dizer então eu não estranhei mesmo nada. Não estranhei nada mesmo.

E: Houve alguma dificuldade quando da procura de emprego?

I: Não, não. Bom, quando eu vim, eu vim com os meus tios. O meu tio já tinha estado aqui, muitos anos... meu tio, minha tia, né. Então eles me trouxeram para qui. Mas quando eu cheguei aqui eu arranjei logo emprego. Eu fui trabalhar na Fábrica Nacional de Motores. Eu lembro naquele princípio que houve aquele negócio de fábrica de só motores eu arranjei um rapaz conhecido, era empreiteiro lá, e ele me levou pra lá. Eu trabalhei uns tempos lá, na F. N. M. depois de lá eu vim pra qui, comecei a trabalhar no comércio, ali no Gragoatá, trabalhei no armazém, trabalhei em padaria, né? Aí então é que eu passei pra minha profissão, que eu era alfaiate, mas eu não tinha o curso completo de alfaiate. Aí então eu comecei a trabalhar com o meu tio, no emprego do... e eu trabalhei dez anos com o meu tio, quando o meu tio era alfaiate aqui no Brasil. Ele já foi daqui e da Portugal mas sendo ele o alfaiate. Mas eu não, quando eu vim, eu não comecei logo a trabalhar com ele não. Aí trabalhei em diversos lugares aí, aí e depois ele disse: - Mas espera aí, você pode aprender, acabar de aprender um ofício, você num sei que, muito melhor pra você. Aí comecei a querer curso, tirei o curso de alfaiate, tirei diploma, tenho tudo. Trabalhei muito pra senhoras. Muito. Cada roupa bacana. Alfaiataria é bacana mesmo. Aí foi mais ou menos que eu tive alfaiataria vinte e oito anos. Tive aqui na Ponta D' Areia mesmo. Aqui nesse salão mesmo, esse salãozinho aqui pegado. Eu tive uma alfaiataria aqui. Trabalhei pra senhora, pra militar. Tudo. Qualquer peças de senhoras. Aqueles costumes que antigamente se vestiam muito bem, né? Qualquer peça de senhora. Aquele costume muito bem talhado, trabalhei muito nisso. Até minha... diploma de alta costura. Aí levei esse tempo todo, fui levando por isso. Como diz o ... aquele como é?? ... aquele" deixa a vida nos levar, vida leva eu".

- E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?
- I: Não . O custo de vida em Portugal é relativo, mais ou menos, o custo de vida mesmo padrão mais ou menos. Atualmente, o que está aqui, está lá também. O custo de vida é a mesma coisa, viu? Tem uma gente que tem dificuldade, outros têm mais facilidade. Aquela coisa toda. A mesma coisa que estivesse aqui. Não vive todo mundo numa boa, não, não, não é? Tem uns que vivem um pouco difícil. Agora já tem outros que levam uma vida melhor, são mais ricos. Também vai muita gente rica daqui do Brasil. Fica lá... também, né? Aí já dá trabalho pra aqueles outros também que precisa. Aí chega lá, mesma coisa que aqui. Trabalho... Lá é a mesma coisa que aqui. Aqui não se procura serviço, de um lado, de outro? É a mesma coisa também. Só o conhecimento de um lado, de outro. Eu considero o mesmo tipo, né? O mesmo tipo. Agora, eu me dei muito bem aqui no Brasil, sabe? Eu me senti muito bem, muito bem mesmo. Sinceridade. Meu pai esteve aqui 20 anos, foi pra lá com o pessoal lá... tal, porque lá o pessoal é bom, mas tem que ter ca... Não , deixa comigo. Eu era praticamente criança, mas o único que saiu de casa fui eu.
- E: Com este olhinho azul o senhor deve ter dado trabalho...
- I: Não vou dizer que fui descartado não.
- E: As moças eram mais recatadas, não é, seu João?
- I: Naquele tempo também era mais difícil, né? Hoje tá uma facilidade danada. Mas naquele tempo era difícil pra arranjar uma namorada. Não é? Responsabilidade ... da responsabilidade. É mesmo. Aquela responsabilidade, casava-se, tinha os filhos. Aquela responsabi... aquela responsabilidade... ahn, já conta com isso
- E: O senhor costuma viajar pelo Brasil?
- I: Não. Eu aqui... só, só, só. Só viajei foi em São Paulo, fui a São Paulo e conheço o Estado lá fora Recife, né? Esse Estado lá porque na viagem pra cá eu sempre dei um agrado lá num lado, no outro e aí é que eu conheço um pouco só. Mas aqui mesmo, aqui no Rio, eu conheço a parte no Rio, quase toda. Isto eu conheço. Não tem uma esquinazinha que não conheça mais e São Paulo também, conheço um bocado. São os mais conhecidos meus. O resto...
- E: O que mais aprecia no Brasil?
- I: Olha, o que mais aprecio aqui no Brasil é que tem mulher muito bonita (com ênfase) aqui no Brasil. As mulheres são muito bonitas. E são muito dadas como

peessoas. Não sou... As mulheres aqui são... elas são dadas... a pessoa tem... elas são dadas. Você conversa com elas, não são mulheres de... de assim esculhambar a pessoa, aquela coisa toda. A gente conversa... aquele jeitinho brasileiro (rios). Muito bacana. Bom, eu não posso falar nada mesmo do Brasil, porque eu vou dizer com sinceridade. O Brasil... eu sou português, mas meu coração tá bem dividido entre os dois. Tanto gosto de Portugal, porque foi onde eu nasci, aquela coisa, mas eu gosto também do Brasil. Mas eu também tenho meus filhos, tenho meus netos, tenho meus bisnetos, não é? Tem tudo aqui. Mas eu adoro o Brasil.

E: Quantos bisnetos o senhor já tem?

I: Tenho 2, 3, 4 bisnetos. 6 netos e 4 bisnetos

E: O senhor, antes de nós começarmos a entrevista, disse que já foi a Portugal. Quanto tempo a senhor ficou lá, quais os lugares o senhor visitou?

I: Eu estive em Lisboa, Porto e corri o Minho, a parte do Minho, né? Moção do Minho, Valença é... Valadares. Toda aquelas partes do Minho eu corri aquilo tudo ali, antes de vir pra cá outra vez.

E: E o senhor viu muita diferença de quando veio para cá pela 1ª vez? Já havia modificações?

I: Sim. Naquele tempo já tinha bastante modificação. Tinha bastante... Pra melhor... modificaram bastante lá. O Salazar foi um presidente muito bom, né? É, eu achei. Naquele tempo lá de coisa, ele era muito inteligente, muito inteligente, professor, ele, muito inteligente, eu achei que ele fez muita coisa por Portugal, pelo menos na educação, coisa, achei bastante...

E: É interessante como difere a opinião dos portugueses em relação a ele. Alguns portugueses vieram corridos?

I: Eu, por exemplo, meu irmão serviu militar, o Eduardo, o mais velho. Depois ficou na na Alfândega, em Lisboa. Saiu de militar, ficou em Lisboa, morando e tudo. Esse meu irmão. Quer dizer, quando eu cheguei lá, encontrei todo mundo bem, melhor, parece que melhor, muitas mais obras feitas, outras coisas mais, quer dizer, isso aí vem desenvolvendo, né? Em certa, na cultura mesmo achei bastante desenvolvido, certo?

E: O senhor pretende permanecer no Brasil ou tem vontade de voltar para Portugal?

I: Não, agora, no momento, eu vou dizer a que dizia (intel.). mas vai ser difícil eu voltar pra Portugal. Pra morar mesmo, vai ser muito difícil, porque, olha, eu tenho aqui 3 filhos, duas moças, a senhora daquele, o meu genro e a Conceição também. Mora ali na pracinha. A senhora não conhece Conceição não, não é? Ela é professora, ela dá aula até em dois colégios... no Estado. Essa também é professora é... mas não quis ser professora. O Antônio casou, que ela gostou e tal. Mas a outra, não. A outra é senhora de um tenente da Polícia Militar, gente muito boa, também. Ela tem 2 filhos, um, o Fernando, tem um que vai se formar médico agora, já está lá trabalhando lá no Hospital da Polícia Militar e tem outro filho, outro neto que vai se formar juiz e advogado. Gente boa! Se você conversar com ele sobre tudo, simples, são uma beleza. São igual ao vô. A mesma coisa. A mesma coisa. Então quer dizer essa aí também tem 2 filhos também. Todos são ótimos garotos, tanto o filhos do Antônio, são dois netos também, uma beleza. Tem esse João aí que tem duas filhas, né? Uma beleza também. Eu não posso falar nada, né. Então eu vou dizer com sinceridade. Eu me sinto tão bem aqui no Brasil, né? Acho que vou acabar morrendo aqui mesmo.

E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-lo?

I: Meus parentes de Portugal.... só esteve aqui quem..... deixa eu ver. Não, teve um primo que estava no Rio. Morou até muito tempo no Rio. Depois ele foi embora pra Portugal. Mas também, também era comerciante também. Mas esse... Ele teve um bocado de anos no Brasil. depois foi pra Portugal. Tá pra lá. Teve esse primo e teve os meus primos também. Meus tios vieram a passeio, não é? Meu tio, minha tia, essa coisa toda. Mas foram embora pra Portugal ,também ficaram pra lá também. Quer dizer, só parente mesmo foi esse mesmo. Só . Meu... esse irmão nunca veio aqui. Tem as duas irmãs também. Mas também nunca vieram aqui. Então são lisboetas, aquelas são lisboetas mesmo. Casaram em Lisboa e ficaram mesmo lá, tanto a mais nova e a mais velha. Ficou tudo lá em Lisboa. Só eu que.... vim pra qui e fiquei aqui mesmo.

E: Quando o senhor veio, foi por decisão sua ou foi por algum...

I: Não foi , foi pela visita de meu tio lá. Meu tio tava aqui no Brasil, meu tio, meu tio e minha tia, né. Aí foram a Portugal, aí ele cismou de me trazer e eu também, eu doido pra vir cá. Eu doido por conhecer o Brasil. Agora meu tio é que me trouxe pra cá.

- E: É, o Brasil fez uma boa aquisição. O Brasil ganhou, com toda certeza. O senhor é uma pessoa simpática, trabalhadora. O país só ganha, quando tem alguém que se destina mesmo a contribuir com o país.
- I: Trabalhei muito mesmo. Trabalhei muito na F.N.M., pra fazer aquela fábrica nacional. Eu conheço aquilo lá tudo. Trabalhei muito, mas muito, mas muito mesmo. Trabalhei aqui, voltava pra lá outra vez... até acabar aquilo lá. Dei muito progresso ao Brasil, graças a Deus. Estou muito satisfeito com isso
- E: O senhor quer fazer mais alguma observação?
- I: Não..... a minha observação, só o que vou dizer com sinceridade. Eu estou muito satisfeito no Brasil. Brasileiro é tão ótimo, são ótimas pessoas, não tenho queixa de ninguém, mas não tenho mesmo. Porque se não vou fazer queixa deles não quero não. Os governos todos podem, têm tido bons, eu tenho ganho dinheiro em todos os governos, tanto no tempo do... do Fernando Henrique como no.. como no tempo dos outros. Todos aqueles, todos eles eu ganhei dinheiro. Trabalhava, não era vagabundo, como diz o outro. Trabalhava, mas posso falar com sentimento: estou me sentindo bem mesmo. Sinto-me realizado. Com sentimento.

JOAQUIM

- E: Sexo:
- I: Masculino
- E: Faixa Etária:
- E: Nacionalidade?
- I: Portuguesa
- E: Descendência?
- I: Também portugueses
- E: Grau de Escolaridade?
- I: Primeiro grau completo
- E: Estado Civil?
- I: Casado.

E: Idade

I: 61 anos.

E: Há quanto tempo reside no Brasil?

I: 30 anos. Não 30 não, 40 anos.

E: Qual a sua profissão?

I: Comerciante, na Fróes da Cruz.

E: Qual o motivo da sua vinda para o Brasil?

I: A minha vinda foi um quadro... foi por causa da guerra de Angola. Eu tenho dois primos que foram pra lá. Aí um dia de domingo, passou um corpo de bombeiros com dois caixões. Mas ninguém sabia quem era. Aí eu , provavelmente, eu tinha que ir pra Angola, já ia fazer 18 anos. Eu , quando vi meus primos mortos, aí eu vim pro Brasil. Quando vim pra cá lá não havia emprego muito não. É... muito unitário. Hoje não, hoje lá o futebol se industrializou como qualquer outro pelo mundo.

E: Teve alguma dificuldade de arrumar emprego aqui?

I: Não, não, porque eu passei quatro anos e meio numa firma só.

E: Houve alguma dificuldade de adaptação à língua portuguesa do Brasil?

I: Não, não, é muito igual.

E: Já passou alguma discriminação por sua origem portuguesa?

I: Em parte, já. Tem pessoas que não sei o que eles pensam e dão aquela indireta. Lá em Portugal é tudo diferente. O povo é muito bem tratado. A gente aqui é... cada classe vai... vai..

E: O que o senhor acha das piadas e críticas feitas aos portugueses?

I: Ah, isso não, isso é mais gozação do que outra coisa, não...

E: Quando do nascimento dos filhos, houve alguma preferência entre o Brasil e Portugal?

I: Tenho um filho, sem preferências.

E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?

I: Bem mais barato., aqui que o de for, bem mais barato..

E: Quantos Estados já visitou no Brasil?

I: Minas, São Paulo, Rio Grande e Santa Catarina só.

E: Qual gostaria de conhecer?

I: Oh, rapaz, todos eles.

- E: O que mais aprecia no Brasil?
- I: Oh, rapaz, o Brasil é um país que pra mim foi feito por violão para o homem. Tem tudo que é bom aqui, principalmente no Rio de Janeiro que tem tudo que é natural. A beleza do Rio é a beleza natural que tem.
- E: Alguma vez já visitou os seus familiares que residem em Portugal?
- I: Já, já, eu fui em Portugal 25 anos depois. Já tinha morrido meu pai e minha mãe. Já fui lá umas oito vezes.
- E: Você pretende permanecer no Brasil ou tem vontade de voltar para Portugal?
- I: Olha agora não, já estou aqui há 40 anos, e vou fazer o que lá? Não, não
- E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-lo?
- I: Muitos. Eles vinham porque vir aqui ao Brasil é normal, porque gastar aqui é completamente diferente do pessoal daqui.

JOAQUIM MANUEL

Local da Entrevista: Casa das Fechaduras (Diretor)

E: Como gostaria de ser identificado?

I: Joaquim Manuel

E: Sexo:

I: Masculino

E: Faixa Etária:

I: 36 anos

E: Nacionalidade:

I: Portuguesa.

E: Descendência:

I: Filho de Portugueses.

E: Grau de Escolaridade:

I: Superior Completo.

E: Estado Civil:

I: Casado.

- E: De que região a sua família é de Portugal?
- I: Sou de Trás dos Montes, norte de Portugal.
- E: Há quanto tempo reside no Brasil?
- I: Resido no Brasil há 35 anos, vim pra cá com 1 ano e dois meses.
- E: Qual a sua profissão?
- I: Sou administrador de empresas.
- E: Qual o motivo da sua vinda de seus pais para o Brasil, na época?
- I: Foi o motivo de todos os imigrantes, quando vêm pra um país que não é de origem, que é de imigração, buscar uma vida melhor, buscar oportunidade que o país na época proporcionava, não aos imigrantes portugueses como os italianos, colônia japonesa e outras colônias que se instalaram no Brasil.
- E: Qual a influência da cultura portuguesa em sua vida, tendo se radicado aqui no Brasil, desde um ano de idade?
- I: Olha, a influência é mais até nos hábitos alimentares, na comida típica portuguesa, que é o caldo verde, que é a sopa antes das refeições que os portugueses lá faziam isso, é o bacalhau, o tradicional bacalhau e culturalmente também isso aí influencia, não só na minha família como também no Brasil, que é um país de formação portuguesa, né?
- E: No aspecto de criação, existe alguma diferença de ser criado por pais portugueses do que a criação feita aqui no Brasil?
- I: Não, não, não, não vejo diferença, não.
- E: Já passou por algum tipo de discriminação com relação a sua origem?
- I: À época de garoto, assim de colégio sempre tinha piadinha, ainda mais com o nome de Joaquim Manuel. As piadas eram de Joaquim ou Manuel. Então não tinha por onde escapar. Eu sentia a brincadeira, mas levava na esportiva e isso nunca me atrapalhou em nada, não.
- E: Houve alguma dificuldade de adaptação à língua portuguesa do Brasil?
- I: Eu fui criado aqui e aprendi a falar com ela também. Eu aprendi a falar no Brasil. Então, existe mais dificuldade eu estando em Portugal e os portugueses me entenderem do que eu entender o português. Porque meus pais vieram de Portugal com sotaque e ainda têm sotaque português. Só que eu não tenho sotaque nenhum português. Eu aprendi a falar no Brasil. Então, quando eu vou lá é que o pessoal sente dificuldade, um pouquinho.

- E: Quando do nascimento dos filhos, houve alguma preferência entre o Brasil e Portugal?
- I: Eu tenho uma filha brasileira.
- E: Como se sente diante das piadas e críticas feitas aos Portuguesas?
- I: É, como eu falei, não vejo isso nem como crítica. Eu vejo isso mais como uma forma de carinho. A brincadeira, na realidade, não é discriminativa, e sim uma piada sutil em questão de das situações que os portugueses teoricamente acontece nas piadas. Mas nada discriminativo não.
- E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?
- I: O custo de vida no Brasil hoje, na realidade, ele é quase igual ao português, porque hoje infelizmente se ganha pouco pelo sistema que o governo está adotando econômico e o custo de vida em relação a Portugal é barato, mas como se ganha pouco no Brasil, se torna-se caro o custo de vida aqui, mas lá em Portugal o custo de vida lá é caro, mas se ganha muito. Então, acaba se equiparando uma coisa a outra.
- E: Quantos Estados já visitou no Brasil?
- I: Já visitei quatro Estados.
- E: Tem algum que você gostaria de conhecer em particular?
- I: Tem, que é o Mato Grosso.
- E: O que mais aprecia no Brasil?
- I: Não tem como você distinguir. O Brasil é tudo maravilhoso. O Brasil é terra abençoada por Deus, não tem terremoto, não tem problema é... maremoto, o clima aqui você tem neve e tem verão, tem outono tudo ao mesmo tempo, o que se planta no Brasil, mais dá tudo. Você aqui colhe tudo, você colhe uva, você colhe pêra, maçã, colhe o que você plantar nessa terra. Graças a Deus dá. O único problema que o Brasil tem é político, não é da terra nem do povo., pelo contrário o povo até é o melhor povo e o mais carinhoso que tem no mundo hoje.
- E: Alguma vez já visitou os seus familiares que residem em Portugal?
- I: Já , já fomos lá visitá-los também.
- E: Você pretende permanecer no Brasil ou tem vontade de voltar para Portugal?
- I: Não, não. Pretendo morrer aqui no Brasil, se Deus quiser.
- E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-lo?
- I: Já, já vieram sim.

JORGE GOMES SALGADO

E: Sexo

I: Masculino

E: Faixa Etária:

I: de 41 a 60 anos

E: Nacionalidade:

I: Portuguesa, naturalizado brasileiro

E: Descendência:

I: Filho de Portugueses

E: Grau de Escolaridade:

I: Superior Completo

E: Estado Civil:

I: casado

E: Há quanto tempo o senhor reside no Brasil?

I: Quarenta anos.

E: Qual a profissão do senhor?

I: Profissão? Comerciante.

E: E o senhor trabalha em quê?

I: Aqui no hotel. Hoteleiro.

E: Qual o motivo da sua vinda pro Brasil?

I: Motivo? Foi pra não ir pra África. Pra não ir pra África eu pedi por obséquio a meu pai pra vir pra cá.

E: E o senhor já passou algum tipo de discriminação em relação a sua origem?

I: Não. Se passei também não ligo pra isso não. Isso era há quarenta anos atrás, sempre existia alguma coisa. Hoje as coisas mudaram, né.

E: O senhor teve dificuldade pra se adaptar a língua portuguesa no Brasil?

I: Não, nenhuma.

E: Quando do nascimento dos seus filhos, o senhor teve alguma preferência de eles nascerem no Brasil ou em Portugal?

I: Não, não. Não, eu fiz a minha vida aqui, então eles tinham que nascer aqui.

E: Como o senhor se sente diante das piadas e críticas feitas aos portugueses?

I: Acho uma piada isso. [risos] É uma piada.

E: O senhor teve dificuldade em procurar emprego?

I: Não, não. Eu só tive um emprego na minha vida só.

E: O senhor acha que o custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?

I: O quê?

E: O custo de vida? É igual ou é mais alto.

I: É mais alto porque lá os salários são mais altos, né. Então os salários são mais altos, o custo de vida tem que ser mais alto também, né. Mas mesmo assim lá acho que fica bem mais fácil de viver.

E: Quantos Estados o senhor já visitou no Brasil?

I: Aqui? São Paulo e Minas só.

E: O que o senhor mais aprecia aqui no Brasil?

I: É o clima e a natureza, né.

E: O senhor se sente discriminado por ser filho de portugueses?

I: Não, porque eu sou naturalizado brasileiro. [risos] Não tem nada a ver com isso.

E: Alguma vez o senhor já visitou os seus familiares que residem em Portugal?

I: Já, já, já.

E: Quantas vezes?

I: Duas. Duas. Maria do Céu: Só foi duas, só?

I: Só.

E: O senhor pretende permanecer no Brasil ou tem vontade de voltar pra Portugal.

I: Não, aqui. Permanecer aqui. Em Portugal é só a passeio.

E: Seus parentes que residem em Portugal, já vieram ao Brasil para visitá-lo?

I: Já, várias vezes, já.

E: Primos,... ?

I: Irmãos, sobrinhos, cunhados.

E: O senhor veio por causa da guerra?

I: Foi.

E: Tá bom.

I: Só isso?

E: Só isso.

JORGE LUIZ

Local da Entrevista: Comércio na Rua Coronel Gomes Machado

E: Como gostaria de ser identificado?

I: Jorge Luiz

E: Sexo:

I: Masculino

E: Faixa Etária:

I: 41 anos

E: Nacionalidade:

I: Brasileira

E: Descendência:

I: Filho de portugueses

E: Grau de Escolaridade:

I: 2º Grau Completo

E: Estado Civil:

I: Casado

E: Qual a sua profissão?

I: Comerciante , no ramo de bares

E: Qual a influência da cultura portuguesa em sua vida?

I: è tudo. Tudo que tem na minha vida é influência portuguesa, no comércio, tudo.

E: Como se sente diante das piadas e críticas feitas aos Portuguesas?

I: Tranquilo, problema nenhum.

E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?

I: É mais baixo, muita coisa

E: Quantos Estados já visitou no Brasil?

I: Nenhum

E: Tem algum em particular que o senhor gostaria de conhecer?

I: Gostaria de ir ao Sul

E: O que mais aprecia no Brasil?

I: É o clima daqui, que é muito bom

E: Você se sente discriminado por ser filho de portugueses?

- I: Não, nunca.
- E: Você preferia ter nascido em Portugal? Caso positivo, por quê?
- I: Não, não.
- E: Alguma vez já visitou os seus familiares que residem em Portugal?
- I: Também não.
- E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-lo?
- I: Não.

JOSÉ AUGUSTO

Local da Entrevista: na residência

- E: Como gostaria de ser identificado?
- I: José Augusto
- E: Sexo:
- I: Masculino
- E: Faixa Etária:
- I: 65 anos.
- E: Nacionalidade:
- I: Portuguesa
- E: Descendência:
- I: Filho de portugueses
- E: Grau de Escolaridade:
- I: Eu freqüentei o seminário, fiz 6 anos de seminário
- E: Estado Civil:
- I: Casado
- E: Há quanto tempo reside no Brasil?
- I: 40 anos
- E: Qual a sua profissão?
- I: Aposentado Antes era comerciante, trabalhava com representação do Mercado São Sebastião, no Rio, representação de alimentos.

E: Qual o motivo da sua vinda para o Brasil?

I: Eu vim de aventura. Naquela época não tinha família. A gente veio pra cá , talvez estivesse lá e talvez viesse. Não sei.

E: Se Brasileiro, qual a influência da cultura portuguesa em sua vida?

E: Já passou por algum tipo de discriminação com relação a sua origem?

I: Não.

E: Houve alguma dificuldade de adaptação à língua portuguesa do Brasil?

I: Pelo contrário. Não é nada disso. Foi fácil

E: Quando do nascimento dos filhos, houve alguma preferência entre o Brasil e Portugal?

I: Eu só tenho uma filha única, né. Preferência nenhuma, nasceu aqui mesmo.

E: Como se sente diante das piadas e críticas feitas aos Portuguesas?

I: Eu não sou muito de andar nessa badalação, não. Porque eu acho muita coisa aí, como se diz, não é vaidade, né. Eu gosto, levo na brincadeira.

E: Houve alguma dificuldade quando da procura de emprego?

I: Na época não. Naquela época já vinha direto pro trabalho

E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?

I: Muito mais alto.

E: Quantos Estados já visitou no Brasil?

I: Ah, uns 3, Minas gerais, São Paulo, Santa Catarina

E: Tem algum que o senhor gostaria de conhecer?

I: O Nordeste

E: O que mais aprecia no Brasil?

I: A cultura, esta mistificação Ah, é cultura, mistura de raça

E: Alguma vez já visitou os seus familiares que residem em Portugal?

I: Muitas vezes

E: Você pretende permanecer no Brasil ou tem vontade de voltar para Portugal?

I: Continuo aqui.

E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-lo?

I: Já, diversas vezes.

E: Quando o senhor veio para cá veio sozinho?

I: Sim, os meus parentes já estavam aqui.

E: Na época em que eles vieram, o senhor teve alguma influência, foi contra ou a favor quando eles decidiram vir morar no Brasil?

I: Não , eu fui o último a chegar.

JOSÉ COELHO

Local: Rua Visconde de Itaboraí, 195

E: Idade

I: 65 anos

E: Nacionalidade

I: Portuguesa

E: O senhor é filho de portugueses?

I: Não. Nem uma coisa. Sou português mesmo. Pai e mãe portugueses.

E: Qual o seu grau de escolaridade?

I: 1º grau incompleto. Não. Não vou dizer que tenho vergonha. Só 1 ano no colégio. Um ano só e aprendi de aqui, fui me adiantando, com a prática di di colégio, de di di estudo, di di comércio. Aí me deu os graus.

E: Então temos um auto-didata?

I: É. Os meus filhos com 4ª série me perguntavam muita coisa i eu lhe ensinava. Ma, ma, na, ne, na minha época. E na minha época era todo mundo era uma, um ano só. Aprender só a ler e a escrever o nome já saía para trabalhar.

E: Em Portugal isso?

I: Quem era pobre. Hum...Quem era rico, tinha estudos, tinha faculdade. Agora para quem era pobre era aquela lá nos idos, no meio do campo para trabalhar.

E: De onde é o senhor?

I: Pena Fiel. É Pe na Fiel, distrito é pertence ao Porto, mas o meu lugar é Pena Fiel, pertence ao Porto.

E: Quantos filhos o senhor tem?

I: Um casal.

E: Há quanto tempo reside no Brasil?

I: Há 43, 43 anos.

E: Qual a sua profissão?

I: comerciante (restaurante popular)

E: Qual o motivo da sua vinda para o Brasil?

I: Lá não tínhamos meios de trabalho, trabalhávamos numa Quinta, o meu pai e minha mãe com 11 filhos, então eu tive que sa vir para qui pra melhorar na vida, né? Porque lá era muito difícil naquela época.

E: E o senhor era o mais velho?

I: Eu sou o caçula.

E: Ah, é o caçula?

I: Onze irmãos e um caçula (risos) Onze irmãos, já morreram cinco.

E: Já passou por algum tipo de discriminação com relação a sua origem?

I: Graças a Deus, não. Nunca. Só essas piadas que eles contam, aí...mas isso é...se não for piada de português não tem graça (risos)

E: Então o senhor não se incomoda quando contam?

I: Não, não. I i i eu conto também, brinco.

E: E quando conta, conta com o português ou conta com o brasileiro?

I: Não. De português, di brasileiro conto só duas que é para sacanear um pouquinho também o brasileiro(risos).

E: Mas dizem que lá fazem as piadas com o brasileiro?

I: Mas não tem graça, não. Não tem muita graça, não. A graça é o brasileiro contar uma de português, porque ele sabe que é brincadeira mesmo. Então eu não ligo pra isso não.

E: Houve alguma dificuldade de adaptação à língua portuguesa do Brasil?

I: Não. Não houve muito não, apesar que eu fui eu vim morar em Ipanema, quando eu vim , com alguma tia, tia Aminda, que me deu apoio e eu não tive contato assim com a portuguesada. Tanto é que eu sou Flamengo, eu não sou vascaíno porque eu não tive de início, eu não conheci português, então disse que português tinha que ser vascaíno. Então, mas como lá em Ipanema não tive aquela convivência, mas não teve dificuldade, não.

E: E o Senhor veio sozinho?

I: Sozinho. Sozinho pra casa dum tio que tinha aí em Ipanema, que me deu a colheita.

- E: Quando do nascimento dos filhos, houve alguma preferência entre o Brasil e Portugal?
- I: Não. Eu não tive não. Tanto é que tem muitos que eles registram lá..... registram aqui, até espanhóis também. Não nasceram....são brasileiros, são brasileiros. Não tem... não nunca houve essa preferência não.
- E: Houve alguma dificuldade quando da procura de emprego?
- I: Olha, eu a minha tia me pediu o que é que eu queria trabalhar, e eu falei só não queria lavoura, chácara, porque eu já vinha de lá (inteligível) Aí eu dei muita sorte. Aí foi ela me deu, me emprestou um dinheiro, aí eu fui tirar a carteira de motorista profissional e em frente, onde eu morava em Ipanema tinha a Peugeot, que era na Visconde de Pirajá e eu fui lá e ele me deu um emprego, sem saber dirigir, praticamente. Aí ele me deu um emprego Então eu trabalhei ali 5 anos na Peugeot, então eu não tive dificuldade nenhuma. Depois eu comprei uma quitanda aqui na Visconde de Uruguai. De lá vim pra qui. Então não tive. Nunca paguei aluguel diiii nada. Me casei com um apartamento meu. Antes também morava já no que era meu. Então nunca tive dificuldade. Por isso que eu digo que não tem terra no mundo, pra mim, conheço um bocadinho já. Conheço a França, não é muito. A Espanha, fiz uma excursão pra Espanha, pra Portugal. Mas não tem terra igual ao Brasil. Só que a diferença é... isso não. Você não pode mais andar na rua, como país não tem não.
- E: E no Brasil, o senhor já visitou alguns Estados?
- I: Olha, eu conheço um bocado. A parte do sul eu conheço todo. Eu conheço, ele todo porque eu já fui 5 vezes que eu levo o pessoal para lá para excursões. Festa da uva é fácil.
- E: O senhor organiza excursões?
- I: Eu organizei pra Portugal e Espanha. Então eu organizo uma parte. De Minas eu conheço muita coisa também: Poços de Caldas. Minas mesmo a capital, ontem, agora, no sábado, sexta-feira, eu mandei a esposa com meu ônibus porque eu não pude ir pra Campos do Jordão. Agora em julho vou fazer Nordeste todo a desta vez. Então eu conheço um bocado o Brasil. por isso que eu digo quem conhece o sul, o Brasil, isto aqui não podia passar fome ninguém. Minha senhora, ninguém podia passar fome. Lá no meio daquelas Quintas, colhendo uva, colhendo maçã, nós tínhamos acesso a isso, fígos... Uma loucura. É o brasileiro não sabe

aproveitar, né, também não conhece também, não conhece nada. Não conhece nem sei como é que vão ganhar um bom salário-mínimo, conforme tão ganhando, pra ir pra uma excursão. Fica caríssimo. É você vê pra fazer pra julho do ano que vem tou cobrando agora, 200 reais por cabeça pra poder estar tudo pago quando for em julho do ano que vem. Essa essa é o Nordeste, 23 dias, que eu não viajo de noite. É só de dia. Não quero nem saber. É a excursão paga hotel 5 estrelas, ônibus de luxo, comida boa. Acabou tá a excursão feita. Então eu conheço um bocadinho. A parte do norte é que eu não conheço nada, vou começar a conhecer agora no ano que vem.

E: O senhor se sente discriminado por ser filho de portugueses?

I: Não. Pode até haver, mas graças a Deus. Mas eu não, nunca comigo não.

E: Se pudesse optar, onde o senhor preferiria ter nascido ?

I: Pelo que eu passei no Brasil. Porque eu passei muita fome lá em Portugal. Hoje Portugal está uma coisa de espetacular. Mas (intel.) até onde.... Desde que eu nasci até os meus 24 anos, o povo lá era muito sacrificado. Era ... suponha, pãozinho.

E: Quantas vezes o senhor voltou a Portugal?

I: 12 vezes

E: Quanto tempo lá esteve?

I: Sempre dois meses. Agora temos direito quando é mais barato pra indo por 2 meses a passagem dia certo de ir, dia certo de voltar a passagem é mais barata. E agora eles dão 3 meses até. Pra poder ficar naquele 3 meses sendo mais barata a passagem.

E: Nessas idas e vindas, quais foram as modificações que o senhor viu em Portugal?

I: Até 1980, foi tanta modificação , continuaria aí de 80 pra cá eu não sei mum nem como eu vou explicar a você. A modificação foi tão grande, foi tão grande que hoje é uma cidade por contar anos. Só o salário- mínimo são 700 reais daqui. Pra se ter uma idéia, não? E o povo português vive melhor, mesmo que seja a altura mais cara porque todos têm uma agriculturazinha e tudo se planta. Se a senhora for daqui a Maricá a senhora vê uma casa, um pé de laranja, um pé de tangerina. Não tem mais nada. Você vai em Portugal, como eu levei aqueles 40 brasileiros lá, todo mundo tem alface, tomate, pimentão, couve-flor, tronxuda. Tudo tem por eles. Então eles vão ao armazém comprar já arroz, açúcar, o resto tem tudo em casa

- E: O senhor pretende permanecer no Brasil ou ainda tem vontade de voltar para Portugal?
- I: Bom, vou ser sincero. Se eu hoje não tivesse os filhos aqui, que são brasileiros, meus irmãos queriam que eu fosse pra lá, pra ficar lá, porque já daria pra gente ficar lá à vontade. Pelo motivo da criminalidade lá não ter. Aqui você hoje está difícil, embora a opção mesmo, queria... queria não, vou ter que ficar porque eles também não vão. Então vou ficar no Brasil. Se houvesse de meus filhos dissessem papai não quero ficar no Brasil quero ir pra Portugal iria pra Portugal. Tranquilo porque é a terra da gente. Esse negócio de dizer: Ah!!!! É igual a futebol. Pergunta, vão torcer por quem? Não pergunta. Vou torcer pela minha terra que é nossa nação, né? Agora, adoro isso aqui, tenho paixão pelo Brasil e vou ter que ficar aqui mesmo
- E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-lo?
- I: Só dois. Permaneceram por 2 meses em minha casa. A mesma coisa. Ficaram por 2 meses em minha casa
- E: Quais as referências que eles faziam?
- I: Acharam muito lindo. Ficaram encantados. Apesar que não conheceram muito, mas estavam maluquinhos para conhecer Corcovado, Pão-de-Açúcar, São Paulo que eu levei eles então, ficaram encantados. Só que eles de vez em quando como hoje a Globo tá no mundo inteiro e lá é o que manda em Portugal hoje é a Globo, no jornal e televisão o que mostra desses crimes, então eles ficam apavorados hoje. Também agora então que eles mataram os portugueses....isso foi uma coisa.
- E: Os seus filhos são brasileiros?
- I: São.
- E: E eles, já foram a Portugal?
- I: A filha foi 4 vezes e o filho foi 1 vez só. Agora a filha foi 4 vezes.
- E: E quando eles foram tiveram vontade de ficar?
- I: Olha, choraram muito quando vieram. Adoraram Portugal. Eles foram numa época justamente que os meus irmãos todos, jantaram à luz de vela...há muito conforto, carro para passear. Então eles tiveram uma recepção tão bonita que ficaram apaixonados. Justamente eles acham que o que eu conto da minha época é mentira. Tanto é que a filha veterinária arranhou para trabalhar lá, mas tá de namorado, nove anos de namoro e ele acabou não indo. Então, e estão aí todos

dois: ela é veterinária e o menino é formado em comunicação. Menino não, ela tem 30 e ele 28. Moram aqui.

JOSÉ TAVARES

E: Qual a sua profissão?

I: Comerciante.

E: O senhor tem uma padaria?

I: É, só. Mas não é padaria, isto é bar e mercearia.

E: O senhor já passou algum tipo de discriminação em relação à sua origem portuguesa?

I: Ah! Isso aí a gente passa sempre.

E: O senhor pode falar... ?

I: Só em dizer o galego ou chamar de português e etc de uma certa maneira, já é discriminado. É do impacto da palavra, entendeu?

E: O senhor acha que a classificação de português já é uma discriminação?

I: Não, não, não, não, de maneira nenhuma... da maneira que é... que a pessoa pronuncia "português", tá entendendo, a gente não é, eu sou tão brasileiro quanto qualquer um daqui, eu sou nascido e criado aqui. A fisionomia eles pensam que sou, mas não é. É igual o Denorex, parece, mas não é.

E: E o senhor alguma vez já teve algum problema...? O senhor já teve algum tipo de problema por essa classificação?

I: É, já... da maneira que eles falam... que a gente lida no comércio há cinqüenta anos e da maneira que a pessoa fala você sabe quando é... claro, ele quer te atacar e quando ele quer te elevar, entendeu? É isso. Eles querem ver meu bem.

E: Como o senhor se sente diante das piadas e críticas feitas aos portugueses?

I: Ah, não! Isso não tem nada... a piada é o humor, né, uma questão de ferir ninguém. É o humor tanto da parte brasileira quanto da parte portuguesa. Os portugueses fazem piada de brasileiros. Lá em Portugal também tem muita piada de brasileiros, eu estive lá quatro anos e sei. Em Lisboa, principalmente Lisboa.

- E: E o senhor acha que tem algum tipo de...
- I: É, não é tanto discriminado, mas é uma piada sempre botando... normalmente quando um cara faz uma piada de um outro país, ele quer sempre menosprezar aquele país e botar o teu em cima, né, botar no trono. É uma coisa só... é a diferença, mas... É um erro, vamos dizer, é um erro. Tanto é que fizeram esta pergunta ao Max Soares, aí, ele disse, não nada disso, lá também se conta piada de brasileiros, tá entendendo, é o caso.
- E: O senhor não deixou se aborrecer por causa de nenhuma piada?
- I: Não, não, não. Por causa de piada não. Piada é normal, é uma coisa de humor, uma coisa pra gente rir, pra brincar. Pelo contrário, eles falam também as nossas.
- E: E o senhor acha que o custo de vida no Brasil é maior ou mais alto que em Portugal?
- I: O custo de vida em Portugal é maior, porque lá a renda capta é maior do que aqui. Então pela renda capta que nós temos num país Brasil e Portugal é diferente. Tanto é que o salário mínimo lá passa de trezentos dólares e aqui não chega nem a cem dólares, então a renda capta de lá é muito maior do que a daqui, então lá passa a ser o custo de vida maior do que o de cá, porque o dinheiro de lá, vem de lá pra cá, quer dizer, já até... Você compra mais quantidades de certas coisas do que lá.
- E: O senhor acha mais fácil viver aqui ou viver lá?
- I: Olha, pra viver você vive em qualquer terra. Seja em Portugal, seja no Brasil, seja no Japão, seja na América, seja no Canadá, desde que você queira viver você vive. Isso não tem mistério, agora a questão de segurança é que é diferente nos países, né? Não sei se você chegou a escutar há um tempo aqui atrás que a menina, lá do não sei se do Paraná ou se de Minas, foi pra América por causa da falta de segurança e acabou sendo morta lá, nos Estados Unidos. Quer dizer, foi até retalhada e o cara está até condenado à morte, tá até no corredor da morte, vai ser executado, quer dizer, questão de segurança pra viver... desde que você se dê bem na terra que você tá trabalhando e tá normal com tua família, tá tudo bem.
- E: O senhor disse que o senhor morou quatro anos em Portugal pode contar como é que foi?

- I: Morei em Lisboa. Não, nesta época... fui pra lá em sessenta e seis, trabalhei em Lisboa, [...] estive lá quatro anos só. Só que a gente começa a sentir saudade da nossa terra, da nossa pátria, aí você retorna.
- E: O senhor foi trabalhar lá?
- I: Trabalhei lá, trabalhei quatro anos, em Lisboa.
- E: E a sua esposa é portuguesa?
- I: Não... minha esposa é portuguesa, essa...
- E: E o senhor conheceu ela lá ou no Brasil?
- I: Aqui, aqui, aqui. Ela veio pra cá em cinqüenta e dois, ela é mais velha do que eu ainda. Mas foi aqui que eu a conheci.
- E: E quantos estados no Brasil o senhor já visitou, senhor José?
- I: Aqui? Visitar assim mesmo de turismo já foi Minas, São Paulo... É passei, em passagem de viagem, passei por Pernambuco e Bahia. Passagem de viagem, mas não foi... só parou o avião e viemos embora. Agora, passear mesmo foi em Minas e São Paulo e o Estado do Rio.
- E: E o que o senhor mais aprecia no Brasil, senhor José, o que o senhor acha de mais apreciável no Brasil?
- I: De mais apreciável que nós temos? Olha, nós temos várias, várias coisas boas. Nós temos o tempo, nós temos a amabilidade também do nosso povo, a gente tem uns que são mais agressivos, mas a maioria são amáveis, tanto é que você vê, se fala numa coisa de ajudar todo mundo ajuda, com pouco ou com muito todo mundo ajuda, tendo pouco ou muito todo mundo ajuda, é o que nós temos aqui e que você quase não vê nos outros países. Lá também tem alguns também, claro que tem que ter as suas coisas, mas como o brasileiro eu acho que não temos não. E como nosso país não tem, não existe. Nosso país é nosso país. Nós temos o direito de ir e vir, é o que os outros quase não tem, porque eles tem que dar pra onde vão e pra onde deixam de ir. Nós aqui nós temos o direito aberto, ninguém... se você quer passear, passeia, se você quiser trabalhar, você trabalha, se você quiser comer, come, se não quiser comer, não come, então você tem todas as galhardias que nenhum país tem. Isso é o que eu vejo, o que eu vi... principalmente que eu fui ao Canadá, conheço também, eu fui ano passado e lá também não é, é tudo na base da opressão. Em Portugal também, na época que

- tive lá, era na base opressão, porque era tempo de Salazar ainda, Salazar ainda era vivo. Agora não, agora eu não sei como é que é, já tem trinta e três anos...
- E: O senhor mantém algum contato com a sua família lá?
- I: Não, tem família lá, claro. Tem primos, agora meus tios que tinham morreram ano passado, os dois, o resto agora só primos.
- E: E o senhor se sente discriminado por ser filho de portugueses?
- I: Eu não, de maneira alguma. Porque que eu vou ter discriminação por ser filho de portugueses? Muito pelo contrário, eu sou glorificado! Porque foi a nossa descendência que fez o nosso país. Se nós temos estes oito milhões e quinhentos mil metros quadrados, agradeça a nossa descendência, certo?
- E: Mas o senhor alguma vez já se sentiu discriminado por alguém por ser filho de portugueses?
- I: Não, isso não. Isso não.
- E: E o senhor preferia ter nascido em Portugal?
- I: Podia. Como nasci aqui, nascia lá.
- E: O senhor preferia ter nascido lá?
- I: Preferia como, não tem como você preferir. Você não tem a preferência.
- E: É, não, mas se o senhor pudesse escolher ter nascido lá ou ter nascido aqui, o senhor preferia ter nascido aonde?
- I: Aí é que fica a pergunta difícil, você não sabe como você deve responder... A gente nasce onde Deus nos permite nascer.
- E: O senhor tá satisfeito?
- I: Tô, é claro, claro. [pausa] Questão de dialeto lá tem o seu dialeto de lá, nós temos o nosso, né. O modo de falar... nós falamos aqui... você acha que... eu tô sendo perguntador, em que linguagem nós falamos aqui no Brasil?
- E: Falamos o português, mas...
- I: Sim, mas em que... vamos dizer, na parte do verbo, do verbo, do verbo você fala no pretérito perfeito, fala no futuro ou fala no presente, fala no gerúndio,...?
- E: A gente fala mais no presente, né?
- I: Não, a gente fala mais no gerúndio.
- E: Gerúndio?
- I: É. Nós tamos “falando”. Ce tá “andando”.
- E: Fazendo, falando, rindo...

- I: É, então é o gerúndio, não é o gerúndio? Lá em Portugal já fala no presente. Ele tá “a falar”, ele tá “a andar”, só que a gente não fala a “andar”, ele fala “andare”, “a falare”, ele tá “a sorrir”, mas é sorrir, mas o caso é que tem um dialeto próprio nosso.
- E: O que mais o senhor consegue identificar de diferença do que a gente fala pro que eles falam?
- I: Eles falam? Bom, aí tem o... já não digo que é dialeto, é a... Dá-se o nome a isso...
- E: Das gírias...
- I: As gírias, isso, as gírias! As gírias de lá a nossa é outra, totalmente diferente, totalmente.
- E: Mas de estrutura de língua o senhor acha... ?
- I: A estrutura é uma só, a estrutura é uma só. A palavra que você fala aqui fala lá em Portugal, só que nós falamos no gerúndio e lá fala no... acho que é no presente, né?
- E: Senhor Jose', alguma vez o senhor já visitou seus parentes que vivem em Portugal, não já?
- I: Já visitei?
- E: Seus parentes?
- I: Já!
- E: Só dessa vez que o senhor morou lá ou...?
- I: Não, eu já fui muitas vezes lá. A primeira vez que eu fui lá foi logo um ano após a guerra, em 1946, passei três anos lá. Eu era garoto, era pirralho, tava com meus cinco pra seis anos.
- E: O senhor já foi a Portugal várias vezes?
- I: Vim em '49, por acaso nós viemos por ordem expressiva e executado, por ordem do presidente Dutra, na época, que o médico brasileiro lá não queria deixar a minha mão vim com a gente, que a gente era eu e outro meu irmão que eram menores de idade, então foi uma carta do presidente Dutra, assinada por ele dando o regresso dos dois brasileiros com a mãe que estavam em Portugal. Senão ela não vinha não! Nós temos, eu tenho essa... coisa boa.
- E: Bacana.
- I: Isso foi em '49, depois eu fui em '57, estudei lá um ano até '58, aí voltei depois em '66 por minha conta pra trabalhar lá, trabalhei lá quatro anos.

E: Foi a última vez?

I: Não, aí a última vez que eu fui foi em '82. Mas aí fui a passeio, fui ver minha mãe, minha mãe ainda era viva, fomos eu e ela, minha esposa, ficamos lá só um mês e dez dias, mais ou menos. Foi férias que eu tive depois de doze anos de trabalho consecutivo e hoje tô já a vinte e um anos sem ter férias, desde oitenta e dois.

E: O senhor pretende tirar quando?

I: Ah! Mas agora só vou para pra aposentar.

E: Que é daqui a quanto tempo.

I: Ah! Daqui mais uns dois anos, acredito eu.

E: Mas aí são as maiores férias!

I: É, não! Mas aí eu vou aposentar, já tá na época de aposentar, né. Já devia estar até aposentado, que eu rodo este balcão aqui há cinqüenta. Vai fazer dia primeiro de setembro cinqüenta anos.

E: E o senhor pretende depois que se aposentar, continuar vivendo no Brasil ou ir pra Portugal?

I: Não, claro, claro. Saindo daqui desta casa só pro Maruí, que já tem lá um terreno lá pronto. [risos] Já tá lá o terreninho prontinho esperando a vaga. [risos]

E: E os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-lo?

I: Não, não, não.

E: Nunca, nenhum?

I: Nunca, nenhum, não.

E: E o senhor foi contra ou a favor quando seus pais decidiram vir morar no Brasil?

I: Eu nem nascido era! Eles vieram pra cá em '31 e eu nasci dez anos depois!

E: E o senhor pode falar... A sua mãe veio morar no Brasil e depois voltou a morar em Portugal, ou não, só foi visitar?

I: Voltou, voltou, voltou. Voltou a morar. Foi em '46, passou lá três anos, depois voltou, o comércio, depois foi em '57 e voltou em '61, aí retornou de novo, voltou em '65, aí depois retornou, aí só depois só foi voltar em '70, quando eu vim ela veio junto, desta vez veio meu pai e minha mãe.

E: E voltou a morar em Portugal depois de quanto tempo?

I: Depois voltou. Papai faleceu em '72, dois anos depois, não é, e minha mãe só voltou um ano depois em '73, aí depois ficou neste... aí que ela ia e vinha, que eu

pagava a passagem pra ela, ia e vinha. Ficava lá um ano, dois anos, vinha, passava um ano aqui e voltava. Até oitenta e quatro, oitenta e quatro que ela faleceu. Faleceu lá. Papai não, papai faleceu aqui, onde é o terreno que eu tenho...

E: lá no Maruí.

I: Lá no Maruí. Tá lá, ele é meu irmão mais velho.

E: E o senhor se sente mais ligado à cultura portuguesa do que o resto dos brasileiros por ser filho de portugueses?

I: Ah! Tô! Sou mais ligado! Eu sou ligado. Eu sou muito ligado à cultura de lá e cá. Daqui nossa, é claro, né. Porque eu sei das duas, mas lá a gente é ligado também às pessoas de lá, porque a vida nossa... minha vida também foi lá também, como aqui. E como casei-me com uma portuguesa também, minha esposa é portuguesa, estamos ligado, ligados extremamente, tanto lá como cá. Que eu sei da história nossa, que eu estudei aqui, e sei da história de lá também.

E: Estudou lá também.

I: Estudei lá também.

E: Seu José, então é isso, obrigado pela entrevista do senhor.

I: Ficou bom assim?

E: Ficou ótimo! Ficou ótimo!

I: Mas se você quer mais entrevista de coisas aqui do lugar eu também tenho!

E: Sobre o bairro, né?

I: Sobre o bairro.

LEONILDE

Local da Entrevista: Padaria

E: Como gostaria de ser identificado?

I: Leonilde

E: Sexo:

I: Masculino

E: Faixa Etária:
I: 67 anos
E: Nacionalidade:
I: Portuguesa
E: Descendência:
I: Filho de portugueses
E: Grau de Escolaridade:
I: 1º Grau incompleto
E: Estado Civil:
I: Casado
E: Há quanto tempo reside no Brasil?
I: 52 anos
E: Qual a sua profissão?
I: Comerciante do ramo de padaria
E: Qual o motivo da sua vinda para o Brasil?
I: Vim pra estudar, junto do meu pai. Meu pai já estava aqui
E: Já passou por algum tipo de discriminação com relação a sua origem?
I: Não, não, não, nunca, né.
E: Houve alguma dificuldade de adaptação à língua portuguesa do Brasil?
I: Não, faziam chacota, mas nunca me atingiu em nada
E: Quando do nascimento dos filhos, houve alguma preferência entre o Brasil e Portugal?
I: Não, porque eu já estava há vários anos aqui, já me casei com uma idade avançada. Então não teve ...
E: Como se sente diante das piadas e críticas feitas aos Portuguesas?
I: Não agora mesmo não tolero, num... eu sei lidar com a brincadeira.
E: Houve alguma dificuldade quando da procura de emprego?
I: Não, não ,porque meu pai sempre me ajudou, sempre colaborei.
E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?
I: Eu não, eu acho que é melhor. Pelo menos a pessoa sempre tem mais facilidade
E: Quantos Estados já visitou no Brasil?
I: Visitei dois só, São Paulo e Belo Horizonte
E: Gostaria de visitar algum outro?

- I: Não, não tenho preferência não
- E: O que mais aprecia no Brasil?
- I: A liberdade, a liberdade, a democracia.
- E: Alguma vez já visitou os seus familiares que residem em Portugal?
- I: Já, já.
- E: Você pretende permanecer no Brasil ou tem vontade de voltar para Portugal?
- I: Não, voltar ... eu tenho construído família aqui. A minha família já está aqui, já me radiquei totalmente aqui.
- E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-lo?
- I: Já, meu sobrinho e minha irmã.

LÚCIO FERREIRA DE AZEVEDO

Local da Entrevista: Loja Lucius, na Rua da Conceição

- E: Como gostaria de ser identificado?
- I: Lúcio Ferreira de Azevedo (ex- cônsul honorário de Portugal, no Brasil)
- E: Sexo
- I: Masculino
- E: Faixa Etária:
- I: 68 anos
- E: Nacionalidade:
- I: Portuguesa
- E: Descendência:
- I: Filho de portugueses
- E: Grau de Escolaridade:
- I: 2º Grau Completo
- E: Estado Civil:
- I: Casado
- E: Há quanto tempo reside no Brasil?
- I: 52 anos

- E: Qual a sua profissão?
- I: Empresário de Vestuário.
- E: O senhor continua como cônsul honorário de Portugal?
- I: Sim
- E: Qual o motivo da sua vinda para o Brasil?
- I: Eu desde que eu comecei a estudar, já mesmo no 1º grau, que eu via o livro da História e de Geografia também e falava que o Brasil era um continente, que o Brasil era 96 vezes maior que Portugal. Era o objetivo que eu ficava pensando, eu já achava que Portugal era muito grande, né, naquela época, em criança, eu achava que Portugal era grande e imaginava um continente muitas vezes maior, então eu realmente desde garoto que eu sempre achei que o Brasil seria um país do futuro, um país de grandes oportunidades. E fui crescendo, até que aos dezesseis anos eu disse ao meu pai que eu queria ir pro Brasil. Meu pai não aceitou, até porque eu sou filho único e foi muito difícil meu pai deixar que eu viesse pro Brasil. E eu, ao contrário da maioria, que a maioria geralmente vem do interior de Portugal, das aldeias... Eu nasci no Porto, era criado no Porto, tive uma vida de padrão média, média- baixa, naturalmente, mas não me faltava nada e tive que realmente apelar para o meu pai, dizendo o seguinte: daqui a pouco eu vou à inspeção, e quem sabe que eu vou para o exército e quem sabe se eu vou ser destacado para uma guerra, para um lugar qualquer. Comecei a mexer com a parte emocional do meu pai. Meu pai naquela altura chorando e consentiu que eu viesse. Naturalmente eu tinha um tio aqui em Niterói, esse tio se responsabilizou, mandou carta de Chamada, se responsabilizou. Durante dois anos, se eu não me adaptasse, teria que me pagar a passagem para eu vou voltar... e daí chegamos aqui no dia 30 de abril de 1952.
- E: Já passou por algum tipo de discriminação com relação a sua origem?
- I: Na época que eu vim pra cá, em 52, eu fui trabalhar numa casa que tinha mais de 300 empregados, era a Confeitaria Colombo. E muita, muito empregado, muita gente, tinha aquele negócio de um mexer com o outro. O cara que era do sul mexia com o baiano, mexia com o cearense, com o português também, né. Mas nunca coisa de mais que eu me sentisse ofendido não.
- E: Houve alguma dificuldade de adaptação à língua portuguesa do Brasil?

- I: Não, até porque alguns brasileiros, logo que eu cheguei, me perguntavam porque nós entendemos o que você fala perfeitamente e tem portugueses que chegam aqui e a gente não entende o que eles falam? Quer dizer eles têm sotaque. Aqui mesmo no Brasil, se um sulino for conversar com o nordestino ele fica sem entender algumas frases e... em Portugal também acontece isso, embora seja um país menor também acontece do lisboeta ter dificuldade de entender o transmontano, etc. Mas eu vim da cidade, eu acho que até a cidade do Porto tem um sotaque bonito, talvez seja porque eu nasci lá, então eu acho que é bonito.
- E: Quando do nascimento dos filhos, houve alguma preferência entre o Brasil e Portugal?
- I: Não, aqui é a terra deles, onde eu estou.
- E: Como se sente diante das piadas e críticas feitas aos Portuguesas?
- I: Eu levo na brincadeira, Eu levo na brincadeira, porque de vez em quando eu também levo a fazer piada um com outro. Então eu levo na brincadeira. Às vezes eu acho até que tem uma de mau gosto, mas é assim mesmo, mas isso não chega a ser uma ofensa, mas é mais uma gozação, uma brincadeira e eu tolero. Uma das coisas que o português sempre foi muito ofendido, eu também me sinto ofendido, quando o brasileiro chama o português de galego, porque o português não é galego. Agora, isso talvez venha de uma época em que Portugal foi dominado pela Espanha. Então realmente os portugueses, eles estavam sobre o domínio galego, que é a Galiza. Chegando hoje a Galiza, que é uma região que tem uma ,um intercâmbio com Portugal que é fora de série. A região da Galiza tem realmente um intercâmbio muito forte com os portugueses, os portugueses vão a Galiza pra fazer compras, eles vão a Portugal também e o cidadão da Galiza , ele não se ofende de chamá-lo de galego, porque ele é galego. É o mesmo que chamar o português de português, ele não pode se ofender. Certamente, eu acredito que o brasileiro ficou com aquela idéia que o português era dominado pela Galiza, é o galego e tal, mas isso hoje não tem nada a ver. E tem outra coisa, eu nunca vi um brasileiro esclarecido chamar o português de galego. Geralmente é quando o sujeito tem um nível baixo de... ele fala aquilo até que naturalmente e não está nem ofendendo.
- E: Houve alguma dificuldade quando da procura de emprego?

- I: Por acaso, o primeiro emprego que eu tive, quer dizer, primeiro e único ... eu tinha um cunhado da minha tia, não era meu parente, era cunhado porque esse senhor era casado com minha tia. Esse senhor era sócio da Casa José Silva e eu fui lá pra fazer entrevista, para me candidatar a um lugar na Casa José Silva, e quando eles viram que eu tinha conhecimento sobre a parte de confeitaria, porque eu já trabalhava em confeitaria lá em Portugal, quando terminei o 1º grau eu fui trabalhar em confeitaria e fiz o 2º grau trabalhando. Aos 16 anos me instalei, vim pro Brasil, mas realmente eu tinha já conhecimento bom. É e ele disse, se você vier trabalhar aqui na Casa José Silva, você vai ter que começar do zero, você não entende nada de roupas. Então eu comecei a começar do zero e... é... pegar vassoura, espanador. Como você já tem uma base de confeitaria, a base de conhecimento sobre confeitaria, eu vou arranjar pra você trabalhar numa grande confeitaria. E fez um cartão desses dirigido a um dos sócios da Colombo e eu chegando lá, apresentei o cartão e o cidadão olhou, olhou pra mim assim, me achou muito bem vestido, eu com 16 anos tinha dois ternos novos que eu trouxe de Portugal, sapato belíssimo que usava naquela época, e eu estava bem vestido e ele me levou no escritório, me apresentou ao sócio que era diretor da parte de contabilidade, ainda fez uma brincadeira, disse, português agora não está vindo mais tamancos, como nós viemos na nossa época, tá bem vestido e ele traz um cartão do senhor José Vaz Miranda, que era o diretor da Casa José Silva, nós não podemos dizer que não, nós temos que arranjar um lugar pra esse rapaz. Aí me perguntou: que é que você sabe? Além do balcão e da confeitaria você não pode ir, porque as coisas aqui fazem diferença, os nomes, tudo, sabe o que é lata de petipua?
- Não, não sei Ah, e tem um biscoitinho chamado petifur, que se usa na Colombo já há muitos anos, marrom glacê mais não sei que lá. Então você não pode ir pro balcão, mas nós vamos ficar com você. O que que você sabe fazer mais? Eu disse, eu sei História, Geografia, datilografia, tenho o curso de datilografia. Ah, então tá, vais ficar no escritório. E no dia seguinte já fui pra trabalhar no escritório, só que eu não tinha um salário fixo. Eu comecei a perceber que no balcão eles tinham uma ajuda de custo e que era pela comissão que vendiam, e o salário era duas vezes o que eu ganhava. Aí, durante uns oito, dez meses fui três vezes falar com esse sócio, pra pedir pra passar pro balcão. E ele é... no seu lugar queria passar pra um lugar melhor. Eu vim pro Brasil não foi pra ficar num lugar melhor,

quero ganhar dinheiro, no balcão eu vou ganhar dinheiro. Eu quero fazer a minha independência. E eu via lá o cidadão que estava lá trinta ,quarenta anos ser empregado da Colombo e esse não era meu destino. Eu não queria ficar lá toda vida. Aí n a terceira vez ainda não tinha vaga no balcão e eu então o senhor faz as minhas contas que eu vou embora. Tu é maluco, sair de uma firma como essa. Aí não deixaram eu sair. Tá bem, dia 1º você começa no balcão. E no balcão 25 vendedores, com 30 anos de casa cada um. Eu tirei no 1º mês 2º lugar e no 2º mês eu tirei 1º. Quando não tinha serviço, eu ia pra fábrica de confeitaria pra saber, para ver como se fazia os doces, os biscoitos e os salgadinhos. Então eu conhecia já melhor a técnica de fabrico. Aí eu não tive dificuldade nenhuma. E no terceiro ano de balcão, eu sempre visitava o português que trabalhava no Banco Irmãos Guimarães, que era na esquina de Quitanda com Ouvidor. E eu tinha duas horas de almoço, a não ser o dia que eu ia lá conversar com ele tirava quinze minutos, meia hora. E um dia ele me deu um conselho. Disse, olha, você já está lá há três anos e você precisa abrir uma caderneta de poupança, na Caixa. Não abre aqui no Banco não, abre na Caixa Econômica Eu até estou fazendo uma poupança na Caixa Econômica. E ele me deu aquele conselho e no dia seguinte , fiquei na minha, fiquei quieto, e no dia seguinte eu fui fazer o que ele me aconselhou, aplicar as minhas economias. E naquela época eu tinha 300 mil cruzeiros, já na poupança. O salário meu, eu entrei na Colombo com 200 e nessa altura, em 1955,entrei em 52, em 55 o salário mínimo devia estar uns 2400, e eu tinha 300 mil reais. Um garoto da minha idade com uns 150 salários mínimos na poupança já era sinal de responsabilidade. Ele viu, me deu os parabéns e disse: Estou aqui no Banco com 500 mil reais, cruzeiros, a juros , juro barato. Quando quiser se estabelecer, conta com esse dinheiro. Vou te emprestar ao mesmo juros que o banco me paga. Naturalmente era um juros baixo, 1% ao mês. E eu aí já fiquei procurando, também falei com meu tio, se aparecer aí uma confeitaria, uma padaria, vê pra mim que eu vou me estabelecer. Eu tinha 19 anos. Aí apareceu e eu gostei, vim aqui em Niterói, dei o sinal e tinha 30 dias para assumir. Escrevi pro meu pai e pedi pra que ele mandasse uma notificação passada e notório, para que eu pudesse ser comerciante, pra que eu pudesse assumir a responsabilidade de uma pessoa jurídica. Meu pai assim fez e eu me estabeleci no dia 15 de novembro de 1955,com 19 anos e estou até hoje.

- E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?
- I: Quando Portugal tinha a moeda escudo, o custo de vida era muito careiro, mas agora com o euro, o custo de vida em Portugal e na Europa toda aumentou um pouquinho, uma moeda muito forte , aí tem aquela mania de arredondar preços, então vamos dizer que ela dava 19 e uns quebrados, foi pra 20, na moeda atual. Vamos dizer que ao câmbio, para o governo, daria 9 e uns quebradinhos. Isso em um país onde não há inflação, de 2% ao ano no máximo, acho que está na base do real de 2% e que os salários também não aumentam é um aumento de 3, 4%, 5% que já pesam. Hoje, embora Portugal seja um dos países da Europa com um custo de vida mais barato, mas assim mesmo com relação ao Brasil, hoje deve ser de 30 a 40% mais caro, devido a essa diferença de moeda.
- E: Quantos Estados já visitou no Brasil?
- I: Minas Gerais conheço quase tudo. Minas Gerais, são Paulo, Curitiba, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Bahia, Fortaleza, Natal, Espírito Santo, uns 10 Estados mais ou menos.
- E: Tem algum que o senhor não visitou e gostaria de conhecer?
- I: Ah sim, eu pretendo conhecer o Amazonas.
- E: O que mais aprecia no Brasil?
- I: Na realidade, no Brasil eu gosto de tudo. Estou aqui há 52 anos e se não gostasse já teria mudado de terra, mas eu gosto principalmente a simpatia das pessoas, a simplicidade. Aqui no Brasil a gente nota que as pessoas não ficam em cima de um pedestal, coisa que na Europa existe muito isso. Quando tem um cargo mais elevado, acha que é o rei, acha que... já bota uma barreira pra conversar com os outros. E aqui no Brasil nunca teve isso. Pelo contrário, as pessoas... pessoas muito humildes, ou pessoas muito importantes sempre me deram muita atenção e eu sempre respeitei do mesmo jeito. Tanto trato bem um operário quanto trato bem governador, um general. E esse é um dos motivos que, quando eu vou a Portugal, eu comento. O brasileiro é mais aberto, mais expansivo, ele se dá mais, tanto que, quando eu viajo, eu gosto de viajar com brasileiros. Haja visto que eu já fiz uma excursão pela Europa, que é a Europa Maravilhosa, em 13 países, e ao sair daqui eu podia ter comprado pra Portugal, fazia por lá, mas eu já saí daqui junto com os brasileiros e foram 33 dias maravilhosos e..... cheio daquela brincadeira e...

realmente foi bem proveitosa e eu acho que quem não gosta de brasileiro, não gosta de ninguém. O brasileiro é um povo muito dado.

E: Você pretende permanecer no Brasil ou tem vontade de voltar para Portugal?

I: O Brasil passou a ser minha terra desde 1952

E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-lo?

I: Alguns já. Meus pai mesmo, quando era vivo veio aqui me visitar, ficou por seis meses, mas como já tinha uma certa idade e também já tinha se aposentado, não viajava mais, mas ele teve dificuldade de se adaptar aqui no Brasil, devido ao clima. Ele voltou pra Portugal, inclusive já faleceu. Mas tem outros parentes que já vieram aqui e ficaram bem impressionados. Inclusive agora no dia 12 eu estou indo pra lá.

LUIS HENRIQUE

Local da entrevista: UNIPLI

E: Sexo

I: Masculino

E: Faixa Etária:

I: entre 20 e 40 anos

E: Nacionalidade:

I: Atualmente eu tenho a dupla nacionalidade, mas eu sou brasileiro

E: Descendência:

I: Só o meu pai é português

E: Grau de escolaridade:

I: Superior incompleto.

E: Estado civil:

I: Solteiro, graças a Deus

E: Você reside no Brasil desde que nasceu?

I: Sim.

E: Qual a sua profissão?

- I: Sou funcionário público.
- E: Qual a influência da cultura portuguesa em sua vida?
- I: Influência mais nos hábitos alimentares, influenciou muito na infância em relação à música e mais os costumes mesmos que é do meu pai, por ele ser português muita coisa ele adapta ao nosso cotidiano, no Brasil.
- E: Além do seu pai você tem convívio com outros portugueses?
- I: Muitos.
- E: Em relação a sua origem, você já sofreu algum tipo de discriminação?
- I: Tirando as piadinhas de português, nenhuma discriminação.
- E: Houve alguma dificuldade em relação ao uso da linguagem do português ou do brasileiro?
- I: Nenhum, nenhuma dificuldade... no início era complicado entender muitas coisas que o meu pai falava.
- E: Como se sente diante das piadas e críticas feitas aos Portugueses?
- I: Dependendo do tom que elas são feitas, né? Tem pessoas que fazem mesmo pra agredir, outros não, fazem porque ouviu e querem reproduzir porque achou engraçado. Eu não tenho nenhum problema com isso, meu pai tinha muito problema, hoje também não sente, não tem nenhum problema, até faz piada dos portugueses também, normal, hoje em dia é normal.
- E: Houve alguma dificuldade quando da procura de emprego?
- I: Não... Não dificulta e pelo contrário, as pessoas... eu tenho essa dupla nacionalidade por mera vaidade do meu pai e porque pode me facilitar no futuro se eu quiser ir para o exterior, é muito mais fácil.
- E: Alguma vez já visitou os seus familiares que residem em Portugal?
- I: Não. Eu tive oportunidade, mas sofri um acidente, esse acidente me impossibilitou de ir.
- E: O seu pai vai sempre a Portugal?
- I: Ia muito, mas agora com a atual conjuntura econômica tá mais complicado.
- E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?
- I: Custo de vida? Bem, ele nunca participou muito esse assunto com a gente, não... mas a minha irmã volta e meia está indo pra Portugal e ela diz que o custo de vida lá é bem mais caro que aqui... lá gasta-se muito e todo mundo fala.
- E: Quantos Estados já visitou no Brasil?

- I: Já visitei... conheço o Rio, Espírito Santo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul... Paraná eu também conheço, Minas... Bahia, só o sertão, ali as margens do rio São Francisco uma cidade de..... ,é... parte do Mato Grosso, que eu me lembre só, litoral conheço tudo do Espírito Santo até o Rio Grande do Sul.
- E: Tem algum estado que você gostaria de conhecer?
- I: No Brasil? Não tem um Estado específico, mas eu queria conhecer todo litoral nordestino que eu ainda não conheço.
- E: Você preferia ter nascido em Portugal?
- I: Hum... pra mim não tem nenhuma diferença, nasci brasileiro e tá ótimo ser brasileiro.
- E: O que mais aprecia no Brasil?
- I: O povo. O povo caloroso, hospitaleiro... a violência, a gente não conta, porque a violência tem em todo lugar, mas esse carisma do povo brasileiro, esse calor do povo brasileiro, essa hospitalidade do povo brasileiro... a alegria, apesar de... a gente está passando essa crise há muitos anos, mas o povo brasileiro ainda sorri, o povo brasileiro ainda faz festa, o povo brasileiro é... um povo muito animado... não tem aquela, não tem aquele sangue, não tem aquela frieza dos europeus, não tem aquele negócio de ser sistemático como os americano, é... eu acho que é o povo que chega mais próximo ali mesmo são os africanos, porque a gente também herdou muita coisa deles.
- E: Você pretende permanecer no Brasil ou tem vontade de ir para Portugal?
- I: Tenho vontade de morar um bom tempo por lá, mas não ficar definitivamente... um bom tempo por lá pra pegar experiência em algumas coisas, mas depois voltar. Na área que eu estudo, que é o turismo, porque lá é o polo mesmo de turismo, Portugal é a entrada da Europa... acho que seria um... e é muito fácil em você se locomover lá dentro da Europa, adquirir muita cultura e conhecimento, que é uma coisa que o meu pai sempre me diz: " que dinheiro você perde, mulher você perde, mas cultura e conhecimento nunca perde".
- E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-lo?
- I: Já... meu padrinho, minhas irmãs... todos já vieram.
- E: Como você vê essa atual conjuntura do Brasil?
- I: Como eu vejo? Bem... A onda é do governo, é um governo que eu confio muito, que eu fiz parte dessa transformação, eu votei e eu acho que o nosso atual

governante ele tá "arrumando a casa", eu acho que ainda não tem como tirar, como se diz assim..., não tem como ele tira um quadro hoje do que tá, do que está, de como tá nossa conjuntura econômica, a conjuntura... Num país não tem como a gente tirar um quadro total dele hoje, a gente está com um governo novo, a gente tem o quê?... 10 meses de governo, ainda tá muito recente, eu acho que, a gente está passando por importantes reformulações e... eu acho que é muito prematuro ainda para a gente ter um conceito formado, mas eu confio muito em quem está lá em cima, em quem está conduzindo toda a nossa política, toda a nossa economia e eu tô confiando muito.

E: De que maneira Portugal poderia ajudar o Brasil a principio?

I: A principio... eu acho que o Brasil pode ajudar mais a Portugal, do que Portugal ao Brasil... mas especificamente dizendo... no agronomia porque Portugal é um país agrícola e o Brasil hoje a gente está muito mais à frente do que eles... Portugal poderia ajudar sim, no turismo, no desenvolvimento da atividade turística que eles lá estão muito mais à frente do que nós aqui... eu acho que nisso ai eles poderiam contribuir, mas de que forma isso será feito eu não sei.

E: E o Brasil em relação à produção?

I: A produção? A que tipo de produção?

E: Em relação à produção agrícola?

I: Como o Brasil está diante de Portugal?

E: Como o Brasil poderia ajudar Portugal em algum setor?

I: No setor agrícola, "exportando" tudo o que a gente, todas as nossas técnicas toda a nossa experiência para eles, porque eu também não tenho esse dado completo. Portugal é um país agrícola, mas... alguma coisa também eles tem de bom, mas eu acho que o Brasil está muito mais á frente, nós matamos a fome de metade da população mundial, então... o Brasil está muito mais à frente, eu acho que nisso poderia contribuir muito.

E: Como você vê esse relacionamento entre pai e filho, você nascido no Brasil e o seu pai em Portugal, na está um cara mais à vontade, mais brincalhão, coisa que ele não era... então... os relação ? Quais são os pontos positivos e os pontos negativos?

I: Bem... a educação dos portugueses também é muito mais refinada do que a nossa, isso ai não tem nem o que discutir, muito mais elaborada do que a nossa,

só que meu pai é muito conservador e esse conservadorismo dele sempre atrapalhou muito, hoje não. hoje o meu pai se adaptou, hoje ele pode dizer que ele é mais brasileiro do que português apesar do sotaque carregadíssimo, hoje ele é mais brasileiro do que português, hoje ele pontos positivos, foi a educação que ele me deu, todo o conhecimento, meu pai é um cara muito viajado, me ensinou muita coisa, agora... os pontos negativos foi esse lance conservador dele, que sempre atrapalhou muito, tinha hora que ele esquecia que ele estava no Brasil e achava que tudo tinha que ser como ele aprendeu, como quando ele viveu... hoje ele já sabe distinguir mais um pouco em relação a isso.

E: Nós adquirimos alguns hábitos da língua materna. Você entende que o Brasil deveria ter uma língua própria?

I: Eu... na minha opinião eu acho que está bom como está, porque eu acho que não deveria ter, no caso dar mais uma reformulada no nosso meio?

E: Você acha que o Brasil teria condições de ter sua própria língua? De se desvincular um pouco da língua portuguesa materna?

I: Eu acho que não, porque o brasileiro sofre muito com a intervenção cultural, a gente tem a base do português de Portugal, só que hoje, as pessoas desvinculam um pouco isso, hoje a gente usa um pouco o português de Portugal, mas usa o inglês americano, em alguns termos, em algumas gírias. A gente criar a nossa própria linguagem, eu acho que isso está muito longe de isso acontecer, porque nós sofremos intervenção cultural a todo momento... e da mídia aí também, que vive promovendo isso, até porque hoje, pra gente, pra nossa vida profissional, a gente esquece um pouquinho do nosso português, hoje o emprego. As pessoas pra pedir emprego elas não, elas não querem saber se você fala bem o nosso português, ela quer saber se você fala inglês ou espanhol, entendeu? Então, a gente não dá muito valor ao que é nosso, apesar que pra exteriorização a gente tem que ter o inglês.

E: Então você diria que a língua deve sofrer alguma influência? É necessária essa influência?

I: Pra vida profissional sim, porque essa globalização, essa onda de globalização, ela pede.

E: Em relação à língua você acha que o seu pai influenciou o seu falar?

I: Muito... até hoje ele...

- E: Você pode dar um exemplo?
- I: ...um exemplo do que meu pai fala muito... no caso, “você vieste aqui, alguma coisa assim do tipo, agora como lá, é complicado...”
- E: Ele usa mais a segunda pessoa?
- I: Sim, muito a segunda pessoa.

MANOEL CERQUEIRA DE ARAÚJO RODRIGUES

- E: Sexo
- I: Masculino
- E: Faixa Etária:
- I: Acima de 61
- E: Nacionalidade:
- I: Portuguesa
- E: Descendência:
- I: Filho de Portugueses
- E: Grau de Escolaridade:
- I: 1º Incompleto.
- E: Estado Civil:
- I: Casado.
- E: Há quanto tempo reside no Brasil?
- I: setenta e oito...(interf. Veio com dezoito, tem setenta e dois, faz a conta!)
- E: Quarenta e oito anos?
- I: Não, menos. Quarenta e cinco anos.
- E: Qual sua profissão?
- I: Técnico em refrigeração.
- E: O senhor tá aposentado?
- I: Aposentado.
- E: Qual o motivo da sua vinda para o Brasil?
- I: Fugindo do exército. Para não servir o exército.

- E: Em qual época?
- I: Na época que eu cheguei, eu tinha dezessete anos, pra dezoito, certo, eu vim em cinqüenta e oito, certo.
- E: Já passou algum tipo de discriminação com relação à sua origem?
- I: Mais de brincadeira, anedota, brincadeira. Mas tem, mas existe. Existe. E agora acaba que tem muitos brasileiros indo pra Portugal, agora é o contrário, né? Mas que tem sempre as brincadeiras com os portugueses.
- E: Houve alguma dificuldade de adaptação à língua portuguesa do Brasil?
- I: Não, porque no Brasil a única diferença é os Estados, o sotaque diferente, de uns para os outros. O resto é a mesma coisa, só que as pessoas, geralmente os portugueses, eles chegam aqui com mais... o tipo da palavra, mais explicado.
- E: Como assim?
- I: Por exemplo, por exemplo. Arroz é arroz. O professor, aqui mesmo no Brasil, não vai ensinar numa sala de aula, “butiquim”, é “butequim”, é o modo do sotaque. Nunca se escreve no Brasil a maioria não escreve do jeito que fala. “Butiquim” é “butequim”, “leitchê” é “leite”, e outras coisas parecidas assim, mas, certo, a única diferença é essa.
- E: Como se sente diante das piadas e críticas feitas aos portugueses?
- I: Horrível, horrível. Os portugueses têm que ser respeitados, certo, que na época que eles imigravam para o Brasil, a maioria vinha sem saber ler, a maioria, e as pessoas não sabiam, ainda pra mais quando se encontravam... chegariam numa terra estranha, distante. Do resto, aí as pessoas foram se acostumando com o ambiente uns dos outros.
- E: Houve alguma dificuldade quando da procura de emprego?
- I: Não. Não. A maioria dos portugueses, eu por exemplo, não faltava onde trabalhar. Até hoje se eu quiser trabalhar, não falta onde trabalhar para mim. Só que hoje tá mais difícil arranjar um bons empregos. Trabalho não falta no Brasil, agora, bons empregos é difícil.
- E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?
- I: Não. Aqui o custo de vida é super-barato. Eu digo isso porque eu já estive em diversos países da Europa e de vez em quando vou a Portugal e sei, aqui no Brasil é um dos países que tem o custo de vida mais barato do mundo.
- E: Quantos Estados já visitou no Brasil?

- I: Poucos, muitos poucos.
- E: Quais o senhor já visitou?
- I: Er... Minas, São Paulo... E Rio de Janeiro, só!
- E: O que mais aprecia no Brasil?
- I: O clima do Brasil é o melhor clima do mundo para tudo, e o convívio com algumas pessoas de bom senso.
- E: Alguma vez já visitou seus familiares que residem em Portugal?
- I: Diversas vezes.
- E: Qual foi a primeira?
- I: A primeira foi em... sessenta, em oitenta! Perdão, em oitenta! E depois já fui umas três ou quatro vezes lá.
- E: E qual foi a última vez que o senhor foi?
- I: A última vez foi há quatro anos, no ano 2000. Mil novecentos e noventa e nove, aliás. 1999.
- E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-lo?
- I: Não, e eles nesta parte não querem vir aqui. Porque eles emigraram para outros países e fizeram muito bem! Hoje estão todos em Portugal, que lá facilita, os governos, intercâmbio, facilita o imigrante para tudo. Compras, imóveis, carros, compra, câmbio, quer dizer, e outras coisas mais, facilita muito, e eles aqui não querem vir não e se vier, vem por um acaso de necessidade só, mas vem embora de imediato.
- E: Você pretende permanecer no Brasil ou tem vontade de voltar para Portugal?
- I: Olha, eu gostaria de ficar nos dois lugar. Vontade de ir embora eu sempre tive, mas formei uma família maravilhosa e tenho filhos e netos aqui e, aliás como eu, todos os portugueses, tudo que eles constróem aqui é para o bem da família e do Brasil.
- E: E seu Manoel, seus pais chegaram a vir visitá-lo no Brasil?
- I: Só pai, o pai veio pra cá antes de eu vir. Já faleceu. Minha mãe ficou em Portugal e já faleceu também.
- E: Eles foram contra ou a favor quando o senhor decidiu vir pro Brasil?
- I: Não, na hora, no momento que eu vim, geralmente, na época da guerra lá em Angola, a maioria dos portugueses fugiam de servir o exército, hoje já não, eu

tenho um irmão que serviu o exército em Angola, não veio para o Brasil nem imigrou pr'outro lugar. Hoje não, ele imigrou pra outro lugar e tá bem de vida.

Ao saber que a entrevista era sobre língua portuguesa e as diferenças do Português de Portugal e do Português do Brasil, Seu Manoel me preparou uma lista de palavras. Na primeira coluna estão as palavras como falamos e, ao lado, o modo como são faladas em Portugal:

Brasil – Brasile
Machucado – Trilhado
Bêbado – Burracho
Maluco – Tolo
Fila – Bixa
Briga – Zaragata
Discussão – Barulho
Criança – Canalha
Bronca – Ralhar
Sanduíche – Prego
Porção de Fritas – Taxas
Botequim – Tasco
Mercearia – Venda
Chopp – Fino
Adolescente – Cachopa ou Cachopo
Café da Manhã – Pequeno Almoço
Almoço - Janta
Lanche da Tarde – Menudo
Janta – Ceia
Balas – Rebuçados
Chiclete – Sumo
Tamanco – Socor
Truque – Taramela

Dinheiro – Gaita ou Paus
Falador – Regateiro
Ladrão – Gatuno
Terno – Fato
Pijama – Seroulas
Borracheiro – Burracharia
Óleo Diesel – Gasólio
Ônibus – Carreira
Besta, Van – Carrinha
Filé – Rabada
Rabada – Rabo
Carne Macia – Vitela
Banheiro – Casa de Banho, Retrete
Fósforo – Lume
Porta – Cancela
Estrada – Auto-estrada
Carro – Automóvel
Edifício – Torre Alta
Surdo – Mouco
Camarada – Gajo

MANUEL ALVES

Local da Entrevista: Clube dos Dirigentes Lojistas de Niterói (CDL de Niterói)

E: Como gostaria de ser identificado?

I: Manuel Alves

E: Sexo:

I: Masculino.

E: Faixa Etária:

I: 70 anos.

E: Nacionalidade:

I: Brasileira.

E: Descendência:

I: Filho de Portugueses. Meu pai era de Trás dos Montes, Vila Real e minha mãe de Esmoris, Porto, mais próximo do Porto. Meu pai é , então, mais do Norte, de Vila Real, Trás dos Montes. Eles se conheceram aqui, vamos dizer o chamado isso aí também é cultural, chamado Portugal Pequeno, que é na Ponta d'Áreia e geralmente quando os portugueses chegavam para... como em várias cidades Niterói era mais Ponta d'Áreia, onde os portugueses tinham mais chances de... de fazer a sua união dos imigrantes e ali ele e minha mãe se conheceram e casaram-se. E meu pai, geralmente as pessoas vêm com a chamada tal carta, chamada, apresentação e minha mãe veio dessa forma, e depois morou muito tempo com essa família, que é de Henrique Alves de Oliveira, que até então tinha um trapiche aqui na rua da Visconde de Itaboraí, e ele era o homem que manobrava no vinho português, Nossa Adega, ele engarrafava, vamos dizer assim o vinho Nossa Adega. Um vinho simples, né, na época, a evolução do vinho , aqui no Brasil, veio muito depois. Criação, né, tivemos aquela criação rígida, meu pai, que hoje eu só tenho que agradecer pelo que sou, embora não tendo nível universitário, mas passei isso para os meus filhos. Tenho dois filhos, uma moça e um rapaz, passando para eles as dificuldades, que eu poderia ter ido mais longe, né, e meus pais, claro que na época, tinham as suas dificuldades.

E: Grau de Escolaridade:

I: 2º Grau Completo.

E: Estado Civil?

I: Casado .

E: Qual a sua profissão?

I: A minha profissão ela iniciou-se aos 14 anos, sendo... trabalhando num laboratório fotográfico, que era um dos melhores aqui em Niterói, porque não dizer do Estado do Rio, que era dos alemães, Fritz Marksis. Eu entrei com 14 anos fazendo, fazendo serviço de boy, certo, e depois me formei em laboratorista. E depois de laboratorista eu passei pra fotografia, a trabalhar no Marksis Rosenfeld, ali na Cinelândia, e dali depois eu saí e fiz a... comecei em Niterói, como fotógrafo mesmo, abri o meu estúdio, mas diversificando, trabalhava com estúdio, fazia

clínica geral, que na época não tinha essa especialidade como hoje. Como a medicina também não tinha, né? E os fotógrafos então tinham que fazer clínica geral e eu fazia, tinha um estúdio e fazia batizado e jornal também. Fiz muito jornal e a minha promoção mesmo profissional veio mais da parte do jornal. Aqui era uma cidade pequena e eu representava vários jornais do Rio, entendeu? Rio, aqui a cidade era bem provinciana na época, então eu respondia aqui e no Rio, na parte fotográfica e reportava também. Fui repórter e tal. Depois eu virei comerciante, né, abri a loja em 67, 14/07/67, então eu abri o comércio Já comecei a sentir que a fotografia, muitos cursos que eu fiz pela Kodak, fiz muitos, você tem que olhar lá na frente. Se você olhar só o amanhã, você não consegue. E aí eu me preparei para o futuro, sabendo que a fotografia tinha uma grande evolução, porque eu lia muito, e foi o que aconteceu. Antigamente ninguém fazia, dificilmente alguém fazia sua fotografia em casa, como tirar a fotografia do seu filho, do seu neto, aniversário. Hoje todo mundo faz isso, tem uma maquininha, antigamente não, chamava o profissional. As pessoas não tinham habilidade. Então era assim, o comércio era grande e a .minha vida, toda ela foi pautada na fotografia, e a minha vida é na fotografia. Então eu estou falando coisa que estou desviando da... da...

E: Qual a influência da cultura portuguesa em sua vida?

I: A cultura portuguesa, embora meus pais de pouca cultura, meu pai lia muito jornal de Portugal, ele comprava na banca sempre jornal de Portugal, tinha leitura, uma situação melhor do que da minha mãe, minha mãe já não foi tão feliz, assim, a dificuldade de leitura. Meu pai foi tudo na base da força. Minha mãe sempre foi uma doméstica, uma portuguesa que batalhou junto, teve quatro filhos e batalhou junto muito com meu pai. Em tudo teve participação. Depois que meu pai estabilizou-se, ele começou a trabalhar com toda a força do estrangeiro na área dos estaleiros toda essa área profissionalizante, ingleses, portugueses, todos os estrangeiros tinham prioridade. Primeiro que eram, vinham de outros países e era uma força de trabalho. E meu pai foi um desses. Deu sorte e entrou pra Ilha do Viana, Lóide Brasileiro, então tinha muitos imigrantes. Depois, meu pai, da Ilha do Viana passou, a Ilha do Viana acabou, passou tudo para o Ministério do Transporte e ele passou a ser um funcionário público português, teve uma vida muito boa, um homem muito econômico, a cultura do português, conforme você

sabe, ele vem com uma carta de chamada, ele chega sem nada , com uma mala, com roupas, sem dinheiro, quando ele tem uma ajuda de um patrício, o patrício arranja um serviço pra ele, a puxar uma carroça, um menos esclarecido, o outro mais esclarecido já dá um emprego na padaria, outro já dá numa quitanda, outro não sei que, ele vai e começa a abrir o seu negócio, abre uma porta, faz um sótão, ali ele dorme, ele come, ele vende a comida e junta sempre seu dinheirinho. Na área de economia, eu se tiver um português pra mim orientar , eu aceito mais do que um economista brasileiro, porque eles são verdadeiros econômicos. Então eu sempre segui os meus pais nesse investimento. Assim que eu comecei a trabalhar, comecei sempre a investir até comprar papel, comprar imóvel. E hoje as grandes fortunas de Niterói são exatamente aqueles que têm bens imóveis e a maioria é de portugueses e os portugueses é que predominavam, hoje já não muito, aqui em Niterói, mas as grandes fortunas, as maiores fortunas é dos portugueses. Hoje ainda existe, são amigos meus, meus amigos, tenho vários amigos e a cultura portuguesa é muito importante, onde tudo começou, onde tudo nasceu. O país, com a chegada dos portugueses, essa coisa toda, vai historiar, mas nós tivemos muito proveito com isso, mas muita coisa. E se esse país nos deixar trabalhar, e ele não se envolver com tanta política, o Brasil já estaria muito mais na frente, com certeza absoluta. É o que eu gostaria de passar, em poucas palavras é isso, mas... a cultura... Sexta- feira, sexta-feira eu fui aí numa solenidade de Camões, é o dia de Camões, que veio o embaixador de Portugal, estiveram aí, nós fomos à missa, importante, houve até uma missa. Pela primeira vez eu ouvi uma missa dos imigrantes, dos ex-imigrantes, aqueles que faleceram, na Nossa Senhora de Fátima, lá na Ponta d'Áreia, a tradicional, na Ponta d'Áreia e houve lá também a coisa e eu achei, você estava lá também, na solenidade, interessante eles manterem acesa esta chama, exatamente para manter a cultura portuguesa, Coutinho, Camões e outros mais eu acho que esses nomes que mantêm essa chama acesa é importante para que nós possamos manter essa cultura portuguesa.

E: Como se sente diante das piadas e críticas feitas aos Portuguesas?

I: Eu acho tranqüilo e há ... Vamos dizer assim, há uns trinta anos , quando meu pai ouvia se irritava, mas com o tempo aquilo ficou tão familiar, familiarizado que depois acabou caindo na risada, tanto o português quanto o brasileiro, passou-se

a aceitar mais. Hoje uma piada o português conta mesmo é piada dele, como o mineiro conta do mineiro. Então eu acho que é um assunto superado, não existe mais irritação com isso.

E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?

I: Eu confesso a você que essa experiência... nessa grande experiência de mercado, eu não tenho. Você vai ter chance de pessoas mais atuantes.

E: Pelo que eu vi, o senhor tem ido a Portugal, as últimas, deu para comparar com alguma coisa?

I: Ah, hoje é uma evolução muito grande. Quem foi a Portugal há 10, 20 anos hoje é um outro Portugal. Acho que o mercado, houve uma grande evolução, agora, as moedas com essas mudanças complica um pouco. Hoje a gente até se enrola um pouco, com essa conversão do euro, né. Hoje você compra aqui uma passagem, você tem o dólar na mão tem que converter em euro.

E: Em Portugal ainda existe o escudo ou é tudo euro mesmo?

I: Na Europa tudo é euro.

E: Quantos Estados já visitou no Brasil?

I: Eu já visitei mais a área do nordeste, já visitei o muitos estados.

E: O que mais aprecia no Brasil?

I: A natureza, né, a natureza ela é fantástica, nós aproveitamos pouco e aqueles que destróem a natureza... eu sento-me à mesa e faço as minhas refeições, eu agradeço a Deus pela refeição que Ele oferece e que o Senhor mantenha sempre distante os homens que procuram destruir a terra para que nós tenhamos sempre alimento à mesa, porque é uma coisa terrível. Eu acho no país, no país nosso, o que eu acho mais é a falta realmente de respeito, disciplina, e é o que não acontece. O país enquanto era administrado pelos portugueses teve aquelas mudanças todas, eu não tenho essa experiência, só através de leitura, a gente tem sempre que ler os dois lados para saber a verdade. Eu só acho o seguinte tudo aquilo que eu aprendi com os meus pais e com os portugueses que eu hoje eu vivo, convivo, pessoas maravilhosas, pessoas de progresso e que ajudam a sustentar essa cidade compostos , comércios, o que eu aprendi, o meu ritmo é o mesmo que os portugueses. Quero lhe dizer o seguinte sou exatamente na linha dos portugueses. Graças a Deus este prédio que nós estamos pisando aqui foi construído por mim a minha primeira administração, aí Niterói recebeu realmente

um presente e fiquei muito orgulhoso com isso e sinto que isso aí tem tudo a ver com o meu sangue português.

E: Você se sente discriminado por ser filho de Portugueses?

I: Nunca, nunca, nunca.

E: Você preferia ter nascido em Portugal?

I: Não, não seria diferente, porque eu tenho amigos meus que nasceram lá e passavam um ano, dois anos, que diferença faz?

E: Alguma vez já visitou os seus familiares que residem em Portugal?

I: Já.

E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-lo?

I: Não.

E: Ouve-se muito falar no Clube do Bacalhau, mas não se tem idéia do que seja. O que é o Clube do Bacalhau?

I É uma academia, chama-se academia do bacalhau. A finalidade é reunir, como dizer, existe o Clube Rotariano, fundado por Paul Rales e a academia do bacalhau foi fundada em Portugal, hoje tem em vários países e se reúnem uma vez por mês, tem então aquele ritual, existe o ritual do vinho. É uma reunião de confraternização para comer o bacalhau, múltiplos assuntos, mais social, reunião de família, porque vão as famílias, comparecem todos, não vai o cidadão por obrigação, lá vai quem quer, não tem sede, é itinerante, como nós por exemplo, nós temos o Clube da Imprensa já há muitos anos, sou do Clube da Imprensa há muitos anos. São 50 anos, que eu faço parte como profissional, antes, quer dizer, antes fui com registro, etc, que eu fui beneficiado pela Lei, antes da Faculdade, né, não tinha faculdade, veio a Faculdade e passou a ser respeitado. Mas então eu faço parte do Clube da Imprensa. O Clube da Imprensa, nós nos reunimos os donos do jornal, o empregado do jornal, nos reunimos uma vez por mês de acordo com o tempo, dois meses, e é itinerante que, essa entidade sobrevive porque não tem sede, não tem mensalidade. Porque começa a botar, pagar sede, despesa, empregado, mensalidade, a coisa fica difícil, como a maioria dos clubes sociais estão em dificuldade. Então o que acontece, é itinerante, nós fazemos aonde é importante, nos reunimos, cada um paga o seu. Por exemplo, esse último que nós fizemos agora veio o presidente do ABI, foi lá no Solar do Amanhecer e teve alguns assuntos que foram tratados com o presidente da ABI, prometendo

algumas reivindicações de classe, etc. Isso é muito importante. Mas sobrevive por isso. O dia que fundar , fizer uma diretoria, tem um presidente, colaboradores, como a academia do bacalhau, agora já mudou, é o Peixe, ficou no lugar de Tomasinho. Então eu acho muito interessantes essas reuniões, é a confraternização, não almocei em casa, almoço lá, bacalhau de alto nível, é o vinho, e não tem isso, cada um paga o seu.

MANUEL CAMILO

Local da Entrevista: Restaurante na Rua da Conceição (proprietário)

E: Como gostaria de ser identificado?

I: Manuel Camilo

E: Sexo:

I: Masculino

E: Faixa Etária:

I: 62 anos

E: Nacionalidade:

I: Portuguesa.

E: Descendência:

I: Filho de portugueses sim.

E: Grau de Escolaridade:

I: Lá era primário, particular.

E: De que região o senhor é lá de Portugal?

I: Eu pertenço à Vila Ponta Pilar.

E: Isto é sul, centro ou norte?

I: Norte.

E: Estado Civil:

I: Casado.

E: Há quanto tempo reside no Brasil?

I: Desde 59.

E: Por opção?

I: Bem, eu comecei como garçon, hoje em dia eu sou comerciante.

E: Qual a sua profissão?

I: Comerciante.

E: Qual o motivo da sua vinda para o Brasil?

I: Porque era dificuldade que existia, então tinha que procurar um... outras conveniências, né.

E: Com que idade o senhor veio aqui para o Brasil?

I: Eu vim com 17 anos.

E: O senhor veio sozinho ou veio com os pais?

I: Eu vim sozinho.

E: Já passou por algum tipo de discriminação com relação a sua origem?

I: Não, não que eu visse não.

E: Houve alguma dificuldade de adaptação à língua portuguesa do Brasil?

I: Não, não, não houve nenhuma.

E: O senhor tem filhos?

I: Não.

E: Como se sente diante das piadas e críticas feitas aos portugueses?

I: Um dia já foram mais criticados, hoje em dia não. Agora é uma brincadeira, é normal.

E: Houve alguma dificuldade quando da procura de emprego?

I: Não, eu consegui emprego, quando vim, já tinha certo, mas naquela época era assim por semana.

E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?

I: O custo aqui de vida é mais baixo, mas é mais seguro, mas é bem menos

E: Quantos Estados já visitou no Brasil?

I: Vários. Uns oito Estados.

E: Tem algum que o senhor gostaria de conhecer?

I: Eu gostaria de conhecer o Norte.

E: O que mais aprecia no Brasil?

I: A gente aprecia no Brasil a comunicação de contato. A possibilidade de entrar em contato.

E: Alguma vez já visitou os seus familiares que residem em Portugal?

- I: Visitei, visitei umas oito vezes.
E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-lo?
I: Todos eles.

MANUEL ROCHA

Local: Rua São João, no Centro de Niterói

- E: Sexo:
I: masculino
E: Idade:
I: 43 anos
E: Grau de escolaridade:
I: 1º grau completo.
E: Nacionalidade:
I: Português.
E: Descendência:
I: Filho de portugueses.
E: Há quanto tempo reside no Brasil?
I: Há 20 anos
E: Qual a sua profissão?
I: Comerciante.
E: Qual o motivo da sua vinda para o Brasil?
I: Tentar uma vida melhor.
E: Já passou por algum tipo de discriminação com relação a sua origem?
I: Não, nunca aconteceu.
E: Houve alguma dificuldade de adaptação à língua portuguesa do Brasil?
I: Também não.
E: O senhor tem filhos?
I: Tenho.

E: Quando do nascimento dos filhos, houve alguma preferência entre o Brasil e Portugal?

I: Não.

E: Como se sente diante das piadas e críticas feitas aos Portugueses?

I: Eu gosto.

E: Houve alguma dificuldade quando da procura de emprego?

I: Não.

E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?

I: Sei lá, eu acho que é pior um pouco. O custo de vida como assim?

E: Dá pra viver aqui tranquilamente?

I: Aqui é melhor, é mais barato.

E: Quantos Estados já visitou no Brasil?

I: Dois Estados.

E: Qual gostaria de conhecer?

I: Vários, né?

E: O que mais aprecia no Brasil?

I: O que eu mais aprecio? Tudo, as belezas, tudo.

E: Alguma vez já visitou os seus familiares que residem em Portugal?

I: Já.

E: Você pretende permanecer no Brasil ou tem vontade de voltar para Portugal?

I: Se eu pudesse eu voltaria, no mas... por enquanto não.

E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-lo?

I: Já.

E: Quando o senhor veio pra cá, os seus pais já estavam aqui ou ficaram lá, o senhor veio sozinho, como foi?

I: Minha mãe mora aqui.

E: Qual é a região de Portugal que o senhor pertence?

I: Do Braga.

MANUEL RODRIGUES

Local da Entrevista: Ramo Imobiliário

E: Como gostaria de ser identificado?

I: Manuel Rodrigues

E: Sexo

I: Masculino

E: Faixa Etária:

I: 70

E: Nacionalidade:

I: Portuguesa

E: Descendência:

I: Filho de portugueses

E: Grau de Escolaridade:

I: Tenho um pouco mais que o primário

E: Estado Civil:

I: Casado

E: Há quanto tempo reside no Brasil?

I: Desde 31 de janeiro de 58.

E: Qual a sua profissão?

I: Corretor de imóveis

E: Qual o motivo da sua vinda para o Brasil?

I: Sempre tive interesse em vir pra aqui, a família praticamente toda aqui no Brasil. Aí vim me juntar aos meus tios, minha mãe estava aqui também.

E: Qual a influência da cultura portuguesa em sua vida?

I: Posso dizer o que ,responder o que, não tenho nem... É mal acompanhe. A gente vem pra aqui e dá-se junto, a gente se radicaliza e esquece parte de aquilo nós somos, onde nós crescemos e nós nascemos.

E: Já passou por algum tipo de discriminação com relação a sua origem?

I: De jeito nenhum.

E: Houve alguma dificuldade de adaptação à língua portuguesa do Brasil?

- I: Não senhor, de jeito nenhum. Meu relacionamento tudo... tudo normal. Não teve nada.
- E: Quando do nascimento dos filhos, houve alguma preferência entre o Brasil e Portugal?
- I: Não, nem pensei nisso. Eu vim aqui, vivia aqui, não... eles tinham que nascer aqui.
- E: Como se sente diante das piadas e críticas feitas aos Portuguesas?
- I: Ah, isso é normal. Tem aqui e tem lá também. Não deixa de ser piada. Piada em qualquer lugar tem.
- E: Houve alguma dificuldade quando da procura de emprego?
- I: Mais ou menos. Eu cheguei, comecei viajando pelo interior de São Paulo. Aí estive lá 1 ano, mais ou menos, voltei e comecei a trabalhar em Corre Atrás. Era caixeiro viajante. Levei uns 3 anos mais ou menos em vendas, depois passei a ser corretor. O sujeito faz críticas ao paulista, que é ... é não gosta de carioca, mas gosta. Não tem nada a ver, não.
- E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?
- I: Só fui lá uma vez, em quarenta e cinco anos, pelo amor de Deus, não tenho nem noção.
- E: Quantos Estados já visitou no Brasil?
- I: São Paulo, mais São Paulo e Estado do Rio
- E: Tem algum Estado que o senhor gostaria de conhecer?
- I: Muitos Estados. Sul, Amazonas.
- E: O que mais aprecia no Brasil?
- I: Tudo.
- E: Alguma vez já visitou os seus familiares que residem em Portugal?
- I: Uma vez.
- E: Você pretende permanecer no Brasil ou tem vontade de voltar para Portugal?
- I: Continuar. De passeio, também passeio aqui.
- E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-lo?
- I: Irmão esteve agora aqui em abril.
- E: Você foi contra ou a favor quando os seus pais decidiram vir morar no Brasil?
- I: Eu tinha 24 anos. Eu tinha sonho desde criança de vir pra aqui

MANUEL VIANA

- E: Senhor Manuel, há quanto tempo o senhor vive no Brasil?
- I: Quarenta e oito anos.
- E: Quarenta e oito anos?
- E: E qual a profissão do senhor?
- I: Comerciante.
- E: Bar?
- I: Restaurante.
- E: E o senhor tem algum outro negócio?
- I: Não. Só tenho este mesmo.
- E: Qual o motivo da vinda do senhor para o Brasil?
- I: Eu decidi vir pr'aqui, vim novo pra cá, com dezesseis anos e pouco, né, e me casei aqui, e fiquei por aqui mesmo, tenho um casal de filhos.
- E: O senhor veio com sua família ou veio sozinho?
- I: Eu vim sozinho pra cá.
- E: E a sua esposa é brasileira?
- I: Era portuguesa. Morreu. Agora estou namorando uma brasileira.
- E: E o senhor veio junto com sua esposa ou o senhor conheceu ela aqui?
- I: Eu vim sozinho, vim sozinho para o Brasil.
- E: O senhor veio ao Brasil para tentar uma oportunidade de trabalho?
- I: Claro, exatamente, eu vim pr'aqui pra ver se melhorava, né, pra fugir da tropa, do exército, pra não ir pra Angola. Que naquela época que eu vim pra cá estava aquela revolução, de Angola, de Salazar, aí eu peguei e vim pra cá pro Brasil, fugir da guerra.
- E: O senhor veio pra fugir da revolução então?
- I: Eu vim pra cá, pra não ir pra lá, né. Com dezesseis anos, mais um ano e pouco e ele não deixava eu sair de lá, tinha que ir pra lá pro exército. Um irmão meu ficou lá quatro anos, em São Thomé, lá.
- E: E o senhor já passou algum tipo de discriminação em relação a sua origem portuguesa?
- I: Não, tá tudo bem aqui.

E: Nunca teve nenhum problema, nenhuma brincadeira?

I: Não, não, não. Isso de brincadeira toda hora tem isso, piada, todo mundo dá. Piada de português, piada de brasileiro. Isso é natural, faz parte. Isso faz parte da vida.

E: E houve alguma dificuldade de adaptação do senhor à língua portuguesa?

I: Não, não. A língua é meio igual, né? Não teve problema nenhum não.

E: Mas nada do sotaque, o senhor teve dificuldade?

I: Não, nada, nada, praticamente nada. Antes de ser comerciante eu era pescador, trabalhava na pesca.

E: Quando o senhor chegou o senhor começou a trabalhar como pescador?

I: Não, é como pescador. Aí depois eu andei embarcado num navio inglês, sete anos num navio inglês. Aí fui pra pesca novamente. Aí da pesca eu vim pro comércio.

E: O senhor pescava aonde? Aqui na Ponta D'areia?

I: É, na Ponta D'areia, barco de pesca.

E: Aqui tem uma comunidade portuguesa grande?

I: Tem, tem, tem...

E: E o senhor conhece bastante gente portuguesa?

I: Eu conheço muito de vista, mas agora não está mais aí não...

E: Se mudaram?

I: Se mudaram.

E: Para onde?

I: Paraíso, São Gonçalo, mas ainda tem muitos lá, ainda tem muitos lá

E: E quando seus filhos nasceram, teve alguma preferência entre o Brasil e Portugal pra eles nascerem?

I: Não, não teve nada não. Só tenho um filho agora, que é brasileiro e foi pra Portugal, casado em Portugal, que se inscreveu como português.

E: Mas os dois nasceram no Brasil?

I: Nasceram no Brasil, eu casei aqui também.

E: O senhor preferiu que eles nascessem aqui?

I: Não. Porque eu vim pr'aqui bem novo, me casei aqui...

E: Já estava vivendo aqui?

I: Já tava aqui, minha mulher também era portuguesa, veio pr'aqui também na imigração, também imigrante.

- E: E sua filha vive no Brasil?
- I: Vive. E meu filho vive em Portugal, foi trabalhar lá. Se formou aqui, tava desempregado , resolveu ir pra Portugal, trabalhar lá em Portugal.
- E: O senhor prefere que ele more lá ou que ele more aqui?
- I: Pra mim tanto faz, tanto lá como aqui .
- E: O senhor acha que as oportunidades são iguais aqui e lá?
- I: Pra mim é tudo igual, tudo mesmo igual.
- E: Emprego, tudo...
- I: Tudo, tudo, lá é a mesma coisa...
- E: Porque ele optou por viver em Portugal?
- I: Quem, eu?
- E: Seu filho.
- I: Porque aqui tava ruim de emprego, ele formou em economia e procurou a trabalhar lá.
- E: Achou que lá tinha mais...
- I: Mais fácil. E foi pra lá pra casar com uma portuguesa. Estudava aqui no Plínio Leite, né, se formou e foi pra Portugal estudar lá, mas não conseguiu estudar lá, aí veio de volta, tentou vestibular e passou pra UFF lá de Botafogo , se formou lá em Botafogo, depois arranhou um emprego aí, mas foi mandado embora e agora foi pra lá.
- E: E ele conheceu esta portuguesa lá em Portugal mesmo?
- I: Quando foi estudar lá conheceu esta portuguesa. E ela esperou, esperou...
- E: Voltando às origens, né?
- I: É, exatamente. Ele arranhou um apartamento lá, já comprou um apartamento invés de pagar aluguel, pagava as prestações, tem muito lá, não é mesmo. Ao invés de pagar aluguel paga a prestação.
- E: Senhor Manuel, como o senhor se sente diante das piadas e críticas?
- I: É natural, já estou acostumado, há muitos anos aqui , quarenta e oito anos aqui no Brasil, já está acostumado, já.
- E: Mas quando o senhor chegou o senhor se incomodava?
- I: Não, não, não, não. Nunca esquentei a cabeça não. Piadas pesadas, leves, já ouvi de tudo.
- E: Mas o senhor acha que as piadas prejudicam a imagem do português?

I: Não, imagem nenhuma...

E: O senhor acha que é normal?

I: É normal.

E: E o senhor teve alguma dificuldade quando da procura, quando o senhor foi procurar emprego?

I: Não, porque qualquer coisa pra mim servia, pra mim qualquer coisa servia.

E: O senhor trabalhou primeiro como pescador, foi fácil de arranjar emprego?

I: Foi fácil de arranjar emprego, uns amigos ...

E: O senhor já tinha amigos no Brasil?

I: Não, conhecidos, né...

E: Que te indicaram pro emprego?

I: Claro, exatamente.

E: O senhor não teve nenhuma dificuldade por ser português?

I: Não, não...

E: O senhor acha que o custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?

I: Pra mim tanto faz, eu não sei. Eu estou bem aqui, fiquei por aqui mesmo.

E: Mas pelo que o senhor houve falar de lá...

I: É, lá está melhor, né. Pra quem trabalha lá já está melhor, né?

E: Aqui é o custo é mais caro do que lá?

I: É, aqui está mais difícil.

E: O senhor acha que lá tem mais oportunidade?

I: Tem mais oportunidade.

E: E o senhor visitou quantos Estados no Brasil?

I: Eu conheço... Quando eu estava embarcado conheci Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Vitória, eu andei embarcado, né. Maceió, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Bahia,...

E: Embarcado no navio inglês.

I: No navio inglês.

E: Mas quando o senhor veio pro Brasil o senhor veio direto pro Rio de Janeiro?

I: Direto pro Rio de Janeiro.

E: E o que o senhor mais aprecia no Brasil, o que o senhor mais gosta no Brasil?

I: Estou bem em todo lado aqui, estou bem aqui, ta entendendo.

E: Mas o que o senhor mais aprecia no Brasil, o que o senhor mais acha interessante no Brasil?

I: Mais interessante que a gente aqui se entende um ao outro, não é mesmo, é mais facilidade disso.

E: O quê?

I: Nós se entendemos um ao outro, você indo lá fora pro estrangeiro você não entende, tá entendendo, só fica a falar feito mudo, a fazer por sinais, qualquer um que não conhece, vai pro Estados Unidos você fica lá perdido. Se quer comprar uma comida você não sabe, quer comprar uma bebida você não sabe, tem que se apontar, como mudo, aqui é mais fácil.

E: E da cultura do Brasil, tem alguma coisa especial de que o senhor gosta mais?

I: Não acho nada... eu gosto é do comércio.

E: O senhor acha que a cultura do Brasil é muito diferente da cultura de Portugal?

I: Não, eu acho que é tudo igual.

E: É tudo igual?

I: É tudo igual. Aqui e lá é a mesma coisa.

E: A cultura daqui então é igual à cultura de lá?

I: Exatamente.

E: O senhor se sentiu discriminado por ser de português?

I: Não.

E: Nunca houve algum problema?

I: Não, porque eu sou brasileiro, sou naturalizado brasileiro, sou brasileiro desde 1960, já votei aqui pra uns quatro ou cinco presidentes.

E: E o senhor alguma vez já foi discriminado pela sua origem?

I: Não, nenhuma vez, graças a Deus não. Já fui assaltado aqui, já fui apertado muitas vezes.

E: Quantas vezes?

I: Fui amarrado, pés e mãos, umas duas vezes. Aqui não, lá no outro restaurante, ali em frente à Fluminauto, ali na Barão de Amazonas...

E: O senhor acha que se fosse em Portugal isto não teria acontecido?

I: Claro, claro. Lá não tem disso.

E: E alguma vez o senhor já visitou seus familiares que vivem em Portugal?

I: Já fui uma vez lá.

E: Uma vez?

I: É.

E: Em que ano o senhor foi?

I: Foi em... 1972, mais ou menos.

E: Foi a última vez que o senhor foi a Portugal? O senhor tem saudade?

I: Não, tenho e não tenho, tenho e não tenho. A família tá toda lá, mas estou aqui, trabalho aqui.

E: Não planeja nenhuma visita a Portugal?

I: Não.

E: E o senhor pretende ficar no Brasil de vez ou pretende voltar para Portugal?

I: Aqui pra ficar bem. Quero ficar aqui.

E: E os seus parentes que vivem em Portugal, já vieram visitar o senhor no Brasil?

I: Não.

E: Nunca nenhum veio?

I: Não, não é moda, não é moda. Não é moda porque eles não vêm de lá pra visitar aqui. Muito pouca gente, entendeu?

E: Nunca nenhum parente veio visitar?

I: Não, só veio esta namorada do meu filho, veio de férias, veio nos visitar e conhecer o Brasil, passar umas férias.

E: A sua nora?

I: Minha nora.

E: E seus pais não chegaram a vir ao Brasil?

I: Não. Meu pai veio uma vez porque ele era da Companhia Fluvial Brasileira, da época, dessa de passageiros, agora não tem mais aqui, antigamente tinha [...] Santa Maria. Foi naquela época [...]

E: E aí visitou o senhor aqui?

I: Isso.

E: A última pergunta: seus pais foram contra ou a favor quando o senhor decidiu vir viver no Brasil?

I: Não queriam que fosse, né. Porque eu era o filho mais velho, somos quatro irmão e eu era o mais velho, mas vim pra cá, fiquei por aqui mesmo, gostei daqui, fiquei por aqui, namorei por aqui.

E: E seus outros irmãos?

- I: Estão todos lá, todos em Portugal.
- E: Mas conhecem seu filho já?
- I: O filho conhecem, a filha não.
- E: Porque ele está morando lá?
- I: O garoto já foi umas quatro vezes lá em Portugal. De vez em quando ele ia lá. Foi essa vez que arranhou essa menina, foi mais umas duas vezes.
- E: E sua família é de que parte de Portugal?
- I: De São Marição (?).
- E: E se filho está aonde em Portugal?
- I: Em São Marição (?) mesmo.
- E: Se fala muito no Brasil que os brasileiros tem dificuldade de entender, às vezes, o que os portugueses falam...
- I: Ah! Tem muitas coisas que é diferente, né?
- E: O senhor acha que portugueses também têm essa dificuldade, é uma dificuldade que os dois lados têm?
- I: É verdade.. Porque, às vezes, você chama uma garrafa, né, é uma coisa, e aí é outra coisa lá. Talheres, faca, garfo... Muitas coisas são modificadas. A mesma coisa é como aqui, você vai pro norte, vai pro sul, tem muita coisa, chama uma coisa de dois nomes. A língua portuguesa é difícil.
- E: O senhor acha, então, que a principal dificuldade é a diferença de nomes, não é o sotaque...?
- I: Não, sotaque não. Você entende. Que chama de viado, lá é perdeneiro, bicha lá é fila, lá é bicha. Mas o sotaque é tudo igual, aqui também tem. Mas se você for pro norte é a mesma coisa, também tem, é a mesma coisa.
- E: No futebol também tem?
- I: Futebol, pelota. Bola, aqui é bola, lá é pelota. O guarda-redes aqui é goleiro, e tem estas coisas, tá vendo? Tem estas dificuldades, mas é tudo o mesmo. Não há diferença nenhuma não.
- E: O senhor acha que valeu a pena ter vindo para o Brasil?
- I: Claro, estou aqui há tantos anos, já.
- E: Valeu a pena?
- I: Valeu a pena. A minha vida eu fiz aqui, né? Quarenta e oito anos aqui.
- E: Muito mais do que o senhor viveu lá.

- I: É claro, com dezesseis saí de lá, vim pra cá novo, na juventude. Mais aquele idéia de voltar, de correr mundo, ver gente...
- E: E o senhor gosta de morar no Brasil?
- I: Gosto. Gosto porque estou aqui, né? [...] tenho uma casa pra cada filho, ta entendendo? Tenho um comércio, tô aposentado aqui também. E vai [saltando] assim a vida. Vai querer mais o quê?
- E: Só isso!
- I: Então tá bom!

MARCELO

Local da Entrevista: Bar e Café Sul América

- E: Como gostaria de ser identificado?
- I: Marcelo
- E: Sexo
- I: Masculino
- E: Faixa Etária:
- I: 36 anos
- E: Nacionalidade:
- I: Brasileira, com dupla nacionalidade
- E: Descendência:
- I: Filho de portugueses. Filho do proprietário do Bar e Café Sul América, na Rua José Clemente
- E: Grau de Escolaridade:
- I: 2º Grau Completo
- E: Estado Civil:
- I: Casado
- E: Qual a sua profissão?
- I: Comerciante
- E: Qual a influência da cultura portuguesa em sua vida?

- I: Ah, isso aí é tentação, né. Primeiro que eu morei lá seis anos, morei seis anos em Portugal, filho de portugueses e sempre passa... passando essa cultura dele pra gente. Então pra mim Portugal é 100%
- E: Quando do nascimento dos filhos, houve alguma preferência entre o Brasil e Portugal?
- I: Não, quando eu fui morar lá, já tinha uma filha com três meses e a outra, a mais nova nasceu lá. Então não tivemos nada de discriminação não. Nasceu lá tinha que nascer, acabou.
- E: Como se sente diante das piadas e críticas feitas aos portugueses?
- I: Isso a gente tem que ver que não ofende muito, porque os portugueses naquele tempo que vieram pra cá eram portugueses de aldeia, tipo daqui da roça, né, pessoal de roça que vem pra cidade, é normal. Quer dizer, isso é normal, gozação. Então, claro, aí ficou, mas também são analfabetos, né. Meu pai tem um 1º grau incompleto e... eu não ligo muito pra isso
- E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?
- I: Pra mim é igual, só que com o nosso salário aqui é pequenininho, mas é igual
- E: Quantos Estados já visitou no Brasil?
- I: Aqui eu já fui a Goiânia, três Estados.
- E: Tem algum que você gostaria de conhecer?
- I: Eu gostaria de ir a Curitiba, que eu não fui ainda.
- E: O que mais aprecia no Brasil?
- I: A natureza, o nosso clima, né, você aqui pode plantar o ano todo, enquanto que na Europa mesmo, eu já morei lá em Portugal, você pra ter algumas frutas durante o ano todo é tudo na estufa. Aqui não, a natureza ajuda a gente em tudo.
- E: Você se sente discriminado por ser filho de portugueses?
- I: Não, não nunca senti
- E: Você preferia ter nascido em Portugal? Por quê?
- I: Sinceramente acho que não. Aí não, acho que eu sou brasileiro também tenho (risos) mas...
- E: Alguma vez já visitou os seus familiares que residem em Portugal?
- I: Já, já.
- E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-lo?
- I: Também já.

E: Qual é a região da sua família lá?

I: É Amarante.

MÁRCIO RODRIGUES SOARES

E: Sexo

I: Masculino

E: Faixa Etária:

I: De 20 a 40 anos

E: Nacionalidade:

I: Brasileiro

E: Descendência:

I: Filho de portugueses

E: Grau de escolaridade:

I: Superior incompleto

E: Estado Civil:

I: Solteiro

E: Qual sua profissão?

I: Sou estudante.

E: Estuda o quê?

I: Direito, faço Direito.

E: Qual a influência da cultura portuguesa em sua vida?

I: Só a comida mesmo, o hábito de comer bacalhau sempre, quase sempre, né.

E: Já passou algum tipo de discriminação em relação à sua origem?

I: Não, nem eu... não sei se meu pai, aqui meu pai já deve ter passado, né, quando ele chegou aqui, mas hoje em dia não.

E: Você tem filhos?

I: Não. [risos]

E: Como você se sente diante das piadas e críticas feitas aos portugueses?

I: Engraçado, não tem nada demais não.

- E: Você teve alguma dificuldade quando da procura de emprego?
- I: Não, nasci aqui, pra mim em relação a isso não... sou brasileiro, eu não tenho nenhum tipo de discriminação em relação a isso.
- E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?
- I: Não sei, eu não conheço bem como é lá, eu acredito até que possa ser que lá seja alto, não sei, essa paridade agora que eles tiveram lá, agora lá que a moeda é o Euro, né, pode ser que seja alta, não sei.
- E: Quantos Estados já visitou no Brasil?
- I: Minas, Espírito Santo, São Paulo, eu acho que só.
- E: O que mais aprecia no Brasil?
- I: As mulheres. [risos]
- E: Você se sente discriminado por ser filho de portugueses?
- I: Não, de maneira alguma.
- E: Você preferia ter nascido em Portugal ou... ?
- I: Não, de jeito nenhum. Não.
- E: Alguma vez já visitou seus familiares que residem em Portugal?
- I: Não, nunca fui lá. Pretendo ir, não sei quando.
- E: Você pretende permanecer no Brasil ou tem de ir ...?
- I: Não quero ficar aqui, não tenho vontade de sair não.
- E: Seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-lo?
- I: Os irmãos do meu pai já moraram aqui um tempo, aí foram embora em setenta e sete, o meu avô também já morou aqui com a gente uns anos, também já foi embora, faleceu lá, tenho uma tia minha que veio de lá, voltou, que tá lá ainda. E é isso.

MÁRIO RODRIGUES

Local da Entrevista: Empresa do Setor Imobiliário

E: Como gostaria de ser identificado?

I: Mário Rodrigues

E: Sexo
I: Masculino
E: Faixa Etária:
I: 74 anos
E: Nacionalidade:
I: Portuguesa
E: Descendência:
I: Filho de portugueses
E: Grau de Escolaridade:
I: 1º Grau Completo
E: Estado Civil:
I: Sou casado
E: Há quanto tempo reside no Brasil?
I: Aqui no Brasil eu vivo já há 53 anos. Eu acho que o Brasil é o país do futuro.
E: Qual a sua profissão?
I: Empresário
E: Qual o motivo da sua vinda para o Brasil?
I: O motivo foi de diversos estudos em relação ao Brasil, me interessei pela história de um modo geral e a grandeza do país e parentes que já estavam aqui na 3ª geração, é que me influenciaram a vir pro Brasil, exatamente não só porque tinha parentes aqui como também pelo país que fascinava mesmo naquela época quanto mais hoje. Portugal foi ruim durante a guerra, porque Portugal foi abandonado, tanto a Espanha como a própria Itália, e ...mas conforme fui ficando macho e abandonar esse país. Estava numa situação difícil, não é que o povo passasse fome, mas durante a guerra dentro do contrato que eu tinha feito com Portugal como a Espanha o conhecimento de suplementos e em Portugal seus comboios carregados de mercadoria e eles voltavam lá só pra enganar o povo, sobra de Portugal. E esse foi um racionamento em Portugal que de maior consumo e as sobras iam pra lá. Iam porque era um contrato que eu tinha feito com Portugal, não.... E eu acho que o Brasil foi inteligente que preservou a vida dos portugueses, mas em compensação eles sofreram e foram discriminados depois, não é verdade? Mas eu passei tudo isso e eu tinha um objetivo na minha vida e quando meus tios iam a Portugal eu logo sentia aquela alegria, aquela

satisfação. Eles sempre foram humildes como eu fui, mas eu via aquela satisfação e dentro de uma alegria fantástica e quando eu falava com eles, eu sentia que o que existia aqui não existia lá. Lá as coisas são diferentes, Portugal é um país pequeno, mas é muito bonito. Então eu falava com eles, e um certo dia nós estávamos almoçando e estavam lá três tios meus e eles vieram pra qui todos e então.... Dois tinham supermercado e outro tinha uma loja de atacados. Então eu conversando com eles é... eu não quero dizer que eles são ricos, são pobres, eu por coincidência o que eu ganhava lá vim ganhar aqui, né, mas o câmbio lá é mais restrito

E: Já passou por algum tipo de discriminação com relação a sua origem?

I: Não senhor, em hipótese nenhuma.

E: Houve alguma dificuldade de adaptação à língua portuguesa do Brasil?

I: A língua eu já trazia de lá e a língua aqui praticamente há algumas diferenças, mas a língua não há, não houve qualquer dificuldade.

E: Quando do nascimento dos filhos, houve alguma preferência entre o Brasil e Portugal?

I: Não, eu acho que se eu tivesse de escolher entre duas pátrias eu ficava sem nenhuma, mas não ia optar por nenhuma porque eu tenho duas pátrias, inclusive eu tenho o ...o... mesmos direitos através dos convênios que foram feitos por ambos os países. Minha filha é advogada

E: Como se sente diante das piadas e críticas feitas aos Portuguesas?

I: Eu levo isso em caráter de brincadeira, porque eu acho o seguinte: os brasileiros que vão a Portugal pela 1ª vez, eles vêm com uma idéia totalmente diferente daquela que tinham antes de ir. E eles para completar a história que eles conhecem no Brasil, eles vão completá-la em Portugal. E eu acho que todo brasileiro, eu... muitas vezes conversei com muitos e a opinião deles sobre Portugal modificou terrivelmente quando eles foram lá pela 1ª vez. Então eu acho conforme todos os portugueses deveriam vir aqui, todos os brasileiros deveriam ir a Portugal e conhecer realmente a história de ambos os países, que uma história está ligada a outra.

E: Houve alguma dificuldade quando da procura de emprego?

I: Não, eu vim pra aqui já primeiro com a chamada de um parente, segundo não tive dificuldade de arranjar emprego naquela época porque era abundante.

- E: Como era a tal Carta de Chamada?
- I: Só podia vir com a Carta de Chamada que um parente se responsabilizava pela minha vinda. Como eu não tinha completado ainda 21 anos ,que era a maioridade naquela época, eu só poderia vir com uma autorização do meu pai. Então eu vim , mas me teve a Carta de Chamada. Então eu vim pra casa de um parente meu, então não tive qualquer dificuldade.
- E: Era o governo português que liberava pra vir pra cá ou o governo brasileiro que decidia?
- I: Não o governo português liberava a carta de Chamada que ia passar pelo consulado. A pessoa que recebia a Carta de Chamada entrava no consulado do Brasil em Portugal, em Lisboa no caso, então era liberada.
- E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?
- I: Ora, naquela época havia uma diferença uma pequena melhora comparando com Portugal, naquela época, o que praticamente Portugal, naquela época foi cinco anos pós-guerra, quer dizer, embarquei em 51 e a guerra terminou em 45, então nós tínhamos praticamente 6 anos e Portugal estava sofrendo as conseqüências da guerra, porque não tinha entrado na guerra. E foi discriminado naquele plano baixo que todo mundo conhece, que Portugal e Espanha principalmente, mas Portugal foi mais sacrificado. E eu dentro das leituras que eu conhecia do Brasil, através da leitura, achava um país fascinante. E naquela época, não tinha televisão, o que a gente conhecia do Brasil era nos filmes e muitos filmes brasileiros passavam em Portugal e eu fazia questão de ver todos eles, em preto e branco. Então eu ficava fascinado não só pela história, o que era o Brasil, seu Continente e como o seu povo, como vivia, o nativo, que eram os índios, tudo me chamava a atenção e eu queria conhecer o Brasil e só através de uma Carta de Chamada pra trabalhar pra conhecer o Brasil, porque não tinha condições, porque naquela época poucos tinham condições pra fazer turismo no Brasil, principalmente naquela época pós-guerra que turismo é que se podia fazer principalmente na Europa não havia como fazer turismo E nas Américas fazia, mas com certas restrições.
- E: Quantos Estados já visitou no Brasil?

- I: Olha o Brasil eu conheço pouca coisa. O Estado do Rio eu conheço praticamente todo, conheço Minas Gerais, conheço São Paulo bem e conheço a Bahia, são os Estados que eu conheço.
- E: Tem algum que o senhor gostaria de conhecer?
- I: Eu pretendo ainda, se tiver possibilidade é... é... de conhecer o Sul. Isso é um projeto que eu tenho de conhecer o Sul.
- E: O que mais aprecia no Brasil?
- I: Eu destacaria em 1º lugar a própria natureza, e em 2º lugar, o próprio povo
- E: Alguma vez já visitou os seus familiares que residem em Portugal?
- I: Ah, visitei. Visitei umas 5 ou 6 vezes. Fui lá, tenho lá irmãos e eles optaram por continuar lá e eu optei pra vim para aqui, mas somos uma família unida.
- E: Você pretende permanecer no Brasil ou tem vontade de voltar para Portugal?
- I: Embora eu tenha nascido lá, eu tenho meus filhos brasileiros e eu acho que eu tenho 20 anos de Portugal e tenho 53 no Brasil.
- E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-lo?
- I: Todos vieram aqui e vieram exatamente com a mesma intenção minha não de trabalhar, mas de passear e ficaram realmente entusiasmados. O senhor vê que no momento nosso no Brasil é um fator hoje de turismo dos portugueses como investimento. Não sei se o senhor tem acompanhado isso.

MARIO RANHADO

Local: Restaurante Bella Blue

- E: Como se sente diante das piadas e das críticas feitas aos portugueses?
- I: Eu aceito, mas quando é de mau gosto, pra chamar de burro.... porque nós lá em Portugal contamos piada também, mas não com essa intenção de dizer que o outro era burro. Contamos piadas , mas dizendo que o brasileiro é uma pessoa ingênua, mas não burra. Aqui não. Conta a do português, mas dizendo que o português é burro, um idiota, ora.
- E: Como o senhor vê o custo de vida no Brasil e em Portugal?

- I: É mais ou menos. O governo se aproveitou e achou que era pouco valor e aumentou o custo de vida. A mesma coisa que aconteceu aqui, do Real. Eles não entenderam a princípio aquela, aquela diferença entre o Euro e o Escudo. E aí o custo de vida ficou andando lá em cima. Mas a tendência agora é normalizar. O Euro valia 150 Escudos. Então, quer dizer, aparentemente tem diferença, uma importância, mas não é alta. E com isso foi 5% além. Eu acho que a vida lá é cara.
- E: Que atividades os portugueses desenvolvem hoje?
- I: Quase 80% dos portugueses é influenciado por outros países, principalmente na construção civil, nos serviços mais simples, como é aqui. Eles não têm mais acesso. São pedreiros, carpinteiros, como aconteceu aqui anos atrás, também aconteceu em Portugal, porque o homem não quer nada com o trabalho, não quer nada com o trabalho porque se ele quiser, se ele quiser, se ele souber ser Arquiteto, ser Engenheiro, eles vão trabalhar. No inverso sofrem a exploração, como acontece aqui no Brasil com o nordestino. Há uma diferença cultural entre o português de Portugal e o português do Brasil: esses vieram no tempo pós-guerra, numa época difícil, sem instrução. E o português de Portugal é uma língua mais elevada e ele é simplório. Não entendo, é tanta diferença a ponto do português do Brasil ser discriminado em Portugal. Isso é desde o começo isso, depois se espalhou. É o caso das arquitetas, elas são arquitetas e trabalham no restaurante. O português aqui pegava esse carrinho, o burro-sem-rabo, todo mundo ficava olhando, eu via isso, eu sentia uma pena deles e eles ganhavam pouco.
- E: Quando o senhor veio para o Brasil?
- I: Eu vim para cá em 1960. Comecei a trabalhar logo.
- E: O que o senhor pensa dos preconceitos?
- I: A senhora imagina, ver uma senhora dos seus sessenta, setenta anos com os peitos de fora. Cá pra nós.
- E: E a música?
- I: Os brasileiros pensam que em Portugal é só fado, só fado, mas lá tem de tudo. Até a música popular daqui. Fafá de Belém lá é uma pessoa portuguesa. O pai dela é português e ela mora seis meses em Portugal, seis meses no Brasil, praticamente. As gajas ficam loucas.

MÁRIO RANHADO
(DIRETOR DO HOSPITAL SANTA CRUZ)

- E: Como gostaria de ser identificado?
- I: Mário Ranhado
- E: Sexo
- I: Masculino
- E: Faixa Etária:
- I: 60 anos.
- E: Nacionalidade:
- I: Portuguesa.
- E: Descendência:
- I: Pai português e mãe brasileira, era do Paraná.
- E: Os seus pais se conheceram lá em Portugal?
- I: O meu avô materno era português e a minha avó materna era brasileira também e quando o meu avô morreu aqui no Brasil, a minha avó foi em Portugal e vê os bens que tinha por parte do meu avô pra vender e voltar pro Brasil, se hospedou no hotel do meu avô paterno e a minha mãe conheceu meu pai, ela foi junto . Aí voltaram pra qui e depois voltaram pra lá definitivamente.
- E: Grau de Escolaridade:
- I: 1º Grau Incompleto .
- E: Estado Civil:
- I: Casado .
- E: Há quanto tempo reside no Brasil?
- I: Há 44 anos, com 16 anos.
- E: Qual a sua profissão?
- I: Comerciante.
- E: Qual o motivo da sua vinda para o Brasil?
- I: (incompreensível)
- E: Já passou por algum tipo de discriminação com relação a sua origem?
- I: Infelizmente , sim. Eu acho que o brasileiro está mal informado do que é o cidadão português. Então na vida é tudo por igual. Você pega um imigrante,

humilde, que vem lá do interior , e acha que todo povo português é igual, é inculto, que é grosseiro, que é rude. E eu não concordo muito com isso, que essa discriminação, como se fosse um cidadão que chega a cá todo dia.

E: Houve alguma dificuldade de adaptação à língua portuguesa do Brasil?

I: Não, absolutamente. Nenhuma, nenhuma, nenhuma.

E: O senhor tem filhos?

I: Não, nenhum.

E: Como se sente diante das piadas e críticas feitas aos Portuguesas?

I: Bem, as piadas feitas com o português, quem inventou as piadas foi o próprio português., não foi nem o brasileiro, por isso não temos nada que reclamar. O português contava ao filho brasileiro uma piada lá de Portugal. Aí veio a origem da piada do português.

E: Houve alguma dificuldade quando da procura de emprego?

I: Não , absolutamente, não. O Brasil estava numa boa situação, naquela época.

E: O senhor veio sozinho ou veio com os pais?

I: Eu vim só, mas eu já tinha aqui um irmão.

E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?

I: Era equivalente até a entrada do euro. Depois que entrou o euro o custo de vida lá ficou bem mais alto.

E: Quantos Estados já visitou no Brasil?

I: Uns quatro: Rio Grande, Paraná, São Paulo, Bahia, Espírito Santo, uns quatro ou cinco mais ou menos.

E: Há algum que o senhor gostaria de conhecer?

I: É , em especial o Nordeste, que eu ainda não conheço.

E: O que mais aprecia no Brasil?

I: Apesar de eu ter dito aqui, fui discriminado aqui, o que eu mais aprecio no Brasil não é nem as belezas da terra, não é nada, é o povo brasileiro.

E: Essa discriminação que o senhor diz, foi assim específica com a sua pessoa ou o senhor via esse tratamento com os seus patrícios?

I: Não, eu via esse tratamento com os meus patrícios.

E: Alguma vez já visitou os seus familiares que residem em Portugal?

I: Várias vezes.

E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-lo?

- I: Uma vez só.
E: De que região o senhor é de Portugal?
I: Norte de Portugal, Minho.

ORLANDO JOSÉ

- E: Sexo:
I: masculino
E: Faixa Etária:
I: 52 anos
E: Nacionalidade:
I: Portuguesa
E: Descendência:
I: Pai brasileiro
E: Grau de Escolaridade:
I: Superior Completo
E: Estado Civil:
I: Casado com uma brasileira.
E: Há quanto tempo reside no Brasil?
I: Há 42 anos.
E: Qual a sua profissão?
I: Administrador de empresas.
E: Qual o motivo da sua vinda para o Brasil?
I: Bem... meus pais vieram antes, meu pai era brasileiro nato , mas cresceu em Portugal, quando já tinha cerca de 50 anos ele voltou para o Brasil, em seguida veio minha mãe porque éramos pobres e migramos por necessidades financeiras e depois os filhos, eu fui o último a vir.
E: Já passou por algum tipo de discriminação com relação a sua origem?
I: Não, a não se aquelas gozações que os garotos e todo mundo fazia , não há nada demais, sempre me senti bem assim.

E: Houve alguma dificuldade de adaptação à língua portuguesa do Brasil?

I: Nenhuma significativa, estranhei um pouquinho as gírias da época, certas expressões, mas acho que não levei mais que uma semana ou duas para me adaptar totalmente.

E: O senhor tem filhos?

I: Tenho dois filhos.

E: Quando do nascimento dos filhos, houve alguma preferência entre o Brasil e Portugal?

I: Não, eles são brasileiros .

E: Como se sente diante das piadas e críticas feitas aos Portugueses?

I: Ah, eu levo na brincadeira , encaro como brincadeira e acho que não merece ser levada de outra forma.

E: Houve alguma dificuldade quando da procura de emprego?

I: Não, não houve dificuldade .

E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?

I: Bem... há muito tempo que eu não vou a Portugal , mas pelo que eu ouço dizer, os meus familiares que vão, lá o custo de vida é mais caro em função também do valor da moeda, que é maior.

E: Quantos Estados já visitou no Brasil?

I: Distrito Federal, Minas, Espírito Santo e São Paulo.

E: Qual gostaria de conhecer?

I: Acho que quase todos, né?

E: O que mais aprecia no Brasil?

I: Essa é uma pergunta difícil.

E: Então vamos deixar para depois.

E: Alguma vez já visitou os seus familiares que residem em Portugal?

I: Eu nunca mais voltei lá.

E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-lo?

I: Já sim.

E: Você foi contra ou a favor quando os seus pais decidiram vir morar no Brasil?

I: Eu era muito pequeno, era uma criança ainda, tinha menos de cinco anos.

E: Você pretende permanecer no Brasil ou tem vontade de voltar para Portugal?

I: Eu pretendo permanecer no Brasil.

- E: Quanto a alguma particularidade que o senhor mais aprecia no Brasil. O senhor tem alguma lembrança, o povo, a natureza, a comida, a música, o território, alguma coisa em particular?
- I: A natureza, a música, a cultura, mas também há grandes problemas aqui, né? As diferenças sociais, as diferenças de ganhos da população, das classes sociais, das mais favorecidas para as menos favorecidas, é uma diferença muito gritante, então isso ai são problemas que afetam todos que vivem aqui no país.
- E: O senhor, tem brasileiros que vistam aqui, o seu universo de leitura, de literatura portuguesa?
- I: Sim, a maioria dos freqüentadores são brasileiros, os portugueses não vêm muito aqui, quer dizer, vem os associados, aqueles que estão sempre mais presente, que são ligados à vida do Real Gabinete, mas muitos não vêm, acredito que há muitos portugueses que moram aqui no Rio de Janeiro que nunca vieram ao Gabinete.

PAULO ROBERTO

Local: na residência

E: Sexo

I: Masculino

E: Faixa Etária

I: entre 20 e 40 anos

E: Nacionalidade

I: Brasileira

E: Descendência

I: Filho de portugueses

E: Grau de Escolaridade

I: superior completo

E: Estado Civil

I: solteiro

E: Há quanto tempo reside no Brasil?
I: 36 anos.
E: Qual a sua profissão?
I: Engenheiro.
E: Qual a influência da cultura portuguesa em sua vida?
I: Meu pai é português, cresci aprendendo os costumes portugueses.
E: Já passou por algum tipo de discriminação com relação a sua origem?
I: Não.
E: Como se sente diante das piadas e críticas feitas aos portugueses?
I: Acho engraçado. Só não conto aos portugueses.
E: Houve alguma dificuldade quando da procura de emprego?
I: Não.
E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?
I: É relativo, porém o custo no Brasil em relação ao que se ganha é alto.
E: Quantos Estados já visitou no Brasil?
I: 16.
E: O que mais aprecia no Brasil?
I: As praias, principalmente do nordeste.
E: Você se sente discriminado por ser filho de Portugueses?
I: Não.
E: Você preferia ter nascido em Portugal? Caso positivo, por quê?
I: Não.
E: Alguma vez já visitou os seus familiares que residem em Portugal?
I: Sim.
E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-lo?
I: Sim.

RUI

Local: residência

E: Sexo

I: masculino

E: Faixa Etária

I: entre 20 e 40 anos

E: Nacionalidade

I: portuguesa

E: Descendência

I: filho de portugueses

E: Grau de Escolaridade

I: superior completo

E: Estado Civil

I: casado

E: Há quanto tempo reside no Brasil?

I: Há um ano e meio

E: Qual a sua profissão?

I: Engenheiro de Telecomunicação.

E: Qual o motivo da sua vinda para o Brasil?

I: Estou no Brasil por motivo de trabalho.

E: Já passou por algum tipo de discriminação com relação a sua origem?

I: Não.

E: Houve alguma dificuldade de adaptação à língua portuguesa do Brasil?

I: Não.

E: Como se sente diante das piadas e críticas feitas aos portugueses?

I: Encaro com naturalidade , pois entendo que surgiram numa época em que os emigrantes portugueses eram na maioria pessoas de pouca cultura e que motivaram situações que acabaram por ser exageradas.

I: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?

- E: Em relação aos produtos básicos, no Brasil considero que o custo de vida é menor. Já no que respeita a produtos importados a situação é inversa.
- E: Quantos Estados já visitou no Brasil?
- I: São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais.
- E: O que mais aprecia no Brasil?
- I: A diversidade de cultura do povo brasileiro , mistura de vários povos e raças, as belezas naturais, o clima e as oportunidades para novos negócios.
- E: Você se sente discriminado por ser filho de Portugueses?
- I: Não.
- E: Alguma vez já visitou os seus familiares que residem em Portugal?
- I: Sim.
- E: Você pretende permanecer no Brasil ou tem vontade de voltar para Portugal?
- I: Pretendo permanecer no Brasil.
- E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-lo?
- I: Ainda não.

SÉRGIO CASTELO

Local da Entrevista: Lavanderia Pátria

- E: Como gostaria de ser identificado?
- I: Sérgio Castelo
- E: Sexo:
- I: Masculino
- E: Faixa Etária:
- I: 42 anos
- E: Nacionalidade:
- I: Brasileira
- E: Descendência:
- I: Filho de Portugueses
- E: Grau de Escolaridade:

I: Superior Incompleto

E: Estado Civil:

I: Casado

E: Qual a sua profissão:

I: Comerciante

E: Qual a influência da cultura portuguesa em sua vida?

I: Questões sempre é na parte de alimentação. Alimentação é o que mais influi.

E: Já passou por algum tipo de discriminação com relação a sua origem?

I: Não.

E: Houve alguma dificuldade de adaptação à língua portuguesa dos seus pais ?

I: Nenhuma.

E: Como se sente diante das piadas e críticas feitas aos portugueses?

I: Levo na brincadeira, né. Eu mesmo conto pro meu pai. Lá é o contrário. Fazem piada não com português mas com brasileiro..

E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?

I: Lá eu acho que é menor.

E: Quantos Estados já visitou no Brasil?

I: 5, é 5.

E: Tem algum que você gostaria de conhecer?

I: Eu gostaria de visitar o Sul, né.

E: O que mais aprecia no Brasil?

I: Em termos assim de geografia são as praias, o povo brasileiro, um povo alegre.

E: Você se sente discriminado por ser filho de portugueses?

I: Não, nunca me senti não.

E: Você preferia ter nascido em Portugal?

I: Também não.

E: Alguma vez já visitou os seus familiares que residem em Portugal?

I: Uma vez, quando era criança, né. Tinha 12 anos.

E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-lo?

I: Alguns já vieram

E: Você teve alguma decisão na vinda dos seus pais para o Brasil?

I: Não, não tive nenhuma participação. Eles vieram pra cá solteiros, constituíram a família aqui.

SILVANO PENA

Local: na residência

E: Sexo

I: Masculino

E: Faixa Etária

I: entre 41 e 60 anos

E: nacionalidade

I: Português naturalizado brasileiro

E: Descendência

I: Filho de portugueses

E: Grau de Escolaridade

I: 1º grau completo

E: Estado Civil

I: casado

E: Há quanto tempo reside no Brasil?

I: 42 anos.

E: Qual a sua profissão?

I: Empresário.

E: Qual o motivo da sua vinda para o Brasil?

I: A trabalho.

E: Já passou por algum tipo de discriminação com relação a sua origem?

I: Não.

E: Houve alguma dificuldade de adaptação à língua portuguesa do Brasil?

I: Não.

E: Quando do nascimento dos filhos, houve alguma preferência entre o Brasil e Portugal?

I: Não.

E: Como se sente diante das piadas e críticas feitas aos Portugueses?

- I: Indiferente.
- E: Houve alguma dificuldade quando da procura de emprego?
- I: Não.
- E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?
- I: Mais baixo.
- E: Quantos Estados já visitou no Brasil?
- I: 6 Estados. Gostaria de conhecer o Rio Grande do Sul.
- E: O que mais aprecia no Brasil?
- I: A facilidade de conviver.
- E: Você se sente discriminado por ser filho de portugueses?
- I: Não.
- E: Você preferia ter nascido em Portugal? Caso positivo, por quê?
- I: Sim.
- E: Alguma vez já visitou os seus familiares que residem em Portugal?
- I: Sim.
- E: Você pretende permanecer no Brasil ou tem vontade de voltar para Portugal?
- I: Permanecer no Brasil.
- E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-lo?
- I: Não.
- E: Você foi contra ou a favor quando os seus pais resolveram vir para o Brasil?
- I: A favor.

SILVINO

Local da Entrevista: Restaurante na Rua da Conceição (Sócio)

- E: Como gostaria de ser identificado?
- I: Silvino
- E: Sexo:
- I: Masculino
- E: Faixa Etária:

I: 62 anos.

E: Nacionalidade:

I: Portuguesa.

E: Descendência:

I: Filho de portugueses

E: Grau de Escolaridade:

I: Primário.

E: Estado Civil:

I: Casado .

E: Há quanto tempo reside no Brasil?

I: Desde 20 de abril de 1957. Quarenta e... vai fazer 45 anos, quarenta e sete anos.

E: Qual a sua profissão?

I: Comerciante.

E: Qual o motivo da sua vinda para o Brasil?

I: Eu vim acompanhado dos meus pais, eu tinha 14 anos.

E: Qual a influência da cultura portuguesa em sua vida?

I: É boa, né. Pra mim, tanto aqui como lá é a mesma coisa.

E: O senhor conserva ainda hábitos adquiridos em Portugal?

I: A cultura portuguesa e brasileira são muito semelhantes. Quase a mesma coisa. Eu cultivo o que gosto de lá tanto quanto gosto daqui.

E: Qual a sua influência na vinda deles para o Brasil? O senhor foi a favor ou contra?

I: Não contava, porque eu era criança.

E: Essa época foi a época da guerra?

I: Não, não tinha começado a guerra não

E: Já passou por algum tipo de discriminação com relação a sua origem?

I: Não, acho que no início, quando se é criança tem aquelas brincadeiras, aquelas piadas, mas... acho que não.

E: Houve alguma dificuldade de adaptação à língua portuguesa do Brasil?

I: Não, porque eu vim criança, não tive problemas maiores. Estudei aqui em colégios, fiz aqui até o ginásio.

E: O senhor tem filhos?

I: Tenho, tenho dois.

- E: Quando do nascimento dos filhos, houve alguma preferência entre o Brasil e Portugal?
- I: Não, eu sou casado com brasileira. Então os meus filhos são brasileiros. Eles têm dupla nacionalidade por força do tratado, mas eles são brasileiros
- E: Como se sente diante das piadas e críticas feitas aos Portuguesas?
- I: Ninguém gosta, né?
- E: Houve alguma dificuldade quando da procura de emprego?
- I: Bom, eu nunca fui empregado, né. Só quando cheguei ao Brasil trabalhei uns meses numa companhia de ônibus, que era a 1001 por pouco tempo.
- E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?
- I: Ah aí eu não sei, não, mas eu acho que o custo de vida lá é um pouco mais alto em virtude da moeda também. Se ganha mais do que aqui atualmente, né, acho que o custo de vida lá é mais caro do que aqui atualmente.
- E: Quantos Estados já visitou no Brasil?
- I: No Brasil eu conheço pouca coisa. O estado de São Paulo, fui uma vez ao Paraná, em Minas, Juiz de Fora.
- E: Tem algum Estado que o senhor gostaria de conhecer?
- I: Ah, gostaria sim, o Sul, Santa Catarina, Rio Grande e o Norte alguns Estados
- E: O que mais aprecia no Brasil?
- I: Tudo. As pessoas, o clima, a vida, eu me criei aqui. E foi aqui que eu nasci praticamente, né, então eu, tudo aqui no Brasil eu gosto
- E: Alguma vez já visitou os seus familiares que residem em Portugal?
- I: Já, algumas vezes já
- E: Pretende permanecer no Brasil ou tem vontade de voltar para Portugal?
- I: Bom, eu pretendo ficar aqui no Brasil, lógico, mas Portugal a passeio, quero ver meus pais ainda, uma casa que era dos meus pais. Não sei, a vida dá muitas voltas, a gente não sabe, né.
- E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-lo?
- I: Não
- E: De que região o senhor é de Portugal?
- I: Sou de uma aldeia próxima de Castelo Branco, Beira Baixa, uma aldeia que se chama Orvalho, centro.

Dr. TOMAZ CORREIA DE OLIVEIRA

Local da Entrevista: Escritório de Advocacia

E: Como gostaria de ser identificado?

I: Dr. Tomaz Correia de Oliveira

E: Sexo:

I: Masculino

E: Faixa Etária:

I: Acima de 61

E: Nacionalidade:

I: Portuguesa

E: Descendência:

I: Filho de portugueses

E: Grau de Escolaridade:

I: Superior Completo (Contabilidade)

E: Estado Civil:

I: Casado

E: Há quanto tempo reside no Brasil?

I: 70 anos

E: Qual a sua profissão?

I: Advogado

E: Qual o motivo da sua vinda para o Brasil?

I: Para evitar a guerra. O meu pai já estava no Brasil e mandou que viesse embora, antes que o mesmo fosse mobilizado. Portugal ainda não tinha entrado em guerra.

E: Qual a influência da cultura portuguesa em sua vida?

I: Foi muito grande. Estudei em Portugal e vivi lá até os 18 anos.

E: Já passou por algum tipo de discriminação com relação a sua origem?

I: Não, pelo contrário. Levo vantagens.

E: Houve alguma dificuldade de adaptação à língua portuguesa do Brasil?

I: Nenhuma

- E: Quando do nascimento dos filhos, houve alguma preferência entre o Brasil e Portugal?
- I: Não . São nascidos no Brasil.
- E: Como se sente diante das piadas e críticas feitas aos Portuguesas?
- I: Nulo. Não dou importância, pois lá também se faz piadas com brasileiros.
- E: Houve alguma dificuldade quando da procura de emprego?
- I: Não precisei procurar emprego. Meu pai era empresário no Brasil.
- E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?
- I: No Brasil é melhor, é mais barato
- E: Quantos Estados já visitou no Brasil?
- I: Todos.
- E: O que mais aprecia no Brasil?
- I: O povo descontraído. O português é mais contido.
- E: Você se sente discriminado por ser filho de portugueses?
- I: Em absoluto.
- E: Alguma vez já visitou os seus familiares que residem em Portugal?
- I: Todos os anos, duas vezes por ano.
- E: Você pretende permanecer no Brasil ou tem vontade de voltar para Portugal?
- I: Todo português tem vontade de voltar a sua terra, mas eu tenho tudo aqui, filhos, netos etc.
- E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-lo?
- I: Sim.
- E: Você foi contra ou a favor quando os seus pais decidiram vir morar no Brasil?
- I: Não tive poder de interferir.

VICTOR

Local da Entrevista: Comércio de Padaria da Rua Coronel Gomes Machado

- E: Como gostaria de ser identificado?
- I: Victor
- E: Sexo:

I: Masculino
E: Faixa Etária
I: 65
E: Nacionalidade:
I: Portuguesa
E: Descendência:
I: Filho de Portugueses
E: Grau de Escolaridade:
I: 2º Grau Completo
E: Estado Civil:
I: Casado
E: Há quanto tempo reside no Brasil?
I: Há 50 anos
E: Qual a sua profissão?
I: A minha profissão é desenhista. Eu trabalhei 36 anos na Prefeitura do Rio de Janeiro e agora me aposentei, estou aqui, porque uma dos sócios a dona da padaria que é o sócio do seu Rodrigues é minha tia e eu vim pra aqui.
E: Qual o motivo da sua vinda para o Brasil?
I: Ah, eu vim pra aqui com 14 anos, vim com meus pais.
E: Qual a influência da cultura portuguesa em sua vida?
I: É muito grande, né. Eu comecei a me definir lá ainda, né. Vim pra cá com 14 anos, estudava e continuei estudando. Parei, depois voltei, aí eu parei. Quer dizer é uma série de coisas. A influência foi grande.
E: Já passou por algum tipo de discriminação com relação a sua origem?
I: Não.
E: Houve alguma dificuldade de adaptação à língua portuguesa do Brasil?
I: Não, não tive não. Aqui eu... tem coisas que é diferente, né, na pronúncia, na pronúncia só. Tinha uma ... uma coisa ... uma língua que se estudava aqui como horrores e que eu adorava, foi pena que só tive o prazer de um ano, que foi o latim.
E: Quando do nascimento dos filhos, houve alguma preferência entre o Brasil e Portugal?
I: Não, não tive preferência, não. Eu acho que isso aí é natural.

- E: Como se sente diante das piadas e críticas feitas aos Portuguesas?
- I: Eu me sinto normal, que eu também faço piadas, eu levo tudo na brincadeira, porque eu acho que não é motivo pra gente brigar por causa de uma piada. O que as piadas fazem aqui, a gente faz o inverso lá e...
- E: Houve alguma dificuldade quando da procura de emprego?
- I: Não, não, a época que eu comecei a trabalhar, eu estudei durante... durante ... de dia um ano. No segundo ano de Brasil eu já fui trabalhar e estudar de noite. Trabalhava no frigorífico Wilson. Trabalhei lá 10 anos.
- E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?
- I: Olha, eu acho que ele é compatível. Lá se torna mais caro, mas também se ganha mais e aqui é a mesma coisa, né, é equivalente ao salário
- E: Quantos Estados já visitou no Brasil?
- I: Eu trabalhei em 1965 , estive no Acre, no Amazonas, conheço alguma parte de Minas. Tudo isso em trabalho.
- E: Tem algum Estado que o senhor não visitou e gostaria de conhecer?
- I: Ah, tem vários, né. O Brasil é muito grande. Eu gostaria muito de conhecer o Norte, Nordeste. É muito mesmo, mas...
- E: Você se sente discriminado por ser filho de portugueses?
- I: A pequena discriminação mesmo era entre os próprios patrícios, porque eu sou de um lugar onde eles não gostam da gente, que nem o nortista com os cariocas. Lá existe o nortista com o lisboeta e eu sou de Lisboa. Então, há uma pequena divergência, mas isso aí é coisas banais, não altera nada.
- E: Alguma vez já visitou os seus familiares que residem em Portugal?
- I: Visitei uma vez, em 12 anos que eu tive lá.
- E: Você pretende permanecer no Brasil ou tem vontade de voltar para Portugal?
- I: Olha isso aí depende muito. Eu se fosse só, não tivesse família, não tivesse constituído, talvez voltasse. Mas com família aqui, eu fico perto é da minha família. Meus pais já faleceram, eu só tenho a minha família, que é a minha esposa e as minhas filhas.
- E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-lo?
- I: Já, mais que uma vez. Agora, atualmente está mais fácil eles virem que eu ir lá.
- E: Você foi contra ou a favor quando os seus pais decidiram vir morar no Brasil?
- I: Não dei opinião. Não tive nenhuma influência.

10.2 MULHERES

ADELAIDE FLORINDA VILAR DA SILVA

E: Sexo:

I: Feminino

E: Faixa Etária:

I: Acima de 61 anos

E: Nacionalidade:

I: Portuguesa

E: Descendência:

I: Filha de portugueses

E: Grau de Escolaridade:

I: 1º grau completo

E: Estado Civil:

I: Casada

E: Qual a sua profissão:

I: Doméstica

E: Há quanto tempo a senhora já vive no Brasil?

I: Vai fazer quarenta e oito anos... quarenta e oito anos é que nós vamos fazer?

I: É, quarenta e oito. Quarenta e oito.

E: Qual a profissão da senhora?

I: Doméstica. Ó, eu tinha uma loja, trabalhava na loja, né, mas doméstica.

E: Qual o motivo da sua vinda pro Brasil?

I: Ah! O meu marido veio, eu tive que vir. Que o pai dele tava aqui, ele quis vim, aí eu tive que vir.

E: A senhora já passou algum tipo de discriminação por ser portuguesa?

I: Eu não. No começo a gente sempre tem um pouquinho, mas foi né? Levei na boa.

E: A senhora teve dificuldade com adaptação da língua, do português do Brasil?

- I: Um pouquinho no começo teve, né? Eu achava que o pessoal falava muito depressa e eu não entendia nada. [risos] Aí depois me acostumei bem. Graças a Deus tô bem aqui, me acostumei bem.
- E: A senhora tem filhos?
- I: Dois portugueses e um brasileiro.
- E: E a senhora teve preferência do país que eles nasceram, não? Eles nasceram porque a senhora vivia aqui ou em Portugal?
- I: Dois são portugueses...
- E: Mas por escolha da senhora ou por...?
- I: Não, é porque eu morava lá, casei lá, eu casei lá e tive eles lá. Quando eu vim pro Brasil, aí depois tive um.
- E: Como a senhora se sente diante das piadas e críticas feitas aos portugueses?
- I: Não me amola. Porque muitas piadas não é aquilo que o pessoal fala. Porque a gente era dum lugar, nós viemos da cidade mesmo do Porto, quando as piadas vêm mais do pessoal do interior. Olha, meu marido aí achava graça quando falavam piada, ele achava graça, porque se fosse levar na, por exemplo, na briga, se fosse levar na briga ... então ele achava graça porque foi a maneira de pessoal se acostumar.
- E: A senhora teve dificuldade na procura de emprego aqui no Brasil?
- I: Não, nunca... Lá eu trabalhei, mas aqui nunca trabalhei não.
- E: A senhora acha que o custo de vida aqui no Brasil é difícil, lá em Portugal é melhor?
- I: Agora acho que está melhor, agora acho que está bem melhor, né? Na época que a gente veio não, mas agora tá bem melhor. É o que dizem, né, tá bem melhor.
- E: A senhora já visitou algum Estado brasileiro?
- I: Se eu já visitei? Já...
- E: Quais?
- I: Olha, a Bahia, já fui pro Sul, São Paulo... acho que só. Bahia... São Paulo... Acho que só.
- E: O que a senhora mais aprecia aqui no Brasil?
- I: Ah, não sei! Eu gosto de tudo, eu gosto de tudo. Me acostumei bem, a gente se acostumando gosta de tudo, né? [risos] Eu gosto de tudo.
- E: E a senhora se sente discriminada por ser filha de portugueses?

- I: Não, não. Nem filha, nem por ser portuguesa. Eu não! Eu acho que ninguém é melhor do que ninguém, não é. Todo mundo é igual.
- E: A senhora já voltou a Portugal pra visitar seus parentes que vivem lá?
- I: Já, já.
- E: Muitas vezes?
- I: Não, fui uma vez só. Meu marido perdeu quase a família toda, agora não quer mais ir. Eu ainda tenho lá meus irmãos todos, mas ele agora não quer mais ir.
- E: A senhora pretende permanecer no Brasil ou a senhora pretende voltar pra Portugal?
- I: Não, não! Não, tenho netos, bisnetos, tudo aqui, vou pra Portugal? De maneira nenhuma! Pra visitar eu gostaria ainda de ir, mas assim não. Pra ficar de vez não.
- E: Seus parentes que moram em Portugal já vieram visitar a senhora aqui no Brasil?
- I: A minha mãe já veio e ficou aqui um ano, depois foi embora. Tenho uma irmã também que veio... já todas duas morreram. E tenho um sobrinho que está no Sul, mas a trabalho, já está lá há... vai fazer três anos, mas veio a trabalho, contratado, né? Uma firma.
- E: E a senhora veio com seu marido?
- I: É.
- E: Só isso. Obrigada.
- I: Nada.

ANA

LOCAL: na residência

E: Sexo

I: Feminino

E: Faixa Etária

I: Entre 41 e 60 anos

E: Nacionalidade

I: Portuguesa

E: Descendência
I: Filha de portugueses
E: Grau De Escolaridade
I: 1º Grau Completo
E: Estado Civil
I: Casada
E: Há quanto tempo reside no Brasil?
I: 42 anos
E: Qual a sua profissão?
I: Do lar
E: Qual o motivo da sua vinda para o Brasil?
I: O trabalho
E: Já passou por algum tipo de discriminação com relação à sua origem?
I: Não
E: Houve alguma dificuldade de adaptação à língua portuguesa do Brasil?
I: Não
E: Quando do nascimento dos filhos, houve alguma preferência entre o Brasil e Portugal?
I: Não, residia no Brasil são brasileiros.
E: Como se sente diante das piadas e críticas feitas aos portugueses?
I: Indiferente
E: Houve alguma dificuldade quando da procura de emprego?
I: Não
E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?
I: Mais baixo
E: Quantos Estados já visitou no Brasil?
I: 5 Estados, mas gostaria de conhecer o Rio Grande do Sul
E: O que mais aprecia no Brasil?
I: A facilidade de convivência.
E: Você se sente discriminada por ser filha de portugueses?
I: Não
E: Alguma vez já visitou os seus familiares que residem em Portugal?

- I: Sim
- E: Você pretende permanecer no Brasil ou tem vontade de voltar para Portugal?
- I: Permanecer no Brasil
- E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-la?
- I: Não
- E: Você foi contra ou a favor quando os seus pais resolveram vir para o Brasil?
- I: A favor

ANA CECÍLIA

- E: Sexo:
- I: Feminino.
- E: Idade:
- I: 23 anos.
- E: Nacionalidade:
- I: Brasileira.
- E: Grau de Escolaridade:
- I: Universitário (Grau Superior)
- E: Qual a sua profissão?
- I: Arquiteta
- E: Em algum momento você sentiu discriminação por causa da sua origem portuguesa?
- I: Às vezes isso me incomodava, mas eu fui levando.
- E: Como se sente diante das piadas e críticas feitas aos Portugueses?
- I: Eu conto as piadas que os portugueses contam sobre os brasileiros.
- E: Já visitou Portugal alguma vez?
- I: Já, várias vezes.
- E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-la?
- I: Já, mas foram poucas vezes, eu fui lá mais vezes.
- E: Você preferia ter nascido em Portugal ou está bem assim, nascida no Brasil?

- I: Tô bem assim, é bom ter os seus dois países.
- E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?
- I: É mais barato aqui.
- E: Das vezes que você foi a Portugal, você sentiu dificuldade com a língua praticada lá?
- I: Não, dá pra entender, a gente se acostuma, só tive dificuldade com os mais velhos que falam bem puxado, mas a gente se entende.

ANA CLÁUDIA

- E: Sexo
- I: Feminino
- E: Idade:
- I: De 20 a 40 anos
- E: Nacionalidade
- I: Brasileira
- E: Descendência
- I: Filha de portugueses
- E: Grau de escolaridade
- I: Superior completo
- E: Estado civil?
- I: Divorciada
- E: Qual é a sua profissão?
- I: Administradora de empresas
- E: Qual a influência da cultura portuguesa na sua vida ,nos mais variados aspectos.
- I: Influência na minha vida? Eu acho que não tem muita influência não.
- E: A cultura portuguesa não influenciou na sua vida?
- I: Não, não tem porque freqüento casas, não participo de grupos folclóricos nem nada, na minha não tem nenhuma não.
- E: Nem na alimentação?

- I: Não, nem na alimentação, eu sou muito chata pra comer! Eu gosto mais dessas coisas americanizadas, frituras, aquelas comida não me agradam muito não...
- E: Como você se sente diante das piadas e críticas feitas aos portugueses?
- I: Eu acho... umas ou outras eu acho engraçadas, mas a maioria eu acho muito "rótulo", muito assim... agressivas.
- E: O custo de vida no Brasil, na sua opinião, é igual, maior ou menor que em Portugal ou você não tem nenhum conhecimento sobre isso?
- I: O custo de vida? Em Portugal o custo de vida é mais alto, mas em compensação as pessoas são melhor remuneradas, então conseqüentemente, elas vivem melhor do que nós.
- E: Quantos Estados você já visitou no Brasil?
- I: No Brasil... Eu acho que uns 4 ou 5.
- E: Tem algum que você gostaria de visitar e ainda não visitou?
- I: Maceió.
- E: O que você mais aprecia no Brasil?
- I: A beleza natural, as praias e a diversidade, entre montanhas e praias em um mesmo local você tem ambas as coisas.
- E: E até no próprio estado mesmo, né?
- I: Exatamente, no próprio Estado do Rio.
- E: Você já se sentiu discriminada por ser filha de português?
- I: Não, nunca.
- E: Você preferia ter nascido em Portugal?
- I: Não sei... O Rio de Janeiro eu gosto muito porque apesar de vez em quando eu me estressar, com violência, trânsito e isso e aquilo outro, no fundo eu caio na realidade e falo: "Mas essa cidade é mesmo maravilhosa." Não tem outra igual, eu às vezes brincava com meu pai dizendo: " pôxa, porque você veio pro Brasil? Você tinha que ter ido pra França, pra outro lugar , pra Suíça, sei lá, uma coisa que não fosse tão agressiva como o nosso Brasil", né? Mas já que eu estou aqui...
- E: Alguma vez você já visitou os seus familiares em Portugal?
- I: Já, já... 2 vezes.
- E: E eles visitaram vocês aqui no Brasil?
- I: Já também.
- E: O seu pai é de que região de Portugal?

I: Ele é de perto de Vizeu, de Armamar.

ANA ISABEL

LOCAL: na residência

E: sexo

I: Feminino

E: Faixa Etária

I: Entre 20 e 40 anos

E: Nacionalidade

I: Portuguesa

E: Descendência

I: Filha de portugueses

E: Grau de Escolaridade

I: Superior completo (Letras)

E: Estado Civil

I: Casada

E: Há quanto tempo reside no Brasil?

I: 3 anos.

E: Qual a sua profissão?

I: Professora

E: Qual o motivo da sua vinda para o Brasil?

I: Acompanhar o marido. É engenheiro na Peugeot do Brasil. Mas de 3 em 3 ou de 4 em 4 anos mudo de país, infelizmente.

E: Já passou por algum tipo de discriminação com relação à sua origem?

I: Não.

E: Houve alguma dificuldade de adaptação à língua portuguesa do Brasil?

I: Não

- E: Quando do nascimento dos filhos, houve alguma preferência entre o Brasil e Portugal?
- I: Meu filho nasceu em França. Mas gostaria imenso que tivesse sido no Brasil,
- E: Como se sente diante das piadas e críticas feitas aos Portugueses?
- I: Não me aborrecem, são só piadas. Na verdade eles gostam muito de todos.
- E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?
- I: Mais alto
- E: Quantos Estados já visitou no Brasil
- I: 5. Ainda me falta conhecer o Pantanal.
- E: O que mais aprecia no Brasil?
- I: As diferentes culturas e sobretudo a alegria deste povo.
- E: Você se sente discriminada por ser filha de Portugueses?
- I: Não
- E: Você preferia ter nascido em Portugal? Caso positivo, por quê?
- I: Eu nasci, mas não tive escolha
- E: Alguma vez já visitou os seus familiares que residem em Portugal?
- I: Sempre, 2 vezes no ano.
- E: Você pretende permanecer no Brasil ou tem vontade de voltar para Portugal?
- I: Gostaria de permanecer por muito tempo, mas é impossível.
- E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-la?
- I: Não.

ANA MARIA

Local da Entrevista: Rua Barão do Amazonas, na Ponta D' Areia

- E: Como gostaria de ser identificada?
- I: Ana Maria
- E: Sexo:
- I: Feminino

E: Faixa Etária:
I: Acima de 61 (74)
E: Nacionalidade:
I: Portuguesa
E: Descendência:
I: Filha de Portugueses
E: Grau de Escolaridade:
I: Primário
E: Estado Civil:
I: Casada
E: Há quanto tempo reside no Brasil?
I: 54 anos
E: Qual a sua profissão?
I: Doméstica, mas eu já trabalhei fora.
E: Qual o motivo da sua vinda para o Brasil?
I: Ah, porque uma parte da minha família morava aqui.
E: Já passou por algum tipo de discriminação com relação a sua origem?
I: Nunca. Às vezes até curtem com a gente, mas não tem problema não
E: Houve alguma dificuldade de adaptação à língua portuguesa do Brasil?
I: Também não, também não, pra mim não
E: Quando do nascimento dos filhos, houve alguma preferência entre o Brasil e Portugal?
I: Nenhuma, nenhuma.
E: Como se sente diante das piadas e críticas feitas aos Portugueses?
I: Às vezes tem coisas que eu fico chateada, mas não tem problema também. Os brasileiros adoram... dizem que fazem, eu nunca vi, nunca escutei, não sei
E: Houve alguma dificuldade quando da procura de emprego?
I: Na época eu fui procurada para trabalhar.
E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?
I: Na minha opinião, acho que é mais alta. Bem, agora nem sei direito, porque dizem que lá, lá seria melhor, mas o pessoal que vem de lá, fala, se vive melhor do que aqui, mas também aqui o custo de vida não está barato.
E: Quantos Estados já visitou no Brasil?

- I: Estados, Estados, poucos. Alguma coisa de São Paulo. Deixa eu ver, a parte de Resende pertence ao Rio, não tem nada a ver.
- E: Qual gostaria de conhecer?
- I: Ah, tem. É ... o Norte, o Nordeste, por aí.
- E: O que mais aprecia no Brasil?
- I: As praias, as praias são muito bonitas.
- E: Você se sente discriminado por ser filha de Portugueses?
- I: Não
- E: Alguma vez já visitou os seus familiares que residem em Portugal?
- I: Não, não.
- E: Você pretende permanecer no Brasil ou tem vontade de voltar para Portugal?
- I: Morar, não., de visitar.
- E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-la?
- I: Não, porque são parentes de 2º e 3º grau. Alguns moram em São Paulo. Não tem nada a ver. A minha família mesmo mora toda aqui
- E: Você foi contra ou a favor quando os seus pais decidiram vir morar no Brasil?
- I: Na época do meu pai não fui contra nem a favor. Na época que eu vim, fui um pouco contra, depois ... ficou tudo bem. Quando a gente vem pra um lugar desconhecido é complicado. Estava namorando.

ANA PAULA

Local da Entrevista: na residência

- E: Como gostaria de ser identificada?
- I: Sem problema nenhum pelo meu nome: Ana Paula
- E: Sexo:
- I: Feminino
- E: Faixa Etária:
- I: De 20 a 40 anos
- E: Nacionalidade:

- I: Brasileira
- E: Descendência:
- I: Filha de portugueses
- E: Grau de Escolaridade:
- I: Superior Completo
- E: Estado Civil:
- I: Separada
- E: Qual a sua profissão:
- I: Professora
- E: Já passou por algum tipo de discriminação com relação a sua origem?
- I: Isso me incomodou muito, quando criança. Quando fui crescendo, comecei a sentir orgulho. Não me incomodo mais.
- E: Você gostaria de ter nascido em Portugal?
- I: Não, eu gostaria de ter nascido no Brasil, mas gostei muito de conhecer Portugal
- E: Alguma vez já visitou os seus familiares que residem em Portugal?
- I: Já tive oportunidade não só de visitar, como já morei lá.
- E: Você foi contra ou a favor quando os seus pais decidiram vir morar no Brasil?
- I: Quando eles decidiram morar aqui, eu ainda não tinha nascido, mas achei ótimo.

ANA REBELO RANHADO

Local da Entrevista Restaurante Bella Blue

Como gostaria de ser identificado? Ana Rebelo Ranhada

- E: Sexo
- I: Feminino
- E: Faixa Etária
- I: De 41 a 60 anos
- E: Nacionalidade
- I: Brasileira
- E: Descendência

I: Filha de Portugueses
E: Grau de Escolaridade:
I: 1º grau completo
E: Estado Civil
I: Casada

2ª Secretária e Relações Públicas do Centro da Comunidade Luso-Brasileira do Estado do Rio de Janeiro

E: O que vem a ser esta comunidade?

I: É uma Instituição Cultural só com para este fim de preservar a memória, as raízes, a História de Portugal e no Brasil e mais especificamente em Niterói.

Como eu disse é cultural, nós temos vários eventos durante o ano , em datas específicas. É.. nós temos aqui na... nós temos aqui na... na cidade, alguns monumentos construídos, a maioria, pelo Centro. Então nós temos na cidade vários eventos, em determinados locais aonde existe bustos, datas, homenageando, até então, no momento, só homenageando pessoas, figuras da história portuguesa. No caso, nós temos no 22 de abril uma praça em homenagem a Pedro Álvares Cabral, aos segmentos, né, que fica na Boa Viagem. E lá no dia 22 de abril nós fazemos uma solenidade cívica com os índios, os dois índios português e brasileiro, fazemos o hasteamento das bandeiras, um orador é sempre convidado, uma corbele de flores na ... no busto, ali no caso não é um busto, é uma , é uma ... é como se fosse um feitio de uma vela, de uma caravela, a vela da caravela. E depois nós temos no 10 de junho uma homenagem a Camões, 10 de junho é o dia de Portugal, é o dia da raça , é o dia de Camões, né, e o visto de Camões se encontra aqui nas costas da Biblioteca Pública, então 10 de junho nós temos uma homenagem, colocamos é a mesma coisa: hinos, bandeiras, comparecem sempre nas nossas festividades alguns componentes do Rancho de Canto Orfeônico Luís de Camões, do Clube Português aqui do Ingá, com seus trajes típicos, com as bandeiras representativas e tal, tem sempre um orador que faz é... é a preleção sobre o assunto e tal. Isso Camões, no dia 10 de junho, que é a data maior de Portugal. No dia 16 de junho, 17 de junho nós temos Gago Coutinho Sacadura Cabral, a travessia, a 1ª travessia marítima da Atlântica.

Esse obelisco que existe , essa homenagem é feita naquele obelisco que existe no final da praia de Icaraí, ali junto ao restaurante La Mole, e ali também é feita a mesma cerimônia. Temos no dia 18 de julho o Padre Antônio Vieira, lá no Portugal Pequeno, tem um busto do Padre Antônio Vieira, é... lá no Portugal Pequeno, ali junto ao mar, naquela, naquele casco que fizeram ali coisa e tal. E temos agora as nossas obra maior, porque essas obras, com exceção do obelisco, que não foi feito pelo Centro da Comunidade, já foi feito pela Prefeitura e entre a Secretaria de Cultura qualquer coisa assim e outros órgãos, as outras obras foram feitas pela Comunidade Luso-Brasileira. Nós temos a nossa maior obra que é a Praça Portugal, que foi cedida à colônia portuguesa pelo 8º Comando do Exército, no pico, no Forte do Pico, lá no Forte São Luís, no alto que entra pelo Rio Branco, né, porque aquela parte de cima não é, não é tombada pelo patrimônio histórico, por isso foi oferecida pelo 8º Comando ao Centro da Comunidade. Segundo consta é a única praça que sediada de água por todos os lados, porque ela fica lá em cima do pico, tem uma vista maravilhosa, né... não sei se a senhora já teve a oportunidade de conhecer e lá nessa Praça Portugal consta um painel em azulejaria portuguesa que mede 6,45m por 3,80m ... é... e nessa, nesse painel há homenagem a Fernando Pessoa. Então está o cais, as... o mar revolto, a caravela, Fernando Pessoa e o mar, que é uma das mais conhecidas obras do Fernando Pessoa, né? É maravilhoso e ao lado tem um busto de Fernando Pessoa, que é impressionante, foi feito por um senhor italiano, em Teresópolis, é uma obra de arte, é de uma expre... sugere que Fernando Pessoa parece uma pessoa viva, é fora de série. Tem o busto de Fernando Pessoa, em cima de um pedestal de... de granito azul, todo azul, é muito bonito, muito bonito mesmo. Foi uma obra que ficou caríssima e foi uma obra maravilhosa da colônia Portuguesa de Niterói, mas é... é... sob o incentivo do nosso Ex-Presidente, Comendador ... acho que a anterior, né, foi sob a gestão dele que foi feita essa coisa, é uma coisa linda, está em visitaçõ, aos sábados, domingos, feriados, né, o forte está em visitaçõ, tem umas placas, explicando e tal, tem um palco, e... de maneira muito honrosa meu nome faz parte dessa placa como colaboradora, né, por que eu era assessora do Presidente e tal, e é uma obra que eu... eu explodi pra todo mundo, eu falo dela com maior entusiasmo por que realmente ficou muito bonito, tem junto da praça que é um toco, né, lá em cima, tem uma... o desenho da cruz, que está errado, por

que não é a cruz de Malta, como falam, é a cruz de Portugal, é uma cruz dos trançados, cruz de Cristo, né, é diferente da cruz de Malta. No meio dessa... desse símbolo tem o..., ó Deus, o mastro, enorme aonde se... aonde se hasteia da bandeira brasileira portuguesa, mas são duas bandeiras especiais, que mandaram construir com oito panos cada uma, são imensas, de cá debaixo de São Francisco, de Icarai, quando vê as bandeiras, quando estão hasteadas. Aí são hasteadas, são cantados hinos. É um lugar lindo, a vista então se o dia tiver ensolarado, a vista que tem de lá de cima, é muito ... É maravilhoso. Você vê, é maravilhoso. Você vê o Rio, você vê a entrada da Barra, você vê tudo. É uma coisa maravilhosa. Pra mim é nossa maior obra. Até então, são todos vindos da História Portuguesa. Agora nós temos um projeto de começar a homenagear os brasileiros também, já que é uma instituição luso-brasileira. O primeiro, o primeiro nome da história, em matéria de cultura e literatura brasileira, o primeiro a ser homenageado já existe projeto, mas por enquanto não existe local escolhido, mas já foi é, é... dada essa idéia. O nosso vice-presidente, que era o nosso diretor de cultural, o professor Roberto dos Santos Almeida , e o homenageado será é..... ó Deus do céu..... que instituiu a Academia Brasileira de Letras... Machado de Assis. E será Machado de Assis o nosso, o nosso próximo homenageado, num busto, numa qualquer coisa. Coisa nesse sentido, na cidade de Niterói. Por enquanto ainda não temos local, mas já existe esta proposta já está em ata de reunião, coisa e tal. A princípio se pensou em homenagear uma mulher pela primeira vez, que não tem nenhuma mulher. Aí tinha se pensado em Corbela Espanca (intel.)..... Mas depois trocaram e resolveram também os brasileiros haveríamos homenagear a língua em matéria de Brasil. Então fica mais fácil de achar o homenageado. E a nossa instituição é isso: ela tem só como finalidade manter as nossas ra..., manter as raízes portuguesas, preservar a história de Portugal no Brasil, né, é... congregar também e unir também brasileiros e portugueses. Principalmente tentar colocar para os lusos descendentes que são o futuro de tudo isso que seus pais começaram, os avós começaram. Mas infelizmente estão indo embora, os primeiros imigrantes já estão muito idosos, já estão indo embora, já estão partindo... E somos nós esses descendentes que vamos tendo que continuar carregando essa bandeira, né, essa bandeira, continuar essa obra tão bonita que os portugueses fizeram, estão fazendo, e

deixando aqui no Brasil. Então, isso é até uma conscientização também, né, dos mesmos brasileiros continuarem, principalmente pra eles continuarem isso, mas isso nós estamos bem aquém do que se poderia e deveria estar, deixar pra ter mais brasileiros, ser mais filhos de portugueses, portugueses que são envolvidos nesse trabalho, é... for mais o apoio, e mais aprovação, e mais o interesse de seus filhos, dos seus netos, que já é a geração tranqüila nesse trabalho tão bonito. Infelizmente não temos isso. Não sei mais o que poderia ser dito. Você tem alguma idéia, alguma pergunta, alguma coisa que eu deixei de falar. Em geral o centro da comunidade é essa, apoio, a colônia portuguesa é grande, já foi a maior do Estado, que era a de Niterói e infelizmente já não é mais, mas foi a maior colônia portuguesa do Estado, foi aqui a de Niterói. E... as obras estão aí, que são esses finalmente, o Clube Português de Niterói, que é considerado uma colônia portuguesa e um dos prédios mais bonitos das fases regionais dos clubes, né, que também nós temos os clubes, né, das fases regionais é considerado mais, a obra mais bonita. É temos a Banda Portuguesa, que está sendo reativada, no Portugal Pequeno, o Centro de Comunidade Luso -Brasileira do qual eu falei, temos de novo o vice- consulado de Portugal em Niterói, que esteve fechado algum tempo, devido à idade avançada do nosso eterno cônsul honorário de Niterói, . que foi o Senhor Antônio Noronha, e depois veio a falecer também, mas ele já havia instado novo cônsul, aí nós temos mais ou menos nosso consulado aqui em Niterói, na rua da Conceição, nós as honorárias somos pra desenvolver. Temos a casa Unidos de Portugal, que já fica em Alcântara, que pertence a São Gonçalo, mas também aí é uma entidade portuguesa dentro da cidade, vamos dizer assim. Eu creio que é só isso. Não sei se tem mais alguma coisa a acrescentar. Tem a casa de Portugal em Teresópolis, Tem a casa é... é... que não chama a casa de Portugal é... chama... agora não me recordo. É,,, tem Juiz de Fora, o centro da comunidade luso-brasileira em Juiz de Fora, é... tem ranchos folclóricos espalhados em vários lugares: é aqui, Barra Mansa, cidades da redondeza também tem uma colônia portuguesa bem significativa também. E os outros estados também, né? Santana, aonde tem uma colônia portuguesa muito grande, até tem curiosidades, é assim, tem imigrantes de certas regiões que imigraram mais pra São Paulo do que pro Rio de Janeiro. São Paulo do pessoal de Macau. Macau quase não tem ninguém aqui no Rio de Janeiro e em São Paulo inclusive tem a Casa de Macau, que é a

casa regional de Macau, coisa que no Rio não temos, porque quase não temos pessoas de Macau. É... açorianos, por exemplo, foram muito pro sul, né. As principais cidades de Santa Catarina são...é... foram é ... criadas é, agora tá faltando a palavra, é colonizadas por é é é açorianos e eles passam inclusive, embora o sul como aquela coisa do alemão ,antiga. Mas as festas tradicionais de Santa Catarina são todas baseadas nas festas açorianas, nas festas açorianas!, com exceção do Ocktober Fest, de Blumenau, que é da Alemanha, as outras, a Fenareco, a Marejada, a é... todas elas. Itajaí é uma cidade típica açoreana. É uma colônia de pesca, de onde vieram a maioria açorianos ou então de Póvoa de Varzin, que também é uma cidade de Portugal de, de, de pescadores, não é, uma colônia de pescadores. Então, Itajaí é todo português, principalmente açoreanos. É tudo, tudo açoreano, da cultura, das igrejas, o modo de vida, embora todo mundo acha que Santa Catarina vai mais pra que lá lado da Alemanha, da austríaca, mas parará, parará.

E: Onde se concentra mais?

I: A maior parte da imigração portuguesa?

E: É.

I: Ah sim, no Rio de Janeiro, no Rio de Janeiro. E aqui tem uma característica: a maior, a maior migração, não sei se dizer se no Brasil, mas no Rio de Janeiro, a maior migração vem da região do Trás dos Montes, o maior número de imigrantes. Depois vêm os Minhotos, da região do Minho, que é o caso dele (referindo-se ao marido), depois o pessoal das Beiras, os beirões, que são de região das Beiras, porque são duas: Beira Alta e Beira Baixa dividida, né. Então, tem, tem, tem coisas muito diferentes. Portugal tem a imigração um pouquinho diferente daqui do Rio de Janeiro. O Rio de Janeiro tem uma imigração aqui quase aqui tem pouco os açoreanos, Portugal também tem poucos açoreanos, mas macaense, macaense como eles falam , que eu não acho certo , eu acho macaense certo, no Rio de Janeiro praticamente não tem. Aqui no rio de Janeiro, por exemplo, não tem pessoal do sul como Portugal, porque é a parte mais evoluída de Portugal. É... do Alentejo e do sul pra baixo ali, que é o Algarve quase não tem. É muito difícil você conseguir achar, o algarvío, o alentejano... O alentejano, médio, mas o algarvío, é difícilimo você achar um algarvío, o lisboeta também. Só quando eles alguma, algum, bem, deve ter mais do que um, porque é muito difícil. Só quando eles têm

problemas referentes à política, coisa e tal, são obrigados a sair de lá, né. Você saindo das Beiras , do norte, o negócio já complica.

ANA REBELO RANHADO

(Secretária do Centro da Comunidade Luso-Brasileira do Estado do Rio de Janeiro)

OBS.: A entrevistada fez questão de conceder uma entrevista pessoal e outra como Secretária do Centro da Comunidade Luso-Brasileira do Estado do Rio de Janeiro

E: Faixa etária

I: 50 anos

E: Nacionalidade

I: Brasileira de nacionalidade, mas portuguesa de naturalidade. Tem as duas nacionalidades

E: Descendência

I: Portuguesa

E: Grau de Escolaridade

I: Só fiz o primário e o admissão. Só estudei até os onze anos de idade. Dos 7 aos 11

E: Estado civil

I: Casada

E: Há quanto tempo reside no Brasil?

I: Desde que nasci. Nasci aqui no Niterói

E: Qual a sua profissão?

I: Do lar, mas assim alternativa de vida, de vida de um voluntariado na diretoria do Centro da Comunidade Luso- Brasileira. Digamos assim que eu me dedico um pouquinho, dou a minha parte nessa divulgação de Portugal.

E: Qual a influência da cultura portuguesa em sua vida?

- I: Olha, eu diria a influência foi mais do meu marido que meus pais, né, pelo aquilo que eu já comentei. Meus pais se perderam das raízes, nunca voltaram a Portugal, é aquilo tudo que eu falei. Então, a influência maior foi dele e eu só o conheci aos 18 anos de idade. Então, dos 18 anos em diante é que eu me interessei mais pelas coisas portuguesas.
- E: Já passou por algum tipo de discriminação com relação à sua origem?
- I: Ih! Sim. Perante pessoas é ignorantes a gente passa, né, porque a pessoa inteligente, uma pessoa educada não teria esse tipo de, de comportamento, não é? Essa portuguesa, fala. É, é sempre assim com, com, com um tom de pejorativo, coisa e tal.
- E: Quando do nascimento dos filhos, houve alguma preferência entre o Brasil e Portugal?
- I: No caso nós não temos filhos, nós não
- E: Como se sente diante das piadas e críticas feitas aos portugueses?
- I: Olha, as piadas eu até gosto de contá-las. Sou uma grande contadora de piadas. Eu levo isso muito na brincadeira, porque eu acho que a gente só brinca com quem a gente gosta, com o inimigo a gente não brinca, a gente detesta, não é? Eu sou a maior contadora de piadas de português. Adoro. Que seja pejorativo Não acho, não acho coisa, eu acho que é uma troca. Lá o português conta piada ao inverso, dizendo que é do brasileiro. E vai por aí adiante, .A gente só brinca com o amigo, com o inimigo não. Tem pessoas que não gostam. Tem portugueses que ficam até ofendidos. Ele ali é um pouquinho meio com isso. Ele não gosta de determinadas piadas não. Mas eu levo tudo na brincadeira. Eu ontem até li uma muito engraçada, por sinal.
- E: Como você considera o custo de vida no Brasil e em Portugal?
- I: Olha, levando em conta ao que eu leio muito, ao que eu escuto, porque as pessoas vão e contam, porque há 4 anos nós não vamos a Portugal, a última referência que eu tenho foi 4 anos atrás, né. É ... no momento houve uma mudança. A partir, agora de 2002, que houve a mudança do irou para o escudo, do escudo para o irou, ao contrário, né, o dinheiro português era o irou e agora é... a comunidade européia toda, quase toda, praticamente quase toda usa um único dinheiro, né, houve um, umas mudançazinhas, algumas pessoas aproveitaram, segundo dizem pra fazer um certo aumentinho, coisa e tal, pra nós brasileiros tá

muito difícil o nosso dinheiro, está muito desvalorizado em relação ao irou, está dificultando muito pra nós. Pra eles lá aqui é uma beleza. Nós irmos pra lá, muito difícil. Tá um pouco mais complicado, né. Pra nós é caro. A vida pra nós é cara. Se você tiver o câmbio... Antes, no Escudo, já não ti assustava tanto não. Teve até época que estava muito bom por sinal. Agora, agora está um pouco complicado. Pra você ver, é... O irmão dele tem um restaurante no centro do Porto. Ele adotou um esquema pouco usado em Portugal, agora nem tão pouco, mas na época era pouquíssimo usado, que é o self- service, não é? Então... é ... a ... em julho foi feito o conte da família ranhada, dele, deles, no restaurante, e veio lá o convite coisa e tal. Então cada pessoa, adulta, pagaria 17 euros e 50 pelo um almoço no self- service, incluído talvez não sei o que: a bebida coisa e tal, mas 17. Pelas nossas contas, naquela época de julho que eu agora não sei quanto é que está o câmbio do irou, seria 47, 48 Reais o almoço para uma pessoa, no self- service. Agora está mais de 50, entendeu. No entanto aqui você paga 11 e 50. É uma diferença! Tem lugares pra se comer em conta, porque lá tem a tal da brincadeira da, brincadeira não, do , de uma dose que dá pra 2 pessoas. Meia dose é um prato só uma pessoa come. Então tem preço pra meia dose, tem preço pra uma dose. Se você são duas pessoas, você come mais barato do que uma dose inteira daquele prato. Uma dose aqui é bebida, né? Lá tem esses detalhes assim. A vida agora no momento , pelo que as pessoas vão todo ano... Eu tenho casais amigos que têm residência lá, ficam 2 meses, ficam 3 meses, coisa e tal, eles têm me trazido muito. E converso pelo telefone com a família dele e o irmão dele tem esse restaurante. Então tem estado bastante difícil pra nós. Daqui pra lá tá muito mais difícil. Eu acho que eles não entenderam a princípio aquela, aquela diferença do irou e do escudo e andaram fazendo lá uma, então a vida anda... E pros próprios portugueses lá, eles têm uma desvantagem: o irou é igual à lá e por todos os países. O salário do espanhol é maior do que o do português, o salário do francês é maior do que o português, e a vida deles se torna cara pra eles também. Por isso que está havendo problemas também. Eles também estão em dificuldades. O salário é o mesmo, quer dizer, o salário não é o mesmo, o salário é menor, né, e o valor é o mesmo. Então as coisas se tornam mais difícil porque o português ganha menos do que o espanhol, do que o francês e a coisa fica complicada pra eles também. Tá havendo muito desemprego, também acho eu, penso que os

portugueses estão fazendo é é um pouco de corpo mole, vamos dizer assim. Então o que é que está acontecendo, está agora acontecendo com os portugueses o que aconteceram aqui. Os portugueses chegavam aqui e aceitavam qualquer tipo de emprego, porque o brasileiro não queria determinado tipo de emprego e agora em Portugal está acontecendo o mesmo tipo de coisa. Portugal foi invadido por pessoas de tudo quanto é país que você possa imaginar. E eles querem trabalhar e principalmente brasileiros. Eu cheia de amigos que foram pra lá e aceitam tudo a princípio, pra depois se situar, né, inclusive o irmão dele comentou que empregado lá no restaurante, moças russas e de outras nacionalidades soviéticos, num sei que, num sei que, porque o português não quer trabalhar. Acha que o salário é pouco, acha que é isso, acha que é aquilo, entendeu? Então tá havendo a mesma coisa que aqui no Brasil, nos anos 50, 40, quando chegou a imigração que o brasileiro não queria pegar no mesmo serviço e era o português que pegava. Tá a mesma coisa. A princípio, quando você ia a Portugal a única coisa que te chamava a atenção de imigração, porque Portugal é um país pequenininho e não pode ficar recebendo muita gente também, né. Mas aquele pessoal que chamava a atenção, por eles serem pretos, diferentes, né, dos portugueses, né, se destacavam nesse sentido também a princípio o que se via muito em Portugal eram aqueles africanos e principalmente aquelas pessoas que vieram de ex- colônias portuguesas que estavam em guerra, como foram angolanos, moçambicanos, caboverdianos, Guiné Bissau alguns de São Tomé e Príncipe, não tantos, mas aquele pessoal de origem africana, que eram preto. Hoje em dia você vai em Portugal é impressionante. Essa última vez, em 98 nós chegamos no aeroporto de Lisboa e eu fiquei estarecida por dois motivos que me chamaram a atenção assim escandalosamente: mulheres, na maioria trabalhando em serviço de limpeza, no aeroporto, nas lanchonetes, servindo os cafés, tatatá, tatatá, na maioria das lojas do aeroporto, mulheres na maioria e não homens. Isso foi uma das coisas que mais me chamou a atenção. E muitas nacionalidades, pessoas de muitas nacionalidades, diversificadas, coisa que até então em Portugal não era muito comum. Você vê muito indiano em Portugal, você vê muito coreano, ou qualquer coisa que é tudo muito parecidinho. De repente a gente não vai perguntar de onde ele é, né, mas muitos orientais e muito indiano. A gente percebe a cor da pele, as vestimentas, até vivendo de uma maneira como a gente

chama camelô, eles , a maioria vivendo assim, como camelô, ele naquelas feiras, naquelas festas municipais, eles vão lá e montam aquele camelódromo, como nós chamaríamos, né, vendendo de tudo que é quinquilharia.

E: E o português, que tipo de atividade eles passam a desenvolver?

I: Olha, ele está em Portugal, mas está fazendo outras coisas, outro tipo de atividade, ou ele já foi pra outros países. A mudança também interferiu muito na própria imigração moderna portuguesa , vamos dizer assim, porque o português que sai relativamente, que está saindo há pouco tempo de Portugal , ele está indo a outros países que não eram comuns a portugueses. O português passou a ir ao Canadá, já era antigo, mas passou a ir mais pro Canadá, a colônia portuguesa no Canadá é imensa, que é um lugar deste tamanho, mas tá com uma colônia portuguesa enorme, os costumes lá, eu li semana retrasada um jornal português que eu recebo é um rapaz português de pais imigrantes portugueses que foi pra Luxemburgo e ele tem um programa numa televisão de Luxemburgo, a televisão é própria de lá, não é da comunidade portuguesa, é do próprio Luxemburgo , e ele diz que é muito mais fácil você entrar numa loja que você fala o luxemburguês, como eles dizem, você praticamente não é atendido, que você, se você fala o português de Portugal, na mesma hora você é atendido. Ao ponto que está a colônia portuguesa. A colônia portuguesa está predominando em Luxemburgo. Então países que não tinha, como a Suíça que não tinha, custou o imigrante português ir pra Suíça e muitos outros lugares. Tem cidades do Canadá que a população de portugueses e luso-descendentes é enorme. Eles têm verdadeiros institutos, mais não sei o que, mais não sei o que, é muito ativo a colônia portuguesa em certas cidades do Canadá, principalmente Ottawa. Houve uma mudança de vida, esse comportamento da facilidade de português ter acesso ao estudo, a fazer lá a sua universidade, tatatá, tatatá, tatatá, em se acomodar ou ir buscar, levar esse seu diploma, essa sua especialidade, essa sua profissão em outros países, por achar que em Portugal já não havia tantas condições de trabalhar, coisa e tal, também mudou esse tipo. Vai se espalhando como pardal. Saíram uns e entraram outros, entraram os estrangeiros e saíram um pouco de portugueses. Ele é um exemplo disso, ele próprio é um exemplo disso. Por pertencer a uma família importante no local onde ele nasceu, uma família que até então tinha dinheiro, e era muito conceituada no local, pelo pai dele , de todos os

irmãos do pai dele, o pai dele foi o que menos prosperou e teve mais filhos e não pôde dar pros filhos estudos suficientes como os outros deram, eles tiveram que imigrar porque seria vergonhoso uma pessoa da família dele trabalhar de empregado para outra pessoa. E aconteceu a imigração dele e dos dois irmãos para o Brasil. As filhas, as três filhas irmãs dele como tiveram estudos Porque o pai pensou que a minha filha não pode se sujeitar a casar com qualquer um, para fazer do casamento tudo e tal, eu tenho que dar mais, tenho que dar prioridade, o pouco dinheiro , eu vou dar estudos pras três filhas, e os três filhos homens vão se virar com o trabalho. Então ele formou as três filhas, e as mulheres ficaram em Portugal. Os três filhos homens vieram ganhar a vida no Brasil. Então ele é um exemplo disso. Ele não poderia, porque é uma aldeia, é um lugar muito pequeno onde todo mundo se conhece, aonde uma família importante se destaca muito, então os filhos daquela pessoa não poderiam trabalhar, limpar chão e trabalhar pra outra pessoa.

E: Quem vem para o Brasil conserva o que lá deixou?

I: Ele é , ele é muito conservador de suas coisas, principalmente os mais antigos, né? Num digo que essa geração mais nova esteja nessa. Já não está nessa não. Hoje em Portugal já se vê as coisas, as coisas estão muito liberais, muita mulher fumando, que antigamente, hoje em dia qualquer moçafuma, qualquer moça transa cedo, toma pílula, é todo mundo descasa com a maior facilidade, todo mundo vive junto. Em Portugal, hoje em dia, tem muito mais topless na praia do que o tem no Brasil, hoje em dia, porque lá em Portugal as mulheres do Brasil somos consideradas devassas. E em Portugal tem muito mais, com uma naturalidade fora de série nas praias, principalmente nas praias do sul, que é o Algarve, dali pra baixo, uma naturalidade enorme. Moças com os seios de fora. É uma coisa impressionante. Aqui você viu que, há um tempo atrás, aquela moça que tava fazendo, que por sinal ela era companheira de um português é é é que foi fazer topless na praia, a polícia veio pra.... Lá não. Lá quase a moçada não usa tanga, fio dental, coisa e tal, você veio para a praia de roupa, nas praias têm umas barraquinhas de tecido, mas são fechadas, pra você trocar a sua roupa e pendurar a sua roupa ali, guardar suas coisas ali. Não é barraca chapéu não. É quase uma casinha, né, estilo assim chalezinho e você vai com sapato, você vai com roupa, nas zonas chiques do Algarve. É um contraste que não dá pra você entender. Elas

usam uma parte de baixo relativamente grande, pra nossa tanga, pro nosso fio dental, mas em compensação elas expõem os seios com uma facilidade, assim uma naturalidade impressionante, tanto ela quanto as outras pessoas que assistem. Nas praias do sul é muito comum isso. É interessante isso. É uma coisa que é meio difícil, porque o português antigo é muito tradicionalista, ele é muito conservador. O português bem idoso que está aqui, digamos 60, 65, 70 anos, imigrante aqui, ele não gosta de se inovar, ele não gosta de saber das coisas mais modernas, não. Ele não gosta de saber, por exemplo a música. Ele não gosta de saber, de se inteirar da música que está se fazendo há 20, 30 anos pra cá, 15 anos pra cá não. Ele gosta daquela coisa conservadora: Amália Rodrigues, Fábio Castilho, Fernando farinha, o tal, o tal, ele não quer saber. Ele (referindo-se ao marido) porque ele é um dos poucos. Esse aí tem a cabeça atravessada, ele não quer saber. Ele chega lá, a gente anda pelas lojas de disco, ele escuta uma música tocando na casa de disco, ele entra, pergunta, se gosta compra, é um conjunto novo. Há pouco tempo ele trouxe aí umas maluquetes, tipo imitando, chamado , como é, aquele que tem o garçom, tipo a Space Girl, tipo meios doidos coisa e tal, mas ele gostou. Ouviu na loja, gostou, coisa e tal e pronto. Eu já gosto do fado, compro as coisa mais tradicionais, mas tem os fadistas modernos que também me cai no gosto. Eu compro Dulce Pontes, que já esteve aqui, e outras que aparecem, né, Ana Rosa, eu gosto muito do folclore, mas eu gosto de me inteirar das coisas novas que aparecem, eu gosto de me inteirar. Os antigos já não, eles gostam daquilo. O que eles sentem como música portuguesa é aquele fado tradicional, é ouvir Amália Rodrigues, é ouvir o Fernando Farinha, é o Tony de Matos, é ouvir o Francisco José, é isso e aquilo.

E: E a Madre Deus?

I: É moderno. Eu gosto de tudo. A Fátima, que tem um programa em Portugal queria botar coisas ,ais modernas, que a filha mandava, mas a aceitação era difícil. Eles queriam ouvir aquela música tal e tal, e pediam, não queriam ouvir aquela música mais moderna que ela estava implantando. O radialista ele também tem essa dificuldade, porque o público que tá ouvindo ele não aceita, o pessoal um pouco mais antigo não aceita com tanta facilidade. É a rejeição. Algumas, alguns radialistas , eles têm facilidade pra viajar hoje em dia, fazem permutas, se dão bem com as empresa, com a TAP e com as agências de turismo, que dão no final

do ano uma passagem pra ele. Então, eles trazem algumas coisas modernas, mas a aceitação do público não é tanta, alguns procuram mesclar um pouquinho, botam uma coisinha a mais, mais nova pra tatatá, tratatá, pra fazer um... uma coisa assim. Mas é mais difícil. Eles têm um pouco de resistência. Em contrapartida a música brasileira é super-divulgada em Portugal, cantores port... brasileiros fazem o maior sucesso em Portugal. Teve ocasiões , quando eu vou a Portugal, várias vezes é ... me deu assim... a sensação foi tanta.... me deu... eu entrava numa loja, o rádio tava tocando era Fafá de Belém, Ivete Sangalo, era o Netinho Baiano, era não sei o que, Gal Costa, Caetano Veloso, Roberta Miranda. Aí, por momentos assim, me apagava da idéia que eu tinha pego um avião e tinha ido pra Portugal. Sabe, era impressionante. A gente entrava num táxi, o motorista tava com o rádio ligado, música brasileira. Era o fulano de tal, era o fulano de tal. Aí você passava assim na cidade, a gente vai na época do verão, tem festas municipais espalhadas por todo canto, então as festas duram mais ou menos sexta, sábado e domingo. Às vezes até mais. Mas geralmente é sexta, sábado e domingo as festas. Então cada noite eles trazem um artista coisa e tal. Geralmente artistas brasileiros. Aí você vê aqueles cartazes enormes pendurados, no dia tal, conjunto, na festa municipal de Valença... o conjunto tal. Tudo música brasileira. Aqueles cartazes. E outro detalhe também. Você chega na loja de disco, na vitrine tem um mundo de cantores brasileiros que você nunca imaginava que tivesse fazendo sucesso em Portugal, conhecidos relativamente. Não quer dizer que todos aqueles que vendem lá sejam famosos, que vendam muito não, mas tem muito cantor, porque a própria gravadora faz esse intercâmbio. Então nós estamos numa desvantagem, nós não. Os portugueses estão numa desvantagem muito grande, porque a música brasileira é muito difundida lá e a música portuguesa não tanto

E: Você acha que isso possa provocar mudança de hábitos?

I: Ah, tranquilamente. Tanto a música e principalmente as novelas. Mudou demais. O linguajar , já não é tão difícil entender as nossas gírias, as novelas, tudo e tal. Nisso, sem sombra de dúvidas. Fafá de Belém, aquele Vermelho fez um sucesso em Portugal impressionante. E teve também uma noite, por exemplo, no bairro da Ribeira, perto do Porto que era assim um lugar na beira do rio, muito velho e é era um lugar assim decadente, como assim nós podemos comparar, como a Lapa, aqui no Rio de Janeiro, um lugar assim não tão bem freqüentado, embora não

tenha tanto perigo que tenha a Lapa, diga-se de passagem. Mas assim, um lugar coisa e tal. De uns tempos pra cá, de um certo tempo pra cá, foi havendo uma conscientização de que aquilo deveria mudar e coisa e tal. Então muito, eles têm uns arcos assim, tudo muito antigo, com aqueles tijolos, assim, blocos de tijolos maciços. Muito., coisa muito velha mesmo, porque o Porto é muito velho, né. Então, algumas pessoas transformaram aquilo em tascas. Tascas são os barzinhos que nós chamamos. Transformaram em tascas e na maioria , eles usaram muita criatividade. Aproveitaram determinadas situações do local pra dar ênfase, pra dar destaque aquilo. Então formaram casinhas maravilhosas. Tem uma vida noturna muito boa agora na Ribeira. Então você chega lá à noite, no meio da semana pra fora, tem música ao vivo, do lado de fora ou dentro, quando eles têm lugar, porque alguns são minúsculos, e ficam do lado de fora. Fazem aquilo que a gente faz aqui também, né? Então tem esse pessoal que vivia cantando aqui pela noite, os pobres coitados desconhecidos, ilustres desconhecidos e que foram pra lá ganhar a vida. E ganham dinheiro e fazem sucesso, porque o pessoal português, ele gosta da música brasileira, mas ele gosta daquela música que saiu mais daqui. Foi o Axé Music, aquela música movimentada , aquela música pulante, aquela música agitada do nordeste, a Lambada, matou a pau, né. Então eles gostam principalmente. Então esse pessoal que cantava na noite, esse pessoal que cantava principalmente na Bahia, eles fazem o maior sucessão. Nós chegamos com o primo dele e a mulher uma noite na Ribeira, nós fomos dar um passeio, parecia que estava no Brasil, porque lá é um grupo, geralmente é uma banda, como falam, é ...quatro rapazes, três rapazes e uma moça crooner e aquilo já é uma jogada, geralmente é uma morena, mulata, cheia de curvas ,que é a crooner, ela atrai, ela chama a atenção, cantam bem, não são ruins não e coisa e tal. Então eles cantam aquele axé e o pessoal fica louco, louco, louco.

E: E no Brasil, você já viajou por vários estados?

I: Eu viajava bastante, agora não tanto, gosto de viajar. É uma das poucas coisas que nós gostamos os dois, é viajar, coisa que a gente... mas aqui prende muito e tal e também a situação financeira. A coisa tá ficando muito difícil, muito complicadas, ele não gosta de viajar de excursão. Pra mim, não. Eu costumo dizer uma coisa, todo mundo ri. Pra mim, desde que seja pra viajar, serve bicicleta,

cavalo, carroça, carro, ônibus, o que for tá bom. Eu adoro viajar. Então já rodei muito. Eu tenho uma curiosidade também, eu não gosto muito de repetir lugares, raramente eu repito os lugares, só se passar muito tempo, se a coisa modificar muito naquele lugar, em determinado local, é que eu sinto vontade de voltar. Mas passo muito tempo geralmente. A parte do norte eu não conheço. Conheço o nordeste, conheço o centro- oeste, conheço Brasília, conheço Goiânia, Minas Gerais praticamente não tem um canto que eu não tenha ido em Minas Gerais, praticamente todas as cidades, todos esses pontos históricos, todas essas coisas faladas dos pontos turísticos, a Bahia, no nordeste eu conheço até a Bahia, rodei a Bahia toda, conheci bastante. O sul, eu conheço o sul de cima a baixo, por duas vezes já rodei o sul, a primeira vez rodei de carro com ele 32 dias, e fui ao Paraguai, Uruguai e Argentina. Fizemos lavagem geral, mas já voltei ao sul de excursão. Já fiz aproximadamente umas 35 excursões, só de excursões. As cidades de São Paulo, as cidades de Minas, sul , uma série de coisas, né. Espírito Santo, conheço bastante, mas um dos estados que eu mais conheço é Minas gerais, praticamente não tem canto que eu não conheça. Tudo que você possa imaginar!!! Se eu pudesse vivia de mala pronta, eu já disse assim pra ele. Eu descia de uma excursão e entrava na outra, porque pra mim vai de qualquer coisa. Não precisa ser excursão chique, não precisa ser hotel 5 estrelas, nada. Bicicleta serve, carroça, carro, cavalo serve, qualquer coisa. Só nunca andei de helicóptero, mas de resto já andei de tudo, entendeu? E fora Portugal, já estive na Espanha, na França, percorri as principais cidades da França. Tenho uma grande vontade de conhecer a Itália, não pude realizar isso ainda, e um grande sonho: a Itália é uma vontade e o Japão é um sonho. Conhecer o Japão é sonho, nem é sonho, é mais do que isso.

E: O que mais aprecia no Brasil e em Portugal?

I: Olha, no fundo no fundo eu sou brasileira. Não vou dizer que é ... prefiro mais Portugal, mas no coração eu sou mais Portugal. Eu me sinto, sabe, pé mesmo, eu me sinto, lá eu me encontro. Basta dizer que eu tenho problemas emocionais, tenho síndrome do pânico, por causa da perda da minha mãe. Eu aqui eu tenho dor de cabeça, eu aqui eu tenho tudo que você possa imaginar, lá eu não tenho nada. Eu chego em Portugal, dependendo do horário de chegada, evidente, mas se for assim pela manhã, num horário razoável, eu tomo o meu banho, arrei as

malas, pimba pra rua. Pra mim não tem esse negócio de fuso-horário. Minha cunhada fica uma semana se adaptando ao fuso-horário. A outra fica dias, a outra não sei que. Pra mim não tem isso, é pimba. Eu, depois que passei a ter síndrome do pânico, eu falei assim: meu deus do céu, como é que eu vou entrar num avião e voltar a Portugal, que seria o único meio de transporte. Fiquei muito apreensiva. Foi a primeira vez que eu tive que voltar a Portugal, depois da morte de mamãe. Quando me dei conta o avião já estava levantando. Eu não senti que tinha saído do corredor, eu nem senti que já tinha... o que era corredor, o que era avião. Agora, voltando à pergunta que você me fez é ... o que me agrada é muito, muito... adoro viajar, conhecer as cidades, o meu país e coisa e tal. Agora, o que desagrada, infelizmente é muito maior os itens do que deveria ser, como brasileiro lastimo isso, infelizmente. A gente vê tanta pobreza, tanta miséria, a violência, a corrupção, a falta de... de.... as leis que não funcionam, a falta de impunidade das coisas, a impunidade das coisas, isso aí é muito triste. É muito mais amplo esse campo do negativo, infelizmente, que do positivo.

E: Você preferia ter nascido em Portugal?

I: Eu costumo dizer que a cegonha naquele dia 4 de março de 52 ela estava com muita preguiça. Como era distante atravessar o Atlântico, ela me deixou no Brasil. Ela tava preguiçosa naquele dia.

E: Você pretende permanecer no Brasil ou tem vontade de ficar em Portugal?

I: Ficar? É no caso se eu fosse portuguesa, né? Vontade eu tenho, mas duas coisas me impedem: o marido que é português não quer ir, disse que não se adaptaria mais a viver em Portugal; e o frio, porque eu não gosto de frio, não me dou bem com o frio. Não faz bem pra minha saúde o frio. Aí me desanima. Eu só vou em Portugal na época quente, e é a época mais interessante que é a época das festas, das frutas, que é o que mais me agrada. Principalmente as festas, né? As festas municipais, porque são cheias de tradições, muito bonita, né? A festa de Nossa Senhora da Agonia que é a padroeira de Viana do Castelo, a minha grande paixão, eu não sei por que. Eu acho que eu tenho... não sou espírita, nem nunca fui pra esse lado da religião, mas eu acho que tem alguma coisa. Não sei explicar o quê. Quando eu começo a refazer a minha vida, a repensar a minha vida, alguma coisa, as coisas assim são impressionantes. É... desde a primeira vez que eu botei os pés em Viana do Castelo alguma coisa me falou em especial que eu

não sei explicar. Eu não consigo ir a Portugal sem ir a Viena do Castelo. Às vezes no período que eu estou lá eu vou duas , três vezes a Viena do Castelo. É a minha paixão. Não sei se existem vidas passadas, não por quê.

E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-la?

I: Olha, eu não tenho familiares mais chegados, eu não tenho mais em Portugal. Tenho parentes distantes por parte da minha mãe, só tenho primos de muito longe, de grau já bem distante, a a família da minha mãe era bem pequena. Agora, do meu pai eu tenho, é até uma contradição muito grande, que eu não fui criada pelo meu pai, meu pai me abandonou eu tinha um ano e dois meses. Eu fui criada só pela minha mãe e as raízes mais profundas que eu tenho são do lado do meu pai, que não me criou, que foi um estranho pra mim e coisa e tal. A família da minha mãe era muito pequena e eu não tenho mais parentescos com... da...da... minha mãe. Tenho duas tias vivas, que são irmãs do meu pai. Uma já é falecida e duas ainda vivas, porque os irmãos, foi como na família do meu marido: filhas mulheres e filhos homens, todos os filhos homens vieram pra o Brasil. E as mulheres ficaram. Uma já faleceu, sem que eu tivesse a oportunidade de conhecer, porque quando fui a Portugal ela não estava na terra e depois ela já havia falecido, na outra ida a Portugal ela já havia falecido. Só conheci duas tias, duas irmãs do meu pai. Uma delas , a mais nova de todas, nem era nascida, quando o meu pai veio para o Brasil. Ela não conheceu o irmão. Então eu achei que foi uma experiência maravilhosa. Elas conhecerem, nunca conheceram um sobrinho nenhum, porque nunca ninguém da família, nenhum dos meus tios foram a Portugal, e eu fui a única da família que fui a Portugal, elas conhecerem uma sobrinha, filha de um irmão, que morreu por aqui, que nunca retornou e principalmente essa minha tia mais nova, que nem conheceu o meu pai e veio conhecer a filha dele. E uma coisa impressionante. Quando eu cheguei e botei os olhos nela, ela é a cópia da minha irmã mais velha das mulheres. O meu marido, nós pensamos a mesma coisa na hora. Aí ele olhou pra mim... É impressionante como ela parece com a minha irmã mais velha. Minha irmã é uma das mais parecidas com a família do meu pai. E ela é a cópia. Era como se eu tivesse vendo a minha irmã na tia Marieta mais velha. E essa minha tia não conheceu meu pai. Então foi uma experiência a princípio é... a primeira vez que eu cheguei lá é... como a família nunca manteve muito contacto, houve assim uma certa coisa e tal,

pensaram outras coisas, pensaram que eu estava indo bisbilhotar ou procurar o que tinha do meu pai, porque o meu pai e os meus tios morreram aqui e nunca quiseram saber o que tinha de lá, nós não tivemos nada, nem nós e nem nenhum dos outros, meus primos, né, nós não tivemos direito a... a nada, eles deixaram de mão beijada para as irmãs, né. Então a princípio houve por parte de uma essa interpretação. Depois viram que não era nada disso e ficamos muito amiga, porque uma dessas tias, não essa que não conheceu meu pai, ela teve um único filho, esse filho veio garoto para o Brasil, nunca retornou a Portugal, infelizmente faleceu com 60 anos de câncer, ela também é cancerosa também e ela , depois de muitos anos casou-se novamente com um moço que era viúvo e também perdeu esse senhor, que eu chamo de tio, na minha segunda ida ele já havia falecido e ela infelizmente por estar só, ela é muito simples, muito analfabeta, a aldeia onde meu pai nasceu é uma coisa impressionante. Você imagina 70, 80 anos atrás, que já hoje em dia é daquele jeito. Em comparação as outras aldeias que eu conheço, está muito atrasada. E ela é muito pobrezinha. E a outra minha tia, que é essa que não conheceu meu pai, tem uma situaçãozinha um pouquinho melhor, então elas parecem que não se afinam muito não. A outra ficava meia recatada e tal. Então ela por ficar sozinha foi morar no lar da 3ª idade, que se chama de asilo, mas tem uma diferença muito grande, não só no nome , mas no tratamento. Nós chegamos lá na hora do almoço, quando fui pela 2ª vez, ótimo, um cheirinho que... as mesas todas arrumadinhas, com os pratinhos de azeitona, uma latinha de azeite. Até o Mário ainda brincou comigo: eu acho que nós vamos ficar por aqui pra almoçar. Aquilo tudo muito limpinho, tudo muito caprichoso, eles pensam em tudo. E olha que aquele é do simples. O que construíram na terra dele é um hotel 5 estrelas. Elevador panorâmico, degraus giratório. É hotel 5 estrelas. A maioria são senhoras, da alta sociedade do lugar que fazem aquilo por caridade. É voluntariado. São riquíssimas, que não têm necessidade de se apropriar do dinheiro do velho, nem de nada. Acreditam naquilo com a maior satisfação. O idoso tem tratamento, remédio, alimentação. Uma parte da pensão dele vai para ele.

ANDRÉA INÊS

E: Sexo

I: Feminino

E: Idade:

I: De 20 a 40 anos

E: Nacionalidade

I: Brasileira

E: Descendência

I: Filha de portugueses

E: Grau de escolaridade

I: Superior

E: Estado civil

I: Solteira

E: Profissão

I: Advogada

E: Nacionalidade

I: Brasileira, filha de português

E: Qual a influência da cultura portuguesa em sua vida nos mais variados aspectos que você possa determinar?

I: Eu acho que as principais são: religião, nossa família é muito católica, comida e essa coisa de família, de estar todo mundo junto sempre, todo mundo conversando, de reunir a família em vários momentos, acho que são as maiores influências.

E: Essa questão da reunião de família você acha que é uma herança da origem portuguesa?

I: Eu acho que sim, porque a gente já foi lá e vê isso, sempre em momentos comemorativos a família está toda junta.

E: Você já passou por algum constrangimento por ser descendente de português?

I: Não, não...

E: Como você se sente diante das piadas, brincadeiras e críticas feitas aos portugueses?

- I: Procuro levar numa boa, normalmente eu troco por outros personagens, de outras nacionalidades...
- E: Faz igual ao Jô Soares?
- I: Isso, exatamente! Eu procuro mudar , mas sempre foi muito tranqüilo porque desde de pequena a gente convive com isso, não tem como.
- E: Em relação ao custo de vida no Brasil é igual, mais alto ou mais baixo que em Portugal?
- I: É menor... o custo de vida lá é muito caro. Principalmente para nós brasileiros em virtude da desvalorização do dólar, mas mesmo eles reclamam que o custo de vida é alto lá , o custo é muito alto. Eu conheço pessoas que foram pra lá estudar, trabalhar e assim, o que eles ganham e o que eles gastam , o saldo não é grande coisa. Eles podem ganhar muito, mas gastam muito porque o custo de vida é muito elevado.
- E: Mas o padrão de vida como fica nessa história? Comparando com o padrão de vida nosso aqui?
- I: Olha, eu acho que equivale o padrão de vida lá é bom..
- E: Talvez a qualidade de vida...
- I: É a qualidade de vida lá é bem melhor, porque não tem tanta violência, não tem tanta miséria, mas o padrão de vida em si é o que equivale.
- E: Você conhece quantos Estados no Brasil?
- I: Basicamente o Rio, a gente só vai a São Paulo quando vai a Aparecida na Basílica, e só isso.
- E: Tem algum Estado que você gostaria de conhecer?
- I: Todos...
- E: O que você mais aprecia no Brasil, como brasileira é claro?
- I: Eu acho que o povo , a gente vê assim , acho que o pessoal daqui é incomparável, não conheço grandes nacionalidades não, mas o povo que eu conheço, o pessoal daqui supera muito apesar de todos os problemas.
- E: Você preferiria por algum momento ter nascido em Portugal?
- I: Não, acho que não... Já pensei em morar lá, mas não necessariamente com essa condição de ter nascido lá, entendeu?!
- E: Você já visitou os seus familiares lá?
- I: Já, várias vezes.

- E: E eles já te visitaram aqui?
- I: Menos vezes que nós lá, mas já nos visitaram várias vezes aqui.
- E: Tem algum aspecto da região que seus pais são, não sei se isso já foi dito em outras entrevista... É no norte?
- I: É, bem no norte, é uma cidadezinha chamada Arcos de Alves Verde, fica próximo a Braga, a gente fala sempre próximo ao Braga, porque Braga é uma referência ali, quase ninguém conhece Arcos de Alves Verde, é um lugarejo bem pequenininho, todo mundo se conhece, é uma vila e tem vários lugarezinhas assim, é como se fosse uma cidade do interior daqui.
- E: É mar ou montanha?
- I: Não fica próximo ao mar não, tem rio.

ANTOANY

Local da Entrevista: Centro da Comunidade Luso-Brasileira de Niterói

- E: Como gostaria de ser identificado?
- I: Antoany
- E: Sexo:
- I: Feminino
- E: Faixa Etária:
- I: De 20 a 40 anos
- E: Nacionalidade:
- I: Brasileira
- E: Descendência:
- I: Neta de Portugueses
- E: Grau de Escolaridade:
- I: Superior Completo
- E: Estado Civil:
- I: Solteira
- E: Qual a sua profissão:

- I: Professora de História
- E: Qual a influência da cultura portuguesa em sua vida?
- I: Minha vida...eu não digo assim que teve uma influência forte em minha vida, mas ah até hoje eu tenho muita vontade é uma coisa que eu devo a mim e a minha família que é até um resgate de eu ser portuguesa. Meu avô era português. Ele veio pro Brasil na década de 30 e passou a viver com a minha avó, ele não era casado com a minha avó. Minha avó era neta de índios . Então quer dizer eu tenho uma miscigenação bem forte na família. E minha mãe falava muito das memórias do meu avô. Meu avô faleceu quando eu ainda era criança. Minha mãe falava muito de cartas que recebia da nossa família lá em Portugal. É... meu avô deixou duas irmãs lá em Portugal. Duas irmãs e um irmão. E no período que ele ficou no Brasil a família dele mandava cartas pra cá e minha mãe sentia muita pena de com o tempo ela ter perdido esses documentos. Então a influência assim que eu poderia dizer da ascendência portuguesa, pra mim é uma questão de honra, de resgate. É uma coisa que eu devo a mim, se eu tiver tempo , eu pretendo resgatar, tentar achar esse ramo da minha família direta que está em Portugal, da família do meu avô.
- E: Já passou por algum tipo de discriminação com relação a sua origem?
- I: Não, não. Felizmente, não
- E: Como se sente diante das piadas e críticas feitas aos Portugueses?
- I: Olha eu acho que isso é um certo preconceito. É um preconceito que acabou se normatizando na literatura brasileira, de dizer... de atribuir ao português que português é burro, faz determinadas coisas que não é correto. É isso, é essa maneira que o brasileiro sempre viu o português e que não tem nada a ver. É muito mais que isso. É muito mais isso que verdade.
- E: Você preferia ter nascido em Portugal? Caso positivo, por quê?
- I: Eu estou satisfeita de ter nascido no Brasil
- E: Alguma vez já visitou os seus familiares que residem em Portugal?
- I: Não. É uma coisa que eu gostaria de fazer.
- E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-la?
- I: Não. Não visitaram. Seria importante que eu doa essa questão de resgate, de resgatar esses laços familiares, que eu sei que existe , mas que eu nunca tive contato com eles.

- E: De que região era seu avô?
I: Meu avô era de Aveiros e minha mãe dizia que ele morava em uma aldeia de Santo Antônio. É, mas eu sei que ele era de Aveiros

ALAÍDE GALDÊNCIO GIMENEZ

- E: Sexo:
I: Feminino
E: Faixa Etária:
I: Acima de 61 anos
E: Nacionalidade:
I: Brasileira
E: Descendência:
I: Filha de portugueses
E: Grau de Escolaridade:
I: 2º completo
E: Estado Civil:
I: Casada
E: Qual sua profissão?
I: Do lar, prenda do lar.
E: Qual a influência da cultura portuguesa em sua vida?
I: O meu pai que era português. [...] Nós fomos educadas com vinho na mesa, meu pai costumava dar vinho com soda pra nós. A gente comia assim tudo que era de Portugal, criação rígida, costume português mesmo.
E: Já passou algum tipo de discriminação com relação à sua origem?
I: Não, nunca.
E: Quando do nascimento dos filhos, houve alguma preferência entre Brasil e Portugal?
I: No Brasil mesmo, não teve preferência nenhuma.
E: Como se sente diante das piadas e críticas feitas aos portugueses?

- I: Ah! Não, a mim... Inclusive o meu pai que era português, a gente nunca ligou pra isso.
- E: Houve alguma dificuldade quando da procura de emprego?
- I: Não, nunca.
- E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?
- I: É mais baixo do que Portugal, Portugal é mais caro.
- E: Quantos Estados já visitou no Brasil?
- I: São Paulo, Minas Gerais, Brasília, Bahia, Maranhão, Ceará,...
- E: O que mais aprecia no Brasil?
- I: Os costumes brasileiros, a comida típica do Brasil.
- E: Você se sente discriminado por ser filho (a) de Portugueses?
- I: Não, nunca. Eu tenho orgulho de ser filha de português. Nunca teve discriminação nenhuma sobre isso.
- E: Você preferia ter nascido em Portugal ou no Brasil?
- I: No Brasil.
- E: Alguma vez já visitou seus familiares que residem em Portugal?
- I: Quis já, mas nunca pude!
- E: Você pretende permanecer no Brasil ou tem vontade de voltar para Portugal?
- I: Pretendo ficar no Brasil.
- E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-lo?
- I: Nunca tiveram oportunidade de vir aqui no Brasil, mas tenho bastante ainda lá.

ALCINDA DE JESUS VIEIRA

- E: Sexo:
- I: Feminino
- E: Faixa Etária:
- I: Acima de 61nos
- E: Nacionalidade:
- I: Brasileira naturalizada portuguesa

- E: Descendência:
- I: Filha de portugueses
- E: Grau de Escolaridade:
- I: 1º grau incompleto
- E: Estado Civil:
- I: Casada
- E: Qual é a profissão da senhora?
- I: Olha, eu sou do lar.
- E: Sempre foi do lar?
- I: Eu sou do lar, mas profissão do lar é aquela que a gente é costureira, é bordadeira, eu pinto, eu faço uma porção de coisa, mas não sou formada em nenhuma e não tenho salário. [risos]
- E: Dona Alcinda, qual é a influência da cultura portuguesa na sua vida?
- I: Ah! Muito boa. Foi muito boa na minha educação, na minha religiosidade, eu sou uma pessoa muito religiosa, lá o povo é muito religioso, eu fui criada naquele meio e eu trabalhava muito na igreja, eu era cantora, mas mesmo assim eu não deixava quando moça de passear, meu pai me dava todo anos de dez a quinze dias, quase sempre só dez, pra eu ir pra cidade, pra ir a cinema, pra passear, pra ir a bares, pra ir a festas, porque meu pai era um homem... era um português, mas muito bem informado, porque ele veio para o Brasil com dezesseis anos, ele acabou de se criar no Brasil.
- E: A senhora se sente mais ligada à cultura portuguesa do que a maioria dos outros brasileiros?
- I: Ah! Sim. Porque eu fui criada lá. Já tinha uma influência dos pais, que eram todos os dois portugueses. Meus pais eram portugueses, se conheceram no Brasil e casaram no Brasil. Só teve um filho que nasceu em Portugal, mas veio pequeno e nunca mais voltou. Então pra todos os efeitos ele era brasileiro, porque só nasceu lá. Nós quatro éramos brasileiros e meu pai tinha muito orgulho de ter filhos brasileiros. Meu pai adorava o Brasil, mais do que muitos brasileiros, meu pai e minha mãe.
- E: E a senhora foi morar em Portugal com que idade depois?
- I: Quando eu fui pra Portugal eu fui com dez anos. Eu fui primeira vez passear com os meus pais, tinha sete anos, fiz oito anos lá. Depois de um ano nós viemos, meu

pai resolveu ir embora de vez, eu fui com nove completos, dali há um mês fiz dez anos. Fiquei lá até os vinte e oito.

E: Foi quando a senhora veio morar no Brasil de vez?

I: Vim de vez.

E: Veio morar com o seu marido?

I: Eu vim por causa da minha mãe, pela doença da minha mãe, porque meu irmão mais velho disse que aqui ela ficava boa, porque ela teve um derrame. Foi falta de diálogo, da gente pensar, porque lá tem muitos bons médicos, muitas boas academias médicas em Coimbra, Praga, Porto, em qualquer lugar. Mas aquela ilusão do Brasil, aquele amor que tinha ao Brasil, ela achava que aqui ia ficar boa, mas ela só queria vir se eu viesse, porque eu era mais nova, os outros moravam todos aqui. Ela disse “eu só vou se Alcinda for”, eu disse “será que ela vai ficar boa”, meu irmão “fica! Lá no Brasil fica!”. Disse, então eu vou, abandonei tudo que era meu com muita saudade, com muita paixão.

E: Mas a senhora não quis mais voltar pra Portugal?

I: Não quis mais voltar.

E: E a senhora já passou algum tipo de discriminação com relação à sua origem portuguesa?

I: Já, já. Também já fui chamada de galega, porque eu tenho o sotaque bem carregado, né, mas isso a mim não me afeta, porque isso é uma minoria. Isso é uma minoria, então essas pessoas assim geralmente são pessoas que não tem cultura, mas não tem educação. Porque eu admiro muito a cultura, pra mim depois da saúde a cultura é a maior riqueza. Não adianta ter dinheiro se a pessoa é ignorante, pra mim não. E até hoje, eu tô com essa idade, eu não tenho esperança de poder fazer mais nada, mas eu acho: a cultura é a melhor coisa do mundo. Mas principalmente a educação. Que eu conheço pessoas analfabetas muito educadas e já conheci pessoas muito instruídas, mas muito pouco educadas, muito mal-educadas mesmo, grosseiras, então a gente não pode levar isso muito ao pé-da-letra, né?

E: Qual foi o tipo de discriminação que a senhora já sofreu?

I: Por isso, por acharem que eu sou portuguesa e eu sendo brasileira. “Essa portuguesa, essa galega, não-sei-quê”, e eu...

E: Falavam num tom pejorativo?

- I: É, pejorativo isso. E eu ficava na minha, porque defeito que eu não tenho é eu ter preconceito com alguém, de alguma raça, de cor, eu não tenho. Eu acho que porque eu sou uma pessoa tão religiosa, nós todos somos filhos de Deus. Muito embora alguns não conheçam ou não queiram mesmo conhecer, mas são filhos de Deus. Então eu acho, nós somos todos filhos do mesmo pai, nós somos irmãos, espiritualmente nós somos irmãos, então... eu não levo isso, deixo pra lá.
- E: E quando do nascimento dos seus filhos, Dona Alcinda, teve alguma preferência entre eles nascerem no Brasil ou nascerem em Portugal?
- I: Não, não teve. Eu trouxe duas pequenas e vim grávida da terceira, mas foi porque aconteceu, né? A terceira é fabricação portuguesa, mas entrada brasileira. [risos] Mas não teve não, e elas adoram o Brasil. Já no tempo que elas já eram pequenas eu botei muito, porque eu fui embora por causa disso. Porque em Portugal tem muitos bons, tinham também bons colégios, agora está muito bom pra se estudar, mas no tempo que eu fui criada lá era muito difícil e eu morava muito longe. E o meu pai era assim, ele levou-nos pra lá pra ficar, mas ficou um ano e veio embora. Ficava aqui três, três e meio, ia lá, ficava outro ano e vinha embora, ele vivia mais no Brasil do que em Portugal, porque ele sentia muita falta do Brasil. Então a minha mãe não queria ficar sozinha, porque eu teria que ir pra cidade e ela ia ficar sozinha ela não queria, não, porque não, porque não, porque não, ela não pensou, talvez o que ia me prejudicar, porque a gente tendo pouca instrução se prejudica muito na vida, né, mas aí eu guardei aquilo comigo, eu sempre pensava: um dia... mesmo quando era moça, eu queria muito ser mãe, se um dia, eu dizia pras minhas primas, o dia que eu casar eu quero ser mãe. Mas eu vou fazer pelas minhas filhas o que nunca ninguém fez por mim. Meus pais eram maravilhosos, pra mim nunca me faltou nada, nem de comer, nem de beber, nem de vestir, nem de calçar, eu fui muito estimada por aquela gente toda de Portugal, ricos e pobres, todo mundo, eu não tenho nada a dizer de ninguém, fui muito estimada por todo mundo. E eu também dava atenção pra ricos e pobres, dava atenção a todos, pelo menos um sorriso ou uma palavra de conforto pra dar, que isso vale muito. Mas depois que eu estava aqui, a vida pra mim aqui foi difícil. Nunca tinha sido, nunca tinha passado por os pedaços que passei aqui. Mas enfrentei com coragem porque eu era casada e tinha três filhas, eu tinha obrigação de lutar por elas. Então meu marido, depois de um certo tempo, disse pra mim:

“vamos embora porque nós aqui não temos nada e lá temos tanta coisa.” Eu disse “eu vou pensar”, aí eu pensei, pensei: as minhas filhas. Aí ele me perguntou dias depois e eu disse “eu não vou”, “por quê?”, “porque elas estão indo muito bem no colégio e eu não sei se lá, três filhas, porque nós tínhamos agricultura, mas lá é igual aqui, tem anos que se colhe muito, tem anos que não se colhe nada, vem uma trovoada acaba com tudo. Então é difícil sustentar três filhos na cidade. Eu disse “ eu não vou, deixa elas estudarem”, elas estudaram, graças a Deus eu tenho duas formadas, as mais velhas são formadas, essa mais nova estudou, fez o segundo grau, mas nunca estudou tanto como as outras porque ela sempre foi muito doente, mas as outras mais velhas eu fiquei realizada, graças a Deus. A mais velha trabalhou trinta anos no BANERJ, se aposentou, o marido dela também era do BANERJ também se aposentou, depois que ela se aposentou ela foi fazer uma faculdade de turismo, hoje ela faz turismo. Já conhece quase o mundo inteiro. Ela sempre gostou muito de passear, mas essa profissão veio a calhar. E a outra é professora de português e inglês, de segundo grau e é advogada, é assistente de juiz, trabalha no Tribunal do Trabalho. Então eu estou muito feliz com isso. Eu não me realizei, mas eu realizei as minhas filhas.

E: Dona Alcinda, e como a senhora se sente diante das piadas e críticas feitas aos portugueses?

I: Olha, algumas eu até acho graça. Quando não é assim por maldade, eu até acho graça, porque em Portugal também faz piada de brasileiro. [risos]

E: A senhora nunca chegou a procurar emprego no Brasil?

I: Não, não.

E: A senhora acha que o custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?

I: Agora, eu já estou aqui há muitos anos, mas eu acho que em Portugal tá mais alto ainda, o nosso não está baixo, mas lá parece estar mais alto. Porque o dinheiro está muito valorizado. E é como em todo o mundo: uns têm muito, outros têm pouco e outros não têm nada, né. Então pra quem tem muito, tudo se resolve com facilidade, mas pra quem não tem, parece estar difícil.

E: E a senhora já visitou algum Estado no Brasil além do Rio?

I: Não, infelizmente não porque eu tenho muito problema de saúde, eu não posso viajar, mas o meu sonho era conhecer o Brasil. Principalmente Norte e Nordeste.

E: Tem algum estado em especial?

I: Ah! Gostava muito de conhecer.

E: Tem algum estado que a senhora gostaria de conhecer mais do que os outros?

I: Gostava, gostava muito de ir à Bahia, gostava muito de conhecer o Nordeste todo, aquelas cidade todas, eu vejo na televisão, eu fico louca pelo artesanato, eu gosto muito de artesanato, faço artesanato e eu fico “Meu Deus que coisa linda!”. A minha filha disse “Mãe, eu não levo a senhora por seus problemas de saúde, se a senhora passa mal?”, porque eu tenho muitos problemas de saúde, tomo muitos remédios, me trato muito, então eu tenho aquele receio, sabe, vontade de viajar, eu já devia ir.

E: Dona Alcinda, o que a senhora mais aprecia no Brasil?

I: Olha, o que eu aprecio mais no Brasil é a simplicidade das pessoas. Se tem, tem, se não tem, não tem, o rico se dá com o pobre, o pobre... eu pelo menos, o que eu vejo, o que eu sei, eu acho que é assim. Tem alguns que passam, nem cumprimentam o vizinho do lado, nem conhecem, mas esses já não são do meu meio. Agora, eu acho o povo brasileiro muito amigo também, muito prestativo, eu tive muito ajuda de quem nunca me devia favorzinho, eu nunca tinha nenhum conhecido. Eu estive doente, minhas filhas eram pequenas e as minhas vizinhas me ajudaram muito. Eu acho o povo brasileiro muito bom. E eu também sou brasileira, porque eu não quis me naturalizar portuguesa. Eu tive a oportunidade de estudar lá sim, mas tinha que naturalizar portuguesa. E quando falaram isso eu disse “ah! não, eu não quero”, “Mas porque se a menina”, como dizem lá, “mora aqui, seus pais são daqui e talvez nem vá nunca mais embora”, eu disse “mas muito embora eu não volte ao Brasil, mas a minha terra eu não vou negar nunca. Eu nasci brasileira, vou morrer brasileira”.

E: A senhora se sente discriminada Dona Alcinda, por ser filha de portugueses?

I: Não, não. Não, não.

E: E a senhora preferia ter nascido em Portugal?

I: Eu?

E: Preferia ter nascido lá?

I: Não, até que eu gostei de ter nascido no Brasil. [risos] Porque olha, meu pai era um português tão brasileiro que nas aldeias lá todo ano tem uma festa do santo padroeiro, lá era São Tiago e eu nasci aqui no Brasil no dia da festa de lá, então

meu aniversário, até hoje, ele é muito badalado lá, porque eu fui pra lá pequena, sabe como é criança, diz pra todo mundo que tá fazendo aniversário e as pessoas guardaram na memória, recebo telegramas, recebo telefonemas, recebo cartas no dia do meu aniversário. Mas eu botava a bandeira portuguesa e a brasileira do lado, na varanda, então as pessoas que não conheciam a bandeira brasileira perguntavam “que bandeira é essa?”, “brasileira”, “e por quê está aí”, “porque minha filha é brasileira e tenho aqui um pedaço do Brasil” [risos]

E: E alguma vez a senhora já foi visitar seus familiares em Portugal?

I: Não, nunca mais voltei.

E: Nunca mais voltou?

I: Não, também nunca mais voltei.

E: E eles já vieram visitar a senhora alguma vez?

I: Alguns já, já. Os sobrinhos dele, principalmente a família dele [de seu Avelino], os da minha parte nunca veio ninguém, mas a família dele não.

E: E a senhora pretende permanecer no Brasil ou tem vontade de voltar pra Portugal?

I: Não, não, voltar não, agora tendo aqui minhas filhas, meus netos e minhas netas, eu tenho agora uma bisnetinha, eu não! Não, eles são minha vida.

E: E a senhora foi contra ou a favor quando seus pais decidiram vir morar no Brasil?

I: Olha, eu não era a favor, mas como era pela saúde da minha mãe eu vim, chorei muito, tinha quase certeza que não voltava, mas eu vim. Quando o navio encostou, eu vim passando muito mal também, eu vinha grávida e eu dormia na enfermaria sozinha, quer dizer, eu e outras pessoas doentes, quando o navio encostou, uma pessoa do navio, uma camareira disse: “chegou ao Brasil.” E eu olhei assim, eu chorei muito [se emociona e chora] Muito, muito, muito, chorei muito. Aí passou uma, porque este navio tinha levado uma excursão a Portugal e à Itália, então uma das pessoas que vinha indo disse “ah! Por que que chora?”, “de emoção, de alegria”, “nunca vi ninguém chorar de alegria!”, “então tá vendo agora!”. Porque afinal eu estava na minha terra. [risos] Eu gosto muito do Brasil, mesmo com todos os defeitos, com tudo que está acontecendo, eu me orgulho de ser brasileira. Porque meu pai dizia, “não há país no mundo igual ao Brasil”, e eles vieram morrer aqui, né. Porque minha mãe não melhorou e ela morreu em fevereiro e ele em outubro do mesmo ano. E ele sempre se orgulhou muito de ter

filhas brasileiras e ele dizia “não há terra como o Brasil”, quando ele tava em Portugal “ah! Se aqui fosse como o Brasil que se colhe o ano inteiro!”, em Portugal

AURORA

- E: Como gostaria de ser identificado?
I: Aurora
- E: Sexo:
I: Feminino
- E: Faixa Etária:
I: De 20 a 40 anos
- E: Nacionalidade:
I: Portuguesa
- E: Descendência:
I: Filha de portugueses
- E: Grau de Escolaridade:
I: 2º Grau Completo
- E: Estado Civil:
I: Casada
- E: Há quanto tempo reside no Brasil?
I: 28 anos
- E: Qual a sua profissão:
I: Comerciante
- E: Qual o motivo da sua vinda para o Brasil?
I: Ah, casei e vim pra cá. Casei em Portugal
- E: Já passou por algum tipo de discriminação com relação a sua origem?
I: Não, só brincadeiras, mas nada, nada... além.
- E: Houve alguma dificuldade de adaptação à língua portuguesa do Brasil?
I: Não, dificuldade nenhuma

- E: Quando do nascimento dos filhos, houve alguma preferência entre o Brasil e Portugal?
- I: Não, não podia ter muita escolha porque a vida assim não dava pra escolher esse tipo de coisa. Teve de ser aqui mesmo
- E: Como se sente diante das piadas e críticas feitas aos Portugueses?
- I: É normal.
- E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?
- I: Mais alto, bem mais alto.
- E: Quantos Estados já visitou no Brasil?
- I: Poucos.
- E: Tem algum que a senhora gostaria de conhecer em particular?
- I: Tem, tem muitos. Eu vou conhecer ainda, se Deus quiser.
- E: O que mais aprecia no Brasil?
- I: Eu gosto muito do Brasil, sabe. Eu gosto assim das pessoas, do calor humano, o jeito de ser das pessoas serem assim ... sei lá dadas. Eu gosto, eu gosto do povo brasileiro
- E: Alguma vez já visitou os seus familiares que residem em Portugal?
- I: Já, já, várias vezes.
- E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-la?
- I: Várias vezes

BETH

- E: Como você gostaria de ser identificada?
- I: Sempre como Beth.
- E: Escolaridade
- I: 2º completo
- E: Faixa Etária
- I: 20 a 40 anos
- E: Nacionalidade

I: Brasileira
E: Descendência
I: Filha de portugueses
E: Estado Civil
I: Solteira
E: Você se sente discriminada por ser filha de Portugueses?
I: Não, não. Não altera em nada. Apesar de eles serem maltratados aqui no Brasil. E tudo que nós somos, nós dependemos deles.
E: Você preferia ter nascido em Portugal?
I: Não, eu nunca pensei nisso.
E: Alguma vez já visitou os seus familiares que residem em Portugal?
I: Já, e adorei.
E: Você foi contra ou a favor quando seus pais decidiram vir morar no Brasil?
I: Nem contra nem a favor. Eu não era nascida.

CARMEM

LOCAL: na residência

E: Sexo
I: Feminino
E: Faixa Etária
I: Acima de 61 anos
E: Nacionalidade
I: Portuguesa
E: Descendência
I: Filha de portugueses
E: Grau De Escolaridade
I: Superior incompleto
E: Estado Civil
I: Solteira

E: Profissão

I: Professora de Inglês

E: Há quanto tempo reside no Brasil?

I: Há 65 anos.

E: Qual o motivo da sua vinda para o Brasil?

I: Vim com meus avós e meus pais. O meu avô e meu pai montaram uma indústria de limas em São Paulo e mais tarde o meu pai idealizou e montou máquina automática para picar grosas e em Niterói, Neves, dedicou-se à técnica da fabricação de vidro plano, etc. etc.

E: Já passou por algum tipo de discriminação com relação a sua origem?

I: Não

E: Como se sente diante das piadas e críticas feitas aos portugueses?

I: Acho muita graça e também faço piadas de portugueses, brasileiros e de outras nacionalidades

E: Houve alguma dificuldade quando da procura de emprego?

I: Sou autônoma.

E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?

I: O custo de vida em Portugal é mais alto. Comparativamente , os salários de lá são mais altos que os daqui.

E: Quantos Estados já visitou no Brasil?

I: Vários estados, menos os da região norte.

E: O que mais aprecia no Brasil?

I: O povo gentil e acolhedor, a natureza, o clima, as praias oceânicas. O Brasil é gigantesco e belíssimo.

E: Você se sente discriminada por ser filha de portugueses?

I: Não. Vim pro Brasil com nove meses. Sou mais brasileira que portuguesa

E: Alguma vez já visitou os seus familiares que residem em Portugal?

I: Já fui a Portugal 3 vezes. A última vez em 1998 ao casamento de minha sobrinha que é brasileira e estudou advocacia em Portugal e já exerce a profissão.

E: Você pretende permanecer no Brasil ou tem vontade de voltar para Portugal?

I: Adoro o Brasil, mas tou com receio da violência e da organização terrorista de tráfico de drogas. Lá em Portugal não se mata. Lá há qualidade de vida em todos os sentidos.

- E: Os seus parentes que reside, em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-la?
I: Todos os anos vêm ao Brasil.

CECÍLIA MARIA DIAS RODRIGUES

- E: Sexo
I: Feminino
E: Faixa Etária
I: Entre 41 e 60 anos
E: Nacionalidade
I: Portuguesa
E: Descendência
I: Pais Portugueses
E: Grau de Escolaridade
I: 1º grau incompleto
E: Estado Civil
I: Casada
E: Há quanto tempo reside no Brasil?
I: Vim com doze, tenho cinqüenta e oito anos.
E: Faz quarenta e seis anos?
I: É, deve ter uns quarenta e seis anos.
E: E qual é a profissão da senhora?
I: Do lar.
E: Qual o motivo da sua vinda para o Brasil?
I: Minha vó e Minha mãe, né, a gente morava as três juntas, elas vieram e eu vim junto com elas, né.
E: Porque elas vieram?
I: Ah! procurando uma vida melhor, né? Aí minha tia estava aqui morando no Brasil, né, e falou que a gente queria vim, aí minha avó se iludiu muito, né, minha mãe não queria vim, né, aí nós viemos. Minha vó não se acostumou de jeito nenhum.

Foi pra Portugal novamente, chegou lá aí a outra filha não aceitou, ela voltou, chegou aqui muito triste, ficou doente e morreu. Mas ela não gostou daqui não. Pessoa de idade, né?

E: E sua mãe, gostou?

I: A minha mãe gostou, né, aí casou, né, aqui, né, tem uma outra filha, mais nova do que eu, então a... logo que cheguei aqui fui trabalhar com doze anos, aquilo que sofri muito deboche, entendeu, porque a gente vem com sotaque de lá, a gente não sabe nada daqui. Eu sofri demais, ele (Manoel Rodrigues) acha que não, eu sofri, assim, muito ruim, trabalhar aqui, pô, a gente é muito inocente, ainda mais eu com doze anos, né, aí tudo aqui as pessoas são mais experientes de que a gente lá, aí cê fala o sotaque de lá, tudo é motivo de deboche, tudo é motivo de deboche, a maneira de você chegar, se arrumar, ainda vem com a roupa de lá, era motivo de deboche, então eu chorei muito.

E: A senhora foi discriminada então?

I: Muita coisa, muita coisa. Muita coisa.

E: Houve alguma dificuldade de adaptação à língua portuguesa do Brasil?

I: Eu acho, eu acho sim, eu acho sim. Porque eu sou muito... eu gosto das coisas muito certa e aquilo que eu falei, né, motivo de rir de mim pra mim me matava, entendeu? E eu queria aprender e eu aprendia uma mas ficava duzentas pra aprender, entendeu? Então pra mim era muito difícil, muito difícil mesmo. Muita coisa que eu falava errada e aquilo me chateava. Não era errada, é o sotaque de lá no caso, né. É igual você vê, aqui no Ceará não falam diferente? Lugar do Brasil aqui perto cada um fala de uma maneira, né, então a gente diz... brasileiro tem hábito de dizer que a gente fala errado, nós falamos certo pra nossa maneira de lá, então eles aqui debocham muito, muita coisa.

E: Quando do nascimento dos filhos, houve alguma preferência entre Brasil e Portugal?

I: Não, não, não. Olha só... o que eu vou falar pra você, eu quando me casei, eu casei com dezenove anos, então eu me casei uma pessoa muita nova devido a eu vim de lá pra cá que eu não tinha experiência, e ele também, ele casou com vinte e três e eu com dezenove, né, nós dois não tínhamos experiência de nada, nós nem sabíamos, como agora existe esse negócio, "Ah! Eu tô planejando vim um filho. Ah! Vamos conversar com ele. Vamos fazer carinho na barriga", na época

não tinha isso. Não sei se sua mãe também fala essas coisas pra você, né. Então, veio o filho, ele era doido pra ser pai, né, aí veio o mais velho, depois dali há cinco anos veio outro, depois mais cinco anos veio outro, que é uma filha, não foi assim planejado, entendeu? Mas veio um amor muito grande que nós temos pelos nossos filhos, mas eu nunca tive vontade, eu não tenho vontade de voltar pra Portugal pra morar, pra morar. Eu adoro o Brasil, hoje eu adoro o Brasil, o Brasil é a minha terra, sabe? É tudo! Eu vou a Portugal, vou na França, eu já estive lá, e não tem, pra mim não tem lugar melhor do que o Brasil, apesar de tá ruim, mas eu adoro o Brasil.

E: Quando joga Brasil e Portugal vocês torcem pra quem?

I: Olha, eu acho que nós torcemos pro... (interf. Manoel: [Brasil ou] Portugal. O que vier tá bem!) É, é verdade. Então eu gosto muito do Brasil. Eu, com todos os problemas que o Brasil tá passando, eu acho que o povo daqui ainda é mais assim... você acaba de conhecer a pessoa, “vem cá na minha casa”, não-sei-o-quê, sem muito, como é que se fala a palavra...(interf. Cordial...) Chama, pode até não ser fiel naquele momento, né, mas são mais assim... Lá o pessoal, quando não conhece, eles são mais retraídos e a gente acaba de conhecer, “vem cá”, “vem cá na minha casa”, “aparece”, não-sei-quê, então isso cativa muito, né, eu gosto, eu adoro o Brasil, apesar de hoje em dia eu ter medo, viu? Estou morrendo de medo no Brasil. Moro em Araruama, tenho medo de ir ao Rio de Janeiro, tenho medo quando nós vimos pr’aqui que meu marido tem que resolver alguma coisa, porque ele é deficiente, mas ele resolve tudo, vai ao banco, vai... resolve as coisas que tem que resolver, morro de medo. E tá uma tristeza isso, né?

E: Como se sente diante das piadas e críticas feitas aos portugueses?

I: Não gosto, não acho graça nenhuma. Acho muita humilhação porque... Olha, eu vou falar uma coisa pra você: o Brasil lá fora é muito mal-falado. Eu fui ao Brasil... Eu fui a Portugal em oitenta e seis, a primeira vez, eu não conhecia Portugal, também fiquei sem conhecer, eu não rodei Portugal todo. E eu estava num lugar, lá numa loja e vi uma dona lá vendendo jóia, porque lá vende jóia em qualquer lugar, tem cada jóia quase louca, até nas feira, jóia lindas, lindas, lindas. E eu me cheguei pro balcão, porque eu tava lá... ia vender uma jóia, eu acho que minha mãe me pediu pra vender, ela falou pra mim vender porque aqui não se pode usar nada, que se rouba, não-sei-quê, e eu fui vender. Aí eu vi umas pulseira muita

bonita, a moça vendendo, né, pra outra. E nós aqui no Brasil não temos hábito de pegar assim as coisa pra olhar na mão? Mas quando a dona da loja sentiu o meu sotaque brasileiro, ela retirou as coisas da minha mão. [risos de Seu Manoel] Então o Brasil é muito mal-falado como ladrão lá fora, entendeu? Eu fiquei doente, fiquei chateada, porque eu sou uma pessoa muito certa, eu não gosto de coisas errada e aquilo mexeu muito comigo, aí você vê como o Brasil está lá fora, né?

E: Houve alguma dificuldade quando da procura de emprego?

I: Não, não que minha tia que me arrumou, né. E minha tia foi assim, falou com o dono assim, “Ó, você faz o seguinte, se minha sobrinha não for boa funcionária, não precisa pagar, bota ela como experiência.” E eu fiquei, fiquei até me casar.

E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?

I: Ultimamente eu acho que tá muito ruim, tá caro à beça, eu acho. Cê não pode mais abastecer um carro, vai no mercado tá caro viu? Eu sou a favor do outro governo (fala do governo de FHC). Tava melhorzinho, não tava não. [risos]

E: Quantos Estados já visitou no Brasil?

I: Só fui em São Paulo, né, só em São Paulo.

E: O que mais aprecia no Brasil?

I: É isso que eu falei pra você, eu gosto muito, eu gosto do Brasil, adoro e as pessoas, apesar de lidar com muita gente, né, daquele falso, que existe em qualquer lugar, né, mas eu gosto, eu gosto, aprecio muito o Brasil em todos os sentidos.

E: Alguma vez já visitou seus familiares que residem em Portugal?

I: Já, eu já fui na França, Portugal, já.

E: Várias vezes?

I: Três vezes. Na França fui uma vez, em Portugal fui três.

E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-lo?

I: Já, porque eu tenho primos que vieram pra cá, né, que foi até o pai deles e a mãe que trouxe a gente pr’aqui, né, e no caso eles foram passear em Portugal e acabaram ficando. E eles vêm aqui de vez em quando. E agora a filha é brasileira, foi pra lá casou com um português, tem uma filha portuguesa, [...] eles vêm aqui em julho, passear.

E: Você foi contra ou a favor quando os seus pais decidiram vir morar no Brasil?

- I: Eu não dei opinião, eu era muito criança, né. Eu fiquei iludida, né, porque eu fui criada com esta minha prima, que no caso é filha da tia que me trouxe, com os irmãos dela, então era uma ilusão, eu não sabia nada. É aquilo que eu digo, eu era muito inocente, doze anos, lá em Portugal as crianças são muito bobas, principalmente antigamente.
- E: A senhora se arrepende de ter vindo?
- I: Olha, não, não. Eu adoro o Brasil, eu não sei se é porque eu não conheci Portugal direito, entendeu? Não conheci, não convivi, eu fiquei lá até doze anos e quando eu vou lá é vinte dias, um mês, e eu fico doida chorando pra voltar pra minha casinha. Eu não fiz a minha vida lá, né, talvez seja isso né?

CLÁUDIA

Local da Entrevista: Tricana da Beira (Casa comercial)

E: Como gostaria de ser identificada?

I: Cláudia

E: Sexo:

I: Feminino

E: Faixa Etária:

I: 38 anos

E: Nacionalidade:

I: Brasileira

E: Descendência:

I: Filha de Portugueses

E: Grau de Escolaridade

I: Superior Completo

E: Estado Civil:

I: Casada

E: Qual a sua profissão?

I: Comerciante

- E: Qual a influência da cultura portuguesa em sua vida?
- I: Bastante, né. De um modo geral. É na educação, na alimentação.
- E: Já passou por algum tipo de discriminação com relação a sua origem?
- I: Não, de forma alguma, não tenho nenhum problema, nunca tive.
- E: Como se sente diante das piadas e críticas feitas aos Portugueses?
- I: Levo na esportiva, não vejo mal algum, é tudo brincadeira.
- E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?
- I: E... aí eu não tenho a idéia, porque num vou lá, num sei, não tenho noção
- E: Quantos Estados já visitou no Brasil?
- I: Só Rio, Minas, fui uma vez em Minas, só
- E: O que mais aprecia no Brasil?
- I: O povo em si, é um povo muito acolhedor, tem lugares muito lindo. Ah, são muita coisa boa
- E: Você se sente discriminado por ser filha de Portugueses?
- I: Não , de forma nenhuma
- E: Você preferia ter nascido em Portugal? Caso positivo, por quê?
- I: Não, eu gosto do Brasil. Não tenho nada contra lá, gosto, mas sou brasileira e estou satisfeítíssima
- E: Alguma vez já visitou os seus familiares que residem em Portugal?
- I: Já, mas tem muitos anos, tem... 25 anos
- E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-la?
- I: Não, não, nenhuma vez.

DANIELA RODRIGUES SOARES

- E: Sexo:
- I: Feminino
- E: Faixa Etária:
- I: De 20 a 40 anos
- E: Nacionalidade:

I: Brasileira
E: Descendência
I: Filha de portugueses
E: Grau de Escolaridade:
I: Superior incompleto
E: Estado Civil:
I: Solteira
E: Qual sua profissão?
I: Eu sou universitária.
E: Faz o quê?
I: Faço faculdade de direito, quarto período.
E: Qual a influência da cultura portuguesa em sua vida?
I: Toda, né, minha origem toda é de família portuguesa, sou descendente de pai, de mãe, de avós, aí tudo que eu sei, a cultura deles, o que eu aprendi veio de lá, né, a formação do meu pai toda.
E: Já passou algum tipo de discriminação com relação à sua origem?
I: Nenhum. É muito difícil europeu ser discriminado aqui, né?
E: Você tem filhos?
I: Não, nenhum.
E: Como se sente diante das piadas e críticas feitas aos portugueses?
I: Ah! Eu acho engraçado. Eu até conto algumas também.
E: Houve dificuldade quando da procura de emprego?
I: Não, nenhuma.
E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?
I: O custo de vida, lá o custo de vida é mais alto, mas se vive melhor do que aqui, e aqui o custo de vida não é tão alto, mas as pessoas ganham muito mal, né.
E: Quantos Estados já visitou no Brasil?
I: Estados? No Brasil não, além do Brasil. Além do Rio de Janeiro!
E: Se não visitou nenhum, qual gostaria de conhecer?
I: Fernando de Noronha.
E: O que mais aprecia no Brasil?
I: As Praias
E: Você se sente discriminado por ser filha de Portugueses?

- I: Não, nunca sofri nenhum tipo de preconceito.
- E: Você preferia ter nascido em Portugal?
- I: Não, eu preferia ter nascido onde eu nasci, no Brasil.
- E: Alguma vez já visitou seus familiares que residem em Portugal?
- I: Não, nenhuma vez.
- E: Você pretende permanecer no Brasil ou tem vontade de ir para Portugal?
- I: Eu tenho vontade de ir a passeio, mas não pra morar lá.
- E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-la?
- I: Já
- E: Quem?
- I: Os irmãos do meu pai e a irmã do meu pai.

DAYANA BRITO TEIXEIRA

- E: Sexo:
- I: Feminino
- E: Faixa Etária:
- I: Até 19 anos
- E: Nacionalidade:
- I: Brasileira
- E: Descendência:
- I: Filha de portugueses
- E: Grau de Escolaridade:
- I: 2º incompleto
- E: Estado Civil:
- I: Solteira
- E: Qual a sua profissão?
- I: Eu estudo.
- E: Qual a influência da cultura portuguesa em sua vida?
- I: A comida.

- E: Já passou por algum tipo de discriminação em relação à sua origem?
- I: Não.
- E: Quando do nascimento dos filhos, houve alguma preferência entre Brasil e Portugal?
- I: Não, não, porque eu nasci aqui, eu fui criada aqui, nunca fui lá, não tive nenhuma. Normal.
- E: Como você se sente diante das piadas e críticas feitas aos portugueses?
- I: Eu acho engraçado.
- E: Houve alguma dificuldade quando da procura de emprego?
- I: Não. Nunca procurei. [risos]
- E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?
- I: Não sei, eu acho que lá é mais alto.
- E: Quantos Estados você já visitou no Brasil?
- I: São Paulo quando eu era pequena.
- E: O que mais aprecia no Brasil?
- I: A beleza da natureza.
- E: Você preferia ter nascido em Portugal? Caso positivo, por quê?
- I: Não.
- E: Alguma vez já visitou seus familiares que residem em Portugal?
- I: Não. [risos]
- E: Você pretende permanecer no Brasil ou tem vontade de viver em Portugal?
- I: Eu tenho vontade de conhecer, passear um pouco.
- E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-lo?
- I: Já, dois primos em lua de mel.

EMÍLIA

Local da Entrevista: Praça Dr. Vitorino (Ponta D' Areia)

E: Como gostaria de ser identificada?

I: Emília

- E: Sexo:
- I: Feminino
- E: Faixa Etária:
- I: Acima de 61 (65)
- E: Nacionalidade:
- I: Portuguesa
- E: Descendência:
- I: Filha de Portugueses
- E: Grau de Escolaridade:
- I: Tenho a 4ª série
- E: Estado Civil:
- I: Casada, mãe de 2 filhos
- E: Há quanto tempo reside no Brasil?
- I: Eu cheguei aqui com 23 anos, estou aqui. Cheguei aqui em 62, estou aqui há 43 anos.
- E: Qual a sua profissão?
- I: Eu era costureira, eu já fui costureira, mas agora sou doméstica. Sou aposentada como costureira.
- E: Qual o motivo da sua vinda para o Brasil?
- I: Na época éramos imigrantes, procurávamos uma vida melhor. Meu marido já estava aqui, foi lá, me conheceu e me trouxe. Ele levava uma vida melhor.
- E: Já passou por algum tipo de discriminação com relação a sua origem?
- I: Não.
- E: Houve alguma dificuldade de adaptação à língua portuguesa do Brasil?
- I: Não.
- E: Quando do nascimento dos filhos, houve alguma preferência entre o Brasil e Portugal?
- I: Brasileiros legítimos e eu fiz muita questão que eles fossem brasileiros. São mais bem criados sendo do Brasil do que se fosse em Portugal, porque eu estive lá há 3 anos e sei disso. Isso eu estou falando sinceramente. Eu tenho sangue português, eu tenho, mas os meus filhos têm uma educação fora de sério. É mamãe pra cá, mamãe pra lá, procuram se tenho o que comer, se tenho remédio e acho que tudo lá está muito à vontade. A juventude lá está braba, aqui tá melhor. Os meus filhos

são filhos de portugueses e essa é filha de italianos, essa minha nora é filha de italiano, os meus filhos são brasileiros, mas descendentes de portugueses. Mas ... eu vou dizer uma coisa, tenho muito prazer de serem criados aqui do que lá na minha terra. A educação é diferente.

E: Como se sente diante das piadas e críticas feitas aos Portugueses?

I: Ah, me sinto bem. Tanto faz. Eu não sou de fazer críticas a ninguém, mas eu aceito tudo. Eu aceito, eu não sou de brigar não, meu filho, não sou de brigar não.

E: Houve alguma dificuldade quando da procura de emprego?

I: Eu sempre tive a benevolência dos Bancos, trabalhei no BRADESCO, tive entrosamento com médicos, com pessoas assim, sabe, não tive assim... tem gente que parece um bicho do mato, mas nós não. O meu marido foi pescador, não é agora mais porque ele teve um AVC, sempre foi pescador, ia Barra afora, pra Santos, ia pra Itajaí. Sempre viveu da pesca, e vivíamos muito bem.

E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?

I: Aqui ele é mais baixo, Portugal tá muito caro.

E: Quantos Estados já visitou no Brasil?

I: Olha, eu conheço Itaperuna, que lá ele operou o coração. Só Rio de Janeiro mesmo e São Paulo. Eu conheço aqui em Niterói, conheço as praias que tem aqui por causa dos barquinhos que já comercializamos. O resto é tudo Estado do Rio.

E: Qual gostaria de conhecer?

I: Olha, acho que seria conhecer todos, se a gente pudesse.

E: O que mais aprecia no Brasil?

I: Eu não sei explicar, é a facilidade assim... a gente em Portugal é muito oprimida, só exigem, a gente tem a maior vontade de... só assim... como você quiser o Brasil. Lá não , só exigem muito de você, entendeu? Você vai na rua, a pessoa que trabalha até num bar parece um doutor, entendeu/ Lá exigem mesmo da pessoa. Não é como aqui, a pessoa fica mais à vontade. O clima, mas eu gosto muito do Brasil. Só o que eu acho contra é que a gente não pode mais ficar em casa, tranqüila em casa e o resto mais nada, o Brasil é tranqüilo, você acha de comida o que quiser, tem muita procura. Lá em Portugal tem muito mercado, mas tem que ir muito longe comprar, frutas assim mais caras. Mas não se compara com aqui.

E: Você se sente discriminado por ser filha de Portugueses?

- I: Não.
- E: Alguma vez já visitou os seus familiares que residem em Portugal?
- I: Já, umas 4 vezes. A última vez foi agora fez 3 anos.
- E: Você pretende permanecer no Brasil ou tem vontade de voltar para Portugal?
- I: Ficar no Brasil.
- E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-la?
- I: Não, só parentes de longe. Os meus mesmo de sangue ainda não vieram não, estão em Canadá, outros estão na... como é... no Canadá, Luxemburgo. Estão assim pra fora, estão longe, mas aqui pro Brasil, não vieram não, mesmo porque aqui no Brasil é um país onde eles só vêm pra passear. O que eu acho de ruim no Brasil é que nosso consulado português não faz nada por a gente que está há mais de 20 anos. E nós, eu não tenho plano de Saúde, certo. Houve um tempo que eu tinha, mas agora eu não posso mais, porque a idade... não aceitam. Mas o país da Espanha, os filhos de espanhóis... a Espanha paga tudo e paga na hora, reembolso. Os italianos também. Todo espanhol tem ficha de médico, tem tudo, porque eles investem nos filhos, mesmo aqui no Brasil. Eu vou procurar saber isso, agora a comunidade está toda unida, certo? Não fazem nada por a gente, não. Nós temos hospitais, que é uma deficiência, médicos caríssimos. A única coisa que eu acho é o nosso consulado lá de Portugal é não fazer nada por a gente aqui.

EMÍLIA DO CARMO PINHEIRO

Local da Entrevista: Residência , na Ponta d'Areia

E: Sexo

I: Feminino

E: Idade:

I: Eu já fiz 70.

E: Nacionalidade

I: Portuguesa

E: Descendência
I: Portuguesa
E: Grau de escolaridade
I: Eu não estudei, eu sou analfabeta.
E: Estado civil
I: Viúva
E: Há quanto tempo reside no Brasil?
I: Eu fiz... deixa lembrar... eu vim com 23.... 47anos.
E: Qual sua profissão?
I: Do lar
E: Quando a senhora chegou aqui teve alguma dificuldade com a língua portuguesa falada aqui?
I: Não, não tive não.
E: Alguma vez a senhora lembra ter sofrido discriminação por causa da sua origem?
I: Não, não.
E: Quanto Estados do Brasil a senhora já visitou?
I: No Brasil eu conheço assim Amarante, aqui na entrada lá de São Paulo, fui a João Mineiro, fui no Paraná e Minas Gerais.
E: Há algum Estado que a senhora tenha vontade de conhecer?
I: Não, estou bem, graças a Deus.
E: O que a senhora mais aprecia no Brasil?
I: O que eu mais gosto é da minha filha, né?
E: Quando da sua vinda teve dificuldade de emprego?
I: Não, não, eu vim casada por procuração, meu marido já tava aqui, construindo casa... entendeu?
E: A senhora conhecia seu marido?
I: Conhecia, namorei ele lá e ele me mandou vir. Ele era mais velho que eu, depois veio a morrer.
E: O que a senhora acha das piadas feitas com portugueses?
I: Eu acho certo, né? Chama o português de galego (risos)
E: A senhora já visitou seus parentes em Portugal?
I: Fui lá 2 vezes.
E: Os seus parentes que moram em Portugal já estiveram no Brasil?

- I: Tem a minha irmã que veio aqui me visitar. Tem o que... tem uns dois ou três anos, a mais nova que eu, da família.
- E: Quando seus filhos nasceram, houve preferência de que ela nascesse no Brasil ou em Portugal?
- I: Não, eu tava aqui, nasceram aqui. Tenho 4, né?
- E: O custo de vida no Brasil é mais caro ou mais barato que em Portugal?
- I: Lá também as coisa são muito caro. A pessoa pra ir lá tem que estar com condições mesmo, porque chega lá tudo é caríssimo. E as coisas de fora, compram as coisa ainda mais caro.

FÁTIMA MARIA AFONSO MONTE

- E: Sexo
- I: Feminino
- E: Faixa Etária
- I: Entre 41 e 60
- E: Nacionalidade
- I: Brasileira
- E: Descendência
- I: Pais Portugueses
- E: Grau de Escolaridade
- I: Superior completo
- E: Estado Civil
- I: Casada
- E: Qual sua profissão?
- I: Professora.
- E: E está trabalhando em colégio...?
- I: Não, agora eu não estou mais trabalhando, né, agora eu estou aposentada.
- E: Qual a influência da cultura portuguesa em sua vida?

- I: Eu acho muito importante, né, porque eu sempre fui assim criada com a cultura portuguesa, né, então pra mim foi muito importante.
- E: E a senhora pode falar mais um pouco desta relação da cultura portuguesa com a cultura brasileira?
- I: Ah! Eu gosto muito do Brasil, lógico, como brasileira, né, meu pai veio com dezoito anos pro Brasil, e aqui construiu o patrimônio, quer dizer, eu só posso amar cada vez mais a minha pátria, né.
- E: Como se sente diante das piadas e críticas feitas aos portugueses?
- I: Eu acho, assim, normal, não tenho nada contra não.
- E: Acha que é natural?
- I: Acho normal.
- E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?
- I: Ah! Eu acho bem mais alto.
- E: Acha aqui mais alto?
- I: É, acho mais alto.
- E: Quantos Estados já visitou no Brasil?
- I: Ah! No Brasil não visitei estado nenhum, por enquanto ainda não.
- E: Qual gostaria de conhecer?
- I: Eu gostaria de conhecer a Bahia.
- E: O que mais aprecia no Brasil?
- I: Eu aprecio assim a maneira dos brasileiros, né, como eles... no tratam as pessoas, são assim muito cativantes, muito alegre e eu gosto muito do jeito do brasileiro, né.
[risos]
- E: Você se sente discriminado por ser filho (a) de Portugueses?
- I: Não, não sinto não, pelo contrário, eu acho que português tem muito valor.
- E: A senhora nunca passou nenhum tipo discriminação?
- I: Não, nunca passei não.
- E: Você preferia ter nascido em Portugal? Caso positivo, por quê?
- I: Eu gostaria, ter nascido no... porque minha família toda é portuguesa, né, então eu gostaria de conhecer. Tenho tias em Portugal, tios que vivem em Lisboa, moram em Lisboa, eu tenho vontade de conhecer Portugal, né, um país que eu tenho vontade de conhecer.
- E: Mas a senhora gostaria de ter nascido lá?

- I: Gostaria!
- E: Por que?
- I: Gostaria porque eu acho que assim, os costumes de lá, né, são bem melhor do que aqui. Agora também, a violência também, eu acho que lá é bem menos que aqui, eu acho que lá é mais tranquilo, você pode andar assim mais tranquilo, mais organizado.
- E: Alguma vez já visitou seus familiares que residem em Portugal?
- I: Nunca visitei, nunca visitei. Meu pai e minha mãe foram a Portugal, voltaram a Portugal, mas eu não.
- E: Você pretende permanecer no Brasil ou tem vontade de ir viver em Portugal?
- I: Eu tenho vontade de ir a Portugal e viver em Portugal.
- E: Tem vontade de viver lá?
- I: Tenho, tenho vontade, porque como eu falei, eu acho que lá assim é mais organizado e agora também a violência, embora tendo também a mesma coisa, quase né, mas sempre é melhor, eu acho.
- E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-lo?
- I: Ah! Já vieram sim, já vieram sim.
- E: Quantas vezes?
- I: Ah! Várias vezes, de vez em quando estão aqui.
- E: Qual foi a última vez que eles vieram?
- I: Foi o ano passado.
- E: Você foi contra ou a favor quando os seus pais decidiram vir morar no Brasil?
- I: Eu fui a favor, porque meu pai conheceu minha mãe, né e teve três filhos, quer dizer, eu acho que foi bom pra ele também, né?
- E: Mas a senhora não era nascida quando ele veio?
- I: Não, não, eu não era nascida não.

FÁTIMA VIANA

E: Sexo

I: feminino

E: Faixa Etária

I: Entre 20 e 40 anos

E: Nacionalidade

I: Brasileira

E: Descendência

I: Pais Portugueses

E: Grau de Escolaridade

I: 2º grau completo

E: Estado Civil

I: Casada

E: Qual a sua profissão?

I: Técnico de enfermagem, mas por enquanto não tô trabalhando, fico em casa.

E: Você já passou algum tipo de discriminação com relação à sua origem?

I: Não. Não.

E: Nunca houve nenhuma brincadeira, nenhuma coisa por você ser filha de português.

I: Às vezes tem piada e tudo, mas eu nem esquento.

E: Você nunca ligou pelas piadas, nunca se importou?

I: Não. Não.

E: E quando seus filhos foram nascer, teve alguma preferência deles nascerem entre Brasil ou Portugal?

I: Não, tem não.

E: Você preferiu que eles nascessem no Brasil mesmo?

I: É.

E: Porque já tava aqui, ou...?

I: Porque eu já morava aqui, queria que nascesse aqui mesmo.

E: Você pensa em pedir dupla-cidadania para eles para eles poderem viver na Europa algum dia, alguma coisa assim, por eles serem descendentes de Portugueses?

I: Ah! Eu tava pensando isso. Porque a minha filha tem cinco anos e eu tô pensando, sei lá, mais tarde, né? De repente ela pode querer ir pra lá também né?

E: Como você se sente diante das piadas e críticas feitas aos portugueses?

I: Não tem... nada de coisa não, de falar. Eu não esquento mesmo, nem ligo.

E: Você acha que é natural fazer este tipo de piada?

I: Acho. Tem cada um, tem um negócio, né? Sei lá.

E: Mas você acha que as piadas sobre portugueses denigrem a imagem dos portugueses ou você acha que é natural este tipo de piada?

I: Ah! Eu acho natural, né? Sei lá. Eu nem sei falar o que eu vou falar...

E: Fala o que você pensa!

I: Porque eu não esquento, quando falam de português eu nem ligo. Que português é burro, que português não sei quê, eu nem esquento. Eu saio até às vezes até de perto pra nem escutar nem nada...

E: Mas então você não gosta de ouvir este tipo de piada?

I: Não, eu até escuto, mas não opino em nada, não falo nada, deixo pra lá. Mas nunca assim... Antigamente tinha mais piada de português mas hoje em dia não tem muito não, né?

E: Você acha que antigamente tinham mais piadas de português e hoje tem menos?

I: Hoje tem menos, antigamente tinha mais.

E: Mais chegam a te aborrecer?

I: Não, não.

E: Mas você sai de perto quando contam.

I: Não, às vezes eu fico perto, às vezes não me interessa aí eu saio de perto, entendeu?

E: Mas você nunca teve nenhum aborrecimento, nenhuma discussão por causa disso?

I: Não. Não.

E: E houve alguma dificuldade quando você foi procurar emprego por ser filha de português, não?

I: Também não.

- E: Você acha que o custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?
- I: Lá é bem melhor do que aqui, né? Pô, tem nem comparação. Meu irmão saiu daqui porque não arrumava emprego, tem duas faculdades, não arrumava emprego, foi pra lá, não tá trabalhando acho que na área dele lá não, pô, mas bem melhor do que aqui.
- E: Você acha que é mais fácil viver lá do que viver aqui?
- I: Ah, é. Com certeza
- E: Porque que é mais fácil.
- I: Ah! O custo de vida é melhor, as coisas de lá são melhor... mas também o custo de vida lá é alto também, aquele meu amigo que eu falei pra você, o Wellington, ele tava falando que lá gasta muito, por isso que as pessoas... gasta muito, ganham bem, entendeu.
- E: Mas o custo de vida lá é mais alto ou menor?
- I: O custo de vida lá é mais alto do que aqui.
- E: Mas lá as pessoas ganham melhor?
- I: Ganham melhores do que aqui.
- E: Você acha que é mais fácil viver em Portugal ou viver no Brasil?
- I: Ah! Eu acho... sei lá, não sei, fui lá muito pequena, mas deve ser melhor pra lá, porque meu irmão já foi pra lá quatro vezes, agora foi de vez.
- E: Você tem vontade de viver lá?
- I: Ah! Não tenho não.
- E: Mesmo a vida lá sendo mais fácil do que a vida no Brasil?
- I: Ah! É. Porque já tô acostumada, já nasci aqui, eu tenho vó e tudo lá, a mãe da minha mãe, a minha mãe já é até falecida, mas eu não tenho vontade de ir pra lá não. [risos] Não sei se é medo, um país totalmente diferente do nosso, os costumes, eu tenho não. [risos]
- E: Você disse que você foi pra lá passear quando você tinha quatro anos, você nunca mais teve vontade de visitar Portugal?
- I: Eu queria ir pra visitar minha vó que é minha madrinha, minha família, tios, tias, primas, que aqui eu não tenho ninguém, só eu e o meu pai. E tem dois tios, tios da minha mãe, né, aqui, que moram aqui. Eu queria ir lá pra poder ver a família, né, conhecer, né, porque eu só lembro negócio de foto, só vê foto, tem nem contato.
- E: Quanto Estado você já visitou no Brasil Fátima?

I: Ah! Não visitei nenhum não.

E: E qual você gostaria de visitar?

I: Ah! Eu queria visitar Portugal, Estados Unidos,...

E: E dentro do Brasil, o que você gostaria de conhecer?

I: Do Brasil?... Ah! Sei lá! Sei não...

E: O que você mais aprecia no Brasil Fátima?

I: No Brasil? Eu acho que aqui no Rio de Janeiro né, são os... as paisagens, né, o Corcovado, o Pão-de-açúcar, essas coisas, muito bonito né, aqui, né. Até quando veio uma amiga dele aqui, ela ficou encantada, só que ela achou isso aqui horrível, lixo, muito feio, cidade muito suja, os carro muito acabado, entendeu?

E: E o que você mais aprecia de Portugal?

I: Ó, eu vi algumas fotos lá, são muito bonitas, cidades, muito limpas, essa amiga do meu irmão que veio pra aqui passar quinze dias, ela falou que lá é muito limpo mesmo, e não tem muita gente pedindo quanto como aqui tem, entendeu, muita gente na rua pedindo dinheiro, isso, lá não tem... Ah! Eu acho essas paisagens, mais praças, muito limpas, tudo cheia de muitas flores, entendeu?

E: E você se sente discriminada por ser filha de portugueses?

I: Não, eu gosto, não tenho nada contra não.

E: Nunca teve nenhum problema, nenhum tipo de brincadeira ?

I: Não. Nenhuma.

E: E você preferia ter nascido em Portugal? Caso positivo, porque?

I: Não, queria nascer aqui mesmo.

E: Porque:

I: Ah! Isso eu não sei dizer não!

E: Você pretende permanecer no Brasil ou você tem vontade de ir viver em Portugal?

I: Ah! Ficar aqui, não quero ir pra lá não, prefiro ficar aqui mesmo.

E: Seus parentes que vivem em Portugal, já vieram ao Brasil para visitá-la?

I: Não. Minha vó só veio quando eu era bebê, assim que eu tinha nascido, mas não veio mais não. Por causa de avião e tudo, ela já é de idade, e não tem pra vim.

E: Mas nenhum outro parente nunca veio visitar?

I: Não, nenhum. Ah! Só veio uma tia da minha mãe que passou lua-de-mel aqui em Rio Bonito, aqui ela veio aqui, visitar.

E: Há quanto tempo?

- I: Ah, já tem uns dez anos ou onze.
- E: E você foi contra ou a favor quando seus pais decidiram vir morar no Brasil?
- I: Eu não pude nem opinar, porque eles vieram pra cá... minha mãe veio pra cá solteira, com dezessete, dezoito anos, aí que conheceu meu pai, por coincidência português também, aí casaram aqui, ficamos aqui, teve filhos, depois de cinco anos tiveram filhos, depois quando eu tinha quatro anos nós fomos lá em Portugal visitar.
- E: Se você pudesse ter podido optar, quando eles vieram morar aqui, você teria optado por eles virem morar aqui ou por eles continuarem vivendo em Portugal?
- I: Aqui mesmo. Pro Brasil mesmo, tá bom aqui. [risos]
- E: Por que?
- I: Ah! Eu gosto daqui.
- E: Por que?
- I: Ah! Por que vai ser difícil, ah! Sei lá, eu gosto. Eu tenho medo de lá, é outro lugar, outro mundo, eu hein! Falei assim, ah não! Outros costumes. Falei assim, tô fora.
- E: Por você ser filha de português você se sente mais próxima do que as outras pessoas de Portugal? Do que os outros brasileiros se sentem de Portugal? Porque dizem que Portugal e Brasil tem relações íntimas, né, que os dois países têm relações muito estreitas, por ser filha de português você se sente mais próxima da cultura portuguesa, alguma coisa de Portugal ou não?
- I: Não. Eu sou mais brasileira do que filha de português, entendeu? Igual meu pai, meu pai deve ter falado isso pra você, né, que ele se sente mais brasileiro do que português, porque ele já muitos anos aqui, entendeu? Eu até falo pra ele, pô pai, vamos lá, se o senhor for eu vou com o senhor, como eu vou chegar lá, não conheço ninguém, né, eu já to mudada, né, o pessoal deve estar mudado também. Aí ele fala assim, ah! Vamos ver. Aí eu falo, pô, vamos ver quando? Quando minha mãe chegou a falecer a gente ia, tava com a passagem e tudo comprada e tudo pra ir, mas ele faleceu e a gente não pôde ir. Já tava tudo comprado, ela faleceu em maio, em junho a gente viajava.
- E: Então ta bom, obrigado Fátima.

HENRIQUETA

Local da Entrevista: Comércio na Rua Silva Jardim

E: Como gostaria de ser identificada?

I: Henriqueta

E: Sexo:

I: Feminino

E: Faixa Etária:

I: Acima de 61 (66)

E: Nacionalidade:

I: Portuguesa

E: Descendência:

I: Portuguesa.

E: Grau de Escolaridade:

I: Instrução primária, mas tenho lido muito e isso tem me ajudado bastante. Instrução primária em Portugal se chamava-se a 4ª série, mas era assim uma 4ª série que hoje eu já não preciso nem de máquina pra nada. Leio muito.

E: Estado Civil:

I: Viúva.

E: Há quanto tempo reside no Brasil?

I: Estou no Brasil há 36 anos.

E: Qual a sua profissão?

I: Comerciante

E: Qual o motivo da sua vinda para o Brasil?

I: Eu vim ao Brasil pra começar a passear, moravam já aqui os meus irmãos há 6 anos e eu gostei muito daqui, entretanto conheci um português muito querido o qual me casei com ele, tive os meus filhos.

E: Já passou por algum tipo de discriminação com relação a sua origem?

I: Não nem um pouco. Fui muito bem aceita

E: Houve alguma dificuldade de adaptação à língua portuguesa do Brasil?

I: Não, nenhuma.

E: Quando do nascimento dos filhos, houve alguma preferência entre o Brasil e Portugal?

I: Houve. Na parte de onde eles nasceram : Brasil.

E: Como se sente diante das piadas e críticas feitas aos Portugueses?

I: Acho interessante, porque eu também curto as minhas.

E: Houve alguma dificuldade quando da procura de emprego?

I: De jeito nenhum. Eu sou estilista. Na ocasião as pessoas se formavam em alta costura e se chamavam modistas. Eu me formei na escola Madame Justo. Então essa era a minha profissão, dificuldade absolutamente nenhuma.

E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?

I: É... O custo de vida em Portugal é bem mais alto, só que se ganha uma porção de vezes mais, então é mais equilibrado.

E: Quantos Estados já visitou no Brasil?

I: 7.

E: Qual gostaria de conhecer?

I: Vários. O Brasil tem um montão, não posso nem explicar, senão eu fico assim meio ... (risos)

E: O que mais aprecia no Brasil?

I: As pessoas. São ... como se chama, são massa corveiras e isso mexe comigo.

E: Você se sente discriminado por ser filha de Portugueses?

I: De jeito nenhum.

E: Alguma vez já visitou os seus familiares que residem em Portugal?

I: Graças a Deus já voltei a minha pátria 3 vezes.

E: Você pretende permanecer no Brasil ou tem vontade de voltar para Portugal?

I: É ... dividida, meio lá , meio cá.

E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-la?

I: Quase todos. E até agosto já vieram 5 vezes.

E: A senhora gostaria de acrescentar alguma coisa?

I: Eu posso sim. Posso acrescentar que nesses 36 anos que eu estou no Brasil eu vejo uma diferença enorme, porque quando eu cheguei , fiquei decepcionada, não com as pessoas, mas com Niterói. Eu achava que Niterói era uma cidade bonita, tava habituada a ver lá a Alcobácea de Lisboa e mesmo as aldeias lá já eram melhor do que as estradas daqui. Eu achei as estradas sujas, é ... furadas, tudo

cheias de buracos, esburacadas. Você vê que até na ocasião, e a gente tínhamos que fazer labirinto e um teatro encantador encajado etc. Hoje Niterói deu uma volta de 200 graus. As pessoas se vestem bem as pessoas, comem bem, se arrumam, carro de primeira. Tudo é um encanto. Há apenas 3 coisas que eu desejava que os nossos governantes do Brasil.... em todos, de Lula até mais abaixo, o nosso Prefeito, um dia cuidassem das calçadas, pra que ninguém precisasse segurar as pernas, que as calçadas estão horríveis em Niterói . Quando houvesse um dinheiro sobrando, bem grande tirassem esses fios dessas ruas, de eletricidade, que parece uma cidade fantasma com uma feirada, que aquilo me deixa triste, quando tem algum visitante. E depois de ter alguém com coragem pra pintar o edifício dos Correios, que me fazem até chorar, um palácio, uma coisa encantadora, uma obra de arte, pichada até o teto. Então são as coisas que eu acho que têm que ser feitas em Niterói, pra esta cidade ir pra frente.

IRENE DE PILAR PINTO

E: Sexo:

I: Feminino

E: Faixa Etária:

I: De 41 a 60 anos

E: Nacionalidade:

I: Portuguesa

E: Descendência:

I: Filha de portugueses

E: Grau de Escolaridade:

I: 1º grau completo

E: Estado Civil:

I: Casada

E: Há quanto tempo a senhora vive no Brasil?

I: Vinte e quatro anos.

- E: Qual a profissão da senhora?
- I: Comerciante.
- E: Comércio de quê?
- I: Material de construção.
- E: Qual o motivo da sua vinda pro Brasil?
- I: Eu vim atrás do meu marido que já tinha vindo primeiro. [risos]
- E: A senhora já passou algum tipo de discriminação com relação a sua origem?
- I: Não, não.
- E: Houve alguma dificuldade de adaptação à língua portuguesa do Brasil?
- I: Não.
- E: A senhora teve filhos depois que chegou de Portugal?
- I: Não.
- E: Como a senhora se sente diante das piadas e críticas feitas aos portugueses?
- I: Não, a gente acha até engraçado rir! [risos]
- E: A senhora teve dificuldade pra procurar emprego aqui?
- I: Não, não precisei.
- E: O custo de vida aqui no Brasil é igual ou é mais alto que em Portugal?
- I: Portugal tem um custo de vida maior, mais alto, mas o salário é mais alto. O Brasil em relação a salário, o custo de vida é caro pra quem ganha salário mínimo.
- E: Quantos Estados a senhora já visitou aqui no Brasil?
- I: Acho que eu já estive em São Paulo, na Bahia, Recife... acho que Minas, Minas também.
- E: O que a senhora mais aprecia no Brasil?
- I: O que mais aprecio? O povo é muito cordato, [risos] é muito... sei lá, o povo brasileiro é muito cordato, muito, sei lá, [...] eu fui muito bem recebida, eu e acho que todos os portugueses fomos muito bem recebidos aqui.
- E: A senhora se sente discriminada?
- I: Não.
- E: Alguma vez a senhora já visitou seus familiares que ficaram em Portugal?
- I: Já.
- E: Quantas vezes?
- I: Cinco ou seis. Acho que foram seis.
- E: A senhora pretende permanecer no Brasil ou tem vontade de voltar para Portugal?

- I: Eu gostaria de morrer em Portugal.
- E: Os parentes da senhora que residem em Portugal já vieram visitá-la aqui?
- I: Uma irmã e uma sobrinha e primos, eles são nossos primos. [aponta para os outros portugueses que estavam na barca conosco].
- E: A senhora foi contra ou a favor vir para o Brasil? Veio pela sua vontade, contra sua vontade?
- I: Não, não vim contra vontade não. Vim pra ficar com ele! [risos]

ISABEL GOMES

Local da entrevista: Rua Coronel Gomes Machado

- E: Sexo
- I: Feminino
- E: Idade
- I: De 40 a 60 anos
- E: Nacionalidade
- I: Portuguesa
- E: Descendência:
- I: Filha de portugueses
- E: Grau de Escolaridade
- I: 1º grau completo
- E: Estado Civil:
- I: Casada
- E: Dona Isabel, há quanto tempo a senhora reside no Brasil?
- I: Há 34 anos
- E: Qual a profissão da senhora?
- I: Comerciante
- E: Qual o motivo da vinda para o Brasil , na época?
- I: Minha irmã veio a passeio, o Brasil era muito bom e eu vim.
- E: A senhora já passou algum tipo de discriminação em relação a sua origem?

- I: No começo sim, mas agora não.
- E: Houve algum tipo de dificuldade com a língua portuguesa praticada aqui?
- I: No começo.
- E: Quando do nascimento dos filhos , houve alguma preferência entre o Brasil e Portugal?
- I: Não, não, não.
- E: Como a senhora se sente diante das críticas e piadas feitas aos portugueses?
- I: Levo na mesma, na brincadeira.
- E: Na época, houve alguma dificuldade quanto à procura de emprego, quando a senhora veio para cá?
- I: Não.
- E: Na sua opinião, o custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?
- I: É mais baixo.
- E: Quantos Estados a senhora já visitou no Brasil?
- I: 3.
- E: Tem algum que a senhora não visitou e gostaria de conhecer? Qual?
- I: Ceará, Nordeste.
- E: A senhora pretende ficar sempre no Brasil ou tem vontade de voltar para Portugal?
- I: Eu não vou mais lá, não.
- E: Os parentes que residem lá em Portugal já fizeram alguma visita a senhora aqui?
- I: Sim, constante.
- E: E a senhora já os visitou em Portugal?
- I: Também.

LABORRÉ LIMA

Local: Rua José Clemente, editora Muiraquitã

E: Sexo

I: Feminino

E: Idade

- I: De 41 a 60 anos
- E: Nacionalidade:
- I: Brasileira
- E: Descendência
- I: Portuguesa. Descendente luso- brasileira
- E: Escolaridade;
- I: Superior
- E: Estado civil
- I: Casada
- E: Qual é o nome da sua editora ?
- I: Muiraquitã.
- E: Estado civil?
- I: Sou viúva, do primeiro casamento e sou casada com o doutor Tomás Lima há 9 anos.
- E: A profissão?
- I: Editora de livros.
- E: Qual a influência da cultura portuguesa em sua vida?
- I: Evidentemente que começa pelo fato de eu ser luso descendente. Meu avô veio pra Niterói, da região do Algarve, onde ele era filho de uma família de 4 irmãos . Entretanto, como a nossa família era muito pequena aqui, era só o meu pai e meu tio. Após a morte do meu avô que eu não cheguei a conhecer , esse contato com Portugal foi perdido e na minha vida ele foi, vamos dizer assim, retomado a partir do meu encontro com o doutor Tomás Lima. Então, desde que passamos a viver nossa vida juntos eu tenho me dedicado à comunidade portuguesa, até por uma questão de afeição. A própria história da minha vida e a esse encontro com o português numa época já de certo modo tardia na minha vida, mas que resgatou toda a minha identidade com a cultura lusitana.
- E: Como a senhora se sente em relação às piadas e críticas feitas aos portugueses?
- I: Eu acho que isso faz parte da cultura popular, tanto aqui como lá. Em Portugal se faz muita piada sobre brasileiro também. Eu vivo entre Brasil e Portugal, porque lá temos uma casa em Vizeu, onde eu vou 2 vezes por ano. Sempre na Páscoa, vamos a Portugal. Meu marido gosta de passar a Páscoa lá na aldeia dele e já se tornou um hábito, eu também gosto muito de passar a Páscoa em Portugal porque

é um momento religioso , um momento cultural ímpar e em setembro que vamos na época da Vindima e sempre temos compromissos por lá. Temos a Academia do Bacalhau, que é internacional e temos esse congresso anualmente em algum ponto da comunidade portuguesa no mundo.

E: A senhora preferia ter nascido em Portugal?

I: Olha, eu não diria isso porque eu sou uma brasileira patriótica, sou apaixonada pelo meu povo, pela minha cultura, pelo meu país, sou brasileiríssima com muito orgulho, tenho mesmo. Agora é uma coisa curiosa.. Como eu não conheci o lugar do meu avô, ainda estou buscando esse ponto. Na verdade, a minha ascensão com o lugar de Portugal hoje está presa à cidade que Vizeu, que foi a primeira cidade em que estive e que eu tenho uma relação muito forte com pessoas, com a própria terra em si, tem já uma história de vida que viveu. Uma ocasião, voltando na véspera de retornar pra cá pro Brasil, estávamos eu e meu marido no carro voltando do supermercado com as nossas compras de última hora e eu me lembrei de dizer a ele algo que ficou sendo a minha homenagem à terra, a ele próprio. Se eu não tivesse nascido em Friburgo, que é a minha terra, eu gostaria de ter vivido em Vizeu... Vizeu realmente tem muita semelhanças exatamente pelo clima, o clima em Friburgo é bastante semelhante, até pela cultura europeia também, né? Mas especialmente isso ficou sendo uma homenagem minha a ele que Vizeu seria a minha segunda cidade no mundo.

E: A senhora já respondeu que visita regularmente Portugal. Portanto, já possui conhecidos, amigos, tem parentes lá?

I: Da minha família tenho, já falei, vivem em Algarve, tenho até uma página criada pela RTP muito curiosa, que é exatamente uma página onde eu vou fazendo anotações periódicas e pessoas vão tendo contato comigo também e que eu vou buscando. Uma hora eu vou chegar até eles, com certeza.

E: E com relação ao custo de vida qual é a sua comparação entre Brasil e Portugal?

I: É claro que a moeda é diferente, é verdade que pra nós brasileiros, ao levarmos reais para Portugal, evidentemente que o nosso dinheiro é reduzido um pouco mais que um terço e ao mesmo tempo eu vejo que os portugueses quando vem para cá eles ficam felizes porque o dinheiro deles se multiplicam quase quatro vezes ,pronto, é a mesma proporção. Agora em se falando de um dinheiro que é ganho e gasto lá eu acho normal até os preços de supermercado as coisas são

mais ou menos equivalentes, cada qual na sua moeda. É claro que a nossa comida é muito barata, isso aí é uma coisa impressionante, chama a atenção...

E: O trivial nosso?

I: A nossa alimentação, o nosso preço de restaurante é muito barato, é muito barato, é impressionante. Se a gente contar pra eles que aqui na esquina do Plaza nós temos, eu sempre passo com o meu marido por ali porque nós guardamos o carro ali num prédio próximo, a gente vê à noite uma carrrocinha na esquina com uma multidão em volta, com uma oferta de um real e pouco, R\$1,50, não sei, comem ali um sanduíche e um refrigerante. Isso é uma forma e o povo tem fome. Claro, e com isso você transforma R\$1,50 em euros isso vai dar centavos de irou e faz um lanche

E: Até o arroz com feijão a R\$3,00, R\$4,00 aqui

I: A comida a peso, nós contamos pros nossos amigos lá em Vizeu, é muito engraçado, porque lá em Vizeu nós temos um "snac bar" em que quando a gente tem pressa, e vai a rua e vai ao banco e até voltar pra casa e preparar comida e tal e quando não se tem um encontro de importância e geralmente o português resolve as coisas em volta da mesa sempre, é festa, é negócios, receber pessoas, é em volta da mesa e é muito importante...

E: E a comida é o fio condutor da reunião?

I: É... muito incrível como se faz as coisas em Portugal comendo e é bonito de se ver isso realmente, é uma riqueza cultural bárbara, eles têm prazer em ficar em volta da mesa. Então nós vamos a esses "snac bar", porque teve uma pessoa amiga nossa, que o meu marido brinca muito com ele, que é esportivista, de vez em quando ele até aparece na televisão e a gente acha graça porque ele é ciclista e participa daqueles campeonatos... Então quando nós vamos lá, a gente brinca muito com ele, porque ele gosta muito daqui e conhece o Tomás que frequenta lá há muitos anos, desde o tempo do pai dele. E a gente comenta com ele, porque ali seria um lugar de vamos dizer assim, um preço mais baixo para a comida em relação ao de restaurante, claro é um "snac bar", não é? É diferente e mesmo assim lá se come bem, evidentemente, mas com comida, bebida e sobremesa, temos uma sopa, enfim, temos uma entrada com saladas sempre. Gira em torno de 13 euros por pessoa. Então aqui no Brasil num "snac bar" você não paga isso, esse é o valor para um restaurante de médio porte para uma pessoa

- E: Houve alguma dificuldade com a língua portuguesa praticada no Brasil?
- I: Não, dava para entender. Olha eu estava como diretora cultural do Clube Português de Niterói num momento em que o clube estava atravessando muita dificuldade financeira e o presidente na época, que era o senhor Antero de Santos Almeida. Seu Antero, sabendo que eu estava indo pra Portugal naquela época de setembro, então em uma das nossas reuniões me pediu para representar o Clube Português no 3º Congresso de Trás dos Montes e Alto Douro. E eu falei que iria consultar o Dr. Tomás, claro, que eu não faço nada sem a aquiescência dele mesmo enquanto diretora do clube, mas uma vez que estaríamos indo, as despesas dele e não do clube, evidente que eu teria que consultá-lo, até porque a região onde ocorreu esse congresso, na cidade de Bragança, bem ao norte, quase divisa com a Espanha... era uma distância, tinha os gastos e naquela altura o clube não podia arcar. E eu comentei com ele e ele aceitou imediatamente. Então fomos a Portugal e lá chegando nos dirigimos ao local do Congresso. Era um congresso grande e eu achei que fosse uma coisa pequena. Esse congresso, os 2 primeiros foram organizados pelo escritor José Torga que já é falecido, era um médico e um grande escritor, uma figura ímpar. José Torga é um escritor francês pra ser visitado, o Brasil conhece muito pouco a importância desse homem. Mas esse congresso ficou dormido por 61 anos até ser retomado Então eles deram o nome de "Rumo à Modernidade". E ao chegar no local do congresso eu me espantei com o vulto, com o tamanho da coisa, eram 500 pessoas. Comunidade portuguesa vinda de vários países, de todas as partes do mundo, muita gente da Europa, que mora na Alemanha, que mora na Bélgica, de Bruxelas tinha muita gente, Toronto, no Canadá, Paris... enfim, assim lá estavam pessoas representando casas portuguesas em várias regiões do mundo também e eu representando o Clube Português. Eu fiquei um pouco preocupada, enfim, achava que eu ia ficar o tempo todo no congresso participando como uma ouvinte, como todas aquelas pessoas que estavam ali, no máximo participando com uma intervenção, com alguma pergunta, mas na platéia o tempo todo, quando pra minha surpresa... no 2º dia, à noite, a gente fez um jantar e o ministro do meio ambiente, era o Isaltino de Moraes, que por sinal era uma pessoa muito querida nossa, muito conhecida nossa, nosso compadre pela Academia do Bacalhau de Lisboa, já nos conhecíamos de outras épocas... e nos encontramos com ele então

ministro e ficamos impressionados assim: "pôxa, que maravilha" , mas não queríamos ir lá com ele, achávamos que seria uma impertinência num jantar de 800 pessoas, contando com congressistas e mais convidados, era uma inauguração do plano pós da cidade, do plano de modernidade também de uma área degradada que havia sido recuperada e ficamos no nosso lugar, e até que ao final da cerimônia houve uma queima de fogos com música, aquela coisa toda e então nós vimos ao final da queima de fogos, ele então desce do palanque com a sua comitiva e nós estávamos bem à frente com o grupo de organizadores, que estava se ciceroneando, quando ele passou por nós na nossa frente e nós resolvemos cumprimentá-los, mas de longe, a uma distância natural e ele então quando nos viu atravessou uma espécie de canteiro de flores que havia, uma grama, né? E veio ter conosco dizendo: "Niterói, então Niterói... que bom vê-los aqui" e essas coisas são diferentes pra mim por exemplo, brasileira, não pelo Tomás, ele está acostumado a isso, mas pra mim brasileira soa diferente. E então naquele mesmo momento, o presidente da Câmara de Bragança, o doutor Jorge Nunes, então prestou atenção que eu era representante do Clube Português de Niterói e após ter ido levar o ministro ao carro dele de viagem, veio ter comigo e com o doutor Tomás me convidando a participar da mesa de encerramento do congresso como representante de uma casa portuguesa de imigrantes, oras, o quadro do congresso que iria falar sobre a imigração pelo mundo e aquilo foi uma coisa pra mim incrível, eu fiquei bastante preocupada, o que eu iria dizer. Na verdade, eu não sou uma portuguesa, eu sou uma brasileira luso- descendente , mas uma vez representando uma casa, eu iria fugir a minha responsabilidade, fui lá pra isso. Então como eu tinha sido convidada, estava na hora de corresponder pra isso, o representante da casa de Trás dos Montes, na época dirigida pelo querido amigo venerável da Ordem Terceira na época o doutor Aurélio Coutinho, uma pessoa ímpar que eu aprecio muitíssimo, o representante da casa de Trás dos Montes que no momento me escapa o nome dele infelizmente, não pôde permanecer lá, teve que se ausentar de modo que naquele quadro de encerramento que antes se falava de imigração pelo mundo, eu, brasileira, representava uma casa portuguesa na mesa principal daquele auditório lotado com 500 pessoas e mais o presidente da República que havia acabado de chegar de um congresso em Bruxelas e assim me deixou bastante assustada . Mas na

véspera, já tendo tomado conhecimento que eu participaria desse quadro de encerramento, escrevi alguma coisa para não ser pega assim, eu planejei alguma coisa pra dizer e por isso quando cheguei no local do congresso fui logo a sala de imprensa passar pro computador, fazer as minhas correções e então eu me dirigi a eles numa colocação breve e achei que devia fazê-lo como fiz. Então fiz a participação como luso descendente, buscando no meu avô e no meu pai um ponto de apoio, contando a minha história de imigrante, porque, na verdade, eu sou sangue de um imigrante, sou neta, né? Eu existo porque um dia o meu avô veio para cá e eu tenho muito orgulho disso, realmente, como tenho orgulho de ser brasileira e tenho orgulho de ter sangue português, somos pátrias irmãs e por isso eu trabalho pra comunidade portuguesa com amor de verdade, mas só pra finalizar. Então houve um momento em que eu me senti assim gratificada da minha participação. Foi quando eu percebi a emoção daquelas 500 pessoas numa coisa que eu disse, que eu quis ser grata ao meu marido, por ter me aproximado da comunidade portuguesa. E então puxei pela memória do pai dele próprio, de Vizeu, que é realmente a minha segunda cidade no mundo. O presidente da Câmara de Vizeu, o doutor Fernando Ruas, lá estava presente na mesma noite, numa outra festa. Já em Vizeu veio falar comigo, veio me agradecer pela citação. Mas o que foi mais interessante foi que uma frase tão pequena que eu disse. Foi que a primeira vez que eu pisei em Portugal, numa dessas conexões entre Lisboa e Porto, então meus pés tocaram realmente o solo português pela primeira vez, em Lisboa. Quando isso se deu, eu me lembrei da cena do Papa, que ele ajoelha para beijar o solo. É um gesto de bênção à terra. E naquele momento, eu, o que aconteceu comigo, eu lembrei desse gesto. É evidente que o Papa, o Sumo Pontífice pode e deve fazer e é uma coisa exemplar, para a comunidade religiosa no mundo todo abençoar a terra. Mas eu, na minha maior humildade mesmo, tive vontade de fazer esse gesto, por uma questão de agradecimento, agradecer a Deus por estar e a tocar o solo de onde partiu o meu avô para cá para o Brasil. Claro que não sei, ninguém iria compreender isso. Apenas isso ficou na minha, no meu coração, aquela cena do Papa se ajoelhando para beijar o solo. E eu disse pra ele isso, sucintamente, que quando eu toquei o solo tive vontade de curvar o joelho, de beijar o chão, porque estava pisando a terra dos meus avós que, na verdade parte da minha mãe também, o meu avô vem de uma família do Ispinho,

mas o meu avô materno só é de quarta geração, o meu avô paterno não, é de uma geração bem próxima, eu sou luso descendente de terceira geração. É uma forma de ser brasileira com orgulho, mas de também de deixar fluir o meu sangue português, porque eu achava que eles poderiam não me receber bem... O que uma brasileira veio falar de imigração? Então, mas eu achei que deveria mostrar-me desse modo e também fiz alusão furiosamente que a vida nos reserva surpresas. Fiz alusão ao rancho folclórico Luiz de Camões que na época eu não tinha ligação direta, na época eu era apenas a diretora cultural do clube onde tem o rancho, sabia das dificuldades do rancho e coloquei a situação do rancho pedindo também subsídios culturais, trouxe uma biblioteca, o presidente da Câmara que lá chamam de prefeito, o presidente da Câmara de Bragança presenteou o Clube Português com uma biblioteca do Abade de Baçal, uma obra caríssima de 12 volumes e outros livros de famílias de imigração portuguesa, que contam as histórias de Trás dos Montes que eu trouxe pro Clube Português, uns 80 quilos ou mais de 100 quilos de livros na minha bagagem e entreguei pra biblioteca do Clube Português e lá está à disposição de quem quiser ir buscar e os "trasmontanos" que quiserem pesquisar as histórias deles. Posso dizer que tenho muito orgulho de ter através de um trabalho que eu fiz, pedindo esses subsídios, trouxe fita de vídeo, que nos ofereceu ao clube o Congresso de Trás dos Montes, também medalhas, enfim trouxe todo o material que me foi oferecido lá para o clube e entregue, está na biblioteca... medalhas de lembranças, aquelas medalhas grandes em bronze, muitos livros e obras mesmo de referência de famílias trasmontanas que imigraram pelo mundo. Estão na biblioteca do Clube Português de Niterói ... e assim, quando a gente pensa, às vezes, que não tem nada para oferecer, a gente deve, então eu vou lembrar do Miguel Torga, a gente deve se colocar a serviço, com amor, com humildade e com vontade de servir, porque aquilo que a gente pensa que não tem para oferecer, nada que a gente pensa: "eu não tenho nada para dar", ele sempre se transformará em alguma coisa. Então, com o medo que eu estava de até não ser bem recebida, porque o nicho cultural de Portugal é tihoso. Antigamente o imigrante ele imigrava para trabalhar fora em busca do ouro, em busca do Eldorado, em busca de vidas melhores o que faz nossos brasileiros hoje que vão imigrando pelo mundo. É a cultura portuguesa, não é? Veio pra cá assim, hoje os brasileiros imigram pelo mundo, nós temos

brasileiros pelo mundo inteiro e, enfim, hoje os portugueses não vêm mais pra cá em busca desse Eldorado, porque Portugal está moderníssima, Portugal está linda depois da Expo 98, então, é uma Portugal renovada, um Portugal linda, progressista, maravilhosa, então... eles não querem vir pra cá pro Brasil vêm alguns, eles vêm gastar dinheiro nas férias, tem uma moeda forte, vêm como turista. O português não quer mais imigrar para cá. Infelizmente os problemas sociais que nós temos hoje refletem para o mundo todo lamentavelmente, mas é bom que se diga também que, apesar de ser pouca e pequena a imigração numa cidade como Niterói, a comunidade portuguesa está se extinguindo, tá cada dia menor. Cada dia as casas portuguesas têm mais dificuldade em compor uma chapa da diretoria, porque tem menos pessoas para compor. Mas as que tem, ficam sobrecarregadas porque fica tudo sobre os ombros dessas mesmas pessoas. Então é preciso que se diga também que no Nordeste brasileiro está se dando um momento diferente daquele antigo em que os portugueses vinham para cá para ganhar dinheiro, para fazer negócios, para montar negócios, para trabalhar propriamente dito. Muitos vieram para trabalhar numa situação difícil, como o próprio pai do doutor Tomás Lima, todos sabem a história dele, né? Mas hoje eles vêm para aplicar dinheiro, o Nordeste brasileiro, Recife, Fortaleza têm vôos regulares, a gente vê no aeroporto de Lisboa vôos saindo lotados para o Recife. E os portugueses estão lá comprando condomínios inteiros. Nós temos vários amigos em Portugal que passam as férias no Brasil direto, porque têm casa em Recife. Nós temos amigos em Olinda, por exemplo, uma prima de doutor Tomás, que tem um condomínio no Recife. Vendeu pros amigos e ele próprio vem regularmente como se tivesse uma casa de campo, de praia em Portugal, porque o vôo demora 6 horas, é pertinho, eles têm uma linha comercial, compra-se a passagem, ainda se quiser paga no cartão e vêm de 2 em 2 meses, de 3 em 3, está lá fica passeando e aproveitando aquele clima maravilhoso.

E: Mas a senhora hoje está trabalhando na comunidade luso brasileira?

I: Pois é, eu estava lembrando do rancho, desculpa eu cortei esse assunto, o rancho folclórico Luiz de Camões, por acaso, tempos depois eu vim a dirigir, dirigi o rancho por um período curto que começou em março de 2004 e terminou agora nessa mudança da nova gestão para 2005/2007 eu estou deixando a direção do rancho por motivos particulares que não valem a pena citar, enfim. Estou

deixando também porque eu tenho o desejo de cumprir um trabalho no centro da comunidade luso brasileira ao qual o doutor Tomás Lima é o atual presidente, o mesmo lugar que ocupou o pai dele como fundador, o almirante Benjamim Sodré, e nós temos um projeto muito bonito de recuperar aquela imagem de Nossa Senhora de Fátima que está no Jardim São João, já estivemos no Santuário de Fátima esse ano, fomos lá recebidos pelo secretário do Reitor que já está cuidando desse assunto e agora nós vamos ter uma reunião com o bispo de Niterói, Dom Alano , para tratar desse assunto, porque o centro da comunidade luso -brasileira do Estado do Rio de Janeiro pretende se conseguir através do atual prefeito, Godofredo Pinto, a permissão, porque o espaço onde está a estátua não pertence à Igreja, mas sim à Prefeitura. Mas o espaço está abandonado. O nosso projeto é reproduzir ali uma réplica da capelinha de Fátima e isso nós já temos a autorização de Fátima, temos o arquiteto que inclusive o sobrinho do doutor Tomás Lima, que trabalhou muitos anos como um arquiteto muito importante de Lisboa, do Porto, formado pela Universidade do Porto , arquiteto Meireles, que é da escola de Cinza Vieira que é do mesmo gênero do Oscar Niemeyer. Enfim, o Guilherme Tomás, que é o nome do arquiteto, ele fará com o maior prazer como oferta, até por ser português, por ser filho de português também e neto do comendador Tomás Lima, atendendo a um convite do tio dele, Tomás Lima vai fazer para nós sem nenhum custo para o centro da comunidade o trabalho da arquitetura, porque nós temos que reproduzir o Santuário de Fátima e nós dá uma cópia da planta e nós temos que reproduzir. É uma miniatura, mas existem pelo mundo vários santuários desse gênero. E a comunidade portuguesa, por exemplo, nós temos o patrimônio, quer dizer patrimônio entre aspas, temos um monumento da comunidade portuguesa hoje dos mais bonitos na cidade de Niterói, que fica no pico do Forte São Luis, é a praça chamada de Praça Portugal, que tem lá, é uma homenagem ao poeta Fernando Pessoa, é um trabalho realmente lindíssimo, temos uma ermida de Nossa Senhora de Fátima, mas é um local de difícil acesso, é um local para pouquíssimas pessoas irem, foi uma obra dispendiosa, caríssima, deixou os cofres do centro da comunidade luso brasileira no Estado do Rio de Janeiro, vazios, gastou todo o dinheiro que nós tínhamos. É uma obra bonita sim, uma obra linda, mas num lugar que os portugueses que estão aqui hoje, muitos que não têm nem recurso, que estão em comunidades na

Engenhoca, na Ilha da Conceição, pessoas com muita idade, como eu vejo, eu vou lá nessas comunidades, como eu fui agora na festa de Nossa Senhora da Conceição, uma festa linda que tem uma comunidade portuguesa muito forte, pessoas com muita idade, que a gente convida " ah, minha filha, eu não posso ir porque é muito longe, porque é muito alto, porque eu tenho dores nas pernas, eu tenho dores na coluna, porque eu tenho pressão alta". Quer dizer, é uma coisa de difícil acesso, só para alguns poucos e a cultura não pode ser uma coisa hermética, ela tem que ser aberta a todos. Então nós entendemos que o Jardim São João estaria perfeito para receber a réplica da capelinha de Fátima, até porque nós temos esse monumento à Nossa Senhora de Fátima que está ali, está abandonada, não tem o jardim, ali tinha o chafariz antigamente e não tem mais nada , ali pode ser feito jardim, bancos para as pessoas orarem. Na verdade, tudo isso começou de um sonho meu, lembrar da minha infância que eu ia ao Jardim São João todo o dia 13 de cada mês com a minha família, a minha avó, a minha mãe, para rezar o terço. Então nós temos no Santuário de Fátima em Portugal hoje, todo os dias de segunda a sexta feira, às seis e meia da tarde, o que eles chamam de o terço da capelinha, e que o terço é reproduzido por uma rádio portuguesa que se chama Rádio Renascer, que abrange todo o território português, tanto o continental quanto o que está nas ilhas, nas Madeiras e nos Açores, com horário diferente. Evidentemente, nas ilhas é uma hora a menos, mas é interessante você ver que a comunidade portuguesa é muito católica, tem uma essência religiosa muito grande, né? E um monumento desse no Centro de Niterói está perdido ali e poderá ser revitalizado com sucesso pela comunidade se nós produzirmos, não digo diariamente como é feito em Portugal de segunda a sexta, mas todo dia 13 de cada mês como era feito antigamente, que nós reproduzíssemos ali on-line, pela Internet, o terço da capelinha. Isso é um projeto meu, é um projeto que eu tenho o maior carinho de dizer que eu assino por ele. Foi uma idéia que eu tive e por causa dessa idéia, ela foi evoluindo até chegarmos na réplica da capelinha de Fátima e agora nós vamos pedir a Deus e a Nossa Senhora de Fátima. Todas as vezes que eu passo ali em frente eu converso um pouquinho e peço a benção para essa idéia. Vamos ver se o nosso prefeito que está em início de novo mandato, se ele então coopera conosco, para nós podermos realizar este sonho, que vai ser pra "mim", para nós de uma maneira

geral, para a comunidade portuguesa e também da comunidade brasileira que também gosta muito daquele santuário a gente sabe e ninguém estava pensando nisso, esperando por isso neste momento. Mas pra mim é uma honra ter puxado por esse assunto, pela memória que nos representou o Comendador Tomás Lima para Niterói, porque pelo nome dele você puxa o fio de uma meada que não acaba nunca mais, tudo que ele fez nesta terra.

LINDA

LOCAL: na residência

E: Sexo

I: feminino

E: Faixa Etária

I: Entre 41 e 60 anos

E: Nacionalidade

I: Brasileira

E: Descendência

I: Pai português e mãe brasileira.

E: Grau de Escolaridade

I: Mestrado em Psicologia (em andamento)

E: Estado Civil

I: Casada

E: Há quanto tempo reside no Brasil?

I: 42 anos

E: Qual a sua profissão?

I: Aeronauta e psicóloga

E: Qual a influência da cultura portuguesa em sua vida?

I: Sou brasileira. Morei 5 anos em Pombal (Fátima) quando tinha 5 anos de idade. Meu pai levou-nos de férias pra visitar meus avós e ficamos 5 anos. Diria 80% de

influência portuguesa. Minha educação foi bastante rígida, tradicional. Os laços familiares com meus pais são bastante fortes.

E: Já passou por algum tipo de discriminação com relação à sua origem?

I: Sim. Brincadeiras quanto ao Q.I. Diziam que era abaixo da média por ser descendente de portugueses.

E: Houve alguma dificuldade de adaptação à língua portuguesa do Brasil?

I: Um pouco. Algumas palavras são diferentes, por exemplo doce que é igual a rebouçado, água sanitária, igual à lixívia, etc... Tinha dificuldade na hora de comprar. Não sabia o sinônimo.

E: Como se sente diante das piadas e críticas feitas aos portugueses?

I: Acho engraçado., participo, conto algumas desconhecidas

E: Houve alguma dificuldade quando da procura de emprego?

I: Não, pelo contrário, sempre consegui maior destaque em virtude das minhas experiências serem diferentes e muito ricas. Sei fazer vinho, pão, salgar, defumar etc.

E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?

I: Antigamente, a vida em Portugal era muito barata. Hoje é muito cara. O euro encareceu tudo.

E: Quantos Estados já visitou no Brasil?

I: Praticamente todos. Não conheço muito bem Mato Grosso do Sul. Gostaria de visitar o Pantanal.

E: O que mais aprecia no Brasil?

I: Tudo. Aprendi amar o Brasil em 1977 quando participei de um intercâmbio cultural nos EUA e pude constatar como o Brasil é explorado pelo americano.

E: Você se sente discriminada por ser filha de portugueses?

I: Atualmente... não me sinto discriminada. Tenho muito orgulho de ser filha de imigrante. Tenho vinho nas veias.

E: Você preferia ter nascido em Portugal? Caso positivo, por quê?

I: Sim. Portugal é um país lindo. Tenho a impressão que é lá que vive Jesus de Nazaré no meio das cabras, coelhos, vacas e etc.

E: Alguma vez já visitou os seus familiares que residem em Portugal?

I: Sim, várias vezes.

E: Você pretende permanecer no Brasil ou tem vontade de voltar para Portugal?

- I: Pretendo permanecer no Brasil porque as pessoas que mais amo residem próximas aonde moro.
- E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-lo?
- I: Algumas sim, poucos.
- E: Você foi contra ou a favor quando os seus pais resolveram vir para o Brasil?
- I: Eu era criança quando voltamos para o Brasil. Estava com 10 anos. Lembro que fiquei muito triste ao deixar amigos, primos e lugares queridos.

LUCIANA

Local da Entrevista: Loja de doces

- E: Como gostaria de ser identificada?
- I: Pode ser pelo nome, nome todo Luciana Martins Barreto
- E: Sexo:
- I: Feminino
- E: Faixa Etária:
- I: 22 anos
- E: Nacionalidade:
- I: Brasileira, naturalizada portuguesa
- E: Descendência:
- I: Filha de Portugueses
- E: Grau de Escolaridade:
- I: Superior Completo
- E: Estado Civil:
- I: Solteira
- E: Há quanto tempo os seus pais residem no Brasil?
- I: Meu pai, 40 anos e minha mãe 47.
- E: Qual a sua profissão?
- I: Advogada, mas trabalho no comércio do meu pai
- E: Qual a influência da cultura portuguesa em sua vida?

- I: Educação, mais educação, eu vejo que é bem diferente, porque pelo menos no colégio que eu tive as mães, os pais eram mais liberais. Fora isso, tinha uns que eram mais machistas.
- E: O que você notava diferente?
- I: Liberdade, lá em casa não era tanta liberdade, não. Na hora que tinha que sair..... Posso ir? Até hoje tem que falar. Onde você vai... Vai com quem... Que hora você volta..... É mais o meu pai, né?
- E: E em relação à música, comida, cultura, você tem alguma influência também ou você acha que a influência é sempre brasileira?
- I: Ah sim, a música que tem influência, acho que até hoje é a popular .Meu pai foi lá e ele disse que a qualidade lá não é como a daqui. Mas a comida, não, não. O que acontece é que os portugueses acrescentam à comida brasileira. É feijão, arroz, tipo feijão...
- E: Já passou por algum tipo de discriminação com relação a sua origem?
- I: Não. Ruim eu achava as piadas, as críticas que são feitas aos portugueses. Quando você encara essas piadas, você vai embora.
- E: Houve alguma dificuldade de adaptação à língua portuguesa do Brasil?
- I: Não.
- E: Houve alguma dificuldade quando da procura de emprego?
- I: Não.
- E: Se você pudesse ter escolhido entre nascer aqui no Brasil ou em Portugal, qual você escolheria?
- I: Nunca pensei nisso não. Meu pai e minha mãe são portugueses...dá continuidade.
- E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?
- I: Meu pai chegou, veio de lá agora e disse que está bem caro, mas.a qualidade de vida é bem melhor. Não dá pra comparar.
- E: Quantos Estados já visitou no Brasil?
- I: A Bahia, São Paulo
- E: Tem algum que você gostaria de conhecer?
- I: Não.
- E: O que mais aprecia no Brasil?
- I: Tudo.
- E: Os seus familiares que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-la?

- I: Não.
- E: Alguma vez já visitou os seus familiares que residem em Portugal?
- I: Uma só.
- E: Você pretende permanecer no Brasil ou tem vontade de voltar para Portugal?
- I: Não sei.

MANUELA

Local: Real Gabinete de Leitura

- E: Sexo:
- I: Feminino
- E: Idade:
- I: de 20 a 40 anos
- E: Nacionalidade:
- I: Portuguesa
- E: Descendência:
- I: Filha de portugueses.
- E: Grau de Escolaridade:
- I: Segundo grau completo.
- E: Estado Civil:
- I: Casada
- E: Há quanto tempo reside no Brasil?
- I: Há 26 anos.
- E: Qual a sua profissão?
- I: Secretária.
- E: Qual o motivo da sua vinda para o Brasil?
- I: Eu vim em companhia de uma tia. Eu vim ficar aqui pra companhia dela, que ela morava sozinha, então eu vim pra cá e também pra ficar direto aqui.
- E: Já passou por algum tipo de discriminação com relação a sua origem?
- I: Não, nunca.

E: Houve alguma dificuldade de adaptação à língua portuguesa do Brasil?

I: Não, não, me adaptei bem.

E: A senhora tem filhos?

I: Tenho um filho.

E: Quando do nascimento do seu filho, houve alguma preferência entre o Brasil e Portugal?

I: Não, não, eu sempre gostei do Brasil, desde que eu botei os pés no Brasil eu gostei, foi amor à primeira vista mesmo.

E: Como se sente diante das piadas e críticas feitas aos Portugueses?

I: Ah, eu também faço piada dos portugueses.

E: Houve alguma dificuldade quando da procura de emprego?

I: É, um pouco porque eu vim com treze anos pra cá e vim pra companhia de uma tia minha e na época eu não tinha muita instrução, né? Trabalhava com ela, ela vendia roupa e eu trabalhava com ela, né? E depois aí eu comecei a estudar e tentar melhorar um pouco.

E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?

I: Olha, eu não sei porque eu não vou há muito tempo lá, tem anos que eu não vou a Portugal, eu não sei exatamente como está, mas aqui eu acho que dá pra gente viver, né?

E: Quantos Estados já visitou no Brasil?

I: Olha, eu conheço São Paulo, conheço Belo Horizonte e só.

E: Qual gostaria de conhecer?

I: Eu gostaria de conhecer o Sul.

E: O que mais aprecia no Brasil?

I: No Brasil? Como assim? Olha, eu acho o Rio de Janeiro lindo, eu acho que é a melhor cidade do mundo, das que eu conheço eu acho que é a cidade mais bonita.

E: Alguma vez já visitou os seus familiares que residem em Portugal?

I: Eu vim pra cá em 77 e depois eu fui lá em 83 e nunca mais voltei.

E: Você pretende permanecer no Brasil ou tem vontade de voltar para Portugal?

I: Sim, pretendo continuar, mas também pretendo ir lá pra visitar meus parentes.

E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-la?

I: Já... já vieram aqui já, inclusive minha mãe já veio, voltou, faleceu e a minha irmã vem de vez em quando aqui, meus parentes vem.

MARIA ALCINA

Local: Comércio de vestuário na rua Coronel Gomes Machado.

E: Sexo

I: Feminino

E: Idade:

I: Acima de 61 anos

E: Nacionalidade

I: Portuguesa

E: Descendência

I: Filha de portugueses

E: Grau de escolaridade

I: 1º grau completo

E: Estado civil

I: Casada

E: Há quanto tempo a senhora reside no Brasil?

E: Há uns 47 anos.

E: Qual é a profissão da senhora?

I: Comércio.

E: Qual o motivo da vinda da senhora na época?

I: Na época as coisas lá eram difíceis.

E: E aqui eram mais fáceis?

I: Aqui eram mais fáceis!

E: A senhora já sentiu alguma discriminação em relação a sua origem aqui no Brasil?

I: Não, eu vim prum lugar muito bom, na casa dos meus tios, muito bem.

E: Quando do nascimento dos filhos houve alguma preferência entre Brasil e Portugal?

I: Não, só tenho 1.

E: Houve alguma dificuldade quando na procura de emprego na época em que a senhora veio para cá?

I: Também não, porque eu fui pra casa dos meus tios, então foi mais fácil arrumar emprego.

- E: Na sua opinião, o custo de vida no Brasil é mais alto ou igual a Portugal?
I: Não, eu acho que em Portugal está mais alto.
E: Quantos Estados a senhora já visitou aqui no Brasil?
I: Rio de Janeiro e São Paulo.
E: Algum Estado que a senhora gostaria de conhecer aqui no Brasil?
I: Não tenho preferência.
E: O que a senhora mais aprecia no Brasil?
I: O pessoal que é alegre. É pobre, mas é alegre.
E: A senhora pretende ficar no Brasil ou pretende voltar a Portugal?
I: Não, eu vou ficar no Brasil. Filho brasileiro, neto brasileiro, eu vou ficar no Brasil!
E: Houve alguma dificuldade com a Língua portuguesa praticada no Brasil?
I: Não, era tudo igual, dava para entender.

MARIA AMÉLIA

Local: Galeria na Rua Visconde de Uruguai

- E: Sexo:
I: Feminino
E: Idade:
I: Acima de 61 anos
E: Nacionalidade
I: Portuguesa
E: Descendência
I: Filha de portugueses
E: Grau Escolaridade
I: Superior completo
E: Estado civil
I: Casada
E: Profissão
I: Comerciante

- E: Há quanto tempo a senhora reside no Brasil?
- I: Eu vim pra'qui com 19 anos e estou com 70, faça a conta...
- E: A senhora já passou por algum tipo de discriminação por causa da sua origem?
- I: Nunca, o povo brasileiro é maravilhoso.
- E: Quando a senhora veio para cá houve alguma dificuldade para a adaptação da língua praticada?
- I: Não
- E: E quando no nascimento dos filhos, a senhora preferia que nascesse aqui ou em Portugal?
- I: Aqui, tenho duas brasileiras, duas meninas.
- E: Como a senhora se sente diante das críticas e piadas feitas aos portugueses?
- I: Maravilhosamente bem, eu sou uma pessoa feliz em o senhor falar as minhas piadas.
- E: Quando a senhora veio para cá, teve dificuldade em conseguir emprego?
- I: Bem... eu vim, casei, com procuração, cheguei aqui no Brasil, naquele tempo era aquela luz com lamparina por quatro cinzas de camiseta e duas panelinhas e vai levando a vida, aquele fogão de que me lembro que tinha que dar aquelas torcidas, tinha que dar bombada, a volta na casa e vai embora.
- E: Quantos Estados, além do Rio de Janeiro a senhora conhece aqui no Brasil?
- I: Já conheci no Rio Grande do Sul, já fui em Santa Catarina, e tô aqui na luta do trabalho.
- E: Tem algum Estado que a senhora gostaria de conhecer que não conheceu ainda?
- I: Eu gostaria de conhecer? Por aqui? Não me vem nada à cabeça agora, qualquer Estado que viesse tava bom...
- E: O que a senhora mais aprecia no Brasil?
- I: Tudo, tudo de bom.
- E: Os seus parentes que residem em Portugal, já vieram visitar a senhora aqui?
- I: Já.
- E: E a senhora já visitou os seus parentes em Portugal?
- I: Já, uma vez, mas agora não dá mais, está difícil.

MARIA APARECIDA RIBEIRO ALVES

E: Sexo

I: Feminino

E: Faixa Etária

I: Acima de 61 anos

E: Nacionalidade

I: Brasileira

E: Descendência

I: Pais Portugueses

E: Grau de Escolaridade

I: 2º grau completo

E: Estado Civil

I: Casada

E: Há quanto tempo a senhora reside... a senhora nasceu, né, aqui?

I: Nasci aqui.

E: Qual a sua profissão?

I: Eu sou bancária aposentada, trabalhei trinta anos e três meses, um ano trabalhei no Rio, depois vim trabalhar em Paquetá, fui gerente, fui chefe de sessão e me aposentei como chefe de contabilidade.

E: Qual a influência da cultura portuguesa em sua vida? Qual a influência da cultura portuguesa em sua vida?

I: Qual influência? A influência foi boa, porque eu tive muitos conhecimentos, quando eu não tenho muitos conhecimentos pego o dicionário pra ver as palavras mais difíceis, eu gosto muito de ler, então...

E: Tem hábitos alimentares...

I: Alimentar também, alguma coisa de comer...

E: A senhora já passou algum tipo de discriminação devido a sua origem, com relação a sua origem?

I: Eu sou brasileira Não, nunca passei não, nem em Portugal, também precisei de muitas coisas em Portugal, entrava na farmácia, pedia o remédio normal e saía, nunca tive problema nenhum não.

- E: A senhora tem filhos?
- I: Tenho um filho.
- E: E a senhora teve preferência de ele nascer no Brasil ou em Portugal?
- I: Não, não, ele nasceu no Brasil, mas não tinha preferência. Ou em Portugal ou em outro qualquer lugar.
- E: Como a senhora se sente diante das piadas e críticas feitas aos portugueses?
- I: No fim pra mim é tudo a mesma coisa, eles fazem tanto de português, como de nortistas, pra mim é tudo normal, não levo nada disso pra ...
- E: A senhora teve dificuldade de procurar emprego?
- I: Não, eu fiz, meu primeiro emprego eu fiz um concurso aí não passei porque as vagas eram limitadas e eu pedi, me deram a chance de ir pro Rio, foi o primeiro emprego, foi o primeiro emprego que me aposentei, não tive problema nenhum, não.
- E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto do que em Portugal?
- I: Em Portugal é muito mais caro, porque nosso dinheiro aqui lá dá muito pouco, então lá a vida em comparação ao dinheiro daqui é muito mais caro.
- E: Quantos Estados já visitou no Brasil?
- I: No Brasil só Minas Gerais, só. Não visitei mais lugar nenhum.
- E: O que mais aprecia no Brasil?
- I: São as praias, gosto muito das praias, gosto muito das montanhas, gosto muito da cidade, principalmente o Rio de Janeiro, acho muito bonito o aterro, pra mim o aterro é o lugar mais bonito que tem no Rio de Janeiro.
- E: Você se sente discriminada por ser filha de portugueses?
- I: Não, não tenho discriminação nenhuma e nem sou discriminação nenhuma não.
- E: A senhora preferia ter nascido em Portugal?
- I: Não, por mim nasceria em qualquer lugar. Ou no Rio, ou em Portugal, por mim não teria diferença nenhuma não.
- E: Alguma vez a senhora já visitou seus familiares que residem lá?
- I: Tenho, eu tenho uma irmã lá, já fui a Portugal mais de dez vezes, fui o ano passado no mês de maio, tenho oito sobrinhos lá, tenho cunhados, tenho cunhada, tenho muitos sobrinhos lá.
- E: A senhora pretende permanecer no Brasil ou tem vontade de ir pra Portugal?

- I: Não, a Portugal eu tenho vontade de ir a Portugal só pra passear, pra morar seria no Rio de Janeiro mesmo.
- E: Seus parentes que vivem em Portugal já vieram visitá-la?
- I: Não, meus parentes nunca vieram. Nem meus parentes, nem os parentes do meu marido nunca vieram no Rio de Janeiro. A minha mãe nasceu lá, o meu pai nasceu lá, mas nunca vieram [os parentes] aqui não.

MARIA CÂNDIDA DA SILVA CASTRO

- E: Sexo
- I: Feminino
- E: Faixa etária:
- I: Acima de 61 anos
- E: Nacionalidade:
- I: Portuguesa
- E: Descendência:
- I: Filha de portugueses
- E: Grau de escolaridade:
- I: 1º incompleto
- E: Estado civil:
- I: Casada
- E: Há quanto tempo reside no Brasil?
- I: Há quarenta... Vai fazer quarenta e sete anos, fez quarenta e sete ,dia vinte de abril, [que a gente] chegou aqui em Paquetá.
- E: Qual sua profissão?
- I: Doméstica.
- E: Qual o motivo da sua vinda para o Brasil?
- I: É, a gente vem sempre com aquela intenção de melhorar a situação, entendeu? E quando acaba... eu gosto muito do Brasil, mas se eu estivesse em Portugal eu estava melhor, bem melhor. Eu gosto muito, muito de Paquetá, e aí a gente veio,

veio eu, Domingos e as crianças, os dois, aí viemos a morar numa casa já de pessoas conhecidas nossas de Portugal aqui em Paquetá e fiquei ali dezoito anos, o Domingos se ia pra cidade pra trabalhar no comércio, na Casa de Quincas e eu ficava com as crianças e tomava da casa, limpava, fazia limpeza, lavar roupa, essas coisas todas e ficamos dezoito anos, depois de dezoito anos a gente comprou um negócio pra gente, aí fomos trabalhar pra gente.

E: Já passou algum tipo de discriminação com relação à sua origem?

I: Não, nunca, nunca, nunca, nunca, graças a Deus nunca. Só tenho amigos, eu só fiz muitas, muitas amizades boas graças a Deus, nunca tivemos este tipo de coisa.

E: Houve alguma dificuldade de adaptação à língua portuguesa do Brasil?

I: Não, até que não. Eu fui sempre muito de casa, muito caseira, saía muito pouco, o Domingos fazia... eu vim com uma criança de um ano outra de dois, ele fazia as compras fim de semana e eu saía muito pouco, saíamos só pra missa dia de domingo e eu saía muito pouco, mas não tinha nenhuma dificuldade em me adaptar.

E: Quando do nascimento dos filhos, houve alguma preferência entre Brasil e Portugal?

I: Nasceram em Portugal, quê que eu ia fazer, se nascessem aqui no Brasil seria a mesma coisa também, mas eles vieram os dois de lá, aqui eu não tive mais filhos mesmo porque o pessoal lá de casa não queria crianças, não queria que tivesse mais filhos e essas coisas que as pessoas ricas, a mania que os pobres não podem ter filhos, e pronto.

I: A situação tá difícil pra criar os filhos hoje.

E: Como se sente diante das piadas e críticas feitas aos portugueses?

I: Eu até acho graça, acho engraçado, porque você veja bem [...] cada Estado você vê diferente, você sente quem é carioca, quem é paulista, mineiro então! Nortista, todo mundo tem uma pronúncia diferente, né? Isso eu não ligo, eu até rio e às vezes digo: tomara você ser português!

E: Houve alguma dificuldade quando da procura de emprego?

I: Bom, emprego, eu nunca trabalhei fora, o Domingos sim já trabalhaste, que eu na casa, fazia faxina na casa, qualquer maneira eu trabalhava, né, e... só não tinha salário, salário era a casa, a moradia que a gente não pagava e pronto! É isso!

- E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?
- I: Sei lá, eu acho que em Portugal era mais fácil, mais fácil, pra mim é mais fácil, porque eu fui... nossa família, nós fomos criadas com muito trabalho, mas muita fartura, graças a Deus e [...] nós tava lá, tava muito bem com o Domingos, faltava nada, aqui também, agora está caro tudo também em Portugal, aumentou tudo muito, tá tudo muito caro, aqui também está caro... mas dando pra comida tá bom! [risos]
- E: Quantos Estados já visitou no Brasil?
- I: Ah! Já! O Brasil é maravilhoso, o Brasil é lindo... Ah! O sul, eu fui dezesseis dias pro sul, fomos, todo o pessoal de Paquetá, dois ônibus de excursões, já fui no Pantanal, parte de minas conheço tudo, Paraná, tudo, tudo, passei muito, muito mesmo, só não fui no Amazonas, mas já... muita coisa, muita coisa conheço do Brasil, o norte, Recife, aquelas praias lindas, né, fomos, já passei muito no Brasil, mais do que em Portugal. Trabalhei muito, mas também quando eu me aposentei fui passear, já passei muito, graças a Deus, e o Brasil é lindo, no Paraguai já fui mais de cinco a seis vezes, Argentina fomos vinte e um dias para Buenos Aires, Assumpção, voltamos pelo Paraguai. Ah! É muito bom, é muito bom.
- I: Passeamos muito mesmo, né? [Domingos fala algo] É o que? [risos]
- E: O que mais aprecia no Brasil?
- I: É, no Brasil eu gosto de tudo, eu gosto de tudo que é do Brasil, gosto de tudo mesmo. Eu tenho as minhas amizades, graças a Deus, sou muito bem tratada, nos hospitais, na minha obra, na casa de Portugal, eu acho legal, eu gosto, eu gosto muito daqui, eu gosto muito daqui mesmo, agora se eu pudesse morava em Portugal eu morava.
- E: E porque a senhora não volta a viver em Portugal?
- I: Por causa da Daniela, ela é menina, tem que tomar conta dela, ninguém quer ela, eu tenho que ficar com ela e pr'onde eu também já não vivo sem ela. Eu já não vivo sem a Daniela, ela é a minha vida. Por isso que eu estou aqui no Brasil, bem eu gosto do Brasil, mas lá eu tenho, lá minha vida é outra, lá eu só passeio, eu tenho uma casa muito grande, muito boa, nos unimos muito à família, minhas irmãs telefonam, quase toda semana eu recebo telefonema das minhas irmãs, das minhas primas. Enfim, ela está a ficar boa e eu vou morar lá na minha casa se Deus quiser. Vou ganhar na loteria, não é meninos, pra gente ir pra lá. Se eu

pudesse levar a Daniela comigo e alguém me deixasse eu estava lá em Portugal, mas ela não pode viajar. Eu não posso explicar, se chega lá no porto com ela, as autoridades brasileiras não deixam ela viajar, sabe? Ela é deficiente, né, então não pode. E lá também não sei se ela seria recebida, mas eu acho que sim

E: Você se sente discriminada por ser filha de Portugueses?

I: Nunca, nunca tive este problema, Roberta, nunca tive este tipo, tem até pessoas que às vezes brincam com a gente, as pessoas amigas, mas problema de discriminação nunca, com nada, com ninguém, olha eu quando vim por Brasil eu nunca tinha visto uma pessoa escura e tenho grandes amizades com pessoas de cor, nunca tive discriminação, acho até um absurdo quando eu vejo estas coisas, nenhum tipo de problema nenhum, nunca, graças a Deus.

E: Alguma vez já visitou seus familiares que residem em Portugal?

I: Muitas vezes. Fui em oitenta e dois, fiquei, entregamos aqui, vinte e cinco anos ou mais sem ir lá. E depois começamos a ir de dois em dois anos. Em noventa e cinco eu fui pra morar, fui pra morar na minha casa e fiquei lá cinco anos, vim aqui duas vezes ao Brasil, visitar eles, mas depois de cinco anos eu comecei a vir brigava, dizia que era pra vir, e falava na Daniela, eles tavam precisando de mim, a verdade é essa, eles tavam precisando de mim aqui, o Diego principalmente, você vê o Diego está onde está por que foi nossa força, ninguém, pra dar curso e outras coisas mais, o Diego precisou da gente aqui e ela também pr'ocê ver.

I: ... dos netos, mais por causa dos netos, não é por causa dos filhos. Os filhos já são adultos, são maduros, eu voltei por causa dos netos mesmo.

E: Você pretende permanecer no Brasil ou tem vontade de voltar para Portugal?

I: Por causa dela eu não vou. Se não fosse ela eu estava lá em Portugal. Se não fosse a Daniela, nós távamos em Portugal.

E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-la?

I: A minha sobrinha que veio passar a lua-de-mel, o resto estão todos muito bem, muito bem, muito bem, muito bem. Agora vem uma outra sobrinha, quando casar também. Mas eles vão um pouco pra Alemanha, vão pra Angola, só não vem pra cá com medo da violência, aqui a violência lá fora... está no mundo inteiro, mas igual no Brasil não, aqui está uma loucura. Por isso que eles não vêm. E eu também não faço força, porque vêm e a gente fica apavorado, porque a pessoa

vem pra conhecer, eles querem conhecer e a gente também quer que eles conheçam, mas agora está perigoso até pra isso, né?

MARIA DA CONCEIÇÃO DE CARVALHO

E: Sexo

I: Feminino

E: Idade:

I: Acima de 61 anos

E: Nacionalidade

I: Portuguesa

E: Descendência

I: Filha de portugueses

E: Grau de escolaridade

I: 1º grau completo

E: Estado civil

I: Casada

E: Há quanto tempo a senhora reside no Brasil?

I: Olha, eu [tô aí] desde trinta e três, então você vê, quanto é, quantos anos são, né?

E: São mais de quarenta...

I: Ah! Tem muito mais! Eu tenho sessenta e sete de casada. E foi o ano que eu vim pr'aqui, viu? Assim já pode ver.

E: E qual a profissão da senhora?

I: É doméstica, eu nunca trabalhei fora.

E: Qual o motivo da sua vinda para o Brasil?

I: Ah, porque eu gostei do meu marido, casamos, depois viemos. [risos] Foi uma irmã dele lá que quis “encarrear” ele, e ele só queria vir se eu viesse, então casamos pra poder vir os dois. [risos]

E: A senhora já passou algum tipo de discriminação por ser portuguesa?

I: Não, em absoluto!

E: As pessoas sempre te trataram bem?

I: Sempre, nunca...

E: A senhora teve alguma dificuldade pra se adaptar ao português do Brasil?

I: Não, em absoluto. Nenhuma.

E: A senhora teve facilidade? Até porque é muito parecido, né?

I: E meus filhos são todos brasileiros. Os bisnetos também, os netos, tudo é brasileiro.

E: Aí então fica mais fácil...

I: [risos]

E: A senhora teve preferência dos seus filhos nascerem no Brasil ou em Portugal?

I: Absolutamente, nenhuma. Pra mim o Brasil, pra mim é igual a Portugal. A mesma coisa. [risos]

E: Como a senhora se sente diante das piadas e críticas feitas aos portugueses?

I: Eu não ligo, eu finjo que nem escuto. Quando não me interessa eu finjo que não escuto. Não me aborreço com isso não, em absoluto.

E: A senhora teve dificuldade de encontrar emprego ou... ?

I: Não, eu nunca procurei pra encontrar. Ele se naturalizou brasileiro justamente pra poder arranjar... funcionário público, né.

E: O custo de vida aqui no Brasil é igual... ?

I: É a mesma coisa, eu achei igual.

E: A senhora acha que a vida é a mesma, o padrão de vida que a senhora teve aqui...

I: Mesma coisa, mesma coisa...

E: A senhora já visitou algum Estado do Brasil?

I: Como?

E: Algum estado brasileiro?

I: Se eu já fui?

E: Outros Estados?

I: Fui, passei bastante.

E: A quais a senhora já foi?

I: Sabe que eu nem me lembro... [risos] Eu tô tão esquecida das coisas depois que fiz esta operação [Marido: ...risos... Ela está doente.] Eu fiz uma operação na

cabeça, sabe, e não tô muito legal não. Mas eu fui em muitos lugares, viajei muito, entende. Fui pra São Paulo, pra Sergipe eu fui muito.

E: O que a senhora mais aprecia no Brasil?

I: São Paulo, eu fui muito em São Paulo... eu fui seis vezes em Aparecida do Norte.
[risos]

E: A senhora gosta mais o que do Brasil?

I: Eu gosto, gosto mais do Brasil. Meus filhos são todos brasileiros, os meus bisnetos, os meus netos, todos brasileiros. Eu gosto muito do Brasil. [Marido: Qual é o português que não gosta do Brasil?] Tem ué, tem muitos, mas eu não, eu gosto muito do Brasil. [Marido: De cem deve ter um só!] E a minha mãe já faleceu, era a única coisa que me interessava lá era ela e ela já morreu.

E: A senhora se sente discriminada por ser filha de português?

I: Absolutamente!

E: Depois que a senhora veio pro Brasil a senhora já foi visitar seus parentes em Portugal?

I: Não, nunca mais fui lá. Porque começaram a nascer os filhos, sabe, e ele naturalizou brasileiro, eu fiquei nesse “vai-em-bom” e nunca fui lá. Hoje me arrependo. Agora, o meu irmão esteve aqui agora, há pouco tempo. Passou aqui uma semana comigo, ele é oficial de marinha portuguesa, ele é oficial de marinha, mas já tá aposentado. Veio me visitar e ficou aqui uma semana.

E: Mas já vieram outros parentes também ou não, só ele?

I: Não, só ele. Nem os filho dele vieram, que ele é casado. Nem os filhos dele vieram.

E: A senhora pretende permanecer no Brasil ou a senhora idéia de voltar pra Portugal?

I: Eu já tô quase no fim da vida, já não vou mais lá. [risos] Nem, coisa que nem passa na minha idéia mais.

E: A senhora veio por causa do seu marido, né?

I: Por causa do meu marido.

E: Ah, então tá, obrigada Dona Maria, é só isso mesmo.

I: Então está pronto.

MARIA DE FÁTIMA

(Bailarina do Rancho do Clube Português de Niterói)

E: Sexo

I: Feminino

E: Faixa Etária

I: Entre 41 e 60

E: Nacionalidade

I: Portuguesa

E: Descendência

I: Pais Portugueses

E: Grau de Escolaridade

I: 1º grau completo

E: Estado Civil

I: Solteira

E: Há quanto tempo reside no Brasil?

I: Desde final de setenta e oito.

E: Qual sua profissão?

I: Cabeleireira e maquiadora.

E: Qual o motivo da sua vinda para o Brasil?

I: Ah! Um sonho de criança que eu tinha em conhecer o Brasil, sei lá, acho que tinha alguma coisa que me chamava aqui, eu era assim louca pra conhecer o Brasil. Então eu consegui vir pra cá porque, sei lá, eu acho que eu tinha aquele pensamento positivo que alguém um dia ia me convidar pra vir ao Brasil e assim conforme eu imaginava, assim aconteceu. O dia que aconteceu, eu fiquei feliz, tô aqui, e disse que se desse certo eu continuaria e tô aqui até hoje.

E: Já passou algum tipo de discriminação com relação à sua origem?

I: Com a minha origem portuguesa eu acho que não, mas com relação à minha cor.

E: Já passou...?

I: Já, já sofri preconceito.

E: Aqui no Brasil ou...?

I: Aqui no Brasil

- E: Pode contar que situação?
- I: Ser barrada no elevador. Pelo síndico do prédio, que eu tava descendo pra ir na padaria aí ele me barrou, disse que eu não poderia andar por aquele elevador, pelo elevador social.
- E: Quando foi isso?
- I: Ah! Já foi há uns anos, não me lembro direito. Mas eu soube esperar pelo momento certo, que o dia que ele não tava mais na, na diretoria do prédio, não era mais síndico, aí eu tava vindo do meu curso de inglês e ele segurou a porta do elevador da frente e me convidou pra subir e eu acho que dei uma bofetada nele sem mão, respondi que “muito obrigada, mas eu iria pelo dos fundos”. Eu dei assim, acho que, sei lá, descontei na hora certa o que ele tinha feito comigo quando ele era síndico a momentos atrás.
- E: Houve alguma dificuldade de adaptação à língua portuguesa do Brasil?
- I: Com relação à língua não, mas sim ao ambiente, porque um país maior aonde eu fui criada, então eu tive alguma dificuldade até conseguir fazer amizades, foi difícil pra mim. Aí depois fui conhecendo pessoas e tô aqui.
- E: Como se sente diante das piadas e críticas feitas aos portugueses?
- I: Nem me abala, levo numa boa.
- E: Nunca se aborreceu?
- I: Nunca. Eu mesmo faço piada de português, não tenho problema com isso não.
- E: Houve alguma dificuldade quando da procura de emprego?
- I: Não, porque eu já vinha pr’uma casa que era de portugueses, eles que me trouxeram pro Brasil, então eu trabalhava com eles, eles me consideravam como uma pessoa de família, foi aí que eu pensava em seguir outra, outro tipo de trabalho que não fosse doméstico, então fui fazer meus cursos, cabeleireira, maquiadora, estudei inglês, fazia ginástica, aí entrei pro grupo do Clube Português onde estou até hoje.
- E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?
- I: Olha, eu não sei, porque eu morei dois anos, de ’97 à ’99 em Portugal, achei que a vida lá tava cara, é cara a vida lá, aqui algumas coisas eu acho mais baratas do que lá, mas outras não, é muito relativo.
- E: Quantos Estados já visitou no Brasil?

- I: Olha, só fui à Bahia duas vezes e uma vez a Curitiba, não conheço muito do Brasil não, quase nada.
- E: O que mais aprecia no Brasil?
- I: O clima, a maneira de se viver, a maneira das pessoas daqui me fascina!
- E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-lo?
- I: Já, um irmão meu e a minha cunhada vieram aqui pela Páscoa ano retrasado e adoraram isso aqui, pena que ficaram poucos dias, só cinco dias, mas pretendem voltar.
- E: Gostaram?
- I: Gostaram.
- E: Você pretende permanecer no Brasil ou tem vontade de voltar para Portugal?
- I: Eu gosto muito daqui, mas como eu vivo sozinha, minha família mora em Portugal, minha mãe mora na Guiné, eu sinto saudades, é natural, né, então tem dias que eu sinto saudades, me sinto muito só, as nunca vou dizer pra você assim, vou embora do Brasil. Eu vou, mas eu estou sempre voltando, nunca pretendo dizer que nunca mais volto ao Brasil, a não ser que aconteça alguma coisa grave, né, que eu não possa voltar, mas eu gosto muito daqui.
- E: Alguma vez já visitou seus familiares que residem em Portugal?
- I: Já, já, já fui muitas vezes a Portugal.
- E: Quando foi a última vez?
- I: Foi em noventa e sete. Voltei em noventa e nove e to aqui até hoje.
- E: Qual foi a reação dos seus pais quando a senhora decidiu vir morar no Brasil?
- I: Meu pai não gostou muito da idéia não, né, mas eu convenci, ele deixou eu vir.

MARIA DE FÁTIMA GOUVÊIA COELHO

- E: Sexo
- I: Feminino
- E: Faixa Etária
- I: Entre 20 e 40 anos

E: Nacionalidade

I: Brasileira nacionalizada portuguesa

E: Descendência

I: Pais Portugueses

E: Grau de Escolaridade

I: Superior completo

E: Estado Civil

I: Solteira

E: Qual a influência da cultura portuguesa em sua vida?

I: Olha, eu acho que até pela questão dos meus pais, a educação, né, que eu tive, uma educação meio rigorosa, né, eu já fui lá algumas vezes, né, então gosto muito da comida, como é que eu vou dizer, da música deles também, a música jovem deles é legal, o modo de vida mesmo, gosto muito da maneira que eles vivem lá, eles vivem de uma maneira bem legal, apesar de assim, ainda, não sei se é porque minha família mora no interior, tem aquela coisa de ser muito rigorosa, eles são muito... preconceito, sabe? De família mais rica ter contato com as famílias mais pobres, mas de uma certa maneira é um povo muito acolhedor, gosto de tudo lá. A cultura deles influenciou, por ter pai e mãe, acho que toda a forma na minha vida

E: Qual sua profissão?

I: Veterinária.

E: Já passou algum tipo de discriminação com relação à sua origem?

I: Por ser portuguesa ou por ter origem?... Não assim, brincadeiras, né, na faculdade o pessoal encarna na gente mesmo, né, "Ah! Portuguesa!", não-sei-quê, de QI, né, "Ah! Deve ser burra!" e tal, eu acho até que é legal, os meus amigos, eu já levei alguns amigos meus a Portugal comigo, todo mundo gostou, entendeu? Pessoas que "Ah! Portugal deve ser resto da Europa!", não-sei-quê, hoje em dia gostam que já foram lá, não tem problema não.

E: Como se sente diante das piadas e críticas feitas aos portugueses?

I: Olha meus pais assim são super... meu pai brinca também, faz piada e lá eles contam piada da gente, né. Então não tem... eu conto também, não tem problema não. [Maria do Céu: Eu não gosto não!]

E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?

- I: Não é mais não, lá ganhasse mais, né, o poder aquisitivo é... mas também o custo de lá vida é maior, né, a moeda... agora então com, né, com o mercado comum o poder aquisitivo tá bem mais alto que aqui.
- E: Quantos Estados já visitou no Brasil?
- I: Ah! Já fui a Natal, já fui a Fortaleza, Maceió, conheço a Bahia, conheço o Sul todo, meu pai faz excursões, né, então fica muito fácil. Também já fui algumas vezes, peguei avião e fui, conheço bastante, agora assim ao certo, pra te dizer é meio...
- E: O que mais aprecia no Brasil?
- I: Ah! Tudo! O Brasil é lindo, o nordeste é maravilhoso, o sul também, sei lá, é isso que eu digo, eu moraria em Portugal? Moraria, mas só se alguma coisa muito forte me levasse pra lá, agora a violência, que tá aqui, mas igual ao Brasil... apesar de eu adorar Portugal, fui lá um monte de vezes, gosto muito, mas o Brasil é muito, sabe?... Conheço a Espanha também, é legal, mas o Brasil é muito bonito, muito lindo mesmo... Não trocaria assim, só se fosse uma coisa... Dinheiro, aqui como tá violento eu até moraria lá, lá tem o fator do frio, é muito frio, então eu não tô acostumada, já pega um pouco, mas preferia aqui.
- E: Você se sente discriminado por ser filho (a) de Portugueses?
- I: Não, hoje eu acho que não tem muito... antigamente, né, o imigrante, filho do imigrante, às vezes, era mais assim, mas colocado de lado, né e tal, mas hoje em dia eu acho que não. O pessoal só brinca mesmo, encarna, "Ah! É português!" e tal, mas eu não sinto não, acho que é normal.
- E: Você preferia ter nascido em Portugal? Caso positivo, por quê?
- I: Ah, não! Não porque, eu acho assim... como eu te falei, os meus pais, o meu pai por exemplo, mesmo sendo muito lindo o lugar onde meu pai nasceu e tal, é um lugar mias interior, então eu não estou muito acostumada, então eu acho assim, se eu nascesse lá, eu viveria de uma outra forma que não... tudo é costume, né, se você nascer num lugar você vai acabar gostando, mas eu acho que não, eu tô satisfeita de ter nascido brasileira, eu tenho orgulho.
- E: Alguma vez já visitou seus familiares que residem em Portugal?
- I: Já, seis vezes.
- E: Qual foi a última vez?
- I: A última vez foi agora, na Expo, tem dois anos, né mãe? Mais...

dois anos e meio mais ou menos, que foi a... que foi a festa da Expo dos Mares, aproveitei fui pra lá, levei dois amigos, né, então nós ficamos lá quase um mês.

E: E eles gostaram de Portugal?

I: Adoraram.

E: Você pretende permanecer no Brasil ou tem vontade de voltar para Portugal?

I: Não, não sei, como eu te falei, se... eu teria vontade acho que agora, por questão de medo, da minha família, de ficar aqui com essa violência toda que, né... lá não tem assim, você não vê tão negócio de morte assim, seqüestro, essas coisas você não vê tanto quanto aqui, né, e até menos por questão financeira, se você tem dinheiro você vive bem em qualquer lugar, se você não tem, aí sim você vai acabar procurando. Mas lá o custo de vida é muito alto, a gente não teria de repente o mesmo padrão de vida que a gente tem aqui, lá já não sei se... mas que lá, se fosse pela segurança da minha família e minha, acho que eu iria, não teria problema não.

E: Você foi contra ou a favor quando os seus pais decidiram vir morar no Brasil?

I: Não, eu era muito pequena, né, não lembro, mas eu acho que hoje em dia minha mãe também não acostumaria lá mais não, meu pai eu acho que acostumaria porque irmãos, tios, tá tudo lá, mas a minha mãe, eu acho que já até pelo modo de vida dela aqui ela já não, é já não teria... é o que eu te falei, lá é muito diferente do Brasil, assim, o povo é muito acolhedor e tudo mais, mas a maneira de viver é aquela maneira européia muito diferente daqui, sabe? A gente aqui é muito à vontade, cê anda de short na rua, vai na casa de um vai na casa de outro. Lá não, muito na dela, é, então eu acho que nem minha mãe acostumaria mais não. Já é mais brasileira do que portuguesa. Meu que iria, mas minha mãe eu acho que não. Mas se todo mundo fosse eu iria. Aí eu acho que eu iria também, mas...

MARIA DO CÉU GOUVÊIA COELHO

E: Sexo

I: Feminino

E: Faixa Etária

I: Acima de 61 anos

E: Nacionalidade

I: Portuguesa

E: Descendência

I: Pais Portugueses

E: Grau de Escolaridade

I: 1º grau incompleto

E: Estado Civil

I: Casada

E: Há quanto tempo reside no Brasil?

I: Há cinqüenta e pouco, eu não me lembro não... Mais de cinqüenta anos! É, quase cinqüenta.

E: Qual sua profissão?

I: Do lar [risos]

E: Qual o motivo da sua vinda para o Brasil?

I: Ah! Porque o meu pai já estava aqui há onze anos sem a gente, né, então nós fomos obrigados a vim, mas eu não queria vim, eu fiquei até doente quando eu cheguei aqui, queria voltar, mas não teve jeito.

E: A senhora tinha que idade?

I: Treze anos

E: Já passou algum tipo de discriminação com relação à sua origem?

I: Ah, não! Eu não admito! Afinal de contas foram os portugueses que descobriram aqui, então não há... Não tem que ter preconceito, né, não há. E eu não gosto de piadas, não gosto! Uma vez eu liguei pra Rádio, posso falar? [R: Pode!] Pra Rádio Globo que lá contavam muitas piadas de português, eu liguei pra lá e disse: Não admito, não estou gostando! E eles pararam. Só que de vez em quando vai, mas eu falei mesmo que eu não gosto.

- E: Houve alguma dificuldade de adaptação à língua portuguesa do Brasil?
- I: Não, não, só que nós falamos com o sotaque mais assim carregado, mas não, não existe, eu fui até muito bem recebido aqui no Brasil, todo mundo gostava de mim... É, os brasileiros gostam muito dos portugueses, como lá gostam muito dos brasileiros, né, então as pessoas queriam ver o meu rosto era assim, eu tinha a pele muito bonita e muito rosada, parecia uma maçã, aí todo mundo... Eu ficava com vergonha, eu era muito envergonhada, hoje não, hoje eu tô sem-vergonha. [risos] Mas... Olha, aqui no Brasil pra mim foi muito bom, foi coisa mara... só tenho amigos, amigas...
- E: Mas a senhora disse que no colégio a senhora teve dificuldade pra estudar por causa da língua?
- I: Ah! Queria ouvir falar assim pro português, que assim eu não me lembro, mas era o português assim bem carregado, né, aquela coisa, que eu ainda tenho um pouco, mas não é tanto, então eu ficava assim chateada e tudo, então eu quis sair do colégio e meus pais deixaram! Quer dizer, aí depois eu me arrependi, mas aí já era tarde, né?
- E: Quando do nascimento dos filhos, houve alguma preferência entre Brasil e Portugal?
- I: Ah! Não! Aqui, a Fátima nasceu aqui no... foi lá no Santa Cruz, no Hospital Santa Cruz e o Edson, quando eu fui à Portugal em setenta, o Edson eu não sei se já foi gerado daqui ou foi lá. Até meu marido, eu não sei se posso falar, meu marido brinca que foi debaixo de uma parreira de uva! [risos] José é doido. Então, mas não, mas não sei se ele foi feito, se foi gerado aqui ou lá.
- E: Mas nasceu lá?
- I: Não, nasceu aqui! Passei lá três meses e uns dias, foi na época que a mãe... tivemos que ir por causa da mãe, que o médico tinha dado assim três meses de vida e nós vendemos um apartamento pra nós irmos, que a Fátima era... tinha meses, mas já pagaram, já pagou, né, ela pagou, então foi a melhor coisa que me aconteceu, por que eu não conhecia, eu vim com treze anos, muito mal, quer dizer, só conhecia a minha terra, ali perto, agora Lisboa! Aquele lugar eu achei lindo, né, muito lindo Portugal, muito lindo.
- E: Houve alguma dificuldade quando da procura de emprego?

- I: Não, só... eu aprendia de tudo, né, mas eu assim costurava pra fora pra eu ganhar um dinheiro pra me vestir, pras minhas pinturas, mas é... meu pai não era rico, mas...
- E: E foi difícil trabalhar sendo portuguesa ou não?
- I: Não, não, não, é que a tal coisa, eu queria estudar sim, mas isso depois, quer dizer, eu já tinha feito a bobagem de sair do colégio e eu queria ser, o que eu mais queria era médica, né, mas não pude, então, por isso é que eu fiz força pra meus filhos se formarem, sabe?
- E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?
- I: É, lá é um pouco mais, mas ganhasse melhor, ganhasse bem, né, lá é mais alto. Lá ganhasse bem, o salário de lá é bom, muito bom, eu... é a tal coisa, né, por causa dessa violência que tá aqui eu, mas eu adoro o Brasil, né, é a minha segunda pátria.
- E: Quantos Estados já visitou no Brasil?
- I: A Bahia, eu vi o sul que é lindo, o Brasil é lindo. Quer dizer, conheço aqui, o Estado do Rio, deixa ver... é só... Acho que ela foi à Bahia, foi à Santa Catarina... Não! O sul praticamente todo, já fui três vezes, assim em excursão. Ah! Eu amei o sul!
- E: São Paulo você já foi?
- I: Ah! São Paulo, São Paulo, fui lá na missa do Padre Marcelo e fui outra vez, né, ai meu Deus do céu, este país é lindo, pena que a violência é muito grande.
- E: O que mais aprecia no Brasil?
- I: Olha, a alegria do brasileiro, que não existe, não existe mesmo, eu fui a Portugal, lá as pessoas são assim... eu não sei se elas têm assim um pouco de... elas têm vergonha de serem assim alegres, sabe? De se expandir, tem gente que... Mas o Brasil é uma alegria, e eu também sou alegre, né. Sabe, quando eu fui a Portugal eu botava pra quebrar mesmo, naqueles ônibus, eu encontrei lá com um português que trabalhou na Itapemirim que ele viajava pro norte, e ele me escudou falar, ele disse: “A senhora é brasileira?” e eu disse “Não! Eu sou... bom, sou. Eu fui com treze anos”. “Ah! Eu trabalhei lá!”. Eu digo, Ah! Já viu, né, a alegria do português, eu e ele, os outros só ouvindo, né? [risos] E umas senhoras ficavam olhando, elas ficavam prestando atenção na nossa conversa, então elas riam, mas assim, aquele... e eu muito assim, brinca... eu gosto de brincar, então ué, a alegria é tão

bonita, né! Eu tenho um primo meu que tava num trem indo pra Coimbra, que ele tava fazendo direito, então ele tava dizendo pra mim que ele chegou conheceu um cara, um brasileiro, eles começaram a conversar e tal e ele chegou e falou assim, “ó, o dia que você quiser aparece lá em casa”, mas falou por educação, não falou pro cara... aí um dia, assim do nada, o cara apareceu na casa dele. Ele disse Fátima, o cara supergente boa, mas nunca um português ia fazer isso, por educação se chama mas não vai. [...] se escrevem, eles se correspondem, é por isso que eles gostam dos brasileiros, olha, não existe! Pode ir por mundo... brasileiro, igual brasileiro não existe, em alegria, quem gosta, né. São amáveis, até na hora da dor tão rindo, eu, foi ontem vi uma criancinha com uma doença que eu não sei o nome. Meu Deus do Céu, a menina tava dançando... Até na dor brasileiro é alegre, até na dor e nas doenças... é lógico, por outro lado a violência aqui, isso é que tá, é só isso que estraga o Brasil! É só isso! Os marginais, mas eu tenho fé que isso vai acabar, porque o Brasil é a coisa mais linda que Deus botou no mundo pra os portugueses descobrirem.

E: Alguma vez já visitou seus familiares que residem em Portugal?

I: Se eu visitei? Eu visitei agora primos, tios, meus avós já tinham falecido, mas primos eu fui visitar, a família do meu marido, que é maravilhosa, então eu amei, né.

E: Você pretende permanecer no Brasil ou tem vontade de voltar para Portugal?

I: Às vezes com essa violência eu tenho vontade de ir pra lá, mas também penso que eu vou pra lá e vou ficar com vontade de voltar, então seja o que Deus quiser, a gente fica aqui. Mas eu temo mais pelos meus filhos, não por mim que já tô idosa, mas por eles.

E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-lo?

I: Olha... Eu acho que os parentes de mamãe não, só do meu pai... Eu tenho parentes que moram aqui no Brasil, em Santos, no Guarujá e já vieram aqui, inclusive já veio aqui uma prima, e tenho primos, né, tão aqui. Inclusive uma prima morreu agora, nesse barco, barco... (interf.:Ele tá dizendo lá de Portugal que veio aqui te visita): Não, eu estou dizendo que, quer dizer, minha família, praticamente, estão todos aqui. Eu ia contar dessa minha prima que faleceu agora nessa barca, lá...

E: Tona Galea?

- I: É, lá em Cabo Frio. Foi... Mas o resto só tem nascido, quer dizer, da parte da minha mãe que tem lá os meus primos, quem veio aqui?... Não, não vieram aqui não, só da parte de meu marido.
- E: Você foi contra ou a favor quando os seus pais decidiram vir morar no Brasil?
- I: Meus pais? Meu pai já estava aqui. Me deixou com três anos, a outra minha irmã com cinco e a outra com um aninho. Aí nós fomos obrigados a vir pra cá, sabe? Mas eu não queria vir não, porque eu deixei lá meus avós, tava estudando, a professora que eu gostava muito sabe? [chora] Mas eu vim pr'aqui, né, agora tô feliz que a minha mocidade, a minha infância foi boa, a minha juventude como, foi muito legal, só tenho amigas boas, maravilhosas, sabe? Todas brasileiras, gente boa, ai, tenho uma família que eu amo, sabe? Que o pai já faleceu, seu Antônio, Antônio Barbosa, assim da sua cor, mais escuro! Mas eu chamava ele... tinha dois pis. Meu pai verdadeiro e o outro que eu adorava, né, seu Antônio Barbosa, então eu morei ali na Saldanha Marinho, perto de onde cê mora, e só tenho amigas, amizades boas, as minhas amigas foram maravilhosas, então eu não posso me queixar, eu amo o Brasil e adoro Niterói, porque, nossa! Niterói é muito bom, né? Calmo, mais calmo do que o Rio, né. Aí eu com, já bem assim, meia coroa, eu conheci esse que é meu marido, José Maria, que é maravilhoso, e graças a Deus tô casada há trinta e cinco anos, vai fazer trinta e seis anos, dois filhos maravilhosos, e é isso!

MARIA DO CÉU SANTOS SALGADO

- E: Sexo
- I: Feminino
- E: Idade:
- I: De 41 a 60 anos
- E: Nacionalidade
- I: Portuguesa
- E: Descendência

I: Filha de portugueses
E: Grau de escolaridade
I: 2º grau completo
E: Estado civil
I: Casado
E: Há quanto tempo a senhora vive aqui no Brasil?
I: Quarenta e seis anos.
E: Qual a profissão da senhora?
I: Eu sou comerciante.
E: E atua em quê?
I: Hotel e restaurante.
E: Qual o motivo da sua vinda pro Brasil?
I: Eu vim pra morar com os meus tios e os meus padrinhos, que não tinham filhos e na época pediram pra eu ficar com eles e vir morar com eles.
E: A senhora já passou algum tipo de discriminação com relação à sua origem?
I: Não, eu nunca.
E: A senhora teve dificuldade pra se adaptar à língua portuguesa no Brasil?
I: Não, devido a eu ser muito criança, não tive o menor problema.
E: A senhora teve alguma preferência dos seus filhos nascerem no Brasil ou em Portugal?
I: Não, não porque vim muito criança pr'aqui e estudei aqui, casei aqui, então eu acho que o certo seria mesmo eu ter os meus filhos aqui, né?
E: Como a senhora se sente diante das piadas e críticas feitas aos portugueses?
I: Não me amola. Com tranquilidade, eu acho isso muito... uma coisa normal, assim como fazem piada de nortista, de Paraíba, né, em Portugal eu sei que fazem do alentejano, eu acho que piada é uma coisa que não tem nada a ver.
E: A senhora teve dificuldade na procura de emprego?
I: Não, nunca.
E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?
I: Ué, eu acho que... o custo de vida é mais barato aqui. Em Portugal é um custo de vida mais alto, mas o salário é muito mais alto também, né.
E: Quantos Estados a senhora já visitou aqui no Brasil?
I: Minas, São Paulo... Minas, São Paulo... só, fui a São Paulo e é só.

- E: O que a senhora mais aprecia aqui no Brasil?
- I: Em termos de quê, que... ?
- E: Tempo, paisagem, cultura,...
- I: A paisagem eu acho maravilhosa. Eu acho que as belezas naturais aqui do Rio são muito bonitas.
- E: A senhora se sente discriminada por ser filha de portugueses?
- I: Por ser portuguesa nem tem. Eu nem acredito que tenha tanto este tipo de discriminação, eu nunca passei por isso.
- E: Alguma vez a senhora já visitou os seus familiares que vivem em Portugal?
- I: Constantemente, sempre. Quase todo ano.
- E: Você pretende permanecer no Brasil ou tem vontade de voltar pra Portugal?
- I: Olha, eu até moraria em Portugal devido à violência que tem aqui no Brasil, né, mas é muito difícil, porque eu moraria lá se os meus filhos pudessem ir também, né, a família toda. E eu acho que é um pouco difícil hoje em dia, né, você conciliar toda a família num lugar só, como é que você vai mudar daqui com todo mundo. Eu acho muito difícil, mas... Se pudesse ir todo mundo, eu moraria.
- E: Os parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil pra visitá-la?
- I: Alguns, inclusive o meu pai. Vem sempre, passa seis meses aqui, volta pra lá, acabou de ir agora e vem sempre.
- E: A senhora foi contra ou a favor quando os seus pais decidiram vir morar aqui no Brasil?
- I: Eles vieram morar aqui eu ainda não tinha nem nascido. Aí eles foram em Portugal, engravidaram, depois maiorzinha um pouco eu vim pra cá, então eu não sei nem o porquê deles virem pra cá, isso eu já não sei nem te dizer

MARIA EMÍLIA LOPEZ FERREIRA

- E: Sexo
- I: Feminino
- E: Idade:

I: Acima de 61 anos
E: Nacionalidade
I: Portuguesa
E: Descendência
I: Filha de portugueses
E: Grau de escolaridade
I: 1º grau completo
E: Estado civil
I: Solteira
E: Há quanto tempo a senhora reside aqui no Brasil?
I: Vai fazer quarenta e oito anos... quarenta e oito anos no dia vinte e seis de setembro.
E: Qual a profissão da senhora?
I: Costureira.
E: Qual o motivo da sua vinda pra cá, pro Brasil?
I: Vim junto com os meus sobrinhos. [Adelaide: O irmão dela também morava aqui.] O meu irmão é que mandou vir, que é o pai dele, que era meu irmão e padrinho. Viemos os cinco: eu, ela, o meu sobrinho e duas meninas, uma de três, outra de cinco. De sete! A filhinha dela.
E: A senhora já passou algum tipo de discriminação por causa de sua origem?
I: Não, não, não, sou muito querida aqui em Paquetá. Eles me chamam de Tia Emília, todo mundo me conhece Tia Emília, nunca tive nada de ruim.
E: E a senhora teve dificuldade de se adaptar ao português aqui do Brasil?
I: Como é?
E: A senhora teve dificuldade de adaptar...?
I: De adaptar? Não, não, não.
E: Nenhuma?
I: Não, não.
E: A senhora tem filhos?
I: Sou solteira, nunca casei mesmo!
E: E tem muita solteira que tem filho, não é?
I: É, uma vez o médico falou isso pra mim... Mas eu estou dizendo que eu sou solteira mesmo, nunca casei mesmo.

- E: Ela é solteira virguleira.
- I: Virguleira, sou virguleira. [risos]
- E: Como se sente diante das piadas feitas de portugueses?
- I: Acho graça, acho graça, não fico. Antigamente, agora não. Agora eu adaptei.
- E: A senhora ficava incomodada?
- I: Ficava sim... mas agora não... acostuma.
- E: É, porque tem piada com tudo...
- I: É, é.
- E: A senhora teve dificuldade de procurar emprego?
- I: Não, porque já tinha a minha profissão, já era costureira e por minha conta, né, vesti muita noiva aqui em Paquetá, muita, muita, muita. Mais de vinte.
- E: A senhora só trabalhava em casa?
- I: Só trabalhava em casa, né, costureira mesmo e gosto muito de costurar, faço muito tricô, muito crochê, ando muito. Me sinto bem, graças a Deus.
- E: A senhora acha que o custo de vida aqui no Brasil é melhor ou é pior do que lá em Portugal?
- I: Bem melhor, quando nós viemos era muito ruim. Agora não, agora lá tá muito bem, muito bom. Agora lá todo mundo tem boa situação, as minhas sobrinhas, tudo com uma situação boa, tem um carro, tem sua casa. Quando nós viemos, há quarenta e oito anos, era barra, a situação era ruim, agora não, agora lá tá muito bom.
- E: A senhora já visitou algum estado brasileiro?
- I: Opa! Não tem conta. Fui ao Nordeste, já fui ao Sul, já fui à... como é, Caldas Novas, que é perto de Brasília. Já fui a Brasília, logo que Brasília foi inaugurada eu fui lá, já passei muito... continuo passeando. Passei muito.
- E: O que a senhora mais aprecia aqui no Brasil?
- I: Eu gosto de tudo. A natureza é muito bonita, tudo muito bonito, o pessoal é muito acolhedor, apesar de agora estar tudo ruim, o pessoal me adora, sou muito querida mesmo, quando vim pra cá eu era diretora eucarística, dei catecismo com as crianças, hoje já é tudo avó, já tão avós já, aquelas crianças todas já de idade e fui muito bem, muito querida.
- E: A senhora se sente discriminada por ser filha de portugueses?
- I: Não. Não, não. Sinto muito orgulho de ser portuguesa, apesar de estar aqui.

MARIA FERNANDA

Local: Visconde de Itaboraí, Niterói

E: Sexo

I: Feminino

E: Idade:

I: Acima de 61 anos

E: Nacionalidade

I: Portuguesa

E: Descendência

I: Filha de portugueses

E: Grau de escolaridade

I: 1º grau incompleto

E: Estado civil

I: Casada

E: Tempo que reside no país

I: 39 anos

E: Profissão?

I: Do lar

E: O motivo da vinda para o Brasil na época que a senhora veio?

I: Vim por procuração e vim, foi por casamento mesmo.

E: Até hoje, qual é a influência da cultura portuguesa na vida da senhora?

I: Principalmente a comida, a gente continua a mesma coisa.

E: A senhora já passou por algum tipo de discriminação?

I: Não, nunca... nunca, graças a Deus.

E: E quando a senhora chegou aqui, alguma dificuldade com a língua?

I: Não, eu já tinha minhas cunhadas que moravam aqui, tinha duas cunhadas ai não foi difícil não.

E: E quando os filhos nasceram?

I: Eu só tenho um.

E: A senhora gostaria que ele tivesse nascido em Portugal ou aqui mesmo? Tinha alguma preferência?

- I: Não, não...
- E: Em relação às piadas que são feitas com os portugueses, como a senhora encara isso?
- I: Eu acho normal...
- E: A senhora precisou procurar emprego quando chegou aqui?
- I: Não.
- E: Então não teve dificuldades?
- I: De jeito nenhum.
- E: A senhora acha que o custo de vida no Brasil é mais caro, igual ou menor que em Portugal?
- I: Olha, devido à moeda eu acho que o custo de vida daqui é menor, o salário é bem menor. Não sei, eu não estou muito à parte disso, mas eu acho que o salário é maior, então o custo de vida é maior.
- E: A senhora já visitou alguns Estados aqui no Brasil?
- I: São Paulo e Friburgo, o interior do Estado e só.
- E: E o que a senhora mais aprecia no Brasil?
- I: Eu acho o clima, né?! E também o pessoal, o povo é animado, alegre, aberto.
- E: A senhora já visitou os seus familiares lá em Portugal?
- I: Já, uma vez só.
- E: E eles já vieram pra cá?
- I: Não.

MARIA LÚCIA

(Bailarina Do Rancho Do Clube Português De Niterói)

- E: Sexo
- I: Feminino
- E: Faixa Etária
- I: Entre 41 e 60
- E: Nacionalidade

- I: Brasileira
- E: Descendência
- I: Pais Portugueses
- E: Grau de Escolaridade
- I: Superior completo
- E: Estado Civil
- I: Casada
- E: Qual sua profissão?
- I: Eu sou formada em psicologia, mas na verdade o que eu sou mesmo é dona de casa e mãe.
- E: Qual a influência da cultura portuguesa em sua vida?
- I: Eu acho que muito, eu acho que tudo. Na minha formação moral, na minha educação, eu aprendi a gostar dos dois países, são importantes na minha vida, é toda a minha herança, é tudo que eu recebi, eu acho que é muito grande.
- E : A senhora pode falar um pouco da sua história no Rancho Português?
- I: Bom, o Rancho apareceu na minha vida já com uma certa idade, já numa idade madura, o que normalmente não acontece, o que já é diferente, né, e eu acho que por um prazer, exatamente por esta ligação forte que eu tenho, esta divisão grande que eu tenho e desse gostar da terra dos meus pais que eu adoro de montão, [risos] e eu soube do rancho por acaso e me aproximei, quis entrar, fui aceita e fiquei.
- E: Tem quanto tempo?
- I: Tem... cinco anos
- E: Já passou algum tipo de discriminação com relação à sua origem?
- I: Eu acho que quando eu era criança a gente sente mais isso, porque... exatamente por serem pessoas simples e humildes que tentam a vida em outros países, porque se fossem, se estivessem bem lá não sairiam de lá, meu pai por exemplo veio na época da guerra, da segunda grande guerra, então foi uma época difícil, o que trouxe eles pra cá, quer dizer, se eles tivessem uma posição boa lá não viriam, então na escola, de repente quando eu era menina... mas atualmente não, atualmente eu não deixo que me discriminem, aprendi a não me deixar levar por isso. Mas de repente, quando criança, a gente tem certos valores, mas agora não.:

[...] por isso que se acha de repente, mas é bobagem, não, nunca me senti discriminada.

E: Quando do nascimento dos filhos, houve alguma preferência entre Brasil e Portugal?

I: Não. Eu vivo aqui com meu marido que também é português, meus filhos nasceram aqui, nenhum problema com isso.

E: Como se sente diante das piadas e críticas feitas aos portugueses?

I: Não me interfere em nada, nada. Eu acho que assim como eles... isso é coisa natural, é cultura e assim como nós fazemos piada sobre eles, eles fazem sobre nós, eu acho que a gente tem que aceitar isso numa boa, é um... também tem de francês, de japonês, enfim, não me atinge.

E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?

I: Olha, eu não vou a Portugal há muitos, muitos, muitos anos mesmo, mas eu acho que pelo que eu escuto falar lá tá muito mais, né, por causa do irou, me parece que lá o custo de vida é bem mais alto.

E: Quantos Estados já visitou no Brasil?

I: Não muitos. Eu já fui a Minas, já fui ao Sul, festa da uva, mas não muitos. Não viajo muito, pelo meu trabalho, porque fica um pouco difícil.

E: O que mais aprecia no Brasil?

I: Eu acho que são as pessoas que, graças a Deus, a que maioria são boas pessoas e o país é maravilhoso e lindo e eu adoro a minha terra, nosso país é fantástico. Uma natureza maravilhosa, deslumbrante, pena que, desmatamento, destruição, poluição, violência, mas o país eu acho fantástico, adoro a minha terra.

E: Você preferia ter nascido em Portugal? Caso positivo, por quê?

I: Eu acho que tem momentos que, de repente, talvez. Eu acho que quando a gente pensa na violência, na insegura, que os meus filhos são menores, eu fico preocupada quando eles saem e a gente não sabe o que que acontece, quando a gente escuta este tipo de seqüestro, de tiros, balas perdidas, enfim, essas coisas me apavoram um pouco, me assustam como qualquer pessoa, como qualquer mãe e há momentos que acho que gostaria sim, até de viver lá! Mas... eu acho que agora pra mudar no momento da minha vida é um pouco complicado aí a gente vai levando... não sei se eu respondi bem a tua pergunta.

E: Alguma vez já visitou seus familiares que residem em Portugal?

- I: Quantas vezes? Duas vezes. Mas isso há muito tempo. A última vez tem vinte e três anos. Há vinte e três anos a última vez.
- E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-lo?
- I: Pouquíssimos, pouquíssimos. Acho que só um tio, dois tios, dois tios, também há muito tempo.
- E: Você foi contra ou a favor quando os seus pais decidiram vir morar no Brasil?
- I: Eu não tinha o direito de opinar, eu não era nascida! [risos] A escolha não foi minha, foi deles, eu acho que foi uma procura de melhor, de uma vida melhor, eu acho que quando eles vieram, eu acho que foi até um ato de coragem, porque há tantos anos atrás eles largarem a família, toda a história de vida deles, as raízes, o chão, a cultura, a história de vida, tudo que eles tinham, principalmente a família, que eu acho também muito importante, e saíam uma aventura prum mundo desconhecido, foi muita coragem, mas, quer dizer, eu não tive como opinar sobre isso, a escolha não foi minha. [risos]

MARIA OLINDA

LOCAL: na residência

E: Sexo:

I: Feminino

E: De 41 a 60 anos

E: Nacionalidade

I: Portuguesa.

E: Descendência

I: Pais portugueses

E: Grau De Escolaridade

I: Nível superior

E: Profissão

I: Professora

E: Estado civil

I: Casada

E: Há quanto tempo reside no Brasil?

I: 40 anos

E: Qual o motivo da sua vinda para o Brasil?

I: Ué, eu era pequena, vim com meus pais, vim com meus pais.

E: Já passou por algum tipo de discriminação com relação à sua origem?

I: Não

E: Houve alguma dificuldade de adaptação da língua portuguesa do Brasil?

I: Nenhuma

E: Quando do nascimento dos filhos houve alguma preferência entre Brasil e Portugal?

I: Não

E: Como se sente diante das piadas e críticas feitas aos portugueses?

I: Muito puta (enraivecida)

E: Houve alguma dificuldade quanto à procura de emprego?

I: Não, porque há um acordo entre Brasil e Portugal que os portugueses têm os mesmos direitos políticos e civis que os brasileiros

E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?

I: Atualmente o custo de vida em Portugal tá muito alto, qui com o advento do euro, o euro equivale ao mesmo valor que o dólar. Por isso o custo de vida tá tão alto, tá tão difícil

E: Você se sente discriminada por ser filha de portugueses?

I: Não

E: Alguma vez já visitou seus familiares que residem em Portugal?

I: Já

E: Você pretende permanecer no Brasil ou tem vontade de voltar pra Portugal?

I: Tenho vontade de ficar aqui com a minha família

E: Os parentes que moram em Portugal já vieram ao Brasil pra visitá-la?

I: Já, dois anos atrás.

NATÁLIA

LOCAL: na residência

E: Sexo

I: Feminino

E: Faixa Etária

I: Até 19 anos

E: Nacionalidade

I: Brasileira

E: Descendência

I: Filha de portugueses

E: Grau De Escolaridade

I: 2º grau incompleto

E: Estado Civil

I: solteira

E: Profissão

I: Estudante

E: Qual a influência da cultura portuguesa em sua vida?

I: Só na parte da culinária

E: Como se sente diante das piadas e críticas feitas aos portugueses?

I: Normal

E: Você se sente discriminada por ser filha de português?

I: Não

E: Você preferia ter nascido em Portugal?

I: Não

E: Seus parentes que moram em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-la?

I: Sim

E: Você foi contra ou a favor quando os seus pais decidiram vir morar no Brasil?

I: A favor.

ROSA

LOCAL: na residência

E: Sexo

I: Feminino

E: Faixa Etária

I: De 41 a 60anos

E: Nacionalidade

I: Portuguesa

E: Descendência

I: Filha de portugueses

E: Grau De Escolaridade

I: Superior completo

E: Estado Civil

I: Casada

E: Há quanto tempo reside no Brasil?

I: Há 40 anos

E: Qual a sua profissão?

I: Bibliotecária -chefe

E: Qual o motivo da sua vinda para o Brasil?

I: Meus pais vieram a trabalho.

E: Já passou por algum tipo de discriminação com relação a sua origem?

I: Discriminação não mas tem sempre aquelas piadinhas, né?

E: Houve alguma dificuldade de adaptação à língua portuguesa do Brasil?

I: Não

E: Quando do nascimento dos filhos, houve alguma preferência entre o Brasil e Portugal?

I: Não

E: Como se sente diante das piadas e críticas feitas aos portugueses?

I: Indiferente...porque os brasileiros são muito poobres de espírito

E: Houve alguma dificuldade quando da procura de emprego?

I: Não

E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?
I: Mais alto
E: Quantos Estados já visitou no Brasil?
I: 4
E: O que mais aprecia no Brasil?
I: Ah é a natureza , as praias
E: Alguma vez já visitou os seus familiares que residem em Portugal?
I: Já sim quando eu tinha 12 anos de idade.
E: Você pretende permanecer no Brasil ou tem vontade de voltar para Portugal?
I: Não tenho vontade de voltar pra Portugal
E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-la?
I: Já
E: Você foi contra ou a favor quando os seus pais decidiram vir morar no Brasil?
I: Eu tinha 1 ano de idade por isso não podia nem opinar

ROSA HELENA

Local da Entrevista: : Rua Visconde de Sepetiba (Padaria)

E: Como gostaria de ser identificada?
I: Rosa Helena
E: Sexo:
I: Feminino
E: Faixa Etária:
I: 44 anos
E: Nacionalidade:
I: Portuguesa
E: Descendência:
I: Filha de Portugueses
E: Grau de Escolaridade:
I: 2º Grau Completo

E: Estado Civil:
I: Casada
E: Tem filhos?
I: Não
E: Há quanto tempo reside no Brasil?
I: 28 anos
E: Qual a sua profissão?
I: Comercária.
E: Qual o motivo da sua vinda para o Brasil?
I: Na época, vim com parente.
E: Já passou por algum tipo de discriminação com relação a sua origem?
I: Não, só brincadeiras, às vezes.
E: Houve alguma dificuldade de adaptação à língua portuguesa do Brasil?
I: Não, só se havia de ser meca.
E: Como se sente diante das piadas e críticas feitas aos Portugueses?
I: Não sei.
E: Houve alguma dificuldade quando da procura de emprego?
I: Não, porque eu sempre trabalhei com família. Então pra mim num...
E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?
I: Cada país tem o seu lema, né? Acho que lá em Portugal está bem caro também, mas aqui também tá bem alto.
E: Quantos Estados já visitou no Brasil?
I: 2
E: Qual gostaria de conhecer?
I: Foz do Iguaçu.
E: O que mais aprecia no Brasil?
I: A beleza natural.
E: Você se sente discriminado por ser filha de Portugueses?
I: Não.
E: Alguma vez já visitou os seus familiares que residem em Portugal?
I: Já
E: Você pretende permanecer no Brasil ou tem vontade de voltar para Portugal?
I: Sou casada com um brasileiro, é meio difícil. Só a passeio, né?

E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-la?

I: Já.

ROSÁLIA

E: Como você gostaria de ser identificada?

I: Sem problema nenhum, pelo nome, Rosália

E: Faixa Etária

I: De 20 a 40 Anos

E: Nacionalidade:

I: Brasileira

E: Descendência:

I: Portuguesa

E: Estado Civil:

I: Solteira

E: Escolaridade:

I: 2º completo

E: Você se sente discriminada por ser filha de portugueses?

I: Olha, isso já me incomodou muito quando eu era criança. A gente sempre ouvia aquele tipo de piada, né, “Português é burro”, aquela coisa toda. Então quando eu era criança até, sei lá, Acho que eu chorava, Não me lembro direito. Mas eu lembro que isso me incomodava. Depois quando eu fui crescendo eu fui observando as coisas eu fui passando a sentir muito orgulho porque eu passei a ver que são pessoas que trabalham muito, são pessoas honestas, que eu passei a ter exemplos na minha própria família e aí eu passei a sentir orgulho e isso não me incomodou mais.

E: Você preferia ter nascido em Portugal?

I: Não, eu preferia ter nascido no Brasil. Eu sou apaixonada pelo País, mas eu gostei muito de conhecer Portugal, Eu acho que eu gostaria de voltar lá de novo. a título de passeio, não a título de morar.

- E: Alguma vez já visitou os seus familiares que residem em Portugal?
- I: Já, já tive oportunidade não só de visitá-los mas também de morar lá durante um tempo.
- E: Você foi contra ou a favor quando seus pais decidiram vir morar no Brasil?
- I: Bom, quando eles decidiram vir morar aqui eu não tinha nascido, Então eu só posso assim achar que foi uma idéia ótima, Eu gostaria de ter nascido aqui mesmo, se eu pudesse escolher.

SÍLVIA MARLENE GOMES FERREIRA

- E: Sexo
- I: Feminino
- E: Idade:
- I: de 41 a 60 anos
- E: Nacionalidade
- I: Portuguesa
- E: Descendência
- I: Filha de portugueses
- E: Grau de escolaridade
- I: Superior completo
- E: Estado civil
- I: Casada
- E: Há quanto tempo você vive no Brasil?
- I: Espera um pouquinho, deixa eu pensar... Cinquenta e três anos.
- E: E qual sua profissão?
- I: Eu sou professora e sou bacharel em direito.
- E: Qual o motivo da sua vinda para o Brasil?
- I: Bom, eu não posso nem dizer que eu tive um motivo, porque eu vim criança. Eu tinha três anos de idade e vim com os meus pais, que vieram pra cá, eu não sei nem dizer porque. Acredito que tenha sido pela doença da minha vó, porque eles

tinham uma vida muito boa em Portugal, mas a minha vó veio pro Brasil na época e meus pais acabaram vindo por esse motivo. Pra ficar perto dela, deles.

E: E você já passou algum tipo de discriminação com relação a sua origem?

I: Olha, quando eu era criança eu evitava um pouco de dizer que eu era portuguesa. Eu vim muito pequena, me criei aqui, então não tinha sotaque, nada disso, porque com três anos você ainda tá aprendendo. Na escola eu evitava, assim, várias coisas, eu evitava por causa desse detalhe que as pessoas estão sempre fazendo pouco, rindo. Quando alguém fala alguma coisa, alguma bobagem, já rotula que é, há porque é portuguesa, porque o seu Joaquim, porque o seu Manuel. Então eu tive assim, uma época eu tive assim uma certa resistência a dizer. Quando me perguntavam eu simplesmente desconversava ou não dizia nada ou então dizia que era nascida no Rio, qualquer coisa assim. Depois eu fui me conscientizando que não tinha nada a ver isso e eu assumi que eu sou portuguesa. Pedi a dupla nacionalidade, consegui, mas teve uma vez que eu tentei um concurso do Banco do Brasil e não consegui fazer porque o Banco do Brasil estava com um papel desse pedido de dupla nacionalidade, mas ainda era só protocolo e quando houve o concurso eu apresentei e eles disseram pra mim que isso pra eles não valia dos Montes. O Português nada. Então eu não consegui fazer o concurso, nem me inscrever eu consegui e aí eu senti uma certa discriminação sim. Como é que o Banco do Brasil, quer dizer, o departamento de recursos humanos podia dizer que não reconhecia uma coisa que era um tratado entre Brasil e Portugal e eu acabei ficando à procura de outro emprego até resolver a minha vida. Realmente nesse ponto eu acho que houve uma discriminação sim.

E: Houve alguma dificuldade de adaptação à língua portuguesa no Brasil?

I: Não, não. Absolutamente nenhuma. Como eu disse pra você eu vim criança, quer dizer, o português que eu aprendi lá e o português que eu aprendi aqui, foi o que ouvia meus pais falando, eles são, quer dizer, nós somos originários, minha mãe não que ela é brasileira e foi morar em Portugal. Fez a coisa ao contrário que aconteceu comigo. Mas nós somos de uma região que o português é muito bem falado e eles consideram até uma das regiões que fala melhor o português, que é a parte do norte de Portugal, especificamente Praias que eles me passaram, foi o que eu cresci ouvindo, então eu acho que não, eu não tive nenhum tipo de dificuldade não.

- E: Quando do nascimento dos seus filhos, houve alguma preferência entre o Brasil e Portugal?
- I: Houve alguma...?
- E: Preferência.
- I: Entre Brasil ou Portugal? Eu dizer assim, “ah! eu preferia estar lá”. Não veja bem, como eu cresci aqui, o país que eu conheci, que na verdade eu amo, é o Brasil. Agora você sabe aquela história das raízes que se fala? Eu sinto isso sim, porque eu nunca mais voltei a minha terra, né? Quer dizer, eu tenho vontade de um dia voltar, conhecer o lugar onde eu nasci. Eu sei que eu vou me emocionar, porque quando eu vejo na televisão alguma coisa, através da NET, eu coloco na RTPI. Determinadas coisas eu me emociono quando vejo, porque eu sei que é o país onde eu nasci. Mas como foi no Brasil que eu me criei e aprendi a amar, me casei com um homem por acaso que também é filho de português, mas isso foi por acaso, aconteceu que também é filho de portugueses e fiquei muito feliz de ter os meus filhos aqui, não houve problema nenhum quanto a isso.
- E: E como você se sente diante das piadas e críticas feitas aos portugueses?
- I: Pois é, foi o que eu acabei de falar com você. Nesse ponto eu fico meio triste, sabe? Porque eu reconheço que as piadas, às vezes, são feitas em tom mesmo de gracejo e tudo, mas até quando eles falam em japoneses, eles falam: o japonês chamado seu Manuel, seu Joaquim. Isso dá a impressão pra gente que todo português é burro. Quando na verdade não é isso que acontece. O que de repente aconteceu foi o seguinte, só veio para o Brasil, pelo menos numa determinada data, a imigração foi feita através de pessoas simples, pessoas que em Portugal não tinham, assim, cargos elevados, o pessoal do povo. Então houve muita mistura, pessoas que vieram com instrução, outros que não vieram e de repente se generalizou que todo português é bronco, que todo português é burro. Quando na verdade eu não me considero burra, não considero meus pais burros, não considero meus filhos, que são descendentes meus, burros. Nada disso. Eu acho que aí há uma certa, digamos assim, até uma brincadeira do povo brasileiro. Que eles têm que brincar com alguma coisa, brincam com os portugueses. Agora eu até levo na brincadeira, mas numa época eu ficava muito triste sim.
- E: E houve alguma dificuldade quando você foi procurar emprego? Além dessa do Banco do Brasil?

- I: Não, não. Quanto a isso não. Nunca tive.
- E: Silvia você acha que o custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?
- I: Olha, eu não sei especificamente, pra dizer a verdade eu não sei como é que está o custo de vida em Portugal. Dizem que também tá bastante alto. Mas agora a partir da unificação da Europa, eu tenho a impressão que melhorou um pouco a vida deles. Eu tenho uma amiga, que em Portugal ela está trabalhando como doméstica e ganha em irou e de dois em dois anos ela está vindo ao Brasil. Então, de repente, o custo de vida lá também pode ser alto, mas me parece que os salários também são condizentes com isso. Então...
- E: Silvia quantos Estados você já visitou no Brasil?
- I: Três. Três Estados. Bahia, São Paulo e Minas Gerais.
- E: E o que você mais aprecia no Brasil?
- I: Ah, eu acho que o jeito do povo, né? Esse calor que o povo tem, essa coisa, essa bondade do povo brasileiro, de um modo geral. Apesar de toda a violência que a gente tá tendo, o povo mesmo é muito hospitaleiro, é um povo muito bom, eu acho que isso.
- E: E alguma vez você já visitou seus familiares que vivem em Portugal? Nunca né?
- I: Não, não. Nunca visitei. Eu não retornei, infelizmente, ainda não deu pra que fizesse isso. Que a cada hora que você programa aparece uma coisa nova. Então ainda não deu pra eu conseguir fazer isso.
- E: Você pretende permanecer no Brasil ou tem vontade de voltar para Portugal?
- I: Olha, eu pretendo permanecer no Brasil em termos, porque eu tenho dois filhos, um deles já tá casado, eu já tenho uma netinha, então em relação a isso eu fico pensando se eu sair do Brasil eu vou ficar afastada dele, provavelmente, deles, provavelmente. Não penso em sair não, mas às vezes eu me questiono muito, por causa da violência, que especificamente o Rio de Janeiro está tendo. Sabe? Então eu fico pensando se tá valendo a pena, tanto risco que a gente tá correndo aqui. Se bem que este risco a gente pode correr em qualquer lugar. Então, a princípio, eu não penso em sair do Brasil não. Pode ser até que daqui a algum tempo eu tenha isso na minha cabeça. Mas a princípio não. Gostaria de voltar lá pra conhecer. Agora depois que eu chegar lá e conhecer, viu, eu não sei o que

especificamente o que pode acontecer. Mas acredito que eu retorne ao Brasil, porque a gente acaba sempre retornando, né?

E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-la?

I: Já. Eu já tive primos que vieram. Eu tenho primos, como você sabe, o povo português ele imigrou pra muitos lugares diferentes. Já vieram aqui primos meus que estavam na África e em Angola, né mãe?, já vieram primos que estão no Canadá, estão residindo no Canadá e pelo que eles dizem é um país muito desenvolvido, tudo isso, mas eles têm lutado muito também. Embora tenham uma vida boa lá, eles também lutam muita dificuldade, tudo mas estão satisfeitos lá também. [Dona Alcinda faz algum comentário, mas inaudível] É diferente, eu acho se a gente pensar direitinho a cultura européia é diferente da cultura que nós vivemos no Brasil. Até pela miscigenação de raças, do povo, tudo isso, é uma cultura diferente. O europeu tem um tipo de vida que é meio difícil de comparar com o nosso. Quanto a essa hospitalidade, isso tudo, eu acho que o brasileiro, assim, ganha de todo mundo, digamos. Agora dizer se o é melhor viver aqui ou melhor viver lá, só a pessoa passando por isso, né? Se eu tivesse ficado algum tempo lá, que eu me lembrasse disso, de repente eu podia fazer uma comparação maior. Mas assim é complicado. Estaria né? Estaria melhor. É de repente [novamente Dona Alcinda faz algum comentário, mas inaudível] Ô Renato, deixa eu te dizer uma coisa, por exemplo, eu como eu falei pra você, eu ainda não disse isso, mas eu aqui, não sei nem se é alguma das perguntas que você vai me fazer. Eu aqui eu estudei sempre em colégio estadual. E colégio estadual de altíssimo nível, eu agradeço muito o tipo de colégio que eu tive e eu sempre estudei em colégio estadual e depois eu fui pra UFF, eu fui aluna de letras da UFF, então o ensino de primeiríssima qualidade, tudo isso, a única vez que eu fiz alguma coisa paga foi quando eu resolvi fazer direito que eu fiz na Universidade Cândido Mendes, na época ainda era Faculdade Cândido Mendes, então essa facilidade que eu tive de estudar aqui no Brasil, desde a época que a gente teve muito problema financeiro e tudo, até agora que graças a Deus a gente tá num nível melhor, eu talvez não tivesse tido lá, porque nós morávamos no interior, então era muito difícil os pais, nós somos três irmãs, seria muito difícil pr'os meus pais mandar as três pra cidade, pro Porto ou pra Lisboa, pra uma cidade grande pra estudar e fazer uma Universidade, ou até que fosse a Universidade de Coimbra.

Quer dizer, poderia ser que nós tivéssemos tido chance de fazer isso ou não. O mais provável seria que nós ficássemos no interior e tivéssemos estacionado num determinado limite de estudo, então pra isso, realmente o Brasil dá um leque assim de opções muito grande pra gente. Eu acho que eu só tenho a agradecer tudo isso que eu consegui, né. E isso tudo abriu o meu caminho. O meu primeiro emprego foi na bolsa de valores, depois eu trabalhei em corretoras ligadas à bolsa de valores, depois eu parei quando eu tive meus filhos, depois quando eu quis retornar ao mercado de trabalho foi complicado, aí eu comecei a fazer concurso, até que um dia, num dos concursos que eu fiz, eu já tava formada em letras, eu passei pro estado como professora do Estado. Aí, tempos depois, eu havia passado também pro Tribunal Regional do Trabalho, num outro concurso, aí eu fui chamada, então eu sou funcionária pública federal, graças a Deus eu tô muito bem, eu sou assistente de juiz, da quinquagésima sétima vara, eu agora eu estou muito bem, eu tenho um emprego muito bom e me sinto muito bem, muito realizada, embora aquele lance de ser professora sempre pinte, eu tenha assim, sabe, muita vontade de ficar, de dar aula, isso tudo, então, quer dizer, foram coisas que foram acontecendo na minha vida, de repente aquele Banco do Brasil que eu não pude fazer o concurso me abriu outros caminhos. Talvez se eu tivesse feito eu fosse bancária, estivesse lá no Banco do Brasil, e já aposentada talvez, não sei, mas tivesse ido por um outro caminho, e de repente minha vida se voltou pro magistério, pr'uma porção de coisas aí que...

E: Sílvia, você sendo portuguesa e tendo estudado letras no Brasil, você consegue identificar alguma coisa especial que diferencia as línguas portuguesa de Portugal e do Brasil?

I: Você diz quanto... ?

E: À estrutura... ?

I: à estrutura da língua... é sim, por exemplo, se nós formos olhar o modo que o Rio de Janeiro fala, tem muita diferença sim, porque o povo do Rio de Janeiro usa muito a terceira pessoa, no caso, você faz, você isso, enquanto que o certo, que eu acredito até que o Nordeste e o Sul façam isso aqui no Brasil, seria o tu, no pronome de tratamento, que o português fala, o português é muito engraçado, quando eu tô com meus pais eles falam, tu foste, tu fizeste e as pessoas que, de repente, não estão habituadas, devem achar que eles estão falando errado,

quando na verdade eles estão falando certo e nós não. Então este tipo de construção das frases, palavras diferentes tem, mas até por eu ser de família de portugueses eu sei mais ou menos as diferenças, né, a fala aqui no Brasil, em Portugal é bixa, e outras coisas assim, né, coisas que eles dizem, palavras, que eu tenho mais facilidade exatamente por ser filha de portugueses, por ouvir meus pais sempre falando em casa essas mudanças, essas coisas diferentes que aqui no Brasil às vezes as pessoas se espantam e não sabem o que quer dizer, né, mas também vou te confessar que aquele Murruga da novela [Esperança, novela da Rede Globo de Televisão], eu não sabia exatamente o que que significava, eu nunca vi eles falando em Murruga, então às vezes aparecem determinadas construções, determinadas palavras que são diferentes e quando eu ligo a RTP1 pra ver algum programa, às vezes eu não consigo distinguir exatamente o que eles falam, porque eu acho que há uma diferença entre o nosso português que é muito vocálico, pro português deles que é muito consonantal. Então eles falam assim, muito carregado, muito rápido e dependendo do lugar às vezes eu sinto um pouquinho de dificuldade. É claro que se eu estivesse com eles, assim junto, eu conseguiria me entender perfeitamente, mas às vezes na televisão até eu costumo, assim, me confundir quando eles estão apresentando o tele-jornal, alguma coisa com notícias, às vezes até eu sinto assim uma certa diferença. E palavras que são diferentes, né, no jogo de futebol, coisas assim, mas que nós conseguimos identificar sim.

E: Tá bom Sílvia, obrigado pela sua entrevista.

I: Nada

TERESA

LOCAL: na residência

E: Sexo

I: Feminino

E: Faixa Etária

- I: Acima de 61 anos
- E: Nacionalidade
- I: Portuguesa
- E: Descendência
- I: Filha de Portugueses
- E: Grau De Escolaridade
- I: Superior completo
- E: Estado Civil
- I: Casada
- E: Profissão
- I: Aposentada
- E: Há quanto tempo reside no Brasil?
- I: Há 39 anos
- E: Qual o motivo da sua vinda para o Brasil?
- I: Vim para acompanhar o meu marido.
- E: Já passou por algum tipo de discriminação com relação a sua origem?
- I: Nunca
- E: Houve alguma dificuldade de adaptação à língua portuguesa do Brasil?
- I: Não.
- E: Quando do nascimento dos filhos, houve alguma preferência entre o Brasil e Portugal?
- I: Não
- E: Como se sente diante das piadas e críticas feitas aos portugueses?
- I: Não dou importância.
- E: Houve alguma dificuldade quando da procura de emprego?
- I: Alguma
- E: O custo de vida no Brasil é igual ou mais alto que em Portugal?
- I: Mais alto
- E: Quantos Estados já visitou no Brasil?
- I: Apenas São Paulo
- E: Qual estado você gostaria de conhecer?
- I: Gostaria de conhecer vários, do norte ao sul.
- E: Você pretende permanecer no Brasil ou tem vontade de voltar para Portugal?

- I: Pretendo permanecer no Brasil.
E: Os seus parentes que residem em Portugal já vieram ao Brasil para visitá-lo?
I: Sim, várias vezes

TEREZA

Local da Entrevista: Rua Miguel Lemos, 18/ 201

Como gostaria de ser identificada? Pelo próprio nome

E: Sexo

I: feminino

E: Faixa Etária

I: Entre 41 e 60

E: Nacionalidade

I: Portuguesa

E: Descendência

I: Pais Portugueses

E: Grau de Escolaridade

I: 5ª série

E: Estado Civil

I: Casada

E: Qual o motivo da sua vinda para o Brasil?

I: Eu não conhecia meu pai. Meu pai veio. Eu não conhecia meu pai. Aí eu fui. Naquele tempo era na Presidente Vargas. Eu fui lá. E dei a entrada triunfal ali no Catete, pra tirar, tirar o.... era ali o Washington Luis , a Cavalaria Aí eu vim. Fui tirar lá, lá, na Presidente Vargas, não, tinha o. a entrada triunfal tirar o documento. Eu já morava na Praça Onze. É... isso em 30... É as pessoas têm história, né? É eu morei na Praça Onze. A gente se lembra mais do tempo antigo, né, fica mais gravado, do tempo antigo do que do tempo de agora, mais moderno. Chega uma certa idade a cabeça da gente começa a introduzir, a nossa própria cabeça começa a introduzir, eu acho isso, né, eu penso que é assim. Porque

agora, antigamente não. Eu não lembrava nada que eu era criança, nada. Agora não, depois de 60 pra cá eu já comecei a, a ser meia introspectiva, assim a coisa de criança, da vivência que eu tive em criança. Ah, me lembro agora coisinha que eu jamais imaginava me lembrar. Só lembro hoje, quando o meu pai veio pra cá eu estava com 1 ano e meio. Quando ele veio. Lá que eu não me lembro dele. Mas não lembro da minha mãe me dizer, muitas vezes ela me dizer: teu pai foi pro Brasil. Se ele não escrever, eu vou te dar você pro teu avô. Aí ela dizia pra mim assim. Claro que ela falava brincando, né? E eu gravei aquilo, você vê. Anos depois eu to me lembrando disso. Me lembro agora, às vezes ela falava assim: te dei um irmãozinho, mas se você vê, ele morreu de febre, morreu lá, meu pai nem conheceu. Quando ela veio pra cá eu estava com 1 ano e meio e meu irmão tinha falecido naquela época que ele veio. Quando...quando... E veio fugido de novo. Não veio por causa de chamada não. Veio fugido de novo, por causa do meu avô, meu avô não gostava da minha mãe, essa coisa toda, não acreditava naquela relação, aquela coisa toda, ele então pegou e fugiu. Só que aí deixou ela lá. Aí, ela comigo, com meu irmão, aí, meu avô não querendo, e lá aí sem ter assim mais aquele assanhamento pra se sustentar... A sorte era minha vó. Minha vizinha que era muito boa pra ela. Muito boa, ela gostava muito da gente, da minha mãe. Ela adorava minha mãe, ela ajudava, mas sem o meu avô saber. Ela fazia, tudo era escondido. Então a minha mãe às vezes me mandava visitar minha vó, mas não me disse tudo. Botava um aventalzinho com bolso e mandava eu ir pedir a minha vó um pedacinho de unto pra botar pra fazer a comida prá gente comer. Unto é a gordura do porco pra poder fazer a sopa que ela fazia, chamava-se migas. Ela fazia, botava pão, pão dormido, e no unto e um dentinho de alho que era pra gente comer aquilo. Ficava gostoso. Tá vendo os pães? É isto, eu encantava. E era assim a vida da gente. às vezes ela mandava eu lá e eu era pequenininha e tava naquele aventalzinho e ela dizia assim: vai pedir a madrinha, porque a minha vizinha não queria que chamasse ela de vó. Era madrinha. Todos lá era madrinha. Madrinha pra cá, madrinha pra lá. Os avós não gostavam que chamasse de vó, não. Aí a gente ia lá, ela botava no aventalzinho, botava um bilhetinho e eu levava pra minha vó. E a minha vó botava no avental o que minha mãe pedia, né. E eu saía correndo antes que meu avô chegasse. Levava pra casa e aí ela fazia a comidinha pra gente comer. Assim era a vida da gente. Muito triste,

muito triste. Agora vê ele era um homem cheio de dinheiro. Depois que eu cresci, me lembro como se fosse hoje, ele era surdo, ele não escutava, ficou surdo por causa de uma gripe que ele apanhou. Então ele chegava, mas ele mandava a gente falar e olhasse pra ele. Ele entendia tudo que a gente falava. Enjoado. Então quando eu queria xingar ele, eu virava a cara pra lá e dizia você é um tolo, pai. Aí ele disse vira pra cá e fala. Mas ele nunca me bateu, mas ele... queria que eu falasse ali, perto dele pra ele entender que eu falava. Ele usava um pudão., Sabe o que é pudão? Ele usava aquela bengala, sempre usava aquela bengala. Então ele saía assim pra ... ele era regatão de gado , saía pra comprar gado, vender, ia pra lá. Então aquilo era uma arma que ele carregava sempre aquilo . Qualquer coisa, se ele não gostasse levava um... que ele era genioso pra caramba. Aí era a vida da... a vida da gente foi assim. A minha mãe ... primeiro criada assim, nessa coisa de sacrifício. Meu pai depois chegou aqui ficou doente, muito tempo sem mandar dinheiro nenhum, quebrou os dois braços e as irmãs lá no hospital é que cuidava dele Ele deu sorte porque ele sempre trabalhou nesse hospital . Então as irmãs tratavam... Quando ele foi lá logo assim ele morreu e ele também logo pegou a minha mãe.

E: A senhora veio porque as tias morreram?

I: Não, não. Muito depois que ele veio pra cá. Quando ele casou já tava com 32 anos. Minha mãe tava com 16 e ele com 32. Isso já foi quando ele já foi lá na primeira vez, foi a segunda, na terceira vez que ele casou com a minha mãe, porque ele fez mal a ela, mas o meu avô não queria que ela casasse de jeito nenhum, botou ela pra fora de casa. Depois foi lá pro mato atrás dela, ela queria se matar... Assim é que depois me contaram, não sei como é que foi a história. Mas depois a minha vó, mãe dela ficou magoada não queria mais que ela casasse, mas ela queria casar, casou, mas lá longe, lá não sei pra onde, foi... Meu avô não queria de jeito nenhum. Meu avô fez tudo, inclusive dizendo que ele dava casa, tudo que pertencia na altura dar, ele dava pra ele casar com uma moça lá, porque minha mãe era empregada de casa e ele tinha muito dinheiro. Filho de um senhor rico casar com uma empregada? Nossa, naquela altura... Você lembra da Escrava Isaura? Igualzinho, igualzinho. A história foi igualzinho. Meu avô era um homem muito rico, criava gado, vendia pra cavalaria..... Mas era um homem muito rico, muito rico. Ele era dono daquela..... inteira, todo lado ele tinha um

pedaço de terra e a minha vó tinha parte do reinado, minha vó tinha parte de dona Amélia, era descendente de Dona Amélia. Meu avô tinha aqueles carros bonito, cocheo, esse carro de cavalo, de carregar a dama. Era todo alto, todo empolgado, com aquelas camisas todo engomado, colarinho alto. Naquela época minha vó também. Só que ela era uma pessoa muito simples, era tão simples. Quando ela vinha visitar a gente, ela ficava aqui. O meu tio, quando foi no segredo, ele estava lá. Ele viu tudo. Ele foi à Fátima, no milagre ele estava lá. Ele chegou lá, ele contava chorando. Chegou lá ele tirou os pecados dele todos. O pessoal com aquela... girava, girava e falava muita coisa. Disse que se ajoelhou e quando se ajoelhou viu o chão enxuto ... chovia torrencialmente ...e ele tava todo enxutinho. Ninguém tava molhado. Aí veio o sol e saiu a miragem de Fátima. Mas tinha muita gente. Portugal inteiro foi ver. Essas coisa são muito... muito... e a própria igreja fala. Só é canonizado quando fica provado o milagre. O índio, ele ajudava os leprosos, ninguém se aproximava deles e ele pediu a Nossa Senhora de Guadalupe para ajudar. E ela disse que vou te ajudar, mas quero que peças e tudo que eu pedir seja cumprido. Era a igreja que ela queria... lá de Guadalupe. E aí ela disse, um vai ficar bom, outro vai morrer. Então os índios tentaram se aproximar da igreja porque estavam doentes, acreditavam e começaram a entender que alguma coisa eles estavam fazendo por eles. Ali eles começaram a se converter, os índios , e dali a eles se converterem e ficar bons foi um passo. Houve a beatificação por causa disso. Agora a canonização foi uma senhora que estava muito doente e não tinha nada que desse jeito. Ela tinha um troço que médico nenhum dava jeito. E ela então prometeu que se ela ficasse boa que ia fazer tudo para trabalhar pra ele ser canonizado. Ela foi a Roma fez o pedido, veio a todos dizer a verdade, o milagre e aí aconteceu a canonização. A Nossa Senhora de Fátima de Guadalupe é que é a padroeira da América Latina. É ela... das Américas Latinas. Eu penso que Deus de vez em quando diz vai devagar. Tem que ter fé. A pessoa tem que ter amor. É isso que Nossa Senhora sempre se referia, trata bem os seus irmãos.

E: Já passou por algum tipo de discriminação com relação à sua origem?

I: Não

E: Houve alguma dificuldade de adaptação à língua portuguesa do Brasil?

- I: Quando eu fui em Portugal eu achava engraçado . Já estava dois anos sem estudar, a gente vai adquirindo a pronúncia local. Eu peguei as gírias de lá, mas aqui a gente vai se adaptando. Hoje é uma linguagem muito corrida. Antigamente não era assim. Hoje a juventude está falando um português que nem é português, ninguém conhece aquilo como português. Eles mudaram totalmente. E eles dizem: nós mudamos e é a nossa língua agora. Não é que eles mudassem a língua portuguesa. Eles mudaram é a maneira de falar. A juventude não fala a língua , a mesma língua que nós falamos. Eles mudaram, eles mudaram mesmo. Por sinal esta semana eu assisti um pedacinho de um programa... Quando é que em Portugal eles dançavam como estão dançando agora. Se falavam conforme estão falando agora Não tinha isso. Tinha aquele tradicional...português...tinha diversos lugares, mas por exemplo, eu sou do Minho. Tem outros que são da Beira Alta , da Beira Baixa , do Alto Minho, desses lugares assim, do Alentejo que fala o sotaque é diferente. É como aqui, Bahia e outras coisas mais. Mas agora eles falam. A juventude fala de uma forma, eles exageram, a mocidade portuguesa já fala em agrupamentos pra que a linha deles seja a maneira diferente do que era antigamente, pra ser uma modificação pra juventude mesmo, porque a juventude está achando que os portugueses estão muito atrasados, muito tradicional e aquelas coisas todas.
- E: E o que a senhora acha dessas modificações?
- I: Eu acho legal na maneira de ser, assim vamos dizer... Vamos supor que nós, antigos, eu por exemplo, eu falo, eu não falo à moda dos tradicionais, porque eu tenho estudo, eu estudei, fui criada na cidade. Então, isso já valia muito pra mim. Pra juventude, é a maneira deles se acharem suficientes como uma, como é que se diz, se eles forem pra uma cidade, já estão mais adaptados na maneira atual. E eu acho isso legal da juventude. Nós por exemplo temos a tradição que já não sai. Se eu sou portuguesa, sou portuguesa até morrer. É a nossa nacionalidade. Agora o sotaque infelizmente perde, não perde total. O português principalmente nato, ele não perde nunca o sotaque original. Mas se vem para o Brasil perde, como eu perdi muito. Agora não é mais a língua portuguesa, é brasileira. Eles lá não aceitam mais os portugueses que saem de lá e voltam. Eles discriminam muito. Já não chamam de português, chamam de brasileiro, por causa da dicção nossa
- E: Então é mais fácil ser discriminado lá, no próprio país do que aqui?

- I: É a mesma coisa. Tanto lá como aqui é discriminado.
- E: E quando o português chega ao Brasil, ele é discriminado?
- I: É também. No caso a dicção, a fala da pessoa que vem, então eles acham estranho. Eu estranhava. Agora, a imigração agora é mínima. E quando vem já vem de certos lugares com uma dicção boa. Mas naquele tempo que vinha das aldeias, então quase não sabiam falar, chamavam de analfabetos, chamavam os parulos. Lá não sei se ainda chamam. Eles iam pra cidade, você vê, o mesmo Portugal e o mesmo conselho, o mesmo distrito, como vocês chamam aqui e era chamado de parulo, porque vinha pra cidade, vinha da aldeia e não sabiam falar o português que ele falava. Então eles eram discriminados lá mesmo.
- E: Essa juventude, embora esteja propondo uma nova língua, conhece a tradição?
- I: Sim, a escola, muitos professores, professoras, a Universidade, eles mantêm, elas são obrigadas a manter a tradição nas escolas, embora elas digam : vamos modificar a linguagem, falar dessa forma, porque a linguagem não é a maneira de falar. Elas querem que elas falem de uma outra forma e não tenham essa forma tão arrastada. Por exemplo, muitos lá falam cantando, falam arrastando, falam às vezes palavras que às vezes nem existem. Às vezes você vai procurar aquela palavra, nem existe. Então elas já procuram indicar aquela palavra que elas estão dizendo e onde ela está. Se ela não está em lugar nenhum, então ela não pode ser dita. Você pega o dicionário e não vê a palavra, então como é que você vai pronunciar a palavra. E não é gíria não. É a maneira mesmo delas falar mesmo. Tem uma palavra até que as meninas estavam falando, agora um dia desses, tava vendo se lembrava o nome da palavra tem uma que eu queria lembrar o nome da palavra que elas estavam querendo corrigir, e estavam custando a corrigir mas elas estavam tão acostumadas a falar aquilo que elas não se corrigiam não. Quer dizer, a palavra certa. Claro que elas estavam falando português, mas a palavra certa, sem a maneira de pronunciar, por exemplo, com falta de letra, como se vê numa área rural, por exemplo, em vez de falar mulher, fala muié. É dessa maneira que elas querem que as pessoas, embora falem de uma outra forma, fale a palavra certa, com as letras certas. Às vezes engolem as letras, às vezes até aumentam as palavras, tanto é que há até um ditado: Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso. Cada terra tem seu uso mesmo. Imagina fazer o fio de lã. O tear tem a batida no pé e a roca é na mão e o fuso na outra. Então você tá

segurando a roca nessa mão e o fuso nessa. Aí vai tecendo. Uma roca daqui vai puxando pra cá. Um aparelhinho. À noite, nas noites de inverno, à luz da candeia, elas sentavam ali, aquelas mulheres velhas, novas, todo mundo juntava aquela galera. As cidades todas perderam o costume. Então elas sentavam ali e contavam aquelas histórias dos maridos que iam passear, dos filhos que iam pra guerra e aí começavam ali a fiar. Outras no tear. Tinha uns teares grandes. Faziam muitas. As máquinas de fazer camisola, as meias e juntava-se ali muita gente. Ficavam ali a noite inteira até de madrugada. Aí depois deitavam-se um pouco pra descansar. Mas era assim, bebiam um vinho quente, botavam o vinho pra esquentar, tomavam aquele vinho bem quentinho, ia lá, dava uma esquentada. Era assim, uma vida alegre. Tão bom, faziam aquelas cantadas, os rapazes, ficavam desafiando, ficavam cantando a mulherada lá

E: Com que idade a senhora veio para cá?

I: Eu vim pra cá com 18 anos. Eu não aproveitei muito isso porque eu fui criada num colégio de freiras, né? Então não aproveitei muito. Eu não tive muito tempo de botar em prática essas coisas. Sabe que a gente vem pra aqui, vem... como é que se diz, eu, quando eu vim, lá não se podia entrar em qualquer lugar, mas não era como eu queria, entendeu? Eu custei a me acostumar, já estava até pronta pra ir embora de novo. Mas como minha mãezinha tinha morrido, eu tinha que me acostumar com meu pai, né, porque lá só tinha tio. Bom, tratei de me acostumar. E como a gente aqui tem que trabalhar...que que você vai fazer? Eu não ia ter uma casa de verdade, que era o que eu sabia fazer, não ia pra nenhum lugar de tricô também, que eu já estava acostumada a fazer, e vá que não existia naquele tempo tantas máquinas existiam de tricô. Arrumei e fui trabalhar numa casa de família, que aí você faz algum dinheirinho pra você. Tinha que sobreviver, porque não queria viver às custas de ninguém. Então você não tem como praticar os seus dotes, aquilo que você aprendeu. Eu até ajudei muito, depois de casada ajudei muito, mas só isso. E fiz muitas coisinhas assim, essas coisas pra casado, mas não é aquelas coisas que você aprendeu. Você vai indo, vai indo vai ficando cansada, quando você podia fazer, fazia outras coisas porque dava mais dinheiro, porque o bar aqui não dava dinheiro, eu ajudava assim um pouquinho, fazia assim essas camisinhas de criança. O tricô fiz muito tricô, inclusive nós fizemos muito no princípio da minha vida, né. Essas coisinhas assim, mas as coisas que às vezes a

gente quer fazer não, você não tem como fazer porque se você é criada com pai e mãe que eles estão custeando tudo, você faz aquilo que você quer, aquilo que você sabe, você mesmo tem autoridade. Sei cozinhar, sei costurar, sei fazer, sei cozinhar muito bem, sei fazer isso muito bem, então, vai se expandir por algum lugar. No colégio tínhamos que fazer muito bem. Cozinhar eu aprendi a cozinhar lá. Aprendi a fazer muita coisinha lá. As irmãs ensinavam a gente de tudo, de tudo. Eu fiz o admissão, entrei pro primeiro ano, mas tive, não pude terminar o primeiro ano porque tive que vir pra qui e depois aqui ia fazer enfermagem. Aqui é o que eu digo. Aqui eu já tive vergonha por causa do sotaque. Aqui o que me bateu também foi o sotaque. Por aqui também gostam muito de português . Então eu ficava nessa, quando eu fui, eu cheguei a me matricular na, no Raul Vidal. Ainda freqüentei uns três meses. Eu queria continuar, né. Mas tinha que trazer muita coisa de lá e eu não tinha quem mandasse na época, as irmãs que eu tinha estudado já não estavam lá, tinham ido pra missão, pra outros lados, então pra mim já foi mais difícil. Mas não era isso a dificuldade que não podia continuar a estudar. Aí depois começaram a fazer touca e eu não era tão garota assim, mas ficava naquela inibida, com vergonha, quando falavam alguma coisa e já falava naquela coisa do português, né, e a gente naquela altura nem entendia, sabe. Mudei , mas mudei uma coisa que não devia ter mudado. Eu devia ter pensado da ma... hoje eu penso assim, de uma forma diferente. Eu devia ter pensado assim: bem, se eles falam assim é como se deve falar. Me imitam, todos gostam de me ouvir falar Eu falo pra eles me imitar. Era assim que eu devia ter pensado. Só que a gente não pensa assim, pensa de uma maneira diferente, mas pode ser que esta outra parte seja a real. Mas só que eu não...

E: E qual a sua reação de ouvir as piadas e críticas feitas aos portugueses?

I: Ah eu ficava muito danada. É como hoje. Se eu vou a Portugal eu sinto tristeza de ir a Portugal, porque eu nem sou portuguesa nem sou brasileira. Eu fico triste sim, sinceramente falando, porque eu já sou discriminada como lá...brasileira, eu já sou brasileira. Sou portuguesa, mas na minha terra eu... eu não tenho pátria. Eu fico triste, já não tenho aquela vontade que eu tinha de ir a Portugal, de ver a minha família, ir aos lugares... Primeiro, tá tudo diferente. Você lá não conhece mais nada. Mudou tudo total. Então você se sente assim que lá já não é aquele lugar que você nasceu, já está totalmente mudado, totalmente transtornado. Não é dizer

assim...que eu não quisesse evolução Eu queria a evolução, todo mundo tem, a minha terra também tinha que ter. Mas chega lá você já não vê mais nadinha nadinha onde você conviveu. Nada, nada, nada, você precisava de ver. Aqui foi o lugar que eu dormi. Onde eu me criei a gente dormia em alcova. Aqui não sei se você sabe o que é alcova. Uma sala e dentro da sala tem as alcovas que são de um lado tem os rapazes e do outro lado dormiam as moças. Porque eu não sei se você sabe, eu fui criada por meus tios. Então era muita gente. Então de um lado tinha os quartos as salas.. dormia... Cada um tinha as suas alcovas. Então quando eu cheguei, primeira vez que eu cheguei em Portugal, em 1968, eu perguntava a minha prima: onde é que eu dormia? Nem ela sabia mais, nem ela sabia mais. Apesar de ela conviver ali, porque ela não saiu de lá , ela não sabia me dizer onde eu e ela dormíamos. Cada alcova tinha as camas por baixo e por cima . Tanto que ele me chamava pra dormir junto. Se fazia muito frio a gente dormia junto, se não ela saía daqui eu ficava cá e ele ficava lá. Era um quarto nosso eu dormia em dois quartos. Eu dormia de um lado e ele do outro.

E: Quantas vezes a senhora voltou a Portugal?

I: Fui em 68, depois fomos em 82. Duas vezes, né. Cada vez mais modificações. Eles mesmos próprios não querem se igualar, querem criar uma maneira diferente de ser, deles próprios, pra quando ele chegar em um lugar mais alto , ele já estar preparado pra aquele lugar pronto. Agora você vê, já nos campos, quem trabalhava nos campos antigamente, todo mundo fazia seu em casa, batata, feijão, mas aqui ,mataram seus porcos... A gente lembra mais do tempo antigo do que de agora, mais moderno. Chega a uma certa idade , a nossa própria cabeça começa a introduzir, eu penso, que é assim. Antigamente não, eu não lembrava nada que era de criança. Agora não. Agora, depois dos sessenta pra cá eu já comecei a ser meio introspectiva da vivência que eu tive em criança. Eu me lembro agora nesses dias poesias que eu jamais imaginava ter lembrado. Eu lembro hoje que o meu pai quando veio pra cá eu estava com um ano e meio, quando ele veio. Claro que eu não me lembro dele, né? Mas me lembro da minha mãe a me dizer, muitas vezes ela me dizia: seu pai foi pro Brasil, ela dizia pra mim. Se ele não escrever, eu vou te dar pro seu avô, ela dizia pra mim assim. Claro que ele falava brincando, eu vou te dar pro seu avô. E eu gravei aquilo, você vê. E eu gravei aquilo. Há anos depois é que eu tou lembrando disso.às vezes ela falava

assim: você teve um irmãozinho mas morreu com essa doença de Crup, morreu lá e meu pai nem conheceu ele. Quando ele veio pra cá eu estava com um ano e meio e meu irmão foi feito naquela época. E veio fugido de novo, não veio por causa de chamada, não. Veio fugido de novo, por causa do meu avô. Ele não gostava da minha mãe, essas coisas toda, ficava naquela enrolação, tanta coisa, ele pegou e fugiu. Só que ele deixou ela lá. Aí minha mãe, quando viu meu irmão e meu avô não querendo e ela sem ter assim uma ...financeiramente pra se sustentar, a sorte era minha vó, minha vizinha que era muito boa pra ela, muito boa. Ela gostava muito da gente. Ela adorava minha mãe. Ela ajudava, mas sem o meu avô saber. Tudo era escondido. Então a minha mãe às vezes me mandava visitar ela e não me disse tudo. Botava um aventalzinho, com bolso e mandava eu pedir um pedacinho de unto pra fritar, pra fazer a comida pra gente comer.

E: O unto é um óleo?

I: Não. É (intel.) pra fazer a sopa. Ela fazia o que naquela altura chamava-se migas. Ela fazia botava pão, pão dormido, o unto e... e um dentinho de alho. E a gente comia daquilo. Ficava gostoso. Era a vida da gente. Eu era pequenininha, botava aquele aventalzinho, ia ver minha vizinha, que ela não queria que chamasse de vó. Tudo era madrinha. Madrinha pra lá, madrinha pra cá, ela gostava que chamasse de vó. Aí a gente ia lá, botava um bilhetinho no aventalzinho e mandava pra minha mãe e a minha mãe botava. E eu saía correndo, antes que me sujasse. E ela fazia a comidinha pra gente comer. E a vida da gente era assim. A vida era muito triste, muito triste, cheia de tristeza. Mas depois que eu cresci, me lembro como se fosse hoje, ele era surdo, não escutava por causa de uma gripe que ele apanhou. Mandava a gente falar olhando para ele. Ele entendia tudo que a gente falava, olhando pros lábios. Quando eu queria xingar ele, eu virava para santouros... Aí ele dizia: vira pra cá e fala. Mas ele nunca me batia. Mas ele queria que eu falasse ali, olhando pra ele entender, me dava um pudão, ele usava um grande, ele vendia gás, comprava gás. Então aquilo era uma arma que ele sempre carregava com ele. Aí era a vida dos meus anos, era sempre assim. A minha mãe no meio, criava assim com sacrifício, meu pai ficou doente, ficou muito tempo sem mandar dinheiro nenhum, quebrou os dois braços, as irmãs lá no hospital a cuidar dele. A sorte é que ele sempre trabalhou nesse hospital e as irmãs tratavam. Mas ele falava que ia morrer e ele também já pegara minha mãe.

E: E a senhora veio , quando as suas tias morreram?

I: Não, não. Só muito depois que a gente veio pra cá. Quando ele casou com minha mãe já estava com 32 anos e minha mãe com 16. Isso ele já foi, foi lá pela primeira vez e só na terceira vez que ele casou com a minha mãe. Fez mal a ela , o meu avô não queria que ela casasse de jeito nenhum, botou ela pra fora de casa com a matutagem dela, ela queria se matar. Assim me contaram. Mas a minha avó, a mãe dela ficou magoada, não queria mais que ela casasse, mas ela casou, mas lá longe, não sei pra onde.

E: Na verdade, ele devia gostar dela, não é?

I: É. O pai não queria de jeito nenhum, de jeito nenhum. Fez de tudo, meu avô fez de tudo, inclusive de dar a casa , dar de tudo pra ele se casasse com uma moça lá. Minha mãe trabalhava na casa. Um filho de um senhor casar com uma empregada? Nossa!!! Naquela altura? Filho de um senhor rico casar com uma empregada? Nossa!!! Tu te lembra da Escrava Isaura? É igualzinho. Aquela história. Meu avô era regatão de gado, mas era um homem muito rico. Ele era dono daquela terra inteira, em todo lado ele tinha um pedaço de terra. Minha vó tinha, era descendente de ...Mas minha vó era tão simples O meu tio , quando houve aquele milagre, ele tava lá. Ele contava chorando; tava chovendo torrencialmente e ele viu o chão enxuto, enxutinho. Mas tinha muita gente na aparição de Nossa Senhora de Fátima. Agora aparece tanta coisa! Essas coisas não são bem assim, não.(intel.) Só é considerado milagre , quando a própria ciência não dá jeito. Aí sim. Essa agora de Nossa Senhora de Guadalupe, agora é que eles foram descobrir que dentro da menina da foto, a menina dos olhos tem o reflexo pintado do índio, tem a imagem do índio. Mais de cem pessoas estavam no momento, viram no momento revelado. E quem naquela época pegava um pincel e fazia dentro da menina dos olhos? Era uma coisa minúscula. E agora com um telescópio de alta potência é que eles conseguiram identificar, porque a menina dos olhos, ela é tão verdadeira que pegou o reflexo das pessoas que tavam naquele momento, que nós temos isso. Você tá, tá dentro da minha menina dos olhos. Você vê, então é o reflexo da imagem que está dentro da menina dos olhos. Agora é que foi canonizado. Você vê, isso foi em 1400, 1535. Há 500 anos atrás quase. Agora é que ele foi canonizado, o índio. A canonização veio definir todo o milagre (intel.) Houve a guerra , ele tratava de um tio e Nossa Senhora foi aí o

milagre das rosas. Além das pestes, tinha a discriminação, ninguém se aproximava, sempre a discriminação. Da peste todo mundo foge, ninguém se aproxima. Porque ele precisava, antes de atender a todos, ele pedia a Nossa Senhora para que lhe ajudasse. Às vezes o eximava, mas os índios todos pra tratar. Então Nossa Senhora disse; vou te ajudar. Agora que peças pra que seja tudo que eu pedir seja cumprido. Era a igreja que ela queria, de Guadalupe que ela queria. Então ela dizia: esse vai ficar bom, aquele vai morrer. Então aí eles começaram, os índios todos começaram a se aproximar da igreja, começaram a entender que alguma coisa eles tavam fazendo por eles. Aí eles começaram a se converter pra igreja. E dali eles se converterem e ficar bom foi um passo. E ele foi beatificado por causa disso. Quando foi na canonização, foi uma senhora que tava muito doente e num tinha médico nenhum que desse jeito, um troço que ela tinha no seio que ninguém dava jeito, ela prometeu que se ela ficasse boa que ia fazer tudo, que ia trabalhar que ele fosse canonizado. Ela foi a Roma , tratou de tudo e aí fez a canonização. A Nossa Senhora de Fátima que é a padroeira das Américas, da América Latina é ela. Nossa Senhora da Aparecida é a padroeira do Brasil e Nossa Senhora de Guadalupe é das Américas. Eu não sabia, mas quando o padre Zito veio aqui. A paróquia nossa aqui da Ponta D' Areia foi ele também.
